

ECKART FRAHM

ASSYRIA

THE RISE AND FALL OF THE
WORLD'S FIRST EMPIRE



Índice

Índice	2
Introdução.....	22
Uma pequena cidade no Tigre	40
Nascimento de um Reino.....	56
Ruptura e Recuperação	72
A Coroa em Crise	86
A Grande Expansão	96
Nas margens do Império	112
Uma história de fantasma	126
Às portas de Jerusalém.....	135
O problema babilônico de Senaqueribe	148
Mamãe sabe mais	162
Erudito, Sádico, Caçador, Rei	185
Cotidiano no Império	202
Crepúsculo Imperial	215
O legado da Assíria no terreno	231
Um Império Modelo.....	241
Reflexos Distorcidos	252
A Segunda Destruição.....	266

ASSYRIA

THE RISE AND FALL OF THE
WORLD'S FIRST EMPIRE

Eckart Frahm

BASIC BOOKS

New York

Copyright © 2023 por Eckart Frahm
Design da capa por Emmily O'Connor
Imagens da capa © NPL - DeA Picture Library / G. Nimatallah / Bridgeman Images; © greenmax/Shutterstock.com
Direitos autorais da capa © 2023 por Hachette Book Group, Inc.

O Hachette Book Group apoia o direito à liberdade de expressão e o valor dos direitos autorais. O objetivo dos direitos autorais é encorajar escritores e artistas a produzir trabalhos criativos que enriquecem nossa cultura.

A digitalização, upload e distribuição deste livro sem permissão é um roubo da propriedade intelectual do autor. Se desejar permissão para usar o material do livro (exceto para fins de revisão), entre em contato com permissions@hbgusa.com. Obrigado por seu apoio aos direitos do autor.

Livros Básicos
Grupo de Livros Hachette
Avenida das Américas, 1290, Nova York, NY 10104
www.basicbooks.com

Primeira edição: abril de 2023

Publicado pela Basic Books, uma marca da Perseus Books, LLC, uma subsidiária da Hachette Book Group, Inc. O nome e logotipo Basic Books são marcas registradas do Hachette Book Group.

O Hachette Speakers Bureau oferece uma ampla gama de autores para eventos de palestras. Para saber mais, acesse hachettespeakersbureau.com ou envie um e-mail para HachetteSpeakers@hbgusa.com.

Os livros básicos podem ser adquiridos a granel para uso comercial, educacional ou promocional. Para obter informações, entre em contato com o seu livreiro local ou com o Departamento de Mercados Especiais do Hachette Book Group em special.markets@hbgusa.com.

O editor não é responsável por sites (ou seu conteúdo) que não sejam de propriedade do editor.

Dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso
Nomes: Frahm, Eckart, autor.

Título: Assíria: a ascensão e queda do primeiro império do mundo / Eckart Frahm.

Descrição: Primeira edição. | Nova York: Livros Básicos, 2023. | Inclui referências bibliográficas e índice. |

Identificadores: LCCN 2022035344 | ISBN 9781541674400 (capa dura) | ISBN 9781541674394 (e-book)

Assuntos: LCSH: Assíria — História. | Assíria – Civilização.

Classificação: LCC DS71 .F73 2023 | DDC 935/.03—dc23/eng/20220801

Registro LC disponível em <https://lcn.loc.gov/2022035344>

ISBNs: 9781541674400 (capa dura), 9781541674394 (e-book)

E3-20230302-JV-NF-ORI

Conteúdo

[*Cobrir*](#)

[*Folha de rosto*](#)

[*direito autoral*](#)

[*Os governantes mais importantes da Assíria*](#)

[*Uma nota sobre traduções*](#)

[*Mapas*](#)

[Introdução](#)

O LONGO CAMINHO PARA A GLÓRIA

[1 Uma pequena cidade no Tigre](#)

[2 Nascimento de um Reino](#)

[3 Ruptura e Recuperação](#)

[4 A Coroa em Crise](#)

IMPÉRIO

[5 A Grande Expansão](#)

[6 Nos Limites do Império](#)

[7 Uma história de fantasmas](#)

[8 Às portas de Jerusalém](#)

[9 O problema babilônico de Senaqueribe](#)

[10 mãe sabe o que é melhor](#)

[11.671 A.C.](#)

[12 Erudito, Sádico, Caçador, Rei](#)

[13 Cotidiano no Império](#)

[14 Crepúsculo Imperial](#)

VIDA APÓS A MORTE

[15 O legado da Assíria no terreno](#)

[16 Um Império Modelo](#)

[17 Reflexões Distorcidas](#)

[18 A Segunda Destruição](#)

[Epílogo](#)

[Fotos](#)

[Agradecimentos](#)

[Descubra mais](#)

[Sobre o autor](#)

[Abreviações de edições de texto importantes](#)

[Notas](#)

Os governantes mais importantes da Assíria

A lista a seguir fornece os nomes e anos de reinado dos governantes mais importantes da Assíria na tradução um tanto simplificada, sem caracteres especiais, usada para nomes antigos do Oriente Próximo ao longo deste livro. O número que precede o nome de cada governante indica sua posição na Lista de Reis Assírios (AKL), uma crônica assíria conhecida pelas cópias do primeiro milênio AC. Os manuscritos disponíveis do AKL terminam com Shalmaneser V (nº 109); os numerais que precedem os nomes dos reis que o seguem continuam o sistema de numeração do AKL, indo de 110 a 117. Ititi e Zarriqum não são mencionados no AKL, mas estão incluídos na lista abaixo devido à sua importância histórica, enquanto os nomes de vários governantes que aparecem no AKL, mas são mal atestados, são excluídos. Se conhecidos, os nomes das principais esposas dos reis neo-assírios também são mencionados abaixo, marcados em itálico>.

As datas de reinado dos reis de Tiglate-Pileser I (n.º 87) em diante podem ser determinadas com total exatidão, embora haja uma certa margem de erro para as dos reis anteriores. As datas previstas para os antigos governantes assírios seguem Gojko Barjamovic, “Assur Before Assyria” (no prelo).

De acordo com as práticas do calendário mesopotâmico, o primeiro ano dado a um governante específico não é o seu ano de ascensão, mas o seu primeiro ano completo no cargo. Assim, diz-se que Salmaneser III (AKL 102) governou de 858 a 824 AEC, embora na verdade tenha ascendido ao trono em algum momento de 859 AEC.

Terceiro Milênio AEC

00	Ititi	século vinte e terceiro
00	Zarriqum (ou Sarriqum)	meados do século XXI
27	Sulili/Sulê	ca. 2025?

Antigo Período Assírio

30	Puzur-Ashur I	ca. 2020?
31	Shalim-ahum	
32	Ilushumma	
33	Erishum I	ca. 1969–1930

34	Ikunum	ca. 1929-1916
35	Sharrum-ken (Sargão I)	ca. 1915-1876
36	Puzur-Ashur II	ca. 1875-1868
37	Naram-Sîn	ca. 1867-1834/1824
38	Erishum II	ca. 1833/1823-1809
39	Shamshi-Adad I	ca. 1808-1776
40	Ishme-Dagan I	ca. 1775-1736

40a Mut-Ashkur

40b Rimush

40d Puzur-Sîn

Período de transição

41	Ashur-dugul	
47	Adasi	ca. 1730
48	Belum-bani	ca. 1729-1719
54	Kidin-Ninua	ca. 1630-1616
57	Shamshi-Adad II	ca. 1597-1591
58	Ismé-Dagan II	ca. 1590-1574
59	Shamshi-Adad III	ca. 1573-1557
60	Ashur-nirari I	ca. 1556-1530
61	Puzur-Ashur III	ca. 1529-1505
62	Enlil-nasir I	ca. 1504-1491
69	Ashur-bel-nisheshu	ca. 1417-1409

Período Médio Assírio

73	Ashur-uballit I	ca. 1363-1328
76	Adad-nirari I	ca. 1305-1274
77	Salmaneser I	ca. 1273-1244
78	Tukulti-Ninurta I	ca. 1243-1207

79	Ashur-nadin-apli	ca. 1206–1203
80	Ashur-nirari III	ca. 1202–1197
81	Enlil-kudurri-usur	ca. 1196–1192
82	Ninurta-apil-Ekur	ca. 1191–1179
83	Ashur-dan I	ca. 1178–1133
84	Ninurta-tukulti-Ashur	ca. 1133?
87	Tiglate-Pileser I	1114–1076
89	Ashur-bel-kala	1073–1056
92	Ashurnasirpal I	1049–1031
93	Salmaneser II	1030–1019
94	Ashur-nirari IV	1018–1013
95	Ashur-rabi II	1012–972
97	Tiglate-Pileser II	966–935

Período Neo-Assírio

98	Ashur-dan II	934–912
99	Adad-nirari II	911-891
100	Tukulti-Ninurta II	890-884
101	Ashurnasirpal II	883-859
102	Salmaneser III	858-824
103	Shamshi-Adad V	823-811
104	Adad-nirari III	810-783



Mullissu-mukannishat-Ninua^{eu}



Sammu-ramat (Semíramis)

105 Salmaneser IV 782-773



Hamá

106 Ashur-dan III 772-755

107 Ashur-nirari V 754-745

108 Tiglate-Pileser III 744-727



Yaba

109 Salmanaser V 726-722



Banitu (?)

110 Sargão II 721-705



1) *Ra'ima*



2) *Atália*

111 Senaqueribe 704-681



1) *Tashmetu-sharrat*



2) *Náquia*

112 Assarhaddon 680-669



Esharra-hammat

113 Assurbanipal 668-631



Libbali-sharrat

114 Ashur-etel-ilani 630-627?

115 Sîn-shumu-lishir 627?

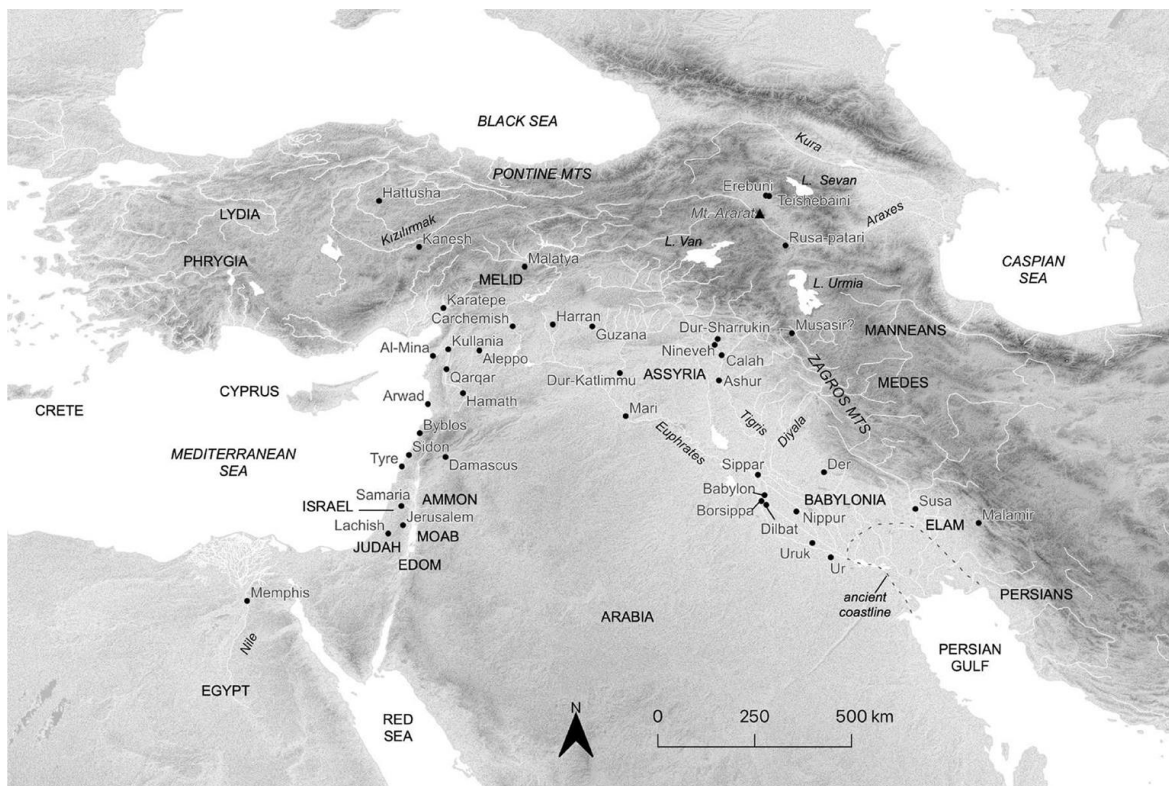
116 Sîn-sharru-ishkun 626?-612

Nota de rodapé

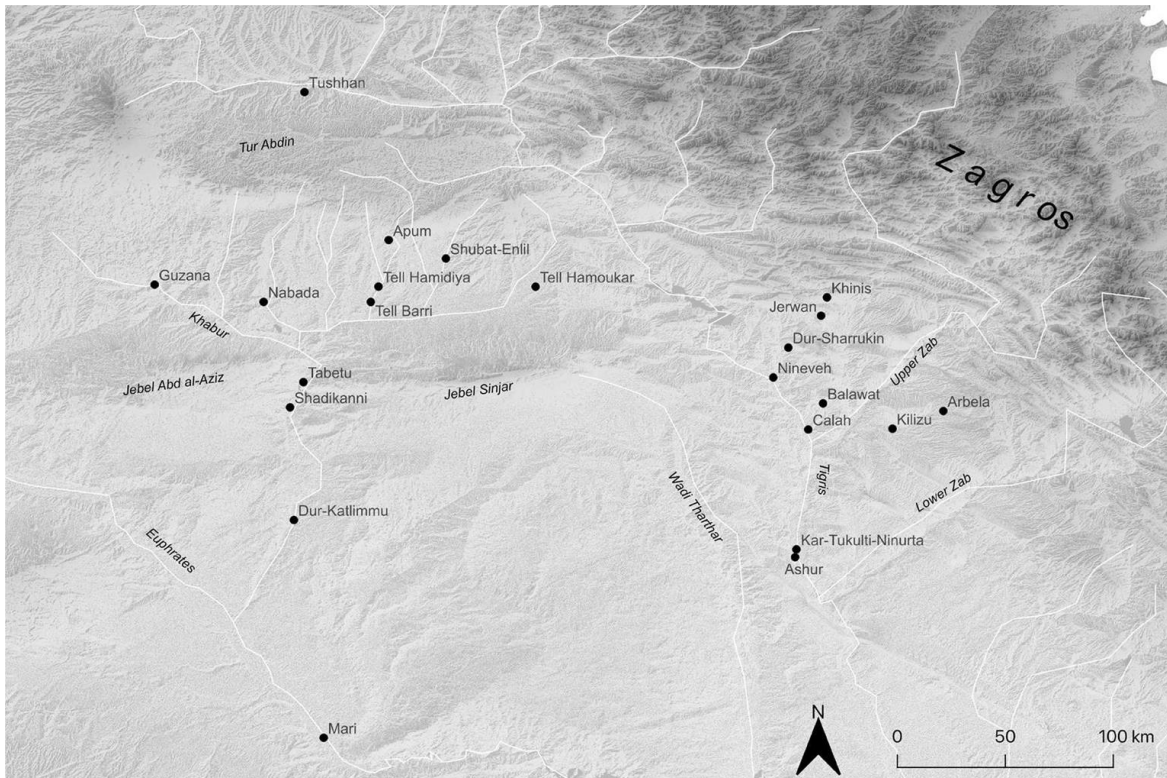
i O símbolo  indica casamento.

Uma nota sobre traduções

Nas traduções de textos assírios e babilônicos, colchetes de abertura e fechamento — como em “[antigo]” — indicam restaurações de passagens quebradas, enquanto parênteses — como em “(antigo)” — são usados para acréscimos fornecidos para esclarecer o significado de uma determinada frase. Nos casos em que as restaurações não são marcadas, as notas finais dizem isso explicitamente. As traduções baseiam-se nas edições do texto citado, mas quando necessário com adaptações do presente autor. As traduções da Bíblia são baseadas na Nova Versão Padrão Revisada, com ajustes ocasionais.

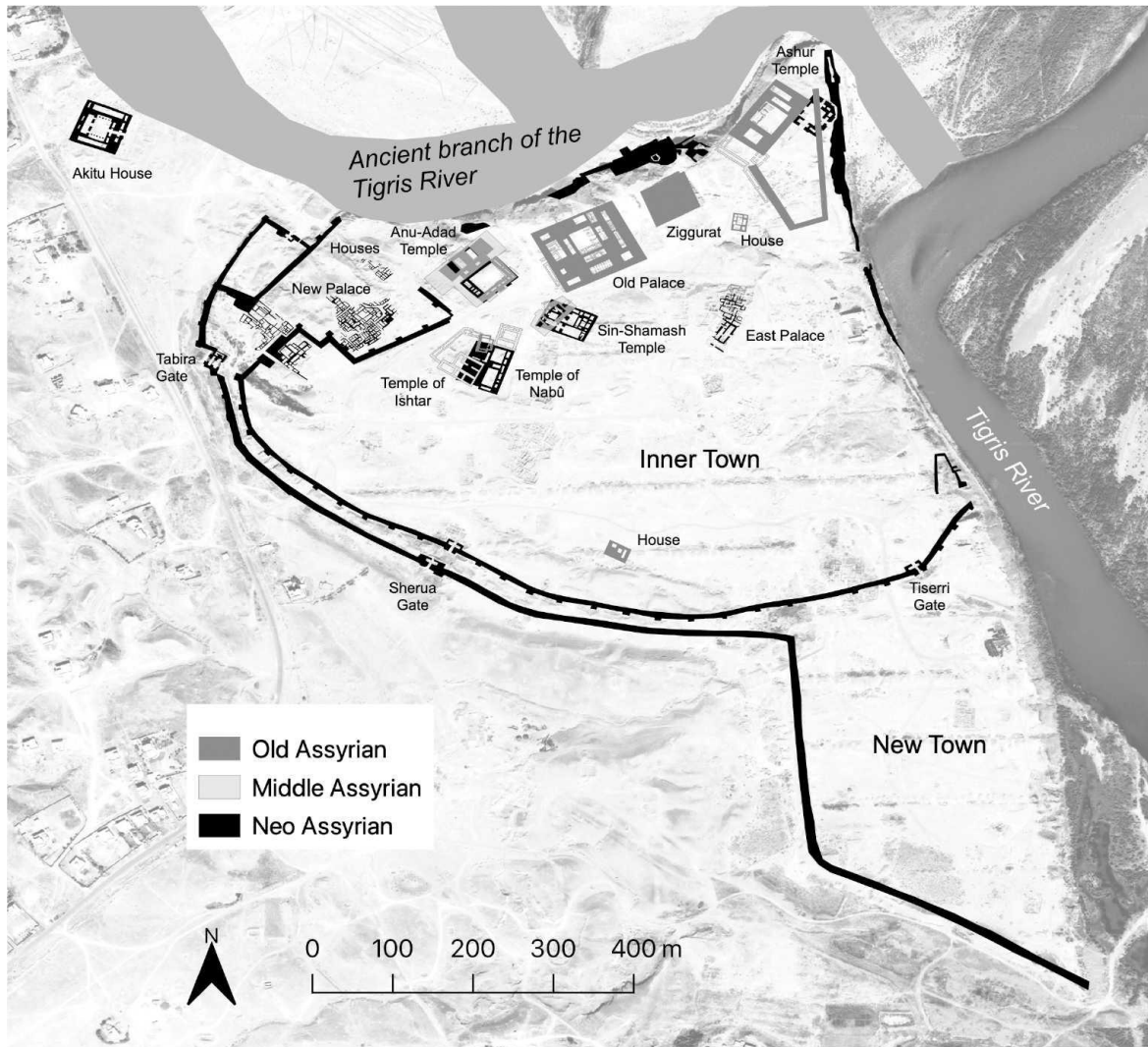


O antigo Oriente Próximo.
©Alessio Palmisano



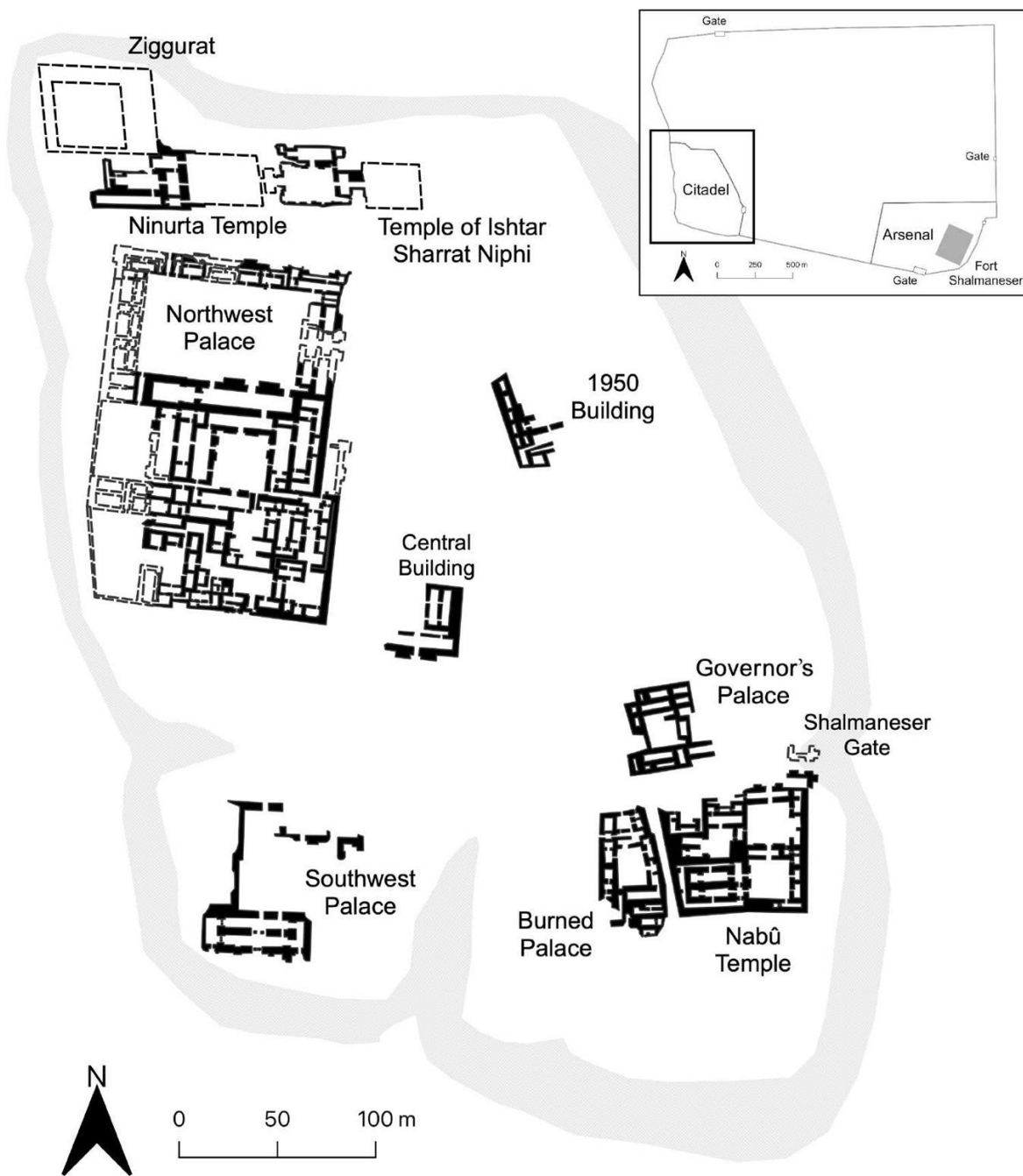
O coração da Assíria no Tigre e territórios adjacentes no rio Khabur.

©Alessio Palmisano



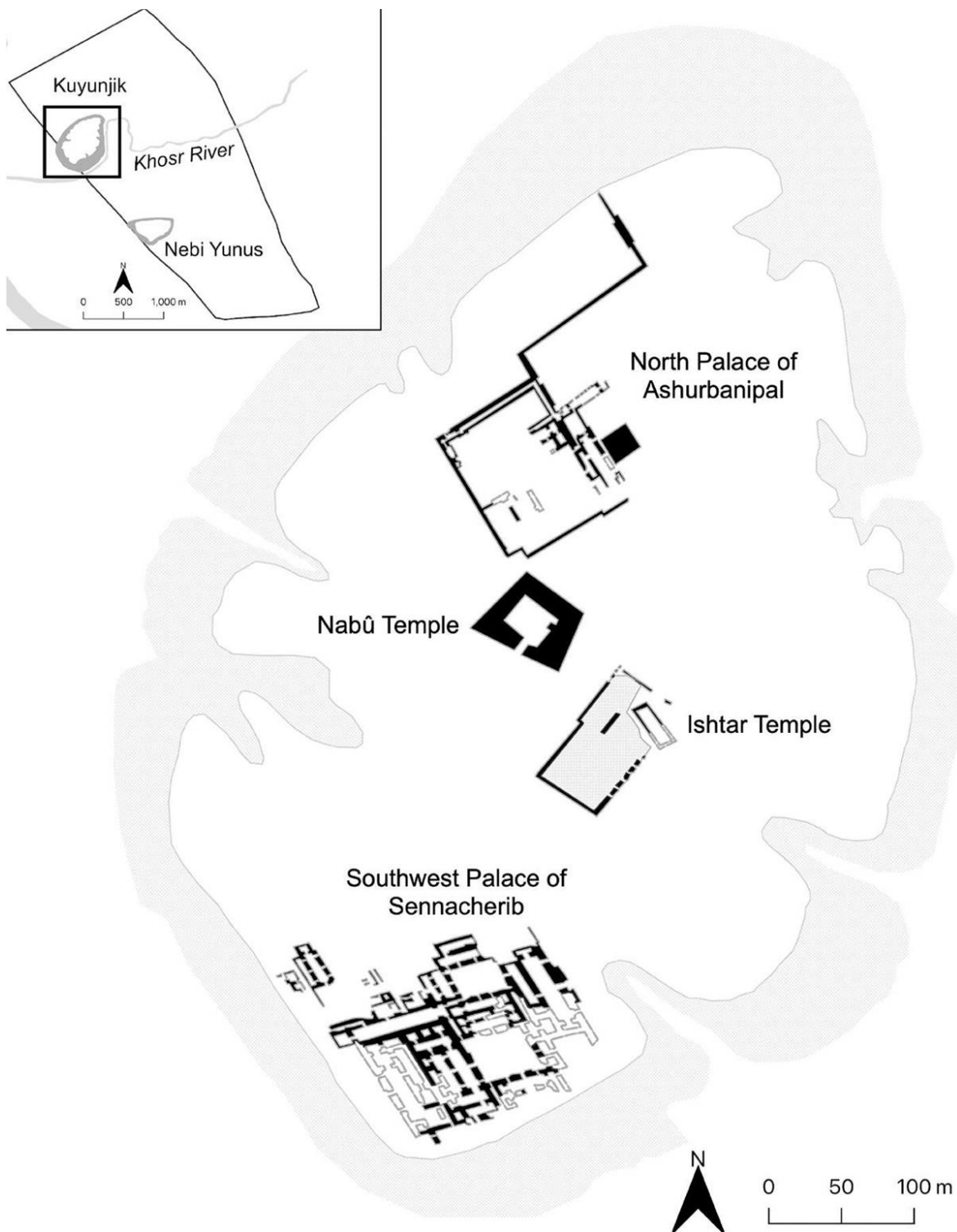
Ashur, antiga capital e centro religioso da Assíria.

©Alessio Palmisano



Calah, capital assíria nos séculos IX e VIII A.C., com a sua cidadela.

©Alessio Palmisano



Nínive, capital imperial da Assíria no século VII A.C., com a sua cidadela principal.

©Alessio Palmisano

Introdução

No verão de 671 AEC, um exército enviado pelo rei assírio Esarhaddon marchou pela Ásia Ocidental, atravessou a Península do Sinai e entrou na terra do Egito. O faraó Taharqa conseguiu fugir, mas sua esposa, seu príncipe herdeiro e muitas de suas mulheres do harém foram capturados. Juntamente com enormes quantidades de saques e com reféns políticos, artesãos, exorcistas e mágicos às centenas, foram levados para Nínive, a poderosa capital de Esarhaddon, no rio Tigre, no nordeste do Iraque.

Foi um triunfo sem precedentes para a Assíria. Dois anos antes, o Rei Esarhaddon tinha declarado numa das suas inscrições que todos os seus inimigos “tremiam como juncos numa tempestade”, que os seus “corações batiam forte” e que “não havia rival que a minha arma não pudesse enfrentar”. Agora, na sequência da sua grande vitória sobre o Egito, o rei assírio podia cumprir a sua fanfarronice. Ele despachou cartas solicitando presentes e profissões de respeito aos governantes de vários territórios distantes do Mediterrâneo – de Chipre à Grécia até o que hoje é a Espanha moderna. Quando eles obedeceram, Esarhaddon teve todos os motivos para afirmar: “Consegui a vitória sobre os governantes dos quatro cantos do mundo – e espalhei o veneno da morte sobre todos os meus inimigos”.¹

A conquista assíria do Egito representou o culminar de uma longa jornada histórica. Quando essa viagem começou, na segunda metade do terceiro milénio A.C., havia poucos sinais de que um dia o país alcançaria a hegemonia sobre quase toda a Ásia Ocidental e alguns territórios adjacentes. Na verdade, a Assíria mal era um país – no início havia apenas a cidade de Ashur (ver Ilustração 1). Localizada a cerca de 100 quilômetros (62 milhas) ao sul de Nínive, Ashur abrigava vários templos importantes – incluindo o de um deus também chamado Ashur – mas não era um ator político importante.

Por volta de 2.000 A.C., depois de passar vários séculos sob o domínio dos poderosos reinos do sul da Mesopotâmia, Ashur tornou-se politicamente independente. Durante os trezentos anos seguintes – o chamado período da Antiga Assíria – foi governado conjuntamente por uma assembleia popular e uma dinastia de líderes hereditários. O papel da cidade como centro do comércio internacional de estanho e têxteis permitiu a Ashur acumular uma riqueza considerável durante este período.

Um período de declínio que começou por volta de 1700 A.C. pôs fim à antiga cidade-estado assíria e a muitas das suas instituições, mas a viagem não terminou. Quando Ashur se recuperou no século XIV A.C., assumiu um papel muito diferente: servir como capital de um estado territorial ansioso por expandir as suas fronteiras através de meios militares. Este

nascimento da Assíria, no sentido próprio do termo – o seu surgimento como uma terra que incluía grandes cidades como Nínive, Calah e Arbela, e em breve outras muito mais distantes – marcou o início de uma nova era: o período da Assíria Média. Agora uma monarquia de pleno direito, os assírios começaram a ver a sua terra como um par dos estados mais poderosos da época, desde a Babilónia, no sul, até ao Egipto, no oeste.

Durante o século XI A.C., o reino assírio viveu uma nova crise, esta causada pelas alterações climáticas, migrações e tensões internas. Perdeu a maior parte de suas províncias, especialmente no oeste. Mas quando a poeira baixou, ele conseguiu renascer das cinzas mais rápido do que qualquer outro estado da região. Vários governantes assírios enérgicos e implacáveis do período neo-assírio (ca. 934–612 A.C.) aproveitaram-se da fraqueza dos seus rivais políticos, embarcando numa campanha sistemática de subjugação, destruição e anexação. Os seus esforços, inicialmente destinados à reconquista de áreas que antes estavam sob o domínio assírio e depois avançando para mais longe, foram levados a cabo com uma determinação implacável e muitas vezes violenta, cruelmente resumida numa declaração aforística encontrada noutra das inscrições de Esarhaddon: “Diante de mim, cidades, atrás de mim, ruínas.” ²

Novamente, houve contratempos. Em diversas ocasiões — mesmo no glorioso ano de 671 — revoltas internas e externas ameaçaram a hegemonia da Assíria. Em Israel e em Judá, a resistência às intervenções militares da Assíria resultou na emergência de novas formas de religião anti-imperialistas, com consequências a longo prazo imprevisíveis na altura. Mas no final do século VIII, os assírios conseguiram criar um Estado que transcendia todos os seus antecessores em poder, tamanho e complexidade organizacional.

Durante os últimos anos do reinado de Esarhaddon, a Assíria governou um território que se estendia do nordeste da África e do Mediterrâneo Oriental ao Irã Ocidental, e da Anatólia, no norte, ao Golfo Pérsico, no sul. Parques com plantas exóticas ladeavam os palácios assírios, bibliotecas universais recém-criadas eram o orgulho dos reis assírios e uma mistura etnicamente diversa de pessoas de dezenas de terras estrangeiras circulava pelas ruas de cidades assírias como Nínive e Calah. No entanto, não duraria. Apenas meio século após o reinado de Esarhaddon, o estado assírio sofreu um colapso dramático, culminando na conquista e destruição de Nínive em 612 AEC.

A queda da Assíria ocorreu muito antes da fundação de alguns impérios mais conhecidos do mundo antigo: o Império Persa, estabelecido em 539 AEC por Ciro II; O Império Greco-Asiático de Alexandre, o Grande, do século IV AC, e seus estados sucessores; os impérios do século III AC criados pelo governante indiano Ashoka e pelo imperador chinês Qin Shi Huang; e o mais proeminente e influente deles, o Império Romano, cujo início ocorreu no primeiro século AEC. O reino assírio pode não ter o mesmo nome reconhecido. Mas durante mais de cem anos, de cerca de 730 a 620 A.C., foi um corpo político tão grande e tão poderoso que pode ser justamente chamado de primeiro império do mundo.

E por isso a Assíria é importante. A “história mundial” não começa com os gregos ou romanos – começa com a Assíria. A “religião mundial” decolou na periferia imperial da Assíria. A queda da Assíria foi o resultado de uma primeira “guerra mundial”. E as burocracias, as redes de comunicação e os modos de dominação criados pelas elites assírias há mais de 2700 anos serviram de modelo para muitas das instituições políticas das grandes potências subsequentes, primeiro directamente e depois indirectamente, até aos dias de

hoje. Este livro conta a história da lenta ascensão e dos dias de glória desta notável civilização antiga, da sua queda dramática e da sua intrigante vida após a morte.

HÁ DOIS SÉCULOS, PARA UM CIDADÃO ocidental com educação moderada, a Assíria era muito mais conhecida e muito menos compreendida do que é hoje. Nínive era então um nome familiar para a maioria das pessoas. Eles a conheciam pela Bíblia Hebraica, que a retratava como a capital do estado que havia dado o toque de morte ao Reino de Israel. O Livro de Jonas, popular e amplamente lido, afirmava que Nínive era tão grande que levava três dias para atravessá-la de uma ponta à outra — e que Deus havia perdoado os pecados dos ninivitas quando eles se arrependeram. O Livro de Naum pintou um quadro muito mais sombrio, comparando Nínive a uma prostituta degradada e descrevendo a destruição iminente da cidade, provocada por Deus para punir a arrogância imperial da Assíria. Em uma variedade de textos gregos e latinos da antiguidade clássica, a Assíria apareceu como o primeiro de uma longa sucessão de impérios, fundados pelo rei Ninus e sua pitoresca esposa Semíramis e destruídos pelos babilônios e medos durante o reinado do último rei da Assíria, Sardanapalus, um debochado efeminado.

Até meados do século XIX, a maioria das pessoas no Ocidente tinha uma percepção amplamente negativa da Assíria. O mundo do antigo Israel, Grécia e Roma serviu como modelos de identidade para eles. De Jerusalém, acreditavam eles, surgira a sua fé religiosa, de Atenas, os seus métodos de pensamento, e de Roma, a sua organização política. Nínive, tal como Babilónia ou Cartago, personificava a alteridade – nas palavras do Livro de Naum, era “a cidade sangrenta, cheia de mentiras e saques”. Mas a imagem ocidental da Assíria não estava inteiramente isenta de ambivalência. A repulsa pelo “despotismo oriental” associado à Assíria foi misturada com a admiração pelas alegadas realizações políticas e militares do reino, e as ambições imperiais atribuídas ao Rei Ninus e aos seus sucessores ressoaram com aspirações semelhantes na Grã-Bretanha e em França do século XIX.³

Faltando na imagem estavam as vozes dos próprios antigos assírios. Depois do século II D.C., ninguém mais sabia ler a escrita cuneiforme na qual os assírios, bem como os sumérios, os babilônios e outros povos do antigo Oriente Próximo, registravam inscrições reais, obras literárias, tratados médicos, cartas, títulos de propriedade e documentos administrativos. As várias línguas que essas pessoas usaram, incluindo o assírio, foram todas esquecidas. Os vestígios físicos da civilização assíria, desde templos e palácios até casas particulares, também desapareceram em grande parte; eles ficaram escondidos sob assentamentos posteriores ou sob enormes montes cobertos de grama que não são mais facilmente reconhecíveis como restos de habitações humanas. Isto se deveu, em certa medida, à destruição que as principais cidades da Assíria sofreram no final do século VII AEC. Mas também resultou do facto de, em grande contraste com o antigo Egipto, cujos templos e túmulos eram construídos em pedra, todos os edifícios da antiga Mesopotâmia eram feitos de tijolos de barro, que desmoronariam após algumas gerações, transformando o que outrora eram centros urbanos de proporções enormes em montes de escombros.

A “VERDADEIRA” ASSÍRIA – EM VEZ DA IMAGEM DISTORCIDA QUE A Bíblia e os textos clássicos dela transmitiam – começou a recuperar o seu lugar na consciência histórica do mundo moderno em 5 de abril de 1843, quando um francês de 41 anos chamado Paul-Émile Botta sentou-se à

sua mesa na cidade de Mosul para escrever uma carta. Botta era cônsul francês em Mosul, na época uma remota cidade provincial nos arredores do Império Otomano, mas a sua carta não era sobre política. Dirigido ao secretário da Société Asiatique de Paris, tratava-se de um espetacular achado arqueológico. Durante os dias anteriores, revelou Botta, alguns dos seus trabalhadores desenterraram vários baixos-relevos e inscrições estranhos e intrigantes perto da pequena aldeia de Khorsabad, cerca de 25 quilómetros (15 milhas) a nordeste de Mosul. No final da sua carta, Botta anunciou com orgulho: “Acredito ser o primeiro a descobrir esculturas que podem ser consideradas pertencentes à época em que Nínive ainda estava florescendo”.⁴

Durante a primeira metade do século XIX, vários factores desencadearam um interesse renovado entre os europeus pelas civilizações perdidas do antigo Oriente Próximo. Um elemento importante foi o espírito romântico da época, que procurava escapar às mundanidades do aqui e agora e entregava-se à procura das origens. Botta, o cônsul e explorador francês, estava profundamente enfeitiçado por tais anseios. Tal como o famoso poeta romântico Lord Byron, ele esteve na Grécia durante a Guerra da Independência Grega. Mais tarde, ele viajou pelo mundo como médico de navio e era um usuário apaixonado de ópio, sobre o qual escreveu sua tese de doutorado. O homem foi “o tempo todo forçado a encontrar maneiras de escapar de sua existência real e entrar em um mundo de imaginação”, refletiu Botta naquele estudo, defendendo o mesmo estado de espírito escapista que mais tarde motivou sua busca pelas antiguidades assírias.⁵

Ao mesmo tempo, o século XIX também trouxe à tona um forte gosto pela investigação histórica, visando uma reconstrução do passado “tal como realmente aconteceu”. Explorar a antiga Assíria prometia insights importantes sobre a verdade histórica das histórias contadas na Bíblia e era, portanto, um empreendimento muito alinhado com o espírito historicista da época.⁶

Finalmente, houve pela primeira vez a oportunidade de realmente estudar sítios arqueológicos assírios e outros na região. A ascensão da França e da Grã-Bretanha a importantes potências imperiais permitiu que homens europeus ambiciosos e implacáveis, ansiosos por deixar a sua marca, viajassem e explorassem lugares distantes. É certo que o Estado otomano – ao contrário de áreas substanciais de África e do Sudeste Asiático – não era uma província imperial de nenhum país europeu. Mas a sua fragilidade política facilitou intervenções por parte das grandes potências europeias – incluindo algumas de natureza académica. A mais famosa delas foi a exploração arqueológica do Egito durante a campanha de Napoleão dos anos de 1798 a 1801, que eventualmente levou à decifração dos hieróglifos egípcios por Jean-François Champollion em 1822.

Comparada com a expedição científica de Napoleão ao Egito, na qual participou todo um exército de académicos, a redescoberta de sítios assírios em torno de Mosul nas décadas de 1840 e 1850 foi um acontecimento muito solitário, que contou com o trabalho de alguns exploradores europeus e dos seus trabalhadores locais. Os resultados dos seus esforços, no entanto, foram espetaculares. O primeiro grande avanço deveu-se a Botta, que descobriu em Khorsabad um enorme palácio assírio e partes de uma cidade cercada por um muro de cerca de 7 quilómetros (cerca de 4 milhas) de comprimento. A cidade, como viria a acontecer, era chamada de Dur-Sharrukin na época assíria e foi construída pelo rei assírio Sargão II (r. 721–705 AC). Felizmente para os escavadores, os reis neo-assírios revestiram as paredes de tijolos de barro dos seus palácios com grandes blocos de pedra, ou ortóstatos. Isso tornou possível

traçar facilmente o contorno e a estrutura dos edifícios, que em Khorsabad estavam localizados próximos à superfície. As imagens encontradas nos ortóstatos e as esculturas de colossais touros alados descobertas em vários portões do palácio forneceram os primeiros vislumbres do mundo dos antigos assírios após a queda do reino assírio, cerca de 2.500 anos antes.⁷

Em 1845, dois anos depois de Botta ter iniciado escavações em Khorsabad, um jovem inglês chamado Austen Henry Layard, arqueólogo amador e protegido do influente embaixador britânico em Constantinopla, Sir Stratford Canning, começou a explorar outro sítio assírio, localizado a cerca de 32 quilômetros (20 milhas) a jusante de Mosul, na margem oriental do Tigre. Conhecida pela população local como Nimrud, acabou por ser uma cidade real chamada Kal ḫ u (ou Calah, como é chamada na Bíblia Hebraica). Em apenas alguns meses, Layard e seu engenhoso assistente Hormuzd Rassam, um cristão caldeu de Mosul, descobriram na principal acrópole de Nimrud centenas de metros de baixos-relevos representando campanhas reais, expedições de caça e cenas mitológicas, bem como numerosas inscrições monumentais não inicialmente era capaz de ler. Eles até encontraram a plataforma para o trono do rei assírio Salmaneser III, do século IX a.C., com uma imagem desse rei e de um governante babilônico apertando as mãos, a primeira representação pictórica conhecida desse gesto amplamente utilizado.

O sítio arqueológico mais próximo de Mossul, uma grande área cercada por muros maciços no outro lado oriental do Tigre, inicialmente não produziu grandes descobertas - embora desde o início parecesse provável que fosse aqui que Nínive, a cidade mais famosa da Assíria, já havia prosperado. Apesar das invectivas de Naum, o antigo nome de Nínive nunca foi totalmente esquecido. O local onde as ruínas da cidade estavam enterradas sob camadas e mais camadas de terra e detritos era conhecido pela população local como Nuniya. Além disso, um monte chamado Nebi Yunus, na extremidade sudoeste do local, era o local de uma mesquita construída sobre o que as pessoas acreditavam ser o local de sepultamento do profeta bíblico Jonas (Yūnus em árabe), cuja jornada de vida, de acordo com escritura, terminou em Nínive (ver Placa 3).

Os visitantes ocidentais do Médio Oriente já estavam interessados no local de Nuniya e no seu potencial para produzir tesouros antigos. Em 1820, o residente britânico da Companhia das Índias Orientais em Bagdá, Claudius Rich, passou algum tempo em Mosul e arredores. Em Nebi Yunus, ele viu lajes em relevo acessíveis a partir de uma cozinha subterrânea, e ele retornou de sua visita com uma série de antiguidades, incluindo um cilindro de argila inscrito em um sistema de escrita estranho e desconhecido. Isso criou apetite por mais. Na verdade, a designação de Botta para Mosul foi originalmente motivada pelo desejo de expandir as tentativas anteriores, muito limitadas, de Rich de explorar a área. Entre dezembro de 1842 e março de 1843, o cônsul francês conduziu escavações em Kuyunjik, um grande monte localizado a cerca de um quilômetro (0,62 milhas) ao norte de Nebi Yunus. Mas quando suas tentativas de encontrar artefatos dignos de nota naquele local não o levaram a lugar nenhum, ele voltou sua atenção para Khorsabad. Foi, portanto, Layard cujo nome ficou indissociavelmente ligado à redescoberta de Nínive. Entre 1846 e 1851, os trabalhadores de Layard, cavando mais fundo do que os de Botta e usando uma rede de túneis, descobriram no lado sudoeste de Kuyunjik mais um enorme palácio assírio, com lajes em relevo revestindo paredes com mais de 3 quilômetros (1,8 milhas) de comprimento. Talvez o mais importante seja que eles também desenterraram em várias salas do palácio

milhares de tábuas de argila cozida inscritas na mesma escrita encontradas em muitos dos ortóstatos que revestiam as paredes do palácio.

Em maio de 1847, o Louvre em Paris tornou-se o primeiro museu europeu a expor ao público artefactos assírios, surpreendendo os visitantes com obras monumentais criadas numa linguagem artística completamente desconhecida. Nunca interessado em ficar em segundo plano, o Museu Britânico logo seguiu o exemplo e, eventualmente, outros museus na Europa e nos Estados Unidos também fizeram o mesmo. Foi o início de uma “Assiromania” que varreu durante algumas décadas o mundo ocidental, influenciando a moda, a arte e o design.

Transportar os objetos, muitas vezes enormes, dos seus locais remotos na área ao redor de Mossul para as capitais do Ocidente não foi tarefa fácil. Os touros colossos dos portões do palácio pesavam até 40 ou 50 toneladas métricas (44 a 55 toneladas americanas), e os métodos aplicados pelas escavadeiras para transportá-los até o Tigre, onde eram colocados em jangadas, não eram mais avançados do que aqueles usados pelos próprios antigos assírios. Numa ocasião, em 1853, a tragédia levou à perda de inúmeros objectos de valor inestimável num sítio assírio: as jangadas que transportavam mais de duzentas caixas cheias de artefactos de Khorsabad até Basra, onde seriam carregadas num navio com destino a França, afundou nos pântanos ao sul de Bagdá, e tudo, inclusive desenhos e notas de campo, foi perdido.⁸

Hoje, podemos questionar-nos sobre a sabedoria de transferir a arte antiga em tão grande escala do Médio Oriente para museus e colecções no Ocidente. Os primeiros escavadores e os seus apoiantes políticos tiveram muitas vezes, de facto, considerável dificuldade em convencer as autoridades otomanas a conceder-lhes permissão para o fazer, e ocasionalmente usaram artifícios para os enganar. É certo que, em meados do século XIX, e durante bastante tempo, a remoção de achados arqueológicos dos seus locais de origem era uma prática comum. Mas o facto de a exploração de sítios arqueológicos no Médio Oriente ter começado como um projecto essencialmente “ocidental” contribuiu, sem dúvida, para o sentimento de alienação que muitas comunidades locais da região sentem em relação ao passado pré-islâmico. Este foi certamente um factor na pilhagem e na destruição deliberada de muitos locais assírios pelo grupo Estado Islâmico em 2015 e ^{2016,9}

DURANTE O FINAL DA DÉCADA DE 1840 E INÍCIO DA DÉCADA DE 1850, ENQUANTO AS ESCAVAÇÕES em Khorsabad, Nimrud e Nínive continuavam, vários estudiosos na Grã-Bretanha e na França começaram a estudar a estranha escrita encontrada nos ortóstatos, colossos de touro e objetos de argila que vieram à luz em esses sites. Devido à natureza em forma de cunha dos elementos básicos dos signos individuais, a escrita ficou conhecida como cuneiforme, da palavra latina *cuneus*, que significa “prego” ou “cunha”. Não só a escrita, mas também a linguagem desses textos era desconhecida, o que tornava a sua decifração extremamente desafiadora. Felizmente, uma inscrição rupestre do final do século VI A.C., de Bisitun, na província de Kermanshah, no Irão, forneceu alguma ajuda. Incluía três versões do mesmo texto, escritas em três escritas “cuneiformes” diferentes: elamita, babilônica e persa antigo. A versão em persa antigo foi decifrada em 1838, e os estudiosos logo perceberam que a escrita babilônica encontrada em Bisitun era estruturalmente idêntica à escrita encontrada em locais assírios mais ao norte. Também ajudou o fato de o assírio e o babilônico serem

línguas semíticas, como o hebraico e o árabe. A existência de cognatos tão conhecidos facilitou o processo de reconstrução de sua gramática e de reconhecimento do significado de palavras individuais. Mas como a maioria dos cerca de mil sinais da escrita assiro-babilônica tem inúmeras leituras e pode traduzir, dependendo do contexto, tanto palavras quanto sons, a decifração desse sistema de escrita ainda exigia um verdadeiro gênio.

O principal avanço foi devido a um irlandês modesto, mas brilhante, chamado Edward Hincks, um clérigo de Killyleagh, no condado de Down, que colaborou estreitamente com Layard. Em 1852, Hincks percebeu que os sinais cuneiformes “todos representam sílabas”, com “cada vogal definitivamente expressa”. A identificação correta de Hincks dos valores de centenas de sinais permitiu a Layard, em seu livro *Nínive e Babilônia*, de 1853, fornecer traduções pioneiras notavelmente precisas de algumas das inscrições monumentais que ele havia descoberto em Nínive. De forma bastante sensacional, entre os acontecimentos descritos nestes textos estava um ataque do exército do rei assírio Senaqueribe a Jerusalém, em 701 AEC, que também foi descrito na Bíblia.¹⁰

Em meados da década de 1850, Edwin Norris, secretário da Royal Asiatic Society em Londres, pensou que havia chegado a hora de testar os resultados do trabalho feito até então sobre a escrita assiro-babilônica. Norris pediu a quatro estudiosos envolvidos nos esforços de decifração que fornecessem, independentemente uns dos outros, transliterações e traduções de uma longa inscrição real assíria. O texto selecionado por Norris foi escrito em um grande prisma de argila encontrado em Qal'at Sherqat, um sítio assírio localizado a cerca de 50 quilômetros (31 milhas) ao sul de Nimrud. Além de Hincks, os acadêmicos convidados a participar do desafio incluíam o oficial do exército britânico e orientalista Henry C. Rawlinson, que desempenhou um papel fundamental na decifração da escrita cuneiforme persa; o orientalista franco-alemão Jules Oppert; e William HF Talbot, um polímata britânico mais conhecido por seu trabalho como pioneiro da fotografia. Quando as traduções apresentadas pelos quatro em 1857 revelaram-se em grande parte idênticas, a decifração da escrita cuneiforme assiro-babilônica pôde ser considerada concluída, pelo menos no que diz respeito ao básico.¹¹

A decifração bem sucedida, tal como a descodificação dos hieróglifos egípcios cerca de trinta anos antes, abriu janelas para um passado que até então tinha sido quase inteiramente velado em segredo – e assim preparou o cenário para nada menos do que uma “segunda Renascença”. Enquanto a primeira, a Renascença Europeia dos séculos XV e XVI, trouxe de volta as civilizações dos gregos e dos romanos, a nova Renascença agora iniciada por Champollion e Hincks permitiu uma visão profunda dos mundos pré-clássicos do Egito e do antigo Oriente Próximo. e acesso ao que foi apropriadamente chamado de “a primeira metade da história”. Alguns grandes espaços em branco no mapa do passado começaram a ser preenchidos. Botta, Layard e Hincks tinham, é claro, apenas estabelecido a base. Outros tiveram que acompanhar e empenhar-se no árduo trabalho de continuar o trabalho de escavação e de ler e traduzir os inúmeros textos cuneiformes desenterrados pelos arqueólogos pioneiros e seus sucessores.¹²

Nas décadas seguintes, o estudo dos textos levou a grandes avanços na compreensão da civilização assíria. Inscrições reais monumentais em ortóstatos e esculturas de pedra forneceram a base para um primeiro esboço da história política e militar da Assíria. Mas as tábuas de argila desenterradas no principal monte de Nínive, Kuyunjik, revelaram-se ainda mais emocionantes. A maioria deles pertencia a bibliotecas criadas pelo último grande rei da

Assíria, Assurbanipal (r. 668–631 A.C.), que procurou reunir em sua capital cópias de todos os textos literários, religiosos e acadêmicos disponíveis em sua época, tanto da Assíria e Babilônia. O fato de os antigos mesopotâmios terem usado tijolos de barro para construção era uma maldição para os exploradores modernos, uma vez que os edifícios feitos com esses tijolos são difíceis de rastrear. Mas o uso da argila para fins de escrita revelou-se uma enorme bênção: especialmente quando cozidas, as tábuas de argila, embora muitas vezes encontradas quebradas em pedaços, são quase indestrutíveis, e centenas de milhares delas foram escavadas por toda a Mesopotâmia e regiões vizinhas. áreas até agora.

As tabuinhas das bibliotecas de Assurbanipal forneceram insights altamente inesperados sobre as tradições intelectuais, literárias e religiosas da Assíria. Uma das primeiras descobertas mais espetaculares foi feita por um jovem estudioso autodidata chamado George Smith. Originalmente um gravador de notas, Smith trabalhou como assistente no Museu Britânico, onde quase todas as tabuinhas da biblioteca de Assurbanipal foram parar. Num dia animado de novembro de 1872, ele leu algumas linhas de um tablet recém-limpo e ficou tão entusiasmado que imediatamente começou, de uma maneira nada vitoriana, a se despir. O que Smith descobriu eram partes de uma história do dilúvio na Mesopotâmia tão semelhante à conhecida na Bíblia Hebraica que não havia dúvida de que as duas tradições estavam intimamente relacionadas. Quando, em 3 de dezembro de 1872, Smith deu uma palestra sobre o recém-descoberto Noé mesopotâmico para a Sociedade de Arqueologia Bíblica, até mesmo o primeiro-ministro britânico William Gladstone estava na audiência. Pelo menos na Grã-Bretanha, foi o apogeu do interesse público na Assíria.¹³

NO FINAL DO SÉCULO XIX, ESCAVADORES E filólogos, alguns deles detentores de cátedras universitárias recentemente criadas, tinham estabelecido uma imagem da Assíria que incluía numerosos detalhes não conhecidos nem da Bíblia nem de fontes clássicas. Mas em alguns aspectos importantes, esta imagem ainda estava muito alinhada com aquela promovida nessas tradições. Os baixos-relevos e textos de Nínive, Khorsabad e Nimrud, com foco nos feitos militares e projetos de construção de reis poderosos como Sargão II, Senaqueribe ou Assurbanipal, confirmaram as afirmações bíblicas sobre a expansão imparável da Assíria no Levante, bem como Histórias gregas sobre a construção do império assírio e a fundação de cidades.

Novas descobertas feitas nos séculos XX e XXI modificaram e melhoraram significativamente a compreensão moderna da civilização assíria, especialmente no que diz respeito às suas origens e história inicial. As escavações em três sítios arqueológicos em particular foram fundamentais neste contexto. O primeiro a ser mencionado aqui é Qal'at Sherqat, que produziu o prisma de argila cuja tradução em 1857 serviu como prova do sucesso da decifração do cuneiforme. Qal'at Sherqat foi o local da primeira capital e centro religioso da Assíria, Ashur, que deu nome ao país. Inicialmente rejeitado pelas escavadeiras devido ao seu fracasso em produzir as mesmas obras de arte monumentais encontradas em outros locais assírios, Ashur foi explorado entre 1903 e 1914 por uma equipe alemã dirigida por Walter Andrae. Como logo se tornou evidente, o local forneceu uma janela para a história da Assíria antes dos grandes reis do primeiro milênio AEC e ofereceu novos conhecimentos importantes sobre as dimensões sociais, económicas e religiosas da civilização assíria. Enquanto o foco em outros locais tinha sido a escavação de palácios reais, Andrae e sua

equipe direcionaram a maior parte de seus esforços para o estudo de casas e templos particulares, incluindo o do deus estatal assírio Ashur. As técnicas de escavação de Andrae foram altamente inovadoras: ele registrou locais encontrados em objetos individuais, desenvolveu novos métodos para traçar paredes feitas de tijolos de barro e analisou cuidadosamente as camadas arqueológicas que se acumularam ao longo do tempo para dar sentido à complexa estratigrafia do local. A arqueologia transcendeu assim lentamente a sua encarnação anterior como uma caça a tesouros antigos.¹⁴

Andrae e aqueles que trabalharam em Ashur depois dele descobriram cerca de dez mil tábuas de argila e outras inscrições. Mas como foi difícil alcançar as camadas mais baixas do local, as escavações produziram apenas um número limitado de textos das primeiras fases do Estado assírio. De forma bastante inesperada, informações sobre parte dessa história inicial tornaram-se disponíveis através da exploração de um local a quase 1.000 quilômetros (cerca de 620 milhas) de distância de Ashur, bem fora da área já totalmente controlada por qualquer rei assírio. Durante o início da década de 1880, os estudiosos começaram a publicar tabuinhas de argila escritas em um estilo de escrita peculiar, adquirido de negociantes de antiguidades em Kayseri, no centro da Turquia. Como estabeleceram escavações sistemáticas em 1925 pelo pesquisador tcheco Bedřich Hrozný, todas as tabuinhas vieram de um grande monte chamado Kültepe, localizado a cerca de 20 quilômetros (cerca de 12 milhas) a nordeste de Kayseri. Kültepe, descobriu-se, era o local da antiga cidade de Kanesh, onde durante os primeiros séculos do segundo milênio A.C. uma colônia de mercadores de Ashur, sob o governo de reis locais, esteve envolvida durante várias gerações no comércio de longa distância e outras atividades mercantis. As primeiras escavações em Kültepe, e as realizadas desde 1948 por estudiosos turcos, produziram cerca de 25 mil tabuletas de argila a partir dos arquivos destes empresários. Os documentos lançam luz não só sobre as transações comerciais em que os mercadores estavam envolvidos, mas também sobre a organização política surpreendentemente complexa da sua cidade-mãe, Ashur, e sobre muitos aspectos da vida privada dos primeiros assírios que nos deixaram um número substancial de registros escritos.¹⁵

Um terceiro local cuja exploração melhorou significativamente o conhecimento da civilização assíria é Tell Sheikh Hamad, a antiga Dur-Katlimmu, no rio Khabur, no leste da Síria. Também localizado fora da área central assíria original, foi escavado entre 1978 e a eclosão da Guerra Civil Síria em 2011 por uma equipe alemã liderada por Hartmut Kühne. Dur-Katlimmu foi o centro urbano de onde, a partir do século XIII A.C., uma série de “vice-reis” assírios descendentes da família real assíria governaram a extensão ocidental do reino assírio – um arranjo político não muito alinhado com as ideias predominantes sobre o poder real assírio ser indiviso e monolítico. Além disso, o local é um dos poucos locais onde as escavadeiras conseguiram aplicar novos métodos arqueológicos, como análise faunística e floral, arqueologia paisagística e formas avançadas de estudos de cerâmica.¹⁶

Tais técnicas têm sido utilizadas apenas com moderação em sítios assírios no norte do Iraque, onde, a partir da década de 1980, com a Guerra Irão-Iraque, a instabilidade política dificultou o trabalho arqueológico sustentado. As equipas iraquianas e ocidentais continuaram a escavar nesta área (ver Figura 2), mas nas últimas décadas apenas por curtos períodos de tempo e com recursos inadequados. Para compensar as oportunidades limitadas de trabalho de campo no Iraque, os académicos começaram recentemente a envolver-se em várias formas de arqueologia “remota”, analisando, entre outras coisas, fotografias

desclassificadas tiradas por satélites militares. Estes revelam, muitas vezes com detalhes surpreendentes, os cursos das antigas estradas e canais assírios e a localização de assentamentos de outra forma desconhecidos, lançando luz sobre o ambiente das grandes capitais assírias e sobre as redes de comunicação assírias.¹⁷

O ESTUDO DA ASSÍRIA JÁ DURA MAIS DE 175 ANOS, durante os quais numerosas vozes assírias do passado começaram a falar novamente. Outros poderão ser trazidos de volta à vida no futuro, embora muitos mais permanecerão para sempre em silêncio. Certamente, novas descobertas e novas análises das evidências disponíveis exigirão, sem dúvida, reavaliações futuras, mas, ao mesmo tempo, nos familiarizamos com cidades, reis e instituições políticas e sociais assírias sobre as quais nenhum autor bíblico ou clássico tinha qualquer pista. , e provavelmente estamos mais bem informados sobre o início da civilização assíria do que os próprios assírios do período imperial.

A civilização assíria que conhecemos é marcada por uma mistura complexa de continuidade e mudança, à medida que lutou - muitas vezes com mais sucesso do que os reinos vizinhos - com grandes desafios históricos, desde ataques de potências estrangeiras a mudanças nos padrões de precipitação e grandes mudanças culturais. . Durante um período de cerca de 1.400 anos, até à sua rápida queda no final do século VII A.C. , o Estado assírio conseguiu preservar e cultivar uma identidade particular e, ao mesmo tempo, reinventar-se uma e outra vez e adaptar-se às circunstâncias em constante mudança. Neste e noutros aspectos, a Assíria tem muito em comum com a entidade política mais famosa e influente da antiguidade: a Roma Antiga. Semelhante aos romanos, que deviam muitas características da sua cultura e religião a outra civilização, a dos gregos, os assírios basearam-se fortemente nos modelos babilónicos nas esferas da literatura, das artes e dos assuntos de culto. A Assíria e Roma experimentaram, além disso, transformações semelhantes nos seus sistemas de governação, tendo o império como resultado final. E, no entanto, nenhuma das civilizações alguma vez perdeu o seu forte sentido de coesão. É quase como se tanto os assírios como os romanos tivessem seguido fielmente ao longo da sua história o famoso ditado do romance italiano *Il Gattopardo* de Giuseppe Tomasi di Lampedusa : “Para que tudo continue igual, tudo tem de mudar”.

Entre as continuidades da história assíria, a língua assíria ocupa um lugar de destaque. Atestado pela primeira vez em tábuas de argila do século XX AC, ainda era usado, embora com mudanças significativas no vocabulário, gramática e pronúncia, durante a época da queda da Assíria no final do século VII. O assírio nunca se tornou um importante meio de expressão literária como a língua babilônica falada pelos vizinhos do sul da Assíria, mas era o vernáculo usado na vida cotidiana, bem como em documentos escritos que registravam assuntos jurídicos e econômicos, rituais religiosos, tratados de estado, decretos reais e , em determinados períodos, relatos de campanhas militares e outros acontecimentos importantes.¹⁸

A adoração ao deus estatal assírio Ashur também moldou a civilização assíria ao longo dos tempos. Na verdade, o deus continuou a desempenhar um papel importante mesmo depois da queda do império em 612 AEC — ele é mencionado juntamente com a sua esposa Sherua em inscrições votivas aramaicas desde o século II DC . Esses textos foram descobertos nas ruínas de Ashur, a cidade sagrada do deus, que personifica a *longue durée* da Assíria mais

do que qualquer outro lugar. Foi em Ashur que se originou a civilização assíria e onde mais tarde deu seus últimos suspiros.

Também abundam exemplos mais concretos de continuidade na cultura e na história assírias. Um exemplo disso são as tabuinhas do tratado preparadas em nome do rei assírio Esarhaddon, na primavera de 672 AEC, a fim de assegurar a sucessão do filho de Esarhaddon, Assurbanipal, ao trono assírio. As tabuinhas, gravadas com juramentos de lealdade que todo cidadão e vassalo assírio tinha que fazer, apresentam todas as mesmas três impressões de selo: uma de um selo da época do pai de Esarhaddon, Senaqueribe; um de um selo do período da Assíria Média, cerca de meio milênio antes; e uma terceira impressão, mostrando um adorador apresentado por uma deusa, de um antigo selo assírio do início do segundo milênio, uns bons 1.200 anos antes de as tabuinhas do tratado de Esarhaddon serem escritas. Como indica uma inscrição, o último selo pertencia ao deus Ashur e à “Prefeitura”, uma importante instituição cívica no início da história de Ashur e que ainda existe, embora destituída de seu antigo poder político, no século VII A.C.. O selo em questão aparentemente ficou guardado na Prefeitura por mais de um milênio.¹⁹

Outros edifícios em Ashur, principalmente os templos, também tiveram uma longa história, que, no caso do templo de Ishtar, a divina padroeira do amor erótico, remonta a quase dois milênios. É claro que, com o passar do tempo, os templos tiveram que ser restaurados e reconstruídos repetidamente. A forte continuidade que caracteriza a esfera de culto da Assíria também é ilustrada pela história de um grupo de divindades menores conhecidas como os “sete juízes divinos”. Uma inscrição do rei Erishum I, do século XX AC, menciona que imagens deles foram colocadas no chamado Portão de Degraus, perto do Templo Ashur, no extremo norte da cidade, um local onde ocorriam os procedimentos legais. Cerca de 1.300 anos depois, os juízes divinos reaparecem em um texto conhecido como Diretório Divino de Ashur com nomes apenas ligeiramente modificados: o deus Šê-raggu, “Saia Criminoso”, por exemplo, agora é chamado de Ĥip-raggu, “Quebre o criminoso.”²⁰

A cultura material da Assíria também foi marcada por certas continuidades. Diversas variedades de pão conhecidas apenas nos textos assírios, mas não nos babilônios, permaneceram em uso na Assíria desde o século XIV AEC - e talvez até antes - até os dias finais do império. Eles incluem o chamado pão *ḫ u ḫḫ urtu*, um pão trançado ou entrançado que pode ter sido um precursor da chalá consumida até hoje nos feriados judaicos. O pão, o “suporte da vida”, é um marcador de identidade particularmente importante, por isso a longevidade deste tipo único de pão talvez não seja tão surpreendente, nem o é o facto de os textos cuneiformes de Calah distinguirem os “padeiros assírios” dos caldeus, arameus, e Suḫae. ²¹

Os textos e imagens assírios do primeiro milênio AC colocam grande ênfase na continuidade na esfera política, com forte foco na realeza. Imagens de governantes assírios, seja na forma de estátuas ou em ortóstatos ou estelas, retratam-nos como um tipo ideal, supra-individual: uma figura coroada, nunca envelhecida, viril e musculosa, com uma barba elaboradamente penteada, vestida com vestes preciosas, e livre de emoções mesmo quando envolvido em batalhas mortais com inimigos ou leões furiosos (veja a imagem da capa e a Ilustração 7). Embora as imagens sofram mudanças estilísticas ao longo do tempo, nenhum rei assírio é retratado da maneira naturalista que caracteriza os bustos de mármore de muitos imperadores romanos. Era o “corpo político” do rei que se esperava que os artistas assírios representassem, e não o seu “corpo natural”, sobrecarregado de tristeza e marcado

pela doença. As representações de líderes inimigos, por outro lado, ocasionalmente exibem características individuais.²²

Inscrições reais médias e neo-assírias apresentam a história da Assíria como uma série interminável de conquistas militares, todas provocadas pelos reis assírios e pelos deuses que os apoiavam. Com o passar do tempo, sugerem as inscrições, tudo permanece essencialmente igual, apenas ficando “maior e melhor”. Este modelo “frio” de escrita da história, que se esforça por suprimir qualquer noção de mudança histórica real tal como a entenderíamos, também informa grandes porções da Lista de Reis Assírios, um dos documentos históricos mais importantes alguma vez recuperados da antiga Assíria. A Lista de Reis, conhecida a partir de vários manuscritos do primeiro milênio A.C., registra os nomes e antecedentes genealógicos de mais de cem governantes assírios, desde os primórdios da história assíria até o reinado de Salmaneser V (r. 726–722 A.C.). A lista promove a ideia de que a realeza assíria nunca morre – existe apenas “um maldito rei após o outro”, como diz uma canção do grupo britânico a cappella The King's Singers. A Lista de Reis Assírios também enfatiza que o poder real na Assíria foi transmitido durante longos períodos de tempo dentro de uma mesma família. Isto contrasta fortemente com a anterior Lista de Reis Sumérios, na qual a lista assíria provavelmente foi originalmente modelada, onde a história é apresentada como uma transferência interminável de poder de uma cidade e de uma dinastia para outra.

Com base no que hoje se sabe, houve de fato uma boa dose de continuidade dinástica na antiga Assíria. Durante mais de mil anos, parece que praticamente todos os governantes assírios eram descendentes de um certo Adasi, que viveu na segunda metade do século XVIII A.C.. Mas, noutros aspectos, as coisas não eram tão estáveis como a Lista de Reis Assírios e as inscrições dos reis assírios queriam que os seus leitores acreditassem. As crônicas cuneiformes, e especialmente as cartas dos arquivos reais, contam histórias bem diferentes daquelas encontradas nos registros históricos oficiais. Estas são histórias “quentes” marcadas por grande drama, com batalhas perdidas, territórios tomados pelo inimigo, reis assírios assassinados e revoltas e epidemias que ameaçam minar os próprios alicerces do Estado assírio. Além disso, é claro que as estruturas de poder durante as fases anteriores da história assíria não eram exactamente as mesmas dos tempos posteriores. Isto é, de facto, sugerido pela própria Lista de Reis Assírios, que menciona nos seus parágrafos iniciais “reis que viviam em tendas” ou que eram “ancestrais”, e fala numa passagem incomum sobre um rei, Shamshi-Adad I (r. cerca de 1808–1776 A.C.), que “subiu” do sul e tomou o trono assírio pela força.

O quão diferente era realmente a cultura política assíria durante os primeiros séculos do segundo milénio tornou-se evidente através dos textos encontrados em Kültepe/Kanesh. Por um lado, aprendemos com estes textos que ainda não havia “Assíria” – havia apenas uma cidade relativamente pequena, Ashur, e o seu interior muito limitado. É certo que, embora o poder político da cidade fosse modesto, o horizonte geográfico dos seus cidadãos já era bastante amplo. Os mercadores de Ashur trocavam estanho e têxteis por prata e outros bens ao longo de milhares de quilómetros e tinham “colónias” em territórios distantes, incluindo em Kanesh. Mas a antiga cidade-estado assíria era, no entanto, muito diferente do extenso estado territorial que a Assíria se tornaria na época da Assíria Média.²³

Talvez igualmente surpreendente, a organização política de Ashur nesta época inicial mostrou poucos sinais da coesão autocrática que caracterizou a Assíria em épocas posteriores. Em vez disso, a cidade tinha uma “constituição mista” que lembrava a Roma

republicana, com fortes vozes populares e aristocráticas equilibrando as monárquicas. Surpreendentemente, embora se saiba que uma série de governantes hereditários ocuparam cargos durante o período da Antiga Assíria, esses líderes ainda não ostentavam o título usado em outros lugares por toda a antiga Mesopotâmia para designar reis: *šarrum*. Em vez disso, eles se autodenominavam *rubā'um*, “Príncipe”, bem como *iššiakkum*, “Regente (do deus Ashur)”, e *waklum*, “Supervisor”. A narrativa mestra de um Ocidente esclarecido e “democrático” lutando contra um Oriente eternamente “despótico”, promovida pela primeira vez pelo historiador grego Heródoto e mais tarde retomada na ideia teleológica de Hegel de que “a história mundial viaja de leste a oeste”, com a Europa sendo “o fim absoluto da história” e a Ásia o seu início, é difícil de sustentar à luz da complicada trajetória histórica de Ashur e da Assíria. A Assíria começou a sua jornada através dos tempos como um estado que procurava manter sob controle as tendências autocráticas.²⁴

Contrariando a reputação de violência da Assíria, parece, além disso, que Ashur era inicialmente uma comunidade notavelmente pacífica. Enquanto muitos outros estados do início do segundo milênio estavam envolvidos em guerras quase perpétuas, Ashur manteve-se principalmente longe da briga, buscando ganhos através do comércio em vez do combate.

Mais tarde, a partir de meados do segundo milênio, esta atitude irénica daria lugar à belicosidade e à agressividade. Ashur transformou-se na Assíria, um estado territorial cujos cidadãos ainda estavam interessados no comércio, mas cujos governantes consideravam o ataque militar uma forma mais lucrativa de acumular riqueza. Para garantir o seu poder e eliminar qualquer oposição que pudesse surgir, os reis assírios posteriores utilizariam uma variedade de estratégias coercivas, desde assassinatos selectivos até deportações em massa. Este último tornou-se uma marca registrada da política assíria. Durante o primeiro milênio, os exércitos assírios deslocaram à força centenas de milhares de pessoas para novos assentamentos, muitas vezes a centenas de quilómetros de distância das suas casas originais, transformando a paisagem etnolinguística da Ásia Ocidental para todos os tempos vindouros. Tais medidas não pretendiam produzir apenas morte e destruição. As elites assírias tinham interesse no desenvolvimento económico e procuraram promovê-lo de várias maneiras, por exemplo, fixando os deportados em áreas onde o seu trabalho era necessário. Mas, ao contrário dos governantes do antigo período assírio, os de tempos posteriores deliciaram-se com a guerra pela guerra.

Paralelamente e inter-relacionado com estas transformações políticas, o carácter do deus do estado assírio, Ashur, também mudou. Em seus primeiros dias, Ashur era uma espécie de “deus sem qualidades”. A maioria das outras grandes divindades do antigo Oriente Próximo eram figuras complexas com biografias intrigantes. Como entidades cósmicas, representavam corpos celestes; na mitologia, apareciam como protagonistas de histórias em que interagiam com outros deuses e deusas; e nas suas capacidades “políticas” – recorrendo às distinções estabelecidas pelo polímata romano Varrão – eram associados a cidades ou países específicos e adorados em templos locais dedicados a eles. Ashur inicialmente carecia das duas primeiras dimensões, em particular a mitológica. Ele não tinha família e não foi celebrado em nenhuma grande narrativa. Em vez disso, Ashur era um *numen loci* – uma divindade essencialmente idêntica e, ao mesmo tempo, protetora da cidade com a qual compartilhava seu nome. Estas limitações, no entanto, não o tornaram menos poderoso. Na verdade, Ashur era considerado o verdadeiro soberano de sua cidade. Como mencionado

acima, os governantes hereditários de Ashur inicialmente se abstiveram de se autodenominarem *šarrum* — o título real era reservado ao deus.²⁵

O modelo teocrático estabelecido em Ashur no século XXI AEC nunca foi totalmente abandonado. Mais de meio milénio depois, o sacerdote assírio que realizava o ritual de coroação do governante assírio ainda gritava “Ashur é rei! Ashur é rei!”, e um hino do século VII A.C., do reinado de Assurbanipal – que continuou a ser chamado de “Regente de Ashur” – contém a mesma proclamação litúrgica. Mas durante o século XIV, os governantes assírios começaram a reivindicar o título real, anteriormente detido exclusivamente pelo deus, também para si próprios, enquanto o deus, por sua vez, assumia algumas das qualidades beligerantes que agora se esperava que esses governantes possuísem.

Ashur também adquiriu uma família ao longo da história assíria. Já durante o reinado “estrangeiro” de Shamshi-Adad I, iniciado no final do século XIX A.C., ele havia sido identificado com Enlil de Nippur, o “rei dos deuses” da Babilônia. Esta associação teológica foi posteriormente revivida, e Ashur foi casado com a esposa de Enlil, Ninlil, chamada Mullissu em assírio. O deus guerreiro Ninurta, filho de Enlil, também se tornou uma figura importante na ideologia real assíria. Durante o início do século VII AC, em mais uma transformação, Ashur assumiu o papel do deus babilônico Marduk como heróico conquistador de Tiamat, a personificação feminina do caos primordial. A “Epopéia da Criação” babilônica, originalmente composta para celebrar Marduk, foi revisada, com Ashur como seu novo protagonista.²⁶

A história de mudança e continuidade entrelaçadas da Assíria andou de mãos dadas com a ascensão do reino a um poder cada vez maior, embora esta ascensão não tenha sido constante. Foi interrompido por várias crises importantes. Mas, tal como no caso de Roma, o resultado final foi que a Assíria se transformou num Estado conquistador multiétnico, propenso à guerra, organizado em numerosas províncias e orientado para a movimentação de recursos em grande escala, da periferia para o centro político. Em outras palavras, a Assíria cresceu e se tornou um império.

O que constitui exatamente um império depende, obviamente, de como se define o termo. O caso da Assíria pode ser menos claro do que o de Roma, mas a partir de meados do século VIII, o Estado assírio não pode realmente ser descrito como outra coisa. Afinal de contas, governou quase toda a Ásia Ocidental durante cerca de 120 anos e, durante algum tempo, até governou o Egito. Conseqüentemente, muitos historiadores do mundo antigo e medieval estavam convencidos de que a Assíria deveria ser considerada um império. Para o autor grego Ctesias de Cnido, o romano Pompeius Trogus, ou o escritor cristão da Antiguidade Tardia Orósio, a Assíria foi o primeiro de uma sucessão linear de estados imperiais que dominavam grandes porções do mundo habitado. Na mesma linha, o poeta italiano Dante Alighieri, apoiando-se no conceito medieval de *translatio imperii* — a transferência do poder imperial — argumentou que o primeiro governante a “ganhar o prémio” do domínio imperial foi o rei assírio Ninus.²⁷

Além de ocupar um lugar de destaque na memória cultural das civilizações posteriores, o Estado assírio também serviu, primeiro diretamente e depois mediado por estados sucessores mais remotos, como um modelo avidamente imitado pelas potências imperiais subsequentes da Ásia Ocidental, desde a Babilônia e a Pérsia. Impérios da antiguidade até os califados abássidas e otomanos do período islâmico e até mesmo além. As estruturas

governamentais e os conceitos ideológicos criados pela primeira vez na Assíria tiveram, portanto, uma longa vida após a morte, que continua em alguns aspectos até hoje.

NENHUMA HISTÓRIA DA ASSÍRIA PODE SER TOTALMENTE CONTÍNUA, COM transições contínuas de um período para o seguinte. Isto deve-se, em grande medida, à distribuição cronológica desigual das fontes disponíveis. Dos trezentos anos entre 1700 e 1400 AEC, por exemplo, muito poucos registros antigos sobreviveram, o que torna difícil identificar as causas profundas das mudanças importantes que ocorreram na Assíria durante esse período. Outros períodos da história assíria, em contraste, estão tão ricamente documentados que seria fácil dedicar livros inteiros a anos individuais, e se não livros, pelo menos capítulos, como o encontrado neste volume no ano 671 AEC.

A história pode ser escrita “de cima”, com foco nos feitos dos “grandes homens” (e mulheres), ou “de baixo”, destacando as vidas difíceis dos oprimidos. A ênfase também pode ser colocada nas elites administrativas e militares ou na “classe média”, se existir. Qual destes caminhos será tomado depende muito das escolhas que o historiador faz, mas também é, mais uma vez, em certa medida determinado pelas fontes disponíveis. No caso da Assíria, a natureza destas fontes sofre grandes mudanças ao longo do tempo. Enquanto uma parte esmagadora dos documentos escritos da época da Antiga Assíria diz respeito às atividades económicas da classe mercantil de Ashur, a maioria dos textos e imagens do período imperial da Assíria centram-se no rei e no aparato estatal. Apenas a título de ilustração, na casa do velho comerciante assírio Usur-sha-Ishtar, em Kanesh, foram encontradas cerca de 1.600 tábuas de argila e 400 textos em envelopes, fornecendo amplo material para um estudo detalhado deste homem e sua família. Desde os tempos neo-assírios, nenhum arquivo de tamanho igual que esclarecesse a vida dos plebeus sobreviveu. Mas um corpus de texto ainda maior do que a documentação disponível para Usur-sha-Ishtar ilumina com detalhes muitas vezes surpreendentes o reinado do rei assírio Assurbanipal.²⁸

Um colosso de touro em um dos portões de entrada da cidadela de Khorsabad simboliza muito bem o desequilíbrio “regicêntrico” que caracteriza o registro histórico dos tempos neo-assírios. Na sua impressionante monumentalidade, e através da inscrição real escrita entre as pernas, a figura representa de forma imponente o formidável poder do rei neo-assírio que a encomendou, Sargão II. Mas um observador atento não deixará de notar no pedestal que segura o touro alguns quadrados interligados toscamente incisos, chamando a atenção para os humildes guardas que, entediados de ficarem parados no portão durante horas a fio, encontrariam alguma diversão em jogar um pequeno tabuleiro jogo. Na mesma linha, os leitores deste livro descobrirão que seu foco está na política, nas histórias sobre reis e rainhas, nas cidades monumentais e na arte imperial; mas também encontrarão, pelo menos ocasionalmente, vinhetas que retratam as provações e tribulações de pessoas comuns, bem como de deportados, escravos e outros homens e mulheres da base da sociedade.²⁹

À PRIMEIRA VISTA, ALGUNS ASPECTOS DA CIVILIZAÇÃO ASSÍRIA parecem estranhos e exóticos ao observador moderno. Quer seja a fé que os reis assírios depositaram em presságios e observações astrológicas ao tomar decisões políticas, os rituais religiosos idiossincráticos e práticas mágicas em que o povo da Assíria participou, a celebração agressiva da violência encontrada nas inscrições reais assírias, ou simplesmente o gosto assírio para gafanhotos: os

assírios estavam envolvidos em muitas atividades que as pessoas do século XXI podem considerar contrárias aos seus padrões intelectuais, convicções políticas ou preferências alimentares supostamente mais avançados e refinados. Contudo, a Assíria também pode parecer notavelmente moderna. Sendo o primeiro Estado “global”, combinou a expropriação imperial com atividades comerciais astutas, estas últimas enraizadas em práticas de um período anterior, quando a cidade-estado de Ashur era uma espécie de Singapura do antigo Oriente Próximo. Tal como os CEO modernos gerem as suas empresas, os reis imperiais da Assíria governaram o seu estado durante longos períodos de tempo, com foco em alcançar o melhor equilíbrio possível entre custos e benefícios. A determinação férrea com que perseguiram os seus objectivos parece bastante alinhada com o termo científico utilizado para designar o período em que o poder da Assíria atingiu o seu clímax: a Idade do Ferro.

O Império Assírio também trouxe uma nova “era da informação”. No seu esforço para controlar melhor as vastas extensões territoriais que governavam, os reis assírios encomendaram novas estradas, estações intermediárias e um sistema postal que facilitasse a comunicação entre o centro, as capitais provinciais e a periferia do reino. Os espiões estacionados em zonas fronteiriças reportavam regularmente sobre desenvolvimentos políticos e movimentos militares que ocorriam em territórios inimigos e entre os vassalos assírios. Deixando de ser abrandados pelas fronteiras e pelos estados rivais reclusos, as mercadorias e as ideias circularam mais livremente, com as elites da Assíria a adoptarem avidamente tecnologias e práticas culturais estrangeiras sempre que prometiam promover a sua causa. Entretanto, no país, uma rede de informadores enviou carta após carta ao tribunal para denunciar qualquer pessoa que parecesse, mesmo que remotamente, crítica do rei e da sua administração. Além do assírio, um novo vernáculo, o aramaico, era agora amplamente utilizado, acabando por assumir um papel comparável ao desempenhado pelo inglês no mundo global moderno. Obviamente, os assírios não tinham Internet, mas a velocidade e a frequência com que as mensagens eram enviadas e recebidas por todo o seu império eram nada menos que revolucionárias no seu tempo.³⁰

Um dos maiores mistérios da Assíria também tem um toque contemporâneo: como poderia um império tão poderoso e grande como a Assíria entrar em colapso tão total e completamente em apenas cerca de uma década? A este respeito, o destino da Assíria foi bastante diferente daquele da Roma antiga, cujo declínio e queda foram um processo longo e prolongado. Uma hipótese recente liga a queda da Assíria às alterações climáticas, um dos grandes desafios do nosso tempo e um fenómeno que muitos esperam que provoque o colapso da nossa própria civilização. Existem evidências de que as condições de seca prolongada durante o último século do Império Assírio contribuíram de facto para a diminuição lenta das colheitas. As mudanças ecológicas provocadas pelo homem afectaram também a paisagem imperial: as práticas agrícolas intensificadas promovidas pelos governadores assírios na região de Khabur, e uma série interminável de expedições de caça, levaram à extinção de partes da megafauna da região, mais notavelmente os seus elefantes. Além disso, o Rei Senaqueribe denuncia, num primeiro testemunho de consciência ecológica, que os seus antecessores reais tinham dizimado as florestas a fim de obterem madeira suficiente para os seus ambiciosos projectos de construção.

Contudo, não é tão claro se as alterações climáticas e a transformação antropogénica da biosfera foram realmente as principais causas da queda da Assíria. Na verdade, este livro argumentará que, paradoxalmente, estes fenómenos, juntamente com várias epidemias que

devastaram a Assíria por volta de 760 a.C. , podem ter contribuído mais para o surgimento do que para o desaparecimento do Império Assírio. Embora factores como a degradação ecológica e as invasões estrangeiras provavelmente também tenham desempenhado um papel, a queda da Assíria pode ter sido acima de tudo o resultado de falhas de liderança e de ilusões autocráticas de grandeza – fenómenos que também não são de modo algum estranhos aos tempos modernos.

Séculos anteriores acreditavam que a Assíria representava um outro bárbaro. Mas esta antiga civilização tem, na verdade, muito mais em comum connosco do que se possa imaginar. A Assíria produziu muitas características que, para o bem ou para o mal, ainda podem ser encontradas no mundo moderno: desde o comércio de longa distância, redes de comunicação sofisticadas e a promoção da literatura, da ciência e das artes patrocinada pelo Estado até às deportações em massa, a prática de envolvimento em violência extrema em países inimigos e o uso generalizado de vigilância política em casa. Uma nova investigação mostrou que a Assíria foi afectada, tal como nós, pela eclosão de pandemias e pelas vicissitudes das alterações climáticas, e pela forma como os seus governantes reagiram a estes desafios. A Assíria, por outras palavras, tem muito a ensinar-nos – e o momento parece propício para olharmos de novo para este antigo Estado, que durante o seu apogeu se transformou no primeiro império do mundo.

O LONGO CAMINHO PARA A GLÓRIA

1

Uma pequena cidade no Tigre

Por onde começar? Todos os historiadores, tanto aqueles que estudam as civilizações da antiga Mesopotâmia como outros, têm de lutar com esta questão. Respostas claras podem ser encontradas nas lendas, mas as lendas tendem a não ser confiáveis: assim como Roma não foi fundada em 753 por Rômulo, a Assíria não foi fundada centenas de anos antes por Nino, como pensavam os gregos, ou por Ninrode ou Ashur, como os gregos pensavam. afirma a Bíblia Hebraica, ou mesmo por um certo Tudiya, o primeiro governante mencionado na Lista de Reis Assírios. A história é mais complicada. Como disse o romancista alemão Thomas Mann, com um talento literário característico, nas frases introdutórias de *Joseph and His Brothers*, seu famoso épico da história antiga do Oriente Próximo: “Profundo é o poço do passado. Não deveria ser chamado de sem fundo?”

As raízes da civilização assíria remontam aos tempos pré-históricos. Há mais de dez mil anos, a área no norte do Iraque que mais tarde veria o nascimento do reino assírio desempenhou um papel importante no surgimento da agricultura, da pecuária e de outras tecnologias da civilização. Não há evidências de que as pessoas que produziram estes desenvolvimentos fossem os primeiros “assírios”. Mas entre 2.500 e 1.700 A.C., uma identidade assíria tangível começou a tomar forma, com características sociopolíticas, culturais e linguísticas que definiriam os assírios até o fim do reino assírio. Embora muito pouco se saiba sobre os primeiros quinhentos anos deste período, está claro que agora havia pessoas que falavam a língua assíria, construíam templos assírios e acreditavam que o deus Ashur, adorado na cidade de mesmo nome, era seu verdadeiro rei.

Os três séculos após 2.000 AEC — o chamado período da Antiga Assíria — testemunharam o florescimento do primeiro estado “assírio” independente. Com o seu governo em grande parte limitado à cidade de Ashur, a sua aversão à guerra e as suas estruturas governamentais baseadas em instituições cívicas em vez de num monarca todo-poderoso, a cidade-estado de Ashur era em muitos aspectos o oposto do império que a Assíria iria eventualmente se tornar. Mesmo assim, com os seus amplos interesses comerciais, renunciou duas características centrais que definiriam o império posterior: os seus amplos horizontes geográficos e a sua capacidade de aquisição.

O NORTE DO IRAQUE NÃO FOI APENAS O BERÇO DA CIVILIZAÇÃO ASSÍRIA; desempenhou um papel importante na história da espécie humana muito antes de Ashur se estabelecer. Restos de Neandertais foram encontrados na Caverna Shanidar, na província de Erbil, datando de cerca de setenta mil anos. Grupos engajados na caça e coleta habitaram a região há dezenas de

milhares de anos. Então, lenta mas inexoravelmente, grandes mudanças começaram a ocorrer. A partir de cerca de 10.000 A.C., durante o chamado período Neolítico, cada vez mais pessoas começaram a viver em comunidades estabelecidas, praticando a pecuária e a agricultura. Eles domesticaram porcos, ovelhas e cabras e cultivaram o emmer e o einkorn selvagens nativos, variedades antigas de trigo. Eles também começaram a produzir cerâmica, um importante tipo de artefato para os arqueólogos pré-históricos, que traçam o movimento das tradições culturais e das pessoas por trás delas, analisando os estilos cerâmicos encontrados em diferentes sítios antigos. Algumas das primeiras cerâmicas conhecidas do Oriente Médio vêm de Hassuna, em meados do sétimo milênio AC, um local a cerca de 35 quilômetros (cerca de 22 milhas) a sudoeste de Nínive.¹

A Revolução Neolítica que colocou a humanidade, para o bem ou para o mal, no caminho da modernidade foi forjada numa região conhecida como Crescente Fértil, uma zona semicircular que se estende do sul da Palestina até à Anatólia e depois até à cordilheira de Zagros, no sudeste da Turquia, Iraque, e Irã. Em toda esta área, as chuvas foram abundantes o suficiente para permitir a agricultura estabelecida. A região que mais tarde formaria o núcleo da Assíria, um triângulo marcado pelas cidades de Nínive ao norte, Arbela ao leste e Ashur ao sul, fica no segmento nordeste do Crescente Fértil. Demarcada pelas franjas ocidentais das Montanhas Zagros, a leste, pelo sopé sul da cordilheira do Taurus, a norte, e pelo Deserto Sírio, a oeste (na antiguidade, uma área menos árida do que é hoje), é uma terra de colinas onduladas, colinas e planícies, atravessadas pelo rio Tigre que flui para o sul e seus principais afluentes orientais, o Alto e o Baixo Zab.²

Ashur fica apenas na faixa de 200 milímetros (cerca de 8 polegadas) de precipitação anual, a quantidade mínima necessária para a agricultura de sequeiro. O potencial do seu interior para a agricultura foi, portanto, sempre precário. Isto deve ter levado os habitantes de Ashur, desde cedo, a envolverem-se em outras actividades económicas para além da agricultura, sobretudo no comércio.

A jusante de Ashur, mais ao sul, em direção ao Golfo Pérsico, estava o berço de outra grande civilização: a Babilônia. Estreitamente interligada com a Assíria em termos económicos, culturais e, eventualmente, políticos, a Babilônia exerceu, ao longo dos milénios, uma influência significativa no seu vizinho do norte.

Em nítido contraste com a situação geográfica da Assíria, a terra da Babilônia era uma planície aluvial plana, formada e definida pelos rios Eufrates e Tigre e com pouquíssimas chuvas para permitir a agricultura de sequeiro, ou a chamada agricultura de sequeiro. Mas à medida que grupos de povos neolíticos, impulsionados pela pressão populacional cada vez maior, migravam lentamente para sul a partir do norte do Iraque, descobriram que havia outras formas de transformar o terreno inóspito da Babilônia numa paisagem agrícola produtiva. Eles estabeleceram que o solo aluvial transportado pelos dois grandes rios era extremamente fértil e, quando adequadamente irrigado, capaz de produzir rendimentos agrícolas significativamente mais elevados do que em qualquer outro lugar no antigo Oriente Próximo. Levar a água até onde era necessária, porém, era difícil e exigia muito trabalho manual. Uma rede de canais, preenchidos a partir do Eufrates e do Tigre, teve de ser criada, represas tiveram de ser construídas e os campos tiveram de ser drenados para evitar a salinização. Isso não poderia ser feito sem uma força de trabalho organizada. Além disso, como as matérias-primas básicas, como a pedra e a madeira, não estavam disponíveis no sul da Mesopotâmia, alguém tinha de garantir que fossem importadas de outras regiões. Ao

mesmo tempo, uma diminuição gradual ao longo do tempo nos níveis da água forçou as pessoas a viver em menos assentamentos, mas maiores.

Em resposta a tais desafios, foram alcançados vários marcos importantes, habitualmente associados ao nascimento da “civilização”, na planície aluvial do sul do Iraque durante o quarto milénio AEC. Um deles era uma cultura urbana totalmente desenvolvida. A primeira cidade real do mundo, Uruk, mais tarde famosa como a residência do lendário rei Gilgamesh, pode ter tido até sessenta mil habitantes por volta de 3.000 AC. Alguns séculos antes, o cuneiforme, o sistema de escrita mais antigo do mundo, foi inventado em Uruk. Outros avanços históricos da época, que marcaram o fim do Neolítico e o início da Idade do Bronze, incluem a ascensão de uma nova elite administrativa, o aumento da estratificação social, novos padrões de processamento e redistribuição de mercadorias como grãos e lã, novas ideias religiosas e instituições, e o aumento do uso de bronze em vez de pedra para instrumentos, armas e vasos. Todas estas inovações, talvez mais importante ainda a invenção da escrita, moldariam o mundo do antigo Oriente Próximo durante os milénios seguintes. Mas isto aconteceu gradualmente, demorando séculos em alguns lugares, e o progresso não ocorreu sem contratempos.³

O Norte da Mesopotâmia seguiu durante muito tempo um caminho próprio. Algum desenvolvimento (proto)urbano já tinha ocorrido na região durante o Neolítico, por exemplo em Hamoukar, no nordeste da Síria, perto da fronteira com o Iraque. Durante o quarto milénio, este local abrigou um assentamento de tamanho considerável. Milhares de selos de argila e quantidades substanciais de obsidiana, importadas de regiões distantes, indicam que Hamoukar, uma reminiscência da mais tarde cidade-estado de Ashur, estava envolvido em formas complexas de comércio de longa distância nesta época. Mas por volta de 3500, grandes partes de Hamoukar foram destruídas, talvez por guerreiros de Uruk, naquele que pode ser o primeiro exemplo mundial de guerra urbana.⁴

Embora a história posterior de Hamoukar não tenha sido particularmente notável e não tenha significado para a eventual ascensão da Assíria, o oposto é verdadeiro para outro local da Alta Mesopotâmia com raízes neolíticas: Nínive. Localizada junto a um importante vau através do Tigre e habitada a partir de cerca de 6000 A.C., Nínive continuou a ser um importante centro regional e depois transregional durante os milénios seguintes, apesar das fases intermitentes de declínio urbano. Mas antes de meados do segundo milénio, Nínive ainda não era uma cidade “assíria”, pelo menos se entendermos “assíria” num sentido etnolinguístico. Em vez disso, foi dominado, tanto em termos políticos como culturais, por membros de um grupo étnico conhecido como hurritas. Durante o século XXI A.C., a deusa principal de Nínive, mais tarde identificada com a semítica Ishtar, tinha o nome hurrita Shaushka (lit., “a Grande [Deusa]”). Ashur, a divindade mais intimamente associada a uma identidade genuinamente assíria do que qualquer outra, não era adorada em Nínive – o seu centro de culto ficava noutro lugar.⁵

EM VEZ DE NÍNIVE, AS ORIGENS DA CIVILIZAÇÃO ASSÍRIA podem ser encontradas em Qal'at Sherqat, o local da já mencionada antiga cidade de Ashur, que eventualmente daria o nome à terra da Assíria. Localizada a cerca de 100 quilómetros (62 milhas) a sul de Mosul, num penhasco rochoso que se elevava cerca de 40 metros (130 pés) acima da margem ocidental do Tigre, Ashur era uma fortaleza natural e, graças à sua posição perto de um vau do rio numa

importante rota comercial, adequada para se tornar um importante centro comercial. Ligou a planície aluvial do sul com territórios ricos em recursos no norte, e as férteis terras agrícolas a leste do Tigre com as regiões de estepe atravessadas por pastores mais a oeste.⁶

Por volta de 2.700 AC, a região do Médio Tigre passou por uma fase de maior urbanização, e é provável que Ashur também tenha se tornado uma cidade de alguma importância durante este período. A área que se estende de Ashur em direção ao norte até o sopé das cordilheiras de Taurus e Zagros era conhecida na época como Shubur ou Subartu. Pelo menos intermitentemente, esteve sob domínio do sul: uma inscrição em pedra da cidade babilônica de Kish, provavelmente escrita entre 2750 e 2600 A.C., registra a deportação de 6.300 prisioneiros de guerra de Shubur/Subartu para o sul, onde foram aparentemente forçados a trabalhar em pomares. Ashur ainda não é mencionado nesta inscrição, mas está incluído em uma lista de nomes geográficos babilônicos de meados do terceiro milênio, onde aparece junto com várias cidades localizadas ao longo do limite norte da planície aluvial da Babilônia.

7

Mais ou menos na mesma época, os primeiros vestígios arqueológicos de algum significado foram descobertos em Ashur. Perto do centro da cidade, bem abaixo das fundações de vários edifícios posteriores dedicados ao culto da deusa Ishtar, escavadores encontraram os restos de um santuário anterior, sem dúvida construído para homenagear a mesma divindade ou um dos seus primeiros avatares. Uma “grande deusa” também foi adorada desde o início em Nínive, e provavelmente também em Urbil(um), mais tarde Arbela, sugerindo que uma das raízes espirituais da civilização assíria era uma forte crença numa poderosa divindade feminina. Não está claro se o deus Ashur desempenhou um papel igualmente importante nesta época inicial - a data das camadas arqueológicas mais profundas na área do posterior Templo Ashur, localizado no promontório nordeste da cidade, ainda não pode ser estabelecida com certeza.⁸

As descobertas do “arcaico” Templo de Ishtar em Ashur também lançaram alguma luz sobre as pessoas que viviam na cidade naquela época. A sala principal do templo, com cerca de 16 × 6 metros (52 × 20 pés) de tamanho, apresentava em uma de suas laterais estreitas um nicho com pedestal contendo a imagem de culto da deusa. Uma pequena bacia para sangue de animais sacrificados, porta-incensos de argila e vasos de libação fornecem pistas sobre alguns dos rituais realizados no templo. Mas as descobertas mais notáveis feitas nos escombros do santuário foram fragmentos de cerca de noventa estátuas votivas, geralmente com menos de 50 centímetros (20 polegadas) de altura, que haviam sido originalmente posicionadas em bancos baixos de tijolos de barro que revestiam as laterais compridas da sala interna. Feitos de pedra, eles retratam adoradores com as mãos postas e olhos anormalmente arregalados, sem dúvida criados no santuário para representar os membros das famílias da elite de Ashur diante da deusa em oração ininterrupta. Alguns deles provavelmente foram dedicados pelos líderes políticos de Ashur, quem quer que fossem na época. Outros retratam mulheres, que devem ter ocupado posições de considerável influência na sociedade inicial de Ashur (ver Ilustração 4).⁹

As estatuetas do Templo de Ishtar lembram fortemente as estátuas votivas do sul da Babilônia, na época habitado por um grupo étnico conhecido como sumérios. Baseando suas idéias em semelhanças como roupas cobertas com fileiras de tufo de lã estilizados e homens com cabeças raspadas, os primeiros estudiosos sugeriram que a população de Ashur incluía um elemento sumério pronunciado durante meados do terceiro milênio. Mas esta ideia,

baseada numa compreensão “étnica” falha da arte do antigo Oriente Próximo, é agora amplamente rejeitada. Parece mais provável que o povo de Ashur falasse uma língua semítica na época, possivelmente uma versão antiga do assírio. Um fragmento de pedra inscrito de Ashur, provavelmente datado do período entre 2500 e 2250 A.C. , lista têxteis e cobre apresentados a vários indivíduos, pelo menos um dos quais, um certo Beli-[...], tinha claramente um nome semita, significando "Meu senhor é [...]." ¹⁰

As semelhanças acima mencionadas são, no entanto, intrigantes. Eles evidenciam a forte influência que o sul culturalmente mais avançado exerceu sobre Ashur desde o início. Essa influência se estendeu à esfera política. A poderosa dinastia do sul de Akkad, fundada por volta de 2350 AC por um rei chamado Sargão e logo no comando de grande parte da Ásia Ocidental, também governou Ashur. Os governantes acadianos prestaram homenagem à deusa Ishtar de Ashur por meio de presentes votivos, que incluíam uma cabeça de maçã de pedra com uma inscrição mencionando o rei acadiano Rimush. As primeiras tabuinhas cuneiformes de Ashur, documentos econômicos e “textos escolares” produzidos por jovens estudantes, datam também do período acadiano. Os textos escolares refletem as tradições dos escribas introduzidas sob os reis acadianos, talvez marcando o início do fascínio duradouro que o povo de Ashur sentia pelo legado político e cultural de Akkad. Os governantes posteriores de Ashur adotariam os nomes dos dois reis acadianos mais famosos, Sargão e Naram-Sîn, e uma lenda apresentando o rei Sargão estava entre as poucas tabuinhas literárias encontradas na antiga colônia comercial assíria de Kültepe/Kanesh. ¹¹

Há indícios de que Ashur já estava fortemente envolvido no comércio terrestre na época em que era governado por Akkad. A cidade é mencionada em alguns textos do período acadiano de Gasur, uma antiga cidade a sudoeste da moderna cidade de Kirkuk, no leste do Iraque, sugerindo que ela participava do intercâmbio comercial com o Irã na época. ¹²

O primeiro governante local de Ashur conhecido a partir de registros textuais é um certo Ititi, filho de Inin-labba. De acordo com uma inscrição votiva em uma placa de pedra do Templo de Ishtar em Ashur, ele dedicou a Ishtar uma parte do “despojo de Gasur”, aparentemente após conquistar aquela cidade. Infelizmente, o texto intrigante deixa algumas questões cruciais sem resposta. O título de Ititi é escrito com um sinal que pode ser interpretado como *waklum* , “Supervisor”, ou como *iššiakkum* , “Administrador” ou “Governador”. Se o primeiro estiver correto, Ititi teria sido um governante independente, talvez logo após o colapso do estado acadiano por volta de 2200 aC , ostentando um título mais tarde também assumido pelos governantes hereditários do antigo período assírio e intimamente ligado à “Cidade” de Ashur. Assembleia” (*ālum assírio*), uma instituição legislativa e judicial. Neste caso, o sistema político em vigor durante os tempos da Antiga Assíria teria tido antecedentes muito anteriores. Se, em vez disso, o título de Ititi fosse o de *iššiakkum* , teríamos que assumir que ele era um governador que governou Ashur em nome dos reis acadianos. Qual dessas alternativas está correta ainda não está claro. O fato de o nome do pai de Ititi, Inin-labba, significar “Ishtar-é-um-Leão” sugere novamente que pode ter sido Ishtar, e não o deus Ashur, quem dominou o panteão da cidade de Ashur antes do século XXI AEC . . ¹³

Se Ashur, na sequência do período acadiano, foi de facto governado por líderes locais soberanos, então a sua independência não durou muito. Por volta de 2100 A.C. , sob a chamada Terceira Dinastia de Ur, outro reino poderoso emergiu na Babilônia. Em pouco tempo, Ashur viu-se novamente sujeita ao domínio do sul, desta vez como uma província militar periférica

do estado de Ur III. Quando um governador militar de Ashur chamado Zarriqum (ou Sarriqum) construiu o templo da deusa Belat-ekallim, ele o fez em nome do rei de Ur III, Amar-Suen (r. ca. 2044–2036 aC). Zarriqum é atestado em documentos de Ur III do sul da Mesopotâmia datados de 2.048 a 2.040 AC e pode ter sido instalado em Ashur pelo grande governante de Ur III, Shulgi (r. ca. 2092–2045 AC); de forma reveladora, Zarriqum nomeou um de seus filhos Shulgi -ili, que significa “Shulgi-é-meu-Deus”. A certa altura, Zarriqum visitou o coração do estado de Ur III com uma comitiva de nada menos que cinquenta homens, o que sugere que Ashur já era uma cidade de algum significado. ¹⁴

Conforme revelado por um texto econômico da cidade de Puzrish-Dagan, no sul, outro visitante do sul foi um comerciante chamado Ilshu-rabi, filho de um certo Puzur-Ashur e, portanto, claramente cidadão de Ashur. Ele trouxe alfinetes elaboradamente decorados, mais uma indicação de que o papel de Ashur como centro comercial precedeu o período subsequente da Antiga Assíria. Como outros documentos de Ur III listam indivíduos com nomes que incluem também o elemento divino Ashur, é, além disso, evidente que o deus Ashur havia se tornado uma divindade de grande importância nessa época. Claramente, em meados do século XXI AC, os elementos centrais da identidade religiosa de Ashur estavam totalmente formados e as ambições comerciais dos seus residentes tornaram-se a principal força motriz da cidade. Ashur estava pronto para assumir um novo papel: o de centro econômico e religioso autogovernado. ¹⁵

É PROVÁVEL QUE ASHUR TENHA CONQUISTADO A SUA INDEPENDÊNCIA NÃO MUITO depois de 2025 AEC . Nessa altura, o estado de Ur III, exausto pelo seu sistema hiper-burocrático de controlo económico e sob a ameaça dos seminómadas semitas amorreus que nele se infiltravam vindos de várias direcções, entrou numa fase final de colapso lentamente acelerado.

O que exatamente desencadeou a transformação que Ashur experimentou nas décadas por volta de 2.000 AC permanece um mistério. Infelizmente, a Lista de Reis Assírios não é totalmente confiável quando se trata da história mais antiga de Ashur. Não menciona nem Ititi nem Zarriqum, afirmando em vez disso que Ashur foi inicialmente governado por dezassete “reis que viviam em tendas” – o primeiro dos quais se chamava Tudiya – e depois por dez “reis que foram antepassados”. Mas é claro que estes dois grupos de governantes são acréscimos posteriores à lista, derivados de tradições genealógicas populares entre os amorreus e originalmente extrínsecas à história assíria. Eles provavelmente foram incorporados durante o reinado do rei conquistador de Ashur, Shamshi-Adad I (r. ca. 1808–1776 AC). ¹⁶

Aproximamo-nos da história real com o próximo grupo de governantes da Lista de Reis. Estes compreendem “seis reis (cujos nomes) são encontrados em tijolos, mas cujos epônimos são desconhecidos”. “Epônimo” (*limmum assírio*) é o termo moderno para os oficiais de alto escalão que deram origem aos assírios, começando com o reinado de Erishum I (r. ca. 1969–1930 AC), nomearam anos individuais de seu calendário. Como o primeiro dos seis governantes que supostamente estavam no poder antes da implantação desse sistema, a lista nomeia um certo Sulili (ou Sulê). Ele provavelmente pode ser identificado com um “Silulu filho de Dakiku”, cujo nome ocorre na inscrição de um selo que foi encontrado impresso em várias tabuinhas posteriores e envelopes de argila de Kanesh. A inscrição do selo afirma que Silulu serviu como “Regente de Ashur”, um dos títulos mais comuns dos governantes de

Ashur ao longo da história, bem como “Arauto (*nāgirum*) da cidade de Ashur”, uma designação mais excepcional. Com base em critérios estilísticos, o selo Silulu data provavelmente do século XXI A.C.. Embora a conclusão de que Silulu governou pouco antes da tomada de Ur III não possa ser descartada, parece mais provável que ele tenha sido o primeiro de uma longa série de líderes independentes que ocuparam cargos em Ashur depois que a cidade escapou do controle de Ur III. reino. Silulu pode ter sido idêntico a um certo Ilaba-si/ululi(?), “governador de Ashur”, mencionado em um texto de Ur. Nesse caso, pode-se supor que ele inicialmente serviu como outro administrador-chefe instalado em Ashur pelos reis de Ur III, antes de cortar laços com seus senhores feudais do sul. A imagem no selo de Silulu mostra um herói triunfante colocando o pé sobre um inimigo prostrado, talvez uma indicação de que Silulu conquistou sua nova posição pela força. ¹⁷

O mais notável é que a inscrição do selo de Silulu não começa com seu nome e títulos, mas com a retumbante declaração de que “Ashur é rei”. Este é o credo teocrático, aqui encontrado pela primeira vez, que definiria a identidade política de Ashur nos séculos seguintes. Um modelo ideológico semelhante é conhecido em Eshnunna, uma cidade na Babilônia, na região oriental do Tigre, onde o deus Tishpak era “rei” e o governante, tal como em Ashur, o seu “administrador”. Eshnunna tinha laços culturais estreitos com Ashur e pode ter sido o local onde se originou esta concepção político-teológica. ¹⁸

Uma expressão mais elaborada de como os governantes de Ashur concebiam seu deus durante o período da Antiga Assíria pode ser vista em uma inscrição incomumente enigmática e poética do rei Erishum I, algumas décadas depois de Silulu. Originalmente inscrito em uma estela erguida perto do Step Gate, a estrutura em Ashur onde a justiça era administrada, o texto é conhecido por duas cópias em tábuas de argila de Kanesh:

Que a justiça prevaleça em minha cidade! Ashur é rei! Erishum é o Regente de Ashur!
Ashur é um pântano que não pode ser atravessado, um terreno que não pode ser pisado, canais que não podem ser atravessados.

Aquele que contar uma mentira no Step Gate, o demônio das ruínas quebrará sua cabeça como um pote que quebra. ¹⁹

Ashur é apresentado neste texto como uma divindade que não pode realmente ser apreendida ou visualizada (embora ele não estivesse completamente isento de desejos mundanos, por exemplo, por álcool, como indica a colocação por Erishum de dois enormes tonéis de cerveja na área do Templo de Ashur.). Algumas evidências sugerem que o deus tinha qualidades bovinas: durante o reinado de Erishum, seu templo era chamado de “Touro Selvagem”, e uma impressão de selo do século XVIII aC em *ACEMHÖYÜK*, na Anatólia, o retrata como uma rocha com quatro patas e uma cabeça de touro projetando-se de seu meio. A rocha nesta imagem provavelmente representa a porção elevada do nordeste da cidade de Ashur, mas aparentemente também o Monte Ebi 𒂗, onde, de acordo com uma inscrição do pai de Erishum I, Ilushumma, Ashur abriu duas fontes para fornecer água à sua cidade. Um mito sumério conhecido na Babilônia liga Ebi 𒂗 à deusa Inanna, a contraparte suméria de Ishtar. ²⁰

Em todos esses textos, Ashur aparece como uma divindade misteriosa intimamente associada à natureza – uma conceituação incomum do divino no mundo mesopotâmico mais amplo, onde as divindades eram normalmente adoradas em forma humana. O antigo selo

divino assírio impresso no Tratado de Sucessão de Esarhaddon de 672 AC pode até representar Ashur de uma forma completamente anicônica: o espaço onde se esperaria que ele fosse retratado, entre uma divindade feminina e uma figura masculina, está vazio. Mas, pelo menos ocasionalmente, Ashur aparentemente também era venerado de forma antropomórfica. Isto é sugerido por uma carta encontrada em Kanesh, na qual comerciantes assírios de Urshu, outra colônia mercantil da Anatólia, queixam-se amargamente de que “o que nunca aconteceu antes (aconteceu agora). Ladrões entraram no templo de Ashur, (roubando) o sol dourado (disco) no peito de Ashur e a adaga de Ashur. Eles não deixaram nada. Procuramos os ladrões, mas não os encontramos.” ²¹

Além de Ashur, outras divindades também desempenharam papéis importantes na antiga Ashur assíria. O Templo de Ishtar, em particular, permaneceu um santuário de tamanho considerável e um local popular para deixar presentes votivos. Em algum momento, uma sacerdotisa chamada Abshalim procurou conquistar o coração da deusa, fornecendo-lhe o modelo de uma vagina feita de bronze. Ainda assim, a cidade-estado passou a ser dominada por Ashur, o deus que partilhava o seu nome com a cidade. ²²

NA ÉPOCA DE ERISHUM I (r. ca. 1969–1930 AC), ASHUR JÁ ERA uma cidade-estado independente há várias décadas. Erishum pertencia a uma “dinastia” de governantes hereditários que consideravam um certo Puzur-Ashur (I) como seu ancestral. A tradição posterior credita a Puzur-Ashur, cujo reinado deve ter começado no final do século XXI A.C., as obras de construção do Templo Ashur e das muralhas da cidade. Ele também é mencionado na Lista de Reis Assírios, entre os “seis reis cujos epônimos são desconhecidos”, onde aparece depois de Sulili/Sulê e de outros dois governantes provavelmente pertencentes a uma família diferente. Não se sabe como Puzur-Ashur assumiu sua posição. Seus sucessores imediatos, Shalim-ahum e Ilushumma, deixaram inscrições descrevendo o trabalho que realizaram nos templos de Ashur e Ishtar.

Começando com Erishum I, filho de Ilushumma, a Lista de Reis Assírios fornece informações sobre a duração dos reinados dos governantes de Ashur. O autor que escreveu a primeira versão da Lista de Reis deve ter extraído esses dados das listas de epônimos anuais que estavam em circulação desde o reinado de Erishum. Essas listas foram encontradas em Kanesh e permitiram que estudiosos modernos estabelecessem uma sequência relativa dos milhares de documentos da Antiga Assíria daquele local, muitos dos quais são datados por epônimos. ²³

A “dinastia” estabelecida por Puzur-Ashur I incluía nove governantes hereditários que permaneceram no comando durante cerca de duzentos anos, até o reinado de Shamshi-Adad I começando no final do século XIX A.C.. Mas o termo “governantes” e a afirmação de que eles estavam “no comando” são um tanto enganosos quando se descreve o sistema político do antigo período assírio. A rigor, Ashur não foi “governado” por Puzur-Ashur e seus sucessores, que nem sequer foram autorizados a se autodenominarem “reis”. Em vez disso, como mencionado anteriormente, eles usaram o título mais modesto *rubā’um*, “Príncipe”, juntamente com alguns outros, mais importante ainda “Regente de Ashur” e “Supervisor”. Embora aparentemente fossem responsáveis pelo culto e pela construção e reforma de templos, os líderes hereditários de Ashur eram, na arena política e econômica, *primi inter pares* (primeiros *entre* iguais), na melhor das hipóteses - e não no sentido da igualdade

fingida que os romanos imperadores propagaram ao usar o termo, mas literalmente. Eles tiveram que compartilhar o seu poder com a “Cidade”, um órgão democrático, e com os funcionários “aristocráticos” do *limmum*, escolhidos entre as principais famílias de mercadores de Ashur. Teóricos políticos clássicos como Aristóteles ou Políbio poderiam ter descrito a estrutura política da antiga cidade-estado assíria, com as suas instituições cívicas interligadas mas em grande parte autónomas, como uma “constituição mista”.²⁴

A “Cidade” (*ālum*) era uma assembleia popular, provavelmente chefiada por um grupo de “anciãos”, que pode ter composto todos os cidadãos livres do sexo masculino de Ashur. Qualquer cidadão poderia apresentar queixas a este órgão, cujas decisões eram implementadas pelo “governante” na sua qualidade de superintendente. A Assembleia da Cidade reuniu-se num espaço aberto (talvez na área da posterior torre do templo de Ashur) perto do Portão Degrau atrás do Templo de Ashur, onde uma estela de pedra com leis inscritas foi erguida. Pelo menos algumas destas leis tratavam de actividades comerciais, estipulando, entre outras coisas, que, sob pena de morte, nenhum cidadão de Ashur deveria vender ouro importado da Anatólia a qualquer comerciante babilónico, hurrita ou amorreu – um dos primeiros exemplos de protecção económica. Assembleias de cidadãos livres também existiam nas colónias comerciais de Ashur na Anatólia, principalmente em Kanesh.

25

A percentagem de cidadãos livres na população de Ashur é difícil de avaliar, mas provavelmente estava abaixo dos 50 por cento. Muitos residentes de Ashur pertenciam a várias categorias de pessoas não-livres, desde escravos móveis até servos abastados que conduziam negócios em nome de seus senhores. Alguns deles foram comprados, enquanto outros foram reduzidos à condição de dependentes por dívidas. Documentos de Kanesh indicam que comerciantes abastados podiam possuir até vinte escravos.²⁶

As atribuições da Assembleia Municipal eram principalmente de natureza jurídica; foi a Prefeitura (assíria *bēt ālim*) que serviu como principal instituição económica e administrativa de Ashur. A Prefeitura era responsável pela tributação, pelo celeiro e tesouraria da cidade, pelos pesos e medidas e demais aspectos da vida fiscal e comercial de Ashur, e tinha selo próprio. O chefe da Prefeitura era o funcionário conhecido como *limmum*. Recrutado, pelo menos na maioria das vezes, entre as principais famílias de Ashur, o *limmum* foi aparentemente selecionado por sorteio e serviu por um ano. Ao contrário de períodos posteriores, os governantes hereditários de Ashur nunca ocuparam o cargo *limmum*.²⁷

Os anos do calendário usado em Ashur foram nomeados em homenagem ao *limmum* que estava no cargo na respectiva época. Isto contrasta fortemente com as práticas de calendário do sul da Mesopotâmia, onde os anos eram nomeados em homenagem a algum grande feito que o monarca governante (muitas vezes considerado divino no início do segundo milénio) tinha alcançado no ano anterior. Um exemplo típico, da cidade de Larsa, é “Ano em que o rei Sumuel derrotou o exército de Kazallu e seu rei com suas armas”. Nomes de anos como este foram registrados em milhares de documentos legais e administrativos e serviram como importante ferramenta de propaganda real. O fato de nenhum nome de ano no estilo sulista estar em uso em Ashur mostra mais uma vez a autoridade limitada reivindicada pelos líderes hereditários da cidade.

Outra indicação das restrições aplicadas ao poder desses líderes é encontrada na paisagem urbana de Ashur. Durante as fases anteriores do período da Antiga Assíria, aparentemente ainda não havia palácio (*ekallum*) em Ashur. Nos milhares de textos assírios

antigos desta época, as referências a tal edifício estão visivelmente ausentes, e também faltam evidências arqueológicas claras de um palácio anterior ao reinado de Shamshi-Adad I. A área do palácio posterior de Shamshi-Adad pode ter sido ocupada pela Prefeitura. Definitivamente, nada parecido com uma “corte real” assíria existia antes de Shamshi-Adad. Embora os antigos textos assírios se refiram repetidamente a “chefes copeiros” ou “portadores de cetro” servindo aos governantes de Kanesh, nenhuma dessas profissões é atestada em relação a Ashur. Os governantes hereditários de Ashur, em outras palavras, provavelmente viviam em bairros luxuosos, mas não palacianos, assim como outros cidadãos ricos. Tal como estes cidadãos ricos, revelam os textos de Kanesh, os governantes participavam no comércio terrestre, enviando os seus próprios filhos com caravanas para a Anatólia e seguindo as mesmas regras e regulamentos que se aplicavam a todos os outros.²⁸

O COMÉRCIO É O QUE DEFINIA A ANTIGA CIDADE-ESTADO ASSÍRIA, E ser cidadão de Ashur parece significar que você era um comerciante. O comércio de longa distância no antigo Oriente Próximo tinha raízes que remontam aos tempos pré-históricos. O lápis-lazúli, por exemplo, já era comercializado há oito mil anos, desde o leste do Afeganistão até à Ásia Ocidental e ao Egito. As conexões com áreas de recursos remotas eram normalmente indiretas e baseadas em vários circuitos de troca interligados. Os antigos mercadores assírios podem não ter percebido que um dos seus bens comerciais mais importantes, o estanho (um recurso estratégico necessário para a produção cada vez mais importante de bronze), veio em última análise da Ásia Central. Além do estanho, os comerciantes de Ashur negociavam principalmente com têxteis. Alguns deles eram caseiros, enquanto outros eram importados da Babilônia, que não só produzia enormes quantidades de grãos, mas também abrigava grandes rebanhos de cabras e ovelhas para fornecer lã.²⁹

Para vender estanho e têxteis em troca de prata e outros metais preciosos e matérias-primas, os mercadores de Ashur recorreram a uma complexa rede de empórios, o mais importante dos quais era a cidade de Kanesh, na Anatólia central, 950 quilômetros (cerca de 590 milhas) a noroeste de Ashur. Kanesh era um assentamento com cerca de 150 hectares (cerca de 370 acres) de área e provavelmente abrigava até 25 mil pessoas. Era, portanto, muito maior que Ashur, com seus 40 hectares (cerca de 100 acres) e cinco mil a oito mil residentes. A cidade alta de Kanesh compreendia vários templos e um palácio local, que foi construído recentemente por volta de 2020 AC. A sua cidade baixa incluía áreas relacionadas com a produção e bairros residenciais, um dos quais era reservado aos representantes das famílias mercantis de Ashur envolvidas no comércio de longa distância da Anatólia. A partir do reinado de Erishum I, muitos desses representantes estabeleceram-se permanentemente em Kanesh, onde gozavam de uma série de direitos extraterritoriais e de autonomia jurídica. O governante local, em troca, lucrava com os impostos de importação que impunha aos comerciantes e com seu direito de preferência. Alguns dos mercadores de Ashur viajaram para cidades distantes, como Durhumit, perto do Mar Negro, e Purushhaddum, na Anatólia Ocidental, de onde as mercadorias foram transferidas para outros circuitos comerciais, eventualmente seguindo para a Trácia e o Egeu.³⁰

As quase vinte e cinco mil tabuinhas cuneiformes encontradas até agora em Kanesh, nas casas das famílias de comerciantes de Ashur, fornecem uma imagem detalhada dos seus empreendimentos comerciais, normalmente baseados na iniciativa privada, envolvendo

riscos consideráveis e incluindo características modernas, como cheques ao portador (nos quais o pagamento é feito ao titular do cheque, que veio em forma de tablet em Kanesh). Os mercadores de Ashur foram autorizados por tratado a operar em apenas uma região, a Anatólia central, enquanto outros territórios, especialmente no noroeste da Síria e no Levante, eram aparentemente servidos por outras redes comerciais. As mercadorias eram enviadas em caravanas que levariam cerca de cinquenta dias na viagem de Ashur a Kanesh. O principal meio de transporte era o burro, animal adequado para navegar em diversos tipos de terreno e capaz de transportar uma carga de até 20% do seu peso corporal. Os burros usados pelos mercadores assírios carregavam cada um até 70 quilogramas (155 libras) de estanho, além de vários tipos de têxteis.³¹

Os lucros do comércio de longa distância poderiam ser substanciais. Em Ashur, o estanho era vendido por prata a uma taxa média de 15 para 1, enquanto a mesma taxa na Anatólia era de 7 para 1. As quantidades de metal comercializadas eram cuidadosamente pesadas. Dado que os custos de transporte, as portagens e os impostos reduziram significativamente os ganhos que os comerciantes esperavam obter, alguns deles envolveram-se no negócio obscuro do contrabando. Numa carta encontrada em Kanesh, um certo Buzazu escreve que estava hospedado num local onde o estanho era muito procurado e pede que os destinatários lhe enviem quantidades significativas do metal. Como a estrada principal em direção a ele corta uma cidade que cobra pedágios pesados, Buzazu sugere que aqueles que trazem o estanho deveriam contornar a cidade por um pequeno caminho de contrabandista ou esconder pelo menos parte do metal em suas roupas íntimas. Outra carta mostra que a operação acabou sendo cancelada. Mas o caso ilustra que os comerciantes não tiveram escrúpulos em utilizar meios ilegais para maximizar os lucros.³²

Com os preços na Anatólia três a quatro vezes mais elevados do que em Ashur, o comércio de têxteis era ainda mais lucrativo do que o de estanho. Muitas das cartas e documentos de Kanesh discutem os têxteis, muitas vezes com detalhes surpreendentes. Eles revelam, por exemplo, que uma mulher levaria até 150 dias para produzir um tecido de tamanho padrão de 4 × 4,5 metros (cerca de 13 × 15 pés). Frequentemente, os correspondentes queixam-se do estado podre das roupas: “Ouvimos dizer que os têxteis estão infestados de traças. Por que você não os examinou e por que seu relatório não chegou?” um grupo de comerciantes em Kanesh escreveu a um parceiro de negócios.³³

Os têxteis não tinham apenas uma importância prática eminente, mas também marcavam a posição social. Assim como as pessoas hoje, os antigos assírios e babilônios acreditavam fortemente que “as roupas fazem o homem”. Numa carta da Babilônia, da época das colônias comerciais assírias, um jovem repreende a sua mãe num tom que muitos pais modernos de adolescentes temperamentais e preocupados com a marca conhecem muito bem:

De ano para ano, as roupas dos jovens cavalheiros aqui ficam melhores, mas vocês deixam as minhas roupas piorarem... Numa época em que em nossa casa a lã se esgota como pão, vocês me fizeram roupas pobres. O filho de Adad-iddinam, cujo pai é apenas um assistente do meu pai, (tem) dois novos conjuntos de roupas [...] enquanto você se preocupa até mesmo com um único conjunto de roupas para mim.

Apesar de você ter me dado à luz e a mãe dele apenas ter adotado ele, a mãe dele o ama, enquanto você, você não me ama. ³⁴

Ao contrário deste exemplo de um filho ingrato discursando para a mãe, nas cartas de Kanesh são frequentemente as mulheres e esposas que se queixam aos membros masculinos das suas famílias. Deixadas sozinhas em casa, em Ashur, com os maridos no estrangeiro a trabalhar, tiveram de arcar com muitas responsabilidades que provocavam ansiedade, desde cuidar dos filhos até gerir a parte local do negócio. Muitas mulheres em Ashur provavelmente também se ressentiam porque seus maridos, quando permaneciam por anos em alguma colônia comercial, eram autorizados por lei a se casar com outra mulher local, mesmo que tivessem que deixá-la para trás quando voltassem para Ashur. Numa carta típica, Taram-Kubi, esposa do influente comerciante Innaya, escreveu ao marido, que estava hospedado em Kanesh:

E essas bobinas (de prata; veja a ilustração 5) que você supostamente me deixou (aqui em Ashur)? Quando você foi embora, você não me deixou nem um único shekel (cerca de 8,4 gramas ou 0,3 onças) de prata. Você limpou a casa e tirou tudo. Desde que você partiu, uma fome terrível ocorreu na cidade, e você não deixou um único litro (1 litro) de grão.... Ouça, mande-me o equivalente às roupas que fiz em forma de prata... e eu comprará dez medidas *š imdu* (cerca de 250 litros [cerca de 265 quartos]) de grãos. ³⁵

Apesar de toda a sua raiva e descontentamento, Taram-Kubi era claramente uma mulher muito engenhosa, não só capaz de gerir a sua casa, lidar com negócios e produzir têxteis, mas também alfabetizada, pois há poucas dúvidas de que ela própria escrevia as suas cartas. A escrita de cartas nos tempos da Antiga Assíria exigia o uso de não mais do que 80 a 120 sinais cuneiformes, muito menos do que em muitos outros períodos e lugares do antigo Oriente Próximo. Isso permitiu que quase todos os cidadãos livres do sexo masculino da Antiga Ashur Ashur, e aparentemente também muitas das mulheres de Ashur, lessem e escrevessem com bastante competência.

Parece que quase tudo que as famílias de comerciantes de Ashur escreveram estava relacionado a negócios. Muito poucas das milhares de tabuinhas encontradas em Kanesh estão inscritas com textos religiosos ou literários. Entre eles estão onze encantamentos, alguns dirigidos contra a malvada demônio Lamashtu(m), ladra de bebês, bem como a já mencionada Antiga Lenda Assíria de Sargão. Vários dos feitos que a lenda atribui a Sargão - por exemplo, a sua estadia de sete anos com o seu exército numa terra de trevas, ou as suas batalhas contra setenta cidades num dia - parecem tão bizarros que alguns estudiosos consideram o texto uma paródia. sobre panegíricos reais. O júri ainda não decidiu se isso é verdade. ³⁶

Os textos literários encontrados em Kanesh são escritos na antiga língua e ortografia assíria, e não em babilônico. É difícil avaliar a situação em Ashur, onde foram escavados muito poucos textos que datam do antigo período assírio, mas pode ser que as tradições literárias sumério-babilônicas ainda não tenham tido um impacto tão forte na civilização assíria neste

momento inicial. Era apenas uma questão de tempo, porém, até que um conquistador da Babilônia impusesse a Ashur práticas culturais e políticas intimamente ligadas ao sul.

POR CERCA DE DUZENTOS ANOS, DE PUZUR-ASHUR I NO final do século XXI AC até Erishum II (r. ca. 1833/1823–1809 AC), Ashur conseguiu não se envolver em nenhuma guerra. Não que os cidadãos de Ashur estivessem comprometidos com uma filosofia de não violência – se os negócios assim o exigissem, punições severas poderiam ser infligidas. Um tratado entre Ashur e um rei não identificado estipula: “Você não permitirá que os babilônios subam até você; se eles viajarem por terra para o seu país, você os entregará para nós e nós os mataremos.” Mas o conflito militar em grande escala era algo que a cidade-estado procurava evitar. A afirmação de Ilushumma de que tinha “estabelecido a liberdade” dos babilônios e de várias cidades na região do Tigre Oriental não aponta para uma intervenção armada, mas sim para a abolição de impostos e portagens para facilitar o comércio com o sul.³⁷

Por volta de 1809 AC, no entanto, as muralhas repetidamente reforçadas da cidade de Ashur não conseguiram evitar a conquista, e a cidade ficou à mercê de um rei do sul da Babilônia. Os eventos que levaram a este importante ponto de viragem são descritos sucintamente na Lista de Reis Assírios: “Durante o epônimo de Ibni-Adad, Shamshi-Adad (I) veio da Babilônia. Ele conquistou Ekallatum e residiu em Ekallatum por três anos. Durante o epônimo de Atamar-Ishtar, Shamshi-Adad veio de Ekallatum e removeu Erishum (II), filho de Naram-Sîn, do trono (em Ashur).³⁸

Shamshi-Adad I, o conquistador de Ashur, é uma das figuras políticas mais pitorescas do antigo Oriente Próximo. Descendente de uma dinastia amorita com raízes na região de Diyala, no leste da Babilônia, e fortes laços ideológicos com a antiga cidade de Akkad e sua famosa dinastia, ele sofreu alguns reveses importantes no início de sua carreira, quando foi forçado por escaramuças com Eshnunna a passar um tempo no exílio na Babilônia. Mas ele se recuperou, reuniu uma forte força militar, avançou para o norte e tomou Ekallatum, uma cidade ao norte de Ashur. Três anos depois, ele conquistou a própria Ashur e assumiu o título tradicional de “Regente de Ashur”. Uma vez firmemente estabelecido no Médio Tigre, Shamshi-Adad subjugou o Triângulo Khabur mais a oeste e transformou uma cidade local, que ele rebatizou de Shubat-Enlil, em sua nova capital. A história de sucesso militar de Shamshi-Adad culminou na conquista de Mari, um centro urbano no Médio Eufrates. Na sequência desta vitória, ele começou a usar títulos universais que lembram os dos governantes acadianos, como “rei poderoso”, “rei da terra de Akkad” e “rei do mundo”.³⁹

Embora não seja seu centro, Ashur desempenhou um papel importante no recém-criado “Reino da Alta Mesopotâmia” de Shamshi-Adad. O governante adotou a prática da cidade de datar após epônimos, demoliu o Templo Ashur de Erishum I para substituí-lo por um novo e ergueu a oeste do templo um enorme zigurate, uma torre de templo escalonada em forma de pirâmide com uma base de 60 × 60 metros. (cerca de 200 × 200 pés) e uma altura que provavelmente também era de 60 metros (200 pés). Ao lado do zigurate, ele construiu um grande palácio, talvez o primeiro que Ashur já viu. Os agentes das famílias de mercadores tradicionais de Ashur continuaram suas atividades na Anatólia, e a Assembleia Municipal de Ashur continuou com suas reuniões regulares. Mas foi claramente Shamshi-Adad quem deu as ordens. Quando os membros da Assembleia da Cidade, ansiosos por usar o poder de Shamshi-Adad em seu próprio benefício, tentaram induzir o rei a travar uma guerra contra

alguns dos adversários de Ashur na Anatólia, Shamshi-Adad disse aos representantes, em termos inequívocos, que era melhor deixe a política externa para ele: “Já que vocês são comerciantes, façam seu comércio da melhor maneira que puderem. Quanto a nós (o governante de Harsamna e eu), somos reis poderosos. Por que você interfere?”⁴⁰

O sistema de governança que Shamshi-Adad acabou estabelecendo era em grande parte um assunto de família. O próprio grande rei coordenou os negócios do Estado em Shubat-Enlil; um filho mais velho dele, Ishme-Dagan, serviu como vice-rei em Ekallatum, de onde manteve um olhar atento sobre os territórios orientais do estado; e um filho mais novo, Yasmah-Addu, ocupava o mesmo cargo em Mari, servindo como administrador da parte sudoeste do reino. Um grande esconderijo de letras cuneiformes encontrado em Mari sugere que Ishme-Dagan era um regente muito mais capaz do que seu irmão. Em um deles, Shamshi-Adad repreende Yasmah-Addu, afirmando: “Ishme-Dagan derrotou o exército de uma terra inteira. Enquanto aqui seu irmão obteve uma grande vitória, aí você jaz entre suas mulheres. Em vez disso, seja um homem! Em outra carta, Shamshi-Adad critica Yasmah-Addu por ter usado muito ouro e prata para fabricar imagens divinas e por ter reservado muitas ovelhas para sacrifícios - um exemplo interessante de um contexto mundial antigo de pragmatismo político prevalecendo sobre fervor religioso.”⁴¹

Na mesma mensagem, Shamshi-Adad chama as cidades de Mari e Ashur de “cheias de deuses”, uma descrição adequada de Ashur. Durante o reinado de Shamshi-Adad, o papel de Ashur era mais o de uma “cidade santa” do que de uma capital política, sendo esta última função desempenhada pela cidade vizinha de Ekallatum. Além dos templos de Ashur e Ishtar, Ashur também abrigava santuários para o deus do tempo Adad, o deus da lua Sîn, o deus do sol Shamash, a deusa do submundo Ereshkigal e o deus Dagan. Ao longo do ano, elaborados rituais de culto ocorreram em Ashur. A certa altura, a esposa de Ishme-Dagan, Lamassi-Ashur - que veio de Ashur - convidou seu cunhado Yasmah-Addu para se juntar a Shamshi-Adad e Ishme-Dagan para festividades religiosas realizadas na cidade, tenha prazer em “rosto sereno” e “beijar os pés do deus”.⁴²

O rosto e os pés de Ishme-Dagan estavam em muito pior estado do que os de seu deus na época. Como revela a carta de Lamassi-Ashur, seu marido tinha problemas na boca e um dos pés estava ferido ou infectado. Como ele não tinha um médico em quem pudesse confiar, sua esposa pediu a Yasmah-Addu que lhe enviasse um de Mari. Mas a saúde debilitada de Ishme-Dagan não o impediu de obter algumas vitórias importantes durante os últimos anos de Shamshi-Adad, entre elas, a mais importante, a conquista de Nínive.⁴³

A cidade de Nínive fazia parte do reino independente de Nurrugum, que junto com as terras de Arrapha e Qabra formou por um tempo uma linha de estados-tampão entre o Reino da Alta Mesopotâmia de Shamshi-Adad e o reino de Eshnunna, mais ao sul. Mas em algum momento, Shamshi-Adad forjou uma aliança com Eshnunna, juntou forças com o rei de Eshnunna, Dadusha, e travou uma guerra devastadora contra as três terras. Ishme-Dagan desempenhou um papel fundamental nos acontecimentos, especialmente no ataque a Nínive. Quando as hostilidades finalmente chegaram ao fim, Dadusha trouxe para casa um rico butim, mas Shamshi-Adad recebeu o prêmio maior: o controle político sobre toda a área. Com as cidades de Ashur, Nínive e Arbela (que fazia parte da terra de Qabra) todas governadas por um homem, a região central do que mais tarde se tornaria a terra da Assíria foi pela primeira vez politicamente unida.

A unidade durou pouco. Shamshi-Adad morreu por volta de 1776, e grande parte de seu Reino da Alta Mesopotâmia entrou em colapso em poucos anos. Yasmah-Addu foi expulso do trono em Mari, onde após um curto período de transição um governante amorreu chamado Zimrilim tomou o poder. O harém de Yasmah-Addu, que já foi alvo das críticas mordazes de seu pai, foi absorvido pelo harém de seu sucessor. Ishme-Dagan, não tão desesperado, conseguiu permanecer no comando de Ashur, se acreditarmos na Lista de Reis Assírios, mas sofreu numerosos reveses. Os ataques de Eshnunna, agora não mais um aliado, mas um inimigo mortal, e os conflitos com os bárbaros Turukkaeans (cujo líder se recusou a dar sua filha em casamento ao filho de Ishme-Dagan, Mut-Ashkur) forçaram-no várias vezes ao exílio na Babilônia.

Nesse ínterim, um novo rei, Hamurapi da Babilônia, tornou-se o novo homem forte da Mesopotâmia. Ele não apenas finalmente capturou Mari de Zimrilim e a destruiu, mas cerca de quatorze anos após o reinado de Ishme-Dagan, ele também assumiu o controle de Nínive e Ashur. No prólogo de sua famosa coleção de leis, Hamurapi, aludindo à remoção forçada da estátua divina de Ashur de sua cidade algum tempo antes, autodenomina-se “aquele que devolveu a Ashur seu benevolente espírito protetor”. Curiosamente, Ishme-Dagan também parece ter sobrevivido a esta última crise, embora por pouco. Um homem com problemas de saúde contínuos - em algum momento, dois estrangeiros o chamaram de aleijado, após o que ele incendiou a casa deles - e em apuros políticos, ele provavelmente passou a maior parte de seus últimos vinte e cinco anos como um fraco rei fantoche em dívida com a Babilônia. . Após sua morte por volta de 1736 AC, seu filho Mut-Ashkur ascendeu ao trono, mas ele também falhou em suas tentativas de consolidar seu poder. É possível que seu governo tenha se limitado à cidade de Ekallatum, enquanto outros líderes estavam no comando de Ashur. ⁴⁴

A Lista de Reis Assírios sugere que um período de caos se seguiu ao desaparecimento final da dinastia Shamshi-Adad, alguns anos após o reinado de Mut-Ashkur. Eventualmente, o sistema de governo que existia em Ashur antes da época de Shamshi-Adad foi restaurado. Numa inscrição altamente incomum, um certo Puzur-Sîn, um novo governante que usava o título tradicional de “Regente de Ashur”, chama os descendentes de Shamshi-Adad de “uma praga estrangeira, não da carne da cidade de Assur”, e afirma ter demoliu o palácio de Shamshi-Adad, agora aparentemente considerado por muitos um símbolo de um tipo ilegítimo de governo pelos muito odiados não-assírios. As conotações etno-nacionalistas do texto são algo bastante extraordinário no discurso político do antigo Oriente Próximo. É significativo que a inscrição de Puzur-Sîn esteja escrita na antiga língua indígena assíria e não na antiga babilônica, a língua usada nas inscrições e cartas de Shamshi-Adad. ⁴⁵

Ashur era agora novamente uma cidade-estado. Cartas do século XVII AC escritas por Atal-sharri de Nínive e Pilah-KUR (leitura incerta) de Ashur mostram que as duas cidades não faziam mais parte da mesma unidade territorial. Os órgãos cívicos tradicionais de Ashur recuperaram a autoridade para determinar a política externa. Um tratado econômico com a cidade de Apum, ratificado pela Assembleia Municipal de Ashur algum tempo depois de 1750, não menciona o líder hereditário de Ashur. Ao mesmo tempo, o envolvimento comercial de Ashur na Anatólia parece ter continuado, provavelmente até que as campanhas conduzidas entre 1630 e 1595 AC pelos reis hititas Hattushili I e Murshili levaram à destruição de muitas das instalações comerciais que tinham sido usadas pelo comerciante de Ashur. famílias. ⁴⁶

APESAR DESTA REVERSÃO ÀS PRÁTICAS ANTERIORES DA ANTIGA ASSÍRIA, o período relativamente curto durante o qual Shamshi-Adad e seus descendentes governaram Ashur nunca foi totalmente esquecido - e nem todos, ao que parece, compartilhavam da visão negativa de Puzur-Sîn sobre isso. Durante a primeira metade do século XVI AC, três dos líderes hereditários de Ashur assumiram os nomes “Shamshi-Adad” e “Ishme-Dagan”. A Lista de Reis Assírios, copiada já no primeiro milênio A.C., inclui notas elaboradas sobre o reinado de Shamshi-Adad. E certas inovações introduzidas pela dinastia Shamshi-Adad foram posteriormente retomadas. Entre eles estava a identificação de Ashur com o deus babilônico Enlil, divindade padroeira de Nippur e “rei dos deuses” – um importante corolário religioso das reivindicações de governo político universal. Shamshi-Adad endossou oficialmente esta ideia quando reconstruiu o Templo Ashur não apenas para Ashur, mas também para Enlil.⁴⁷

Mas o legado mais importante deixado por Shamshi-Adad e pelos seus descendentes foi a ideia de ter um estado territorial governado por um rei, em vez de uma cidade-estado com órgãos cívicos no comando. Quando, depois de uma longa “Idade das Trevas”, Ashur realmente se transformou em tal estado, o reinado do grande governante amorreu deve ter aparecido fortemente nas mentes daqueles que provocaram esta transformação. O Reino da Alta Mesopotâmia de Shamshi-Adad foi um prelúdio para coisas maiores que estavam por vir.

2

Nascimento de um Reino

Entre os séculos XVII e XIV AC, a cidade-estado de Ashur, dirigida por mercadores e governada por órgãos cívicos, transformou-se no estado territorial da Assíria, governado por reis – reis que seguiram uma ideologia descaradamente expansionista. “Ashur” já não era mais apenas o nome de um deus e de uma cidade, era também o nome de uma terra.

Embora as causas profundas desta grande transformação política sejam difíceis de rastrear, o seu resultado é claro: após um período de transição mal documentado, começou uma nova era. Conhecido como o período da Assíria Média, durou do século XIV ao XI - e viu o estado assírio tornar-se uma grande potência na Ásia Ocidental, apesar das crises ocasionais.

Vários desenvolvimentos importantes durante este período, nos planos político, cultural e social, moldariam o reino assírio até ao seu fim. A expansão da Assíria para o oeste resultou na formação de um segundo centro de poder assírio na região de Khabur, a cerca de 250 quilômetros (155 milhas) do Médio Tigre, que era governado por um vice-rei assírio estacionado na cidade de Dur-Katlimmu. Os encontros assírios com a Babilónia no sul levaram a uma pronunciada babilonização da cultura assíria e marcaram o início de uma forte rivalidade política que caracterizaria a relação entre os dois vizinhos durante os séculos seguintes. E muitas das estruturas económicas, dos rituais reais e das tradições académicas estabelecidas na Assíria durante a época da Assíria Média sobreviveriam igualmente até ao primeiro milénio AEC.

OS SÉCULOS ENTRE 1735 E 1400 AC SÃO UMA ESPÉCIE DE “Idade das Trevas”, no que diz respeito a Ashur e à Assíria. Além da Lista de Reis Assírios, uma série de pequenas inscrições reais assírias e alguns outros textos, as fontes que esclarecem esse período são escassas. Para alguns estudiosos, esta escassez de dados sugere uma era de declínio e caos, um cenário que pode não ser totalmente errado. Mas os acidentes da descoberta também podem desempenhar um papel. A aparente escuridão da época pode estar mais nos olhos de quem vê do que nos acontecimentos reais.¹

A Lista de Reis Assírios não é totalmente confiável para os séculos em questão. Sua versão principal deixa de fora Mut-Ashkur (filho de Ishme-Dagan I) e um ou dois membros adicionais da dinastia Shamshi-Adad que podem ter governado depois dele; também deixa de mencionar Pilah-KUR, que governou Ashur em algum momento do século XVII AC. Em vez disso, afirma que Ishme-Dagan I foi seguido no trono por um certo Ashur-dugul, “o filho de um ninguém”, e depois por seis governantes de vida extremamente curta - que podem na

verdade ter sido epônimos durante o reinado de Ashur-dugul. reinado de seis anos. O último deles, de nome Adasi, que provavelmente ocupou o cargo por volta de 1730, é apresentado na lista como o fundador da dinastia que permaneceu no poder na Assíria pelo resto de sua história.

Informações contemporâneas sobre Adasi, seu suposto filho e sucessor Belum-bani, e a maioria dos governantes que os seguiram imediatamente não estão disponíveis, mas a ideia de Adasi como fundador permaneceria enraizada na memória histórica da Assíria até os últimos dias do reino. O rei Esarhaddon do século VII ainda identificava Adasi como seu antepassado. Quem realmente era esse homem, entretanto, e o que ele realizou permanece um mistério. Também é difícil determinar quando a cidade-estado de Ashur começou a invadir territórios vizinhos e onde procurar as origens do sistema provincial assírio que existia, em pleno desenvolvimento, no século XIII.

O sétimo governante mencionado na Lista de Reis Assírios depois de Adasi é um certo Kidin-Ninua, cujo reinado durou cerca de 1630 a 1616 AEC. Seu nome significa “(Sob)-a-proteção-(da-deusa?)-de-Nínive”, o que pode sugerir que ele, e talvez já seu pai, governou não apenas Ashur, mas também Nínive. Mas esta suposição não pode ser provada e parece, de facto, contrariada por evidências que apontam para Nínive ser governada no final do século XVII por líderes independentes. Um deles foi Atal-sharri, conhecido por uma carta. Outro pode ser mencionado em “The Song of Release”, um poema hurrita que afirma que um certo “Pizigarra de Nínive” participou na destruição da cidade de Ebla, no noroeste da Síria, por volta de 1600 A.C.. Pizigarra, cujo nome é Hurrian, desempenha um papel proeminente, embora obscuro, na “Canção”. Numa passagem logo no início, ele é mencionado imediatamente após os deuses: “Cantarei ao deus Teshub, o grande senhor de Kumme... Contarei sobre Pizigarra, que foi criado [para] Ebla... Pizigarra de Nínive.”²

Nínive, então, provavelmente ainda era uma cidade independente com um perfil cultural hurrita – e não uma dependência de Ashur – quando, no início do século XVI a.C., o cenário político da Ásia Ocidental sofreu algumas mudanças dramáticas. Em 1595, os hititas indo-europeus, que haviam entrado no palco da história algumas décadas antes, emergiram da sua capital Hattusha, na Anatólia central, varreram a Síria e conquistaram a Babilônia. Este evento importante pode não ter afetado Ashur diretamente. Ao que tudo indica, a cidade foi poupada da grande destruição e perturbação política sofrida pela Babilônia, onde a dinastia de Hamurapi chegou ao fim e se seguiu um período de caos. Mas parece que, na sequência da formação de um estado hitita muito alargado no oeste, os muitos principados hurritas nos territórios que se estendem do nordeste da Síria até à região oriental do Tigre começaram lentamente a unir-se, formando um novo estado próprio. Governado por líderes com nomes indo-arianos, este estado acabaria por ser conhecido como Mittani ou Hanigalbat – e exerceria enorme pressão sobre Ashur.

A ascensão de Mittani, no entanto, foi um processo lento e, durante o século XVI e grande parte do século XV, Ashur ainda tinha espaço considerável para manobras políticas próprias. Ao contrário de seus antecessores imediatos, vários governantes desta época, de Shamshi-Adad III (r. ca. 1573–1557 A.C.) a Enlil-nasir I (r. ca. 1504–1491 A.C.), deixaram inscrições nas quais afirmavam ter reconstruído alguns dos templos mais importantes de Ashur e reforçou a muralha da cidade. Ashur-nirari I (r. ca. 1556–1530 AC) construiu um novo palácio, aparentemente depois de quase duzentos anos em que não havia um, e seu filho e sucessor Puzur-Ashur III, que governou de cerca de 1529 a 1505, diz-se em textos posteriores que

adicionou um novo subúrbio, com cerca de 15 hectares (37 acres) de tamanho, ao canto sudeste da cidade. Mais importante ainda, uma crônica posterior relata que Puzur-Ashur assinou um tratado com Burnaburiash I, um rei da recém-criada dinastia Kassita que detinha o poder na Babilônia, para fixar a fronteira entre os seus respectivos territórios. Os cassitas, um povo originário das montanhas Zagros, ganharam o controle da Babilônia algumas décadas após o ataque hitita de 1595 e adotaram avidamente a língua e a cultura babilônicas. Se a crônica for confiável - o que parece provável, dado que inscrições de Puzur-Ashur III foram encontradas em Habuba (Tell Farkha) na margem direita do Baixo Zab - Ashur deve ter controlado áreas muito além dos limites da cidade durante este tempo. Mas não há provas de que Ashur já tivesse começado a organizar estes territórios como províncias, como fez dois séculos depois.

À medida que o século XV avançava, a pressão que Ashur sentia por parte de Mittani começou a aumentar, tanto do oeste, onde estava localizada a capital de Mittani, Washukanni (moderna Tell Fekheriye), quanto do leste, onde os textos do local de Nuzi, perto a moderna Kirkuk, a cerca de 100 quilômetros (62 milhas) de distância de Ashur, indica que o outrora poderoso reino de Arrapha havia se tornado um estado vassalo de Mittani. Ashur também deve ter estado durante décadas sob o domínio de Mittani. A evidência mais clara disso é encontrada em um tratado hurrita-hitita de Hattusha, alegando que Shaushtatar, um rei Mittani que governou na segunda metade do século XV, havia trazido uma porta feita de prata e ouro de Ashur para seu palácio em Washukanni (de onde foi devolvido em meados do século XIV AC).

A hegemonia de Mittani não era absoluta e o Estado era menos centralizado que outros. A Lista de Reis Assírios indica que a dinastia local de Ashur continuou no poder e, de vez em quando, a cidade conseguia libertar-se das garras dos seus senhores estrangeiros. Sob Ashur-bel-nisheshu (r. ca. 1417–1409 A.C.), por exemplo, outro tratado de fronteira com a Babilônia foi assinado. No entanto, entre 1430 e 1360, Ashur ainda estava sob o controle de Mittani. Seria necessário um novo líder poderoso e visionário para colocar o Estado assírio sobre os seus próprios pés.

O GOVERNANTE CUJO NOME SE TORNOU INEXTRICAVELMENTE LIGADO À libertação final de Ashur do domínio de Mittani foi Ashur-uballit I. Uma personalidade notável e enérgica que ocupou o poder de 1363 a 1328 AC, Ashur-uballit aproveitou-se de uma série de assassinatos políticos dentro da família real de Mittani que levou à divisão temporária do estado Mittani. Jogando os vários pretendentes ao trono Mittani uns contra os outros, ele transformou Ashur em um poderoso ator político e garantiu sua entrada no cenário internacional. Embora ainda não haja evidências inequívocas da existência de um sistema provincial durante o seu reinado, é claro que Ashur-uballit também governou Nínive, onde reconstruiu partes do Templo de Ishtar. Outras cidades importantes na região do Tigre Oriental, ao norte de Ashur, como Calah, Kilizu e Arbela, também podem ter estado sob seu poder.³

A expansão territorial de Ashur-uballit teve consequências econômicas significativas para um Ashur em crescimento. Graças às quantidades relativamente elevadas de precipitação anual, as áreas em questão produziram colheitas muito mais ricas do que a região de Ashur, e o transporte de cereais e outros produtos agrícolas pelo Tigre para aumentar o abastecimento alimentar da capital assíria foi comparativamente fácil. Algum

tempo antes de 1330, Ashur-uballit destruiu, além disso, a cidade de Nuzi e tomou posse de uma parte do reino de Arrapha, sendo a outra parte agora controlada pela Babilônia. Não pode haver dúvida: sob Ashur-uballit, Ashur metamorfoseou-se do seu anterior estágio “larval” num poderoso estado territorial, a “terra de Ashur” ou “Assíria”, como os gregos lhe chamariam mais tarde. ⁴

Ashur-uballit não foi apenas um líder militar eficaz, mas também um diplomata astuto e detentor de “poder brando”. Para criar laços fortes com o seu vizinho do sul, a Babilônia, ele deu a sua filha Muballitat-Sherua em casamento a Burnaburiash II, o rei da Babilônia, ao mesmo tempo que promovia a religião e os estudos babilônicos no seu país. Marduk, a divindade padroeira da Babilônia, recebeu seu próprio culto em Ashur. Um sacerdote do deus que veio de uma importante família babilônica de administradores e estudiosos tornou-se o principal escriba de Ashur-uballit. Sua casa em Ashur ficava próxima a um “Portão de Marduk” que provavelmente pertencia a um templo de Marduk recém-fundado. O filho de Marduk, Nabû, ganhou destaque ainda maior na Assíria com o passar do tempo. ⁵

Esta reforma da esfera cultural e religiosa de Ashur foi provavelmente motivada por considerações políticas. Ashur-uballit queria reduzir, se não erradicar, a influência hurrita que durante tanto tempo moldou a identidade do povo a norte e a leste de Ashur, que agora se encontrava unido num estado assírio recém-formado. A prestigiada e milenar cultura sumério-babilônica do sul da Mesopotâmia proporcionou um substituto bem-vindo a esta herança hurrita.

Não menos ambiciosas do que as suas interações com a Babilônia foram as tentativas de Ashur-uballit de se envolver em pé de igualdade com o Egito. Durante o século XV, quando o poderoso faraó Tutmés III fez repetidas incursões na Síria, Ashur prestou, em diversas ocasiões, tributo ao Egito. Por trás desses gestos de subserviência havia o desejo de impedir que os egípcios interferissem nos interesses comerciais de Ashur. Agora, porém, a entrega de presentes deveria ser recíproca. Numa carta cuneiforme encontrada em Tell el-Amarna, no Egito, local da antiga cidade de Akhetaton fundada pelo famoso faraó “herege” Akhenaton, Ashur-uballit anuncia que está enviando uma carruagem real, cavalos brancos e lápis-lazúli para seu homólogo egípcio e depois reclama da inadequação dos presentes que dele havia recebido anteriormente: “Esse presente é o de um Grande Rei? O ouro em seu país é tão abundante quanto sujeira; simplesmente juntamos tudo. Por que você é tão poupador disso? Estou empenhado na construção de um novo palácio. Envie-me tanto ouro quanto for necessário para seu adorno.” Ashur-uballit reforça este pedido bastante imodesto com a alegação de que um dos seus antecessores tinha recebido uma vez vinte talentos de ouro do Egito, uma quantia tão grande que não podemos deixar de nos perguntar se ele simplesmente inventou a história. ⁶

O que é mais notável na carta, porém, é outra coisa: que Ashur-uballit se dirige ao faraó egípcio como “meu irmão” – e se autodenomina “grande rei”. Aqui, finalmente, está o título que os governantes hereditários de Ashur até então evitavam: “rei” (*šarru*) – e aparece, de forma reveladora, com um atributo que o torna ainda mais distinto: “grande” (*rabû*). Havia apenas alguns “grandes reis” selecionados na época da correspondência de Amarna, principalmente os do Egito, Hatti, Mittani e Babilônia. Claramente, Ashur-uballit queria ingressar neste clube exclusivo e sinalizou suas aspirações descaradamente aos outros membros. ⁷

Enquanto isso, em casa, Ashur-uballit continuou a usar em suas inscrições os títulos tradicionais “Regente de Ashur” e “Supervisor”. Mas a inscrição gravada no seu selo pessoal – que foi impressa em numerosos documentos oficiais – também o chama de “Rei da Assíria” (*šar māt Aššur*) – e as imagens encontradas neste selo também indicam uma ruptura com a tradição. Enquanto os selos criados no antigo “estilo Mittani” geralmente mostram acúmulos de criaturas fantásticas, árvores estilizadas e símbolos abstratos compostos livremente e um pouco confusos, o de Ashur-uballit retrata um único grupo de duas figuras aladas esfaqueando um leão mantido de cabeça para baixo entre eles. Essa linguagem visual transmitia a ideia de poder real concentrado – um conceito que Ashur-uballit estava ansioso por promover enquanto procurava forjar uma nova forma de governação para a Assíria. ⁸

EM SUA CARTA AO FARAÓ EGÍPCIO, ASHUR-UBALLIT menciona que estava em processo de construção de um novo palácio real. O palácio, como instituição, serviria doravante como o principal centro político, administrativo e econômico de Ashur. A Assembleia Municipal de outrora foi abolida e o poder da Câmara Municipal foi severamente restringido, para desempenhar funções menores, como supervisionar pesos e medidas. O funcionário *limmu* (*m*) não estava mais vinculado à Prefeitura; em vez disso, qualquer funcionário que levasse o nome de um ano poderia agora ostentar o título. Muitos dos cidadãos de Ashur continuaram envolvidos em atividades comerciais, mas outros começaram a seguir carreiras novas – e potencialmente mais lucrativas – como funcionários reais, seja em funções militares ou administrativas. A riqueza desta nova elite já não dependia do comércio de longa distância, mas da propriedade de terras atribuídas pelo monarca, muitas vezes em longínquas quintas fortificadas chamadas *dunnu* s.

Mesmo sendo ricas e influentes, as pessoas que mantinham o estado funcionando eram agora todas “servas do rei” (*urad šarre*). Um dos sinais mais claros da ascensão do poder monárquico – e do correspondente declínio das instituições oligárquicas e democráticas de Ashur – é o surgimento de uma corte real assíria, com todo um novo quadro de funcionários cuja principal função era atender às necessidades do povo. governante. Entre eles estavam numerosos eunucos, cujas tarefas incluíam a guarda do harém real, outra instituição recém-criada que marcava o estatuto excepcional do rei.

As escavações em Ashur produziram nove tábuas fragmentárias com inscrições de decretos que regulamentavam as atividades do pessoal do palácio e, especialmente, como os cortesãos e eunucos masculinos deveriam interagir com as mulheres do harém do rei. O primeiro monarca nesta coleção que emitiu tais decretos é Ashur-uballit. Um dos decretos de um reinado posterior, o de Tiglate-Pileser I (r. 1114–1076 A.C.), dá uma ideia das regras que estavam agora em vigor nos bairros palacianos de Ashur: “Se uma mulher do palácio tiver desnudou os ombros e não está coberta nem mesmo com uma roupa *kindabašše* , e ela convoca um atendente do tribunal, dizendo: ‘... [Venha aqui, desejo lhe dar uma ordem]’, e ele demora para falar com ela - ele deve receberá cem golpes, e a testemunha ocular que o denunciou tomará suas roupas.” Outro decreto estipula que se o superintendente do palácio ou algum outro oficial permitisse que um não-eunuco entrasse nos aposentos internos do palácio, o funcionário em questão deveria ter o pé cortado, uma punição que reflete a “ultrapassagem” do intruso na área. onde se encontravam as concubinas do rei. ⁹

Um aspecto mais benigno da vida levada pelas mulheres reais de Ashur é ilustrado por uma grande tabuinha cuneiforme que lista os títulos de dezenas de canções de amor, incluindo “In the Breeze of the Night” ou “He Will Take Me; Estou pronto para o meu amado.” Sabemos pelos arquivos de Mari que as mulheres do harém eram muitas vezes cantoras e musicistas talentosas, e é lógico que interpretar as canções de amor catalogadas nesta tabuinha pode ter sido uma das atividades que as concubinas reais de Ashur realmente gostavam. É claro que isto não muda o facto de que os haréns mantidos pelos reis médios e neo-assírios eram apenas mais uma manifestação do domínio irrestrito dos governantes. Os haréns representavam o correlato *in sexualibus* do poder político e militar dos reis.¹⁰

A IDEOLOGIA REAL QUE PREVALECEU NA ASSÍRIA A PARTIR DO século XIV encontrou uma das suas expressões mais proeminentes no ritual de coroação assíria. A tábuia de argila na qual este ritual está registrado foi provavelmente escrita no século XII ou início do século XI AC. Foi encontrado em um contexto muito posterior, do século VII AC, no pátio sudoeste do Templo Ashur, sugerindo que o ritual foi realizado por pelo menos meio milênio. Não se sabe se já existia durante o reinado de Ashur-uballit, mas parece provável que ritos pelo menos semelhantes aos descritos no texto fossem realizados naquela época.¹¹

O ritual de coroação começou com uma procissão do novo monarca de seu palácio até o vizinho Templo Ashur, onde, ao chegar, um sacerdote do deus exclamaria: “Ashur é rei! Ashur é rei!” – um pronunciamento que lembra o canto “Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat” (Cristo é vitorioso, Cristo governa, Cristo governa) das liturgias de coroação medievais. Claramente, a velha ideia do governo supremo de Ashur ainda estava muito viva e assim permaneceu durante o resto da história assíria. Mas, ao contrário dos tempos da Antiga Assíria, o rei divino, Ashur, estava agora associado a um homólogo terreno que lhe era muito próximo – tão próximo, na verdade, que as fronteiras entre deus e rei eram um tanto confusas. Esta ligação torna-se evidente à medida que o ritual continua, com o rei, após apresentar pedras preciosas a vários deuses, levantando cerimoniosamente a coroa de Ashur e então, imediatamente a seguir, recebendo a sua própria coroa das mãos de um sacerdote.¹²

Enquanto isso acontecia, os funcionários mais importantes do estado e os eunucos reais proclamavam uma bênção particularmente significativa: “Que Ashur e Mullissu (esposa de Ashur), os donos da sua coroa, coloquem essa coroa na sua cabeça por cem anos. sacerdócio e o de seus filhos sejam agradáveis a Ashur, seu deus. Expandam sua terra com seu cetro justo. E que Ashur garanta que suas ordens sejam ouvidas e que a obediência, a justiça e a paz estejam com você.” Em seguida, o rei seria levado de volta ao seu palácio, onde ascendia ao trono. Depois de os seus principais funcionários e eunucos lhe prestarem homenagem e se despojarem das insígnias do seu poder, o rei dirigia-se a eles com as palavras: “Cada um mantém o seu cargo”, certificando-se de que o aparelho estatal continuaria o seu trabalho sem problemas.

Apesar da sua invocação de “justiça e paz”, o ritual de coroação assíria, culminando na ordem de que o rei “expandisse a sua terra” (*mātka rappiš*), era um endosso teológico da crueldade política e da agressão militar, uma ideologia de guerra que os assírios os reis colocariam fielmente em prática por mais de setecentos anos. Dada a história anterior comparativamente pacífica de Ashur, esta viragem beligerante é surpreendente e não é fácil determinar os factores que realmente a desencadearam. Mas exemplos de esforços

mercantil-capitalistas que levaram à conquista e à supressão também são encontrados em outras partes da história mundial – um que me vem à mente é a ascensão da Companhia das Índias Orientais no Sul da Ásia e como ela abriu o caminho para o domínio da Índia pelos Coroa britânica. Parece que os mercadores de Ashur, uma vez destruídos os seus empórios na Anatólia e severamente restringidas as suas oportunidades comerciais, transferiram as suas ambições do comércio para o território - uma mudança de perspectiva que estavam bem preparados para suportar pela sua experiência de um século na logística. de viagens de longa distância. No que diz respeito à tecnologia da guerra, eles provavelmente aprenderam, em primeiro lugar, com os seus antigos senhores, os hurritas. Não é por acaso que o título do principal oficial militar do exército assírio, *turtānu*, tem origem na língua hurrita.

O homólogo babilônico de Ashur-uballit, Burnaburiash II, que se casou com a filha do rei assírio, foi um dos primeiros a perceber o quão perigoso o emergente estado assírio poderia se tornar. A sua ideologia de expansão sem fim pode ser uma má notícia para os seus vizinhos da Ásia Ocidental. Numa carta a um faraó (Akhenaton ou Tutancâmon), Burnaburiash argumenta que os assírios eram vassalos babilônicos e pergunta ao seu homólogo egípcio: “Por que, por sua própria autoridade, eles vieram para o seu país? Se você me ama, eles não farão nenhum negócio. Mande-os para mim de mãos vazias.”¹³

Mas já era tarde demais para tais tentativas de manter os assírios sob controle. O gênio saiu da garrafa e logo a Assíria, o suposto vassalo da Babilônia, estava se intrometendo nos assuntos internos da própria Babilônia. Após a morte de Burnaburiash por volta de 1333 AC, seu filho Karaindash - cuja mãe era a princesa assíria Muballitat-Sherua - ascendeu ao trono da Babilônia. Quando um grupo de insurgentes removeu Karaindash do poder - em uma rebelião que provavelmente levou à morte de Muballitat-Sherua - Ashur-uballit despachou um exército para o sul e substituiu os usurpadores por outro filho de Burnaburiash, Kurigalzu II.

A intervenção não teve efeitos duradouros. Em pouco tempo, Kurigalzu II, em vez de mostrar gratidão, embarcou num ataque às cidades de Sugaga e Kilizu no coração da Assíria, iniciando assim uma longa série de escaramuças entre a Assíria e a Babilônia, a maioria das quais eram sobre o controlo da região oriental do Tigre. . Com o passar do tempo e cada lado experimentando vitórias e derrotas, a rivalidade se intensificou. Nada jamais foi esquecido ou perdoado. Um século depois do reinado de Ashur-uballit, o autor assírio da Epopéia Tukulti-Ninurta (sobre a qual falaremos mais tarde) ainda invocava a “traição” de Kurigalzu como a cena primordial da inimizade assiro-babilônica.

APESAR DESTA RIVALIDADE CONTÍNUA COM A BABILÔNIA, AS GUERRAS MAIS IMPORTANTES DA ASSÍRIA durante a primeira metade do século XIII ocorreram noutros lugares. Eles foram travados no oeste, na área do rio Khabur, um afluente norte do Eufrates que flui de fontes localizadas no nordeste da Síria e no sul da Turquia. As ricas terras agrícolas ao longo deste curso de água, e especialmente no densamente povoado Triângulo Superior de Khabur, foram um alvo atraente para um aspirante a poder político e, ao longo de várias décadas, os exércitos dos reis assírios Adad-nirari I (r. ca. 1305–1274 AC) e Shalmaneser I (r. ca. 1273–1244 AC) invadiram repetidamente a região de Khabur para lutar contra o que restou lá do outrora poderoso estado de Mittani. Adad-nirari — o primeiro governante assírio a incluir em suas inscrições relatos detalhados de eventos militares — impôs um pesado tributo anual a

Mittani. Quando o governante Mittani, Wasashatta, interrompeu os pagamentos, Adad-nirari saqueou oito de suas maiores cidades, incluindo a capital Mittani, Washukanni, e trouxe o rei, sua esposa e filhos, e muitos de seus cortesãos para Ashur. Amparado por seu sucesso, Adad-nirari começou a se autodenominar "rei forte" (*šarru dannu*), "rei da terra de Ashur" (*šar māt Aššur*), e "rei do mundo" (*šar kiššati*), títulos que doravante seriam definir a monarquia assíria e suas ambições territoriais. Ele também se referiu a si mesmo como o “extensor de fronteiras e limites”, destacando a tarefa central que o ritual de coroação assíria impôs aos governantes assírios.

Alguns actores políticos ainda não reconheceram plenamente o novo estatuto político que os assírios reivindicavam para si próprios. O rei hitita Murshili III, irritado com o fato de Adad-nirari se gabar de suas vitórias militares, expressou esse descontentamento em uma carta contundente e um tanto desdenhosa: “Então você se tornou um 'Grande Rei', não é? Mas por que você ainda continua falando sobre 'irmandade'?... Por que razão eu deveria chamá-lo de 'irmão'?... Você e eu nascemos da mesma mãe?... Você não deveria continuar me escrevendo sobre ser um grande rei. Isso me desagrada.” No entanto, tal como anteriormente com o rei babilónico Burnaburiash II, as tentativas de Murshili de questionar as credenciais da Assíria tiveram pouco efeito. Quando o sucessor de Adad-nirari, Shalmaneser I, lançou um ataque massivo às fortalezas do último rei de Mittani, Shattuara II, as tropas auxiliares enviadas pelos hititas em apoio ao governante Mittani revelaram-se ineficazes. Shattuara sofreu uma derrota devastadora e a região de Khabur tornou-se parte integrante do estado assírio. Foi uma mudança geopolítica de extrema importância.¹⁴

Um dos instrumentos que Salmaneser utilizou para consolidar o seu poder na área de Khabur foi a deportação de parcelas significativas da população nativa. Doravante, um elemento-chave da política externa assíria, essas deportações em massa ajudaram a fracturar as identidades locais e forneceram aos governantes assírios uma grande força de trabalho para os seus projectos de construção e o desenvolvimento de novas terras agrícolas. Embora a afirmação de Shalmaneser de que ele deportou nada menos que 14.400 pessoas no curso de sua campanha contra Shattuara possa ser exagerada (o número é quatro vezes 3.600, um número base do sistema sexagesimal da Mesopotâmia e, portanto, suspeitamente redondo), os aspectos políticos, psicológicos e os efeitos económicos das deportações ordenadas pelo rei foram certamente consideráveis.

Com base nas unidades administrativas anteriormente criadas pelo estado de Mittani, Salmaneser estabeleceu várias novas províncias assírias na região de Khabur. Seu sucessor, Tukulti-Ninurta I (r. ca. 1243–1207 AC), criou províncias adicionais mais a oeste, nos territórios que se estendem até o rio Balikh, outro afluente do norte do Eufrates. Eventualmente, o estado da Assíria Central incluiria mais de quarenta províncias e distritos, cerca de metade deles na região de Khabur e além.¹⁵

A Assíria estava a crescer e precisaria de desenvolver novos meios de governar para florescer. O reino agora compreendia duas áreas principais, separadas por uma região de estepe habitada principalmente por pastores migratórios: por um lado, a região do Médio Tigre, com cidades como Ashur, Nínive e Arbela; e, por outro, os territórios do Alto e Baixo Khabur e no extremo oeste, que também abrigam grandes cidades. Esta situação colocava desafios logísticos e havia um risco considerável de que os territórios ocidentais, afastados como estavam da área central assíria, pudessem romper com o estado assírio. Para evitar que tal cenário acontecesse e garantir uma resposta rápida e coordenada a qualquer resistência

activa que pudesse surgir ao longo do Khabur, Shalmaneser apresentou uma solução que era semelhante ao esquema anterior de Shamshi-Adad I, de ter um dos seus filhos governando o oeste e outro na metade oriental de seu reino. Ele colocou as províncias ocidentais sob o comando de um membro da família real assíria, um sobrinho seu chamado Qibi-Ashur, e conferiu-lhe o título de “Grão-Vizir” (sukkallu rabi'u), que mais tarde foi *complementado* com um segundo título, “(Vice) rei da terra de Hanigalbat (ou Hanirabbat)” (*šar māt ḪaniGALbat*). O cargo tornou-se hereditário, com seus titulares residindo principalmente na cidade de Dur-Katlimmu, no Baixo Khabur, a alguma distância da região norte de Khabur, mais densamente povoada - e menos assirianizada -, onde os rebeldes poderiam tê-los eliminado com mais facilidade.¹⁶

Aos grão-vizires recém-empossados foi confiada uma ampla carteira de responsabilidades. Cartas e documentos económicos de um arquivo cuneiforme encontrado em Dur-Katlimmu revelam que as suas tarefas incluíam, entre outras coisas, a organização do trabalho agrícola, a captura de ladrões e refugiados e a coordenação das visitas reais. Os documentos também mostram que, em nítido contraste com as histórias de sucesso promovidas nas inscrições dos reis da Assíria Média, a ordem política, social e económica da área estava constantemente em perigo. Típica é uma carta enviada por Sîn-mudammeq, um oficial menor, ao grão-vizir Ashur-iddin, filho e sucessor de Qibi-Ashur. Aborda as preocupações sobre os gafanhotos que devoram a colheita, relata a chegada às montanhas próximas de cerca de 1.500 tropas inimigas prontas para atacar e depois acrescenta, para garantir, que o remetente não consegue enviar 50 soldados necessários para a protecção pessoal do destinatário, porque todos os combatentes disponíveis fugiram após receberem suas rações alimentares.¹⁷

Ainda assim, apesar destas catástrofes intermitentes e de outros desafios, os grão-vizires conseguiram fortalecer o poder assírio no Ocidente. O seu investimento na escavação de canais para irrigar parcelas de terra anteriormente áridas contribuiu, além disso, para o desenvolvimento económico da região de Lower Khabur, que ficava fora da área onde a agricultura de sequeiro era possível.

UM DOS governantes assírios mais revolucionários e memoráveis do período da Assíria Média foi o sucessor de Salmaneser, Tukulti-Ninurta I (ver ilustração 6). Ele ascendeu ao trono assírio em 1244 e o manteve por nada menos que trinta e sete anos. No início do seu reinado, Tukulti-Ninurta conquistou vários distritos na região fronteira entre a Assíria e Hatti, consolidando assim a fronteira noroeste. Daí dirigiu sua atenção para Babilônia, vizinho meridional da Assíria.

A Assíria e a Babilônia foram descritas, tal como a Escócia e a Inglaterra ou a Inglaterra e a América, como “dois países divididos por uma língua comum”. As duas terras tinham laços linguísticos e culturais estreitos, mas muitas vezes estavam envolvidas em conflitos. Parece que o endividamento cultural que os assírios sentiam em relação à Babilônia produziu gradualmente neles um complexo minoritário profundamente enraizado, que os levou, ao longo dos séculos, a envolver-se repetidamente em ataques agressivos nas terras do sul. Um episódio particularmente brutal - que prepararia o cenário para muitos dos outros que se seguiram - ocorreu alguns anos após o reinado de Tukulti-Ninurta. Transformou a Babilônia,

durante um longo período de tempo, num teatro de guerra e de agitação política, com consequências trágicas tanto para os babilônios como para os assírios.¹⁸

De acordo com o épico Tukulti-Ninurta, poema composto em homenagem ao rei assírio, foi a traição do governante babilônico Kashtiliash IV que provocou as ações militares do primeiro. Homem de origem cassita, Kashtiliash supostamente quebrou um tratado bilateral juramentado em nome do deus sol, saqueou terras assírias e se envolveu em atos de violência contra civis e divindades. O principal ponto de discórdia, ao que parece, era o controle dos territórios na região do Tigre Oriental. Depois de evitar inicialmente a batalha aberta, as tropas babilônicas foram finalmente derrotadas. Kashtiliash foi capturado e, junto com vários outros prisioneiros e muitos despojos, levado para Ashur. Os textos administrativos indicam que as tropas assírias que regressavam estavam famintas quando regressaram da campanha, um sinal claro do carácter extenuante dos combates e dos desafios logísticos envolvidos.

Numa inscrição dessa época, Tukulti-Ninurta se autodenomina governante da “Suméria e Acádia”, reivindicando poder sobre todo o sul da Mesopotâmia. Ele também afirma que conquistou áreas mais a oeste ao longo do Médio Eufrates. Mas o seu domínio real sobre ambas as regiões foi provavelmente bastante tênue. Dois governantes vassalos instalados pelos assírios na Babilônia revelaram-se ineficazes. Eles acabaram sendo substituídos, na sequência de outra campanha militar assíria, por um terceiro rei fantoche, Adad-shuma-iddina.

Depois de visitar pessoalmente a Babilônia para sacrificar aos deuses da cidade, Tukulti-Ninurta parece ter levado seu novo vassalo babilônico em um passeio por várias cidades de seu reino. Sabemos desta viagem notável através de uma carta cuneiforme de Dur-Katlimmu, na qual o grão-vizir, Ashur-iddin, recebe ordens de garantir provisões para uma visita do rei assírio e do seu homólogo babilônico. Os dois governantes foram acompanhados em sua jornada por suas respectivas esposas e vários outros membros masculinos e femininos de suas cortes, com as mulheres, “nossas e também as cassitas”, viajando em seis carruagens. Os reis da Assíria Média parecem ter inspecionado suas terras com frequência, mas o fato de um governante babilônico ter participado de tal viagem era altamente incomum. Mostra, mais uma vez, a relação de amor e ódio entre a Assíria e o seu vizinho do sul.¹⁹

Depois de apenas seis anos, Tukulti-Ninurta depôs Adad-shuma-iddina, que junto com seus súditos babilônios deve ter se voltado contra ele. As tropas assírias entraram na Babilônia e iniciaram uma extensa onda de saques. O mais traumático para os residentes da cidade foi o facto de terem raptado a estátua do deus padroeiro da Babilônia, Marduk, num acto de “sequestro” que ficou enraizado na memória histórica. Numa composição literário-religiosa de tempos posteriores a chamada Profecia de Marduk o episódio é descrito a partir da perspectiva do próprio Marduk que afirma ter empreendido a viagem para a Assíria - e duas outras adicionais de tipo semelhante a Hatti e Elam – por sua própria vontade.

Os textos administrativos revelam que pouco depois de Tukulti-Ninurta ter reconquistado a Babilônia, várias missões internacionais visitaram o rei assírio em Ashur, presumivelmente ansiosas por descobrir o que o grande guerreiro planeava fazer a seguir. Os emissários incluíam delegados do Egito, Hatti, do país ocidental de Amurru e da cidade costeira mediterrânea de Sidon. A delegação hitita era composta por dezesseis homens, quatro carruagens, três carroças puxadas por mulas e seis burros.²⁰

Entretanto, talvez motivado pelas colheitas cada vez mais fracas no coração da Assíria, Tukulti-Ninurta intensificou a exploração económica da Babilônia, ordenando que navios de

carga transportassem grandes quantidades de cevada do sul da Mesopotâmia para a Assíria. O rei usou os novos recursos derivados de suas guerras para alguns ambiciosos projetos de construção. Em Ashur, ele construiu um novo templo de Ishtar – surpreendentemente, não em sua localização tradicional – e um templo duplo dedicado ao deus da lua, Sin, e ao deus do sol, Shamash. Ele também embarcou na construção de um novo palácio real na parte noroeste da cidade.

O rei também fez algo ainda mais sem precedentes: cerca de 4 quilômetros (2,5 milhas) rio acima de Ashur, no lado oriental do Tigre, trabalhadores assírios, juntamente com prisioneiros de guerra hurritas e cassitas, começaram a construir uma cidade completamente nova, chamado Kar-Tukulti-Ninurta, ou seja, “Empório de Tukulti-Ninurta”. Com um tamanho de pelo menos 240 (e talvez até 480) hectares (ou 590 a 1.186 acres), era muito maior do que Ashur, que cobria apenas cerca de 70 hectares (172 acres) nesta época. Kar-Tukulti-Ninurta era protegido por um muro de cerca de 7 metros (23 pés) de espessura e irrigado por meio de canais recém-criados. O mais notável é que também incluía um palácio, um templo de Ashur e um zigurate em homenagem ao deus assírio, que até então só era adorado na cidade de Ashur.

Foi uma época de esforços heróicos, e isso se reflete nos títulos reais cada vez mais ambiciosos que Tukulti-Ninurta usa agora, entre eles “rei dos quatro cantos (do mundo)”, “rei dos reis”, “senhor dos senhores”. , e “governante dos governantes”. Ali estava um rei com uma missão imperial, se não ainda com um império. O épico histórico que celebrou as aventuras babilônicas de Tukulti-Ninurta elogiou-o de maneiras ainda mais extravagantes:

Através do destino do (deus-criador) Nudimmud, ele é considerado como carne piedosa em seus membros.

Por decreto do (divino) senhor do mundo, ele foi lançado sublimemente do ventre dos deuses. É ele a imagem eterna do deus Enlil. ²¹

Nenhum futuro governante assírio jamais se apresentaria em termos tão divinos. Uma trajetória notável atingiu o seu clímax: o chefe de estado assírio não era mais apenas um modesto “Príncipe”, como no período da Antiga Assíria, ou mesmo um “grande rei”, como a partir da época de Ashur-uballit, mas sim alguém com qualidades quase divinas. No entanto, como diz o ditado: “O orgulho precede a destruição, o espírito altivo antes da queda”. ²²

Os últimos anos de Tukulti-Ninurta foram marcados por um agravamento lento da crise política que acabou levando a um final terrível para o rei. Os problemas começaram na Babilônia. Enquanto os assírios conseguiram permanecer no poder na Babilônia por mais alguns anos, as regiões mais ao sul e no Médio Eufrates, conquistadas com grande custo, logo foram novamente perdidas. Um certo Adad-shumu-usur, que era filho de Kashtiliash IV ou um arrivista político da região do Médio Eufrates, assumiu o controle dessas áreas, expulsando os assírios e seus apoiadores. Como consequência, a megalomania e a autoconfiança de Tukulti-Ninurta lentamente deram lugar a insinuações de destruição iminente. Numa carta à corte hitita, o rei preocupava-se com a possibilidade de morrer em breve, e uma oração bilíngue sumério-acadiana ao deus Ashur pinta um quadro sombrio de inimigos anônimos aproximando-se da capital assíria: “As terras de um de acordo cercaram

sua cidade (do deus) Ashur com um laço do mal. Todos eles passaram a odiar o pastor que você nomeou (isto é, Tukulti-Ninurta), e que administra seus povos.”²³

O que Tukulti-Ninurta pode não ter percebido totalmente é que membros da elite de Ashur e até mesmo sua própria família começaram a odiá-lo também. A construção de Kar-Tukulti-Ninurta não pode ter sido recebida com aprovação generalizada em Ashur – muitos devem ter considerado isso um ataque ao papel da cidade como capital incontestada da Assíria. A construção em Kar-Tukulti-Ninurta de um templo do deus Ashur, embora provavelmente não pretendesse substituir totalmente o de Ashur, deve ter perturbado profundamente o estabelecimento religioso de Ashur. O mesmo se aplica ao novo Templo de Ishtar do rei em Ashur, erguido longe da sua localização anterior – mais tarde, quando o santuário caiu em ruínas, foi abandonado em vez de reconstruído. Os enormes custos em vidas e em dinheiro que as intermináveis campanhas na Babilônia criaram também podem ter sido recebidos com crescente apreensão.²⁴

Quaisquer que sejam exatamente as razões, em 1207 AC alguns membros do círculo íntimo de Tukulti-Ninurta instigaram um golpe contra ele. Uma crônica babilônica de tempos posteriores revela que o próprio filho do rei, Ashur-nadin-apli, juntamente com vários altos funcionários assírios, “removeu-o do seu trono, trancou-o num edifício em Kar-Tukulti-Ninurta, e matou-o. ele com uma arma.” Foi um fim miserável para um rei que uma vez se colocou ao lado dos deuses.²⁵

APESAR DE TER SIDO MANCHADO POR TER COMETIDO REGICÍDIO e parricídio, Ashur-nadin-apli seguiu seu pai assassinado, Tukulti-Ninurta, no trono, mas por apenas alguns anos (ca. 1206–1203 AC). A posição de Ashur-nadin-apli era muito mais fraca do que a de Tukulti-Ninurta, e ele teve que compartilhar parte de seu poder, ao que parece, com uma eminência parda emergente, um homem chamado Ili-pada, que pode ter sido o irmão do grão-vizir Salmanu-mushabshi. Ili-pada logo se tornou grão-vizir.

Ashur-nadin-apli foi sucedido no trono assírio por seu filho Ashur-nirari III (r. ca. 1202–1197 AC), sob cujo curto reinado o poder assírio diminuiu ainda mais. O novo governante sofreu considerável humilhação por parte do arquiinimigo da Assíria, o rei babilônico Adad-shuma-usur, que enviou uma carta à Assíria que se dirigia não apenas a Ashur-nirari, mas também a Ili-pada, como “Rei”. Dado que Ili-pada detinha o título de “Rei de Hanigalbat”, isso não era, do ponto de vista formal, completamente impreciso, mas mesmo assim era embaraçoso para Ashur-nirari, pois colocava em questão a preeminência tradicional do “Rei da Assíria” poderia reivindicar o seu grão-vizir. Além disso, a carta começa com alguns insultos extraordinários dirigidos aos dois líderes da Assíria: “[Por] falta de autocontrole, embriaguez constante e indecisão, vocês perderam a cabeça. Não há ninguém com bom senso ou razão entre vocês.” Apesar do seu forte preconceito anti-assírio, cópias da carta continuaram a circular na Assíria durante séculos — talvez para manter vivo o ódio assírio aos governantes babilônicos que se intrometiam nos assuntos assírios.²⁶

OS CERCA DE CEM ANOS DESDE A ASCENSÃO DE Adad-nirari I em 1306 AEC até a morte de Tukulti-Ninurta I em 1207 AEC viram a introdução e consolidação de alguns novos padrões econômicos e culturais. Em grande parte, permaneceram em vigor até a crise que se abateu sobre a Assíria em meados do século XI AEC — e, em certa medida, mesmo depois desta época.

Em linha com as antigas práticas assírias, o comércio de longa distância continuou a ser uma característica importante da vida económica assíria, mas os mercadores assírios envolvidos nele operavam agora frequentemente em nome da coroa e não por conta própria. Textos administrativos dos arquivos reais em Ashur indicam que os comerciantes recebiam fundos do palácio para viajar para Nairi, no sudeste da Anatólia, para adquirir cavalos, que, juntamente com as carruagens, desempenhavam um papel cada vez mais importante na guerra. Grandes quantidades de madeira e metais – principalmente do Taurus – também foram importadas desta forma. A costa mediterrânica fornecia não só bens de luxo, como têxteis e jóias, mas também madeira. A nível local, o chumbo ou o estanho substituíram a prata como moeda principal para a maioria das transacções quotidianas, mas para viagens de negócios de longa distância, era muitas vezes preferível pagar com o bronze mais valioso, que era mais fácil de transportar porque quantidades menores dele eram necessários.²⁷

A produção local desempenhava agora um papel considerável na economia assíria. As técnicas de carpintaria, metalurgia e lapidação foram gradualmente refinadas. Os artesãos que trabalhavam nas oficinas do palácio ou nos espaços de trabalho em suas casas processavam matérias-primas trazidas de fora para a cidade na forma de tributos, saques, mercadorias ou presentes, para produzir produtos acabados que eram consumidos localmente ou vendidos a terceiros com fins lucrativos. As propriedades agrárias em todo o reino forneceram às elites assírias recursos económicos adicionais. Os proprietários dessas propriedades tinham de pagar impostos e fornecer mão-de-obra para projectos de construção estatais e soldados para campanhas militares, mas eram livres de vender as suas terras ou legá-las a um herdeiro. Havia também fazendas estatais, conhecidas principalmente por documentos de Dur-Katlimmu, onde agricultores dependentes recebiam campos no valor de múltiplos de 100 *iku* (cerca de 36 hectares, ou 88 acres) para cultivar grãos.²⁸

A cobrança de impostos estava em grande parte nas mãos das autoridades provinciais. Os deveres impostos a cada província incluíam a entrega, anualmente, de grãos, mel, óleo de gergelim e frutas ao templo do deus Ashur. As quantias a serem enviadas eram pequenas, mas a prática transmitia uma mensagem ideológica importante: toda a terra de Ashur fornecia sustento ao deus que encarnava a terra.²⁹

As casas em que os cidadãos de Ashur moravam durante a época da Assíria Média variavam em tamanho de cerca de 70 a 240 metros quadrados (750 a 2.600 pés quadrados) e geralmente incluíam uma sala de recepção, um pátio, um banheiro, instalações sanitárias e uma sala principal. Muitas pessoas viviam com “esqueletos em seus armários”, enterrando seus familiares falecidos abaixo do chão de suas salas de estar em câmaras abobadadas de tijolos acessíveis por escadas; lá, eles se comunicaram e sacrificaram aos seus ancestrais. Os bens funerários encontrados em algumas dessas tumbas da Assíria Média indicam que muitos residentes de Ashur deviam ser bastante ricos. Os artefatos de uma das tumbas mais ricas, a da família de um oficial assírio de alto escalão chamado Babu-ah-iddina, incluem ornamentos feitos de ouro e pedras semipreciosas, pentes feitos de marfim e vasos de alabastro. Os objetos mostram características de um estilo artístico “internacional” popular em toda a Ásia Ocidental da época, ao mesmo tempo que exibem algumas características assírias pronunciadas.³⁰

As famílias tendiam a ser pequenas, com famílias mais ricas muitas vezes incluindo também vários escravos. Os escravos na época da Assíria Média não eram totalmente desprovidos de arbítrio. Sabemos, por exemplo, de uma escrava que adotou e criou um

enjeitado que resgatou do rio; de forma reveladora, a criança recebeu o nome de Naru-eriba, que significa “O rio substituiu (uma criança anterior morta)”. A reivindicação legal da escrava de ser reconhecida como mãe da criança está documentada em um texto cuneiforme inscrito, de maneira bastante peculiar, em um modelo de argila de uma perna com um pé preso, provavelmente para refletir o costume mesopotâmico de divulgar adoções de enjeitados por meio de impressão um dos pés da criança sobre um pedaço de barro. O texto ilustra a prática generalizada – e aparentemente legal – no antigo Oriente Próximo de expor crianças indesejadas em vários locais ao ar livre.³¹

A sociedade da Assíria Média era patriarcal. A maioria das mulheres vivia sob a autoridade, primeiro dos pais e depois dos maridos. Elas tinham que seguir um código de vestimenta rígido: esperava-se que as mulheres casadas usassem véu, enquanto as solteiras e as prostitutas eram proibidas de cobrir o rosto. Um grande quadro jurídico da Assíria Média fornece informações sobre as punições muitas vezes cruéis que as mulheres enfrentavam se ultrapassassem os limites que foram estabelecidos para elas. Se uma esposa tivesse relações sexuais com outro homem, por exemplo, tanto a mulher adúltera como o homem deveriam ser mortos. Ao contrário da Bíblia, que nada tem a dizer sobre o assunto, as leis da Média Assíria também criminalizavam o aborto: “Se uma mulher abortar o seu feto pela sua própria acção..., eles a empalarão, não a enterrarão”. “Punições espelhadas” poderiam ter consequências terríveis para as mulheres: se um homem casado violasse uma virgem, por exemplo, a sua própria esposa seria violada. Por outro lado, várias disposições das leis da Assíria Média protegiam as mulheres contra a agressão sexual, punindo os perpetradores de forma mais direta: “Se um homem coloca a mão sobre uma mulher, atacando-a como um touro no cio (?), e eles provam as acusações contra ele e o considerarem culpado, cortar-lhe-ão um dedo. Se ele a beijasse, eles passariam seu lábio inferior pela lâmina (?) de um machado e o cortariam.”³²

Nem todas as mulheres da Assíria Média eram donas de casa. Alguns exerciam diversas profissões, desde parteira, taberneiro e prostituta. Um certo Tapputi-belat-ekallim serviu como perfumista. Os procedimentos que ela usava para produzir aromas específicos foram registrados em uma placa de argila encontrada em Ashur.³³

Em geral, porém, a cultura dos escribas na época da Assíria Média era em grande parte uma questão masculina, com grande parte dela enraizada nas tradições babilônicas. A Epopéia Tukulti-Ninurta fornece uma lista de tábuas de argila que o rei conquistador apreendeu durante sua campanha na Babilônia e levou para a Assíria; eles incluíam “textos exorcísticos, orações para apaziguar os deuses, textos de adivinhação e textos médicos”, bem como registros administrativos. Os escribas de Ashur copiaram muitas das obras literárias e acadêmicas que chegavam da Babilônia em tabuletas e aplicaram uma pasta esbranquiçada de argila diluída - a chamada pasta - em suas superfícies para aumentar seu apelo visual.³⁴

escriba Ashur do final do século XIII AC, KIDIN-SÎN, DE DUAS LISTAS DE DEUSES DA BABILÔNIA. A tabuinha, medindo 30 x 40 centímetros (cerca de 12 x 16 polegadas), registra os nomes, funções e laços familiares de mais de duas mil divindades, seus cônjuges e o pessoal divino que trabalha para eles, fornecendo insights detalhados sobre as complexidades de o panteão assírio-babilônico. Estudiosos de Ashur também copiaram uma grande variedade de “dicionários” sumério-acadianos, as chamadas listas lexicais, que foram compostas na Babilônia, intercalando-os ocasionalmente com “comentários” assírios. Seus estudos permitiram-lhes escrever

inscrições reais com formas arcaicas de sinais babilônicos, bem como orações de autores na venerável língua suméria para reis assírios como Tukulti-Ninurta I.³⁵

Comprimidos da Assíria Média com prescrições médicas fornecem informações sobre as práticas de cura avançadas em uso na época. Um dos textos foi atribuído a um famoso médico chamado Rabâ-sha-Marduk, que começou sua carreira na cidade babilônica de Nippur e mais tarde se tornou médico na capital hitita, Hattusha, onde pode ter se casado com uma princesa. Claramente, profissionais talentosos eram muito procurados nas cortes dos grandes reis do final da Idade do Bronze. Uma carta cuneiforme da cidade de Tabetu, no rio Khabur, lança luz adicional sobre os cuidados recebidos por figuras políticas de alto escalão em caso de doença. Na carta, um curandeiro relata que Ili-pada, o conhecido grão-vizir da Assíria, adoeceu durante uma viagem. O curandeiro pede a uma mulher de Tabetu que lhe envie várias plantas, que aparentemente deveriam ser usadas como ingredientes para uma poção a ser administrada ao paciente. Ele ressalta que o tratamento só começaria em um dia propício e depois que a adivinhação do fígado tivesse estabelecido um resultado bem-sucedido, um belo exemplo de como as práticas médicas e mágicas estavam inextricavelmente interligadas na Assíria – e na antiga Mesopotâmia em geral.³⁶

ILI-PADA, O PACIENTE PROEMINENTE DA CARTA TABETU, tornou-se cada vez mais poderoso durante os anos que se seguiram à morte de Tukulti-Ninurta em 1207 AEC. Isso levou a tensões políticas. Embora o próprio Ili-pada nunca tenha se tornado rei, um de seus filhos, Ninurta-apil-Ekur, acabou ascendendo ao trono assírio (r. ca. 1191–1179 AC). Depois de ter sido forçado a passar algum tempo no exílio na Babilônia, ele marchou para a Assíria com um exército particular e tirou seu antecessor, Enlil-kudurri-usur (r. ca. 1196–1192 aC), fora do CAMINHO. O cargo de “Rei de Hanigalbat” (embora não o de grão-vizir) foi abolido e, com Ninurta-apil-Ekur, um ramo cadete da família real assíria assumiu o poder em Ashur.³⁷

As décadas que se seguiram a estes acontecimentos foram marcadas por repetidas alterações entre a Assíria e a Babilônia, com cada reino ocasionalmente, mas nunca permanentemente, a ganhar vantagem. Entretanto, os dois lados enterraram a machadinha: num gesto conciliatório, o rei assírio Ninurta-tukulti-Ashur (r. ca. 1133) devolveu a estátua de Marduk, que tinha sido “apropriada” sob Tukulti-Ninurta pelas tropas assírias.

Apesar de algumas perdas territoriais no oeste, especialmente na área do rio Balikh, o sistema provincial da Assíria permaneceu intacto até meados do século XI. Na superfície, as coisas estavam calmas e estáveis, e sob Tiglate-Pileser I (r. 1114–1076 A.C.), os exércitos assírios marcharam mais para oeste do que nunca. Mas isto só foi possível porque uma tempestade que já vinha fermentando há algum tempo no Levante eliminou ou enfraqueceu muitos dos concorrentes políticos mais ambiciosos da Assíria. Em pouco tempo, esta tempestade também causaria estragos em territórios há muito governados por reis assírios.

3

Ruptura e Recuperação

A ascensão da Síria à preeminência imperial não ocorreu sem trancos e barrancos. Entre os séculos XIV e XII A.C., o reino passou por um período de crescimento e consolidação. Mesmo os problemas internos no final do reinado de Tukulti-Ninurta I e nas décadas que se seguiram não comprometeram substancialmente o estatuto da Assíria como grande potência política. As províncias do oeste permaneceram firmemente nas mãos dos assírios, e sob Tiglate-Pileser I (r. 1114–1076 AC) as tropas assírias alcançaram, pela primeira vez, o Mar Mediterrâneo. Pouco depois, porém, a sorte da Assíria piorou. Entre meados do século XI e meados do século X, o país sofreu uma crise enorme, cujas sementes foram plantadas pelos acontecimentos no Levante ocidental, mais de cem anos antes. A própria existência da Assíria estava em jogo.

Mas, ao contrário de alguns outros estados da região, o reino se recuperou. Sob a liderança de vários reis enérgicos e implacáveis, mais notavelmente Ashurnasirpal II, que governou de 883 a 859 AC, a Assíria recuperou o seu tamanho anterior – e começou a acumular maior poder e riqueza do que em qualquer época anterior. Foi só agora, no século IX A.C., que surgiram muitas das características que definiriam a Assíria pelo resto da sua história: cidades reais tão grandes que ofuscavam todas as fundações urbanas anteriores, arte monumental em forma de touro e colossos de leões e relevos que revestem as paredes dos palácios e um ciclo implacável de campanhas militares anuais. A Assíria ainda não era um império — mas agora tinha os pré-requisitos para se tornar um.

DURANTE O FINAL DO SÉCULO XIII AC, A MAIORIA DAS PESSOAS NO Oriente Próximo via as suas comunidades como imutáveis e permanentes. Havia pouco que sugerisse o colapso iminente do sistema político ao qual estavam habituados. Alguns grandes estados – o Egito, o reino hitita, a Assíria, a Babilônia e o reino oriental de Elam – e muitos outros menores, todos organizados em torno de centros palacianos governados por reis mais ou menos poderosos, coexistiram no que deve ter parecido para todos como um equilíbrio bastante equilibrado. Mas, como se viu, essas noções de estabilidade estavam erradas. Uma série de desastres estava prestes a virar o mundo de cabeça para baixo, como as pessoas o conheciam.

Por volta de 1200 A.C., aparentemente do nada, grupos de guerreiros começaram a atacar grandes e pequenos estados no Mediterrâneo Oriental e além. O mais famoso desses grupos foram os “Povos do Mar”, como são chamados nos tempos modernos. Segundo fontes egípcias antigas, incluíam os Shekeleh e os Sherden, grupos étnicos possivelmente originários da Sicília e da Sardenha, bem como os Peleset, cujo nome viveria com os filisteus e com a região

geográfica da Palestina. As afirmações em inscrições egípcias de que os povos do mar atacaram primeiro territórios na costa do Mediterrâneo Oriental são confirmadas por evidências escritas e arqueológicas. Uma carta cuneiforme da cidade costeira de Ugarit, escrita pelo último rei da cidade e dirigida ao governante de Chipre, afirma, em termos inequívocos: “Agora chegaram os navios do inimigo. Eles incendiaram minhas cidades e prejudicaram minha terra.” Logo depois disso, Ugarit estava em ruínas e os saqueadores avançaram para o sul, tanto por terra quanto por mar. Por volta de 1177 AC, eles travaram uma batalha naval cataclísmica com as tropas egípcias no Delta do Nilo. O Faraó Ramsés III afirmou ter derrotado os intrusos – e o Egito continuou a ser um estado de poder considerável durante os séculos seguintes – mas no decurso dos acontecimentos perdeu quase toda a sua influência na Ásia Ocidental. Outros reinos da região sofreram danos ainda maiores. Muitas cidades e palácios da Grécia micênica foram destruídos, e o estado hitita na Anatólia sofreu um colapso catastrófico, com a sua capital, Hattusha, devastada e abandonada.¹

A chegada dos Povos do Mar fez parte de um padrão mais amplo de perturbação, provavelmente desencadeado, em certa medida (como a crise de refugiados que atingiu a Europa nos últimos anos), pelas alterações climáticas. Parece que por volta de 1200 A.C. o Oriente Próximo entrou num período de aridez significativamente aumentada. Isto colocou uma pressão cada vez maior sobre os agricultores das aldeias locais, muitos já em dificuldades devido à enorme quantidade de impostos e às exigências laborais que lhes foram impostas pelos seus reis. Como consequência, muitos agricultores decidiram abandonar as suas terras e vagar pelo campo, causando fome generalizada e caos político.

Os detalhes precisos do que aconteceu durante as primeiras décadas do século XII permanecem obscuros, mas o resultado geral dos acontecimentos é claro: um grande número de estados palacianos (assim chamados porque os centros palacianos absorveram grande parte das suas receitas) deixaram de existir, os seus elites de mentalidade internacional foram exterminadas e novos intervenientes, na sua maioria organizados segundo linhas tribais ou étnicas, apareceram em cena, desde os hebreus e filisteus em Canaã até aos árabes na Península Arábica, os neo-hititas luwianos na Anatólia e no norte da Síria, e os arameus semitas mais ao sul, na Síria. Os novos grupos tendiam a residir em locais muito mais modestos do que as anteriores cidades palacianas, e a sua organização política era menos hierárquica do que a dos seus antecessores. O cuneiforme, o complexo sistema de escrita usado durante a Idade do Bronze Final pelos governantes da região para se comunicarem entre si, foi abandonado no Levante (mas não na Mesopotâmia) e lenta e aleatoriamente substituído por sistemas de escrita alfabética mais simples e “democráticos”.

QUANDO ESTAS PERTURBAÇÕES E ACONTECIMENTOS COMEÇARAM, A ASSÍRIA estava longe do centro da tempestade. Ao longo do século XII AC, a maioria das províncias ocidentais da Assíria ao longo dos rios Khabur e Balikh permaneceram firmemente nas mãos dos assírios, e os reis da Assíria puderam concentrar-se nas suas repetidas alterações com a Babilónia. Documentos cuneiformes sugerem que não apenas os cidadãos de Ashur, mas também os de pequenas e distantes cidades provinciais, como Dunnu-sha-Uzibi (moderno Giricano, perto da cidade turca de Diarbakır), continuaram até o século XI a cuidar de seus negócios. ,

pedindo dinheiro emprestado, comprando escravos e imóveis e engajando-se em outras atividades comerciais.²

Na verdade, a Assíria pode inicialmente ter lucrado com o caos político no Levante. A queda do reino hitita e a pressão exercida pelas tribos arameus sobre muitas das cidades e estados do norte da Síria facilitaram as incursões assírias em áreas mais distantes do que qualquer outra alcançada pelos exércitos assírios antes. Tiglate-Pileser I, no final do século XII e início do século XI AC, lutou com sucesso contra povos remotos, como os Mushku na Frígia (os ancestrais do lendário Midas), e foi o primeiro governante assírio a cruzar repetidamente o rio Eufrates e operar no Levante. Ele até marchou com seu exército até a costa do Mediterrâneo, onde recebeu tributos das cidades de Arwad, Sidon e Biblos e matou uma misteriosa criatura marinha - talvez um hipopótamo - cuja réplica foi erguida em um dos portões de sua casa. palácio em Ashur. Um faraó egípcio não identificado enviou ao rei animais adicionais, incluindo um crocodilo e uma grande macaca, presentes que claramente apelaram ao gosto exótico de Tiglate-Pileser. Tiglate-Pileser é também o primeiro governante assírio cujas inscrições falam sobre o plantio de árvores de países estrangeiros em parques recém-criados no coração da Assíria. O filho de Tiglate-Pileser, Ashur-bel-kala (r. 1073–1056 AC), também empreendeu algumas campanhas militares ambiciosas.³

Mas os relatos oficiais de Tiglate-Pileser e Ashur-bel-kala não contam toda a história. Os dois reis podem ter conseguido atravessar grandes extensões de terra devastadas pelas incursões das tribos arameus que se mudaram para a região nas décadas anteriores. No entanto, apesar de os assírios se gabarem de ter repetidamente atacado com sucesso essas tribos, os exércitos reais mostraram-se incapazes de obter uma vitória decisiva. Quando confrontadas, as tribos, empregando táticas de guerrilha, simplesmente recuaram para terreno difícil, evitando as lutas “cavalheirescas”, às vezes conduzidas em bigas, que os assírios esperavam que os seus inimigos travassem. constantemente, para se infiltrarem em áreas cada vez mais próximas do coração da Assíria, causando estragos onde quer que aparecessem. Uma crônica sobre os últimos anos de Tiglate-Pileser pinta um quadro devastador da situação: “O povo (assírio) comeu a carne uns dos outros.... Os clãs arameus aumentaram, saquearam [as colheitas (?) da Assíria], conquistaram e tomaram [muitas fortificadas cidades da] Assíria. As pessoas fugiram para as montanhas de Habruri para salvar as suas vidas. Eles (os arameus) levaram seu ouro, sua prata e seus bens.... Toda a colheita da Assíria foi arruinada.” A situação aludida nesta passagem era um tanto paradoxal: enquanto os soldados assírios operavam a muitas centenas de quilômetros de distância da sua terra natal, os invasores arameus estavam ocupados saqueando as suas aldeias e cidades na Assíria.⁴

Em meados do século XI, o Estado assírio estava em crise. Uma crônica assíria e um texto mal preservado inscrito num monumento conhecido como “Obelisco Branco” indicam que sob Assurnasirpal I, que governou de 1049 a 1031, os assírios ainda eram capazes de realizar campanhas ocasionais. Mas o raio geográfico das atividades militares deste rei diminuiu dramaticamente em comparação com épocas anteriores. Os distritos e cidades visados por ele eram tão insignificantes que a maioria dos seus nomes são desconhecidos.⁵

Ashurnasirpal I expressou seu desespero em uma oração à deusa Ishtar de Nínive, na qual lamentou:

*Você me cobriu de doença. Por que estou às portas da morte?
Como alguém que cometeu pecados e sacrilégios, eu suporto (a pena).
Estou constantemente apreensivo; (Eu moro) na escuridão.
Parei a atividade sexual (?)...
Não consigo nem me aproximar da refeição que devo comer. 6*

É certo que, até certo ponto, as queixas de Assurnasirpal podem ter sido clichês. Os apelos da Mesopotâmia aos deuses muitas vezes seguiam a regra tácita de que apenas a roda que range recebe a graxa. Até o grande rei Assurbanipal do século VII – talvez inspirado por uma cópia recente da oração de Ashurnasirpal guardada na sua biblioteca em Nínive – queixou-se amargamente numa oração a outro Ishtar, a divindade padroeira de Arbela, sobre a sua saúde miserável e o seu fraco estado mental. Mas, ao que tudo indica, Ashurnasirpal I realmente tinha motivos para se sentir profundamente deprimido. Seu reino, a Assíria, estava sitiado. Grupos migratórios de saqueadores arameus atacavam vilas e cidades assírias, e grandes áreas do território assírio foram perdidas.

Parece que os reis que seguiram Assurnasirpal I não foram capazes de conduzir qualquer campanha militar. Dos cerca de cem anos entre 1030 e 935 AC, não se conhece uma única inscrição real que trate da ação militar. Este estado de coisas não pode ser atribuído apenas aos acidentes da descoberta. Observações em inscrições dos reinados de reis posteriores não deixam dúvidas sobre quão profundamente a Assíria afundou durante as décadas por volta de 1000 AEC. Ashur-dan II (r. 934–912 A.C.) menciona que, “desde a época de Salmaneser (II) em diante” — isto é, a partir de 1030 — os arameus vinham “assassinando” os cidadãos da Assíria e vendendo seus filhos e filhas. Salmaneser III (r. 858–824 A.C.) descreve a perda de cidades assírias localizadas no Médio Eufrates no decorrer dos ataques aramaicos durante o longo e nada glamoroso reinado de Ashur-rabi II (r. 1012–972 A.C.). Outros assírios, famintos e exaustos, foram forçados a abandonar suas cidades e vilas e fugiram para montanhas e regiões remotas, onde seus sanguinários inimigos arameus se mostraram incapazes de segui-los; mais tarde foram repatriados por reis como Ashur-dan II e Assurnasirpal II e se estabeleceram em cidades recém-construídas ou restauradas. Por outras palavras, na viragem do milénio, a situação da Assíria era extremamente precária. Nunca na sua longa história como Estado territorial o país sofreu uma crise tão grande.⁷

A HISTÓRIA DA ANTIGA ASSÍRIA PODERIA MUITO BEM TER TERMINADO aqui. Mas, em contraste com o que aconteceu aos hititas, a crise assíria permaneceu temporária. Uma combinação de tenacidade, resiliência e perspicácia política manteve o estado a avançar, mesmo no seu ponto mais baixo. A Assíria se recuperou: “Quando tudo acabou”, citando o escritor alemão Jörg Fauser, “tudo continuou”.⁸

A sobrevivência da Assíria deveu-se, em grande medida, ao facto de o próprio núcleo do coração assírio permanecer, em grande parte, firmemente nas mãos dos assírios. Mais importante ainda, os arameus nunca conseguiram conquistar a cidade de Ashur, o coração político e cultural da Assíria. A dinastia real fundada em Ashur centenas de anos antes por Adasi permaneceu no cargo, e embora os reis assírios que governaram o estado assírio durante os anos de crise fossem fracos, o seu governo contínuo garantiu alguma continuidade muito necessária. Além disso, parece que, apesar da destruição de alguns centros

administrativos da Assíria Média no oeste, algumas fortalezas assírias naquela área resistiram à tempestade. No geral, a situação na Assíria era menos desesperadora do que na Babilônia, onde os ataques assírios anteriores, sob Tiglate-Pileser I, e as invasões subsequentes dos arameus e dos “caldeus” (um grupo étnico linguisticamente relacionado com os arameus, mas mais coeso e organizado) tiveram criado um cenário político marcado pela desintegração total e pela rápida sucessão de dinastias reais de curta duração e com pouco poder.

A partir da segunda metade do século X, uma série de reis assírios fortes e implacáveis abriu um novo capítulo na história assíria. As novas políticas que iniciaram foram facilitadas por dois factores principais. A primeira foi que várias das tribos arameus que causaram tantos danos nos territórios ocidentais da Assíria durante as décadas anteriores começaram a estabelecer-se em vários proto-estados ao longo do Eufrates e seus afluentes, diminuindo assim a pressão que a Assíria sentia há muito tempo. deles. Ao mesmo tempo, os arameus que se mudaram para a área central da Assíria começaram a assimilar um estilo de vida assírio mais tradicional. Não menos importante, as condições de seca que persistiram na região durante os trezentos anos anteriores chegaram lentamente ao fim. Os anos por volta de 925 AC viram o início do chamado megapluvial assírio, um período de aumento lento da quantidade de chuvas anuais que ajudou a aumentar a produção agrícola na área central da Assíria e além.⁹

Os governantes assírios poderiam ter respondido a estas circunstâncias voltando-se para dentro. Poderiam ter seguido o exemplo do Egito no primeiro milénio, concentrando os seus esforços na reconstrução dos seus territórios de origem. Mas este não era o caminho que os reis da Assíria seguiriam. Muito pelo contrário: desde o primeiro momento possível, eles colocaram toda a sua energia na restauração do grande e expansivo estado que a Assíria tinha sido no período da Assíria Média. Para o fazer, os governantes assírios agora no poder tiveram de readoptar o militarismo agressivo dos seus antepassados da Assíria Média. Todos os anos, geralmente durante os meses de verão, eles participavam de campanhas destinadas a recuperar as antigas terras do seu reino. Fazendo uma analogia com a retomada cristã dos territórios de Espanha aos muçulmanos, pode-se chamar o seu *modus operandi* de “Reconquista”.¹⁰

A Reconquista Assíria parece ter começado com o já mencionado Ashur-dan II, o primeiro rei em mais de um século a fornecer relatos detalhados das suas operações militares. Foram dirigidas principalmente contra áreas a nordeste e noroeste do território central da Assíria e incluíram uma campanha contra o pequeno reino de Katmuhu, que já tinha sido uma província assíria. Em vez de reanexar esta terra, Ashur-dan, cujo reinado de vinte e dois anos começou em 934 A.C. , saqueou-a e transformou-a num estado vassalo forçado a pagar um tributo regular e a fornecer tropas. Esta abordagem exemplifica a “Grande Estratégia” que os governantes assírios perseguiram durante a fase inicial da Reconquista em geral. Para poupar recursos, apenas locais de grande importância estratégica e focos de oposição foram colocados por eles sob administração direta assíria.¹¹

Garantir que os dignitários locais nas áreas recentemente conquistadas permanecessem leais em tais circunstâncias exigia um elevado nível de ameaça. A campanha de Katmuhu constitui um bom exemplo dos actos de guerra psicológica utilizados pelos assírios. O governante deposto do reino, Kundibhalê, foi levado para Arbela, onde foi esfolado e executado. Sua pele foi trazida de volta para Katmuhu e pendurada nos muros de uma de

suas antigas cidades, para servir de alerta para outros potenciais criadores de problemas. As inscrições assírias do período da Reconquista estão repletas de relatos semelhantes, bem como relatos de cidades conquistadas sendo destruídas, devastadas e queimadas, estátuas divinas sendo “apropriadas” e trazidas para Ashur, e inimigos sendo cegados ou mutilados de outras maneiras. Este registo sombrio de terror e tortura influenciou fortemente a percepção moderna da civilização assíria. No entanto, embora notavelmente propensos a discussões abertas sobre tais práticas, os assírios não estavam sozinhos entre os povos do mundo antigo a envolverem-se em actos de extrema violência. Mesmo no antigo Egito, muitas vezes considerado um lugar mais pacífico do que a Assíria, os soldados amontoando as mãos (e os pénis) decepados de inimigos massacrados para celebrar campanhas militares bem sucedidas são frequentemente mostrados em relevos de templos e mencionados em textos.

Para seu crédito, os reis assírios da era da Reconquista não só expandiram o seu poder através da implementação de esquemas de protecção estatais contra governantes estrangeiros; também reconstruíram cidades e vilas e reforçaram a base agrícola dos territórios recentemente reconquistados. Uma passagem de uma inscrição de Ashur-dan II – que reapareceu de forma semelhante nas inscrições de vários outros governantes dos séculos X e IX – fornece uma boa ideia de como os reis assírios procuraram reconstruir os seus territórios: “Eu trouxe de volta o povo exausto da Assíria que abandonou suas cidades e casas diante da miséria, da fome e da fome e foi para outras terras. Instalei-os em cidades e casas adequadas e eles viveram em paz. Construí palácios nos vários distritos da minha terra, engatei arados nos vários distritos da minha terra e empilhei mais grãos do que nunca.”¹²

Os historiadores modernos chamam esta nova era de conquista e desenvolvimento que começou com Ashur-dan II de período Neo-Assírio. É claro que nem todas as inovações que o moldaram podem ser atribuídas precisamente ao final do século X. Entre as menos claramente datáveis estão as mudanças na língua assíria, que absorveu novas palavras e passou por uma série de mudanças fonológicas e gramaticais. Houve também modificações no formato dos contratos e das pastilhas de transmissão. As alterações na terminologia jurídica encontradas nestes documentos, e na forma como foram selados, podem reflectir uma quebra de padrões bem estabelecidos de intercâmbio económico nas décadas por volta de 1000 a.C., ESPECIALMENTE nas relações entre as cidades e o campo.¹³

Houve também algumas continuidades pronunciadas entre os períodos da Assíria Média e do Neo-Assírio - continuidades enraizadas, até certo ponto, nos esforços deliberados dos reis posteriores para seguir os passos dos seus antecessores. Os nomes dos tronos assírios são um bom exemplo. Todos os reis assírios que governaram depois de Assurnasirpal I assumiram nomes anteriormente detidos por algum governante da Assíria Média, autodenominando-se Shalmaneser (II) ou Ashur-nirari (IV). Este padrão de atribuição de nomes permaneceu em vigor até o reinado de Salmaneser V, na segunda metade do século VIII. Muitos dos títulos reais que os governantes neo-assírios escolheram também remontavam aos seus antepassados assírios médios. Quando Ashur-dan II se autodenomina “rei do mundo” (*šar kiššati*), um título ambicioso demais para seu domínio ainda relativamente pequeno, isso quase certamente pode ser visto como uma tentativa de imitar o título de reis anteriores, como Tiglate -pileser I. O uso de nomes de meses babilónicos em vez de assírios nas inscrições reais neo-assírias também pode ser rastreado até a época de

Tiglath-Pileser I. Em vez de uma ruptura clara com o passado, a transição do Médio Assírio ao período Neo-Assírio foi, em muitos aspectos, um processo gradual.¹⁴

DO REINADO DE ASHUR-DAN II EM DIANTE E ATÉ O século VII A.C. , as inscrições reais neo-assírias descrevem centenas de campanhas militares, muitas vezes em grande detalhe. Poucas civilizações do mundo antigo deixaram fontes mais ricas para um estudo cuidadoso da história militar do que a era Neo-Assíria, ilustrando vividamente como a máquina de guerra assíria realmente funcionou.

Os relatos de campanha dos dois sucessores de Ashur-dan II, Adad-nirari II (r. 911–891 AC) e Tukulti-Ninurta II (r. 890–884 AC), são particularmente informativos no que diz respeito às táticas militares assírias, que muitas vezes eram com o objetivo de evitar uma batalha aberta. Ambos os reis descrevem detalhadamente, e quase diariamente, como seus soldados se moviam pelo território inimigo e que tributo eles coletavam. Sob Adad-nirari II, os assírios restabeleceram seu domínio em áreas a sudeste de Ashur, tomando a cidade estrategicamente importante de Arrapha (atual Kirkuk); nos anos que se seguiram, os exércitos assírios costumavam usar este local como plataforma de lançamento para campanhas a leste. Adad-nirari assinou um tratado de paz com o rei babilônico Nabû-shumu-ukin, e uma nova fronteira entre a Babilônia e a Assíria foi traçada. Para selar o acordo, os dois reis casaram-se com as filhas um do outro. Mais a oeste, no Triângulo Khabur, vários reis locais tornaram-se vassalos assírios ou foram substituídos por governantes fantoches.

Tanto Ashur-dan II quanto Tukulti-Ninurta II empreenderam longas campanhas ao longo dos rios Eufrates e Khabur, o primeiro no sentido anti-horário e o segundo no sentido horário. As expedições tinham como objetivo coletar tributos e garantir a lealdade de muitos homens fortes locais, muitas vezes de origem aramaica, que na época governavam pequenas extensões de terra ao longo dos dois rios. As inscrições assírias permitem-nos acompanhar de perto o itinerário dos exércitos assírios:

No vigésimo sexto dia do mês de Nisannu no epônimo de Na'id-ili (ou seja, 885 AC), eu (Tukulti-Ninurta II) saí de Ashur.... Cruzei o Wadi Tharthar, montei acampamento e passou a noite lá. Ao meio-dia, toda a água foi retirada, (depois de) eu ter tirado água de quatrocentos e setenta poços nas redondezas.... Durante quatro dias, segui as margens do Wadi Tharthar..., matando oito touros selvagens....(Mais tarde, no rio Eufrates), saí da planície e me aproximei da cidade de Sirqu. Recebi como tributo de Mudada de Sirqu três minas (cerca de 1,5 quilogramas, ou 3,3 libras) de ouro, sete minas (cerca de 3,5 quilogramas, ou 7,7 libras) de prata refinada, oito talentos (cerca de 240 quilogramas, ou 529 libras) de estanho , quarenta caçarolas de bronze, um talento (cerca de 30 quilogramas, ou 66 libras) de mirra, [...] cem ovelhas, [...] cento e quarenta bois, vinte burros, vinte pássaros grandes, bem como pão, cerveja, grãos , palha e forragem.¹⁵

As quantidades de bens que Tukulti-Ninurta II recebeu de Mudada foram pequenas, mas como o rei assírio foi capaz de forçar dezenas de pequenos governantes a fornecer-lhe tributos, ele acumulou ao longo do tempo uma riqueza significativa.

Geralmente bastava que os exércitos assírios simplesmente passassem para fazer os governantes locais pagarem. Apenas os locais que não cumpriram foram atacados. Isto aconteceu, por exemplo, com várias cidades da Frígia que foram saqueadas e incendiadas, e onde Tukulti-Ninurta II massacrou partes da população local e destruiu a colheita nos campos circundantes. Contudo, a matança indiscriminada de civis não era a regra. Os assírios usaram-no ocasionalmente como dissuasão para outros possíveis rebeldes, mas não tinham interesse em campanhas genocidas. Tendo em conta a constante escassez de mão-de-obra que marcava as realidades económicas do antigo Oriente Próximo, os reis assírios precisavam de súbditos que estivessem vivos e não mortos. Como disse Tukulti-Ninurta II nas suas próprias inscrições, citando um credo já encontrado em textos escritos em nome de Tiglate-Pileser I: “À Assíria acrescentei terras e ao seu povo acrescentei pessoas”.¹⁶

Pouco se sabe sobre a cultura literária e académica da Assíria durante o início do período da Reconquista, mas é digno de nota que Tukulti-Ninurta II é o primeiro governante assírio a empregar um “estudioso principal”, um certo Gabbi-ilani-eresh, que se tornou o ancestral de uma família extremamente influente de “intelectuais da corte”. As inscrições reais compostas em nome de Tukulti-Ninurta - talvez pelo próprio Gabbi-ilani-eresh - são escritas em um idioma fortemente assyrianizante, e não no dialeto babilónico geralmente mais prestigiado. Linguisticamente intimamente relacionado ao assírio, o babilónico foi usado em muitas inscrições da Assíria Média e posteriormente da Neo-Assíria, mas durante o início do período da Reconquista, os reis da Assíria aparentemente consideraram vital cultivar uma identidade que fosse ostensivamente assíria.

O REINADO DO FILHO E SUCESSOR DE TUKULTI-NINURTA II, Ashurnasirpal II (r. 883–859 AC) marcou uma virada dramática, tanto para a cultura assíria quanto para a política assíria. No final do seu reinado, em 864 A.C., o rei apresentou as mudanças que tinha provocado a uma audiência de 69.574 pessoas, tanto assírios como dignitários estrangeiros, que tinha convidado para irem à cidade de Calah. Ser convocado para a corte assíria normalmente não era motivo para muita alegria. Mas desta vez as coisas foram diferentes. O rei estava dando uma festa, sem poupar despesas. De acordo com a sua chamada Estela de Banquete, Ashurnasirpal serviu aos seus convidados “cem bois gordos, mil bezerros e ovelhas do estábulo, dez mil pombos, dez mil rolas, dez mil peixes, dez mil ovos, dez mil pães”, e quantidades igualmente enormes de uvas, cebolas, mel, tâmaras, frutas e muitos outros alimentos, sem mencionar um grande número de bebidas alcoólicas. Talvez os foliões também tenham recebido espetos com gafanhotos assados, uma iguaria assíria retratada em relevos de parede assírios de Nínive, e “caldo de sangue elamita”, como um livro de receitas cuneiformes chama um tanto horivelmente de guisado popular. A ocasião oficial para esta festa extraordinária foi a inauguração do monumental “Palácio Noroeste” de Ashurnasirpal, que se tornaria a nova residência do rei em Calah.¹⁷

Ashurnasirpal transferiu a sede do poder de Ashur para Calah em 879, quatro anos após seu reinado. Calah, localizada perto da convergência do Grande Rio Zab e do Tigre, não era uma fundação nova; tinha uma história de quase mil anos na época da ascensão de Assurnasirpal ao poder e serviu durante séculos como centro de uma pequena província do interior da Assíria. Mas apesar desta distinção, a cidade nunca atingiu um estatuto

comparável ao de Ashur ou Nínive. Agora, de repente, encontrava-se no processo de se tornar a nova e gloriosa capital do reino assírio.

Afastar a corte real de Ashur, sede do deus do estado assírio e capital tradicional do reino, foi uma tarefa arriscada. Cerca de 350 anos antes, Tukulti-Ninurta I pode ter pago com a vida por uma tentativa semelhante de criar uma nova capital: os seus planos de mudar a sua residência para Kar-Tukulti-Ninurta, do outro lado do Tigre, foram provavelmente a principal razão para um de seus próprios filhos para matá-lo. Mas a mudança de Ashurnasirpal para Calah foi bem-sucedida, e a cidade continuaria a ser a principal morada dos reis assírios por mais de um século e meio. Pode ter ajudado o fato de Ashurnasirpal também ter realizado obras de construção em Ashur. Ao restaurar o chamado Palácio Antigo de Ashur, bem como vários templos, ele enviou uma mensagem clara de que Ashur continuaria a ser um lugar de vital importância para o reino assírio, neutralizando assim qualquer inclinação por parte das elites de Ashur para iniciar uma revolta. Além disso, durante o inverno e o início da primavera, Ashurnasirpal e os governantes assírios que o seguiram passavam regularmente algum tempo em Ashur para participar de alguns dos rituais de culto mais significativos do estado. Eles também continuariam a ser enterrados em Ashur, em abóbadas subterrâneas sob o Palácio Antigo, onde residiram durante a sua estadia na cidade. Finalmente, para enfatizar que o deus Ashur continuaria a ser a divindade proeminente do reino, Ashurnasirpal afirmou ter dedicado a cidade de Calah a ele, embora o significado exato deste ato permaneça obscuro.¹⁸

A mudança de Ashurnasirpal para Calah e a transformação da cidade numa metrópole deslumbrante foram reforçadas por um influxo de enormes quantidades de saques e tributos garantidos através de novas conquistas. Mas, em primeiro lugar, por que é que o rei transferiu a corte para Calah? Uma razão, ao que parece, foi que Ashur se tornou muito pequena - depois que Ashurnasirpal completou o muro de 15 metros (50 pés) da cidade baixa de Calah, sua nova capital, com cerca de 380 hectares (940 acres) de tamanho, cobriu uma área cerca de seis vezes maior que o de Ashur. Outra característica vantajosa de Calah era um monte alto no extremo sudeste da cidade. Este monte proporcionou não apenas segurança ao rei, mas também amplo espaço para acomodar o tipo de templos e palácios monumentais que condiziam com o novo status da Assíria como hegemonia cada vez mais incontestada de grande parte da Ásia Ocidental. E enquanto Ashur estava localizada no extremo sul da área central assíria, numa região periférica não particularmente adequada para a actividade agrícola, Calah estava estrategicamente posicionada no centro do “triângulo assírio”, uma área marcada por Ashur no sul, Nínive no norte e Arbela no leste. Também foi cercado pela fértil planície do norte da Assíria.¹⁹

Por último, mas não menos importante, Assurnasirpal pode ter transferido o tribunal para Calah por razões políticas. Ele pode ter procurado enfraquecer o poder da antiga “aristocracia” de Ashur (e talvez também de Nínive e Arbela) transferindo a sua administração para uma cidade cujos habitantes foram escolhidos a dedo entre os apoiantes mais leais do rei de todo o estado, e até além. Encontrar essas pessoas foi uma das tarefas centrais que Nergal-apil-kumu'a, o governador recém-escolhido de Calah, teve de realizar em nome de Assurnasirpal. Um decreto real sobre a sua nomeação lista alguns dos locais de origem dos novos cidadãos de Calah, bem como as profissões que ocupavam - havia padeiros, cervejeiros, arquitetos, gravadores, fabricantes de arcos, tecelões e fullers; ourives, latoeiros e ferreiros; pastores de bois, criadores de pássaros, agricultores, jardineiros e cozinheiros;

barqueiros e canavieiros; comerciantes e prostitutas; adivinhos e exorcistas; e muitos outros. Os eunucos, leais ao rei e não às suas próprias famílias, desempenharam um papel cada vez maior na administração real e, em breve, também nas fileiras de oficiais do exército.²⁰

Sob Ashurnasirpal e seus sucessores, milhares de trabalhadores da construção civil e artesãos transformaram Calah e seus arredores num centro urbano pronto para inspirar admiração e admiração em seus muitos visitantes. Entre outras coisas, um curso de água artificial, chamado “Canal da Abundância”, foi escavado no Alto Zab para irrigar um exuberante parque com inúmeras plantas exóticas, incluindo lindas romãs. “Rios de água (luminosos) como as estrelas do céu” fluíam para o “jardim do prazer”, o mais antigo conhecido dos muitos parques e jardins palacianos que se tornariam características centrais das paisagens imperiais do Médio Oriente – desde a *paridaida* do Reis persas em Pasárgada e Persépolis (de onde deriva a palavra “paraíso”) até os jardins do palácio dos Abássidas na Bagdá e Samarra medievais. A tradição também se espalharia para o leste, para a Índia, e para o oeste, para Roma. Além disso, Assurnasirpal coletou animais exóticos, incluindo touros selvagens, leões, avestruzes e macacos de sua expedição ao Mediterrâneo, e os exibiu no que parece ter sido um dos primeiros tipos de zoológico.²¹

Na cidadela de Calah, as equipes de construção do rei ergueram nove templos, quatro dos quais foram pelo menos parcialmente escavados; eles foram dedicados ao deus guerreiro Ninurta, ao filho de Marduk, Nabû, a Ishtar de Kidmuri e a outra deusa semelhante a Ishtar chamada Sharrat-niphi. Mas o projecto de construção mais ambicioso de Assurnasirpal foi o chamado Palácio Noroeste, a sua nova residência, cuja inauguração foi celebrada com a gigantesca festa do rei. Situado no bairro noroeste da cidadela, as partes escavadas do palácio medem cerca de 200 × 120 metros (cerca de 650 × 390 pés). Seu tamanho real deve ter sido consideravelmente maior.

A parte mais impressionante do palácio era a suíte da sala do trono, localizada ao lado de um enorme pátio ao norte e contígua mais ao sul por um complexo de grandes apartamentos de estado construídos em torno de outro pátio. Todas as paredes desta ala do palácio eram revestidas com baixos-relevos feitos de calcário e decoradas com representações de campanhas militares, expedições de caça, divindades protetoras, palmeiras estilizadas e cenas rituais. Alguns deles foram inscritos com textos resumindo o resultado das campanhas militares de Assurnasirpal, e todos foram originalmente pintados (ver Placas 7 e 8). Parte da tinta ainda estava intacta quando os relevos foram escavados – vestígios de tinta preta para as barbas cuidadosamente curadas dos reis assírios mostraram-se particularmente resistentes à devastação do tempo. Pinturas murais e painéis de tijolos esmaltados adornavam as paredes acima dos relevos, realçando a natureza multissensorial avassaladora da experiência para os visitantes que eram admitidos nas salas internas do palácio. As árvores das montanhas Amanus e do Líbano forneceram a madeira usada para os grandes telhados dessas salas.²²

Os relevos das paredes de Assurnasirpal são os primeiros exemplos assírios existentes deste grupo de artefatos, logo considerados emblemáticos da arte assíria. Certas indicações sugerem que seus protótipos já existiam durante o reinado de Tiglate-Pileser I, mais de duzentos anos antes. Mas parece que o principal modelo para os ciclos de relevo do Palácio do Noroeste foram os ortóstatos de pedra que decoravam os palácios e templos das cidades centrais dos estados “neo-hititas” e arameus do norte da Síria. A “Linha Paredes de Escultura” em Carchemish, criada no século X AC , pode ter servido como uma inspiração

particularmente importante para os artistas de Ashurnasirpal. Era característico das elites neo-assírias não terem escrúpulos em adotar estilos e tecnologias artísticas estrangeiras, muitas vezes transformando-as de tal forma que se tornassem genuinamente assírias. As representações de seres humanos e divindades protetoras nos baixos-relevos assírios, mais altos, mais talentosos e mais elegantes do que as figuras um tanto atrofiadas encontradas em seus precursores neo-hititas e arameus, fornecem um bom exemplo desse tipo de emulação transcultural . . ²³

Também introduzidas sob Ashurnasirpal, e em pouco tempo outro elemento definidor da arte e arquitetura assíria, foram as enormes esculturas de touros alados com cabeça humana e leões semelhantes a esfinge erguidos nos portões de entrada principais dos palácios e templos assírios. Cinco deles foram posicionados ao longo da fachada norte da suíte da sala do trono de Ashurnasirpal. Tal como os baixos-relevos assírios, estas figuras colossais tiveram precursores na escultura dos reinos neo-hitita e arameu do norte da Síria, mas superaram os seus modelos em execução e tamanho, com o maior dos touros alados assírios medindo até 5 metros (16 pés) de altura e pesando até 50 toneladas métricas (55 toneladas americanas). Exalando força e potência, os colossos eram considerados seres sobrenaturais capazes de proteger palácios e templos contra intrusos malévolos. Combinando as qualidades de diferentes espécies – o corpo de um touro ou de um leão, a cabeça de um ser humano e as asas de um pássaro – o seu poder vinha das suas alegadas raízes num passado primitivo, quando as formas humanas e animais ainda não estavam plenamente desenvolvidas. diferenciado. Para sublinhar que dominavam não só os domínios da terra e do ar, mas também o mar, alguns dos colossos tinham até características relacionadas com os peixes: a barriga e o peito de dois dos touros alados da fachada da sala do trono de Ashurnasirpal têm a forma de um torso de peixe, com escamas, e suas cabeças ostentam um gorro em forma de peixe. ²⁴

OS REIS ASSÍRIOS PARECEM TER ACREDITADO QUE OS touros alados e leões representados pelas esculturas em seus palácios e templos estavam entre os muitos monstros que, segundo a tradição, o deus guerreiro mesopotâmico Ninurta derrotou no início dos tempos e trouxe para casa como cativos. Uma vez removidos do mundo mitológico do caos de onde vieram, os monstros domesticados foram reaproveitados como protetores benevolentes.

Histórias sobre as lutas heróicas de Ninurta contra vários adversários perversos também forneceram um modelo mitológico para a ideologia expansionista da Assíria. Uma dessas histórias narra a vitória de Ninurta sobre o monstruoso pássaro Anzû, parecido com uma águia. No início, Anzû, trazido de seu local de origem na periferia norte para a casa dos deuses, serve como guardião dos aposentos privados de Enlil, o rei dos deuses e pai de Ninurta. Mas Anzû abusa de sua posição roubando a “Tábua dos Destinos” enquanto Enlil toma banho. Sem essa tábua, os deuses são incapazes de manter a ordem cósmica. Depois que várias outras divindades, temerosas do encontro com o pássaro colossal, se recusaram a recuperar o objeto, Ninurta se aproxima e expressa sua disposição de enfrentar Anzû na batalha. Inicialmente, seu ataque é repellido: com a ajuda da Tábua dos Destinos, Anzû transforma as flechas de Ninurta de volta aos seus elementos originais, com a haste voltando a ser um junco e as penas nas pontas das flechas se reunindo com os pássaros que as produziram. . Mas então o deus Ea conta a Ninurta um truque: ele poderia cortar as penas

das asas de Anzû. Ninurta faz isso, e quando Anzû usa um feitiço para trazer as penas de volta, as flechas emplumadas também o alcançam e provocam sua derrota. Ninurta retorna com a Tábuia dos Destinos e é recebido em triunfo pelos outros deuses.²⁵

A história de Ninurta e do malvado pássaro Anzû, o monstro do caos que esteve sob controle antes, mas que desertou e precisava ser derrotado uma segunda vez, forneceu um modelo particularmente bom para os esforços de “Reconquista” assírios, imbuindo-os de uma dimensão cosmológica. Os reis assírios se reconheceram em Ninurta. Tal como esse deus, nos tempos primitivos, combateu o caos ao derrotar criaturas monstruosas que ameaçavam minar a paz e a tranquilidade do mundo emergente, os governantes da Assíria consideraram que a sua “missão civilizadora” era criar – ou recrear – a ordem, derrotando os seus inimigos humanos ao longo das fronteiras cada vez maiores do seu estado.²⁶

Escusado será dizer que esses mesmos inimigos devem ter tido uma percepção muito diferente das políticas agressivas da Assíria, até porque estas eram frequentemente acompanhadas por actos de extrema violência. Um dos testemunhos mais horríveis da brutalidade dos exércitos assírios aparece num longo texto inscrito com o nome de Assurnasirpal II em ortóstatos de pedra que revestem as paredes e o chão do recém-construído Templo Ninurta, localizado a norte do seu palácio real. O texto começa com uma invocação do deus Ninurta e uma celebração do rei que inclui cerca de cinquenta títulos e epítetos culminando numa autopredicação: “Eu sou rei, sou senhor, sou louvável, sou exaltado, sou importante, Sou magnífico, sou o principal, sou um herói, sou um guerreiro, sou um leão e sou um homem. É evidente que a modéstia não era uma qualidade que os monarcas assírios cultivavam muito. Segue-se então um relato detalhado das campanhas realizadas durante os primeiros cinco anos de mandato de Assurnasirpal. Ao descrever a conquista da cidade de Tela, no Alto Tigre, o rei relata: “Capturei muitas tropas vivas. De alguns cortei-lhes os braços e as mãos; de outros eu cortei seus narizes, orelhas e extremidades. Arranquei os olhos de muitas tropas. Pendurei suas cabeças nas árvores da cidade. Queimei muitos de seus meninos e meninas adolescentes. Eu arrasei, destruí, queimei e consumi a cidade.”²⁷

O objetivo principal deste e de outros episódios semelhantes na inscrição do Templo Ninurta provavelmente não era causar medo entre os inimigos da Assíria. Nenhum daqueles que provavelmente resistiriam à expansão implacável da Assíria teria tido a oportunidade de ler o texto. Aparentemente, a inscrição foi dirigida ao próprio Ninurta, numa tentativa de agradá-lo, mostrando que o rei assírio havia continuado a missão beligerante que o deus havia iniciado nos tempos mitológicos. Mas podemos presumir que os seus verdadeiros destinatários foram os reis assírios posteriores e os círculos dirigentes do establishment político e religioso da Assíria. Expor este público interno a relatos explícitos de violência foi uma forma eficaz de reforçar entre eles a ideologia agressiva sobre a qual o Estado assírio foi fundado.

Outros textos assírios são igualmente obcecados pela violência. Um poema perturbador diz sobre um rei assírio, talvez Tiglate-Pileser I: “Ele corta o ventre de mulheres grávidas; ele cega as crianças; ele corta a garganta dos mais fortes.” Mesmo segundo os padrões do mundo antigo, estes eram atos que poderiam ser considerados crimes de guerra – afinal, o profeta bíblico Amós previu que Deus puniria os amonitas “porque eles rasgaram mulheres grávidas em Gileade para alargar o seu território.” Se os textos assírios glorificavam tais atrocidades, isto provavelmente deveria ser considerado como um exercício de autodoutrinação,

destinado a dissipar os dois grandes medos que tendem a comprometer o desempenho de um exército: o medo de ser morto e, talvez mais importante ainda, o remorso por ter matado. .

28

Na verdade, os assírios podiam estar bastante preocupados com a violência e as suas consequências. O Erra Epic, um texto literário do século IX ou VIII AC QUE ERA POPULAR NA ASSÍRIA, OFERECIA UMA CRÍTICA PODEROSA À VIOLÊNCIA E À GUERRA. Na primeira cena do épico, Erra, o protagonista do texto, um deus do combate, do caos e da peste, descansa preguiçosamente com sua esposa em seu quarto. Seu tempo de lazer é rudemente interrompido quando ele é ridicularizado pelos Sebetti, um grupo de sete divindades beligerantes que lhe exaltam os prazeres da guerra:

*Por que você está sentado na cidade como um velho fraco,
Devemos comer comida de mulher, como os não-combatentes?
Por mais desenvolvida que seja a força de um morador da cidade,
Como ele poderia vencer um ativista?
Por mais saboroso que seja o pão da cidade, ele não se compara ao pão da fogueira,
Por mais doce que seja a cerveja fina, ela não retém nada da água de um odre.* ²⁹

Erra, com a sua masculinidade posta em causa, entra imediatamente em acção, mas com resultados desastrosos: a guerra em que se envolve leva o mundo à beira da extinção. Numa matança indiscriminada, ele mata “o justo e mata o injusto”. Somente quando seu fiel conselheiro Ishum intervém – conversando com seu mestre desequilibrado como um psicoterapeuta experiente – é que Erra finalmente cede e encerra a matança sem sentido. É evidente que, por mais guerreira que possa ter sido a cultura política da Assíria, dentro do panorama cultural mais amplo, existiam visões muito mais matizadas dos méritos da violência. ³⁰

ASSURNASIRPAL, PORÉM, DIFICILMENTE SEGUIRIA ALGUÉM que pudesse aconselhar o pacifismo. Durante seu reinado conduziu pelo menos quatorze campanhas militares. Ele lutou em todas as direções, poupando apenas a Babilônia. No leste, ele marchou três vezes até a terra de Zamua e tomou o passo de Babitu (moderno Bazian), que dava acesso ao planalto iraniano. No norte, ele atacou Nairi e a terra de Urartu, que se tornaria um inimigo formidável da Assíria nas décadas seguintes. No oeste, ele lutou contra vários estados arameus e neo-hititas localizados na margem oriental do Eufrates, principalmente o reino de Bit-Adini, cujo governante, Ahuni, submeteu-se a ele várias vezes, embora nunca para sempre. ³¹

O principal objectivo estratégico de Assurnasirpal em todos estes esforços era a conclusão da “Reconquista” – a restauração do reino assírio nas suas fronteiras da Assíria Média – que os seus antecessores tinham iniciado. Mas, ao contrário de Adad-nirari II e Tukulti-Ninurta II, que muitas vezes se contentavam em receber tributos dos pequenos governantes que se estabeleceram nos antigos territórios assírios, Ashurnasirpal estava ansioso por anexar as áreas que controlavam, transformá-las em províncias, e transformar suas principais cidades em centros administrativos assírios. No que diz respeito à cidade de Tushhan, por exemplo, localizada no Alto Tigre, Ashurnasirpal relatou: “Tomei Tushhan em mãos para reforma. neles cevada e palha da terra Nirbu.... Eu reassentei (o povo de Nirbu)

em suas cidades e casas abandonadas e impus sobre suas cidades mais tributos e impostos e mais corvéia do que nunca.” Em outro lugar ele observou: “Nomeei governadores em todas as terras e terras altas sobre as quais ganhei domínio; eles cumpriram servidão, e eu lhes impus tributos e impostos.” ³²

No final do reinado de Assurnasirpal, a Assíria já havia recuperado em grande parte suas antigas fronteiras entre as montanhas Zagros, no leste, e o Eufrates, no oeste. Fora desta área, Assurnasirpal interveio apenas uma vez, quando conduziu uma campanha ao Mediterrâneo, lavou as suas armas no mar e recebeu presentes de vários governantes dos reinos ao longo do caminho, incluindo Carquemis, Pátina e Tiro. Esta demonstração única de força, muito em linha com uma campanha semelhante conduzida durante o reinado de Tiglate-Pileser I, aparentemente não teve quaisquer consequências duradouras, excepto o facto de Ashurnasirpal ter estabelecido vários assírios na cidade de Aribua, no Rio Orontes, no oeste da Síria. Mas antecipou a abordagem estratégica completamente nova que caracterizaria a política externa do filho e sucessor de Ashurnasirpal, Shalmaneser III. Sob ele, as incursões militares em regiões distantes tornar-se-iam muito mais comuns – com alguns resultados imprevisíveis.

4

A Coroa em Crise

Nas décadas de 850 e 840 A.C., os exércitos assírios começaram a fazer campanha em territórios mais distantes do que nunca. Desde além das montanhas Zagros, no leste, até ao centro da Anatólia, no oeste, as populações locais viram-se confrontadas com o avanço aparentemente imparável das forças assírias. Parecia que o reino assírio estava finalmente a caminho de obter uma predominância incontestada.

Mas ainda não era o momento para a Assíria ultrapassar o limiar imperial. As conquistas extensas não foram consolidadas – e, com o tempo, os oficiais encarregados das tropas assírias desenvolveram um gosto pelo poder próprio, enfraquecendo o da coroa. A agitação interna e uma guerra civil na década de 820 introduziram um período de décadas durante o qual os monarcas da Assíria foram marginalizados por outras figuras influentes. Em meados do século VIII, o reino entraria num período de crise e agitação. Mas este período problemático foi também um ponto de viragem para a Assíria e uma plataforma de lançamento para coisas maiores que estavam por vir.

O FILHO DE ASSURNASIRPAL II, SALMANESER III (r. 858–824 AC), trouxe nova energia à causa assíria quando ascendeu ao trono após a morte de seu pai. Ao longo de mais de três décadas, os seus exércitos conduziram mais de trinta campanhas militares. Alguns dos primeiros — que geralmente partiam de Nínive e não de Calá — deram os retoques finais na restauração do território tradicional da Assíria, um projeto que havia começado menos de um século antes. Em 856 A.C., Salmaneser anexou o reino de Bit-Adini e tomou sua capital, Til-Barsip. Localizada num importante vau fluvial na rota para o Mediterrâneo, Til-Barsip foi o último grande centro da oposição arameu contra a Assíria, a leste do Eufrates. Shalmaneser renomeou a cidade com seu próprio nome, chamando-a de Kar-Salmanu-ashared, ou “Empório de Shalmaneser”; construiu um grande palácio novo, que também foi usado por reis assírios posteriores; e realocou uma população de assírios nativos para a cidade. Outras cidades no território de Bit-Adini foram igualmente renomeadas e colonizadas por colonos assírios, num programa de assirianação deliberada que foi provavelmente uma tentativa de solidificar o controlo sobre um território estrategicamente importante.¹

Uma das cidades assim transformadas foi Nappigi, localizada a poucos quilômetros a oeste do Eufrates, que Salmaneser rebatizou de Lita-Ashur (Poder de Ashur). Nappigi pode ser identificada com a posterior cidade greco-síria de Bambyke, hoje Manbij, na República Árabe Síria. Na antiguidade clássica, quando era mais conhecida pelo nome de Hierápolis, a “Cidade Santa”, Bambyke era o local de um famoso santuário dedicado a uma poderosa

divindade conhecida como “Deusa Síria”. Um relato grego do retórico e satírico do século II DC, Luciano, descreve o templo e o culto da deusa com detalhes muitas vezes coloridos; refere-se, por exemplo, a gigantescos pilares em forma de pênis colocados na entrada e escalados duas vezes por ano, em memória da fuga da humanidade do grande dilúvio, por um sacerdote que permaneceu em cima deles durante sete dias. Particularmente digna de nota é a ênfase que Luciano dá às muitas características supostamente “assírias” do templo. A menos que as afirmações de Luciano sejam inteiramente fictícias, pareceria que o projecto de Salmaneser de assirizar completamente a cidade de Nappigi teve de facto consequências duradouras.²

O tratamento dado por Salmaneser a Bit-Adini e suas cidades foi um tanto atípico em sua abordagem, entretanto. A criação de homogeneidade cultural e política num território bem definido sob total controlo assírio não seria um foco central durante a maior parte do seu reinado. Muito diferente de seu pai, Ashurnasirpal II, Salmaneser liderou numerosas campanhas militares em áreas muito fora das fronteiras tradicionais da Assíria. O rei operava no vale do alto rio Eufrates, no oeste da Síria; nas bacias de Van e Urmia, no norte; e até mesmo em lugares além do centro de Zagros. Em 836 A.C., um exército assírio avançou até Hubushna, ao norte dos Portões da Cilícia, um dos pontos mais ocidentais já alcançados pelas tropas assírias.³

Durante todo o tempo, Salmaneser mostrou pouco interesse em anexar qualquer um dos territórios remotos atravessados pelos seus exércitos. Em vez disso, procurou estabelecer relações tributárias com os estados que confrontou, permitindo-lhes permanecer formalmente independentes. Pelo menos alguns dos novos governantes clientes assírios parecem ter endossado as relações assim estabelecidas, mesmo dentro das suas próprias esferas de poder. Inscrições luwianas, fenícias e aramaicas dos séculos IX e VIII escritas em nomes dos reis de Sam'al nas montanhas Anti-Taurus e de Hiyawa/Que na Cilícia falam favoravelmente dos senhores assírios aos quais esses governantes se sentiam em dívida. Eles invocam o cuidado parental, e até mesmo o amor, supostamente demonstrado pelos assírios, e elogiam a fusão das dinastias locais com a casa real assíria. Barra-rakib de Sam'al chega ao ponto de proclamar, com orgulho ostensivo, que estava “correndo ao volante” da carruagem do rei assírio “junto com muitos outros reis”.⁴

A maioria das campanhas de Salmaneser foram dirigidas contra o Levante. Seus exércitos cruzavam o Eufrates regularmente e recebiam tributos de reinos poderosos e prósperos como Sam'al, Patina, Bit-Agusi, Aleppo e Carchemish. Se as inscrições de Salmaneser forem confiáveis, esse tributo costumava ser extremamente grande. O rei Qalparunda de Patina enviou ao rei, junto com outras coisas, “três talentos de ouro, cem talentos de prata e mil caçarolas de bronze”, o que equivale a cerca de sessenta vezes o ouro, oitocentas e cinquenta e cinco vezes a prata, e vinte e cinco vezes o número de caçarolas que o avô de Shalmaneser, Tukulti-Ninurta II, certa vez recebeu de Mudada de Sirqu.⁵

Mas nem todas as ações assírias no Levante foram tão bem-sucedidas. Em 853 A.C., o influente Hadad-ezer, rei de Damasco, juntamente com o governante de Hamate (a moderna Hama na Síria), reuniram uma aliança de doze principais potências políticas no Levante e travaram uma batalha campal contra as tropas assírias em Qarqar, em o Rio Orontes. Numa inscrição famosa, Salmaneser afirma ter obtido uma grande vitória nesta ocasião, “represando o rio Orontes com os corpos” dos inimigos mortos. Nos anos seguintes, contudo, as tropas assírias tiveram pelo menos seis altercações adicionais com Hadad-ezer, um sinal

claro de que a Batalha de Qarqar não tinha estabelecido totalmente a hegemonia assíria na região. ⁶

A coligação anti-assíria em Qarqar incluía Acabe, o rei de Israel, e Gindibu', rei dos árabes. Segundo Shalmaneser, o primeiro acrescentou duzentos carros e dez mil soldados às tropas aliadas, o segundo mil camelos. Estas são as primeiras referências a governantes israelitas e árabes nomeados na história, e vale a pena notar, considerando as tensões modernas entre o Estado de Israel e o mundo árabe, que na sua primeira aparição conjunta no cenário histórico, os encontramos lutando lado a lado. Anos depois de Qarqar, Jeú, um novo rei de Israel que ascendeu ao trono após um golpe sangrento, trouxe ouro, prata e vários vasos valiosos a Salmaneser como tributo. A representação no "Obelisco Negro" de Salmaneser, de Calá de Jeú prostrando-se diante do rei assírio, é outra "inovação histórica": a mais antiga representação pictórica conhecida de um rei israelita. Com pagamentos e gestos de submissão como o mostrado no Obelisco Negro, não só Israel, mas também muitos outros estados do Levante tentaram prevenir futuros ataques assírios. ⁷

Em linha com a sua propensão para se aventurar além das fronteiras tradicionais da Assíria, Salmaneser também se intrometeu na política babilônica. Ele interveio ao lado do rei local, Marduk-zakir-shumi, ajudando-o a reprimir uma rebelião instigada por um de seus irmãos. Salmaneser visitou vários templos babilônicos e lutou contra alguns dos inimigos caldeus de Marduk-zakir-shumi no sul da Mesopotâmia. De volta a Calah, ele comemorou suas boas relações com seu homólogo babilônico na forma de um baixo-relevo esculpido na base de pedra de seu próprio trono. Mostra os dois reis apertando as mãos. Pelo menos durante algum tempo, as tensões que existiam entre a Assíria e a Babilônia foram dissipadas.

EMBORA SALMANESER NÃO ESTIVESSE PARTICULARMENTE INTERESSADO - e talvez também fosse incapaz de - colocar muito território adicional sob o domínio direto assírio, o seu longo reinado expandiu dramaticamente os horizontes geográficos da Assíria. As tropas assírias marchavam agora regularmente para lugares exóticos e distantes onde nenhum soldado assírio jamais havia alcançado. As adaptações logísticas que estas campanhas exigiram tiveram repercussões significativas e, em certa medida, imprevistas. O exército assírio, anteriormente composto por recrutas recrutados numa base ad hoc durante os meses de verão, começou a incluir unidades especiais de soldados profissionais, muitas vezes estrangeiros que se destacavam no uso de tipos específicos de armas. Algumas dessas unidades estavam estacionadas na capital, em Calah, onde Salmaneser construiu um novo arsenal gigantesco, o chamado Palácio Review, para armazenar equipamento militar e abrigar alguns dos cada vez mais importantes cavalos de cavalaria. Mas muitas das novas unidades do exército tinham seus quartéis-generais distantes do centro do reino. Eles foram colocados, por exemplo, em províncias recém-criadas nas extremidades noroeste e nordeste do reino assírio. ⁸

Estas "marchas fronteiriças" foram governadas por quatro oficiais assírios cujas posições se tornaram cada vez mais influentes no decurso do reinado de Salmaneser. Os títulos tradicionais que detinham não transmitem adequadamente as suas responsabilidades cada vez mais extensas. O "marechal de campo" assírio (*turtānu*) estava encarregado da província que havia sido criada ao longo do Eufrates no território do antigo reino de Bit-Adini e mais ao norte. A partir daqui, os assírios partiram para atacar as terras ricas do norte da Síria. O

“tesoureiro” administrava uma província localizada a norte da moderna cidade iraquiana de Dohuk, e o “copeiro-chefe” e “arauto do palácio” operava a partir de províncias adjacentes à do tesoureiro na direcção sudeste, ao longo do vale superior do Grande Zab. A partir daí enfrentaram Urartu e vários pequenos principados nas montanhas Zagros.⁹

Ao fornecer a estes oficiais unidades militares bem equipadas e designar-lhes “marchas fronteiriças”, Shalmaneser foi capaz de reagir rapidamente a qualquer tipo de perturbação na fronteira assíria e lançar ataques a terras em todas as direcções. No entanto, a capacitação destes funcionários também acarretava certos riscos. O marechal de campo e seus três colegas foram extremamente influentes. A sua posição elevada entre as mais altas autoridades civis e militares da Assíria pode ser avaliada a partir da nova sequência de detentores de epônimos estabelecida sob Salmaneser III: os quatro seguiram diretamente o rei, precedendo os outros governadores regulares das províncias assírias. Na verdade, os novos senhores das fronteiras fronteiriças eram muitas vezes eunucos, que se acreditava terem poucos motivos para desafiar a coroa, uma vez que não tinham forma de fundar “dinastias” próprias. Mas a confiança do rei na sua lealdade total revelou-se um tanto enganadora.

Com o passar do tempo, alguns dos mais altos funcionários da Assíria começaram a desenvolver um apetite perigoso para expandir as suas pastas políticas. O resultado da sua busca por cada vez mais poder foi um período de instabilidade em que vários reis assírios parecem ter estado apenas nominalmente no comando. Na verdade, em alguns aspectos, a nova oligarquia revigorou efectivamente o Estado assírio, uma vez que muitos altos funcionários trabalharam arduamente para desenvolver as regiões sob o seu controlo e aumentar a sua produtividade económica. Este foi um pré-requisito para a eventual ascensão da Assíria à glória imperial. Mas, ao mesmo tempo, parafraseando William Butler Yeats, “as coisas desmoronaram – o centro não conseguiu aguentar”.

A CRISE COMEÇOU DURANTE OS ÚLTIMOS ANOS DO LONGO REINADO DE SALMANESER . Nessa época, o rei já era um homem idoso, provavelmente com a saúde cada vez mais debilitada, e tornou-se impossível para ele liderar pessoalmente as campanhas anuais de seus exércitos. Em seu lugar, seu marechal de campo, um veterano experiente chamado Dayyan-Ashur, agora acompanhava as tropas como seu comandante-chefe. Isso por si só não teria sido tão incomum. Verdadeiramente notável, porém, é o fato de que as inscrições reais deste período referem-se abertamente a Dayyan-Ashur. Até então, as inscrições reais assírias tendiam a atribuir todo o arbítrio ao rei, que era em geral o único assírio mencionado. Agora, porém, um relatório sobre a campanha assíria de 830 AEC contra o reino de Urartu, no norte, reconheceu o marechal: “No meu vigésimo sétimo ano de reinado, eu (Salmaneser) reuni meus carros e tropas. Dei ordens e enviei Dayyan-Ashur, o marechal de campo, chefe do meu extenso exército, para liderar o meu exército até Urartu. Ele desceu para Bit-Zamani, entrou na passagem de Ammash e atravessou o rio Arsania.” O texto então muda de forma um tanto desconfortável entre a primeira pessoa do singular – para o rei – e a terceira pessoa do singular – para Dayyan-Ashur. Mas o leitor não tem dúvidas de que o crédito pela liderança de todas as campanhas militares assírias empreendidas entre 830 e 826 AEC pertencia, na verdade, a esta última.¹⁰

Ainda mais impressionante é outro texto inscrito numa estátua quebrada encontrada durante os primeiros anos da Guerra Civil Síria pelos aldeões de Tell Ajaja, um grande monte no rio Khabur, no leste da Síria e local da antiga cidade de Shadikanni. A inscrição fornece um relato em primeira pessoa do singular das últimas seis campanhas militares do reinado de Salmaneser. A pessoa que fala, porém, claramente não é o rei. Embora o seu nome não tenha sido preservado, parece que foi Dayyan-Ashur quem afirma ter liderado as atividades militares descritas no texto. Uma passagem típica, introduzindo, numa ortografia ligeiramente idiossincrática, a já mencionada campanha de 830 A.C. CONTRA URARTU, DIZ: “NA MINHA SEGUNDA CAMPANHA... EU (Dayyan-Ashur) fui... para as regiões interiores de Ulartu.” Anteriormente, o rei tinha sido o único a receber o crédito pelas façanhas militares da Assíria. A usurpação do “eu” real por outra pessoa não tinha precedentes e era um sinal claro do declínio da autoridade de Salmaneser.¹¹

Embora Dayyan-Ashur tenha assumido certas prerrogativas tradicionalmente reservadas ao rei, ele parece não ter conspirado abertamente contra Salmaneser; na verdade, ele o menciona na inscrição de Tell Ajaja como seu “senhor”. Mas por volta de 826 AC, outros oficiais assírios - e também membros da própria família de Salmaneser - começaram a desafiar o rei mais abertamente e até a lutar contra ele. A principal causa da agitação foi a incerteza sobre quem sucederia Salmaneser no trono assírio. Embora as circunstâncias exatas permaneçam obscuras, parece que Salmaneser decidiu repentinamente fazer de seu filho mais novo, o rei Shamshi-Adad V, seu príncipe herdeiro. Compreensivelmente, o herdeiro aparente anteriormente nomeado, Ashur-da"in-aplu, não gostou desta medida e iniciou uma insurgência. Com o apoio proeminente de vinte e sete das cidades e províncias mais poderosas da Assíria, incluindo Nínive, Ashur, Arrapha e Arbela, ele procurou tirar o seu irmão mais novo – que operava a partir da sua base na capital, Calah – para fora do seu caminho. No final, a rebelião de Ashur-da"in-aplu foi esmagada. Quando Salmaneser, em 824, finalmente morreu, foi Shamshi-Adad quem se tornou rei da Assíria.¹²

Como observa com franqueza o Assyrian Eponym Chronicle, a ascensão de Shamshi-Adad não marcou o fim de suas preocupações. Foram necessários mais quatro longos anos de luta contra seus inimigos internos antes que o novo monarca, apoiado por vários altos funcionários e pelo governante babilônico Marduk-zakir-shumi, finalmente se encontrasse firmemente estabelecido como rei incontestado da Assíria. A essa altura, porém, as coisas não eram mais como antes. A coroa provou ser fraca, e os generais, governadores e funcionários judiciais à frente do governo da Assíria queriam um papel maior e mais visível para si próprios.¹³

ASSIM COMEÇOU A “ERA DOS MAGNATAS”, COMO TEM SIDO FREQUENTEMENTE chamada. Enquanto Shamshi-Adad V (r. 823–811 AC) tentava se estabelecer como o novo rei, seu marechal de campo, Yahalu, e um governador provincial chamado Nergal-ila'i, que mais tarde também se tornou marechal de campo, tomou muitas das decisões importantes. Como é livremente reconhecido numa das inscrições de Shamshi-Adad, a segunda campanha do rei, às terras Nairi, no noroeste, foi liderada pelo seu eunuco-chefe, uma patente recém-criada. E muitos altos funcionários mantiveram os seus cargos por muito mais tempo do que antes.

Até cerca de 815 A.C., Shamshi-Adad lutou muito e sofreu vários reveses. Sua terceira campanha em áreas nas montanhas Zagros parece ter terminado em derrota. A maioria dos

governantes dos reinos do norte da Síria reteve o seu tributo. E em 817 e 816, uma revolta na cidade de Tillê, localizada a leste do Triângulo Khabur e, portanto, alarmantemente perto da área central da Assíria, levantou o espectro de um caos renovado. Foi apenas durante os últimos quatro anos do reinado de Shamshi-Adad que a situação geral melhorou lentamente. Desconsiderando descaradamente um tratado anterior que ele havia concluído com seu homólogo babilônico Marduk-zakir-shumi, Shamshi-Adad atacou áreas sob controle babilônico a leste do Tigre, conquistou a cidade de Der na fronteira entre Babilônia e Elamita e trouxe várias estátuas divinas de Der para a Assíria. Marduk-balassu-iqbi, o novo rei da Babilônia, foi enviado ao cativeiro em Nínive. Em 812, Shamshi-Adad mudou-se para a Babilônia central, onde lutou contra o sucessor de Marduk-balassu-iqbi enquanto também fazia sacrifícios aos deuses da Babilônia, Borsippa e Cutha. No final, a Babilônia foi virada de cabeça para baixo e o trono babilônico permaneceu vago por algum tempo.

Se todas essas ações contra o ainda prestigiado, embora completamente exausto, vizinho do sul da Assíria tivessem restaurado parte do peso político do reino, a morte de Shamshi-Adad em 811 AC lançou o reino mais uma vez em um estado de desordem. O sucessor de Shamshi-Adad, Adad-nirari III (r. 810–783 AC), provavelmente ainda era menor de idade quando ascendeu ao trono e, por vários anos, teria sido incapaz de assumir o controle total do estado. Durante este tempo, o poder real parece ter sido concentrado nas mãos de dois outros membros da elite assíria: o já mencionado “magnata” Nergal-ila'i, e, mais notavelmente, e com maiores repercussões a longo prazo, Adad- a mãe de nirari, Sammu-ramat.

Os antecedentes de Sammu-ramat e as circunstâncias que levaram ao seu casamento com Shamshi-Adad V estão envoltos em mistério. Mas durante a longa guerra civil de 826 a 820 A.C. , quando o seu marido, confinado em Calah, enfrentou uma série de inimigos mortais decididos a destruí-lo, ela deve ter aprendido a ser destemida e resiliente no centro de uma tempestade. Quaisquer que fossem as circunstâncias exatas, quando Shamshi-Adad morreu e o jovem Adad-nirari ascendeu ao trono, Sammu-ramat estava pronto para assumir as rédeas do poder.¹⁴

O fato de Sammu-ramat ter atuado durante vários anos como uma espécie de “regente” de seu filho não encontrou expressão em seus títulos. Uma estela erguida em sua homenagem em Ashur a chama de “Mulher do Palácio de Shamshi-Adad, mãe de Adad-nirari e nora de Salmaneser”, todas designações convencionais para a esposa principal de um rei assírio e mãe de outro. Mas o facto de tal estela ter sido dedicada a ela em primeiro lugar - e erguida com dezenas de estelas semelhantes em homenagem a reis e altos funcionários assírios - mostra que a posição de Sammu-ramat era considerada invulgar. Ainda mais digna de nota é outra estela que a menciona, que foi erguida, provavelmente em 805 A.C. , não no coração da Assíria, mas perto da moderna cidade de Maraş, no sul da Turquia. Refletindo a confusão sobre quem estava realmente no comando, a inscrição na estela usa a primeira pessoa do singular “I” para Adad-nirari, bem como o nomeia na terceira pessoa, refere-se à sua mãe pelo nome e também usa “eles,” terceira pessoa do plural, para ambos. Relata que “quando Ushpilulume, rei dos Kummuhites, incitou Adad-nirari, rei da Assíria, e Sammu-ramat, a Mulher do Palácio, a cruzar o Eufrates, travei uma batalha campal com... Atarshumki... de Arpad e com oito reis que estavam com ele em Paqarahubunu.... No mesmo ano, eles ergueram esta pedra de fronteira entre (os territórios de) Ushpilulume, rei dos Kummuhites, e Qalparuda..., rei dos Gurgumitas.”¹⁵

O texto descreve como a liderança assíria, tanto através da diplomacia como através da guerra, resolveu um conflito fronteiriço no norte da Síria depois de um aliado assírio, Ushpilulume de Kummuh, ter pedido a sua intervenção. Mas os muitos nomes impronunciáveis e os detalhes complicados de todo o caso não são de grande preocupação aqui. De maior relevância é o papel importante que o texto atribui a Sammu-ramat: a mãe de Adad-nirari acompanhou o filho numa campanha militar através do Eufrates e ajudou a redesenhar as fronteiras entre dois estados poderosos no Levante. Como nenhuma outra inscrição real assíria de tempos anteriores ou posteriores creditou tais feitos a uma mulher real assíria, não pode haver dúvida de que Sammu-ramat exerceu enorme poder durante os primeiros anos de Adad-nirari no cargo.

Provavelmente não demorou muito para que o rei achasse um tanto embaraçoso que sua mãe tivesse sido tão proeminente durante seus primeiros anos no trono. Em suas inscrições posteriores, escritas após a morte de Sammu-ramat por volta de 800 AC, ele não a menciona mais. E mesmo na referida inscrição na estela, percebe-se um certo desconforto com a situação, manifestado na mudança entre a primeira pessoa do singular na descrição da batalha e a terceira pessoa do plural na passagem sobre o traçado da nova fronteira. Era simplesmente contrário aos padrões patriarcais da vida pública assíria que uma mulher estivesse tanto no centro das atenções.

No imaginário popular da época, porém, os feitos de Sammu-ramat não foram esquecidos. Pelo contrário, tornaram-se lenda, com Sammu-ramat a transformar-se na rainha assíria semificcional, todo-poderosa, exótica – e erótica – a quem os historiadores clássicos da Grécia e Roma antigas chamavam Semiramis. A lendária imagem de Sammu-ramat/Semiramis moldaria a percepção da Assíria tanto na Europa como no Médio Oriente durante mais de dois milénios.¹⁶

ADAD-NIRARI PODE TER SIDO LIBERTADO DA INFLUÊNCIA DE sua mãe quando ela morreu, mas isso não significava que ele estava totalmente no comando de seu reino. Os “magnatas” continuaram a impor limites à autoridade da coroa. De cerca de 787 AC em diante, um eunuco chamado Palil-eresh era o homem forte que exercia informalmente o poder, governando grande parte do território assírio no Médio Eufrates e no rio Khabur. O rei, entretanto, estava principalmente preocupado com campanhas contra o leste e com a consolidação do domínio da Assíria sobre o Irão Ocidental.

Poucos anos antes do final de seu reinado, Adad-nirari instalou um novo marechal de campo, um certo Shamshi-ilu, cuja origem familiar, como a de quase todos os magnatas, permanece desconhecida. Ele logo se tornou ainda mais influente que Palil-eresh. Por cerca de quarenta anos, ao longo dos reinados dos três reis bastante inexpressivos que governaram sucessivamente a Assíria após a morte de Adad-nirari, Shamshi-ilu parece ter sido o principal detentor do poder na Assíria. Embora inscrições mais longas escritas nos nomes desses monarcas sejam extremamente raras, são conhecidos vários textos que celebram os feitos de Shamshi-ilu. Alguns deles ainda reconhecem o papel do rei. Uma inscrição dos últimos anos de Adad-nirari III, encontrada perto de Antakya, no rio Orontes, é bastante semelhante à estela Sammu-ramat da região de Maraş: afirma que tanto o rei como o seu marechal de campo foram fundamentais na resolução de um conflito fronteiriço local na região. O mesmo se aplica a outra inscrição na pedra fronteira da época do sucessor de Adad-nirari,

Salmaneser IV (r. 782–773 AC). Mas num terceiro texto, composto no final do reinado de Salmaneser IV e inscrito em dois colossais leões de pedra erguidos no seu quartel-general em Til-Barsip, Shamshi-ilu leva todo o crédito por uma vitória militar significativa sobre as tropas do rei urartiano Argishti. para ele mesmo. Alegando ter agido em nome não do rei, mas de “Ashur, o pai, o grande senhor e a elevada mãe de (o templo) Esharra, a deusa Mullissu”, o marechal de campo, escrevendo na terceira pessoa, declara orgulhosamente que ele “avança como uma terrível tempestade com o rugido das armas em punho, que reverberam terrivelmente. Como o pássaro Anzû, ele lançou contra ele (Argishti) os corcéis furiosos atrelados à sua carruagem e o derrotou. Assustado com a luta, ele (Argishti) escapou como um ladrão.” ¹⁷

Nenhuma outra inscrição deste período utiliza um arsenal tão bem abastecido de figuras retóricas. Shamshi-ilu claramente se apresenta aqui em quase todos os aspectos como um rei, com a única exceção de que ele não reivindica o título real. No início do texto, porém, ele se autodenomina “governador da terra de Hatti e da terra de Gutu e de toda a terra de Namri”, indicando que seu domínio se estendia desde o rio Eufrates, no oeste, até regiões no leste iraniano, e, portanto, muito além dos limites de uma única província.

Durante os anos de governo de Shamshi-ilu, a sorte política e militar da Assíria mudou, piorando lentamente à medida que doenças e mudanças climáticas começaram a afetar o reino. Por um lado, houve sucessos significativos, incluindo uma vitória contra o reino do norte de Urartu em 774 AC e a campanha de Shamshi-ilu contra Damasco em 773, que resultou na aquisição de ricos tributos e levou o governante de Damasco a enviar ao rei assírio um dos suas filhas como futura esposa. Em 754, logo após a ascensão de Ashur-nirari V (r. 754–745 A.C.), o exército assírio realizou outra campanha vitoriosa contra a poderosa cidade-estado de Arpad, ao norte de Aleppo, forçando seu rei, Mati'ilu, a assinar um tratado reconhecendo Ashur-nirari V como seu mestre. Uma cópia cuneiforme do tratado foi encontrada entre as tabuinhas das bibliotecas de Assurbanipal em Nínive. Estipulando que, para Mati'ilu, “nossa morte deve ser a sua morte e nossa vida a sua vida”, inclui uma série de maldições sombrias e sexualmente carregadas contra Mati'ilu caso ele “pecasse” contra o tratado; nesse caso, ele “se tornaria uma prostituta e seus soldados se tornariam mulheres”.

18

Mas a campanha bem-sucedida contra Arpad foi uma exceção. A partir da década de 760, as vitórias assírias tornaram-se raras e o reino sofreu vários reveses sérios. Houve pragas – a primeira possivelmente trazida à Assíria por soldados que lutaram em 765 nos pântanos pantanosos e infestados de mosquitos do estuário de Orontes, no oeste da Síria – e repetidas rebeliões em várias províncias. Sob Ashur-nirari V, o exército assírio perdeu uma importante batalha contra o rei urartiano Sarduri II, um evento celebrado em uma das inscrições de Sarduri. Os “governadores” locais de Suhu e Mari, no Médio Eufrates, que também deixaram inscrições, aparentemente foram capazes de dirigir os seus assuntos sem qualquer interferência assíria. E durante muitos anos, como registra a Crônica Epônima Assíria, o rei e as suas tropas permaneceram “na terra”, uma indicação clara de que a Assíria não tinha os meios para afirmar o seu papel como poder político proeminente da região. ¹⁹

OS HISTORIADORES MODERNOS TÊM LUTADO PARA AVALIAR OS OITENTA E CINCO anos de governo de magnatas sob uma coroa fraca. Alguns argumentaram que os anos em questão foram, em

geral, um período de declínio, que assistiu a uma contracção do poder assírio em quase todas as frentes. A “era dos magnatas” foi comparada a outros episódios da história mundial durante os quais generais, funcionários judiciais, eunucos ou mulheres de haréns usurparam o poder e inauguraram regimes “decadentes”. O papel que o comandante militar Flávio Stilicho desempenhou na provocação da crise do Império Romano Ocidental na virada dos séculos IV para V D.C. , e o impacto que a “imperatriz viúva” Cixi teve na queda da Dinastia Qing na China em do início do século XX, foram citados como analogias históricas às maneiras pelas quais Shamshi-ilu ou Sammu-ramat influenciaram o curso da história da Assíria. ²⁰

Contudo, em muito contraste com estes casos, a “era dos magnatas” da Assíria não anunciou o colapso final do reino, mas antes a sua ascensão a um domínio imperial sem precedentes. Os magnatas, ao que parece, fizeram bom uso da autonomia que possuíam – por exemplo, expandindo a base económica das províncias que controlavam. Pesquisas arqueológicas mostraram que a área entre os rios Khabur, Eufrates e Tigre viu um aumento substancial de assentamentos a partir do final do século IX, o que pode ter sido o resultado de tentativas por parte de autoridades regionais de converter partes da estepe em terras agrícolas para cultivar mais culturas. As autoridades conseguiram fazê-lo porque o período de aumento das chuvas que começou por volta de 925 A.C. continuou — e chegou mesmo a atingir novos picos — durante a primeira metade do século VIII. ²¹

Pelo que sabemos, nenhum dos magnatas, nem mesmo os mais ambiciosos, alguma vez tentou tornar-se rei. Os monarcas assírios eram fracos, mas permaneceram durante todo este período como chefes formais do estado assírio. Houve rebeliões, mas elas parecem não ter minado a legitimidade da dinastia governante: o homem que liderou uma insurreição em Ashur em 763/762 AC era membro da família real. Na verdade, o papel de funcionários como Palil-eresh ou Shamshi-ilu assemelha-se em muitos aspectos ao dos “grão-vizires” da Assíria Média que serviram como vice-reis dos territórios ocidentais do reino, um arranjo político do qual o estado assírio lucrou muito. negócio. ²²

Mesmo assim, é difícil negar que os últimos vinte anos da “era dos magnatas” foram marcados por diversas crises muito graves. A questão chave é como é que a Fénix do império surgiu das cinzas destes *anos horríveis* .

IMPÉRIO

5

A Grande Expansão

Muitas políticas históricas alcançaram o reconhecimento universal como impérios após longos períodos de crescimento. Eventualmente, após um aumento gradual, cruzaram um limiar que marcou a diferença entre um Estado e um império, passando de um território central bem definido para um poder centralizado sustentado exercido sobre numerosos países e povos distantes. Esta foi a história do Império Romano e também do Império Britânico.

A história da Assíria é diferente – e menos direta. Imediatamente antes de o reino assírio cruzar o limiar imperial, passou por duas décadas de desordem e declínio político. Numa reviravolta quase irônica, foi aparentemente a experiência traumática destes mesmos anos que motivou a subsequente expansão imperial da Assíria. O Império Assírio nasceu da crise.

A transformação imperial da Assíria foi provocada entre 745 e 705 AEC por Tiglate-Pileser III e seus dois sucessores imediatos, Salmaneser V e Sargão II, que governaram seu domínio com mão de ferro. As estruturas políticas que estes reis criaram, desde as províncias remotas da Assíria até às redes de comunicação altamente eficientes do estado, definiriam o Império Assírio até aos seus últimos dias.

AS NOTAS HISTÓRICAS QUE A CRÔNICA EPÔNIMA ASSÍRIA fornece para os anos entre 765 e 746 AEC são lacônicas, mas não há ambigüidade sobre o fato de que as coisas não estavam indo bem. Tudo começou, em 765 e 759 A.C. , com duas ondas de peste devastando o reino. É difícil estabelecer quão grave era realmente a situação, mas as anteriores orações hititas e as cartas cuneiformes de Mari do século XVIII AC mostram quão catastrófico e aterrorizante poderia ser o surto de doenças contagiosas entre os povos do antigo Oriente Próximo. Como se um grande número de mortos não fosse um golpe suficiente para estas sociedades, as medidas tomadas para conter a propagação de epidemias poderiam ter consequências desastrosas. ¹

As autoridades mesopotâmicas tentaram lidar com as epidemias, em parte, através da proibição de viagens. Como afirma uma carta de Mari: “Os habitantes das cidades, assim que forem tocados (pela peste), não devem entrar nas cidades intocadas. Caso contrário, pode muito bem acontecer que afetem todo o país.” Se medidas semelhantes foram implementadas na Assíria do século VIII, o que parece provável, pode-se facilmente imaginar como devem ter paralisado a economia e a prontidão militar do reino. ²

As dificuldades causadas pelas epidemias em curso em várias regiões do reino assírio foram provavelmente fundamentais para a eclosão de uma série de revoltas. Em 763 e 762, a cidade de Ashur parece ter sido o centro de um deles e, por um tempo, o chefe dos

insurgentes que havia assumido o controle do centro religioso da Assíria reivindicou para si o reinado. Revoltas adicionais ocorreram em 761 e 760 na cidade oriental de Arrapha, e também em Guzana, no oeste do Triângulo Khabur, durante o ano da peste de 759. A Crônica Epônima nos diz que a insurreição Guzana foi esmagada em 758 e que a paz foi restaurada, mas foi muito incômodo: a crônica observa que o exército assírio permaneceu “na terra” durante sete dos onze anos seguintes. A Babilônia também estava em crise durante esse período. Um eclipse solar em 763 aumentou a sensação geral de destruição que deve ter permeado estes anos.³

Inquieta, atormentada por doenças e agitação, a Assíria parecia à beira de um colapso total. Mas, em vez disso, o país estava prestes a sofrer uma reviravolta dramática. A situação agitada levou um certo Pulu, em 746 AC, a embarcar em mais uma revolta, da qual emergiria sob o nome de trono Tiglate-Pileser (III) como o novo rei da Assíria. Sabemos muito pouco sobre a história de Pulu. Tal como os seus três antecessores, ele pode ter sido filho de Adad-nirari III, mas apenas uma das suas muitas inscrições afirma que ele descendia daquele rei. Como seu nome, Pulu, tem alguma semelhança com o de Bit-Pa'alla, um nome alternativo para o reino de Gurgum, no norte da Síria, foi sugerido que sua mãe poderia ter sido uma princesa de lá, trazida por Adad-nirari. III para a Assíria na sequência da campanha inicial que empreendeu com Sammu-ramat, mas isso está longe de ser certo. Igualmente especulativo é, por enquanto, que ele esteve envolvido na revolta em Ashur em 763 e ^{762.4}

Quanto à revolta de 746, centrada na capital, Calah, pouco se sabe além do seu desfecho. O rei Ashur-nirari V desapareceu de cena e, como diz a Crônica Epônima, Pulu, ou melhor, Tiglate-Pileser, “assumiu o trono no décimo terceiro dia do mês de Ayyaru” no ano 745 AEC. Poucos poderiam ter esperado isso na época, mas como logo aconteceria, foi o início de uma nova era.

DADAS AS TERRÍVEIS CONDIÇÕES QUE ENFRENTOU NO INÍCIO DO SEU reinado, é surpreendente o quanto Tiglate-Pileser III (r. 744–727 A.C.) conseguiu transformar e expandir o seu reino em apenas dezoito anos. Ele alterou fundamentalmente o cenário político da Ásia Ocidental.⁵

Uma das mudanças mais radicais que implementou na esfera doméstica foi centralizar a autoridade, reduzindo o poder dos “magnatas”. É claro que o rei não poderia ter tido sucesso na sua busca pelo trono e nos seus empreendimentos militares posteriores sem a ajuda dos principais comandantes e administradores do exército. Mas ele garantiu que esses homens não mantivessem seus cargos por muito tempo. Os cargos particularmente significativos de marechal de campo, copeiro-chefe e tesoureiro foram atribuídos a *homines novi* (isto é, homens que antes não faziam parte da classe de elite). Os nomeados para essas posições influentes não tinham mais permissão para compor inscrições em estilo real, como Shamshi-ilu e outros magnatas anteriores haviam feito; na verdade, algumas dessas inscrições anteriores, incluindo textos escritos nos nomes de Shamshi-ilu e Palil-eresh, foram parcialmente apagadas num ato que lembra a prática romana da *danatio memoriae* (a eliminação de certos indivíduos da memória pública). E a partir de meados do século VIII, o hábito de erguer estelas em homenagem a altos funcionários na cidade de Ashur foi gradualmente abandonado. Por outras palavras, a ascensão de Tiglate-Pileser III ao poder iniciou um período em que, mais do que nunca, tudo estava centrado em torno do monarca.

Quase imediatamente, Tiglate-Pileser também começou a retomar a realização de campanhas anuais contra inimigos estrangeiros — e o fez com força total. Já no seu ano de ascensão, apenas três meses após o início do seu reinado, ele liderou os seus exércitos para o norte e o leste da Babilônia, derrotou várias tribos arameus rebeldes perto da fronteira assíria e deportou muitos dos seus povos. Um ano depois, ele criou as novas províncias de Parsua e Bit-Hamban na região de Zagros, estabelecendo um padrão de anexação que se tornaria uma característica definidora do seu reinado.⁷

Uma segunda fase da campanha de Tiglate-Pileser, nos anos de 743 a 738, concentrou-se no reino de Urartu e nas cidades-estado do norte da Síria. Em 743, o exército assírio derrotou o rei urartiano Sarduri II, forçando-o a fugir vergonhosamente à noite. Um dos aliados mais importantes de Sarduri nesta ocasião foi Mati'ilu de Arpad, cuja hostilidade renovada para com a Assíria violou flagrantemente o tratado que ele havia concluído com Ashur-nirari V em 754. Tiglate-Pileser passou três anos sitiando Arpad e em 740 finalmente conquistou a cidade, transformando-a no centro de outra nova província assíria.

A queda de Arpad desencadeou uma reacção em cadeia, com outros estados da região a submeterem-se também a Tiglate-Pileser. Em 738, o poderoso reino de Patina (também conhecido como Unqi), bem como Hatarikka e Simirra mais a oeste, foram anexados e transformados em províncias. O controle direto da Assíria agora se estendia a cidades próximas ou no Mediterrâneo - por exemplo, Gabala, a moderna Jableh, perto de Latakia, e Kashpuna, na área da moderna cidade libanesa de Trípolis. Aterrorizados pela rápida expansão do poder da Assíria, numerosos governantes de outros estados ocidentais, incluindo Rezim de Damasco e Menaém de Israel, trouxeram tributo a Tiglate-Pileser.

De 737 a 734, as tropas assírias lutaram novamente contra Urartu, chegando à sua capital Turushpa, e contra regiões da Média. Então Tiglate-Pileser estava de volta ao Levante. Desta vez, seu exército marchou até a Filístia e a fronteira egípcia. Judá, Moabe, Edom e os árabes enviaram tributos ao rei. Nos dois anos seguintes, os assírios lutaram contra as forças de Peqah de Israel e Rezin de Damasco, cuja aliança também é descrita na Bíblia (do ponto de vista de Judá, que permaneceu leal a Tiglate-Pileser). A intervenção assíria terminou com a conquista e anexação de Damasco e a divisão do Reino de Israel em unidades menores, algumas transformadas em províncias assírias. O restante estado de Israel, isolado do mar, foi entregue a um rei fantoche, Oséias.

Os últimos anos de Tiglate-Pileser foram dedicados à conquista da Babilônia. Em 732, um certo Nabû-mukin-zeri, líder do protoestado caldeu de Bit-Amukani, no sul da Mesopotâmia, tomou o trono na Babilônia. Tiglate-Pileser o derrotou e em 729 tornou-se rei da Babilônia. Em campanhas adicionais contra fortalezas caldeus ele consolidou o seu poder sobre a região. Duas vezes seguidas, o rei participou do famoso Festival de Ano Novo da Babilônia, que teve um significado preeminente para a identidade religiosa da cidade. Ganhar o controle do sul, e especialmente da cidade de Babilônia, com seu enorme prestígio cultural, foi a maior conquista do reinado de Tiglate-Pileser.

QUANDO TIGLATE-PILESER III MORREU, NO INVERNO DE 727 AEC, A Síria era duas vezes maior do que era no início de seu reinado. A nova fronteira ocidental do país já não era o rio Eufrates, mas o mar Mediterrâneo, e em todas as outras direcções o rei também obteve enormes ganhos territoriais.⁸

Esta reviravolta na sorte é simplesmente surpreendente, especialmente tendo em conta que aos anos de peste e agitação interna anteriores ao reinado de Tiglate-Pileser se juntaram outros problemas crescentes. A partir de meados do século VIII, o “megapluvial assírio” – o período de aumento significativo dos níveis de precipitação que começou por volta de 925 AEC – chegou lentamente ao fim. A precipitação anual diminuiu substancialmente e, embora ainda não estivessem à vista secas massivas, isto deve ter tido um efeito adverso na base agrícola da Assíria. A degradação ecológica provocada pelo homem aumentou a pressão ambiental colocada sobre a zona rural assíria. A mania do marfim por parte das elites assírias levou a inúmeras expedições de caça, que dizimaram as manadas de elefantes que costumavam viver na Síria. Entretanto, os gigantescos projectos de construção patrocinados pela Coroa, bem como a necessidade cada vez maior de lenha como combustível para a fundição do minério de ferro, resultaram no esgotamento das florestas da região.⁹

Com base na sabedoria convencional, a Assíria deveria ter vivido um caos político crescente sob tais circunstâncias. Afinal, não foram a Peste Antonina de 165-180 D.C., a Peste de Cipriano cerca de setenta anos depois, a Peste Justiniana de 541 A.C. e a “Pequena Idade do Gelo” da Antiguidade Tardia os principais fatores do declínio do Império Romano? É também amplamente reconhecido que a queda da civilização Maia por volta de 900 D.C. e do Império Khmer no século XV, bem como as crises políticas enfrentadas nos últimos anos por países como a Síria, estão de alguma forma relacionadas com os efeitos das alterações climáticas. E, no entanto, as circunstâncias que levaram outros sistemas políticos ao colapso levaram a Assíria a níveis sem precedentes.¹⁰

O aparente paradoxo desaparece se aceitarmos que a história não é governada por regras determinísticas. Os desafios podem ser enfrentados adaptando-se às mudanças que estão ocorrendo. E foi exatamente isso que Tiglate-Pileser fez. Fazendo um balanço da perda de vidas causada pelas epidemias das décadas de 760 e 750 no coração da Assíria, e percebendo que era difícil aumentar a produção agrícola sob condições ecológicas cada vez mais desfavoráveis, o rei decidiu implementar uma nova estratégia política. Ele se concentrou na conquista e anexação de terras estrangeiras, na extração de suas riquezas para o bem maior do centro assírio e na deportação de centenas de milhares de pessoas de todas as áreas do reino recém-expandido para reabastecer a força de trabalho necessária para manter o estado em execução. Além disso, para tornar os processos governamentais mais eficientes, o rei desmantelou a estrutura de poder descentralizada que existia sob os seus antecessores, reservando para si decisões importantes.

Foi, em suma, um feito notável de reengenharia política e demográfica, embora a saída da crise de Tiglate-Pileser dificilmente possa ser considerada um modelo para o nosso tempo. A sua violenta campanha de expansão imperial e centralização, na verdade, pode ser concebida como um aviso sobre as formas como os “maus actores” podem tirar partido dos desastres naturais que tendem a atingir a humanidade. Mas, para o bem ou talvez para o mal, não se pode negar que o novo regime de Tiglate-Pileser garantiu o lugar da Assíria ao sol durante mais de um século.

OS DOIS REIS QUE SEGUIRAM TIGLATE-PILESER NO trono assírio continuaram a política expansionista do seu influente antecessor. O primeiro, Salmaneser V (r. 726–722 AC), filho de Tiglate-Pileser, foi originalmente chamado de Ululayu, em homenagem ao mês Ululu em

que nasceu. Ele aprendeu o ofício de governar durante seu tempo como príncipe herdeiro, e uma série de cartas cuneiformes que escreveu a seu pai sobreviveram dessa época. Um deles revela que tratou com delegações estrangeiras quando o rei estava fora do país. Mas o príncipe herdeiro também era responsável por assuntos mais mundanos, incluindo o transporte de gelo – necessário para resfriar alimentos e vinhos armazenados em câmaras subterrâneas – com a ajuda de jangadas de odres inflados. Como este episódio revela incidentalmente, a refrigeração não foi uma invenção do século XIX ou XX, mas uma tecnologia milenar.¹¹

A ascensão de Salmaneser aparentemente ocorreu sem problemas e, embora nem uma única inscrição real mais elaborada do curto reinado do rei tenha sido recuperada, está claro que ele conduziu uma série de campanhas militares. Evidências indiretas sugerem que ele adicionou grandes territórios no norte da Síria, na Cilícia e na Anatólia central ao estado assírio e pressionou a cidade de Tiro. É muito provável que ele também tenha sitiado, conquistado e anexado a cidade de Samaria, capital do que restou do Reino de Israel após a campanha de Tiglate-Pileser em 732. Que foi Salmaneser quem pôs fim à independência de Israel é sugerido tanto pela Bíblia como pela Crônica Babilônica.

Em 722 AC, ano da conquista de Samaria, um novo rei, Sargão II (r. 721–705 AC), ascendeu ao trono assírio. Desta vez, a transferência de poder foi aparentemente muito mais acidentada. Num texto do início do seu reinado, Sargão acusa o seu antecessor de ter imposto impostos e trabalhos forçados aos cidadãos de Ashur, que eram tradicionalmente isentos de tais obrigações, irritando assim o deus Ashur. Dado que a crítica aberta aos governantes anteriores é atípica nas inscrições reais assírias, pode-se presumir com segurança que Sargão tinha deposto Salmaneser num golpe de estado e agora precisava de razões para justificar esta medida. A afirmação de Sargão de que ele reassentou “6.300 assírios que cometeram crimes” na terra de Hamate também indica problemas internos – os “criminosos” eram provavelmente oponentes de sua tomada de poder, que o rei enviou a uma região distante para tirá-los de seu caminho.¹²

Assim como Salmaneser V, Sargão II parece ter sido filho de Tiglate-Pileser, mas provavelmente de uma esposa diferente. Em contraste com seu (meio) irmão, Sargão nunca serviu como príncipe herdeiro. Seu nome, Sharru-ukin (“Sargão” é a versão bíblica), deve ter lembrado às pessoas o nome do grande Sargão (Sharru-kinu) de Akkad, o fundador do primeiro reino transregional na história da Mesopotâmia e um lendário amplamente celebrado. Os nomes de vários membros da família de Sargão II aludem ao deus da lua Sîn, cujo centro religioso ficava na cidade ocidental de Harran, controlada pelos assírios, onde Sargão pode ter crescido ou ocupado algum cargo militar importante antes de se tornar rei.

¹³

Os problemas internos que Sargão enfrentou no início de seu reinado foram apenas o começo de suas preocupações. Muitas pessoas fora da área central do reino aproveitaram o período de agitação que se seguiu à tomada do poder por Sargão para se livrar do jugo assírio. Na Babilônia, um chefe caldeu, Marduk-aplu-iddina (II), tomou o trono, e no oeste, um homem forte de Hamath chamado Yaubi'di reuniu uma poderosa coalizão anti-assíria de várias províncias, muitos deles criados recentemente por Tiglate-Pileser III e Shalmaneser V, incluindo Arpad, Simirra, Damasco e Samaria.

Em 720, mais de um ano depois de ascender ao trono, Sargão estava finalmente pronto para voltar a sua atenção para a restauração do poder assírio sobre as regiões rebeldes. Um

ataque assírio à Babilônia não conseguiu alcançar os resultados desejados porque Marduk-aplu-iddina recebeu assistência militar de Elam. No oeste, porém, os assírios prevaleceram: as tropas de Sargão derrotaram as tropas inimigas unidas em uma batalha sangrenta no rio Orontes. As províncias rebeldes foram reanexadas e porções significativas do povo de Samaria foram deportadas para vários lugares do Império Assírio. Yaudi'di, que passou os dois anos anteriores matando todos os assírios que caíram em suas mãos, foi levado a Ashur e esfolado. Sua pele foi preservada com sal e exibida publicamente, e a cena foi retratada em detalhes terríveis em um relevo assírio.¹⁴

O triunfo de Sargão sobre a aliança ocidental restaurou a estabilidade e permitiu ao rei, nos anos seguintes, expandir ainda mais o seu reino. Depois de fazer campanha durante dois anos na Anatólia e no Irão Ocidental – lar dos cada vez mais importantes cavalos de guerra – Sargão alcançou uma das suas maiores vitórias em 717, quando conquistou a rica cidade neo-hitita de Carquemis, um centro comercial no rio Eufrates, perto da fronteira moderna entre a Turquia e a Síria. O saque do tesouro do estado de Carquemis canalizou tanta prata para os cofres da Assíria que o padrão de cobre que anteriormente estava em uso no reino foi gradualmente substituído por um padrão de prata. Sargão estabeleceu assírios nativos em Carquemis e construiu um novo palácio na cidade.¹⁵

Em 714, Sargão obteve outra vitória importante ao derrotar as tropas do rei urartiano Rusa I em um ataque surpresa no terreno montanhoso próximo ao Lago Urmia. Sargão celebrou a campanha – que culminou com a pilhagem do templo do deus estatal urartiano Haldi em Musasir – numa longa “carta” ao deus Ashur que inclui algumas das mais elaboradas descrições da natureza encontradas em qualquer antigo Oriente Próximo. O Monte Simirria, por exemplo, é dito no texto “apontar para cima como a lâmina de uma lança” e ser “mais alto do que as montanhas onde mora a deusa Belet-ili”, com seu cume “tocando o céu acima” e “desfiladeiros das saídas das montanhas cortando profundamente seu flanco.” Claramente, Sargão estava profundamente impressionado com o poder sublime da paisagem acidentada que ele e suas tropas encontraram durante a campanha nesta região.¹⁶

Entre 716 e 713, as tropas assírias também lutaram contra os principados medos no leste, tribos árabes no sudoeste e o rei frígio Mita – conhecido pelos gregos como Midas e creditado com um lendário “toque de ouro” – na Anatólia central. It'amra, governante da lendária terra de Sabá, no sul da Arábia, e Osorkon IV, governante de Tanis no Baixo Egito, trouxeram presentes para Sargão. Nunca antes os horizontes geográficos da Assíria foram mais amplos.

O último grande triunfo de Sargão foi a reconquista da Babilônia em 710, dez anos depois da sua primeira tentativa fracassada de retomar o país. Marduk-aplu-iddina fugiu para Bit-Yakin, sua terra natal ancestral no sul da Mesopotâmia, e depois para Elam, o que lhe concedeu o exílio. Os cidadãos da Babilônia abriram seus portões às tropas assírias, e Sargão ficou tão encantado com a acolhida que recebeu, ostensivamente com grande entusiasmo, e com seu encontro com a venerável cultura e tradições religiosas da cidade que permaneceu na Babilônia até 707, participando do Festival de Ano Novo e recebimento de emissários de lugares distantes como Yadinana (atual Chipre) no Mediterrâneo e Dilmun (atual Bahrein) no Golfo Pérsico. Durante este tempo, seu filho e príncipe herdeiro, Senaqueribe, estava encarregado dos assuntos governamentais na Assíria.

Em 707, Sargão retornou à Assíria. De acordo com a Crônica Babilônica, a Assíria foi devastada pela peste durante este ano, o que torna a decisão do rei de retornar naquele

momento um tanto surpreendente. Mas Sargon sabia que em breve viveria num lugar onde poderia esperar estar a salvo da doença que assolava o seu país. Em 706, ele se mudou com sua corte para uma nova capital, chamada Dur-Sharrukin, ou “Forte Sargon”. Equipes de construção reais, incluindo milhares de deportados, construíram-no do zero ao longo dos últimos dez anos no local da pequena aldeia de Magganubba, cerca de 16 quilômetros (10 milhas) a nordeste de Nínive. Os proprietários das terras onde surgiu a nova cidade receberam uma compensação monetária pelos campos perdidos ou foram oferecidos lotes de terras em outras regiões.¹⁷

Uma razão para a decisão de Sargon de se mudar para uma nova capital pode ter sido o medo de sua parte de que os membros da elite Calah continuassem a nutrir ressentimentos em relação a ele. Como usurpador, ele teve que assumir que nem todos na antiga capital o viam como o governante legítimo. Sua falta de confiança nos principais funcionários da Assíria também pode explicar por que ele dependia tanto de membros da família para importantes negócios estatais - não apenas seu filho Senaqueribe, mas também seu irmão Sîn-ahu-usur, para quem Sargão reviveu o cargo de grande governante da Assíria Média. vizir. Nesta qualidade, Sîn-ahu-usur comandou as suas próprias tropas militares, reuniu informações e correspondeu-se com outros oficiais sobre importantes assuntos de Estado. Entre 707 e 705, representou a coroa na Babilônia. Em Dur-Sharrukin, próximo à enorme nova residência de Sargão, Sîn-ahu-usur possuía seu próprio grande palácio.¹⁸

NO DECURSO DOS QUARENTA ANOS DESDE A ASCENSÃO DE Tiglate-Pileser III em 745 até à morte de Sargão II em 705, a Assíria transformou-se numa entidade política de poder, tamanho e complexidade sem precedentes. Pode-se argumentar que se tornou o primeiro império da história mundial.

Esta designação está de acordo com a visão da maioria dos historiadores da Grécia e Roma antigas, mas nos tempos modernos tornou-se uma questão de debate. Para muitos estudiosos mais recentes, a história do império começa muito antes - por exemplo, com o reino acadiano, que estava centrado na Baixa Mesopotâmia e durou cerca de 2.350 a 2.150 aC - ou mais tarde, com a Roma antiga. Outros questionaram se houve algum império antigo e reservaram o termo para os impérios “modernos” que começaram a surgir por volta do ano 1500, mais proeminentemente o Império Britânico.

Escusado será dizer que a discussão depende fundamentalmente da questão do que “império” realmente significa. Houve muitas tentativas de definir o termo. Um bastante recente é do historiador e cientista político Stephen Howe:

Um império é um grande corpo político que governa territórios fora das suas fronteiras originais. Tem um poder central ou território central - cujos habitantes geralmente continuam a formar o grupo étnico ou nacional dominante em todo o sistema - e uma extensa periferia de áreas dominadas... A diversidade - étnica, nacional, cultural, muitas vezes religiosa - é [um império] essência... Os impérios sempre envolvem uma mistura de governo direto e indireto. O poder central tem soberania final e exerce algum controlo directo, especialmente sobre a força militar e os poderes de angariação de dinheiro, em todas as partes do seu domínio. Mas normalmente haverá algum tipo de governo descentralizado, “colonial” ou

“provincial” em cada uma das partes principais do império, com poderes próprios subordinados, mas não triviais.¹⁹

Esta definição lista muitas das principais características que caracterizam um império, mas também deixa algumas questões importantes em aberto. Ainda não está claro, por exemplo, o que Howe tem em mente quando chama o império de “um grande corpo político”. Quão grande é suficientemente grande – onde está exactamente o ponto de viragem da mudança quantitativa para a qualitativa que Hegel considerava tão crucial? E durante quanto tempo um Estado hegemónico poderoso tem de sobreviver para se qualificar como um império – isto é, uma entidade política que transitou de uma fase instável de expansão para uma fase mais alargada de consolidação política?²⁰

Embora seja difícil obter respostas inequívocas a essas perguntas, parece que o reino assírio, na forma que assumiu durante o período “tardio assírio” - o período a partir do reinado de Tiglate-Pileser III - se encaixa melhor na definição de Howe do que os outros candidatos ao primeiro império da história. O Estado acadiano, por exemplo, o Novo Reino do Egipto e o reino da Assíria Média do século XIII podem todos ser vistos como “impérios aspiracionais”. Eles tinham uma missão imperial que encontrou expressão em declarações ideológicas – como a ordem divina no “Ritual de Coroação” da Assíria Média para que o rei assírio “expandisse a sua terra”. Mas eles ficam aquém em termos de serem grandes, coesos ou diversificados o suficiente para serem considerados impérios reais. Por outro lado, afirmar que nenhum Estado pré-moderno – nem mesmo Roma – cumpriu os padrões exigidos de um verdadeiro império revela um certo preconceito modernista – e é talvez mais o resultado da ignorância sobre civilizações antigas do que da acuidade analítica.²¹

É verdade, claro, que quando comparado a Roma ou ao Império Britânico, o Estado assírio tardio não é um análogo exacto. Durante a fase da sua maior expansão, em meados do século VII A.C. , o reino assírio cobria uma superfície de cerca de 822.700 quilómetros quadrados (318.000 milhas quadradas) — cerca de uma vez e meia a da França moderna. O Império Romano sob Trajano foi cerca de oito vezes maior, e o Império Britânico, o maior da história, quarenta e seis vezes maior. A Assíria também parece ficar um pouco aquém em termos cronológicos. Governou a maior parte da Ásia Ocidental por não mais que 120 anos. O Império Aquemênida, para não falar do Império Romano ou do Império Britânico, durou muito mais tempo.²²

Mas, apesar de tais limitações, não se pode negar que, a partir do reinado de Tiglate-Pileser III, o Estado assírio possuía muitas das características distintivas do império: um centro poderoso representado por um rei forte; um sistema provincial complexo e abrangente; um exército bem equipado; deportações em massa como forma de dismantelar centros de oposição e otimizar a distribuição da força de trabalho; uma rede de comunicação altamente desenvolvida baseada em estradas bem conservadas e fluxos de informação rotinizados; e uma grande diversidade no que diz respeito às culturas, línguas e religiões encontradas em todo o estado. E a figura central de todo o sistema era um monarca poderoso que exercia um poder centralizado.²³

COM A MARGINALIZAÇÃO DOS “MAGNATAS”, O REI ASSÍRIO tornou-se novamente o centro incontestado do estado assírio. Ele era chefe do governo e comandante supremo do exército, possuía uma

parcela desproporcional da riqueza do estado, servia como autoridade final em questões jurídicas e era o sumo sacerdote do deus do estado Ashur. Na verdade, a execução real das decisões tomadas pelo rei estava nas mãos de funcionários administrativos, gerais e sacerdotes, todos nomeados pessoalmente por ele. Mas a partir de Tiglate-Pileser III – e em forte contraste com as décadas anteriores – todas as declarações públicas sobre campanhas militares, trabalhos de construção e outras actividades patrocinadas pelo governo foram feitas apenas em nome do rei. A única fama que os altos funcionários ainda conseguiram obter foi servindo como epônimos – isto é, tendo um ano com seu nome – uma prática antiga que permaneceu em vigor até o fim do reino assírio.²⁴

Os monarcas assírios do período imperial encomendaram milhares de inscrições, muitas delas longas e detalhadas. Mas estudar essas espécie de “autohagiografias” só pode revelar algumas coisas. Para compreender o enorme poder que os reis detinham e o medo que as suas exigências incutiam nos seus próprios funcionários, é mais instrutivo examinar algumas das concisas cartas cuneiformes que escreveram. Num deles, Sargão II ordena ao governador de Ashur – um homem importante na hierarquia do estado – que envie setecentos fardos de palha e setecentos feixes de junco para Dur-Sharrukin. Ele declara que os materiais devem estar disponíveis até o primeiro dia do mês de Kislimu, e então continua: “Se um dia passar, você morrerá”. A declaração transmite, com uma brevidade aforística um tanto chocante, que na Assíria imperial, os prazos estabelecidos pelo rei eram literalmente o que o termo implica. Outra carta é ainda mais gráfica. Nele, Sargon pede aos destinatários que levem os cavalos de cavalaria a um ponto de coleta em um horário específico, apenas para acrescentar: “Quem se atrasar será empalado em sua própria casa, e seus filhos e filhas também serão massacrados”.

25

Ao contrário dos monarcas de outros períodos da história da Mesopotâmia, os reis assírios nunca afirmaram que eram deuses reais. Seus nomes escritos não são precedidos do determinativo divino, e não existiam templos especificamente dedicados ao seu culto. Mas por causa do seu poder, os reis eram considerados semelhantes a deuses. As comparações com o deus sol Shamash, o modelo de justiça, eram particularmente comuns, e muitos textos assírios usam o número sagrado de Shamash, vinte, para escrever o título “rei”. Em 669 A.C., Adad-shumu-usur, um estudioso proeminente, escreveu ao rei Esarhaddon: “O rei, o senhor das terras, é a própria imagem de Shamash” – uma declaração que lembra o lema cristão *Rex imago dei* (O rei é a imagem de Deus), que definiu a teologia política da Idade Média. Numa outra carta, o mesmo Adad-shumu-usur estabelece uma interessante hierarquia tripartida que coloca o rei na intersecção entre o mundo dos deuses e o dos seres humanos comuns: “Eles dizem assim: ‘O homem é a sombra de deus.’ Mas o homem nada mais é do que a sombra do homem. O rei, ele realmente é a verdadeira semelhança de Deus.” Um mito mesopotâmico que distingue a criação do rei daquela do homem parece apontar na mesma direção. E um ritual de reinvestidura real, realizado no sexto mês do ano, aplicava às vestes e ao trono do rei alguns dos mesmos procedimentos sagrados que eram usados quando uma nova estátua divina era feita, fazendo surgir – nas mentes dos participantes – uma transformação semelhante à eucaristia desses objetos.²⁶

Imagens de reis assírios foram instaladas em santuários na Assíria central e nas capitais dos estados e províncias vassalos assírios. Como exactamente foram tratados e se receberam ofertas regulares não é totalmente claro, mas é difícil imaginar que a sua presença não intrigasse – e ocasionalmente perturbasse – aqueles que os confrontavam. Mesmo sem tais

imagens, porém, a personalidade do rei assírio deve ter sido uma grande preocupação na mente da maioria das pessoas que viviam no vasto Império Assírio. Em Judá, o encontro traumático com a máquina estatal assíria pode ter levado a uma transferência de qualidades do rei assírio para o deus israelita, um marco crucial na gênese do monoteísmo bíblico. ²⁷

EMBORA O REI, NO SEU PALÁCIO NA CAPITAL ASSÍRIA, REPRESENTASSE o centro do Império Assírio, as suas províncias eram as unidades que constituíam o seu tecido político mais amplo. A divisão do estado assírio em províncias remonta à época da Assíria Média. Após os anos de crise na virada do milênio, os governantes do período da Reconquista restauraram o poder assírio sobre os territórios perdidos nas décadas anteriores e reorganizaram a estrutura provincial daquela região. Shalmaneser criou novas “marchas fronteiriças” e atribuiu-as a vários magnatas particularmente influentes. Com a ascensão de Tiglate-Pileser III ao trono, algumas das províncias maiores - por exemplo, Rasappa no Médio Eufrates e a província do marechal de campo - foram divididas em unidades menores. Ao mesmo tempo, Tiglate-Pileser expandiu enormemente o reino assírio, criando novas províncias no leste, no norte e especialmente no oeste – um processo que continuou sob os reis que o seguiram. Em 670 AEC, o reino assírio tinha cerca de setenta e cinco províncias. Como a Assíria era um império terrestre clássico, composto por territórios contíguos, nenhum deles era um lugar isolado fora da Ásia Ocidental. ²⁸

Antes de Tiglate-Pileser, os despojos adquiridos durante campanhas militares, os tributos recebidos de reis vassalos e os “presentes” enviados por aliados políticos contribuía significativamente para a riqueza da Assíria. Estas fontes de rendimento nunca secaram totalmente, mas com a criação de tantas novas províncias o governo da Assíria começou a depender cada vez mais da “saque rotineira” de impostos, que eram cobrados sobre pessoas, gado, colheitas e comércio e recolhidos por os governadores provinciais. A predação se transformou em governança. O novo sistema reduziu a necessidade de intervenção militar constante e o uso de violência extrema, mas levou ao aumento dos custos administrativos. ²⁹

Os governadores provinciais ostentavam o título assírio *pā ḫ utu* ou *bēl pā ḫ ete*, que significa “procurador” e indica que agiam em nome do rei. Os palácios dos centros provinciais onde residiam eram pequenas réplicas dos palácios reais das capitais assírias. Para minimizar o risco de as províncias se tornarem criadouros de dinastias locais, a posição de governador não era hereditária e muitos governadores da era imperial eram eunucos. Um tratado encontrado em Tell Tayinat, no Orontes, local da capital da província de Kullânia, fornece uma longa lista do pessoal militar e administrativo que serviu sob o comando do governador de uma típica província assíria. Menciona “o deputado (do governador), o mordomo, escribas, cocheiros, terceiros homens (em uma carruagem), administradores de aldeia, oficiais de informação, prefeitos, comandantes de coorte, cocheiros, cavaleiros..., batedores, especialistas (em vários ofícios), escudeiros, artesãos e (outros) homens (sob a autoridade do governador).” ³⁰

Uma das tarefas mais importantes dos governadores provinciais, além da cobrança de impostos, era manter a chamada Estrada Real (*ḫ ūl šarri*); outra era fornecer pessoal, comida e água às estações rodoviárias (*bēt mardēti*) localizadas dentro de suas províncias, além de transportar animais. A Estrada Real, projetada especificamente para as necessidades do

Estado, foi a principal artéria do império para comunicações de longa distância e um dos primeiros avatares do famoso sistema rodoviário do período persa, que é descrito e muito admirado nos escritos dos historiadores gregos Heródoto e Xenofonte, entre outros. Na época assíria, a Estrada Real era, em sua maior parte, uma trilha não pavimentada, embora bem cuidada, mas onde entrava em uma cidade poderia assumir formas mais representativas, lembrando as largas avenidas usadas nos estados modernos para desfiles políticos e militares. . Várias estelas que o rei Senaqueribe ergueu ao longo do trecho da Estrada Real que passava por Nínive afirmam que a estrada nesta área tinha cerca de 25 metros (80 pés) de largura – e alertam que qualquer pessoa cuja casa a invadissem seria empalada.³¹

A Estrada Real permitiu ao rei assírio manter contato regular com governadores provinciais e outros funcionários assírios em várias partes do império. As mensagens eram confiadas a enviados que viajavam desde o remetente até o destinatário, ou eram entregues na forma de cartas que eram transmitidas em um sistema de retransmissão de uma estação postal para outra. Seus transportadores viajavam em mulas, que são animais de carga robustos e confiáveis, capazes de nadar em pequenos rios. Estima-se que não demoraria mais de cinco dias durante o período imperial da Assíria para entregar uma carta de Que, na região de Adana, na Turquia moderna, para Calah ou Nínive, cerca de 700 quilômetros (435 milhas) mais a leste. Somente com o advento do telégrafo, no século XIX, surgiu uma maneira de se comunicar com maior velocidade.³²

Felizmente para os historiadores modernos, cerca de 3.000 letras cuneiformes dos “arquivos estatais” do Império Assírio foram escavadas, principalmente em Nínive, mas também em Calah. Cerca de 1.200 deles datam do reinado de Sargão II; números menores são conhecidos nos reinados de outros reis do período imperial, começando com Tiglate-Pileser III. No total, não cobrem mais de trinta anos, o que sugere que apenas uma pequena fração de todas as cartas estatais alguma vez escritas foi recuperada. As letras têm um formato oblongo padronizado. Quando entregues, eram protegidos por um envelope de argila lacrado para garantir que nenhuma pessoa não autorizada os lesse.

As cartas podem ser divididas em dois grupos principais: aquelas trocadas entre o rei e uma variedade de administradores, oficiais do exército e delegados reais, estacionados em todo o império e encarregados de tarefas políticas, econômicas ou militares; e um segundo grupo de cerca de 400 cartas trocadas entre os reis do século VII, Esarhaddon e Assurbanipal, e várias dezenas de estudiosos, sacerdotes, exorcistas e médicos, que estavam fisicamente mais próximos dos governantes e eram responsáveis pela sua saúde e bem-estar espiritual. As cartas deste segundo grupo tendem a ser mais “barrocas” – mas também mais íntimas – do que as cartas geralmente concisas e profissionais do primeiro tipo.³³

A maioria das cartas “políticas” tratam de problemas e desafios graves, tais como a força e os movimentos das tropas inimigas, os problemas econômicos nas províncias, a gestão dos deportados ou a aquisição de materiais de construção. Que ninguém deveria incomodar o rei e seus altos funcionários com assuntos rotineiros e assuntos triviais fica bem claro em uma das poucas cartas que foram encontradas com os envelopes ainda intactos. Quando aberta no Museu Britânico, a carta revelou-se um apelo choroso de um homem que queria o emprego perdido de volta. “Por que meu senhor fica em silêncio enquanto eu continuo abanando o rabo e corro como um cachorro?” Ele reclama. “(E isso depois) já enviei três cartas ao meu senhor.” É evidente que, no momento em que o pobre sujeito escrevia pela

quarta vez, o destinatário, um vice-governador, já tinha perdido toda a vontade de abrir o documento.³⁴

estradas e redes de comunicação BEM CONSERVADAS , O EXÉRCITO ASSÍRIO TORNOU-SE A MÁQUINA MILITAR MAIS FORMIDÁVEL QUE O MUNDO JÁ TINHA VISTO. Seu núcleo era formado por soldados profissionais organizados em unidades postadas por todo o império. Alguns recebiam ordens de governadores e estavam estacionados em capitais provinciais, enquanto outros estavam sob o comando direto do rei e tinham seus quartéis-generais nos Palácios de Revisão de Calah, Dur-Sharrukin e Nínive, no coração da Assíria. Entre eles estavam tropas de elite especializadas recrutadas em grupos étnicos específicos, semelhantes aos Sikhs do exército britânico na Índia. Os arameus ituanos, por exemplo, foram usados para policiar e reprimir revoltas, os samaritanos de Israel forneceram tropas de bigas e os fenícios e os gregos ficaram encarregados das operações navais. Os exércitos permanentes foram complementados por tropas recrutadas sazonalmente, e os reis vassalos assírios também tiveram que fornecer reforços. Os soldados recebiam uma parte do saque e podiam esperar que o rei cuidasse deles caso fossem feridos ou ficassem permanentemente incapacitados.³⁵

As forças armadas da Assíria especializaram-se em diferentes tipos de armas e equipamento militar. Carruagens de duas rodas, os tanques do mundo antigo, eram usadas para esmagar formações inimigas e criar buracos na linha de defesa. Puxados inicialmente por dois ou três e depois por quatro cavalos, eram tripulados por um cocheiro, um arqueiro - que também servia como comandante da carruagem - e um ou dois escudeiros, que protegiam a tripulação contra ataques. As tropas de cavalaria trouxeram velocidade e mobilidade à luta. Por volta do século VIII AC , os arqueiros montados eram capazes de controlar seus cavalos sem a ajuda de outro cavaleiro cavalgando ao lado deles, o que aumentava muito a eficácia da cavalaria. Arqueiros operando a pé como lutadores de longo alcance e lanceiros para combate corpo a corpo também desempenharam papéis importantes. Referências textuais a comandantes encarregados de dez ou cinquenta soldados sugerem a existência de unidades do exército assírio com forças padronizadas.

Baixos-relevos de palácios assírios mostram que os exércitos em campanha eram frequentemente acompanhados por escribas, que usavam suas habilidades de contabilidade, herdadas dos tempos antigos dos antigos mercadores assírios, para a dura tarefa de registrar o número de cabeças cortadas. e a quantidade de saque. Os batedores exploraram o que aconteceu atrás das linhas inimigas. Sacerdotes e adivinhos forneciam apoio espiritual às tropas, e até mesmo os deuses, na forma de estandartes divinos montados em carros cerimoniais, estavam presentes quando um exército assírio operava longe de casa.

As campanhas militares geralmente ocorriam durante os meses de verão – após a colheita da primavera e antes da época de semeadura no outono. As capitais provinciais serviram como depósitos de abastecimento. Fora das fronteiras do reino, as tropas muitas vezes tinham que procurar alimentos no campo. Os campos fortificados proporcionavam aos soldados um espaço seguro para comer e descansar. Na maioria das ocasiões, bastava que o exército assírio, por maior que fosse, bem equipado e bem treinado, simplesmente chegasse ao local para forçar os inimigos à submissão ou levá-los a fugir. As batalhas campais com as forças inimigas parecem ter sido bastante raras. Os cercos às cidades inimigas custavam vidas e recursos, mas às vezes eram considerados necessários pelos líderes do exército

assírio, mesmo que demorassem vários anos. As tropas encarregadas de sitiá-la usaram torres de cerco, escadas, aríetes e túneis para atingir seus objetivos.

Formalmente, o rei era o comandante do exército, e em suas inscrições os governantes assírios muitas vezes se retratam como heróis arrojados, lançando-se destemidamente contra as forças do outro lado. Descrevendo uma batalha em 691 AEC, por exemplo, Senaqueribe afirma que ele “vestiu uma armadura”, “soprou como o início de uma forte tempestade contra o inimigo em seus flancos e linhas de frente” e “encheu as planícies com seus cadáveres”. A realidade foi consideravelmente menos dramática. Numa carta ao filho e sucessor de Senaqueribe, Esarhaddon, um oficial de alto escalão escreve: “O rei, meu senhor, não deveria se aproximar da luta. Assim como seus pais reais fizeram, fiquem na colina e deixem seus magnatas lutarem.” A execução efectiva das operações militares, por outras palavras, estava nas mãos de especialistas e não do rei assírio. Quando este último participava de uma campanha, estava bem protegido e afastado do calor da batalha.³⁶

UMA DAS CONSEQUÊNCIAS MAIS SIGNIFICATIVAS DA conquista do território inimigo por um exército assírio foi a deportação de parcelas significativas da sua população local. A prática de movimentos populacionais forçados é atestada desde os primeiros dias da história da Mesopotâmia, e na Assíria desde o século XIII AC. Mas com a ascensão de Tiglate-Pileser III, atingiu dimensões sem precedentes. As inscrições deste rei descrevem cerca de cinquenta operações militares durante as quais pessoas foram deportadas, num total de quase 600.000 deportados.³⁷

Este último número pode ser um pouco exagerado, mas provavelmente não tanto. As cartas do reinado de Tiglate-Pileser não deixam dúvidas de que a gestão da logística das deportações era uma tarefa importante nas mentes de muitos funcionários reais. Numa dessas cartas, o governador de Arrapha, no leste da Assíria, reconhece que recebeu uma ordem do rei para “alimentar os 6.000 cativos” que supervisionava. O governador salienta que já havia dito ao rei que não tinha provisões suficientes e que seria impossível mantê-los alimentados: “Por quanto tempo? (Eles são) 6.000!” Mas ele está disposto a trabalhar em uma solução. Ele pede que lhe sejam abastecidos “6.000 (ou) 3.000 (cargas, isto é, possivelmente cerca de 300.000–600.000 litros, ou 315.000–635.000 litros) de cevada” e propõe compartilhar o fardo de cuidar dos cativos com outros altos funcionários.³⁸

Tiglate-Pileser III não apenas deportou mais indivíduos do que qualquer rei antes dele, mas também implementou uma mudança crucial: o repovoamento. Quando as pessoas de uma região específica eram realocadas para outra, eram frequentemente substituídas por deportados de outro lugar. Isto ocorria, em regra, nos casos em que um território conquistado era transformado em província, claramente com o objectivo de assegurar a continuidade do seu florescimento económico. Caso contrário, as deportações tinham os mesmos objectivos principais de épocas anteriores: enfraquecer a identidade dos sistemas políticos recentemente derrotados, a fim de reduzir o risco de resistência futura; e aumentar a força de trabalho onde quer que isso parecesse mais benéfico, seja em estaleiros de construção e oficinas nas capitais assírias ou no campo, onde as pessoas realocadas serviam como arrendatários em terras não utilizadas ou subutilizadas. Não é de surpreender que artesãos habilidosos e especialistas em magia e adivinhação fossem alvos particularmente valiosos das deportações assírias. Alguns deportados também foram integrados ao exército assírio.

Os estudiosos modernos pintaram quadros nitidamente diferentes da prática assíria de deportação. Alguns concentraram-se nos seus aspectos punitivos e violentos, enquanto outros defenderam uma interpretação mais benigna, sublinhando que as pessoas enviadas pelos assírios para lugares distantes das suas terras natais eram geralmente autorizadas a levar consigo as suas famílias, pertences e animais de quinta; que receberam comida, odres e roupas para a viagem; e que raramente se tornavam escravos. Ocasionalmente, como demonstra uma carta escrita a Tiglate-Pileser por um oficial assírio, o estado assírio até fornecia esposas aos deportados recém-estabelecidos: “Quanto aos arameus sobre os quais o rei disse: 'Eles terão esposas!'] encontraram inúmeras mulheres (adequadas), mas seus pais se recusaram a dá-las em casamento, dizendo: 'Não até que elas nos paguem dinheiro (como preço da noiva).' Que sejam pagos para que eles (os arameus) possam se casar”. Na verdade, as mulheres em questão claramente não tiveram voz no caso. No entanto, devido a declarações como esta, foi sugerido que as transferências populacionais implementadas pelos assírios deveriam ser rotuladas como “reassentamentos” em vez de “deportações”, especialmente dadas as associações que este último termo adquiriu nos tempos modernos com a limpeza étnica e o genocídio.³⁹

Esta visão pode ser excessivamente generosa – afinal, não se pode negar que os assírios se envolveram essencialmente em actos de “roubo de corpos” quando enviaram pessoas conquistadas para locais a centenas de quilómetros de distância de casa – e alguns dos seus cativos morreram nas longas viagens forçadas sobre eles. Mas é verdade que as autoridades assírias investiram recursos significativos para manter os deportados vivos, aparentemente porque queriam que eventualmente se tornassem súditos e contribuintes assírios leais. Como diz o livro bíblico de Provérbios: “A glória de um rei é uma multidão de pessoas; sem pessoas um príncipe está arruinado.”⁴⁰

Para se ter uma ideia melhor de como os assírios trataram as pessoas que reassentaram, é instrutivo olhar para a mais famosa deportação em massa alguma vez levada a cabo nos tempos Neo-Assírios: a do povo de Israel após a conquista de Samaria em 722 AEC . O episódio ocupa grande importância na memória cultural de tempos posteriores porque a sua descrição na Bíblia – em 2 Reis 17 – deu origem à lenda das “dez tribos perdidas de Israel”, contada em inúmeras versões e com afirmações muito diferentes sobre as tribos. 'paradeiro eventual. O livro de memórias fictício do século XIV, *The Travels of Sir John Mandeville* , por exemplo, considera o povo de Gog e Magog, bem como outras nações supostamente confinadas atrás de um grande muro construído no Cáucaso por Alexandre, o Grande, como descendentes do "tribos perdidas", e associa seu eventual ressurgimento no futuro com o fim dos dias. Após a descoberta das Américas, argumentou-se que as mesmas tribos foram os ancestrais das populações nativas do Novo Mundo. E mesmo nos tempos modernos, muitas pessoas – desde os judeus de Cochim, Caxemira e Etiópia, aos pashtuns do Afeganistão e a um grupo de afro-americanos nos Estados Unidos que se identificam como “israelitas hebreus negros” – alegaram descender dos “perdidos”. tribos de Israel.”⁴¹

Na verdade, a ideia de que todas as tribos israelitas deportadas pelos assírios desapareceram no ar, apenas para reaparecerem num local fantasticamente distante, é infundada. A própria Bíblia especifica seus destinos finais. Como 2 Reis 17:6 declara: “O rei da Assíria... levou os israelitas para a Assíria. Ele os colocou em Halá, no Habor, no rio Gozã, e nas cidades dos medos”. Fontes assírias confirmam este relato e fornecem informações adicionais sobre a situação em que se encontravam os deportados. Halah – ou Halahhu, como

os assírios a chamavam – era a região onde estava localizada a nova capital de Sargão, Dur-Sharrukin. É fácil imaginar que muitos dos israelitas que foram reassentados ali trabalharam na construção da cidade. Os samaritanos também são atestados em documentos cuneiformes de Guzana - Gozan bíblico - no rio Khabur (Habor). Um documento legal de 700 A.C. regista a venda de uma casa de banhos por um samaritano de Guzana, e uma carta do final da década de 670 apresenta o testemunho de outro contra um escriba corrupto e a sua família. Das “cidades dos medos” no Extremo Oriente, não há provas escritas disponíveis, mas como se sabe que, em 716, Sargão II criou duas novas províncias na região, não há razão para questionar que alguns israelitas foram reassentados. lá logo em seguida, aparentemente depois de ter sido mantido em algum outro local antes. Os samaritanos também estavam entre as tropas de bigas de grande prestígio estacionadas em Calah. No geral, parece que os israelitas deportados se saíram muito bem nos seus novos ambientes.⁴²

Enquanto os samaritanos foram transferidos para vários locais no coração do Império Assírio e nas suas fronteiras orientais, pessoas de outras áreas foram recentemente estabelecidas em Samaria e nas terras esvaziadas do antigo Reino de Israel. Em 715 AEC, conforme observado em suas inscrições, Sargão trouxe para Samaria várias tribos árabes das margens do deserto siro-árabe. De acordo com a Bíblia, Samaria também foi reassentada por pessoas da Babilónia, Cuta, Hamate e algumas outras cidades, e embora nem Sargão nem qualquer rei assírio posterior mencionem estas transferências populacionais, elas podem muito bem ter acontecido. Ainda não está claro até que ponto este programa de redesenvolvimento conduziu realmente a uma recuperação económica da região. Com base em pesquisas arqueológicas, argumentou-se que Samaria e o seu interior sofreram na verdade um declínio significativo após a conquista assíria de 722. Judá e outras comunidades mais a sul que se tornaram estados clientes assírios, mas não foram anexadas, parecem ter tido um desempenho muito melhor.⁴³

AO FALAR SOBRE A INTEGRAÇÃO SOCIAL E ECONÓMICA de grupos específicos de deportados, os reis assírios afirmavam frequentemente que “os contavam com o povo da Assíria” e impunham-lhes impostos e trabalho de corvéia “como aos assírios”. Tais declarações indicam que os deportados, tanto os de Israel como todos os outros, tinham os mesmos direitos e deveres que outros súbditos dos reis assírios – e que o termo “Assírio” perdeu em grande parte as suas conotações étnicas durante o período imperial da Assíria. Como revelam nomes pessoais e outros dados, as pessoas que viviam dentro das fronteiras da Assíria falavam uma variedade de línguas diferentes nesta altura, incluindo línguas semíticas, como o assírio, o babilónico, o aramaico, o fenício, o hebraico e o árabe; os indo-europeus, como Luwian e Median; a língua egípcia afro-asiática; e isolados como Shubrian, Urartian e Elamite. Eles também continuaram a adorar seus deuses tradicionais. E, no entanto, desde que pagassem os seus impostos, comparecessem ao serviço militar e completassem as tarefas de trabalho periodicamente impostas pelo Estado, todos eram considerados “assírios” de boa-fé. Os programas de reeducação cultural e a doutrinação religiosa não estavam entre as características definidoras da ideologia imperial da Assíria.⁴⁴

Naturalmente, onde pessoas de origens muito diversas se reúnem, como aconteceu nas cidades, vilas e aldeias da Assíria imperial, elas devem encontrar uma linguagem comum para se comunicarem. Sargão II reconhece esta necessidade ao afirmar que ele fez todas as

diferentes pessoas do seu reino “de uma só boca”. Talvez o seu ponto principal aqui fosse que os seus súbditos, quaisquer que fossem as suas origens, agora agiam todos em conjunto; mas a expressão também tem uma dimensão linguística. Curiosamente, a língua que eventualmente prevaleceu – e seria falada por quase todos os cidadãos assírios – não foi o assírio. Uma “assirianização” análoga à “romanização” das populações recentemente incorporadas na época romana nunca ocorreu na Ásia Ocidental. Em vez disso, o idioma que se tornou a língua franca no Império Assírio – e sobreviveu à sua queda – foi o aramaico, uma língua humilde que carregava, pelo menos inicialmente, pouco prestígio cultural. Escrito em escrita alfabética em couro ou papiro - e cada vez mais usado também na administração do império - continuaria a ser a “língua comum” do Médio Oriente durante quase um milénio e meio, até aos séculos VII e VIII d.C., quando o ÁRABE lentamente substituiu-o.⁴⁵

Em meados do século VII, o rei assírio Assurbanipal afirmaria que o deus Ashur “colocou à minha disposição todas as línguas faladas do nascer ao pôr do sol”. E ainda assim, muitas pessoas e lugares permaneceram fora do alcance do Império Assírio. Por mais poderoso que fosse o império, ainda havia obstáculos intransponíveis capazes de impedir a busca assíria pela dominação mundial.⁴⁶

6

Nas margens do Império

O império é definido pelo espaço que ocupa. Nas suas inscrições, os monarcas assírios frequentemente se autodenominavam “rei dos quatro cantos (do universo)” ou “rei do mundo”. Mas mesmo durante o período imperial, governaram apenas uma pequena porção da massa terrestre da Eurásia. A verdadeira dominação global estava fora do seu alcance. A periferia externa do império marcava um espaço além do qual a Assíria nunca se aventuraria.

Ainda assim, uma das formas pelas quais os assírios lançam uma longa sombra sobre a história mundial é através dos seus vizinhos – aqueles que viviam nos limites do seu império. Alguns destes vizinhos – fenícios, gregos, árabes e persas – foram motivados pelos seus encontros com a Assíria a criar novas formas de organização política e, com o tempo, passaram a dominar eles próprios a região.

EMBORA NÃO ESTIVESSEM ANSIOSOS POR RECONHECÊ-LO, OS reis assírios conheciam os limites do seu poder. Eles entenderam que havia regiões além da área sob seu controle imediato, lugares remotos como Tarsisi (Tartessus) na Espanha moderna, Luddi (Lídia) no oeste da Ásia Menor, Yaman (Íonia) no Egeu, Guriana a leste de Urartu, Qadê em Omã moderno, Saba' (Sheba) no Iêmen moderno, Tema (Tayma) no norte da Arábia, ou Kusu (Kush) na Núbia, no Alto Nilo. Todas essas cidades e terras são mencionadas em textos assírios, embora estivessem separadas do império por altas montanhas, oceanos profundos e desertos aparentemente intermináveis que os exércitos assírios não conseguiram atravessar. ¹

As expedições militares assírias ocasionalmente faziam incursões nas zonas proibidas nas margens do império, mas tais esforços estavam repletos de dificuldades. As montanhas representavam um obstáculo relativamente moderado para as tropas assírias, mas apenas se não fossem muito altas. No sopé das cordilheiras de Taurus e Zagros, os assírios conseguiram exercer controle político durante longos períodos de tempo. Contudo, nos territórios acidentados mais distantes, em Tabal, na Anatólia central, ou na Média, no leste, eles nunca estabeleceram o seu poder por muito tempo. Um breve texto do reinado de Senaqueribe, filho de Sargão II (r. 704-681 AC), provavelmente sobre uma campanha militar nas montanhas Zagros em 702 AC, demonstra como os reis assírios se sentiam ansiosos quando se encontravam em regiões situadas em grandes altitudes. : “Através das poderosas montanhas,... onde até mesmo os troncos resistentes das árvores *e’ru* crescem achatados no chão e entre as quais um vento forte e perpétuo nunca para de soprar... onde nenhum outro homem vivo jamais trouxe uma tenda, eu mesmo, junto com minhas tropas, viajei com grande dificuldade.” ²

O deserto era muito pior. Quando o rei Esarhaddon, em 676 A.C. , procurou obter o controlo da terra de Bazu, no flanco nordeste da Península Arábica, teve de passar por uma região que uma das suas inscrições descreve como "um distrito num local remoto, um local esquecido". lugar de terra seca e solo salino, lugar de sede, cento e vinte léguas de deserto, cardos e pedras com dentes de gazela, onde cobras e escorpiões enchem a planície como formigas." ³

Cruzar o oceano foi uma aventura para a qual os assírios também não estavam bem preparados. Em 694 AEC , Senaqueribe enviou uma frota construída por especialistas do norte da Síria através do Golfo Pérsico em perseguição de seu arquienimigo babilónico Marduk-aplu-iddina II, que tentou fugir para Elam. O próprio Senaqueribe ficou na praia. O facto de o rei claramente não estar pronto para um encontro mais sustentado com o mar é ilustrado pela sua descrição de como ele e as suas tropas acamparam perto da cidade costeira de Bab-Salimeti: "A maré alta do mar subiu poderosamente, entrou na minha tenda , e cercou completamente todo o meu acampamento. Durante cinco dias e cinco noites, por causa da água forte, todos os meus soldados tiveram que ficar sentados enrolados como se estivessem em jaulas." ⁴

O episódio também mostra outra coisa: os assírios às vezes encontravam maneiras de superar as limitações de suas próprias capacidades logísticas, geralmente com a ajuda de outros. Para a expedição naval de 694, Senaqueribe recorreu à experiência de construtores navais sírios e de marinheiros fenícios e gregos, que foram encarregados da operação. Da mesma forma, nas diversas ocasiões em que os exércitos assírios se aventuravam no deserto, seriam guiados por tribos árabes familiarizadas com o terreno e capazes de organizar as caravanas necessárias.

Os fenícios e os árabes, e em menor grau também os gregos, eram povos do domínio intersticial entre o Império Assírio e a periferia exterior que foram úteis aos assírios por facilitarem contactos e trocas económicas com locais ainda mais distantes. Como recompensa por estes serviços, os reis assírios permitiram-lhes continuar envolvidos em atividades comerciais próprias, seja no Mar Mediterrâneo ou ao longo das "Rotas do Incenso" do Deserto Arábico. Mas as relações entre a Assíria, por um lado, e as cidades-estado fenícias e as tribos árabes, por outro, nunca foram totalmente simbióticas e os parceiros não eram inteiramente iguais. Os assírios desviaram porções significativas da riqueza gerada pelo comércio de longa distância conduzido pelos fenícios e árabes e, especialmente durante o século VII, tentaram repetidamente assumir o controle total das cidades-ilhas fenícias, derrotar tribos árabes e conquistar países árabes remotos. cidades do deserto.

OS FENÍCIOS DE LÍNGUA SEMÍTICA ESTÃO ENTRE OS povos mais famosos do mundo antigo. Atribuídos pelos gregos à invenção do alfabeto e conhecidos pela tinta púrpura extraída dos caracóis marinhos que comercializavam em todo o mundo, a partir da segunda metade do século IX a.C. eles colonizaram grandes extensões de terras costeiras no norte da África e na ESPANHA . . A fundação da cidade de Cartago, perto da moderna Túnis, marcou o culminar da sua expansão. Em todo o Mediterrâneo e no Levante, também comercializavam metais, madeira e uma variedade de produtos de luxo. ⁵

As cidades fenícias mais importantes, localizadas numa estreita faixa costeira na costa do Mediterrâneo Oriental, eram, de norte a sul, Arwad, Biblos, Sidon e Tiro. Dotados de portos

naturais e ladeados a leste por altas montanhas, cada um deles desenvolveu ao longo do tempo uma cultura marítima pronunciada e um forte sentido de independência. Na verdade, o termo unificador “fenícios” nunca foi usado pelo próprio povo de Sidon ou de Tiro – e também não pelos assírios. Baseado na palavra *phoinix*, que designa a cor púrpura, foi um nome que lhes foi aplicado pelos gregos.

Ao contrário de Ugarit, as cidades fenícias conseguiram sobreviver à crise provocada pela investida dos Povos do Mar no século XII A.C. .. Em grande parte incólumes aos acontecimentos, começaram lentamente a expandir novamente os seus empreendimentos comerciais e a reconstruir a sua riqueza – o que atraiu o interesse dos assírios. Foi sob Tiglate-Pileser I (r. 1114–1076 A.C.) que a Assíria interferiu na Fenícia pela primeira vez. O rei recebeu tributos de Biblos, Sidon e Arwad – e matou um hipopótamo enquanto participava de uma viagem de barco na costa de Arwad.

Quando os assírios tentaram recuperar influência na região no século IX A.C., seguiram o precedente estabelecido por Tiglate-Pileser: em troca de pagamentos substanciais, abster-se-iam de atacar cidades fenícias e de interferir nas suas atividades comerciais. A primeira vez que isso aconteceu foi durante a nona campanha de Ashurnasirpal II (r. 883–859 A.C.). A mera presença de suas tropas foi suficiente para levar os líderes de várias cidades fenícias a enviar-lhe metais preciosos, roupas multicoloridas e outros bens de luxo, incluindo marfim de hipopótamo. Enviados de Tiro e Sidon viajaram para a Assíria para participar da grande festa realizada em Calah por ocasião da inauguração do novo palácio de Assurnasirpal.

Sob o sucessor de Assurnasirpal, Salmaneser III (r. 858–824 AC), os ataques assírios através do Eufrates tornaram-se mais frequentes, o que levou inicialmente a uma resistência crescente na região. Biblos foi membro da coalizão ocidental que lutou contra os assírios em 853 em Qarqar. Mas à medida que os ataques assírios continuavam – e com eles a ameaça das tropas assírias bloqueando rotas terrestres, passagens nas montanhas e vales fluviais que serviam como artérias do comércio terrestre fenício – os fenícios perceberam que poderia ser mais sensato ceder e aumentar a tributo que enviaram à Assíria. Uma cena encontrada em uma das faixas de bronze presas a um portão erguido durante o reinado de Salmaneser na cidade assíria de Balawat ilustra a nova rotina: mostra navios de serviço portuário trazendo caldeirões e outros itens valiosos de Tiro, retratada como uma cidade murada no mar, aos transportadores que esperam na costa. Os esforços fenícios nesta altura para colonizar territórios adicionais no Mediterrâneo Ocidental podem ter sido motivados pela necessidade de encontrar novas fontes de rendimento para compensar os grandes pagamentos que os assírios exigiam como dinheiro de proteção.

UM CAPÍTULO NOVO E MAIS TURBULENTO NAS RELAÇÕES ASSÍRIO-FENÍCIAS começou com a criação de várias províncias assírias no Levante ocidental durante o reinado de Tiglate-Pileser III (r. 744–727 A.C.). Pela primeira vez na história, as tropas assírias e os administradores civis deveriam ficar permanentemente estacionados nas proximidades das cidades costeiras da Fenícia – permitindo que a Assíria interferisse mais diretamente nos assuntos fenícios. Doravante, enviar tributo a Calá não seria mais suficiente para Tiro, Sidon e outras cidades próximas; eles também tiveram que pagar impostos sobre suas atividades comerciais. Além disso, os assírios criaram seus próprios portos de comércio – os chamados *kāru s* – na costa do Mediterrâneo e os tripularam com mercadores reais.

Sob Tiglate-Pileser, um certo Qurdi-Ashur-lamur serviu como governador de Simirra, uma nova província assíria a oeste do rio Orontes e, portanto, perto da costa fenícia. Uma carta cuneiforme que ele enviou ao seu mestre real em Calah fornece um vislumbre da nova estratégia da Assíria em relação à Fenícia. Nele, o governador conta ao rei o que ele havia feito para manter boas relações com o governante de Tiro, ao mesmo tempo que se certificava de que a Assíria lucraria com elas: “Todos os (seus) portos de comércio foram liberados para ele; seus servos entram e saem desses portos comerciais e vendem e compram como desejam. O Monte Líbano está à sua disposição, e eles sobem e descem à vontade e derrubam madeira. Mas eu cobro impostos de quem derruba madeira e designei coletores de impostos para os portos comerciais de todo o Monte Líbano.” ⁶

Os tírios, apreciativos dos privilégios que lhes foram concedidos, estavam dispostos a cumprir as exigências fiscais assírias, mas o povo de Sidon era aparentemente menos dócil. Como observa indignado Qurdi-Ashur-lamur, eles expulsaram os cobradores de impostos assírios. Isso levou o governador a enviar contra eles os temidos ituanos, forças especiais encarregadas de reprimir revoltas. Os assustados sidônios desistiram então de sua resistência e permitiram que o cobrador de impostos assírio entrasse em sua cidade.

Como tudo isto mostra, os assírios continuaram sob o comando de Tiglate-Pileser a conceder a Tiro, Sídon e outras cidades mercantis fenícias um grau significativo de autonomia para que pudessem enviar os seus navios para lugares distantes no oeste e envolver-se no comércio de madeira no Levante. Mas o império queria uma parte substancial dos lucros. Esta prática levou, em pouco tempo, a uma série de revoltas por parte dos fenícios, seguidas por tentativas assírias de governar a região de forma mais direta. Em 677, depois que Sidon conspirou com várias cidades da Cilícia para se livrar do jugo assírio, o rei assírio Esarhaddon finalmente conquistou a cidade. Ele a renomeou com seu próprio nome, como “Kar-Ashur-ahu-iddina” (Posto Comercial de Esarhaddon), e transformou Sidon e seu interior em uma província assíria. Pouco depois, ele assinou um tratado com Tiro, cidade irmã de Sídon, para garantir seu cumprimento.

O tratado, conhecido por uma tábuca de argila mal preservada encontrada em Nínive, não é igual, mas reconhece que os tírios continuaram a deter certos direitos. Mais importante ainda, eles foram autorizados a usar vários portos controlados pelos assírios ao longo da costa marítima, de Akko, no sul, até Biblos, no norte. As estipulações do tratado sobre a carga e as tripulações dos navios de Tiro abandonados são igualmente voltadas para os interesses de ambas as partes: “Se houver um navio de Ba'al (o rei de Tiro) ou o povo de Tiro que naufragar na terra de Tiro, os filisteus ou dentro do território assírio, tudo o que está no navio pertence a Esarhaddon, rei da Assíria; no entanto, não se deve causar nenhum dano a ninguém a bordo do navio, mas deve-se devolver todos ao seu país.” ⁷

Embora reconhecessem formalmente a independência de Tiro, os assírios interferiram fortemente nos assuntos governamentais da cidade. O tratado decreta que um “delegado real” assírio (*qēpu*) estacionado em Tiro deveria ser consultado toda vez que o rei de Tiro ou “os anciãos de seu país” - uma alusão à instituição fenício-púnica de “suffetes”, ou “juízes”. - tomou decisões importantes. Os assírios, como indica esta passagem, aparentemente estavam bem cientes do sistema oligárquico de governo que existia em Tiro.

Para dissuadir os tírios de violar qualquer uma das suas cláusulas, o tratado de Esarhaddon com eles termina com uma série de maldições. Uma maldição em particular, que invoca vários deuses fenícios, mostra novamente a importância central do comércio

marítimo de Tiro: “Que os deuses Ba'al Shamaim, Ba'al Malagê e Ba'al Saphon levantem um vento maligno contra seus navios para desfazer suas amarras. e arranque-lhes o poste de amarração, que uma onda forte os afunde no mar e uma maré violenta suba contra você!

Ao que parece, o Rei Ba'al não ficou impressionado com esta ameaça. Em 671 e novamente em 663/662, ele se rebelou contra os assírios, que o derrotaram em ambas as ocasiões, mas o deixaram no trono - provavelmente porque sabiam muito bem que, sem qualquer experiência naval própria, governar Tiro diretamente não seria possível. na verdade, no seu melhor interesse.

AS CARTAS DE QURDI-ASHUR-LAMUR NÃO APENAS FORNECEM INFORMAÇÕES sobre os fenícios, mas também são os primeiros documentos assírios a mencionar os gregos. O termo usado para eles pelo governador – e também em outros textos assírios – é Yamnaya ou Yawnaya, que é “Jônios”, um nome do qual também deriva a designação para gregos em árabe e persa modernos, Yūnāni. ⁸

Considerados como a “invenção” da civilização ocidental, os gregos tendem a aparecer nos debates modernos como filósofos pioneiros, poetas poderosos ou artistas talentosos. Do ponto de vista de Qurdi-Ashur-lamur, porém, eles eram pouco mais do que invasores e saqueadores, semelhantes aos Povos do Mar cerca de 450 anos antes. Numa das suas cartas, provavelmente de pouco depois de 738 A.C., Qurdi-Ashur-lamur descreve como os “Yawnaya” lançaram um ataque naval às cidades de Samsimuruna e Harisu, na costa oriental do Mediterrâneo, mas regressaram vazios aos seus barcos. entregue quando ele chegou com suas tropas. Inscrições do reinado de Sargão II pintam um quadro igualmente negativo. Numa passagem mal preservada de seus “Anais”, o rei assírio fala sobre uma batalha naval, em 715 A.C. , contra piratas gregos que haviam importunado Tiro e Que na Cilícia, agora uma província assíria: “Para derrotar os jônicos , cuja morada fica no meio do mar, e que desde um passado distante matou o povo da cidade de Tiro e da terra de Que e interrompeu o tráfego comercial, desci em direção a eles até o mar com navios da terra de Hatti (norte da Síria) e os feriu à espada, tanto jovens como velhos.” ⁹

Mas a Assíria também colaborou com alguns dos gregos – que na época colonizaram ativamente grandes áreas da costa da Anatólia e outras regiões do Mediterrâneo. Em 738, Tiglate-Pileser III conquistou “a cidade de Ahtâ, um porto de comércio à beira-mar e um 'armazém' real”. “Ahtâ” poderia muito bem ser a tradução assíria da palavra grega akte, que significa “ *promontório* ” ou “cabo”, e pode ter sido o antigo nome do sítio de Al-Mina, localizado no estuário de Orontes, perto da costa do Mediterrâneo. Quantidades abundantes de cerâmica grega encontradas em Al-Mina sugerem que o local era o lar de uma colônia de gregos, muitos deles provavelmente comerciantes. Al-Mina estava ligada através da planície de Amuq com a terra de Patina/Pattin e de lá, via Carchemish, com o norte da Mesopotâmia e o território central assírio. A cidade era, portanto, adequada para servir como centro comercial ligando o mundo Egeu ao Império Assírio. De modo semelhante, Tiglate-Pileser mais tarde transformou a cidade de Gaza, no extremo sul da costa do Mediterrâneo Oriental, num porto de comércio para o comércio com o Egito e a Península Arábica. ¹⁰

AS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO VIII MARCAM O INÍCIO, na Grécia antiga, do chamado Período Orientalizante. Animais e monstros representados em vasos gregos – e muitas outras

características da civilização grega – eram agora caracterizados por uma forte influência oriental. Muito provavelmente, Al-Mina foi um dos locais que facilitou esta transferência cultural de leste para oeste.

À medida que os bens materiais e os estilos artísticos do Oriente começaram a circular mais amplamente nesta época, o mesmo aconteceu com as ideias religiosas e os motivos literários do Oriente Próximo. Alguns podem até ter chegado ao grande poeta Homero, que se acredita ter vivido por volta de 700 A.C. Um exemplo disso é uma referência na *Ilíada de Homero* a “Oceano, de quem nasceram os deuses, e à mãe Tétis”. Conforme reconhecido pela primeira vez em 1890 pelo primeiro-ministro britânico William Gladstone, um entusiasta classicista amador, a genealogia aquosa traçada nesta linha lembra o início da Epopéia da Criação da Babilônia, popular também na Assíria, que retrata Apsû, a água subterrânea cósmica, e Tiamat, o mar primitivo, como os pais de todos os outros deuses. O nome “Tethys” pode até ser derivado de “Tiamat”. Várias frases de um relato poético do rei assírio Senaqueribe sobre uma batalha travada em 691 AEC EM HALULÊ, PERTO DE SAMARRA, também foram comparadas a versos da *Ilíada*. Senaqueribe afirma, por exemplo, que “os velozes puros-sangues atrelados à minha carruagem mergulharam em torrentes de sangue (dos meus inimigos)”, de modo que suas rodas “foram banhadas em sangue e sangue coagulado” – o que traz à mente uma passagem igualmente gráfica no *A Ilíada* sobre os cavalos de Heitor pisoteando os cadáveres dos caídos e respingando em sua carruagem “com gotas de sangue expelidas dos cascos dos cavalos e das rodas da carruagem”.¹¹

É claro que é difícil provar uma ligação direta entre os Anais de Senaqueribe e a *Ilíada*, e é preciso ter cuidado com as tentações da “paralelomania”. Homero dificilmente era um eunuco assírio que vivia na Cilícia, apesar das recentes tentativas de fundamentar tal cenário. Que os assírios tivessem alguma influência no mundo grego, sem dúvida, na maior parte dos casos, através de intermediários, é, no entanto, plausível. Ao mesmo tempo, os gregos começaram a deixar a sua marca nas regiões a leste do Mediterrâneo, incluindo a Assíria. Senaqueribe tripulou os barcos que enviou através do Golfo Pérsico em 694 AEC com marinheiros gregos e um mercenário aparentemente grego chamado “Addikritushu”, isto é, Antikritos, serviu no leste da Mesopotâmia durante o reinado do sucessor de Senaqueribe, Esarhaddon. Uma tigela de prata fenícia encontrada em Amathus, em Chipre, retrata combatentes hoplitas gregos junto com soldados com uma aparência assíria pronunciada no ato de atacar uma cidade do Oriente Próximo. Como todos estes casos mostram, a prática de usar mercenários gregos como reforços para os exércitos orientais remonta claramente aos tempos assírios, embora seja mais conhecida em conexão com os Impérios Neobabilônico e Aquemênida – com os dez mil combatentes servindo sob o domínio grego. o general Xenofonte no exército de Ciro, o Jovem, é o exemplo mais famoso.¹²

AO CONTRÁRIO DOS REIS PERSAS DARIO I E XERXES, QUE MAIS TARDE GOVERNARIAM UM IMPÉRIO PRÓPRIO, os assírios nunca tentaram conquistar nenhuma das ilhas gregas mais remotas ou qualquer parte do continente grego. A partir do reinado de Sargão II, demonstraram, no entanto, grande interesse na ilha de Chipre – ou Yadnana, como a chamavam –, um importante centro do comércio de cobre localizado não muito longe da costa levantina, no Mediterrâneo Oriental. Chipre, ao que parece, estava neste momento sob o controle (indireto) da cidade fenícia de Tiro. Em 707 AEC, enquanto residia na Babilônia, Sargão II recebeu ouro, prata e

outros presentes preciosos de uma delegação de sete reis anônimos de "Ya', uma região de (Y)adnana, cujas residências estão situadas a uma distância de sete dias. ' viagem no meio do mar." Os emissários chegaram na sequência de uma intervenção militar em Chipre por Shilta, rei de Tiro, que provavelmente contou com algum apoio assírio na ocasião.¹³

Em 1845, trabalhadores locais descobriram uma grande estela de pedra com uma inscrição cuneiforme de Sargão em Kition, não muito longe da cidade cipriota de Larnaca – o ponto mais ocidental que alguma vez produziu uma inscrição monumental assíria. A estela parece ter sido erguida para assinalar o descuido que a Assíria reivindicou sobre Chipre e pode ter sido trazida para lá pelos próprios cipriotas que visitaram Sargão em 707. Dado o peso considerável do monumento, transportá-lo até ao seu destino final deve ter sido uma tarefa extremamente difícil. tarefa árdua. Embora a população local de Chipre não conseguisse lê-la, os encontros com a estela podem ter desencadeado o surgimento em Chipre de uma tradição de inscrições monumentais na escrita silábica local, cujos primórdios remontam ao final do século VIII.¹⁴

Nas décadas seguintes, os assírios conheceram melhor o complicado cenário político de Chipre. Uma inscrição dos últimos anos de Esarhaddon menciona os nomes de dez "reis de Yادنana" que forneceram materiais de construção para a construção do novo arsenal de Esarhaddon em Nínive. Dois deles eram fenícios, mas os outros, incluindo Ekishtura (Akestor) de Idalion, Pilagurâ (Philagoras) de Chytroi, Ituandar (Eteantros) de Paphos e Ereshu (Aretos) de Soloi, claramente tinham origem grega. Junto com o dos Antikritos acima mencionados, estes são os primeiros nomes pessoais gregos atestados em cuneiforme.¹⁵

Foi durante este período que as elites políticas da Assíria olharam mais para oeste do que nunca antes ou depois. Numa das suas últimas inscrições, Esarhaddon proclama com orgulho: "Escrevi a todos os reis que estão no meio do mar, desde Yادنana (Chipre) e Yaman (Grécia) até Tarsisi (Tartessos na Espanha moderna), e eles curvaram-se aos meus pés. Recebi sua pesada homenagem. Alcancei a vitória sobre os governantes dos quatro cantos (do mundo)." Esarhaddon claramente exagera a influência que exerceu sobre os lugares remotos mencionados nesta passagem, e as esperanças assírias de controlar todo o Mediterrâneo nunca se concretizariam. Mas, durante um breve momento na história, parecia que poderia haver uma oportunidade para a Assíria se reinventar mais uma vez – como um enorme império marítimo.¹⁶

EM NOVEMBRO DE 656 DC, AISHA, A VIÚVA DO PROFETA MAOMÉ, dirigiu um pequeno exército nas costas de seu camelo contra as tropas de seu oponente, o genro de Maomé, Ali ibn Abi Talib. A "Batalha do Camelo" perto de Basra, que terminou com a derrota de Aisha, tornar-se-ia um acontecimento lendário na historiografia islâmica.

Cerca de 1.400 anos antes, em 733 AC, a região árida ao sul de Damasco assistiu a uma batalha que parece, em alguns aspectos, quase uma prefiguração da aventura militar de Aisha em Basra. Tiglate-Pileser III, um dos combatentes, descreve isso em seus Anais da seguinte forma: "(Ao lutar com) Samsi, rainha dos árabes, no Monte Saqurri, derrotei 9.400 (de seu povo). Tirei dela 1.000 pessoas, 30.000 camelos, 5.000 (bolsas) de todos os tipos de aromáticos, seu equipamento militar e os cajados de suas deusas. Para salvar a vida, ela partiu como uma fêmea de onagro (uma espécie de burro selvagem) para o deserto, lugar de sede. Eu coloquei fogo no resto dos seus bens e nas suas tendas dentro do seu acampamento."

Os paralelos entre os dois eventos são impressionantes. Em ambos os casos, uma mulher árabe liderou homens armados no extremo norte do Deserto Árabe em combate contra as tropas de um poderoso oponente masculino. E um baixo-relevo do palácio de Tiglate-Pileser em Calah parece mostrar que Samsi, assim como Aisha, estava montando um camelo quando finalmente fugiu do local.¹⁷

Os reis assírios do período neo-assírio interagiram repetidamente com os árabes, que viviam como os fenícios e os gregos na periferia imperial. Eles pareciam, em muitos aspectos, estranhos e exóticos aos assírios - até porque a maioria dos seus líderes na época eram, na verdade, mulheres. Na verdade, o primeiro governante árabe a ser mencionado num texto assírio — um certo Gindibu' (do árabe *ġ undub* , “gafanhoto”), que lutou ao lado dos israelitas contra Salmaneser III em 853 AEC em Qarqar — tinha sido um homem. Mas na segunda metade do século VIII, as “rainhas” governantes, como eram chamadas pelos assírios, tornaram-se os pilares do sistema de governo utilizado pelas principais tribos árabes. As inscrições reais assírias fornecem informações sobre vários deles. Houve Zabibe e Samsi, rainhas árabes durante os reinados de Tiglate-Pileser III e Sargão II; Yati'e e Te'elhunu, ativos na época de Senaqueribe, este último atacado pelas tropas de Senaqueribe perto de Adummatu (moderno Dumat al-Jandal no norte da Arábia) e levado para Nínive como cativo; Tabu'a, uma refém árabe na corte real de Nínive que foi enviada de volta à sua terra natal por Esarhaddon para governar os árabes tendo em mente os interesses assírios; Yapa' e Baslu, os respectivos governantes, sob Esarhaddon, das cidades de Di ħ ranu (moderna Dhahran) e Ihilum no leste da Arábia; e finalmente, Adia, uma rainha árabe durante o reinado de Assurbanipal, que acompanhou o seu marido Yauta' em pelo menos uma campanha.

Na época de Assurbanipal, o gosto dos árabes por líderes femininas parece ter diminuído um pouco, e a maioria dos seus líderes políticos e militares eram agora homens. No geral, porém, o papel das mulheres poderosas no mundo árabe dos séculos VIII e VII AC é simplesmente surpreendente. O título assírio atribuído a elas, *šarratu* , isto é, “rainha”, era usado apenas para deusas – até mesmo a influente Sammu-ramat, esposa de Shamshi-Adad V e mãe de Adad-nirari III no século IX a.C., o FEZ . não aguenta.

Como exatamente as rainhas árabes governaram é em grande parte desconhecido. Não existem textos da Península Árabe que forneçam informações em primeira mão sobre Samsi e outras líderes femininas. Te'elhunu aparece em textos assírios com títulos religiosos, mas como mostra a presença de várias rainhas árabes no campo de batalha, seria errado considerar o papel destas mulheres como meramente cerimonial. Para os assírios, que viviam num ambiente amplamente governado por normas patriarcais, ser confrontados com uma sociedade em que tanto poder estava nas mãos das mulheres deve ter sido uma fonte de fascínio sem fim. Os encontros com os árabes são o tema de muitas inscrições reais assírias e até de uma carta ao deus Ashur.

Mas também há sinais de que a “ginocracia” árabe suscitou forte ressentimento entre alguns assírios. Isso fica mais evidente em um baixo-relevo colocado de forma proeminente na suíte da sala do trono do Palácio Norte de Assurbanipal, em Nínive. O relevo mostra um ataque de tropas assírias a um acampamento árabe e retrata várias mulheres árabes sendo mortas ou torturadas pelos invasores perto de suas tendas. Numa cena particularmente horrível, inicialmente interpretada como uma violação, parece que dois soldados assírios estão a rasgar o corpo de uma mulher árabe para matar o seu feto. Os ataques às mulheres devem ter ocorrido regularmente nas guerras do antigo Oriente Próximo - uma maldição

contra os violadores de juramentos no Tratado de Sucessão de Esarhaddon pede que a deusa Ishtar “faça com que suas esposas deitem no colo de seu inimigo diante de seus olhos”. Em nenhum outro lugar dos relevos assírios, porém, são retratados atos de violência contra a população feminina. Se foi feita uma exceção no caso das mulheres árabes, então isto dificilmente pode ser separado do facto de as mulheres terem desempenhado um papel tão central nos assuntos políticos das tribos árabes.¹⁸

também ERAM EXÓTICOS AOS OLHOS DOS ASSÍRIOS EM OUTROS ASPECTOS. Tal como os fenícios e os gregos, eram um povo à margem do império que possuía a capacidade de se conectar com áreas ainda mais remotas. Mas em vez de cruzarem o oceano com navios, como fizeram os fenícios e os gregos, os árabes atravessaram as vastas regiões áridas do sul da Síria e da Península Arábica com os seus camelos – os “navios do deserto”.

Os camelos estão intimamente associados ao surgimento dos árabes como povo. Na verdade, foi a introdução em grande escala de camelos dromedários domesticados por volta da viragem do milénio que catapultou os árabes para o cenário mundial. Capazes de viajar cerca de 30 quilômetros (18 milhas) por dia através de extensões de terra desoladas sem precisar de comida ou água, enquanto transportavam cargas pesando cerca de 100 quilogramas (220 libras), os camelos permitiram aos árabes atravessar trechos de deserto anteriormente intransitáveis por distâncias às vezes mais de 2.000 quilômetros (1.250 milhas). Eram assim usados para transportar incenso, especiarias, pedras preciosas e outros itens valiosos de locais na parte sul da Península Arábica para o Mediterrâneo e a Mesopotâmia. O comércio era extremamente lucrativo e tornava aqueles que nele se dedicavam fabulosamente ricos.¹⁹

A referência mais antiga ao comércio de caravanas árabes é encontrada em uma inscrição de Ninurta-kudurri-usur, um governante independente de meados do século VIII AC do pequeno estado de Suhu, no Médio Eufrates. O governante menciona um ataque que lançou contra uma caravana organizada pelo povo de Tayma no Hedjaz e Sabá, no Iémen moderno. A caravana interceptada pode muito bem estar a caminho (ou a regressar) da Assíria, que, com o passar do tempo, se tornou um destino cada vez mais importante para os bens de luxo adquiridos pelos árabes. É revelador que quando Senaqueribe, na década de 690, construiu um novo muro ao redor da cidade de Nínive, um de seus portões monumentais, o “Portão do Deserto”, recebeu o nome cerimonial “Os presentes do povo de Sumu'il e Tayma entram através disso.”

Sumu'il era o nome de uma confederação tribal árabe liderada pelos Qedaritas. Seu centro era a já mencionada cidade de Adummatu, uma cidade oásis em Wadi Sirhan, no norte da Arábia. Na Bíblia Hebraica, Sumu'il é representado por Ismael, o filho não amado de Abraão, que foi mandado para o deserto junto com sua mãe, Hagar. A evidência material dos bens comercializados por Sumu'il está disponível na forma de várias contas de ônix e ágata encontradas no palácio de Senaqueribe em Nínive. Os objetos em forma de cilindro estão inscritos com textos cuneiformes indicando que eram “saques de Adummatu”, onde as tropas assírias devem tê-los apreendido quando conquistaram a cidade em 690 AEC.²⁰

Estas não foram as únicas contas que chegaram a Senaqueribe vindas da Península Arábica. Outros foram trazidos a ele como “presentes do público” por Karib'il Watar, um poderoso governante sabau conhecido por uma inscrição deixada por ele perto da moderna

Marib, no Iêmen. Contatos diretos entre a Assíria e Sabá foram iniciados sob o comando do pai de Senaqueribe, Sargão II, que afirma ter recebido presentes do tio de Karib'il, Yita''amar Watar. Ambos os governantes sabéis procuraram manter boas relações com os assírios para garantir que não interfeririam no seu comércio de longa distância, já que disso dependia o bem-estar econômico de Sabá.²¹

que tenha sido O INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE O MUNDO ÁRABE E A ASSÍRIA, AS RELAÇÕES ENTRE OS DOIS LADOS ESTAVAM LONGE DE SER CORDIAIS. Desde o início, os assírios ficaram preocupados com a liberdade de que gozavam os árabes. Sargão os considerava pessoas “que não conhecem nem superintendente nem governador”, e ficou irritado com seus repetidos atos de insubordinação, que incluíram um ataque à cidade babilônica de Sippar e outro a uma caravana que transportava saques de Damasco para a Assíria. Como resultado, Sargão proibiu estritamente a venda de ferro aos árabes – uma tentativa inicial de impedir a proliferação de materiais para a produção de armas.²²

Durante o século VIII, os assírios atacaram repetidamente caravanas árabes e acampamentos temporários que os árabes tinham estabelecido no sul da Síria e na Babilônia, mas pouco fizeram para interferir mais diretamente nos assuntos árabes. Tiglate-Pileser III tentou colocar um delegado real na corte da Rainha Samsi, mas parece improvável que o delegado tivesse muita influência ali. No início do século VII A.C. , contudo, ocorreu uma mudança notável nas atitudes e na “Grande Estratégia” da Assíria. Os reis tornaram-se mais intervencionistas tanto em relação aos árabes no flanco sul quanto aos fenícios. De repente, os exércitos assírios começaram a operar nas profundezas da Península Arábica.

Um resultado desta nova política foi a conquista da cidade oásis de Adummatu sob Senaqueribe e a subsequente captura da rainha árabe Te'elhunu. Nunca antes um exército assírio havia penetrado tão ao sul. As medidas que Senaqueribe tomou para subjugar os árabes incluíram a remoção das estátuas de seis divindades árabes, entre elas Attarsamayin, uma deusa celestial provavelmente idêntica a Al-Lat (famosa pelos Versos Satânicos) ; Nuhay, uma divindade solar; e “Ruda”, isto é, Orotalt, que Heródoto identificou com Dionísio. Todos foram levados para a Assíria.

Contudo, transformar os territórios árabes em províncias assírias revelou-se impossível, e Esarhaddon, o sucessor de Senaqueribe, considerou sensato, durante os seus primeiros anos no cargo, voltar a usar meios mais indiretos para controlar a região. Num gesto de boa vontade, ele repatriou todas as estátuas divinas que seu pai havia “apropriado” – embora só depois de ter colocado em cada uma delas uma inscrição louvando o deus Ashur e o poder do rei assírio. Junto com as estátuas, ele enviou aos árabes de Adummatu uma nova rainha, uma mulher árabe chamada Tabu'a, que cresceu como refém na corte de Nínive.

Por algum tempo, esse arranjo parece ter funcionado para satisfação de todos. Um novo líder, chamado Haza'il, e depois seu filho Ya(u)ta, juntou-se a Tabu'a como governantes de Adummatu e das áreas vizinhas, e os assírios receberam deles um rico tributo na forma de camelos, burros , ouro, pedras preciosas e aromáticos. Mas não demorou muito para que os árabes se livrassem novamente do jugo assírio e a guerra recomeçasse. Em mais de uma ocasião, primeiro sob Esarhaddon e depois sob Assurbanipal, os exércitos assírios atacaram cidades e campos árabes, perseguiram inimigos em fuga e substituíram líderes árabes hostis por outros supostamente mais agradáveis. A certa altura, afirma Assurbanipal, ele fez tantos

árabes prisioneiros e capturou tantos camelos que jardineiros, cervejeiros e taverneiros na Assíria eram pagos com camelos e cativos - uma declaração que, embora claramente hiperbólica, mostra um aguçado senso de fenômeno da inflação. A diplomacia também foi usada para pacificar os árabes. Um tratado cuneiforme entre Assurbanipal e os qedaritas, conhecido a partir de uma placa de argila fragmentária de Nínive, pode ser visto como uma tentativa de “domesticar” os membros desta tribo, integrando-os em sistemas estabelecidos de segurança internacional.

No final, estas operações militares e esforços diplomáticos produziram poucos resultados. Em nenhum momento durante o século VII AEC os assírios conseguiram assumir o controle total de grandes áreas da Península Arábica, e as campanhas constantes em regiões desérticas distantes revelaram-se um esgotamento dos seus recursos. Os árabes apoiaram o irmão infiel de Assurbanipal, Shamash-shumu-ukin, o rei da Babilônia, quando ele procurou obter a independência da Assíria em 652, e participou - se acreditarmos nos historiadores gregos posteriores - no ataque final que derrubou o Império Assírio.²³

EMBORA OS TERRITÓRIOS DOS ÁRABES NUNCA TENHAM SIDO incorporados ao Império Assírio, parece que os repetidos encontros entre os dois lados tiveram um efeito profundo na cultura material e política árabe. Escavações recentes em Dumat al-Jandal, antigo Adummatu, desenterraram uma quantidade substancial de cerâmicas que imitam produtos assírios, e a iconografia e o estilo de vários baixos-relevos de Tayma e Sheba também exibem características assírias. A influência assíria também pode ser detectada nas inscrições que os líderes sabeus Yita'amar Watar e Karib'il Watar deixaram em Sirwah, no Iêmen moderno, a mais de 2.000 quilômetros (1.240 milhas) de distância de Calah e Nínive. Contemporâneos de Sargão II e Senaqueribe, respectivamente, ambos os governantes enviaram emissários à corte assíria, os quais, enquanto estavam nas capitais assírias, devem ter visto as esculturas monumentais e as inscrições que celebravam os reis assírios. Aparentemente, isto lhes causou uma impressão tão grande que foram feitas tentativas de enaltecer os reis sabeus de maneiras comparáveis. Dificilmente pode ser considerado uma coincidência que tanto as últimas inscrições reais de Senaqueribe quanto a inscrição Sirwah de Karib'il incluam os mesmos elementos básicos: uma introdução nomeando o governante e seus títulos; um relatório sobre suas campanhas militares, em ambos os casos em número exato de oito; e um relato das obras concluídas. No caso de Karib'il, esta última seção inclui melhorias no sistema de irrigação local, tema também abordado em diversas inscrições do reinado de Senaqueribe.

24

Os repetidos confrontos com a Assíria parecem ter levado algumas tribos árabes a também fazer mudanças no seu sistema de governo. Durante os reinados de Esarhaddon e Assurbanipal, as líderes femininas dos qedaritas foram gradualmente substituídas por líderes masculinos - uma mudança que muito provavelmente pode ser vista como uma tentativa por parte dos árabes qedaritas de adotar estruturas de governo mais compatíveis com os domínios dominados pelos homens. personagem da realeza assíria. Não podemos deixar de notar a ironia de que, ao mesmo tempo, o cenário político da Assíria estava a passar por mudanças próprias que iam na direção oposta: as mulheres reais começaram subitamente a desempenhar papéis muito mais importantes nos assuntos governamentais do que nas décadas anteriores. É possível que a agência feminina nos círculos dirigentes da

Assíria tenha aumentado por volta de 690 A.C. devido aos encontros assírios com rainhas árabes? Se assim for, este seria outro exemplo das complexas interdependências que existem dentro dos impérios entre as esferas internas e externas. O centro imperial tende a remodelar a periferia – mas de vez em quando também a imita.

AS BORDAS OESTE E SUL DO IMPÉRIO ASSÍRIO traçavam o Mar Mediterrâneo e o Deserto da Arábia, a centenas de quilômetros de distância das capitais assírias de Calah, Nínive e Dur-Sharrukin. No nordeste e sudeste, porém, o controle imperial assírio não se estendeu tanto. A campanha militar liderada por Tiglate-Pileser III em 739 AEC contra a terra de Ulluba foi dirigida contra uma região localizada não muito mais de 70 quilômetros ao norte de Nínive. A barreira que bloqueou a expansão da Assíria para leste, nas vastas extensões das terras altas iranianas, foi a cordilheira de Zagros, uma cadeia montanhosa cujas elevações mais altas correm ao longo da fronteira moderna entre o Iraque e o Irã. Atravessar estas montanhas representou um grande desafio para os exércitos assírios.²⁵

As pessoas que viviam nos vales das montanhas Zagros criavam gado e cavalos, estes últimos necessários com urgência aos assírios para suas forças armadas. Devido à natureza acidentada da região, durante muito tempo o seu cenário político permaneceu extremamente fragmentado. As pessoas mais famosas com raízes nos Zagros foram os persas, que dominaram a cultura e a política iranianas nos últimos dois milênios e meio. Os medos, outro grupo étnico originário desta região, também estavam destinados à fama no cenário mundial, acabando por desempenhar um papel decisivo na queda do Império Assírio. Mas a sua unificação sob Ciaxares aconteceu num momento muito tardio, provavelmente não antes das últimas décadas do século VII AC. Antes disso, os seus vastos territórios foram divididos em numerosas pequenas unidades governadas por homens fortes locais.²⁶

Pelo menos inicialmente, as intervenções da Assíria na região de Zagros centraram-se num sistema político muito menos proeminente: o reino de Mannea, com a sua capital Izirtu, um estado-tampão entre a Assíria e Urartu, a norte de Mannea, onde hoje é o Curdistão iraniano. A cultura material de Mannea era menos sofisticada do que a da área central assíria ou das cidades e reinos do Levante. Ainda assim, Mannea era o lar não apenas de aldeias, mas também de uma série de cidades maiores, e há evidências de que as pessoas que viviam em algumas delas fizeram grandes progressos na adoção das tradições artísticas e de escribes dos seus vizinhos ocidentais. Isto é demonstrado de forma mais proeminente por achados arqueológicos da década de 1970 em Qalaichi Tepe, no condado de Bukan, no Irã, um local que foi identificado por alguns estudiosos com a capital maneana, Izirtu. Uma estela fragmentária de Qalaichi, inscrita em aramaico e referente a um tratado celebrado com um parceiro desconhecido, exemplifica a participação de Mannea no sistema de relações internacionais da época. Imagens de touros alados e leões encontrados em vários tijolos vidrados que pertenceram a um salão com colunas são testemunho do impacto das convenções artísticas assírias na cultura visual de Mannea.²⁷

Não é de surpreender que a influência cultural que Mannea e a região de Zagros em geral exerceram sobre a Assíria foi muito mais limitada. Mas é digno de nota que Ahura Mazda, a divindade suprema da religião iraniana primitiva - um deus mencionado com destaque nas inscrições reais dos reis persas do final dos séculos VI e V a.C., bem como nos escritos sagrados do Zoroastrismo - é atestada pela primeira vez no século VII a.C. Assíria do século

XIX. De acordo com um texto administrativo do reinado de Assurbanipal, ele recebia ofertas regulares de alimentos na cidade de Ashur, juntamente com inúmeras outras divindades da Assíria e do exterior.²⁸

Alguns dos primeiros persas que adoravam Ahura Mazda parecem ter vivido num território que os assírios chamavam de Parsua, localizado entre Mannea, no norte, e a Grande Estrada Khorasan, que ligava a Mesopotâmia ao centro do Irã. A referência mais antiga a Parsua é encontrada nas inscrições de Salmaneser III, que fez campanha na região em 843 e novamente em 834, quando recebeu o tributo de nada menos que vinte e sete “reis”. Em 744, Tiglate-Pileser III transformou Parsua em uma província assíria, governada por um governador que residia na cidade de Nikur. Em 714, Sargão II acrescentou à província territórios que anteriormente pertenciam às terras vizinhas de Gizilbunda. Brevemente ameaçada sob Esarhaddon por ataques empreendidos por cimérios e citas, Parsua permaneceu parte integrante do Império Assírio pelo menos até o reinado de Assurbanipal, quando é atestado pela última vez. Em 2008, a descoberta de um cemitério da Idade do Ferro na região da moderna Sanandaj – que poderia ter feito parte de Parsua – lançou alguma luz sobre a cultura material da província. Os bens funerários encontrados nas tumbas incluíam fíbulas (fechos ou broches), selos e recipientes para consumo de vinho, itens que as elites locais podem ter apreciado porque queriam imitar as práticas assírias.²⁹

Mas seriam os habitantes da terra de Parsua, no centro de Zagros, realmente os ancestrais dos persas posteriores? Os dois nomes são surpreendentemente semelhantes, mas as dúvidas permanecem. Mais notavelmente, como revela a análise linguística, apenas alguns dos nomes das cidades e governantes de Parsua mencionados nas fontes assírias incluem elementos claramente identificáveis como iranianos. Parsua parece ter tido uma população multiétnica que incluía falantes de línguas iranianas e não iranianas. A região onde os persas, provavelmente após prolongadas migrações, realmente entraram no cenário mundial ficava em outro lugar: na terra a leste do reino de Elão, que mais tarde foi conhecida pelos gregos como Pérsis, e posteriormente como Farsistão ou Fars.³⁰

Embora as tropas assírias nunca tenham chegado a este país distante, são novamente os textos assírios que nos fornecem alguns dos primeiros vislumbres da sua história. Aparentemente, a região era conhecida pelos assírios como Parsumash, nome que ocorre pela primeira vez numa carta cuneiforme fragmentária de 707 A.C.. A carta relata que o rei de Elam tentou recrutar unidades militares de Parsumash para atacar um inimigo desconhecido, talvez a Assíria. Alguns anos depois, em 691, soldados de Parsumash lutaram ao lado de tropas elamitas, babilônicas e outras tropas contra o exército de Senaqueribe em Halulê, perto de Samarra.

A dissolução de Elam sob Assurbanipal na década de 640 facilitou o estabelecimento de contatos mais diretos entre Parsumash e a Assíria. Por volta de 640 AC, um rei de Parsumash chamado Kurash enviou seu filho Arukku a Nínive para prestar homenagem ao monarca assírio. Este Kurash deve ter sido um ancestral do renomado rei persa Kurash (ou Ciro) II, que, na década de 530 – quase exatamente cem anos após a visita de Arukku – estabeleceu o Império Persa e se tornou famoso na historiografia ocidental como Ciro, o Grande. Pode muito bem ser que Arukku tenha aprendido algo sobre a construção de um império enquanto estava na corte imperial de Assurbanipal em Nínive — e transmitido isso aos seus descendentes.

O REI ASSÍRIO SENAQUERIBE RECEBEU COM ORGULHO um bom número de contas de ônix e ágata de Adummatu, no norte da Arábia, e de Sabá, no Iêmen moderno, e mandou inscrevê-las com os nomes dos lugares de onde se originaram. Contas com inscrições semelhantes encontradas no palácio de Senaqueribe em Nínive vieram da cidade fenícia de Samsimurruna, no oeste, e de Sealand, no Golfo Pérsico. Como quase todas essas contas estavam perfuradas quando foram descobertas, é evidente que originalmente foram amarradas em cordas ou correntes. Não sabemos qual pode ter sido o propósito dessas cadeias. Eles poderiam ter servido como colares e sido usados por esposas reais, ou mesmo pelo próprio rei assírio; como amuletos presos a carruagens ou tronos que necessitam de proteção mágica; ou como oferendas aos deuses colocadas em depósitos localizados sob o piso de palácios ou templos assírios. Mas qualquer que seja a sua função exacta, uma coisa é certa: as correntes representavam o círculo de terras encontrado nos limites do Império Assírio e, portanto, simbolizavam o poder ilimitado que os monarcas assírios reivindicavam para si sobre o mundo conhecido. Como disse mais tarde o Rei Esarhaddon numa das suas inscrições: "Aquele que fugiu para o mar para salvar a sua vida não escapou da minha rede. O corredor rápido que percorreu os cumes escalonados das montanhas, eu o peguei como um pássaro. Arranquei as raízes dos suteanos que vivem em tendas em lugares remotos (no deserto). Do meio do mar, meus inimigos falaram assim: 'Onde pode a raposa ir para fugir do sol?'" ³¹

Na verdade, as raposas do período neo-assírio não eram inteiramente desprovidas de tocas sombrias onde pudessem se esconder. A Assíria Imperial era poderosa, mas não tão poderosa quanto Esarhaddon gostaria. O deserto, o mar e as montanhas representavam obstáculos que os exércitos assírios, apesar dos protestos de Esarhaddon em contrário, muitas vezes eram incapazes de superar. As condições domésticas também nem sempre foram tão animadoras quanto a propaganda real assíria pretendia.

7

Uma história de fantasma

A partir do reinado de Tiglate-Pileser III, o poder na Assíria concentrou-se nas mãos de uma pessoa: o monarca assírio. Quando os governantes estavam à altura da tarefa, este sistema de liderança centralizado tinha o potencial de fortalecer a coesão do império e evitar a sua fractura. Mas o sistema também apresentava certas fraquezas estruturais, entre as quais a principal delas a questão da sucessão. O momento em que o poder passou de um rei para outro resultou em caos e instabilidade no império em diversas ocasiões.

Uma dessas crises eclodiu após a morte prematura do rei Sargão II (r. 721–705 A.C.), um evento que levou a uma grande ansiedade no reino, destruindo, pelo menos temporariamente, a crença das elites assírias na sua divindade. missão imperial mandatada. O que aconteceu na sequência deste episódio dramático é uma história que vale a pena contar, não só por causa do seu efeito na psique colectiva dos círculos dirigentes da Assíria, mas também à luz da estranha forma como se reflecte na Bíblia – e até mesmo, indiretamente, em tradições cristãs posteriores.

SARGÃO II FOI UM DOS CONQUISTADORES MAIS BEM-SUCEDIDOS DA ASSÍRIA. Depois de reprimir as rebeliões que eclodiram após sua ascensão, seu reinado viu triunfo após triunfo. Sob a sua liderança, o Império Assírio tornou-se mais rico e poderoso do que nunca. Mas o triste fim do rei quase anulou todas essas conquistas.

Provavelmente nunca saberemos exactamente o que aconteceu quando Sargão II embarcou com o seu exército, no Verão de 705 AEC, numa campanha da qual não regressaria. Normalmente repletas de longos relatos sobre esforços militares empreendidos por seus reis, as inscrições reais assírias, neste caso, são silenciosas. Nunca foi encontrado nenhum relato detalhado da campanha, e provavelmente nenhum foi escrito: fontes oficiais assírias, ansiosas por sublinhar a continuidade contínua de um rei assírio para o seguinte, em regra evitam qualquer referência à morte do governante.

O que se sabe é que a campanha de 705 de Sargão foi dirigida contra Tabal, uma região grande, montanhosa e indisciplinada na Anatólia central. No início do reinado de Sargão, Tabal foi um vassalo assírio, primeiro sob um rei chamado Hulli e depois sob o filho de Hulli, Ambaris. Conseguir uma posição segura em Tabal parecia tão importante para Sargão que ele deu uma de suas filhas, Ahat-abisha, a Ambaris em casamento. Alguns anos depois, porém, para grande desgosto de Sargão, seu cunhado livrou-se do jugo assírio. As tropas assírias eventualmente derrotaram Ambaris e forçaram seu aliado Mita (conhecido na tradição grega como Midas) à submissão. Mas a situação política em Tabal permaneceu

volátil. Um governante chamado Gurdi ou Kurti continuou a luta contra o agressor assírio, e Sargão decidiu, em 705 A.C., atacar novamente a região.¹

Apenas um ano antes, Sargão transferira a corte real de Calah para Dur-Sharrukin, a nova capital que construíra com enormes custos no local da pequena aldeia de Maganuba, a nordeste de Nínive. A nova fundação cobria quase 300 hectares (740 acres) e era cercada por um enorme muro de 7 quilômetros (4,3 milhas) de comprimento. O rei fixou residência em Dur-Sharrukin, num gigantesco palácio novo que ficava ao lado de vários grandes templos num terraço de 12 metros (40 pés) de altura com vista para a parte norte da muralha da cidade.

Sargon tinha cerca de sessenta anos nesta época. Ele poderia ter deixado as operações militares nas mãos de seus generais e permanecido em sua nova casa, aproveitando os frutos de suas impressionantes campanhas anteriores. Mas por razões sobre as quais só podemos especular – talvez falta de confiança na liderança militar ou um eterno sentido de aventura – o rei decidiu liderar ele próprio a campanha contra Gurdi. Isso acabou sendo um erro fatal.

Seja por meio de um ataque noturno, como o empreendido algumas décadas depois pelo rei manneo Ahsheri contra Assurbanipal, bisneto de Sargão, ou de alguma outra forma, as tropas de Gurdi conseguiram tomar o acampamento assírio. O governante assírio foi morto — mas isso não foi tudo. Um texto assírio, provavelmente escrito mais de vinte e cinco anos depois do acontecimento, durante o reinado do neto de Sargão, Esarhaddon, acrescenta um detalhe devastador. As tropas assírias restantes não conseguiram recuperar o corpo de Sargão e assim o rei permaneceu insepulto.

Esta foi uma grande calamidade. Em uma de suas inscrições, o próprio Sargão, profundamente horrorizado, lamentou um caso semelhante em 714 AC na área do Monte Waush, perto do Lago Urmia, quando o insurgente Bagdatti de Wishdish deixou o corpo do aliado assírio Aza de Mannea insepulto em O campo de batalha. Em retribuição, Sargon ordenou que Bagdatti fosse esfolado no local onde ocorreu o crime. Agora, o próprio rei assírio teve o mesmo destino de Aza.

AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA ASSÍRIA E NA BABILÔNIA VARIAVAM SIGNIFICATIVAMENTE, mas era uma crença quase universal que os mortos deveriam ser enterrados no subsolo. No caso dos reis da Assíria, o enterro era comumente feito em grandes sarcófagos de pedra depositados em tumbas subterrâneas abobadadas no Antigo Palácio de Ashur, uma prática que continuou mesmo depois que a cidade perdeu seu status de capital política da Assíria. Arqueólogos modernos descobriram vários desses sarcófagos. Todos haviam sido saqueados nos tempos antigos, mas um texto cuneiforme de Nínive descreve com alguns detalhes a riqueza original desses sepultamentos reais. Provavelmente composto por ocasião da morte do Rei Esarhaddon, o texto começa com um lamento, sublinhando que até a natureza ficou perturbada com a morte do governante: “As valas lamentam, os canais respondem, todas as árvores e plantas frutíferas estão de luto”. Em seguida, lista uma variedade de bens funerários destinados ao túmulo do rei, incluindo uma cama de marfim e prata, dez cavalos, uma carruagem com adornos de ouro, trinta bois, trezentas ovelhas e numerosas vestimentas preciosas. Depois que o rei foi sepultado, acrescenta o texto, seu caixão foi cuidadosamente fechado e selado.²

Havia muitas razões, práticas e espirituais, para estas tradições. Ao selar o caixão, os assírios procuraram evitar que as pessoas mexessem nos restos mortais do rei e roubassem os bens funerários ali depositados. Mas também queriam garantir que o corpo real não seria capaz de deixar o seu local de descanso final e assombrar os vivos. Se não fossem devidamente enterrados, acreditavam os assírios, os mortos - especialmente se tivessem sido abandonados no campo de batalha depois de terem sido mortos lá - fariam exatamente isso: encontrariam o caminho de volta para aqueles que conheceram em vida e os puniriam com doença, miséria, ou morte. São conhecidos numerosos textos rituais contra os fantasmas dos mortos, tanto da Assíria como da Babilônia, e se estes fantasmas fossem os restos espectrais de um governante poderoso, os perigos para os vivos eram, claro, particularmente grandes. Uma lenda judaica com possíveis raízes no folclore mesopotâmico relata que, para garantir que seu falecido pai, Nabucodonosor II, não retornaria, o rei babilônico Amel-Marduk (r. 561–560 a.C.) cortou o CORPO em trezentos pedaços e os alimentou para trezentos abutres.³

Quando a notícia da morte desastrosa de Sargão chegou à Assíria e o seu corpo não foi levado para casa para ser enterrado num dos túmulos abobadados do Antigo Palácio de Ashur, parece que muitos membros da elite assíria foram dominados pela ansiedade. Um membro desta elite era Nabû-zuqup-kenu, um estudioso e adivinho de Calah, que ostentava o título de escriba (*ṭ upšarru*), mas claramente tinha mais influência política do que esta modesta denominação sugere. Ele veio de uma importante família de conselheiros reais, um dos quais, Gabbi-ilani-eresh, foi escriba-chefe dos reis assírios Tukulti-Ninurta II e Ashurnasirpal II no século IX. O próprio Nabû-zuqup-kenu teve um filho e um neto que mais tarde ocuparam sucessivamente o mesmo cargo nas cortes de Esarhaddon e seu filho, Assurbanipal. Como parte de tal linhagem, Nabû-zuqup-kenu foi provavelmente um conselheiro próximo da coroa durante os reinados dos dois reis anteriores, Sargão II e seu filho e sucessor Senaqueribe. Que Nabû-zuqup-kenu foi o autor de uma série de inscrições reais desses dois reis é sugerido por uma tábuia de argila de sua biblioteca que lista palavras incomuns incluídas em algumas dessas inscrições.⁴

No vigésimo sétimo dia do mês de Du'uzu (IV), 705 AC, Nabû-zuqup-kenu copiou a décima segunda e última tabuinha da Epopéia de Gilgamesh, o texto literário mais famoso conhecido da antiga Mesopotâmia. O épico narra os feitos de Gilgamesh, rei de Uruk, que começa como um tirano oprimindo os homens e mulheres de sua cidade, mas que depois se transforma em herói, derrotando, junto com seu amigo Enkidu, o monstruoso Humbaba, guardião do floresta de cedro. Eventualmente, após a morte de Enkidu e uma longa peregrinação aos confins do mundo, Gilgamesh se torna um sábio, recebendo conhecimento antediluviano do único sobrevivente de um grande dilúvio, um homem chamado Utanapishti.

5

A décima segunda tabuinha do épico, aquela em que Nabû-zuqup-kenu estava interessado, é um apêndice um tanto estranho a esta história convincente. Relata como Enkidu desce ao submundo para recuperar dois brinquedos de Gilgamesh, um pedaço de pau e uma bola, que caíram na morada dos mortos através de um buraco. O plano de Enkidu de retornar com eles de sua jornada infernal é frustrado quando, desafiando o conselho de Gilgamesh de se manter discreto, ele chama a atenção para si mesmo vestindo lindas roupas e fazendo muito barulho. Ereshkigal, a rainha do submundo, de rosto pálido e seios nus, força Enkidu a permanecer em seu reino. Mas os deuses concedem a Gilgamesh um encontro final

com seu amigo, que tem permissão para sair brevemente de sua morada infernal para falar com o rei de Uruk sobre as regras do submundo. As linhas finais da tabuinha - e as últimas copiadas por Nabû-zuqup-kenu neste dia de verão de 705 - recontam a conclusão desta conversa, com Enkidu delineando o destino de indivíduos anônimos que tiveram fins infelizes:

(G ILGAMESH): Você viu aquele que foi morto em batalha?

(E NKIDU): Eu o vi. Seu pai e sua mãe honram sua memória e sua esposa chora por ele.

(G ILGAMESH): Você viu aquele cujo cadáver foi deixado no campo aberto?

(E NKIDU): Eu o vi. Seu fantasma não descansa no Submundo.

(G ILGAMESH): Você viu aquele cujo fantasma não tem provedor de oferendas funerárias?

(E NKIDU): Eu o vi. Ele come as sobras da panela e as cascas de pão que são jogadas fora na rua. ⁶

Os cenários de morte esboçados aqui parecem muito com uma descrição do destino de Sargão. Parece extremamente provável que Nabû-zuqup-kenu tenha estudado a passagem – e provavelmente toda a Tábua XII da Epopéia de Gilgamesh – para explorar o que a morte de seu rei realmente significava. As notícias do evento, ou pelo menos os rumores sobre ele, devem ter chegado a Calah pouco tempo antes. As conclusões que Nabû-zuqup-kenu tirou do seu estudo das palavras finais de Enkidu não podem ter sido bonitas. O fato de o fantasma de seu mestre real, poucos dias antes o homem mais poderoso do planeta, parecer agora estar vagando pelas ruas em busca de comida descartada era um cenário que deve ter perturbado profundamente o escriba.

Todos os anos, durante os últimos dias do mês de Du'uzu, o povo da Assíria e da Babilônia celebrava os mortos realizando rituais em homenagem a Tammuz, uma divindade que havia morrido, mas naquela época foi autorizada a retornar do submundo. A notícia da morte de Sargão chegou a Nabû-zuqup-kenu poucos dias antes de esses rituais culminarem na chamada libertação de Tammuz. Muito provavelmente, Nabû-zuqup-kenu e os principais sacerdotes da Assíria usaram as cerimônias de Tamuz naquele ano para apaziguar o fantasma de seu falecido governante. É claro, porém, que isto não foi suficiente para lidar com o terrível destino que se abateu sobre o rei – um destino que ameaçava afectar também o seu herdeiro e sucessor.

Este herdeiro, filho e príncipe herdeiro de Sargão, era Senaqueribe, que tinha entre trinta e cinco e quarenta anos na época. Senaqueribe ficou profundamente perturbado com a morte súbita e desfavorável de seu pai. Na verdade, ele pode inicialmente ter-se recusado a acreditar nas notícias. Isso explicaria as referências a Sargão, e não a Senaqueribe, em uma série de pequenas inscrições em cones de argila datadas um pouco depois da cópia de Gilgamesh XII de Nabû-zuqup-kenu - isto é, depois que a notícia da morte de Sargão se tornou amplamente conhecida. As inscrições registram novas obras de construção no templo do deus Ashur:

Para Ashur, pai dos deuses..., Sargão, rei do mundo, rei da Assíria..., renovou Ehursaggalkurkura, o templo de Ashur, rebocando as paredes das torres de todo o edifício, e criando frisos, pedestais e cones de barro esmaltados para aquelas torres.... Ele fez isso... para preservar sua vida, para desfrutar de longos dias, para governar com firmeza e para derrotar seus inimigos. Mês de Abu (V), homônimo de Nashir-Bel, governador de Sinabu (ou seja, 705 AC).⁷

O texto parece reflectir uma esperança desesperada por parte de Senaqueribe e de certos membros das elites políticas e religiosas da Assíria de que Sargão ainda pudesse regressar da sua malfadada campanha contra Tabal. Mas em breve, qualquer fé num tal resultado teve de ser abandonada. No décimo segundo dia de Abu, mesmo mês listado na inscrição, Senaqueribe ascendeu ao trono assírio.

CHOCADO E TRAUMATIZADO PELO DESTINO DE SARGÃO, SENAQUERIBE parece ter sentido uma forte necessidade de se distanciar de seu pai e antecessor caído - cujo fim ele considerou um castigo cruel infligido pelos deuses. O mais revelador é que ele nunca se mudou para Dur-Sharrukin. A gigantesca nova cidade não foi totalmente abandonada, mas o seu curto período como capital da Assíria terminou. Em vez disso, Senaqueribe transferiu a corte real para Nínive, onde, durante os quinze anos seguintes, prosseguiu um ambicioso programa de construção que transformou a cidade no maior centro urbano alguma vez criado na história do antigo Oriente Próximo – ainda maior do que Dur-Sharrukin.

Situada perto de um vau através do Tigre, Nínive foi uma cidade importante durante séculos, e é possível que Senaqueribe também tivesse razões estratégicas para residir ali. Mas o rei deve ter sido motivado principalmente pelo medo de que o fantasma de seu falecido pai continuasse a assombrar Dur-Sharrukin. Sua ação garantiu que ele evitaria a contaminação de tudo o que Sargon havia tocado ali. Ao escreverem sobre a construção em Nínive, os escribas de Senaqueribe plagiaram elementos das inscrições de Sargão, mas nunca mencionaram seu nome. Mesmo uma estela de Ashur que Senaqueribe dedicou à sua mãe, Ra'ima, não inclui nenhuma referência ao marido dela, Sargão.⁸

Senaqueribe também tentou apagar a memória de seu pai de outras maneiras. Durante o trabalho de restauração do Templo de Ashur, os trabalhadores de Sargão usaram tijolos vidrados para produzir imagens de algumas das campanhas militares do rei ao longo de um dos terraços do templo. Quando Senaqueribe renovou essas paredes do terraço, seus próprios trabalhadores da construção procederam de forma aleatória e descuidada ao remontar os tijolos e, por fim, ergueram o átrio do templo de tal forma que ocultaram completamente as imagens dos esforços militares de Sargão. Senaqueribe não queria que eles fossem exibidos no Santo dos Santos do império.

No início do seu reinado, em 702 A.C., Senaqueribe esteve envolvido em outro projeto de construção: a reconstrução do templo de Nergal na cidade de Tarbisu, poucos quilômetros ao norte de Nínive. Como deus da guerra, da morte e da destruição, e marido de Ereshkigal, a terrível rainha do submundo, Nergal era a divindade com ligações mais estreitas com o destino do falecido pai de Senaqueribe. Uma longa inscrição que comemora o trabalho de Senaqueribe neste santuário - aparentemente composta por ninguém menos que Nabû-zuqup-kenu - não menciona Sargão pelo nome, mas Senaqueribe deve tê-lo em mente e pode

ter esperado algum tipo de redenção, quando ele inaugurou o templo recém-restaurado. Ele sacrificou “touro enormes e ovelhas gordas” para reconquistar o favor de Nergal.

Senaqueribe também buscou vingança. Na tentativa de penalizar Gurdi, o líder Kulummaean responsável pela morte de Sargão, em 704 AC, um exército assírio voltou para Tabal. Visto que mais uma morte real em batalha teria deixado o estado assírio em completa desordem, Senaqueribe optou por não participar nesta campanha. A expedição parece ter terminado em fracasso, pois não é mencionada em nenhuma inscrição real, e seu único registro está numa nota mal preservada na Crônica Epônima Assíria. Nove anos depois, em 695, outro exército assírio, novamente liderado por generais e não pelo rei, teve mais sucesso. Conquistou a cidade de Til-Garimmu, possivelmente a moderna Gürün, na província turca de Sivas, que era governada por um governante chamado Gurdi - provavelmente o mesmo homem que derrotou Sargão. Partes da população de Til-Garimmu foram deportadas e as estátuas divinas dos templos da cidade foram trazidas para a Assíria. Gurdi, no entanto, escapou para sempre – e assim o golpe devastador que desferiu nos assírios dez anos antes permaneceu para sempre impune.

Com base nas evidências disponíveis, parece que Senaqueribe se sentiu incapaz de reconhecer e processar abertamente o que tinha acontecido com Sargão. As ansiedades produzidas pela experiência traumática dos acontecimentos de 705 A.C. parecem ter permanecido com o rei e, ao longo do tempo, desencadearam certas síndromes psicóticas. Uma carta do reinado de seu filho e sucessor Esarhaddon menciona que Senaqueribe frequentemente ficava tão enfurecido que nenhum de seus adivinhos ousava contar-lhe qualquer sinal desagradável que tivessem observado, e acrescenta que o rei lutou com o “demônio alû”, frequentemente mencionado *em* textos cuneiformes ao lado de espíritos dos mortos. Embora não esteja totalmente claro, a suposta aflição causada por este demônio parece ter sido algum distúrbio mental. Não é preciso muita imaginação para relacionar isso à incapacidade de Senaqueribe de lidar com a morte de Sargão.

APESAR DE TODAS AS SUAS TENTATIVAS DE SE DISTANCIAR DA aura negativa do seu pai, Senaqueribe também teve um fim violento: foi morto em 681 AEC por um grupo de insurgentes que incluía um ou mais dos seus próprios filhos. Seu sucessor, Esarhaddon, que provavelmente não estava envolvido na conspiração, ficou agora com o fardo de ter que lidar com as mortes brutais e desfavoráveis não apenas de um, mas de dois reis: seu pai, Senaqueribe, e seu avô Sargão.

Consultando seus conselheiros eruditos e escribas, Esarhaddon adotou uma estratégia diametralmente oposta à de Senaqueribe para enfrentar esta situação. Em vez de reprimir o passado, ele abordou-o de forma relativamente aberta. As inscrições de Esarhaddon mencionam regularmente os nomes de seus antepassados imediatos, referindo-se a si mesmo como “filho de Senaqueribe” e “neto de Sargão”. Inscrições posteriores incluem até um relato do assassinato de Senaqueribe, embora o que realmente aconteceu permaneça um tanto vago.

É outro texto, no entanto, chamado pelos estudiosos modernos de “O Pecado de Sargão”, e conhecido a partir de uma tábua de argila fragmentária de Nínive, que oferece os insights mais intrigantes sobre os esforços de Esarhaddon para explicar as mortes violentas de seus dois antecessores. Nele, um Senaqueribe morto se dirige ao leitor do Grande Além para

explicar o que aconteceu com ele e seu pai. A cena ecoa assim o famoso episódio dois séculos depois nos *Persas* de Ésquilo, a mais antiga tragédia grega preservada, em que o fantasma do rei persa Dario é evocado para explicar as causas da derrota humilhante de seu filho Xerxes contra os gregos na Batalha de Salamina.⁹

Em *Os Persas*, Dario sugere que Xerxes desencadeou o fiasco ao negligenciar o deus Poseidon, destruindo santuários estrangeiros e levando consigo suas estátuas divinas. O texto sobre o “Pecado de Sargão” identifica de forma semelhante as ofensas religiosas como provocadoras dos desastres que se abateram sobre os antecessores de Esarhaddon. Começa com Senaqueribe declarando que, enquanto ponderava sobre os feitos dos deuses, “ocorreu-me à morte de Sargão, meu pai, que foi morto no país inimigo e que não foi enterrado em sua casa”. Senaqueribe reúne vários haruspícios, divide-os em grupos e pede-lhes que realizem adivinhação do fígado para investigar “o pecado de Sargão, meu pai”. O texto está muito quebrado nesta seção, mas os haruspícios aparentemente determinam que foi a negligência de Sargão para com os deuses assírios e seu entusiasmo exagerado pelos deuses da Babilônia que provocaram seu destino. De fato, Sargão demonstrou grande admiração pela cultura babilônica, de modo que a acusação não era sem mérito. Senaqueribe afirma então que procurou corrigir o desequilíbrio identificado pelos adivinhos como a causa da morte de Sargão, mas que seus próprios escribas o impediram de prosseguir com seus planos, e então ele também teve que morrer.

Com esta história, Esarhaddon forneceu uma intrigante explicação histórico-teológica para as mortes violentas de seus dois antecessores. Cada um falhou, à sua maneira, em demonstrar o devido respeito aos deuses. Ao mesmo tempo, Esarhaddon encontrou uma excelente justificação para a sua nova política religiosa de manter um equilíbrio de poder entre Ashur e Marduk da Babilônia.

A história dos erros religiosos de Sargão e Senaqueribe aparentemente também foi usada de uma forma mais prática, como sugerido por uma tábua de argila mal preservada de Nínive, com a inscrição de um texto semelhante ao “Pecado de Sargão”. Um subscrito explica que o texto foi copiado de lajes de pedra dispostas no templo de Ashur, nas quais o rei, muito provavelmente Esarhaddon, costumava prostrar-se para beijar o chão diante do deus estatal assírio. Tudo isto sugere que Esarhaddon deixou uma inscrição contando os destinos de Sargão e Senaqueribe no coração do Estado assírio – o Templo de Ashur em Ashur – e abraçou o que aconteceu aos seus antecessores no sentido mais literal possível. É difícil imaginar um esforço mais poderoso para exorcizar o passado do que este recém-inventado ritual de arrependimento, claramente destinado a quebrar o ciclo fatal de mortes reais violentas.

A MORTE DE SARGÃO PERTURBOU E ANGUSTIOU governantes, sacerdotes e estudiosos assírios durante décadas. Fora da Assíria, as reações foram compreensivelmente bem diferentes. O povo que sofreu com o expansionismo agressivo da Assíria tinha poucos motivos para lamentar o seu principal algoz. A maneira como eles encararam a queda do monarca é ilustrada de forma mais impressionante por uma canção fúnebre zombeteira sobre um “rei da Babilônia” sem nome, encontrada no capítulo 14 do livro bíblico de Isaías. Embora não seja inteiramente certo que o rei babilônico de Isaías deva ser identificado com Sargão, argumentos convincentes apoiam esta suposição: o profeta bíblico Isaías foi contemporâneo de Sargão e Senaqueribe; Sargão não foi rei apenas da Assíria, mas também da Babilônia; e,

o mais importante, Isaías afirma – trazendo imediatamente à mente o terrível destino de Sargão – que o rei ridicularizado por ele morreu violentamente sem o devido enterro: “Todos os reis das nações jazem em glória, cada um em seu próprio túmulo; mas você é lançado fora de sua sepultura, como carniça repugnante, vestido com os mortos, aqueles perfurados pela espada.”¹⁰

Para Isaías, a queda do governante inimigo não é motivo de tristeza, mas de júbilo: “Como cessou o opressor! Como cessou a sua insolência!” Em nítido contraste com o texto assírio que afirma que até as árvores estavam de luto quando um rei morreu, em Isaías eles fazem exatamente o oposto: “Toda a terra está em repouso e quieta; eles começam a cantar. Os ciprestes exultam sobre vocês, os cedros do Líbano, dizendo: 'Desde que vocês foram abatidos, ninguém vem nos derrubar.'”¹¹

Não apenas por causa de suas qualidades poéticas, uma seção da acusação de Isaías à arrogância real merece atenção especial. No versículo 12, o profeta exclama: “Como caíste do céu, ó Brilhante, Filho da Aurora (hebraico *hêlêl ben šā ḥ ar*); como você foi derrubado por terra, você que derrubou as nações. Dado o enorme poder que os reis assírios dos séculos VIII e VII AEC possuíam, o uso que Isaías faz de uma metáfora cosmológica para caracterizar o monarca insultado e malfadado não é uma grande surpresa. Vários intérpretes cristãos de Isaías 14, no entanto, não estavam dispostos a considerar esta metáfora como um mero tropo – eles a interpretaram literalmente. O mais importante deles foi o antigo estudioso cristão Orígenes de Alexandria (ca. 184–ca. 253 D.C.). Ele leu toda a passagem através das lentes de um famoso versículo do evangelho de Lucas (10:18), que se refere a “Satanás caindo do céu como um relâmpago”. O *hêlêl ben šā ḥ ar* de Isaías - traduzido como Heósphoros (Portador da Aurora) na Septuaginta, a tradução grega da Bíblia Hebraica, e como Lúcifer (Portador da Luz) na Vulgata Latina de São Jerônimo - tornou-se assim um dos arquétipos de um novo e altamente influente reconceitualização cristã das forças do mal, na qual Satanás, um incômodo menor no antigo Israel, foi promovido ao status de um anjo caído de enorme poder.

Esta imagem de Satanás foi plantada nas mentes dos cristãos desde então. A história do pensamento religioso está cheia de reviravoltas estranhas, mas poucas ideias novas nesta esfera foram tão fortuitas quanto o surgimento do diabo a partir de uma interpretação duvidosa de uma metáfora cosmológica usada na Bíblia Hebraica para caracterizar um antigo e azarado rei do Oriente Próximo, morto no campo de batalha – um rei que, com toda a probabilidade, não era outro senão Sargão II.

OS ASSÍRIOS E SEU REINO DEIXARAM UMA MARCA INDELÉVEL nas histórias bíblicas fundamentais. Enquanto Sargão permanece anônimo na condenação zombeteira de Isaías a um rei opressor, outro episódio de Isaías, também conhecido de 2 Reis e de Crônicas, fala muito mais abertamente sobre um rei assírio. Esse rei é o malfadado filho e sucessor de Sargão, Senaqueribe. Em 701 AEC, vinte anos antes de sua morte violenta, Senaqueribe invadiu o Reino de Judá e ameaçou tomar a cidade de Jerusalém. Foi também a época em que as duas principais potências da época, a Assíria e o Egito, se encontraram pela primeira vez numa grande batalha.

Para os autores bíblicos, estes foram acontecimentos de grande importância, e as histórias que tiveram para contar sobre eles — histórias para as quais nos voltamos agora —

moldariam durante séculos a forma como os assírios seriam lembrados tanto no Oriente como no Ocidente.

Às portas de Jerusalém

Num dia fatídico no final do verão ou outono de 701 AEC, um general assírio conhecido como “Rabsaqué” estava parado junto ao conduto do reservatório superior, perto da parte norte da muralha da cidade de Jerusalém. Ele estava esperando por enviados da cidade. O Rabsaqué tinha uma mensagem a transmitir — uma mensagem que perturbaria profundamente Eliaquim, Hilquias e Sebna, os três altos funcionários que Ezequias, rei de Judá, enviara para fora para negociar com ele. O que o Rabsaqué tinha a dizer-lhes significava que Jerusalém enfrentava os seus últimos dias como capital de um reino independente. O rei Senaqueribe, da Assíria, assumiria o poder e a resistência seria inútil.

A mensagem do Rabshakeh era vívida e ameaçadora. Se Ezequias pensasse que poderia confiar no Egito, observou o Rabsaqué, estaria cometendo um grave erro. O Egito era uma “cana quebrada de bastão, que traspassará a mão de quem nele se apoiar” – certamente não seria capaz de ajudar o rei da Judéia. E se Ezequias esperava que uma intervenção divina o salvasse, ele também se enganou. “Foi sem o Senhor QUE eu mesmo vim contra este lugar para destruí-lo?”, diz o Rabsaqué, citando Senaqueribe, seu mestre real, e invocando o deus bíblico. Usando outra pergunta retórica, e aludindo à prática assíria de “sequestro de deuses”, ele então pergunta: “Algum dos deuses das nações já livrou sua terra das mãos do rei da Assíria? Onde estão os deuses de Hamath e Arpad?” E finalmente, na parte retoricamente mais ambiciosa do seu discurso, o Rabsaqué aponta por que o povo de Jerusalém não precisa ter medo de se submeter à Assíria, mesmo que isso possa levar à sua eventual deportação: “Assim diz o rei da Assíria: 'Faça as pazes comigo e venha até mim; então cada um de vocês comerá da sua própria videira e da sua própria figueira, e beberá água da sua própria cisterna, até que eu venha e os leve para uma terra como a sua terra, uma terra de trigo e vinho, uma terra de pão. e vinhas, terra de azeite e mel, para que vivais e não morrais.’”¹

O discurso de Rabshakeh é uma aula magistral em guerra psicológica, e os negociadores de Ezequias estavam cientes das possíveis ramificações caso se espalhasse a notícia do que ele havia dito. Preocupados com a possibilidade de o general assírio persuadir o povo de Jerusalém com o seu raciocínio eloquente, baseado tanto na realpolitik como na teologia, os oficiais judeus imploram-lhe que não conduza a negociação tão abertamente: “Por favor, fale com os seus servos na língua aramaica, pois nós entende isso; não fale conosco na língua de Judá, aos ouvidos do povo que está sobre o muro”. Mas o Rabshakeh recusa este pedido. A sua utilização da “língua de Judá”, isto é, o hebraico, em vez do aramaico – na altura a língua da diplomacia internacional no Levante – é bastante deliberada. O Rabsaqué quer se comunicar diretamente com “as pessoas sentadas no muro”, que, diz ele – dirigindo-se aos funcionários,

mas também falando com todos os outros – estariam “condenados com vocês a comer seu próprio esterco e a beber sua própria urina” se eles ficaram confinados em Jerusalém por muito mais tempo.

As palavras do Rabsaqué são de uma das muitas histórias contadas sobre o ataque assírio a Judá em 701 AEC : o relato bíblico encontrado tanto em 2 Reis 18–19 quanto em Isaías 36–37. Os diferentes relatos — os da Bíblia e os de outras fontes — refletem uma ampla variedade de perspectivas diferentes e foram escritos em épocas diferentes. Separar os factos da ficção e estabelecer o que realmente aconteceu em Jerusalém em 701 AEC provou ser um enigma, e os estudiosos até hoje continuam a discutir sobre isso.

O ATAQUE DE SENAQUERIBE A JUDÁ EM 701 AEC PODE, EM ALGUNS ASPECTOS, ser chamado de “o primeiro evento mundial”. Além dos assírios e dos judeus, envolveu egípcios, núbios, fenícios, filisteus, os reinos da Transjordânia e possivelmente até babilônios e árabes. É descrito em fontes assírias, em vários livros da Bíblia Hebraica e na obra do historiador grego Heródoto. Mas a razão mais importante para nos determos na campanha de 701 com algum detalhe é que ela teve um impacto significativo na reputação posterior da Assíria. Com o passar do tempo, o conflito entre Senaqueribe e o rei da Judéia, Ezequias, tornou-se parte da memória cultural de uma ampla gama de civilizações pré-modernas – e até modernas –, muito além do Oriente Médio e do Mediterrâneo. ²

Para os historiadores modernos, a disponibilidade de tantas fontes é, em muitos aspectos, uma bênção. Onde mais, no seu estudo do antigo Oriente Próximo, eles poderiam recorrer a documentação igualmente abundante? Mas este embaraço da riqueza também tem os seus desafios, porque os textos disponíveis muitas vezes se contradizem. A maior contradição de todas é que enquanto a Bíblia afirma que os assírios acabaram por sofrer uma grande derrota em Jerusalém, as fontes assírias apresentam a campanha como um grande triunfo assírio.

Desde meados do século XIX, historiadores e estudiosos religiosos têm tentado resolver tais tensões. Como a confiabilidade da Bíblia estava em jogo, os riscos eram altos. Muitos pesquisadores foram guiados de forma incomum pelas agendas de sua época ou por suas crenças pessoais. Observar mais de perto o ataque de Senaqueribe a Judá, portanto, não apenas coloca em foco um momento importante na história assíria - que moldou decisivamente a memória da Assíria na tradição posterior - mas também ensina algumas lições importantes sobre a escrita da história em geral e a fatores extrínsecos que tendem a influenciá-lo. ³

SENAQUERIBE, SUCESSOR DE SARGÃO II, ASCENDEU AO trono assírio em 705 AEC . Seu reinado foi notável em vários aspectos, com muitas conquistas. Sob Senaqueribe, a cidade de Nínive, a nova capital da Assíria, foi transformada numa metrópole de esplendor espetacular. Eventualmente, cobrindo cerca de 750 hectares (1.850 acres) – mais do dobro do tamanho de Calah ou Dur-Sharrukin – tornou-se a maior e possivelmente a mais rica cidade que o mundo já viu. No final do reinado de Senaqueribe, Nínive apresentava vários novos palácios, templos e arsenais enormes, bem como avenidas gigantescas adequadas para procissões triunfais e desfiles militares, tudo dentro de um muro de 12 quilômetros (7,5 milhas) de comprimento equipado com torres, contrafortes, e dezoito portões colossais. Novas técnicas

de trabalho em metal foram inventadas, supostamente por ninguém menos que o próprio Senaqueribe, para facilitar a produção de estátuas monumentais de bronze de touros e leões alados, entre outras coisas. E foi principalmente durante o reinado de Senaqueribe que, em resposta à diminuição lenta da precipitação anual, uma rede de canais interligados, aquedutos e vias navegáveis foi construída nos sectores montanhosos do norte do território central da Assíria para irrigar terras anteriormente estéreis. Entre os agricultores e jardineiros recrutados para trabalhar nos novos campos e pomares que agora cobrem a região estavam milhares de deportados reassentados.⁴

Mas também houve problemas. A sombra do fim violento de Sargão pairou sobre o tempo de Senaqueribe no poder. Além de afetar psicologicamente o rei e sua comitiva, teve importantes implicações políticas. Quando a notícia da morte prematura de Sargão se espalhou por todo o império, encorajou áreas recentemente conquistadas e reinos vassalos em quase todas as frentes a tentarem recuperar a sua independência. Como resultado, desde os seus primeiros dias no poder, Senaqueribe viu-se forçado a dedicar grande parte do seu tempo e energia à luta contra os rebeldes, em vez de expandir ainda mais os horizontes geográficos do império.

A maioria das campanhas militares de Senaqueribe foram dirigidas contra a Babilônia, onde a oposição contra o seu governo era particularmente feroz. O norte e o leste também foram alvos ocasionais de ataques assírios. Mas a operação militar mais amplamente discutida do rei, contada nos seus Anais como a sua “terceira campanha”, visava a pacificação do Levante ocidental, onde dezenas de líderes políticos se tinham unido em mais uma tentativa de livrar-se do jugo assírio.

O relato mais antigo de Senaqueribe sobre sua terceira campanha data do segundo mês do ano 700 AEC, alguns meses depois de a maior parte do exército assírio ter retornado para casa. Estava inscrito em cilindros de argila enterrados nas fundações de vários edifícios em Nínive e Ashur, onde se esperava que os reis posteriores os encontrassem e estudassem. As escavadeiras descobriram nada menos que oito exemplares completos desses cilindros e cerca de oitenta fragmentos deles, o que estabelece, sem sombra de dúvida, que Senaqueribe e seus “historiadores da corte” devem ter atribuído considerável importância aos eventos que descrevem.⁵

Senaqueribe apresenta sua terceira campanha como uma sequência de vários episódios: a fuga do rei de Sidom, a submissão dos vassalos infiéis, a punição de Ascalom, um conflito armado com a cidade filistéia de Ecom e seus aliados egípcios e, finalmente, como o clímax de toda a operação, o ataque assírio ao Reino de Judá. É claro que esses episódios estavam realmente inter-relacionados e incluíam eventos que devem ter acontecido simultaneamente, mas é difícil estabelecer um cronograma exato para eles.

As tropas assírias avançaram para o Levante ocidental no verão de 701 sem enfrentar muita oposição. Se quisermos acreditar nos Anais de Senaqueribe – e não há razão para não fazê-lo neste caso – a chegada deles à região foi suficiente para levar um dos líderes da rebelião, o rei Lulî de Sidon, a abandonar a causa e “fugir para longe, para no meio do mar.” Versões posteriores dos Anais revelam que Lulî exilou-se em Chipre, onde parece ter morrido. Ele foi substituído por um rei pró-assírio chamado Tu-Ba'lu, que também recebeu poder sobre os setores continentais de Tiro. A cidade-ilha fortemente fortificada de Tiro permaneceu invicta, mas evitou interferir nas operações assírias.

Como resultado deste sucesso inicial, afirma Senaqueribe, vários ex-vassallos se apresentaram para retomar os pagamentos anuais que deviam aos assírios. Entre eles estavam os líderes das cidades de Samsimuruna, Sidon, Arwad e Biblos, na Fenícia; a cidade de Asdode, na Filístia (que foi uma província assíria de curta duração depois de 711); e as terras de Amom, Moabe e Edom, a leste do rio Jordão. O seu tributo é descrito por Senaqueribe como tendo sido “quádruplo”, o que deve significar que os governantes que o trouxeram forneceram reparações pelas entregas perdidas nos anos que se passaram desde o início da revolta em 705 AEC. Ainda não está claro se todos eles se reuniram na Fenícia ou fizeram seus pagamentos localmente.

Contudo, essa disposição de submeter-se à Assíria estava longe de ser universal, e vários bolsões de resistência permaneceram. Alguns foram mais facilmente tratados do que outros. Em Ashkelon, os assírios rapidamente ganharam vantagem. Eles capturaram o rei Sidqâ – que provavelmente foi traído por seu próprio povo – e o trouxeram junto com sua esposa, filhos, filhas, irmãos e deuses da família para a Assíria. O novo rei Senaqueribe instalado em Ashkelon tinha um nome assírio, Sharru-lu-dari (Que o rei [assírio] dure para sempre), o que sugere que ele foi refém na Assíria e passou por um completo “programa de reeducação” antes de ser enviado de volta para casa.

Nem em todos os lugares, porém, o sentimento popular era tão favorável a ceder à pressão exercida pelos assírios. Na cidade de Ecrom, cerca de 35 quilômetros (22 milhas) a oeste de Jerusalém, os rebeldes anti-assírios estavam determinados a não recuar. De acordo com o relato de Senaqueribe, a revolta em Ecrom começou com as autoridades locais e outros cidadãos depondo seu governante pró-assírio, o rei Padî, e entregando-o a Ezequias de Judá – que deve ter sido uma força importante na rebelião desde muito cedo. Quando os novos líderes de Ecrom perceberam que um exército assírio estava a caminho, decidiram continuar a luta. Mas eles sabiam que precisavam de ajuda externa se quisessem ter alguma chance de vitória no confronto iminente. Eles encontraram no Egito.

NA ÉPOCA DA TERCEIRA CAMPANHA DE SENAQUERIBE, O EGITO ERA governado pela Vigésima Quinta Dinastia – ou Kushita –, cujas origens estavam na região de Napata, no norte do Sudão. Os kushitas parecem ter-se estabelecido no Egito pouco depois de 730 A.C. Por volta de 720 A.C., o faraó Shabaka moveu-se para o norte e consolidou o poder kushita sobre o Baixo Egito e o Delta do Nilo. Muitas das dinastias locais – muitas vezes de origem líbia – que governaram ali durante algum tempo permaneceram formalmente no cargo, mas foram privadas do poder soberano. Os kushitas reuniram assim novamente a maior parte do Egito, pondo fim a um longo período de fragmentação política.

Hoje, os reis da Dinastia Kushita são frequentemente chamados de “Faraós Negros”. Até certo ponto, isso está de acordo com a forma como eles eram vistos na época de seu governo. Esarhaddon escreve sobre as esposas, filhos e filhas de Taharqa, o penúltimo governante da Vigésima Quinta Dinastia, que “seus corpos, como o dele, têm pele tão preta quanto breu”. Por mais estrangeiros que fossem – provavelmente não tanto por causa de sua pele escura, mas por serem um povo que vivia além das fronteiras tradicionais do Egito – os kushitas adotaram a cultura egípcia com especial zelo. As inscrições de seus reis estão repletas de alusões às grandes obras da literatura clássica egípcia. A este respeito, os kushitas eram, na

verdade, bastante semelhantes aos assírios, que demonstraram entusiasmo comparável nos seus esforços para tornar sua a cultura babilônica. ⁶

Os governantes da Vigésima Quinta Dinastia também compartilhavam alguns dos objetivos políticos da Assíria. Ambas as monarquias tinham interesses geoestratégicos semelhantes no sul do Levante, uma região que o Egito sempre considerou parte da sua própria esfera de influência, mas que estava agora cada vez mais sob o domínio da Assíria imperial. Sem dúvida, os serviços de inteligência das duas “superpotências” mantiveram um olhar atento sobre as actividades do outro lado na região, e o conflito aberto entre eles era apenas uma questão de tempo. Já no início do reinado de Sargão II, um general egípcio chamado Raya esteve envolvido em escaramuças com tropas assírias em Raphiah, ao sul de Gaza. Mais tarde, em 711 A.C., o faraó Shabaka concedeu asilo a um rebelde anti-assírio de Ashdod chamado Yamani. O sucessor de Shabaka, Shebitku, que ascendeu ao trono em 707 AC, extraditou Yamani para Sargão em um gesto de boa vontade, mas o Egito kushita permaneceu cauteloso com a consolidação de seu poder pela Assíria na Filístia e nas regiões vizinhas. ⁷

Quando o povo de Ecom precisou da sua ajuda contra o avanço das tropas assírias, os kushitas – e os seus governantes clientes no Baixo Egito – estavam, portanto, prontos para entrar em acção. Eles chegaram ao local rapidamente e com recursos consideráveis. Como dizem os Anais de Senaqueribe: “Os reis do (Baixo) Egito e os arqueiros, carros e cavalos do rei de Meluhha (isto é, Kush), forças incontáveis, vieram em seu auxílio”. Perto da pequena cidade de Eltekeh – provavelmente em algum lugar ao norte de Ashdod – as tropas assírias e egípcias se encontraram em uma batalha campal. ⁸

Senaqueribe afirmou que obteve uma grande vitória sobre o inimigo e capturou muitos cocheiros, bem como vários príncipes egípcios. Mas tem havido dúvidas sobre esta afirmação. Vários estudiosos modernos argumentaram que para os assírios a batalha foi, na melhor das hipóteses, um empate. A sua avaliação crítica baseia-se em parte numa estranha passagem das *Histórias* do escritor grego Heródoto, que relata que o exército de Senaqueribe, “rei dos árabes e dos assírios”, acampou em Pelusium, no delta oriental do Nilo, quando foi atacado à noite por um grande número de ratos do campo. Os ratos roeram as cordas dos arcos assírios e os cabos dos escudos assírios, de modo que no dia seguinte o rei egípcio, a quem Heródoto chama de Sethos, obteve uma vitória fácil sobre os agora desarmados assírios. ⁹

O relatório de Heródoto, por mais surreal que seja, reflete de alguma forma o que aconteceu em Eltekeh em 701? Em suma, apesar de ter consciência de uma batalha entre Senaqueribe e as tropas egípcias, o relato parece mais uma história do que uma história; mas o assunto é difícil de decidir. Um argumento a favor da exatidão da versão do próprio Senaqueribe do episódio de Eltekeh é o que fontes assírias, provavelmente com precisão, afirmam que ocorreu depois disso. Os assírios “aproximaram-se da cidade de Ecom, mataram os líderes e nobres que cometeram crimes e penduraram os seus cadáveres em torres ao redor da cidade”. Apenas aqueles que não se juntaram aos rebeldes foram poupados. Nada disto, pode-se raciocinar, teria sido possível se o exército assírio não tivesse de alguma forma conseguido repelir as tropas inimigas egípcias em Eltekeh.

Uma terceira fonte que menciona o confronto assírio-egípcio também não resolve totalmente a questão. A Bíblia relata que as tropas egípcias que lutaram contra Senaqueribe

foram lideradas por Taharqa, o mais tarde rei kushita e talvez um general na época. Mas não diz nada específico sobre quem realmente ganhou a batalha.¹⁰

EVENTUALMENTE, DE ACORDO COM OS ANAIS DE SENAQUERIBE, o antigo rei de Ecrom, Padî, foi trazido de volta de seu cativeiro em Jerusalém e reintegrado em seu cargo - é claro, na expectativa de que dali em diante ele pagaria novamente o tributo exigido. A repatriação de Padî, porém, não pode ter acontecido imediatamente. Deve ter sido resultado da guerra de Senaqueribe com Ezequias de Judá, que é o tema da seção final - e mais conhecida - do relatório do rei sobre sua “terceira campanha”.

Senaqueribe descreve sua operação contra Judá como um sucesso triunfante. Ele começa dizendo que “cercou e conquistou quarenta e seis cidades muradas fortificadas de Ezequias e assentamentos menores em seus arredores” com a ajuda de rampas e máquinas de cerco e através de brechas feitas nas muralhas da cidade. Evidências que corroboram esta afirmação são encontradas na Bíblia, que relata que “no décimo quarto ano do Rei Ezequias, o Rei Senaqueribe, da Assíria, subiu contra todas as cidades fortificadas de Judá e as conquistou” — uma declaração totalmente alinhada com o relato assírio. . A passagem bíblica prossegue observando que Ezequias “enviou ao rei da Assíria em Laquis” para se submeter a ele, sugerindo que Laquis era uma das cidades da Judéia tomada por Senaqueribe, e que o rei assírio havia estabelecido seu quartel-general militar nas proximidades.¹¹

Laquis, localizada a cerca de 40 quilômetros (25 milhas) a sudoeste de Jerusalém, não é mencionada pelo nome nos Anais de Senaqueribe. Mas a cidade faz uma aparição proeminente numa fonte visual impressionante da Assíria: um ciclo panorâmico de baixos-relevos, agora em exibição no Museu Britânico em Londres, na Sala XXXVI do palácio de Senaqueribe em Nínive. Todos os relevos existentes nesta sala são dedicados ao tema único do cerco e conquista de Laquis por Senaqueribe, que é identificado por uma epígrafe cuneiforme.¹²

O ciclo de relevo de Laquis, originalmente com cerca de 27 metros (90 pés) de comprimento, mostra, em ordem consecutiva, no lado esquerdo as tropas assírias se aproximando da cidade; nos painéis centrais, posicionados de forma destacada em frente à entrada principal, o sombrio negócio do próprio cerco; e à direita os resultados da operação: a realocação dos habitantes da cidade, a punição dos malfeitores e gestos de submissão a Senaqueribe, que é retratado sentado em um trono elaboradamente esculpido instalado em uma colina próxima. Cenas particularmente memoráveis incluem arqueiros, fundeiros e lanceiros assírios subindo lentamente por uma rampa recém-construída em direção às partes superiores da muralha da cidade, com os defensores lançando flechas e tochas sobre eles; homens e mulheres que abandonam a cidade, enfrentando a deportação; e alguns dos líderes da rebelião são esfolados ou decapitados por soldados assírios, enquanto outros são empalados em estacas de madeira, com os pulsos amarrados, num espetáculo público que anuncia a prática posterior da crucificação. Outras cenas mostram a vida no acampamento militar assírio e uma família de Laquis, que inclui um homem, duas mulheres com lenços na cabeça, três meninas e um menino pequeno, a caminho do exílio, com uma carroça puxada por dois bois desnutridos carregando seus posses (ver Ilustração 10).

Quando intacto, o ciclo de relevo de Laquis tinha cerca de 67,5 metros quadrados (726,5 pés quadrados) de tamanho. Especialmente tendo em conta que todo o conjunto foi

originalmente pintado, deve-se reconhecê-lo como uma das representações mais imponentes do mundo de conflitos armados de todos os tempos, a par de monumentos famosos como a Coluna de Trajano em Roma, com as suas elaboradas cenas das Guerras Dácias do imperador romano. O que torna os relevos de Laquis verdadeiramente notáveis é que revelam com tantos detalhes o que a guerra significava tanto para os soldados como para os civis.

Outras evidências do cerco e da conquista assíria de Laquis também foram encontradas em Tell ed-Duweir, o verdadeiro local da antiga cidade. Escavações ali estabeleceram que quase todos os edifícios públicos e privados do Nível III de Laquis foram destruídos numa conflagração massiva que deve ter sido provocada por soldados assírios saqueadores. Restos de uma grande rampa de cerco assíria, construída com pedras pesando entre 13.000 e 19.000 toneladas métricas (14.330 a 21.000 toneladas americanas) no total, foram descobertas perto do canto sudoeste da cidade. Com cerca de 70 metros (230 pés) de largura na parte inferior, a rampa era enfrentada no topo por uma contra-rampa construída pelos defensores. As escavações nesta área também produziram quase mil pontas de flechas, a maioria delas de ferro, bem como inúmeras bolas de pedra pesando cerca de 250 gramas cada uma que serviram como pedras de funda. Todas essas evidências mostram quão sangrenta e brutal deve ter sido a luta por Laquis. Os relevos da “Sala de Laquis” de Senaqueribe parecem pintar um quadro bastante realista dela.¹³

SENAQUERIBE CONQUISTOU INÚMERAS CIDADES DA JUDÉIA, PRINCIPALMENTE Laquis, mas as fontes assírias e a Bíblia concordam que ele não conseguiu conquistar a capital fortemente fortificada da Judéia, Jerusalém, a cidade onde residia o rei Ezequias. Nos Anais de Senaqueribe, o episódio de Jerusalém é, no entanto, uma história de sucesso assíria. Senaqueribe afirma que “confinou Ezequias dentro de Jerusalém, sua cidade real, como um pássaro na gaiola”, estabelecendo bloqueios que impossibilitaram o rei e seu povo de deixar a cidade. Embora nenhum cerco real pareça ter ocorrido e as tropas assírias nunca tenham entrado em Jerusalém, os Anais afirmam que o “brilho senhorial” de Senaqueribe eventualmente “dominou” Ezequias e o levou a se submeter ao rei assírio. Em reconhecimento ao seu novo status como vassalo assírio, o governante da Judéia enviou presentes preciosos e vários grupos de pessoas à corte assíria em Nínive. Descrito em detalhes consideráveis no primeiro relato de Senaqueribe sobre sua terceira campanha, o tributo incluía as tropas auxiliares que ajudaram Ezequias a defender Jerusalém (possivelmente árabes, mas o assunto não está muito claro); várias filhas do rei, mulheres do harém e cantoras; e “30 talentos de ouro, 800 talentos de prata, camas de marfim, peles de elefante, roupas com enfeites multicoloridos, lã azul-púrpura, carruagens, escudos e lanças”, além de outros bens e armas de luxo. De acordo com o relato assírio, Judá sofreu, além disso, perdas territoriais e demográficas substanciais. Partes dos seus domínios ocidentais foram entregues às cidades filisteias de Ashdod, Ekron e Gaza, e um grande número de judeus foram realocados, embora o número de 200.150 deportados indicado nos Anais de Senaqueribe seja irrealisticamente elevado.¹⁴

Como a versão assíria do episódio de Jerusalém se compara à forma como a Bíblia descreve esse evento? Como já mencionado, uma curta passagem no início do relato bíblico em 2 Reis 18 (versículos 13-15) pinta um quadro do ataque da Assíria que está em grande

parte de acordo com as fontes assírias e, portanto, muito provavelmente historicamente preciso. Isto também se aplica ao tributo listado nesta seção, supostamente tirado por Ezequias do templo em Jerusalém e dos tesouros do seu próprio palácio. Diz-se que incluía “300 talentos de prata e 30 talentos de ouro”, números próximos ou idênticos aos “30 talentos de ouro e 800 talentos de prata” que o rei pagou aos assírios de acordo com os Anais de Senaqueribe.

Mas os relatos bíblicos da campanha de Senaqueribe na Judéia são textos compostos, costurados a partir de diferentes elementos. O episódio em 2 Reis 18:13-15 parece ter sido retirado de uma crônica hebraica que fornece um relato amplamente factual dos acontecimentos. Nos segmentos narrativos que seguem esta passagem, história, teologia e ficção estão muitas vezes inextricavelmente entrelaçadas.

No primeiro – e historicamente mais plausível – destes segmentos, afirma-se que “o rei da Assíria enviou o Tartan, os Rabsaris e o Rabsaqué com um grande exército de Laquis ao Rei Ezequias em Jerusalém” para impor a sua submissão. Os três oficiais mencionados aqui possuem títulos assírios reais - eles podem ser identificados como o marechal de campo assírio (*turtānu*), o eunuco-chefe (*rab-ša-rēši*) e o copeiro-chefe (*rab-šāqē*), respectivamente, todos conhecidos por terem liderado campanhas militares assírias.¹⁵

O que supostamente aconteceu a seguir foi o evento que abriu este capítulo: o Rabsaqué transmitiu uma mensagem de Senaqueribe solicitando a rendição de Ezequias. É improvável que um general assírio tenha falado aos oficiais de Ezequias e ao povo de Jerusalém exatamente como sugere 2 Reis 18. Mas um discurso semelhante pode muito bem ter sido proferido às portas de Jerusalém. Uma carta assíria de 731 ou 730 AEC fornece um paralelo esclarecedor. Nele, dois oficiais assírios informam ao rei Tiglate-Pileser III sobre como tentaram convencer os cidadãos da Babilônia a desistirem do seu apoio a (Nabû-)mukin-zeri, um novo rei babilónico que tinha assumido uma posição anti-assíria. Os dois oficiais escrevem que “no dia 28 (do mês), fomos à Babilônia, posicionamo-nos em frente ao Portão de Marduk e conversamos com os cidadãos da Babilônia. (Z)asin(n)u, um servo de Mukin-zeri, e alguns caldeus que estavam com ele, saíram também, ficando com os cidadãos da Babilônia em frente ao portão. Falamos aos cidadãos da Babilônia o seguinte: 'O rei nos enviou a vocês.'" A situação descrita aqui é notavelmente semelhante ao episódio de Rabsaqué na Bíblia, aumentando a probabilidade de que este último não seja uma invenção completa.¹⁶

Depois de ter sido assegurado por seu conselheiro espiritual, o profeta Isaías, de que eventualmente venceria, Ezequias, de acordo com 2 Reis 19:8–14, recebe outra comunicação de Senaqueribe. Ela vem na forma de uma carta, cuja mensagem é semelhante àquela entregue anteriormente pelo Rabsaqué. Mais uma vez, a confiança no Egito é desencorajada e a ênfase é colocada no fracasso dos deuses locais em salvar as “nações” que anteriormente se encontravam sob ataque da Assíria. Desta vez, porém, as chances de que o Ezequias histórico tenha recebido tal mensagem são bastante pequenas. O discurso de Rabsaqué em 2 Reis 18 mencionou Hamate e Arpad, e também Samaria, como locais anteriormente conquistados pelas tropas assírias. Estas cidades – com os seus territórios circundantes – tinham de facto sido incorporadas no Império Assírio durante a segunda metade do século VIII. Mas os lugares mencionados na suposta carta de Senaqueribe são diferentes. Eles incluem Gozan (Guzanu), Harran e Rezech (Rasappa), que faziam parte do reino assírio desde tempos muito anteriores - e teriam, portanto, sido maus precedentes para o perigo em

que Jerusalém se encontrava em 701. Todos os três deles , contudo, sabe-se que foram tomadas no final do século VII pelos reis babilônicos Nabopolassar e Nabucodonosor II — e é tentador assumir que a mensagem na “carta a Ezequias” reflecte estas conquistas posteriores. A composição do episódio da carta em 2 Reis 19:8-14 deve, portanto, ser datada do século VI, muito depois da campanha de Senaqueribe. Provavelmente foi baseado na preocupação de autores bíblicos posteriores com Nabucodonosor, o monarca babilônico responsável por finalmente pôr fim à independência de Judá e enviar os judeus, em 597 e 586 AEC, para os “rios DA Babilônia”.¹⁷

PERTO DO FINAL DO RELATO ENCONTRADO EM 2 REIS 18–19, ocorre um milagre. Depois de uma série de profecias sombrias que Isaías lança contra a Assíria (“Porei o meu anzol no seu nariz e o meu freio na sua boca; farei com que você volte pelo caminho por onde veio”), o texto fornece uma visão espetacular – e certamente surpreendente – desfecho para a história da campanha de Senaqueribe na Judéia: “Naquela mesma noite o anjo do Senhor PARTIU e feriu cento e oitenta e cinco mil no acampamento dos assírios; quando amanheceu, todos eram cadáveres. Então o rei Senaqueribe partiu, foi para casa e morou em Nínive.”¹⁸

O que fazer com esse final, que está claramente em desacordo com o relato do próprio Senaqueribe? E qual foi realmente o resultado do ataque assírio a Judá em 701? Quem ganhou e quem perdeu? A Bíblia poderia estar errada? Estas questões têm preocupado os estudiosos há mais de 150 anos, suscitando respostas muito diferentes.

Para os fiéis, que acreditam na natureza inerrante da Bíblia, a questão é simples: Deus matou os soldados assírios por meio de uma intervenção angelical milagrosa e, assim, libertou Ezequias – um rei particularmente justo – de todos os seus problemas. Do ponto de vista histórico, tal cenário é, obviamente, difícil de aceitar. Mas alguns estudiosos modernos recusaram-se a descartar imediatamente o relato bíblico do resultado da campanha de Senaqueribe. Em vez disso, tentaram racionalizá-lo, fornecendo uma explicação “naturalista” para a história da acção letal do anjo – um modo de raciocínio muito alinhado com outras tentativas, muitas vezes endossadas com entusiasmo pelos meios de comunicação populares, de justificar cientificamente histórias bíblicas de milagres. A divisão do “Mar de Juncos” por Moisés, por exemplo, foi explicada como o resultado de uma “repressão do vento” que empurrou as águas do Lago Tanis, no leste do Delta do Nilo.¹⁹

No caso da história do anjo derrotando os assírios, os proponentes de uma solução naturalista argumentaram que foi a súbita eclosão de uma epidemia no campo militar que na verdade dizimou as tropas assírias. Pragas mortais ocorreram na Idade do Ferro na Ásia Ocidental: as crônicas assírias e babilônicas, como já visto, registam epidemias que afectaram a Assíria nos anos 802, 765, 759 e 707.²⁰

A história dos ratos do campo contada por Heródoto pode apoiar o cenário epidêmico. De acordo com Heródoto, esses ratos roeram as aljavas, arcos e cabos dos escudos do exército de Senaqueribe em Pelusium, levando à derrota dos assírios nas mãos do Faraó Sethos - e a este último erigindo uma imagem de si mesmo no templo de “Hefesto” (o deus egípcio Ptah) com um rato na mão. É verdade que são os ratos, e não os ratos, que normalmente espalham doenças infecciosas particularmente perigosas, mas os ratos também podem ser portadores do agente patogénico da peste. Além disso, é digno de nota que os gregos consideravam o deus Apolo Smintheus, isto é, “Apolo dos Ratos” - uma divindade representada nas moedas

com um rato nas mãos - como causador de pragas mortais, sendo a mais famosa aquela que afetou o Aqueus em Tróia. Também é interessante que a Bíblia, em Isaías 38:21, menciona a recuperação de Ezequias de uma doença grave. Seus sintomas incluíam “furúnculos”, que Isaías tratou com um cataplasma de figo. Nem a natureza exata nem a data da doença de Ezequias - nem sua historicidade - podem ser estabelecidas com certeza, mas foi sugerido - até porque se sabe que figos foram usados contra inchaços causados pela peste - que Ezequias poderia ter sofrido de peste bubônica ou alguma outra doença altamente contagiosa. Que sua doença tenha ocorrido no período da campanha ocidental de Senaqueribe é pelo menos possível.²¹

Especialmente tendo em conta o relato de Heródoto, a ideia de que foi uma praga que levou à retirada assíria de Jerusalém é certamente intrigante. Mas deve-se admitir que as evidências, por enquanto, são, na melhor das hipóteses, inconclusivas. Nenhum texto que possa ser razoavelmente considerado uma fonte primária fala explicitamente sobre uma epidemia que se abateu sobre as tropas assírias em 701 AEC. A história de Heródoto, ambientada no Egito e não em Judá, foi escrita cerca de 250 anos após a morte de Senaqueribe. E de acordo com o relato bíblico, apenas Ezequias e mais ninguém em Jerusalém estava doente.

Outra explicação para a retirada assíria de Jerusalém, baseada no que se poderia chamar de perspectiva feminista, argumenta que a mãe de Senaqueribe desempenhou um papel importante, embora indirecto, nos acontecimentos. Avançada pela assirióloga Stephanie Dalley, esta teoria baseia-se na descoberta, feita em 1989 por arqueólogos iraquianos em Calah, das câmaras funerárias de várias rainhas neo-assírias. Uma câmara continha um sarcófago de pedra que continha os corpos de duas mulheres, identificadas, com base em evidências de inscrições, como Yabâ e Atalya, as principais esposas de Tiglate-Pileser III e Sargão II, respectivamente. Dalley observou astutamente que o nome Atalya só é conhecido na Bíblia, onde nasceu uma filha do rei israelita do século IX, Acabe, e sua esposa fenícia, Jezabel. Mais tarde, Atalya casou-se com alguém da família real de Judá e governou efetivamente aquele país por algum tempo. Na opinião de Dalley, a esposa de Sargão, Atália, também era membro da família real da Judéia e provavelmente mãe de Senaqueribe. Se esse fosse realmente o caso, raciocina Dalley, Senaqueribe deve ter sentido simpatia por Judá, o que poderia tê-lo impedido de conquistar Jerusalém e de substituir o rei judeu Ezequias por outro governante.²²

Contudo, esta hipótese estimulante também está repleta de dificuldades. Mais importante ainda, agora é virtualmente certo que Atália, embora em determinado momento tenha sido esposa de Sargão II, na verdade não era a mãe de Senaqueribe. Em vez disso, Senaqueribe era provavelmente filho de uma mulher chamada Ra'imâ e, como tal, provavelmente não estava particularmente apaixonado por Atália, que parece ter sido uma esposa posterior de Sargão. Também não é certo que Atalya fosse de facto de origem judaica - ou israelita -, embora a possibilidade não possa ser descartada. Poderíamos tentar argumentar que a história bíblica do Rabsaquê assírio falando hebraico com o povo de Jerusalém de alguma forma apoia a ideia de ligações familiares entre as dinastias reais assírias e judaicas, mas esta seria uma linha de raciocínio muito especulativa.

Uma terceira teoria sobre a retirada assíria de Jerusalém afirma que foi a intervenção kushita que forçou as tropas de Senaqueribe a saírem de Judá. Proposta em 2002 pelo jornalista canadiano, Henry Aubin, esta tese assenta numa abordagem afrocêntrica - o autor

afirma explicitamente que o seu trabalho sobre os kushitas foi inspirado no seu filho adotivo de ascendência africana. Embora ele não seja um acadêmico, seria uma injustiça a Aubin considerar as suas ideias como desinformadas ou como um exercício de reintegração de grupos marginalizados na história a todo o custo. Aubin está familiarizado com as fontes e é cuidadoso com suas conclusões. Em vez de afirmar que os “Faraós Negros” obtiveram uma grande vitória militar sobre as tropas assírias em 701, ele sugere que o encontro dos dois lados em Eltekeh resultou num “impasse” e num “acordo negociado” entre eles. A Assíria não perderia toda a sua influência na região, mas abster-se-ia de anexar Judá, enquanto o Egito ganharia segurança e manteria o seu acesso comercial ao sul do Levante. Graças aos kushitas, porém, Jerusalém foi salva e o futuro surgimento do judaísmo e do cristianismo, de outra forma inconcebível, foi assim assegurado.²³

O debate sobre a tese de Aubin continua entre os estudiosos modernos. Em 2020, a série revisada por pares *Perspectivas sobre as Escrituras Hebraicas e seus Contextos* publicou um volume com ensaios de oito acadêmicos bem estabelecidos que foram encarregados de reavaliar a teoria de Aubin. A maioria deles manifestou o seu apoio, embora com certas reservas. Mas o único assiriologista entre os autores, K. Lawson Younger, absteve-se de dar um veredicto.²⁴

Considerando tudo isso, o ceticismo polido de Younger parece adequado: a tese de Aubin não é inteiramente convincente. Já foi apontado que após a Batalha de Eltekeh, Senaqueribe foi capaz de punir os rebeldes ecronitas que aparentemente haviam pedido ajuda aos kushitas e de restabelecer o leal Padî como rei de Ecrom. Não há provas de um “acordo negociado” entre a Assíria e Cuxe. A Filístia permaneceu parte da periferia imperial da Assíria nos anos seguintes e nada indica que os kushitas tivessem muito a dizer na região. A ausência de fontes egípcias relacionadas com os acontecimentos de 701 também é digna de nota. Até agora, os arqueólogos não conseguiram encontrar uma única inscrição histórica mais elaborada do reinado do faraó Shebitku, que governou o Egito durante os acontecimentos de 701. Isto contrasta marcadamente com as muitas inscrições deixadas pelos seus antecessores e sucessores e, portanto, talvez não. um acidente de descoberta. Shebitku pode simplesmente não ter muito do que se gabar.²⁵

“TODA HISTÓRIA VERDADEIRA É HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA”, disse certa vez o filósofo e historiador italiano Benedetto Croce. As três teorias acima mencionadas sobre as razões da retirada de Senaqueribe de Jerusalém, todas apresentadas durante as últimas décadas, exemplificam este ditado. Com as suas tendências naturalistas, feministas e identitárias, estão claramente enraizadas nas correntes intelectuais dos tempos recentes.

Nenhuma das teorias pode ser provada errada em todos os aspectos. Embora os assírios pareçam ter vencido a batalha com os kushitas em Eltekeh, ter que combatê-los em primeiro lugar esticou os recursos assírios, o que pode ter sido um fator na decisão de Senaqueribe de não submeter Jerusalém a um longo cerco. A mãe de Senaqueribe não era uma princesa da Judéia, mas há alguns indícios que apontam para um interesse incomum entre os membros da elite assíria no mundo hebraico de Israel e Judá. E embora não haja nenhuma evidência inequívoca de uma praga entre as tropas assírias em campanha em 701, é digno de nota que Senaqueribe conduziu muito poucas operações militares nos anos seguintes, o que deixa aberta a possibilidade de que os seus exércitos tivessem de facto regressado do oeste com

uma doença contagiosa a reboque. O ano de 698 foi, aliás, uma época de fome na Assíria, com preços altíssimos da cevada.²⁶

Mas as teorias descritas acima permanecem, no entanto, altamente especulativas. A melhor explicação para a retirada de Senaqueribe de Jerusalém parece ser diferente: o rei assírio provavelmente fez uma simples análise de custo-benefício ao pesar as suas opções. O esforço para conquistar a cidade fortemente fortificada, e as possíveis perdas entre os seus soldados, teriam sido tão grandes que Senaqueribe considerou preferível deixar Ezequias no cargo, sob a condição de que lhe enviasse tributos e se tornasse vassalo assírio. Isto estaria muito alinhado com a Grande Estratégia seguida por Senaqueribe em geral. O conceito de “Grande Estratégia” foi definido pelo historiador John Lewis Gaddis como “o alinhamento de aspirações ilimitadas com capacidades necessariamente limitadas” – e Senaqueribe parece ter acreditado que as capacidades do estado assírio eram insuficientes para assumir o controle total de também. muitas políticas adicionais dentro da sua esfera de influência. Em contraste com os seus três antecessores, ele mostrou uma forte preferência pelo governo indireto em vez do direto, entregando o poder a reis clientes em vez de criar novas províncias. Este foi o *modus operandi* de Senaqueribe não apenas em Judá, mas também em Ecrom, Asdode, Ascalão e em outros lugares. É possível que a decisão de Senaqueribe de regressar ao leste tenha sido acelerada por algum tipo de doença que se abateu sobre alguns dos seus soldados - e talvez também por relatórios de inteligência sobre a deterioração da situação política na Babilónia, onde os militares assírios eram agora necessários com mais urgência - mas isso não é certo.²⁷

Ezequias, por sua vez, pode ter sido forçado a pagar um alto preço por permanecer no poder, mas tinha bons motivos para aceitar o que Senaqueribe exigia dele. Afinal, reconhecer o rei assírio como seu senhor poupou Jerusalém do terrível destino que se abateu sobre a cidade de Laquis, que ficou em ruínas. O Reino de Judá sofreu uma perda de riqueza na sequência da campanha de Senaqueribe, e o número de assentamentos na sua zona rural diminuiu; mas permaneceu um estado formalmente independente e um centro importante no comércio internacional terrestre durante mais um século. Parece que, para os autores do relato bíblico da campanha de Senaqueribe, isto foi suficiente para descrever o seu resultado como uma justificação da decisão de Ezequias – e não como a humilhação que realmente representou para o rei da Judéia.

CONFORME OBSERVADO ANTERIORMENTE, O ATAQUE DE SENAQUERIBE A JUDÁ FOI chamado de “o primeiro evento mundial” – e é verdade que há muito poucos eventos anteriores que envolveram um elenco tão vasto e internacional de personagens. Em termos geográficos, o que aconteceu em 701 teve também dimensões globais. As capitais dos dois participantes mais poderosos, Napata em Kush e Nínive na Assíria, localizadas em continentes diferentes, estavam a cerca de 2.300 quilómetros (1.430 milhas) de distância uma da outra, em linha recta. Mas a aventura de Senaqueribe na Judéia pode ser considerada ainda mais um “acontecimento mundial” no que diz respeito ao lugar que passou a ocupar na memória cultural de tempos posteriores. As histórias sobre isso na Bíblia, e outras histórias antigas agora perdidas, geraram todo um “arquipélago” de narrativas secundárias e terciárias, em hebraico, aramaico, egípcio, grego, siríaco e árabe, e de lá se espalharam ainda mais pelo literaturas de outras nações. Algumas dessas narrativas posteriores estavam intimamente

ligadas às da Bíblia, enquanto outras eram adaptações gratuitas. Muitos têm uma tendência anti-imperialista pronunciada. Com o passar do tempo, Senaqueribe – o malvado “cosmocrador”, como era chamado nas tradições rabínicas – tornou-se uma cifra para tiranos opressores e outras pessoas completamente desprezadas em todo o mundo. O imperador bizantino Leão III do século VIII DC, FAMOSO POR SUAS TENDÊNCIAS ICONOCLASTAS, FOI CHAMADO DE NESTORIANO, AMALEQUITA, CAMALEÃO E *Senaqueribe* por seus oponentes. Uma gravura do desenhista alemão do século XVI, Hanns Lautensack, apresenta o cerco otomano de Viena em 1529 como uma reconstituição do cerco de Senaqueribe a Jerusalém. E o poema de Lord Byron “A Destruição de Senaqueribe”, com seus famosos e muitas vezes parodiados primeiros dois versos – “O Assírio caiu como um lobo no rebanho, / E seus companheiros brilhavam em púrpura e ouro” – foi publicado no ano da derrota de Napoleão na Batalha de Waterloo.²⁸

O próprio Senaqueribe provavelmente teria ficado completamente surpreso se soubesse que sua terceira campanha seria lembrada com tanto fervor pelas gerações futuras. Na verdade, como revelam as suas inscrições, o rei assírio considerou a sua vitória sobre os rebeldes ocidentais em 701 uma conquista importante. Mas ele estava muito mais empenhado noutra missão política: a subjugação e pacificação da Babilónia, e a adopção e adaptação da cultura babilónica para uma reforma de longo alcance da religião assíria.

O problema babilônico de Senaqueribe

A relação da Síria com a Babilônia, o seu vizinho do sul, era especial. Tal como no caso de Roma e da Grécia, apresentava uma superpotência emergente, militarmente forte mas culturalmente imatura, que se apaixonou por uma civilização vizinha que era mais antiga e mais sofisticada, mas politicamente fragmentada. A superpotência adoptou muitas das tradições intelectuais, religiosas e artísticas do seu vizinho e concedeu-lhe privilégios fiscais significativos e o direito ao autogoverno local – mas esperava em troca que a sua hegemonia política global fosse aceite.

Em circunstâncias ideais, tal arranjo poderia funcionar. Mas estar loucamente apaixonado e, ao mesmo tempo, desejar desesperadamente dominar o parceiro também pode ser uma receita para o desastre.

O “drama de relacionamento” entre a Assíria e a Babilônia teve muitos momentos desastrosos, especialmente durante o reinado do rei Senaqueribe. Para o conquistador de Judá, a Babilônia tornou-se uma obsessão que o levou a ações sem precedentes na história do antigo Oriente Próximo. Mas o problema babilônico de Senaqueribe tinha uma pré-história. Já sob os seus três antecessores, as relações assiro-babilônicas tinham sido muitas vezes tensas.¹

EXCETO POR ALGUNS ANOS SOB TUKULTI-NINURTA I, NO século XIII AC, a Assíria nunca esteve no controle total da Babilônia. Mas em 729 AEC, quando Tiglate-Pileser III conquistou a cidade de Babilônia, a Babilônia finalmente tornou-se parte integrante da identidade política da Assíria. Imediatamente, Tiglate-Pileser começou a chamar a si mesmo, além de seus títulos assírios, de “Rei da Babilônia” e “Rei da Suméria e Acádia” (os nomes tradicionais para as partes sul e norte da Babilônia, respectivamente). Ele formou assim o que se poderia chamar em termos constitucionais de “união pessoal” entre a Assíria e a Babilônia. Outros lugares ocupados pelos exércitos assírios — por exemplo, Arpad ou Damasco — foram simplesmente anexados, sem que o monarca assírio assumisse os títulos dos seus governantes anteriores. Mas Tiglate-Pileser estava ansioso para comunicar que Babilônia, com sua antiga cultura cuneiforme e instituições religiosas familiares, era diferente. As denominações reais recentemente adquiridas pelo rei não eram as únicas indicações do respeito de Tiglate-Pileser pelas tradições babilônicas. Antes de sua morte em 727, ele também participou duas vezes do Festival Akitu da Babilônia, que foi celebrado no início do ano para homenagear e renovar o poder da divindade padroeira da Babilônia, Marduk.

É claro que governar a Babilônia também trouxe benefícios materiais tangíveis para a Assíria. Apesar de os primeiros séculos do primeiro milênio terem sido marcados por uma série de crises políticas e econômicas no sul da Mesopotâmia, a terra continuou a ser mais densamente povoada do que as áreas mais a norte, e graças ao seu fértil solo aluvial, a cevada e as colheitas de tâmaras permaneceram abundantes. Além disso, a agricultura de irrigação da Babilônia foi menos afectada pelos caprichos das mudanças nos padrões de precipitação do que a agricultura de sequeiro assíria.

Nenhuma evidência direta revela o que os babilônios pensavam sobre a suposta ocupação assíria benevolente de seu país, que começou com Tiglate-Pileser III; mas é claro que muitos dos cidadãos da Babilônia, Borsippa, Sippar ou Uruk não foram influenciados pelo tratamento relativamente privilegiado que receberam dos seus novos senhores – e procuravam formas de recuperar a sua liberdade. Quando surgiu a oportunidade, após a morte do sucessor de Tiglate-Pileser, Salmaneser V, em 722 AEC, as elites políticas da Babilônia formaram uma aliança com o reino vizinho de Elão e livraram-se do jugo assírio. Durante os doze anos seguintes, a terra foi governada por Marduk-aplu-iddina II, um descendente da “tribo” caldeia de Bit-Yakin, cujo centro ficava perto do Golfo Pérsico.

Curiosamente, nada disto parece ter diminuído o entusiasmo com que Sargão II, o novo rei da Assíria, continuou a ver todas as coisas babilônicas. Mesmo durante os anos em que a Babilônia era independente, Sargão salpicava as suas inscrições reais com alusões à Epopeia Babilônica da Criação (que o povo conhecia pelas suas duas primeiras palavras, *Enūma eliš*, ou “Quando acima”), um texto que celebrava a vitória de o deus Marduk sobre as forças do caos. Ele também nunca deixou de considerar Marduk a última fonte de autoridade do deus assírio Ashur. Numa “Carta a Ashur” de 714 A.C., Sargão afirma que embarcou no seu ataque brutal à cidade sagrada de Musasir nas montanhas Zagros “com o grande apoio de Ashur, pai dos deuses e senhor de todas as terras, para a quem, desde tempos distantes, Marduk concedeu (poder sobre) todos os outros deuses das terras baixas e das regiões montanhosas dos quatro quadrantes.”²

Não é de admirar, então, que quando os assírios finalmente reconquistaram a Babilônia em 710 e puseram Marduk-aplu-iddina em fuga, Sargão participasse novamente do Festival Babilônico de Akitu. Na verdade, ele permaneceu na Babilônia até 707, deixando a administração da Assíria nas mãos de seu príncipe herdeiro, Senaqueribe, ao mesmo tempo que concedia às cidades-templo da Babilônia privilégios fiscais e isenção do dever de corvéia.

Sargão tentou ser o mais babilônico possível, mesmo que isso significasse que ele teve que modelar algumas de suas inscrições nas de seu arquiinimigo babilônico, Marduk-aplu-iddina. Jogando com uma famosa frase de Horácio sobre a Grécia e Roma, poder-se-ia dizer que, sob Sargão, “a Babilônia cativa levou cativo o seu selvagem conquistador”. O filho e sucessor de Sargão, Senaqueribe, entretanto, tinha ideias muito diferentes sobre a melhor forma de lidar com seu vizinho do sul. Ele tentaria libertar a Assíria do seu “cativeiro babilônico”.³

QUANDO SENAQUERIBE, APÓS A morte violenta de seu pai em 705 AEC, ascendeu ao trono assírio, a história inicialmente pareceu se repetir. Tal como antes, durante o início do reinado de Sargão, uma rebelião eclodiu na Babilônia, com o infatigável Marduk-aplu-iddina reaparecendo em cena e renovando a sua antiga aliança com Elam. Senaqueribe levou vários

meses para reagir, mas finalmente encontrou Marduk-aplu-iddina em uma batalha campal em Kish, perto da Babilônia, e o derrotou. As tão difamadas inscrições caldeus - assírias o comparam a um morcego, um porco, um gato e um mangusto - fugiram para sua terra natal nas fronteiras do sul, onde soldados assírios o procuraram em vão. Nesse ínterim, Senaqueribe e suas tropas vitoriosas entraram na Babilônia. ⁴

O relato mais antigo de Senaqueribe sobre os eventos mencionados usa diversas frases que foram extraídas diretamente das inscrições de seu pai; e, como Sargão, Senaqueribe afirma ter corrido para a Babilônia “com o rosto radiante”. Mas é aqui que as semelhanças terminam. Embora Sargon escreva que, ao entrar na cidade, ele “agarrou as mãos do grande senhor, Marduk”, e deu mais de 154 talentos (4,6 toneladas métricas, ou 5 toneladas americanas) de ouro e 1.604 talentos (quase 50 toneladas métricas toneladas, ou 55 toneladas americanas) de prata para ele e outras divindades babilônicas como presentes, Senaqueribe afirma que saqueou o palácio real de Marduk-aplu-iddina e contou ouro, prata e outros bens preciosos, junto com a “esposa do rei, seu palácio mulheres, eunucos, cantores e servos”, como despojo. As referências a presentes para os deuses babilônicos estão notavelmente ausentes. Não é preciso muita imaginação para imaginar os rostos dos babilônios testemunhando esse comportamento: eles eram, sem dúvida, muito menos radiantes que os do rei. ⁵

A atitude de Senaqueribe para com a Babilônia seria de fato marcadamente diferente da de seu pai. Em vez de assumir ele próprio a realeza da Babilônia, Senaqueribe preferiu uma forma de governo mais indireta. Após sua vitória sobre Marduk-aplu-iddina, ele nomeou um homem de origem local para governar a cidade e seu interior. Sua escolha recaiu sobre certo Bel-ibni, que vinha de uma antiga família babilônica, mas “tinha crescido no palácio (assírio) como um cachorrinho”. No final de 703 AEC, Bel-ibni ascendeu ao trono babilônico. ⁶

Senaqueribe preferia uma Babilônia que atendesse aos seus desejos, mas fosse formalmente independente. Ele divergiu claramente de Sargão, que afirmou que não apenas Ashur, mas também os deuses babilônicos Marduk e Nabû, haviam “concedido a (ele) um reinado incomparável”. Nas inscrições de Senaqueribe, que usam exatamente a mesma linguagem, apenas Ashur é considerado o originador divino do status real do rei. ⁷

Com o passar dos anos, tornou-se evidente que o governo de Bel-ibni não estava conseguindo produzir a estabilidade que Senaqueribe esperava. Especialmente nas regiões meridionais da Babilônia, a resistência contra o rei fantoche assírio nunca cessou totalmente. Em 700 AEC — um ano após a campanha de Senaqueribe contra Judá — a situação piorou tanto que tropas assírias foram enviadas de volta à Babilônia, com a missão de neutralizar dois dos mais perigosos desordeiros. O primeiro foi um certo Mushezib-Marduk, membro da “tribo” caldeia Bit-Dakkuri, que serviu por alguns anos como oficial de alta patente no exército de Sargão II, mas desertou por medo de alguma agressão física. punição. Ele havia fugido para uma região pantanosa no Golfo Pérsico, onde ele e um grupo de bandidos arameus embarcaram em uma guerra de guerrilha anti-assíria. O segundo foi o notório Marduk-aplu-iddina, sempre pronto para se recuperar. Ambos os rebeldes conseguiram escapar para Elam. Oito anos depois, Mushezib-Marduk faria um retorno impressionante a partir daí; mas, por enquanto, a fuga dos dois insurgentes significou que Senaqueribe foi capaz de restaurar um grau razoável de controle sobre o sul da Babilônia. Para consolidar ainda mais seu poder, ele nomeou um novo rei na Babilônia: Bel-ibni foi retirado do caminho e o filho mais velho de Senaqueribe, Ashur-nadin-shumi, o substituiu.

A Babilônia permaneceu calma durante os seis anos seguintes, dando a Senaqueribe espaço para se concentrar no seu ambicioso programa de construção de casa. Foi nessa época que ele transformou Nínive na “grande cidade” de Jonas – uma metrópole de tamanho e esplendor lendários. As poucas campanhas militares empreendidas pelos exércitos assírios neste período, todas dirigidas contra territórios do norte e do noroeste, foram de escala modesta. O único ataque em que Senaqueribe participou pessoalmente, um ataque a assentamentos na área da moderna Judi Dag, no leste da Turquia, foi pouco mais do que uma longa caminhada nas montanhas.

Mas na primavera de 694, o rei sentiu um desejo renovado de provar o seu valor militar. Ele liderou seu exército de volta ao sul para embarcar em um ataque - totalmente não provocado - a Marduk-aplu-iddina e seus companheiros exilados de Bit-Yakin, que viviam em Elam. Em vez de viajar por terra, os assírios cruzaram o Golfo Pérsico em navios tripulados por marinheiros fenícios e gregos para pegar o inimigo desprevenido. De acordo com os Anais de Senaqueribe, suas forças navais conseguiram conquistar as cidades elamitas onde os Yakinitas encontraram refúgio e trouxeram pelo menos alguns deles (embora não Marduk-aplu-iddina, que poderia ter morrido nesse ínterim) de volta como cativos. Os sacrifícios ao deus Ea que Senaqueribe – junto com um pequeno barco dourado, um peixe dourado e um caranguejo dourado – lançou ao mar antes da expedição marítima pareciam ter valido a pena.

8

Mas depois de tudo ter aparentemente corrido muito bem – embora sem alterar realmente o equilíbrio estratégico da região a favor da Assíria – ocorreram dois incidentes inesperados e catastróficos, inter-relacionados e com consequências abrangentes. No outono de 694, os elamitas, profundamente irritados com o ataque de Senaqueribe ao seu território, invadiram a Babilônia e atacaram a cidade babilônica de Sippar. E pouco depois, a facção anti-assíria na Babilônia, ansiosa por recuperar a independência total, aproveitou o momento e entregou o rei fantoche da Babilônia, Ashur-nadin-shumi, aos invasores elamitas. Uma carta cuneiforme escrita cerca de vinte anos depois ao rei Esarhaddon identifica um adivinho babilônico e haruspício chamado Aplaya como o líder da conspiração, e revela que seus participantes haviam jurado segredo ao recitar um juramento em nome do deificado celestial corpos Júpiter e Sirius.⁹

Em consulta com seus aliados babilônicos, o rei elamita Hallushu-Inshushinak nomeou um cidadão da Babilônia, Nergal-ushezib da família Gahul, como o novo rei da cidade. Ashur-nadin-shumi pagou um alto preço por não ter conseguido conquistar os corações e mentes de seus súditos babilônicos durante seu mandato como rei. Ele foi levado para Elam, onde provavelmente foi torturado e depois morto. Sua morte foi um grande ponto de viragem. Provocou um confronto dramático entre Senaqueribe e seus inimigos babilônicos.

MUITAS VEZES, OS FACTORES ESTRUTURAIS – SEJAM ELES de natureza política, económica ou ecológica – podem ser identificados como as forças motrizes da história. Mas os acontecimentos que se seguiram à chocante reviravolta da sorte da Assíria na Babilônia em 694 parecem ter estado enraizados principalmente nas emoções pessoais dos protagonistas históricos, mais notavelmente do próprio Senaqueribe. O rei assírio deve ter ficado horrorizado com o terrível destino que, como resultado da traição babilônica e da crueldade elamita, se abateu sobre Ashur-nadin-shumi, seu filho primogênito. A incapacidade de Senaqueribe de

reconhecer abertamente o que tinha acontecido, uma vez que estava em total desacordo com a imagem de força que desejava projectar, só pode ter exacerbado o ódio que sentia por aqueles que considerava responsáveis pelo desastre. Durante os cinco anos seguintes, Senaqueribe prosseguiu, quase obstinadamente, uma missão de vingança contra os seus inimigos no sul.¹⁰

A situação na Babilónia era inicialmente altamente volátil. Algumas cidades optaram por ficar do lado de Nergal-ushezib, enquanto outras permaneceram no campo assírio. No início de 693, Senaqueribe, preocupado com a iminência de um ataque inimigo, evacuou a estátua da divindade padroeira da cidade de Der, estrategicamente localizada perto da fronteira Babilónia-Elamita. No outono, soldados assírios apreenderam estátuas divinas adicionais na cidade de Uruk, no sul, numa operação que mais lembra uma tomada hostil do que uma missão de resgate. No caminho de volta de Uruk, as tropas assírias encontraram-se com um exército combinado babilónico-elamita perto de Nippur, que só recentemente havia sido conquistado pelo novo rei babilónico, Nergal-ushezib. Os assírios prevaleceram e derrotaram as tropas inimigas. Em retaliação pelo assassinato de Ashur-nadin-shumi, os soldados de Senaqueribe mataram um dos filhos do rei elamita Hallushu-Inshushinak. Nergal-ushezib - que caiu do cavalo no meio da batalha - foi capturado e levado para Nínive. O destino que o esperava ali era sombrio: Senaqueribe o expôs no portão que dava para a cidadela, acorrentado a um urso selvagem que o devoraria lentamente. Foi um daqueles espetáculos horríveis realizados regularmente para proporcionar entretenimento aos cidadãos da capital assíria.¹¹

No entanto, se Senaqueribe acreditava que tudo isto iria pender a balança decisivamente a seu favor, estava redondamente enganado. Embora um dos principais adversários do rei tivesse sido eliminado, a vitória assíria em Nippur não restaurou a hegemonia assíria sobre a Babilónia. Isso levou, no entanto, a uma revolta interna contra Hallushu-Inshushinak. O caos que se seguiu em Elam levou Senaqueribe a embarcar num ataque direto àquela terra. No inverno de 693/692 – fora da época habitual para campanhas militares – o rei dirigiu o seu exército para sudeste, em direção ao território elamita. Muitas pequenas aldeias na região fronteira com Elam foram conquistadas e saqueadas. Mas quando as tropas assírias avançaram em direção a Madaktu, onde o rei elamita tinha a sua residência principal, encontraram um grande problema. Como o próprio Senaqueribe disse com notável franqueza: “No mês de Tebetu, um frio intenso começou e choveu continuamente, e então o vento, a chuva e a neve vieram com igual força. Eu estava com medo dos desfiladeiros, dos afluentes das montanhas, então me virei e tomei o caminho para a Assíria”. E assim, a expedição contra Elam terminou com um gemido em vez de um estrondo.¹²

Nesse ínterim, um novo rei foi empossado em Babilónia. Foi Mushezib-Marduk, o recalcitrante aventureiro caldeu e guerreiro anti-assírio que fugiu para Elam em 700 AC. Como alguém que tinha relações estreitas com os elamitas, arameus e outros caldeus - e conhecimento interno sobre os militares assírios devido ao seu curto período no exército assírio - ele parecia o homem certo para reunir e liderar uma ampla coalizão de todos aqueles ansiosos por lutar. As crescentes ambições imperiais da Assíria.

Pela primeira vez em muito tempo, os inimigos da Assíria voltaram subitamente à ofensiva. As elites babilónicas pagaram ao novo rei elamita, Humban-menanu, quantias significativas de ouro, prata e pedras preciosas do tesouro do templo de Marduk para garantir seu apoio contínuo. Humban-menanu, por sua vez, encontrou aliados adicionais

entre os seus vizinhos iranianos. Em 691 A.C. , um enorme exército que incluía elamitas, babilônios, persas e forças militares de muitas outras terras e grupos tribais moveu-se para o norte ao longo do Tigre, no que parece ter sido uma tentativa de entrar no coração da Assíria e lutar sozinho contra Senaqueribe. território. Mas as tropas da coligação nunca chegaram a este destino. Um exército assírio liderado pelo próprio Senaqueribe esperava por eles em Halulê, perto da atual Samarra, para bloquear seu avanço.

O relato de Senaqueribe sobre a Batalha de Halulê é uma celebração lindamente elaborada da extrema sede de sangue na guerra. Escrito com paixão e num estilo elevado, repleto de alusões à Epopeia da Criação babilônica e a outros textos literários, apresenta a luta como uma reconstituição das batalhas cósmicas travadas nos tempos primordiais pelos deuses contra as forças do mal. Quando as hostilidades começaram, afirma Senaqueribe, ele “enfureceu-se como um leão, rugiu como uma tempestade e trovejou como (o deus do tempo) Adad”. Mais tarde, os magnatas elamitas foram “abatidos como touros cevados presos com grilhões”, suas gargantas “cortadas como as de ovelhas” e seu sangue fluíu “como uma inundação em plena torrente após uma tempestade na primavera”. Um filho de Marduk-apl-iddina foi “capturado vivo no meio da batalha”. Os cavalos que puxavam as carruagens inimigas, mas que foram libertados quando seus condutores foram mortos, “galopes por conta própria”, foram capturados e contados como saque. Quando a sua derrota se tornou óbvia, os dois líderes das tropas inimigas aliadas, Humban-menanu e Mushezib-Marduk, escaparam em circunstâncias humilhantes. Com os seus corações “palpitando como os de pombinhos perseguidos”, como disse Senaqueribe, eles “pisaram os cadáveres dos seus soldados (caídos) enquanto avançavam”, “soltando os seus excrementos dentro dos seus carros”. O humor vulgar deste último episódio contrasta marcadamente com o estilo elevado com que é contado.¹³

Não é fácil determinar até que ponto o relato de Senaqueribe sobre a Batalha de Halulê é ficção e não fato. Uma entrada concisa na Crônica Babilônica afirma que a confusão resultou em uma retirada assíria — uma declaração difícil de conciliar com a descrição panegírica dos eventos feita por Senaqueribe. Seria errado, no entanto, descartar imediatamente a versão de Senaqueribe como uma peça de propaganda contrafactual. Uma inscrição de Nínive relata que os assírios apreenderam vários carros inimigos, incluindo os dos reis elamita e babilônico, após a batalha e os trouxeram para o novo arsenal de Senaqueribe em Nínive. É lógico que os excrementos reais que os escritores-fantasmas de Senaqueribe descreveram com tanta alegria não foram produto da sua imaginação – provavelmente foram encontrados no chão das carruagens por soldados assírios que retiravam equipamento inimigo do campo de batalha.¹⁴

Muito provavelmente, o resultado real da Batalha de Halulê foi um impasse temporário. As tropas elamitas e babilônicas tiveram de abandonar a ofensiva e marchar de volta para casa, mas os assírios não conseguiram aproveitar o momento e segui-los em sua perseguição. Seu retorno ao sul, porém, era apenas uma questão de tempo. Senaqueribe estava reagrupando suas forças. Na verdade, o seu relato do episódio Halulê, com as suas alusões às batalhas mitológicas de outrora e a sua tendência para realçar a maldade arquetípica dos babilônios – aqueles “demónios malignos” – provavelmente teve como objectivo preparar o caminho, ideologicamente, para o próximo passo. o rei tinha em mente: a aniquilação completa da Babilônia.¹⁵

SENAQUERIBE NÃO PERDEU TEMPO. NO VERÃO DO ano seguinte, 690, as tropas assírias reuniram-se na Babilônia para sitiá-la cidade. A aliança da Babilônia com Elam foi destruída, e o rei elamita, Humban-menanu, logo seria acometido por um derrame que o deixaria incapaz de falar pelo resto da vida. Um ataque assírio a Dumat, no Wadi Sirhan, no norte da Arábia, frustrou quaisquer possíveis tentativas das tribos árabes de ajudar Mushezib-Marduk.

Conscientes de que o destino que Senaqueribe lhes reservava seria terrível, o povo da Babilônia resistiu durante quinze meses, sob condições descritas num documento legal da vizinha Dilbat como extremamente terríveis. A cevada estava sendo vendida por mais de cinquenta vezes o preço médio: “No reinado de Mushezib-Marduk, houve cerco, fome, fome, inanição e tempos difíceis na terra. Tudo se tornou inexistente. Por um shekel (8,5 gramas ou 0,3 onças) de prata (não se podia comprar mais do que) dois litros (ou 2 quartos) de cevada. Os portões da cidade estavam trancados e não havia saída nas quatro direções. Os cadáveres do povo encheram as praças da Babilônia porque não havia ninguém para enterrá-los”.¹⁶

No final do outono de 689, os assírios finalmente tomaram a cidade. Mushezib-Marduk e a sua família foram levados vivos, aparentemente depois de terem sido traídos por um cidadão local ansioso por colher a generosa recompensa – o seu próprio peso em prata – que foi oferecida pela captura do rei rebelde. Conhecemos este último detalhe por meio de uma carta do reinado de Assurbanipal, na qual o neto de Senaqueribe anuncia uma recompensa ainda mais generosa pela prisão de outro rebelde babilônico: “Assim como meu avô (Senaqueribe), por conta de Shuzubu (ou seja, Mushezib -Marduk), colocou Adad-barakka na balança, e pesou e deu-lhe seu peso em prata, então agora colocarei na balança quem o fizer (o novo rebelde) prisioneiro, mesmo que ele o mate, e pesarei e dê-lhe seu peso em ouro.”¹⁷

O que aconteceu a seguir na Babilônia foi uma orgia de destruição sem precedentes. Senaqueribe mais tarde se vangloriou da carnificina:

Ao povo (da Babilônia), jovens e velhos, não poupei. Enchi as praças da cidade com os seus cadáveres. Entreguei a propriedade daquela cidade ao meu povo, e eles ficaram com ela. Meu povo agarrou e destruiu os deuses que habitavam em seu meio. Destruí, devastei e queime a cidade e seus edifícios. Retirei tijolos e terra da parede interna e externa, dos templos e do zigurate, e joguei-os no rio Arahtu. Cavei canais no centro da cidade, infligindo uma destruição pior do que a causada pelo Dilúvio. Para que no futuro o local daquela cidade e os seus templos não sejam mais reconhecidos, dissolvi-a em água e aniquilei-a, fazendo-a parecer um prado.¹⁸

Mesmo que os actos de violência descritos nesta passagem tivessem sido infligidos a alguma cidade distante no Levante ou nas montanhas Zagros, teriam sido considerados extraordinários na sua gravidade. O fato de terem sido dirigidos contra a Babilônia, umbigo do mundo mesopotâmico, fonte do aprendizado cuneiforme e centro religioso por excelência, deve tê-los tornado totalmente incompreensíveis para muitos observadores contemporâneos.

Na verdade, a descrição de Senaqueribe exagera os danos sofridos pela cidade. A Babilônia não foi arrastada por algum dilúvio criado artificialmente, com os destroços, como afirma Senaqueribe, carregados pelo Eufrates até Dilmun (atual Bahrein), no Golfo Pérsico. Mas a destruição que os arqueólogos observaram no bairro Merkes da Babilônia, o número

limitado de documentos econômicos babilônicos dos anos posteriores a 689 e as referências na Crônica Babilônica ao fim do Festival de Akitu durante os anos restantes de Senaqueribe e no reinado de seu sucessor, Esarhaddon , sugerem que seu relato também não é completamente enganoso.¹⁹

DEPOIS DE UMA DÉCADA E MEIA DE TRAIÇÕES IMPERDOÁVEIS, batalhas sangrentas, cercos prolongados e dolorosas transferências de população, a Babilônia finalmente ficou quieta. O que experimentou, porém, não foi o tipo de tranquilidade que a *pax Assyriaca* trouxera a outras partes do império – foi a paz do cemitério. O objectivo de Senaqueribe era erradicar a Babilônia do mapa político e mental do mundo – e parecia que finalmente o tinha conseguido.

Mas ele tinha mesmo? Fisicamente, grandes partes da cidade de Babilônia, especialmente os seus templos e palácios, foram de facto destruídos após o ataque assírio de 689. Mas como ideia, um *lugar de memória* , Babilônia sobreviveu. A cidade continuou a aparecer na imaginação do povo mesopotâmico – tão grande, na verdade, que os “intelectuais da corte” de Senaqueribe tiveram que encontrar maneiras de lidar com a dor fantasma generalizada causada pela perda de seus renomados santuários e festivais muito concorridos. .²⁰

Uma forma de o fazerem era denegrir e zombar das antigas tradições de Babilônia, que até recentemente os próprios reis assírios tinham endossado com tanto entusiasmo. O melhor exemplo desta abordagem – que também ajudou a suprimir qualquer culpa que os perpetradores da destruição pudessem ter sentido – é o “Texto da Provação de Marduk”, conhecido a partir de tábuas de argila encontradas em Nínive, Ashur e Calah. O texto cuneiforme, escrito em assírio, tem o formato de um comentário de culto, gênero que fornece explicações eruditas das cerimônias realizadas durante os rituais do templo, muitas vezes vinculando-as a histórias mitológicas sobre os deuses para os quais os rituais eram realizados. O Texto da Provação de Marduk parece comentar vários rituais babilônicos diferentes, mas seu foco principal é o famoso Festival Akitu da Babilônia, que era tradicionalmente celebrado durante os primeiros onze dias do mês de Nisannu, no início do Ano Novo. Os destaques do festival incluíram uma bênção do Templo Esagil de Marduk e uma recitação da Epopeia Babilônica da Criação, ou *Enūma eliš* , no quarto dia; a chegada do filho divino de Marduk, Nabû, da cidade de Borsippa, no quinto dia; uma assembléia divina, reencenada com a ajuda de estátuas, no “Pais dos Destinos”, onde Marduk decretou o destino para o ano novo, e a subsequente procissão dos deuses até a chamada Casa Akitu fora da Babilônia, tudo no nono dia ; banquetes e entrega de presentes na Casa Akitu no décimo dia; e ainda outra assembleia para decretar os destinos, além do retorno dos deuses aos seus templos principais, no décimo primeiro dia.²¹

O objetivo do Festival Akitu era enfatizar a grandeza da principal divindade da Babilônia, Marduk, e seu séquito divino. Mas o Texto da Provação de Marduk apresenta uma imagem muito diferente dos atos de culto e da parafernália associada ao festival. Reinterpreta-os como correlatos simbólicos de um julgamento – uma provação – de Marduk, realizado contra ele na Casa Akitu em nome de Ashur e que levou à sua condenação criminal. O texto afirma, por exemplo: “O pano que está por baixo dele (isto é, Marduk), e a lã vermelha com a qual ele está vestido, são os golpes com os quais ele foi atingido. Eles estão tingidos com o sangue dele.” O vermelho era a cor do vigor e do poder na religião mesopotâmica, e era por isso que Marduk – representado pela sua estátua – usava roupas vermelhas quando fazia aparições

públicas. Mas o Texto da Provação de Marduk mina esse entendimento convencional, alegando que a cor na verdade representava os ferimentos que o deus recebeu quando foi feito prisioneiro. Ainda mais abertamente revisionista é a afirmação do texto de que o *Enūma eliš* — o épico heróico recitado durante o Festival Akitu — em vez de celebrar a ascensão de Marduk ao poder absoluto, “diz respeito à sua prisão”.

Os comentários de culto eram frequentemente considerados “conhecimento secreto” na antiga Mesopotâmia, não devendo ser disseminados além do estreito círculo dos conhecedores religiosos. Mas o Texto da Provação de Marduk termina com uma maldição contra qualquer pessoa “que leia esta tabuinha e não revele o seu conteúdo a quem não a conhece”. Em outras palavras, o texto era um tratado de propaganda antibabilônica destinado a ser amplamente distribuído, especialmente na Assíria.

A DADA ALTURA, DEVE TER FICADO CLARO QUE RIDICULARIZAR AS festas e cultos da Babilônia não seria suficiente para superar as profundas repercussões psicológicas do ataque da Assíria à cidade. O vazio deixado pelos acontecimentos de 689 foi simplesmente grande demais.

Senaqueribe deve ter sentido isso sozinho. Como demonstram as muitas alusões ao *Enūma eliš* em seu relato da Batalha de Halulê, o rei era obcecado pelas tradições religiosas da Babilônia. Mas como preservar um legado que exaltava o poder do seu arquiinimigo? A solução que Senaqueribe e o seu círculo íntimo encontraram foi envolver-se num ato descarado de “canibalismo cultural”. Elementos-chave da infra-estrutura religiosa da Babilônia foram transferidos para a Assíria e reaproveitados para a maior glória do Império Assírio.²²

Isso aconteceu literalmente com o leito de culto ricamente adornado de Marduk, no qual o deus costumava passar bons momentos com sua esposa Zarpanitu e com um trono seu. Ambos estavam originalmente na cela (a câmara interna) do Templo Esagil de Marduk, ou na cela do pequeno templo de Marduk no topo do zigurate da Babilônia, a famosa “Torre de Babel”. As tropas assírias os removeram da Babilônia e os levaram para Ashur, onde Senaqueribe os rededicou ao deus Ashur. Doravante, seriam Ashur e sua esposa Mullissu que encontrariam prazer e descansariam na mobília divina, em vez de Marduk e sua esposa.

Em 655 AEC, o neto de Senaqueribe, Assurbanipal, devolveu a cama e o trono à Babilônia, onde serviriam novamente a Marduk. Mas antes de fazer isso, seus escribas copiaram em uma tábuas de argila a inscrição que os escribas de Senaqueribe haviam escrito nos dois objetos depois de terem chegado a Ashur. Esta inscrição é de considerável interesse. Substituindo Marduk como o dedicado, é dirigido a “Ashur, o rei dos deuses, o pai dos deuses, aquele que decreta os destinos, que traz devastação como o Dilúvio à terra que tem sido traiçoeira e má, e que faz uma inundação destrutiva varrer todos os lugares nos quatro cantos do mundo que não se submetem ao seu governador (isto é, Senaqueribe).” Senaqueribe, por outras palavras, afirma ter agido em nome de Ashur quando atacou Babilônia, um evento indiretamente referenciado pela observação sobre o dilúvio devastador que devastou uma “terra má”. Ao mesmo tempo, ao chamar Ashur de “aquele que decreta os destinos”, a inscrição atribui ao deus uma prerrogativa anteriormente detida por Marduk – e torna-o, um tanto paradoxalmente, mais babilônico do que nunca.²³

Esta “babilonização” da religião assíria também ocorreu numa escala muito maior. Durante a década de 680, toda a infra-estrutura cultural de Ashur foi transformada segundo

o modelo da Babilônia. A antiga entrada da cela do Templo Ashur foi fechada e substituída por uma nova, que dava para um novo pátio oriental, aparentemente reproduzindo a corte oriental do Templo Esagil de Marduk. Dentro deste pátio, os trabalhadores ergueram um “Pais dos Destinos”, em estilo babilônico, semelhante a um altar, que poderia ser usado para uma cerimônia divina durante a qual Ashur, em vez de Marduk, decretaria os destinos. Uma inscrição naquele estrado - ou em uma “Tábua dos Destinos” cerimonial colocada nele - pedia que Ashur “cuidasse do reinado de Senaqueribe, rei da Assíria, determinasse um bom destino, um destino de boa saúde” para ele, e concedesse-lhe a preeminência política. A tabuinha de argila na qual essas linhas foram copiadas está escrita em escrita babilônica, sugerindo que as reformas religiosas implementadas por Senaqueribe dependiam, em parte, do conhecimento dos sacerdotes babilônicos que haviam sido trazidos para a Assíria.²⁴

Mas o exemplo mais óbvio da tentativa de Senaqueribe de recriar a paisagem sagrada da Babilônia em Ashur foi a nova Casa Akitu que ele construiu na década de 680, fora do muro ocidental da cidade. Modelada a partir da Casa Akitu, ao norte da Babilônia, e erguida sobre fundações maciças, ela tinha um pomar suntuoso e bem irrigado ao seu redor e devia parecer bastante impressionante. Sua construção começou depois que os deuses deram seu consentimento por meio de adivinhação — e depois que Senaqueribe abandonou um plano anterior de construir uma Casa Akitu em Nínive. Uma inscrição menciona que dentro do novo santuário, Senaqueribe amontoou terra retirada das ruínas da Babilônia, uma lembrança sombria das origens do edifício numa ideia babilônica.²⁵

O NOME CERIMONIAL SUMÉRIO QUE SENAQUERIBE DEU à nova Casa Akitu em Ashur foi Eabbaugga, a “Casa onde o Mar é morto”. O “Mar” ao qual este nome alude era a protodeusa primitiva Tiamat, que personificava o oceano profundo – o *tâmtu babilônico*. Tiamat foi o principal oponente de Marduk na Epopeia Babilônica da Criação, o *Enūma eliš*. O épico desempenhou um papel extremamente importante na Mesopotâmia do primeiro milênio – não apenas no culto, especialmente no Festival de Akitu, mas também na escola e como texto cultural. Reis como Sargão II e Senaqueribe citaram-no em suas inscrições reais. Tudo começa com Tiamat e seu parceiro Apsû – uma divindade masculina associada à água doce – gerando, no início dos tempos, várias gerações de deuses mais jovens. O barulho que esses jovens deuses fazem irrita seus progenitores, e Apsû decide matá-los; mas Ea, um dos deuses mais jovens, o derrota e funda sua morada nas águas do deus morto, onde gera um filho, Marduk. Logo fica claro que o conflito com Apsû foi apenas o prelúdio para uma luta muito maior. Desta vez, é Tiamat quem se cansa das perturbações dos deuses mais jovens e quer se livrar deles. Em uma batalha cataclísmica, Marduk a derrota, a divide em duas e usa as duas metades de seu cadáver aquático para formar o céu e a terra. Ele molda os corpos celestes e coroa sua grande obra com a criação da humanidade. Como recompensa pelas suas realizações heróicas – e por terem posto fim ao caos primitivo e ao desgoverno matriarcal – os outros deuses fazem de Marduk o seu rei e constroem uma morada para ele, o Templo Esagil na Babilônia. Torna-se o umbigo do mundo e o ponto de encontro central dos deuses.²⁶

A doutrina do poder absoluto exposta no *Enūma eliš* refletia perfeitamente as ambições imperiais dos reis assírios. Não é de admirar, então, que o texto tenha um apelo tão tremendo para eles. Havia apenas um problema: o deus celebrado no épico era Marduk e não o deus do estado assírio, Ashur; e a cidade cuja grandeza o texto elogiava era Babilônia.

A solução que os literatos de Senaqueribe encontraram para lidar com este dilema após a destruição da Babilônia em 689 foi simples: eles criaram uma nova edição do *Enūma eliš* que corrigiu as deficiências acima mencionadas. Isso não exigiu muitas mudanças - foi em geral o suficiente para substituir o nome de Marduk pelo de Ashur, o deus, e o nome de Babilônia pelo de Ashur, a cidade. Daí em diante não foi mais Marduk quem matou Tiamat e foi exaltado como rei dos deuses, mas Ashur, cuja cidade se tornou o novo centro do cosmos. Fragmentos de tábuas de argila com inscrições da versão assíria do épico foram encontrados em Nínive e Ashur, indicando que o texto foi amplamente distribuído.²⁷

Como o próprio nome deixa bem claro, a nova Casa Akitu de Senaqueribe em Ashur foi concebida para lembrar e celebrar a vitória de Ashur sobre Tiamat, conforme foi narrada no novo *Enūma eliš*. Isso aconteceu durante um elaborado festival de primavera no início do ano, quando - em uma tentativa de remodelar no estilo assírio a procissão Akitu de Marduk na Babilônia - Senaqueribe fez com que estátuas representando Ashur, sua família e seu séquito divino desfilassem ao longo de um novo rua de procissão do Templo Ashur, no leste da cidade, até a Casa Akitu. Uma vez lá, o triunfo de Ashur sobre as forças do caos foi reencenado ritualmente, embora permaneça desconhecido como exatamente a reconstituição ocorreu.

A decoração da Casa Akitu também apresentava a nova teologia Ashur de Senaqueribe. Exceto suas fundações, pouco foi preservado do edifício, mas uma tábua de argila descreve cenas retratadas em um portão de bronze que leva ao santuário. Eles mostraram “Ashur, com seu arco enquanto o carrega, na carruagem que ele monta; o 'Dilúvio' (um tipo de arma) que ele dominou; o deus Amurru como o motorista que o acompanha; todos os deuses que vão na frente dele e vão atrás dele, os que andam em veículos e os que vão a pé; e (o monstro marinho) Tiamat, com (algumas criaturas aterrorizantes e primitivas) dentro dela, contra quem Ashur, o rei dos deuses, vai lutar.”²⁸

O texto prossegue enfatizando com orgulho que Senaqueribe inventou novas técnicas de fundição de bronze para moldar o portão - sem dúvida monumental - da nova Casa Akitu. O rei, por outras palavras, apresenta-se como uma espécie de mestre engenheiro, como também fez em alguns outros contextos - por exemplo, ao afirmar que desenvolveu novos dispositivos para levantar água.

Tal como acontece com seus projetos de engenharia, há algo mecânico na abordagem de “copiar e colar” que Senaqueribe empregou na replicação da paisagem cultural da Babilônia em Ashur e na transformação do *Enūma eliš* babilônico em um texto assírio. Ao mesmo tempo, a reforma de Senaqueribe representa um marco verdadeiramente notável na história da religião, semelhante à mais famosa revolução religiosa provocada no século XIV pelo faraó “herege” do Egito, Akhenaton. Ambos os empreendimentos foram ousados e brutais, foram abortados e reprimidos logo após terem sido iniciados, e ainda assim tiveram grandes consequências. Ambos tiveram importantes repercussões políticas.²⁹

Mas também existem algumas diferenças significativas entre eles. Até 700 A.C., Ashur era uma divindade definida principalmente por suas dimensões cívicas e políticas. Ele representou a cidade de Ashur e o estado assírio. A reforma de Senaqueribe proporcionou-lhe facetas adicionais de natureza mitológica e cosmológica. Como diz uma inscrição escrita em nome de Senaqueribe num tímpano, Ashur era agora “aquele que formava a cobertura dos céus e do submundo; que habita no firmamento luminoso; e que mora em (seu templo) Esharra, que fica em Ashur.” O objectivo da reforma de Akhenaton foi quase o oposto. O faraó

egípcio procurou privar o deus sol das dimensões mitológicas e de culto que ele possuía anteriormente, e reduzi-lo à sua função cosmológica como o disco solar vivificante – uma teologia muito mais “negativa” do que a que Senaqueribe tinha em mente para Ashur.³⁰

EMBORA CERTAS CARACTERÍSTICAS DA reforma religiosa de Senaqueribe tenham permanecido em vigor até o final da criação de um Estado assírio, suas ideias principais foram logo abandonadas. O filho e sucessor de Senaqueribe, Esarhaddon, decidiu colocar a Babilônia de volta no mapa, reconstruindo-a, e endossar uma teologia política baseada na ideia de um equilíbrio de poder entre Ashur e Marduk. O fim de Senaqueribe foi triste. Em 681 AEC, oito anos após seu ataque à Babilônia, ele foi brutalmente assassinado. Que o assassinato do rei estivesse de alguma forma relacionado com a sua política babilônica é uma possibilidade distinta. As ações sem precedentes de Senaqueribe contra a Babilônia e as divergências sobre a futura direção da abordagem da Assíria em relação ao seu vizinho do sul devem ter levado a sérios conflitos entre os membros do círculo íntimo do rei, e alguns deles provavelmente odiavam o seu mestre real. Mas o principal motivo da morte de Senaqueribe foi diferente: uma disputa violenta entre seus filhos sobre quem sucederia ao rei.

Durante vários anos, o príncipe herdeiro de Senaqueribe foi um certo Urdu-Mullissu, que pode ter sido escolhido por seu pai já em 700 AC. Como os príncipes herdeiros assírios tinham um grande estado-maior, incluindo militares, Urdu-Mullissu deve ter sido muito poderoso. Ele também era extremamente rico. Um dossiê substancial de documentos econômicos indica que o seu “terceiro homem” (o escudeiro da sua carruagem) possuía grandes extensões de terras e numerosos escravos, quase certamente em virtude de ser um associado próximo do príncipe herdeiro.³¹

Mas por volta de 683, em circunstâncias que não são muito claras, Urdu-Mullissu foi abruptamente removido de sua posição como herdeiro do trono e substituído por um dos filhos mais novos de Senaqueribe, um homem chamado Esarhaddon. Divididos pelo ciúme e pelo ódio, e imperturbáveis pelos juramentos que foram forçados a fazer em nome do novo herdeiro do trono, os (meio)irmãos mais velhos de Esarhaddon, mais notavelmente Urdu-Mullissu, começaram a conspirar contra o novo príncipe herdeiro e forçaram ele para o exílio em uma terra ocidental. No entanto, apesar da pressão que enfrentou, Senaqueribe recusou-se a reintegrar Urdu-Mullissu ou a nomear outro príncipe herdeiro. Isso selou seu destino. Uma variedade de fontes revelam que no mês de inverno de Tebetu, em 681, Urdu-Mullissu matou seu pai, ou mandou matá-lo por procuração, possivelmente enquanto Senaqueribe visitava um santuário do deus Nusku no templo do deus da lua em Nínive. O príncipe provavelmente tinha cúmplices. A Bíblia menciona que um segundo filho de Senaqueribe, Sharezer (assírio Sharru-usur), também esteve envolvido no assassinato.³²

A trama quase foi descoberta antes que pudesse ser executada. Três ourives babilônios residentes em Nínive, todos irmãos, ouviram falar dos planos nefastos de Urdu-Mullissu, e um deles tentou avisar Senaqueribe. Mas ele nunca conseguiu chegar até ele. Ao solicitar uma audiência com o rei, dois oficiais da corte perguntaram-lhe por que ele estava ligando. O informante babilônico respondeu que queria falar sobre Urdu-Mullissu, e então os oficiais cobriram seu rosto e fingiram que o levariam até o rei. Supondo que estivesse falando com Senaqueribe, o informante divulgou que Urdu-Mullissu estava prestes a assassinar o monarca. Só quando seu rosto foi descoberto ele percebeu que os oficiais o haviam levado,

não ao rei, mas ao líder da conspiração, o próprio Urdu-Mullissu. Urdu-Mullissu interrogou o suposto informante e provavelmente mandou matar os três ourives.³³

Após o assassinato de Senaqueribe, alguns dos regicidas se voltaram uns contra os outros. O exilado Esarhaddon, percebendo que o caos em casa lhe dava uma chance de recuperar o poder, decidiu marchar de volta para a Assíria. Ele reuniu um pequeno exército e cruzou, como uma águia e sem medo da neve e do frio trazido pelo mês de Shabatu (XI), a terra ocidental de Hanigalbat. De acordo com uma das inscrições de Esarhaddon, as tropas de elite enviadas pelos irmãos rebeldes para bloquear o seu avanço “tornaram-se como mulheres enlouquecidas” e mudaram de lado. Os próprios irmãos, em pânico diante da chegada iminente de Esarhaddon, fugiram para o norte e, no oitavo dia do mês de Addaru (XII), Esarhaddon “entrou alegremente em Nínive” e sentou-se no trono de seu pai. “O vento sul, a brisa do deus Ea, sopra”, e “sinais favoráveis” foram vistos “por todo o céu e terra”.³⁴

A DECISÃO DE SENAQUERIBE DE NOMEAR UM FILHO MAIS NOVO COMO príncipe herdeiro — a causa raiz de todo esse conflito familiar — provavelmente foi motivada por seu relacionamento próximo com uma mulher: sua esposa Naqia, mãe de Esarhaddon. Urdu-Mullissu e os outros (meio-irmãos) mais velhos de Esarhaddon eram filhos de uma esposa real diferente, que aparentemente caiu em desgraça em algum momento. Tendo os ouvidos do rei quase inteiramente para si, Naqia não pode ter deixado de promover os interesses de seu filho. Depois que Esarhaddon ascendeu ao trono, ela continuou a ajudá-lo a navegar no cenário político.

Embora talvez a mais poderosa da época, Naqia claramente não era a única mulher real assíria a exercer grande autoridade. Alguns outros também influenciaram o destino do reino neo-assírio, incluindo as suas relações com a Babilônia. Na verdade, com o passar do tempo, as mulheres reais parecem ter desempenhado um papel cada vez maior na política imperial assíria. Baseando-nos numa declaração de Aristóteles, as mulheres podem não ter governado a Assíria, mas parece que mais do que um dos governantes da Assíria “era governado por mulheres”. Vale a pena dar uma olhada neles.³⁵

Mamãe sabe mais

A crise da sucessão assíria no final da década de 680 foi uma experiência dramática para Náquia – talvez a mais dramática da sua longa e extraordinária vida. Depois que Urdu-Mullissu e seus apoiadores forçaram seu filho Esarhaddon ao exílio, sua posição na corte de Nínive tornou-se altamente precária. Temendo por sua segurança, ela devia estar preocupada e ansiosa. Nesse momento decisivo, quando tudo parecia estar em risco, Naqia rezou para a deusa Ishtar – e recebeu uma resposta. Uma profetisa de Arbela chamada Ahat-Abisha entrou em frenesi e falou com Naqia em nome da deusa: “Porque você me implorou, dizendo: 'Você colocou aqueles no lado direito e esquerdo (do rei) em seu colo, mas fiz minha própria prole vagar pela estepe' - agora, não tema, ó rei! O reino é seu, seu é o poder!” ¹

A profecia é conhecida por uma tábuca de argila que também registra mensagens divinas semelhantes dirigidas a Esarhaddon. Na verdade, a profecia Naqia inclui no final palavras encorajadoras dirigidas ao filho, e não à mãe. Os dois tinham claramente uma relação muito próxima, e é óbvio que Naqia estava extremamente ansiosa para ajudar o seu filho a ascender ao trono assírio. Felizmente para ela, Ishtar não lhes prometeu muito. Após seu retorno a Nínive, Esarhaddon assumiu o poder e Naqia viu-se elevada à posição de rainha-mãe. Logo ela começou a desempenhar um papel central nos assuntos do estado assírio. ²

Foi uma ascensão notável para Naqia. Quando era jovem, tinha poucos motivos para esperar que um dia se tornaria a mulher mais poderosa – e talvez por algum tempo o indivíduo mais poderoso – do Império Assírio. Suas origens estão envoltas em trevas. Como Naqia, “a Pura”, é um nome semítico ocidental, e como seu filho encontrou refúgio em algum lugar no oeste durante seu período de exílio, foi sugerido – embora não haja nenhuma prova definitiva – que Naqia veio da região a oeste da área central da Assíria, talvez da cidade de Harran. Presumivelmente, Naqia foi prometida a Senaqueribe, enquanto este serviu como príncipe herdeiro de Sargão II, e deu à luz Esarhaddon em algum momento entre 715 e 710 AC. Mas ela não era a única esposa de Senaqueribe nessa época, nem a primeira. Semelhante aos reis assírios, os príncipes herdeiros assírios aparentemente tinham o direito de ter relações sexuais com várias mulheres, e Naqia inicialmente ficou em segundo plano, na melhor das hipóteses. ³

A primeira esposa de Senaqueribe e mãe de seus filhos mais velhos, incluindo Urdu-Mullissu, era provavelmente uma mulher chamada Tashmetu-sharrat. O que se sabe com certeza é que Tashmetu-sharrat serviu como rainha oficial da Assíria alguns anos depois do reinado de Senaqueribe, e que o rei gostava tanto dela que lhe forneceu alojamentos ricamente equipados nos palácios reais de Nínive e Ashur. Numa inscrição invulgarmente

íntima encontrada num par de esfinges de pedra na entrada dos seus aposentos privados no Palácio do Sudoeste em Nínive, Senaqueribe romantiza Tashmetu-sharrat como “minha amada esposa, cujas feições a deusa (do nascimento) Belet-ili tornou mais perfeita do que a de todas as outras mulheres”, e descreve sua residência como um lugar de “fazer amor, felicidade e exultação”. O texto, que data de cerca de 695 A.C., termina com o único exemplo no grande corpus de inscrições reais assírias em que o “eu” real se torna um “nós”: “Que ambos vivamos muito nestes salões palacianos, estejamos satisfeitos com o nosso prosperidade, e esteja com boa saúde e cheio de alegria.” ⁴

Mas as esperanças de Senaqueribe de que a felicidade pura que desfrutou com Tashmetu-sharrat duraria para sempre seriam frustradas. Tashmetu-sharrat morreu ou – um cenário mais provável – foi cada vez mais marginalizado por Naqia, sem cair totalmente em desgraça. Regra geral, os reis assírios tinham apenas uma “rainha” oficial de cada vez, mas pode ser que, durante partes da década de 680, Senaqueribe tenha permitido que tanto Tashmetu-sharrat como Náquia ocupassem essa posição. Durante esses anos, o deus estatal assírio Ashur também se associou a duas esposas, as deusas Mullissu e Sherua, um arranjo “bigamista” que pode ter refletido o status de relacionamento de Senaqueribe na época. Curiosamente, aparentemente houve alguma competição entre as duas deusas. Um texto ritual composto sob Senaqueribe descreve com detalhes consideráveis exatamente como alguns altares de Ashur, Mullissu e Sherua deveriam ser colocados um ao lado do outro. ⁵

Perto do fim do seu reinado, Senaqueribe pode ter estado profundamente envolvido com outra mulher. Uma carta enviada de Ashur parece indicar que o rei havia iniciado um relacionamento com a esposa do governador de Ashur e ordenado que ela permanecesse no palácio real - um episódio que traz à mente a história bíblica da paixão do rei Davi por Bate-Seba, a esposa do guerreiro de elite Urias. Após a morte de Senaqueribe, o governador acolheu a mulher de volta e comemorou o falecimento do rei vestindo sua equipe com roupas festivas e ouvindo música alegre, o que levou o carteiro anônimo, horrorizado com esse comportamento, a denunciá-lo. ⁶

Senaqueribe pode não ter sido “feminista”, como certa vez sugeriu um estudioso, meio brincando. Mas ele parece ter sido um *homme à femmes* que atribuía grande importância às suas relações com as mulheres. E embora a maioria dos membros femininos de sua corte real permanecesse nas sombras, algumas delas, principalmente Naqia, acostumaram-se a exercer cada vez mais poder. ⁷

O QUE QUER QUE TENHA ACONTECIDO EXATAMENTE ENTRE SENAQUERIBE E suas esposas e consortes, o amado filho de Naqia, Esarhaddon, acabou se tornando príncipe herdeiro e, depois de muitas provas e tribulações, também rei assírio. Oprimido pelas responsabilidades que agora tinha de assumir e repetidamente acometido por doenças e depressão, ele começou a confiar extensivamente nas múltiplas habilidades de sua mãe.

A documentação escrita sobre as atividades de Naqia durante o reinado de Esarhaddon apresenta um quadro bastante surpreendente. Para começar, ela é a única rainha assíria de todos os tempos que deixou uma inscrição em um edifício em estilo real. Ele registra, de forma ainda mais notável, como Náquia construiu um palácio para seu filho, depois que os grandes deuses da Assíria e da Babilônia o “colocaram de bom grado no trono de seu pai”. Como escreve Naqia: “Esarhaddon deu-me como minha parte senhorial pessoas de terras

estrangeiras, inimigos conquistados com a ajuda de seu arco, e fiz com que carregassem enxada e cesto para que fizessem tijolos”. O novo palácio estava localizado na cidadela de Nínive, o centro do poder real assírio, e ficava próximo ao templo dos deuses da lua e do sol – possivelmente o local onde Senaqueribe havia sido assassinado alguns anos antes. Quando o trabalho de construção foi concluído, afirma Naqia, ela convidou os deuses, junto com o próprio Esarhaddon, para uma suntuosa festa de inauguração no palácio.⁸

Naqia pôde pagar por este projeto de construção porque era fabulosamente rica. Na qualidade de rainha-mãe, recebia uma parte dos tributos regularmente entregues à corte assíria e possuía grandes propriedades agrícolas em vários cantos do império. Ela tinha residências em todas as principais cidades da Assíria e uma grande equipe que incluía não apenas administradores de alto escalão, mas também militares. Várias inscrições revelam que Naqia dedicou objetos valiosos, incluindo um peitoral de ouro incrustado com pedras preciosas, à divina “Senhora de Nínive” (isto é, a esposa de Ashur, Mullissu) e à divina “Senhora da Babilônia”. O presente à divindade babilônica é, aliás, uma indicação clara de que Naqia endossou totalmente a decisão de Esarhaddon de reverter a política anti-babilônica de Senaqueribe. Há outras evidências que apoiam esse facto – na verdade, Naqia pode ter sido a força motriz por detrás da nova abordagem.⁹

Em vários locais foram expostas imagens de Naqia. Um relevo fragmentário de bronze, provavelmente da base de um trono ou altar, retrata-a em pé atrás do rei com um espelho na mão, realizando um ritual religioso. E uma carta cuneiforme enviada a Esarhaddon por um funcionário do templo de Nabû em Calah menciona “estátuas do rei e uma estátua da rainha-mãe”, para as quais um administrador não conseguiu obter ouro depositado num armazém real. Criar imagens monumentais representando uma rainha ou rainha-mãe assíria era algo totalmente novo. Nenhuma dessas imagens é conhecida antes de Esarhaddon.¹⁰

O enorme respeito que Naqia conquistou pode ser avaliado a partir de uma série de cartas dos “arquivos estatais” assírios em Nínive. Um deles, enviado a Esarhaddon em 670 por seu exorcista-chefe, Marduk-shakin-shumi, garante ao rei que Naqia havia se recuperado de uma doença grave e então conclui: “A mãe do rei é tão capaz quanto (o sábio mitológico) Adapá.” A única outra pessoa comparada a esse modelo antediluviano de sabedoria foi o próprio rei assírio.¹¹

Várias cartas escritas por padres e altos funcionários foram endereçadas à própria rainha-mãe. A maioria deles cobre doações para vários templos ou festivais religiosos, ou a realização de rituais apotropaicos (isto é, rituais destinados a repelir o mal) após um eclipse lunar, todos assuntos que podem ter feito parte do portfólio tradicional da realeza assíria de alto escalão. Mas também há cartas que tratam de assuntos políticos e militares. Um foi enviado para Naqia no início da década de 670 pelo governador de Sealand, uma região próxima ao Golfo Pérsico. Informa-a sobre um ataque elamita ao sul da Babilônia:

À mãe do rei, meu senhor, seu servo, Na'id-Marduk. Boa saúde para a mãe do rei, meu senhor!... Depois que os elamitas marcharam contra nós e assumiram o controle de uma ponte, escrevi, assim que eles chegaram, para a mãe do rei, meu senhor. Agora desmantelaram a ponte... Não sabemos se continuarão. Se o fizerem, escreverei novamente à mãe do rei, meu senhor. As forças devem chegar até nós, meu senhor!¹²

A carta demonstra inequivocamente a escala do envolvimento direto de Naqia em questões de grande importância estratégica. É revelador que o remetente se dirige a ela no final como “meu senhor” em vez de “minha senhora”: Naqia, ao que parece, não agiu apenas em nome do rei – ela própria era muito parecida com um rei.

NAQIA NÃO FOI A ÚNICA MULHER REAL DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO que se tornou extremamente poderosa durante sua vida. As rainhas egípcias Hatshepsut e Cleópatra (como únicas governantes do seu reino) e a rainha hitita Puduhepa também fizeram o mesmo, assim como alguns outros membros femininos da família real assíria. Em geral, porém, a agência feminina na esfera política era bastante limitada nas sociedades patriarcais do mundo antigo, e a ascensão das mulheres a posições de autoridade política era excepcional. A Lista de Reis Assírios – que é chamada de “Lista de Reis” por uma razão – não inclui nenhuma mulher entre os mais de cem governantes assírios que nomeia.

Embora os cidadãos assírios médios geralmente vivessem em relacionamentos monogâmicos, os reis neo-assírios muitas vezes tinham centenas, senão milhares, de “companheiras” femininas. A maioria deles passava o tempo isolado do mundo nos bairros restritos dos vários “haréns” mantidos pelos monarcas assírios. Estima-se que os palácios reais em nada menos que vinte e duas cidades assírias incluía tais bairros de haréns.¹³

Muitas das mulheres do harém assírio devem ter sido concubinas reais escolhidas por sua beleza, mas as populações do harém também incluía membros dos haréns do antecessor do rei; parentes femininas do monarca; as filhas, irmãs e sobrinhas de reis vassalos e aliados políticos; e realocou mulheres de haréns de inimigos derrotados. Todas elas foram chamadas de *sekretu*, ou seja, “mulher sequestrada”, título semanticamente próximo de *ḥ arīm*, a palavra árabe para “mulher do harém”.

Fontes neo-assírias têm pouco a dizer sobre como estas mulheres realmente viviam, mas com base em evidências do segundo milênio A.C., parece provável que muitas delas eram cantoras ou musicistas, e que os guardas eunucos certificavam-se de que não saíam dos seus alojamentos sem alguma razão muito boa. As administradoras-chefes com o título *šakintu* eram responsáveis pela gestão destas extensas comunidades de mulheres. Documentos legais revelam que os *šakintu* compraram escravos e terras, fizeram empréstimos e ajudaram a organizar a produção de têxteis, uma actividade em que muitas mulheres do harém estavam envolvidas. A equipe dos *šakintu* incluía escribas que escreviam em aramaico.¹⁴

Muitas mulheres reais assírias vieram de fora da área central da Assíria. Parece que os reis assírios muitas vezes preferiam as mulheres das regiões culturalmente mais avançadas do Levante e do sudoeste da Anatólia às mulheres do leste e do nordeste. Assurbanipal - o rei assírio mais tarde acusado pelos gregos de ter passado muito tempo de sua vida entre suas mulheres - afirma em uma de suas inscrições que todos os governantes de Tiro e Arwad na Fenícia e de Tabal e Cilícia na Anatólia o trouxeram “ suas filhas, seus próprios descendentes, juntamente com grandes dotes, para que pudessem servir como mordomas.” Embora a sua presença na corte real assíria deva ter ajudado a melhorar as relações diplomáticas com os seus países de origem, o facto de estas mulheres de alto escalão terem sido colocadas para trabalhar na Assíria mostra que esses reinos não eram considerados parceiros iguais, mas sim estados vassalos inferiores.¹⁵

A acumulação e o sequestro de mulheres, e a sua exploração sexual pelas elites e outros cidadãos, podem ter sido, em primeiro lugar, uma razão essencial para a existência de impérios antigos. A história grega do rapto da princesa fenícia Europa, por Zeus, na forma de um touro, é uma expressão mitificada deste aspecto pouco explorado do imperialismo pré-moderno. A Assíria é um bom estudo de caso. Tal como o ouro e a prata, os têxteis e a madeira, e os artesãos e soldados estrangeiros transferidos para as capitais assírias, as inúmeras mulheres de todo o mundo conhecido que foram colocadas à disposição dos homens assírios personificaram o poder da Assíria, melhoraram o império “fitness” e ajudou a garantir seu futuro. Isto é particularmente verdade no caso das centenas de mulheres enviadas ao longo do tempo aos governantes imperiais da Assíria. Numa civilização onde a mortalidade infantil era elevada, ter um grande harém aumentava as probabilidades de sucesso reprodutivo dos reis assírios, com importantes implicações políticas, uma vez que um fluxo constante de filhos reais garantia a continuação da linhagem real. A este respeito, a Assíria era diferente da Roma imperial, onde a adesão estrita à regra legal da monogamia deixou alguns imperadores sem um filho biológico legítimo, levando em mais de uma ocasião à instabilidade dinástica.¹⁶

Quase todas as muitas mulheres que povoaram os haréns neo-assírios permanecem sem nome para nós. Mas dois tipos de mulheres reais assírias, em particular, desempenharam papéis mais proeminentes: a “mãe do rei” (*ummi šarri*) e a principal consorte do rei, cujo título um tanto brando de “Mulher do Palácio” (*issi ekalli* ou *segallu*) obscurece o fato de que ela serviu efetivamente como rainha da Assíria. Na maioria dos casos, a “Mulher do Palácio” provavelmente também era a mãe do príncipe herdeiro. Dado o seu acesso irrestrito ao rei, tanto a rainha-mãe como o principal consorte do governante podiam exercer uma enorme influência, inclusive na esfera política.

ESARHADDON, NA VERDADE, APARENTEMENTE DEPENDIA MUITO NÃO APENAS de sua mãe, Naqia, mas também de sua esposa, chamada Esharra-hammat. A morte de Esharra-hammat no décimo segundo dia do mês de Addaru, 672 AEC , está registrada na Crônica Babilônica, uma fonte geralmente não inclinada a se entregar a fofocas inúteis. Ela foi enterrada com grande pompa em um mausoléu em Ashur, e oferendas funerárias regulares foram estabelecidas para ela. Mesmo morta, a esposa real continuou a causar impacto. De acordo com uma carta escrita logo após seu falecimento, seu fantasma apareceu a seu filho, o príncipe herdeiro Assurbanipal, e o abençoou, dizendo: “Que seus descendentes governem a Assíria”. O autor da carta, ansioso para que a rainha morta fosse devidamente lembrada, acrescenta: “Honrar os deuses traz o bem; honrar os deuses do submundo restaura a vida.”¹⁷

Outra mulher importante durante o reinado de Esarhaddon foi a irmã de Naqia, Abi-ramu, mencionada em um documento legal sobre um arrendamento de terras de 674 AC . Embora as suas actividades económicas estejam bem documentadas, é menos certo, mas possível, que ela também ocupasse uma posição política importante. Sabe-se que um indivíduo chamado Abi-ramu (nascido tanto por homens quanto por mulheres) serviu sob Esarhaddon como grão-vizir, governador da terra ocidental de Hanigalbat e epônimo do ano 677 AEC - E embora este funcionário não é identificado em nenhum lugar como mulher, é tentador pensar que a irmã de Naqia pode ter sido quem ocupou esses cargos. Afinal, as mulheres reais tinham muita autoridade durante o reinado de Esarhaddon, e a posição de

grão-vizir e governador (ou rei) de Hanigalbat era tradicionalmente dada a um membro da família real assíria. O último titular proeminente foi o irmão de Sargão II, Sîn-ahu-usur. Afinal, como Esarhaddon não podia confiar em seus irmãos, que estavam envolvidos na conspiração para matar seu pai, teria feito sentido para ele escolher sua tia, irmã de sua amada mãe, para ocupar o antigo cargo. .¹⁸

ATÉ ALGUMAS DÉCADAS ATRÁS, MUITO POUCO SE SABIA SOBRE AS mulheres reais assírias do período anterior aos reinados de Senaqueribe e Esarhaddon. Quase todos os estudiosos puderam trabalhar com algumas breves referências em inscrições reais a Sammu-ramat, esposa de Shamshi-Adad V e mãe de Adad-nirari III. Isto mudou drasticamente no final da década de 1980, quando arqueólogos iraquianos liderados por Muzahim Mahmood Hussein fizeram uma série de descobertas impressionantes na ala doméstica sul do Palácio Noroeste de Ashurnasirpal II, em Calah. Na primavera de 1988, os escavadores observaram um desnível no piso de tijolos de uma sala identificada como “MM”. Quando removeram o piso, encontraram uma câmara funerária subterrânea do século IX AC, acessível por meio de um poço com escada. Ele continha um sarcófago de terracota contendo o corpo de uma mulher não identificada (ou talvez um eunuco), uma tigela de prata, algumas joias de ouro, uma coleção de selos cilíndricos e outros itens preciosos. Também foram encontradas, e muito alinhadas com um cenário de harém, três esculturas de terracota finamente envidraçadas representando cenas eróticas: um homem penetrando uma mulher por trás, outro homem ajoelhado sobre uma mulher deitada de costas e um ato de felação.¹⁹

As descobertas feitas abaixo do piso da Sala MM sugeriram que a ala sul do Palácio Noroeste poderia abrigar câmaras funerárias de mulheres reais adicionais e, em 1989, os escavadores iraquianos começaram a procurar tais estruturas. Seus esforços foram recompensados espetacularmente. Sob o piso de duas salas mais a oeste da Sala MM, eles encontraram mais duas câmaras funerárias abobadadas com vários sarcófagos. As mulheres do harém de Calah aparentemente viveram suas vidas com seus antecessores mortos diretamente abaixo de seus pés.

Apesar de terem sido perturbados na antiguidade, os túmulos recém-descobertos ainda estavam repletos de enormes quantidades de jóias e outros artefactos valiosos, alguns importados do Ocidente: coroas, brincos, colares, pulseiras, tornozeleiras, contas, carimbos e selos cilíndricos, amuletos, espelhos, fíbulas, têxteis e uma variedade de vasos. Muitos objetos eram feitos de ouro, mas também havia artefatos feitos de prata, bronze, marfim e outros materiais. Várias joias foram incrustadas com pedras semipreciosas lindamente lapidadas. Foi uma descoberta única na vida, a par dos famosos tesouros do túmulo de Tutancâmon, no Vale dos Reis, em Tebas. Se os artefactos dos túmulos de Calah nunca receberam a mesma atenção, é porque foram rapidamente guardados no Banco Central do Iraque, em Bagdad, onde sobreviveram por pouco às campanhas de bombardeamentos maciços realizadas durante a Primeira e a Segunda Guerras do Golfo, em 1991 e 2003.

Ao contrário do primeiro túmulo, as duas câmaras funerárias encontradas em 1989 produziram textos que revelaram muito sobre as mulheres reais que nelas foram enterradas. O mais antigo deles, “Túmulo III”, como logo foi chamado, continha um grande sarcófago de alabastro que havia sido roubado e encontrado vazio. Mas com base na inscrição na tampa, poderia ser atribuído a uma mulher com o elaborado nome assírio Mullissu-mukannishat-

Ninua, que era a “rainha (literalmente, 'Mulher do Palácio') de Ashurnasirpal (II), rei da Assíria, e de Salmaneser (III), rei da Assíria.” Uma maldição, continuada numa tábuia de pedra encontrada na antecâmara do túmulo, advertia que “ninguém mais tarde poderá colocar aqui (qualquer outra pessoa), seja alguma mulher do harém ou rainha, nem remover este sarcófago do seu lugar. Quem remover este sarcófago de seu lugar, seu espírito não receberá oferendas funerárias junto com (os outros) espíritos: é um tabu do (deus sol) Shamash e (da deusa do submundo) Ereshkigal.” O texto então afirma: “(Quanto a mim), filha de Ashur-nirka-da'in, copeiro-chefe de Ashurnasirpal (II), rei da Assíria: qualquer um que mais tarde remover meu assento diante dos espíritos dos mortos, que seu espírito não receba comida. Que alguém mais tarde me vista com uma mortalha, me unja com óleo e sacrifique uma ovelha (por mim).”²⁰

A ansiedade de Mullissu-mukannishat-Ninua de que seu local de descanso final pudesse um dia ser violado era bem fundamentada: afinal de contas, seu sarcófago já estava vazio quando foi encontrado. Mas graças às inscrições funerárias que deixou, a sua memória foi preservada e sabemos muito sobre esta eminente mulher real do século IX. Ela era a principal consorte de Assurnasirpal II e manteve seu título de “Rainha” assíria sob seu sucessor Salmaneser III, que provavelmente era seu filho. Além disso, ela era filha de um oficial assírio de alto escalão, o copeiro-chefe Ashur-nirka-da'in. No início da época de Ashurnasirpal, em outras palavras, quando o rei ainda residia em Ashur, pelo menos alguns dos mais poderosos oficiais assírios ainda não eram eunucos, mas membros de antigas famílias assírias com seus próprios filhos - e o rei casou-se com alguém desta mesma aristocracia. .

Muitas das rainhas assírias que seguiram Mullissu-mukannishat-Ninua tinham nomes semitas ocidentais em vez de nomes assírios, o que sugere uma mudança nas práticas de casamento entre os governantes assírios após a mudança de Ashurnasirpal II para Calah. A partir de então, os monarcas assírios fizeram um esforço concertado para concentrar o poder nas suas próprias mãos, à custa das antigas famílias da elite, e aparentemente já não casaram com mulheres dos mais altos escalões da sociedade assíria. Isto não significava, contudo, que as mulheres que agora ascendiam à posição de rainha fossem menos influentes. Pelo contrário, alguns deles tornaram-se extremamente poderosos. Sammu-ramat, esposa de Shamshi-Adad V e modelo da lenda grega Semíramis posterior, serviu como uma espécie de regente quando seu filho Adad-nirari III ascendeu ao trono, e ela claramente estava envolvida em campanhas militares e relações exteriores.²¹

Presumivelmente, Sammu-ramat também foi enterrada em Calah, embora seu local de descanso final ainda não tenha sido descoberto. Mas na antecâmara do túmulo de Mullissu-mukannishat-Ninua, num sarcófago de bronze ali depositado em circunstâncias que permanecem obscuras, foram encontrados os restos mortais de outra rainha assíria. Um pingente com selo de ouro, colocado em volta de seu pescoço antes de ser enterrada, identifica-a como “Hamâ, rainha (literalmente, 'Mulher do Palácio') de Salmaneser (IV), rei da Assíria e nora de Adad-nirari (III).” A imagem no selo mostra a rainha orando a uma deusa, provavelmente Ishtar ou Mullissu, que está sentada em um trono apoiada por um leão deitado. À esquerda do trono, está representado um escorpião gigantesco, um símbolo amplamente utilizado pelas rainhas assírias e suas famílias. As rainhas garantiam a continuidade da linhagem real, e as fêmeas de escorpião - que tendem a defender impiedosamente os seus descendentes com as suas caudas venenosas - eram consideradas modelos ideais de maternidade.²²

Conforme revelado por um exame científico de seus ossos realizado em 1997 na Universidade de Göttingen, Hamâ tinha entre dezoito e vinte anos quando morreu. Quando criança, ela sobreviveu a uma doença grave e sofria de problemas dentários e sinusite crônica. Apesar de sua tenra idade no momento de sua morte e da relativa insignificância de seu marido, Shalmaneser IV (r. 782-773 AC), Hamâ foi enterrada com bens funerários extremamente ricos, o mais importante, uma coroa de ouro espetacularmente bela decorada com folhas, flores, romãs, cachos de uvas e figuras femininas aladas feitas de ouro e pedras semipreciosas (ver Ilustração 9). Foi colocado em sua cabeça no momento de seu enterro. Os antecedentes familiares de Hamâ não são claros. Em 773 AC, último ano de Salmaneser IV no poder, o influente marechal de campo do rei, Shamshi-ilu, empreendeu uma campanha contra Hadianu, o governante de Damasco, e trouxe de volta ricos tributos à Assíria, incluindo uma filha de Hadianu e seu dote. Pode ser que Hamâ fosse esta mesma filha e que ela tenha morrido junto com Shalmaneser, talvez violentamente, quando este faleceu alguns meses depois, mas isso é inteiramente especulativo.²³

AS DESCOBERTAS FEITAS EM 1989 EM MAIS UMA CÂMARA MORTUÁRIA NO Palácio Noroeste, logo apelidada de “Tumba II”, também foram impressionantes. A câmara continha um sarcófago de pedra com os restos mortais de duas rainhas assírias um pouco posteriores, junto com uma notável variedade de joias e outros bens funerários. Com base em evidências de inscrições, a mulher na parte inferior do sarcófago pode ser identificada com alguma confiança como Yabâ, a principal consorte de Tiglate-Pileser III. Uma placa de alabastro descoberta em um nicho da tumba está inscrita com uma maldição em seu nome:

Quem quer que, no futuro, seja uma rainha que se sente no trono ou alguma mulher do harém que seja o interesse amoroso do rei, me remova do meu túmulo, ou coloque qualquer outra pessoa comigo, e coloque a sua (sic) mão *sobre* o meu joias com más intenções ou rompem o selo deste túmulo: acima, sob os raios do sol, deixe seu (*sic*) espírito vagar lá fora com sede; abaixo, no submundo, quando a cerimônia de libação de água é realizada, ele não deve receber dos deuses (infernais) Anunnaki quaisquer oferendas funerárias na forma de cerveja, vinho ou comida.²⁴

Tal como no caso de Mullissu-mukannishat-Ninua, a maldição – que fornece informações interessantes sobre o culto funerário neo-assírio – falhou, no final, em proteger o cadáver da rainha de interferências indevidas. Em algum momento, seu sarcófago foi aberto e os restos mortais de uma segunda mulher foram colocados em cima dos dela. Os restos mortais desta segunda mulher foram identificados como sendo de Atalya, principal consorte de Sargão II. Seu nome e título estão gravados em uma bela tigela de ouro que foi colocada sobre o peito da rainha morta. Como mencionado anteriormente, o nome de Atalya é idêntico ao da filha de um rei israelita do século IX, o que levou à especulação de que ela poderia ser de origem israelita ou judaica. Esta sugestão permanece altamente conjectural, no entanto.²⁵

Embora tenha servido por um tempo como rainha de Sargão II, Atália, como também mencionado anteriormente, provavelmente não era a mãe de Senaqueribe, o príncipe herdeiro do rei e eventual sucessor. Em vez disso, pensa-se agora que Senaqueribe era filho de uma mulher com o nome semítico ocidental de Ra'imâ (que significa “o Amado”), a quem

uma estela monumental em Ashur foi dedicada. Se a inscrição mal preservada tiver sido lida corretamente, ela chama Ra'imâ de “mãe de Senaqueribe, rei do mundo, rei da Assíria”, mas notavelmente não de “Mulher do Palácio de Sargão (II)”, provavelmente por causa da relutância de Senaqueribe. invocar a memória de seu pai após a morte desfavorável deste último no campo de batalha em 705 AC . Dada a sua origem semítica ocidental, é provável que Ra'imâ conversasse com o filho em aramaico, enquanto Sargão falava assírio com Senaqueribe. Se fôssemos analisar Senaqueribe, poderíamos especular que esta forma de “comunicação de gênero” incutiu no jovem príncipe uma noção duradoura de uma Assíria agressiva e conquistadora, representada por seu pai, e de uma Assíria mais passiva, submissa e “feminina”. “Periferia ocidental, encarnada por sua mãe.”²⁶

Ra'imâ parece ter vivido mais do que Yabâ e Atalya, que tinham trinta e poucos anos quando morreram. Ela ainda estava ativa em 692 AEC , quando uma nota de dívida de Nínive menciona “a mãe do rei”. Naquela época, ela devia ter cerca de setenta anos.²⁷

SEMELHANTE ÀS RAINHAS E RAINHAS-MÃES (E, NO CASO DE Abi-ramu, uma irmã da rainha-mãe), as irmãs e filhas dos reis assírios ocasionalmente ganhavam considerável destaque. Algumas casaram-se com governantes estrangeiros, quando era evidente que se esperava que elas vigiassem os seus maridos e se certificassem de que continuavam a ser vassalos políticos leais. Nem sempre esses esquemas tiveram sucesso. A filha de Sargão II, Ahat-abisha, por exemplo, que se tornou esposa de Ambaris, o poderoso rei de Bit-Purutash, na Anatólia central, não conseguiu impedir que o seu marido se rebelasse contra Sargão. A insurreição terminou em 713 AC com a derrota de Ambaris, e ele e sua família foram deportados para a Assíria, embora o destino final de Ahat-Abisha permaneça desconhecido. Também não está claro o que aconteceu com uma filha de Esarhaddon que aparentemente foi casada com Bartatua, um rei dos citas mencionado por Heródoto sob o nome de Protothyas. Uma consulta do oráculo cuneiforme dirigida ao deus sol revela que Esarhaddon considerou o casamento uma oportunidade para encerrar um período de conflito com os citas e conquistá-los como aliados.²⁸

Uma princesa assíria, Sherua-etirat, ascendeu a uma posição de considerável autoridade na corte assíria. Filha mais velha do rei Esarhaddon e irmã de seu sucessor Assurbanipal, Sherua-etirat nunca sofreu de falta de autoconfiança. Durante o período em que Assurbanipal ainda era príncipe herdeiro, ela escreveu uma carta intimidadora à esposa de Assurbanipal, Libbali-sharrat, deixando bem claro que, como parente de sangue da família real assíria, ela - Sherua-etirat - ocupava uma posição muito mais elevada do que sua cunhada. Para piorar a situação, ela até zombou das tentativas de Libbali-sharrat de seguir o exemplo de seu marido com inclinações intelectuais e de se envolver nas artes dos escribas: “Por que você simplesmente não escreve suas tabuinhas e recita seu exercício?”²⁹

Mas durante os últimos anos do reinado de Esarhaddon, o membro mais influente da família real assíria continuou a ser Naqia. Na verdade, o poder desta mulher formidável atingiu o seu auge nas semanas após a morte de Esarhaddon, no outono de 669, quando ela se tornou a guardiã do seu acordo de sucessão. Esarhaddon, que tinha pelo menos dezoito filhos, tomou a decisão pouco convencional de ter um filho mais novo, Assurbanipal, para substituí-lo no trono assírio, enquanto um filho mais velho, Shamash-shumu-ukin, se tornaria o próximo rei da Babilônia. Seguindo o exemplo de seu pai, Senaqueribe,

Esarhaddon impôs uma longa série de juramentos de lealdade a seus súditos assírios e reis clientes estrangeiros para garantir que respeitariam esse esquema. Em algum momento durante os vinte e dois dias entre a morte de Esarhaddon e a ascensão de Assurbanipal ao trono assírio, Naqia impôs seus próprios juramentos de lealdade aos cidadãos assírios. A tabuinha de Nínive que registra esses juramentos a chama de Zakutu em vez de Naqia, dando a tradução assíria de seu nome semita ocidental:

O tratado que Zakutu, a “Mulher do Palácio” de Senaqueribe, rei da Assíria, e mãe de Esarhaddon, rei da Assíria, (concluiu) com Shamash-shumu-ukin, seu irmão favorito (de Assurbanipal), com Shamash-metu-uballit e o resto de seus irmãos, com a semente real, com os magnatas e governadores, os barbudos e os eunucos, com os assírios de alto e baixo nível: Qualquer um que esteja incluído neste tratado que Zakutu, a “Mulher do Palácio”, concluiu com todos os povo da terra a respeito de seu querido neto Assurbanipal - qualquer um (de vocês) que deveria fabricar e executar um esquema feio e maligno ou uma revolta contra seu senhor Assurbanipal, rei da Assíria, que Ashur, Sîn, Shamash, Júpiter, Vênus, Saturno , Mercúrio, Marte e Sirius (puni-lo).³⁰

Quando Assurbanipal assumiu o poder, aparentemente sem enfrentar qualquer oposição séria, Naqia cumpriu a sua missão final. Um pouco mais tarde, ela se aposentou da vida pública ou faleceu.

Parece que, por razões que permanecem obscuras, o papel de Naqia como a principal “política” feminina da Assíria não foi passado para a esposa de Assurbanipal, Libbali-sharrat, mas sim para a sua irmã Sherua-etirat. Um papiro do Egito escrito na escrita demótica do Egito, mas na língua aramaica, fornece um relato ficcional de uma missão de manutenção da paz empreendida por Sherua-etirat durante uma sangrenta guerra civil travada de 652 a 648 aC entre Assurbanipal, o rei da Assíria, e seu IRMÃO Shamash -shumu-ukin, na época rei da Babilônia. Uma carta cuneiforme fragmentária de Nínive menciona Sherua-etirat e o posterior rei babilônico Kandalanu em conexão com a terra oriental de Elam, o que fortalece ainda mais a suposição de que a princesa - muito parecida com Naqia algumas décadas antes - ajudou a moldar a política da Assíria em relação a -vis seus vizinhos do sul e do sudeste.³¹

Libbali-sharrat, esposa de Assurbanipal, parece nunca ter desempenhado tarefas políticas de importância comparável, embora tenha conseguido superar o desdém inicialmente demonstrado por alguns membros da família real. Uma estela monumental de Ashur é decorada com uma imagem dela na qual ela usa uma magnífica “coroa mural” (uma coroa em forma de muralha da cidade); e uma das obras de arte mais famosas da antiga Mesopotâmia, um relevo do Palácio Norte de Assurbanipal em Nínive, retrata-a num banquete com o marido sob um caramanchão de vinhas enquanto músicos tocam músicas alegres (ver ilustração 12).

Mas mesmo para Libbali-sharrat, uma vida despreocupada não estava realmente nos planos. Regada de favores como estava, ela também foi confrontada com o lado negro da política imperial. Ela testemunhou atos cruéis de violência e teve que se preocupar com possíveis conspirações e outros ataques à família real. Em certa ocasião, fazendo uso de sua familiaridade incomum com as artes dos escribas, Libbali-sharrat parece ter perguntado a

um deus se uma conspiração política contra Assurbanipal resultaria no assassinato dela e de seu marido real: “Eu te pergunto, Deus Lahar, nosso criador(?): este boato de uma rebelião iminente que foi relatado a Assurbanipal, rei da Assíria, por pessoas que dizem: 'Eles instigarão uma rebelião contra você' - foi decretado e confirmado? Isso vai acontecer? É verdade? Eles vão me atacar? Eu vou morrer? Eles vão me capturar durante isso? A pergunta termina com as palavras dirigidas ao deus: “Desconsidere que uma mulher escreveu (esta tabuinha) e a colocou diante de você”.³²

EMBORA ENORMEMENTE PRIVILEGIADAS, AS MULHERES REAIS ASSÍRIAS claramente não tinham as mesmas oportunidades e liberdades que os homens ao seu redor desfrutavam – como revela a pergunta de Libbali-sharrat, elas não podiam sequer falar com os seus deuses sem pedir desculpa. Ainda assim, como membros do círculo íntimo do rei, as rainhas e princesas assírias desempenharam papéis que tiveram implicações políticas muito maiores do que as travessuras da realeza menor, que são o pão com manteiga do jornalismo tablóide moderno.

Conforme descrito acima, as mulheres foram particularmente influentes durante o reinado de Esarhaddon, uma época cheia de altos e baixos. Os exércitos assírios obtiveram grandes vitórias, mas dentro da Assíria ocorreram uma série de rebeliões que abalaram o império em sua essência. Mesmo Naqia, apesar dos seus consideráveis talentos políticos, não conseguiu evitar estas crises. Talvez o papel descomunal que ela se acostumou a desempenhar realmente tenha contribuído para eles. Foi em 671 AEC que o drama político dos tumultuados últimos anos de Esarhaddon atingiu o seu auge.

No dia 8 de dezembro de 671 AEC, no meio da época mais sombria do ano, um homem chamado Nabû-ushallim estava passando por uma área solitária na cidade de Ashur quando foi abordado pelo prefeito da cidade, Abdâ. De acordo com uma carta cuneiforme que Nabû-ushallim enviou mais tarde ao rei assírio, Esarhaddon, o prefeito chamou Nabû-ushallim de lado para lhe contar sobre dois sonhos recentes. No primeiro sonho, relatou Abdâ, uma criança levantou-se de uma tumba e entregou-lhe um cajado, dizendo: “Sob a proteção deste cajado, você se tornará poderoso e poderoso”. No segundo, Abdâ avistou subitamente uma estrela brilhando no cadáver do “pai do rei”.¹

Os estranhos sonhos de Abdâ lembram uma famosa profecia da Bíblia Hebraica, atribuída ao adivinho Balaão: “Uma estrela sairá de Jacó e um cetro surgirá de Israel”. Interpretada como uma referência a David ou ao Messias, a visão profética de Balaão foi mais tarde lida pelos teólogos cristãos como uma alusão à Estrela de Belém. Mas, de forma mais geral, anuncia a ascensão de um novo governante – e este é, sem dúvida, também o significado oculto por trás dos sonhos de Abdâ.²

Nabû-ushallim estava plenamente consciente do simbolismo implícito. Abdâ, escreveu ele, reuniu 120 soldados de elite, que lhe prestaram juramento de lealdade e estava obviamente ansioso para tomar o trono assírio das mãos do rei reinante. Ele queria que Nabû-ushallim se juntasse ao seu grupo rebelde. Mas Nabû-ushallim recusou. Em vez disso, ele avisou Abdâ que alguém iria “derramar chumbo” na sua boca blasfema, e depois escreveu a Esarhaddon para informá-lo das maquinacões secretas do prefeito (ver Ilustração 11).

A conspiração de Abdâ não foi o único golpe iniciado em 671. Simultaneamente, os insurgentes em pelo menos duas outras cidades assírias estavam envolvidos em atividades subversivas contra o rei. Esta onda de rebeliões parece bastante estranha, pois no mesmo ano em que Abdâ e os seus parceiros no crime procuravam remover Esarhaddon do poder, as tropas assírias obtiveram um dos maiores triunfos na longa história do reino: uma invasão bem sucedida do Egito, o estado mais rico e sofisticado da órbita da Assíria.

O reinado de Esarhaddon parece muitas vezes uma “história de dois reis”: é marcado por um forte contraste entre avanços militares impressionantes em locais distantes, por um lado, e problemas internos, por outro. O monarca participou num número impressionante de campanhas vitoriosas e perseguiu ambiciosos projetos políticos. Mas, ao mesmo tempo, as suas fraquezas pessoais levaram a muitos atritos dentro do círculo interno da elite assíria. Talvez em nenhum outro ano da longa história da Assíria houve triunfos e tribulações, conquistas e crises, tão estreitamente interligadas como em 671 AEC.

O TEMPO DE ESARHADDON COMO REI COMEÇOU COM GRANDE PROMESSA. Logo após a sua vitória sobre os seus irmãos infiéis, em 680, ele iniciou uma série de ambiciosas campanhas militares contra várias terras fora das fronteiras assírias. O primeiro deles foi dirigido contra Nabû-zer-kitti-lishir (filho do muito odiado arquiniimigo da Assíria, Marduk-aplu-iddina II), que atacou o governador pró-assírio de Ur. Como seu pai havia feito em mais de uma ocasião, Nabû-zer-kitti-lishir fugiu para Elam, mas em vez de encontrar refúgio lá, foi executado pelo rei elamita. Um ano depois, as tropas assírias conquistaram Arza, no sul do Levante, perto da fronteira egípcia – um primeiro passo nos esforços de Esarhaddon para tomar o controle das terras no Nilo. Seus exércitos também lutaram na Cilícia e travaram batalhas contra guerreiros tabalianos e cimérios nômades, embora sem obter uma vitória decisiva. As alterações com os cimérios e com os citas, ambos famosos por suas habilidades equestres enquanto ameaçavam os antigos estados da Ásia Ocidental, continuaram em 678. Em 677, as tropas assírias tomaram a cidade fenícia de Sidon e capturaram seu rei Abdi-Milkuti, “como um peixe do meio do mar”. Esarhaddon decapitou Abdi-Milkuti e transformou o território de Sidon em uma província assíria. Poucos meses depois, ele concluiu um tratado com o rei de Tiro, eterno concorrente de Sidon, para consolidar os interesses comerciais da Assíria no Mediterrâneo Oriental. Entretanto, uma força expedicionária assíria aventurou-se em territórios desconhecidos nos limites orientais da Península Arábica, uma região chamada Bazu, onde derrotou vários reis e rainhas árabes e conquistou, entre outras, as cidades de Dihranu e Qataba (moderna Dhahran e Qatif). As partes do norte da Península Arábica também foram alvos frequentes da pressão militar assíria e, no leste, uma campanha contra os chefes medos levou as tropas assírias para o centro do Irão. Em 675, um ataque elamita a Sippar exigiu outra intervenção assíria na Babilônia. Esarhaddon tinha Shumu-iddina, o prefeito de Nippur; Kudurru, filho de um chefe Dakkureano; e alguns outros babilônios de alto escalão foram deportados para Nínive, onde, entre outras tarefas, foram colocados para trabalhar na cópia de textos cuneiformes eruditos.³

Estas foram conquistas militares impressionantes. Mas Esarhaddon também sofreu vários reveses sérios. As campanhas contra um certo Mugallu, rei de Melid (moderna Malatya no leste da Anatólia) e mais tarde de Tabal, e contra a terra de Mannaya, a nordeste da Assíria, não tiveram sucesso. As suposições de que um eclipse lunar apontava para a morte iminente de Mugallu e as declarações proféticas feitas em nome da deusa Ishtar sobre a destruição iminente de Melid revelaram-se ilusórias.

Pior ainda, uma ambiciosa campanha militar empreendida pelas tropas assírias no final de 674 contra o Egito terminou num fracasso total. Não é de surpreender que o episódio não apareça em nenhuma das inscrições do próprio Esarhaddon. Mas a Crônica Babilônica é bastante clara sobre o resultado da operação: “No quinto dia do mês de Addaru (XII), o exército assírio foi esmagado no Egito.” Entre as repercussões da derrota estava uma série de deserções de aliados assírios, incluindo Ashkelon e Tiro, na costa do Mediterrâneo Oriental. O rei tinha muito a responder e os membros da elite assíria começaram a ter sérias dúvidas sobre a sua aptidão para o cargo.⁴

COM A SÉRIE DE DESVENTURAS ACIMA MENCIONADAS comprometendo gravemente a sua reputação, Esarhaddon achou necessário redigir, alguns meses após o desastre egípcio, uma inscrição apologética justificando as circunstâncias sob as quais ele se tornou rei. Além de reforçar a

sua legitimidade, um objectivo importante do texto era preparar o terreno para o acordo que ele fez quase ao mesmo tempo para a sua própria sucessão. A sua peça central foi a nomeação de um dos seus filhos mais novos, Assurbanipal, como príncipe herdeiro da Assíria – um passo que significou, para o bem ou para o mal, que Esarhaddon estava prestes a repetir a história. Afinal, ele próprio também era uma criança mais nova e não o herdeiro original. Shamash-shumu-ukin, irmão mais velho de Assurbanipal, não acabou de mãos vazias – ele se tornaria o próximo rei da Babilônia. Mas esta era claramente uma posição muito menos poderosa.⁵

A nomeação de Assurbanipal, no início da primavera de 672 AC, foi acompanhada por uma cerimônia elaborada. Os membros da elite assíria, os cidadãos assírios e os vassalos estrangeiros tiveram de fazer uma longa série de juramentos para demonstrar a sua lealdade ao rei e ao seu novo príncipe herdeiro. Os juramentados não só foram obrigados a proteger Assurbanipal e a estar dispostos a “cair e morrer por ele”, mas também a jurar que denunciariam qualquer pessoa que tivesse a menor reserva sobre o acordo de sucessão.⁶

Esarhaddon estava claramente extremamente preocupado com o fato de as pessoas não estarem felizes com sua nomeação de Assurbanipal como o novo herdeiro aparente. E, de facto, mesmo dentro do seu círculo íntimo, aparentemente havia um desconforto considerável relativamente à decisão. O principal exorcista de Esarhaddon, Adad-shumu-usur, elogiou-o com palavras um tanto envenenadas: “O que não foi feito no céu, meu senhor, o rei, fez na terra e nos mostrou. Você vestiu um filho (mais novo) com o diadema e confiou a ele o reinado da Assíria. Enquanto isso, seu filho mais velho assumiu o reinado da Babilônia. Você colocou o primeiro à sua direita e o segundo ao seu lado esquerdo.”⁷

A NOMEAÇÃO DO FILHO MAIS VELHO DO REI, SHAMASH-SHUMU-UKIN, como príncipe herdeiro da Babilônia foi resultado da decisão de Esarhaddon de abandonar a política antibabilônica radical de seu pai e reconstruir a Babilônia. Lidar com a Babilônia sempre foi um campo minado político para os reis assírios, independentemente da abordagem específica que adoptassem, e é provável que parte da oposição interna que Esarhaddon enfrentou tenha resultado da atitude mais conciliatória que demonstrou em relação à famosa cidade.

Esarhaddon teve que andar na linha tênue aqui. Nas suas inscrições, ele teve de explicar por que era necessário reconstruir a Babilônia, ao mesmo tempo que se certificava de não criticar abertamente o seu próprio pai, Senaqueribe, pelo ataque catastrófico que devastou a cidade em primeiro lugar. A solução encontrada pelos escribas de Esarhaddon foi colocar a culpa diretamente nos próprios babilônios e retratar os eventos através de lentes teológicas:

Antes da minha época, no reinado de um rei anterior, maus presságios ocorreram na Suméria e na Acádia (ou seja, na Babilônia). As pessoas que moravam lá respondiam umas às outras sim ou não e contavam mentiras. Eles colocaram as mãos nas posses do Templo Esagil, o palácio dos deuses, e venderam ouro, prata e pedras preciosas (do seu tesouro) para a terra de Elam (para comprar assistência militar). O deus Marduk então ficou furioso e conspirou para arrasar a terra e destruir seu povo. O rio Arahtu (isto é, o Eufrates) tornou-se uma enorme inundação, como o dilúvio, e transformou a cidade, suas habitações e seus santuários em ruínas. Os deuses e deusas que ali habitavam subiram aos céus; as pessoas foram distribuídas entre a

ralé (estrangeira) e tornaram-se escravas. O deus misericordioso Marduk havia escrito inicialmente que o tempo calculado para o seu abandono (ou seja, o da Babilônia) deveria durar setenta anos, mas seu coração logo se acalmou e ele inverteu os números e assim ordenou que sua reocupação ocorresse após onze anos.

8

Este se destaca como um dos exemplos de “spin” mais cuidadosamente elaborados encontrados em qualquer lugar do grande corpus de inscrições reais assírias. Toda a responsabilidade assíria pela devastação da Babilônia foi eliminada dos registros. Particularmente elegante é a explicação da mudança de opinião de Marduk no final da passagem. No sistema de numeração da antiga Mesopotâmia, que tem o sessenta como base, o número setenta é escrito com uma cunha vertical representando sessenta, seguida de uma pequena cunha diagonal chamada Winkelhaken, representando *dez*. Onze, ao contrário, consiste em um Winkelhaken seguido pela mesma cunha vertical, agora representando um. Ao inverter os dois elementos, Marduk reduz a sentença originalmente dada à Babilônia em quase sessenta anos, e assim proporciona a Esarhaddon a oportunidade de reconstruir a cidade muito antes do inicialmente planeado.

Em diversas inscrições, Esarhaddon afirma que iniciou o processo de reconstrução logo no início do seu reinado. Na verdade, o trabalho sério na cidade parece só ter começado alguns anos mais tarde e não prosseguiu sem contratempos significativos.

As condições na Babilônia continuaram a ser sombrias. De acordo com uma carta enviada a Esarhaddon por Mar-Issar, seu agente pessoal na Babilônia, as pessoas que ficaram na Babilônia após o ataque de Senaqueribe à cidade em 689 eram “pobres desgraçados que não tinham nada”. Quando lhes foi pedido que pagassem impostos para ajudar a equipar os carros do exército assírio, eles lamentaram e protestaram, o que levou o comandante assírio da Babilônia a prender alguns deles sob a alegação de que, incitados por um juiz local, tinham atirado pedaços de barro aos seus mensageiros. Apesar da turbulência, os templos da Babilônia foram reconstruídos, pouco a pouco. Mas foi apenas em 668, e portanto após a morte de Esarhaddon, que uma nova estátua de Marduk foi erguida no Templo de Esagil. Uma tentativa anterior, na primavera de 669, de trazer a estátua de Ashur para a Babilônia teve de ser abortada quando se tornou evidente que rebeldes ou ladrões poderiam estar à espreita perto da cidade de Dur-Kurigalzu.⁹

A SITUAÇÃO NO SUL ERA COMPLEXA. POR UM LADO, Esarhaddon teve de enfrentar uma velha guarda de oficiais assírios que pensavam que as suas tentativas de ajudar a Babilônia a recuperar eram equivocadas. Por outro lado, teve de lidar com o protesto popular dos babilônios que sentiam que o oposto era verdadeiro: que ele não estava a fazer o suficiente para restaurar a antiga glória da Babilônia. Mesmo um governante física e mentalmente mais forte do que Esarhaddon teria achado difícil equilibrar tais exigências contraditórias. Mas, além de tudo o mais, Esarhaddon parece ter uma disposição doentia. Ele estava frequentemente doente, necessitando de cuidados constantes de uma variedade de médicos pessoais e conselheiros espirituais. Com demasiada frequência, o “corpo natural” do rei interferia na sua capacidade de cumprir os requisitos do seu “corpo político”.

Frustrado porque a sua saúde não estava a melhorar, Esarhaddon fez uma pergunta ao seu médico-chefe, Urad-Nanaya: “Porque não consegues diagnosticar a natureza desta minha doença e conseguir a sua cura?” Os sintomas de Esarhaddon, descritos em uma série de cartas, incluíam febre, fraqueza, falta de apetite, rigidez, infecção ocular, bolhas, calafrios e dor de ouvido. Com base nessas indicações, e aproveitando o conhecimento médico ainda não disponível para Urad-Nanaya, alguns estudiosos modernos sugeriram que o rei sofria de lúpus, uma doença inflamatória causada por um sistema imunológico comprometido. A teoria parece plausível, embora o diagnóstico retrospectivo não seja isento de problemas.¹⁰

Esarhaddon também mostrou sinais de depressão. Seu hábito de se recusar a comer qualquer coisa durante dias a fio levou dois de seus astrólogos pessoais, Balasî e Nabû-ahhe-eriba, em uma carta da primavera de 670, a adverti-lo de que ele estava se comportando mais como um mendigo do que como um rei. Noutra carta, datada mais ou menos na mesma época, o seu principal exorcista, Adad-shumu-usur, queixou-se de que o monarca permanecia demasiado tempo num quarto escuro do seu palácio. Ele lembrou-lhe que tal comportamento não estava de acordo com seus deveres reais como representante adequado do deus sol: “O rei, o senhor de todas as terras, é a própria imagem de Shamash. Ele deveria ficar no escuro apenas metade do dia!” Tal como Balasî e Nabû-ahhe-eriba, Adad-shumu-usur recomendou como remédio que o rei “comesse comida e bebesse vinho”.¹¹

HOUE, NO ENTANTO, UM PONTO POSITIVO: A BEM-SUCEDIDA campanha egípcia de 671. Apesar da operação fracassada três anos antes, Esarhaddon permaneceu determinado a conquistar as terras no Nilo. Na primavera de 671, seu exército partiu de Ashur para outra tentativa de fazer exatamente isso. Em suas inscrições, Esarhaddon sugere que ele participou pessoalmente de toda a campanha. Na verdade, ele acompanhou as tropas apenas até Harran, onde ficou para rezar ao deus da lua Sîn, uma divindade intimamente associada à família real assíria desde os tempos de Sargão II.

O exército continuou a sua marcha para o oeste e, depois de restaurar a autoridade da Assíria sobre Tiro, dirigiu-se diretamente para a fronteira egípcia. Inscrições reais revelam que os soldados se deslocaram “de Apqu, na região de Samaria, para a cidade de Rapihu”, a moderna Rafah, no sul da Faixa de Gaza. A partir daqui, o caminho mais fácil para o Egito teria sido a Via Maris (a estrada marítima) ao longo da costa do Mediterrâneo. Presumivelmente, foi assim que o exército assírio tentou entrar no Egito em 674, quando foi derrotado perto de Sile, no leste do Egito. Mas os assírios sabiam agora que os egípcios estavam bem preparados para bloquear esta estrada. O líder das tropas assírias, provavelmente o eunuco-chefe de Esarhaddon, Ashur-nasir, decidiu surpreender o inimigo tomando uma rota alternativa através do deserto do Sinai, movendo-se inicialmente para o sul e depois virando bruscamente para o oeste. As forças turcas usaram a mesma estratégia em 1915, durante a Primeira Guerra Mundial, ao tentarem chegar a Ismailia a partir de Beer Sheva.¹²

Atravessar um deserto inóspito com um grande exército apresenta enormes desafios logísticos. As tropas assírias ganharam alguma experiência em terrenos áridos durante sua campanha anterior contra Bazu, mas não teriam sido capazes de viajar pelo deserto do Sinai sem o apoio de várias tribos árabes, que provavelmente lhes forneceram camelos, odres e guias. Mesmo assim, os obstáculos eram enormes: as inscrições de Esarhaddon descrevem

uma viagem de 390 quilômetros (242 milhas) “sobre poderosas dunas de areia”. Algumas áreas, afirmam eles, estavam cheias de “cobras de duas cabeças cujo veneno (ou: toque) é mortal” e “cobras amarelas abrindo as asas”. Provavelmente, estes não eram animais reais. O historiador grego Heródoto, escrevendo cerca de duzentos anos depois sobre a mesma área geral, afirmou ter visto ali um grande número de “ossos” de “serpentes aladas”, e tanto ele como Esarhaddon podem ter aludido aos restos fossilizados de anfíbios encontrados em locais como Makhtesh Ramon, no sul do deserto de Negev. De cor amarelada, alguns deles parecem ter asas. Passar por tal local deve ter sido ao mesmo tempo aterrorizante e estimulante, e certamente surreal para os soldados assírios.¹³

Eventualmente, a caravana assíria chegou a Magdalu, uma cidade-fortaleza localizada perto do istmo de Suez. A história bíblica do êxodo chama isso de Migdol. A partir daqui, as tropas iniciaram a etapa final da expedição. A caminho do Nilo, encontraram-se em três ocasiões com exércitos egípcios que tentaram, mas não conseguiram, impedir o seu avanço. Depois de uma viagem de cerca de 1.850 quilômetros (1.150 milhas) ao todo, eles finalmente chegaram à cidade real de Mênfis. Seus defensores, despreparados para se envolverem em uma guerra de cerco séria, ofereceram pouca resistência e, no vigésimo segundo dia do mês de verão de Tamuz, mais de três meses após sua partida de Ashur, os assírios tomaram a cidade. O faraó Taharqa, de ascendência kushita, conseguiu fugir para o sul apesar dos ferimentos de flecha que havia sofrido, mas os assírios capturaram sua esposa principal, seu príncipe herdeiro e alguns de seus outros filhos, além de muitas de suas mulheres do harém, e trouxeram todos eles para Nínive.¹⁴

Esarhaddon apresenta o resultado da campanha egípcia de 671 como uma libertação: de acordo com uma das suas inscrições, ele tinha “arrancado as raízes de Kush do Egito”. Esta afirmação não estava totalmente errada. Pelo menos por enquanto, os assírios tinham efectivamente expulsado os “faraós negros” não-indígenas da Vigésima Quinta Dinastia do Egito – e reorganizaram o país, devolvendo o poder sobre as principais cidades do Egito às mãos de membros das elites tradicionais egípcias. Entre outros, instalaram Necho, um homem forte local, como o novo governador, ou “rei”, de Memphis e Sais. Mas mesmo que alguns egípcios tivessem considerado os kushitas como opressores, não poderiam ter gostado mais dos seus novos senhores assírios. Pois a verdadeira independência não era certamente o que Esarhaddon tinha em mente para o Egito. Ele deu às cidades egípcias, e até mesmo a alguns de seus “governantes”, nomes assírios, designou agentes assírios para cada uma delas e impôs impostos e tributos aos seus novos súditos egípcios. Ao contrário dos conquistadores posteriores do Egito, dos persas aos gregos e romanos, Esarhaddon parece, além disso, não ter feito nenhum esforço para se apresentar ao povo egípcio no papel tradicional de um faraó, ou para ser retratado nos templos com o nome de um faraó. coroa dupla característica ou vestido habitual.¹⁵

Os egípcios também devem ter ficado ressentidos com o fato de as tropas de Esarhaddon terem levado tantos despojos para a Assíria: tiaras reais, estátuas e pedras preciosas; utensílios feitos de prata, ouro, bronze e ébano; cavalos, bois, ovelhas; e muito mais. Três estátuas do Faraó Taharqa e uma da deusa egípcia Anuket foram encontradas durante escavações no palácio de Esarhaddon em Nebi Yunus, em Nínive. Pessoas também foram trazidas para a Assíria. Alguns eram de famílias importantes do Egito – por exemplo, o filho de Necho, Psamtik – e serviram como reféns. Mas também havia um número significativo de especialistas egípcios, desde cocheiros, arqueiros e escudeiros até sacerdotes de

encantamentos e intérpretes de sonhos; de veterinários, escribas e encantadores de serpentes a cantores, padeiros e cervejeiros. Os assírios já estavam cientes das grandes conquistas da civilização egípcia há algum tempo. Agora eles podiam acessá-los diretamente. A nova “Egiptomania” assíria teve até impacto no estilo de alguns dos relevos criados durante o reinado do sucessor de Esarhaddon, Assurbanipal.¹⁶

PARA OS EGÍPCIOS, A CONQUISTA ASSÍRIA DE SUAS TERRAS foi um golpe traumatizante. Inicialmente reprimido, e em nenhum lugar mencionado na historiografia oficial do país, só muito mais tarde, em várias histórias populares egípcias, é que o assunto foi retomado. No Império Assírio, por outro lado, a campanha de 671 foi um evento celebrado em numerosas inscrições reais, algumas de caráter monumental. Estelas de Zincirli (antigo Sam'al na província turca de Gaziantep) e Tell A ḫ mar (antigo Til-Barsip no Médio Eufrates) mostram Esarhaddon segurando o príncipe herdeiro kushita capturado e outro prisioneiro em cordas de chumbo. A conquista do Egito permitiu que Esarhaddon reivindicasse orgulhosamente uma série de títulos adicionais. Ele agora não era mais apenas o “rei da Assíria, governador da Babilônia, rei da Suméria e Acádia, e rei de Kardunias (isto é, Babilônia)”, mas também “o rei dos reis do Baixo Egito, Paturisi (uma tradução assíria do termo egípcio para Alto Egito) e Kush (Núbia).¹⁷

Mas, para além do verniz das proclamações oficiais de triunfo, a inquietação do rei persistia – e aqueles que o rodeavam partilhavam dela. Enquanto suas tropas estavam no processo de conquista da cidade de Mênfis – e por algum tempo depois disso – Esarhaddon sentou-se em seu palácio e temeu por sua vida. Ele não estava apenas sofrendo de problemas de saúde, mas também assustado com maus presságios. Seu agente de confiança, Mar-Issar, informou-o de que um eclipse lunar total ocorreu no décimo quarto dia do mês de Tamuz (2 de julho de 671) e o aconselhou a realizar o chamado ritual do rei substituto. Acreditava-se que os eclipses lunares, especialmente quando o planeta Júpiter não estava visível, eram sinais de que o rei estava prestes a morrer. A solução foi colocar outra pessoa, geralmente um prisioneiro de guerra, um simplório ou algum outro estranho sem ligações com a família real, no trono, para assumir formalmente o papel de rei. Ele receberia vinho, jantaria e receberia uma virgem, que serviria como sua “rainha”. Mas depois de cem dias, no máximo, ele “seguiria para o seu destino” – um eufemismo que esconde o facto de que o rei substituto foi morto para absorver o mal que de outra forma teria acontecido ao verdadeiro monarca. Este último, o verdadeiro rei, era simbolicamente tratado pelos seus cortesãos como “o agricultor” durante o período do ritual, embora permanecesse efectivamente no comando dos assuntos políticos do império.¹⁸

O REI SUBSTITUTO ENTRONIZADO NA ASSÍRIA NO VERÃO de 671 manteve sua posição por cem dias antes de sua liquidação, no mês de Tashritu, selar seu destino como bode expiatório ritual. Durante todo o tempo, Esarhaddon retirou-se da vida pública, mantendo-se discreto.¹⁹

Nestas circunstâncias, muitos membros de alto escalão do establishment militar, político e religioso da Assíria devem ter achado difícil dar ao seu rei qualquer crédito pela campanha bem sucedida contra o Egito que acabara de ser concluída. Na verdade, houve apelos crescentes para a sua remoção do poder. À medida que o ano 671 avançava, vários grupos rebeldes, dependentes de diferentes líderes, começaram a conspirar contra Esarhaddon.

Suas atividades estavam centradas em três das cidades mais importantes da Assíria: Harran, Nínive e Ashur.²⁰

Harran tinha sido o lugar onde, no início do ano, Esarhaddon tinha rezado por uma vitória assíria sobre o Egito – e onde o deus da lua Sîn e o seu filho Nusku lhe tinham prometido que ele iria “avançar e conquistar todas as terras”. Numa reviravolta chocante, a cidade tornou-se agora palco de uma ampla conspiração contra o rei. Logo no início, uma declaração divina muito diferente daquela feita anteriormente por Sîn e Nusku proporcionou aos pretensos insurgentes um apoio teológico crucial. Conforme relatado em uma carta, uma escrava da casa de um certo Bel-ahu-usur, que vivia nos arredores de Harran, de repente começou a profetizar, dizendo: “É a palavra de Nusku: A realeza é para Sasî . Destruirei o nome e a descendência de Senaqueribe.” O “nome e descendência de Senaqueribe” identifica claramente Esarhaddon e os seus filhos como os alvos do golpe em evolução. O escritor da carta, um certo Nabû-rehtu-usur, afirmou que vários indivíduos estavam envolvidos nisso, entre eles pelo menos um eunuco, bem como a filha de um vice-vizir que era importante o suficiente para ter servido como epônimo em 676. Nabû- rehtu-usur estava tão preocupado que na carta ele implora repetidamente ao rei que “deixe essas pessoas morrerem, e rapidamente!” Ao mesmo tempo, sentindo necessidade de assegurar a Esarhaddon a sua lealdade pessoal, ele oferece súplicas que servem como uma espécie de contra-profecia às palavras da escrava: “Que o nome e a semente de Sasî, Bel-ahu-usur , e seus cúmplices pereçam, e que Bel e Nabû estabeleçam o nome e a descendência do rei, meu senhor, até dias distantes. Nabû-rehtu-usur conclui sua carta com um apelo: “Resgate sua vida das mãos dos eunucos!”²¹

Um eunuco também foi personagem central em outra tentativa de golpe realizada em 671, em Nínive. A informação sobre isso vem de uma carta extraordinária enviada a Esarhaddon por um certo Kudurru, provavelmente filho de um governante de Bit-Dakkuri, no sul da Babilônia, que havia sido deportado para a Assíria pelas tropas assírias em 675.²²

Aparentemente, Kudurru não era apenas um príncipe, mas também um estudioso – enquanto estava em cativeiro, ele foi forçado a copiar textos cuneiformes eruditos. De acordo com sua carta, seu conhecimento foi a razão pela qual ele se envolveu pessoalmente na conspiração emergente. Kudurru escreve que no mês de Arahsamna (VIII), um oficial do estado-maior do copeiro-chefe o buscou em sua prisão e perguntou-lhe: “Você não é um especialista na tradição dos escribas?” Kudurru foi então levado ao templo do “Senhor de Harran”, um epíteto do deus da lua Sîn, em Nínive – o mesmo lugar onde Senaqueribe poderia ter sido assassinado em 681. Em uma sala superior do templo, ele encontrou o camareiro , o copeiro-chefe e o superintendente da cidade — todos funcionários de posição extremamente elevada. Eles jogaram um assento para ele e beberam vinho com ele até o pôr do sol. Então eles chegaram ao ponto. Lembrando-lhe que ele não era apenas um escriba talentoso, mas também um adivinho experiente, eles ordenaram que Kudurru perguntasse ao deus Shamash se “o eunuco-chefe assumirá o reinado”.

Se ele não foi, de facto, iniciado desde o início, este foi o momento em que Kudurru deve ter percebido o que realmente estava a acontecer: ele tinha sido implicado - involuntariamente, afirma ele - num acto de alta traição cujo objectivo era depor Esarhaddon e substituí-lo pelo eunuco-chefe - provavelmente o mesmo Ashur-nasir que acabara de retornar vitorioso da campanha assíria contra o Egito. Via de regra, os eunucos eram considerados inadequados para ocupar o cargo mais alto na antiga Assíria, mas as realizações

militares de Ashur-nasir poderiam ter sido consideradas notáveis o suficiente para abrir uma exceção.

Kudurru afirma que não teve escolha senão cumprir a exigência feita pelos traidores: descobrir a vontade dos deuses por meio da adivinhação. Como teria sido muito visível abater um cordeiro e inspecionar suas entranhas, o que teria sido o procedimento padrão, ele recorreu à arte menos atraente da lecanomancia, isto é, a adivinhação com óleo. Ele se lavou no cenáculo do templo, vestiu roupas limpas e, tendo recebido dois odres cheios de óleo, derramou-os junto com um pouco de água em uma tigela. Os padrões criados pelos dois líquidos forneceram pistas que permitiram a Kudurru responder à pergunta que lhe foi feita – e ele respondeu um sonoro sim. O deus do sol havia indicado que o eunuco-chefe realmente assumiria o reinado.

Os conspiradores ficaram felizes em ouvir isso. No dia seguinte, eles expressaram sua gratidão a Kudurru oferecendo-se para libertá-lo, mandá-lo de volta para sua terra natal e torná-lo rei da Babilônia. A essa altura, porém, Kudurru havia começado a perceber que Esarhaddon poderia ter sido informado de todo o caso. Com medo de que “o rei pudesse ouvir sobre isso e me matar”, ele pegou um estilete e um pouco de argila e escreveu para Esarhaddon. Ele lhe disse que havia sido forçado a participar da conspiração e que seus pronunciamentos divinatórios não tinham sido “nada além de vento e ar”. Se o rei acreditou nas suas proclamações de inocência – e se eram realmente verdadeiras – permanece obscuro. Nenhum dos dois parece muito provável, no entanto. Kudurru pode muito bem ter sido um co-conspirador desde o início e pode ter sido punido em conformidade.

Ainda outra conspiração contra Esarhaddon ocorreu no outono de 671 na antiga capital religiosa da Assíria, Ashur. Como mencionado, seu instigador foi um prefeito de Ashur chamado Abdâ, que procurou tornar-se rei e justificou sua reivindicação ao trono com mensagens transmitidas a ele em dois sonhos. Curiosamente, o enigmático Sasî, que a escrava de Harran anunciou na sua profecia como o futuro rei, também aparece na história de Abdâ. Nabû-ushallim, informante de Esarhaddon, sugere que Sasî estava de alguma forma envolvido na conspiração. Ele acrescenta que uma carta anterior que ele escreveu sobre os acontecimentos caiu nas mãos de Sasî e desapareceu.

A ALTA TRAIÇÃO TORNOU-SE QUASE ROTINA NA ASSÍRIA NO outono de 671 AEC . Três conspirações ocorreram durante esse período, cada uma delas eclodida em uma grande cidade assíria e apoiada por alguns dos mais altos funcionários do Império Assírio. Mesmo doente, fraco e cansado como estava, Esarhaddon conseguiu sobreviver a essas tentativas bem planejadas de removê-lo do poder.

A razão pode ser encontrada na controversa ascensão do rei ao trono. Esarhaddon nunca se esqueceu de sua época como príncipe herdeiro, quando as maquinções de seus irmãos levaram ao seu exílio temporário da corte de Nínive e ao eventual assassinato de seu pai, Senaqueribe. Plenamente consciente de que ele próprio e o seu príncipe herdeiro, Assurbanipal, poderiam ser vítimas de uma conspiração semelhante, o rei tomou medidas para evitar uma repetição dos acontecimentos de 681. Entre outras coisas, ele transformou os arsenais fortemente fortificados de Nínive e Calá em residências. alojamento para si e parte de sua família. Aqui ele estava mais protegido contra possíveis tentativas de assassinato do que nos palácios onde havia vivido anteriormente.²³

Ainda mais importante, porém, foi a transformação da Assíria por Esarhaddon num novo tipo de estado de vigilância. A sobrevivência, o rei pode ter percebido (com Jim Prideaux de John le Carré), “é uma capacidade infinita de suspeita”. Ao contrário de tempos anteriores, durante o reinado de Esarhaddon a denúncia de elementos políticos não confiáveis já não era apenas encorajada, mas tornou-se um dever para todos os cidadãos assírios, fossem homens ou mulheres, de alto ou baixo nível. Ao jurar lealdade a Esarhaddon e Assurbanipal em 672, todos os assírios, e todos os governantes vassalos, tiveram que se comprometer com uma exigência que deixa isso bem claro:

Se você ouvir qualquer palavra má, imprópria e feia que não seja adequada nem boa para Assurbanipal, o grande príncipe herdeiro designado, seja da boca de seu inimigo ou da boca de seu aliado, ou da boca de seus irmãos ou do da boca de seus tios, de seus primos, de sua família, de membros da linhagem paterna, ou da boca de seus irmãos, de seus filhos, de suas filhas, ou da boca de um profeta, de um extático, de um intérprete de sonhos, ou da boca de um de qualquer ser humano, você não deve ocultá-lo, mas venha e relate-o a Assurbanipal, o grande príncipe herdeiro designado, filho de Esarhaddon, rei da Assíria. ²⁴

Embora fosse anacrônico comparar a Assíria de Esarhaddon com os estados totalitários dos séculos XX e XXI, é difícil não sentir um certo “espírito estalinista” nesta passagem, com o seu encorajamento aberto à espionagem dos membros mais próximos da família. Além disso, é de particular interesse a preocupação específica da cláusula com comentários políticos depreciativos feitos por profetas, extáticos e intérpretes de sonhos. Com uma precisão quase fantástica, antecipou o que realmente aconteceu apenas cerca de um ano depois das cerimônias de juramento de 672, quando os conspiradores em Harran confiaram nas declarações de uma profetisa; os de Nínive solicitaram que um especialista babilônico realizasse adivinhação com óleo; e em Ashur, Abdâ encontrou incentivo para suas perigosas ambições em dois sonhos.

Apesar da sua considerável força militar e das garantias divinas que receberam, os inimigos de Esarhaddon foram incapazes de levar a cabo os seus planos subversivos. No final, todos foram traídos. Os juramentos de lealdade feitos pelos súditos assírios do rei em 672 realmente funcionaram. As conspirações em Harran, Nínive e Ashur, e numerosos outros actos de insubordinação, são conhecidos hoje porque pessoas de todo o império e de todas as esferas da vida informaram o rei sobre o clima político nas suas esferas pessoais e profissionais. Eles o inundaram com cartas – encontradas cerca de dois milênios e meio depois em Nínive – sobre atividades que consideravam suspeitas.

Algumas dessas cartas eram anônimas, enquanto outras foram escritas por pessoas que tentavam cair nas boas graças do rei, expressando sua devoção a ele nos termos mais obsequiosos: “Por que eu não deveria abraçar o chão onde estão os rastros da carruagem do rei? , meu senhor, passou? é como o astrólogo Nabû-ahhe-eriba expressa ao escrever a Esarhaddon no verão de 671. Ocasionalmente, as acusações feitas pelos redatores das cartas tornam-se históricas. Um informante anônimo de Guzana, por exemplo, informa ao rei que Tarsi, um oficial poderoso, e sua esposa Zazâ haviam insultado mensageiros reais, e que Zazâ e a esposa anônima de um sacerdote local estavam empenhados em “tirar a lua do céu”, um

ato de bruxaria que deveria ser punido, na opinião do autor da carta, com a morte. O mesmo escritor acusa então um cocheiro de ter colocado as mãos num instrumento ritual e ter dito: “(Alguém) traga-me uma faca de ferro, para que eu possa cortar (sua parte pontiaguda) e enfiá-la na bunda do governador”. Muitas vezes é muito difícil estabelecer se denúncias como estas foram baseadas em factos ou em ficção.²⁵

A MAIORIA DAS PESSOAS QUE SENTIRAM NECESSIDADE DE DENUNCIAR os seus concidadãos em 671 eram provavelmente assírios comuns com machados para moer, mas alguns podem ter sido informadores profissionais. Nabû-ushallim, por exemplo, que escreveu a Esarhaddon sobre a conspiração de Abdâ em Ashur, começa sua mensagem afirmando: “Por causa do que vejo e ouço e traio ao rei, meu senhor, por causa disso, muitas pessoas me odeiam e estão conspirando para me matar.” A observação traz à mente os famosos “olhos e ouvidos do rei” que, segundo Heródoto, Plutarco e outros autores gregos, espionavam em nome dos governantes do Império Persa. Revela também que ser um bisbilhoteiro profissional não fazia de ninguém um membro particularmente querido da comunidade na antiga Assíria.

Esarhaddon não empregou apenas espiões para observar o que estava acontecendo. Aparentemente, ele também se infiltrou em alguns dos círculos dirigentes das principais cidades da Assíria com agentes provocadores. A tarefa destes homens era incitar activamente os seus alvos a iniciar uma rebelião, ou induzi-los a discutir a possibilidade de o fazer, a fim de estabelecer se eram súditos leais do rei ou traidores que tinham de ser eliminados. O mais notável destes agentes foi, com toda a probabilidade, ninguém menos que Sasî, o homem que desempenhou um papel tão proeminente nas conspirações em Harran e Ashur, e também em alguns outros episódios de turbulência política. O papel de Sasî como “agente duplo” não é explicitamente reconhecido em nenhum lugar, mas dado que ele provavelmente ainda estava vivo e bem durante os primeiros anos de Assurbanipal, quando tinha relações estreitas com o cocheiro do novo rei, Remanni-Adad, não se pode duvidar que Sasî sempre esteve do lado da família real assíria. Caso contrário, deve-se supor, ele teria sido morto por seu envolvimento nos crimes políticos dos quais várias cartas a Esarhaddon o acusam.²⁶

Pois esse foi o destino de muitos dos rebeldes e agitadores que participaram nas várias conspirações levadas a cabo contra Esarhaddon em 671 – e provavelmente também de algumas pessoas que foram incriminadas injustamente. Conforme relata a Crônica Babilônica, num breve verbete referente ao ano 670: “O rei executou um grande número de seus nobres na Assíria”. Nenhuma outra nota deste tipo é encontrada na crônica, o que torna provável que o expurgo, presumivelmente implementado por Esarhaddon no início do ano, tenha sido de proporções massivas. Numerosos membros da elite assíria devem ter morrido de forma violenta. O massacre consolidou a posição de Esarhaddon como rei e a de Assurbanipal como príncipe herdeiro, mas não podemos deixar de nos perguntar se a perda de tantos oficiais e administradores capazes e experientes não teve um efeito adverso nas perspectivas a longo prazo do Estado assírio.²⁷

Esarhaddon, de qualquer forma, só se tornou mais misantrópico ao longo destes acontecimentos. No outono de 671, quando as insurgências em Harran, Nínive e Ashur estavam prestes a ser reprimidas, ele ordenou que outro ritual substituto do rei fosse iniciado e retirado novamente da vista do público. A execução, poucos meses depois, dos nobres acusados de alta traição não ajudou muito a melhorar seu humor. Como escreve o médico-

chefe de Esarhaddon, Urad-Nanaya, embora “os criminosos que conspiraram contra a bondade do rei” tenham sido “apanhados” por essa mesma bondade, sua traição “tornou todas as outras pessoas odiosas aos olhos do rei, como se um curtidor os tivesse untado com óleo de peixe.”²⁸

Os anos 671 e 670 foram cheios de drama e contradições. Apesar do seu espetacular triunfo militar, Esarhaddon enfrentou sérias tentativas de removê-lo do poder e emergiu dos acontecimentos exausto e profundamente desconfiado. Mesmo assim, no outono de 669, ele embarcou em outra campanha, que acabou sendo a última. Foi novamente dirigida contra o Egito, onde o domínio assírio desmoronou em apenas um ano. No caminho para o Nilo, Esarhaddon adoeceu. Ele faleceu no décimo dia do mês de Arahsamnu (1º de novembro). Seu corpo foi levado de volta para Ashur, onde o rei, após um suntuoso funeral de estado, encontrou o descanso final que secretamente esperava há algum tempo.²⁹

O filho e sucessor de Esarhaddon, Assurbanipal, tentou muito ser um tipo muito diferente de rei. Ansioso por nunca demonstrar a fraqueza do pai, ele lutou pela perfeição. No entanto, como se viu, o novo governante da Assíria também era um homem perturbado. Assurbanipal impulsionaria a qualidade da literatura e da arte assírias a níveis sem precedentes, mas o seu estilo político idiossincrático contribuiu para uma crise acelerada que acabaria por levar à queda do império.

Erudito, Sádico, Caçador, Rei

A maioria dos governantes assírios dos séculos VIII e VII AEC eram políticos e militares astutos, interessados em conquistas e em grandes projetos de construção. O filho e sucessor de Esarhaddon, Assurbanipal, que governou de 669 a 631, claramente queria se destacar também nessas áreas. Num texto autobiográfico único, composto no início do seu reinado, o último “grande” rei do Império Assírio descreve a sua criação e a sua educação numa variedade de artes marciais e políticas:

Eu galopava em puro-sangue, montava garanhões que estavam ansiosos para partir. Fiz flechas voarem como convém a um guerreiro. Atirei lanças trêmulas como se fossem dardos. Peguei as rédeas de uma carruagem como um cocheiro e fiz girar os aros das rodas. Ao mesmo tempo, eu estava aprendendo o comportamento senhorial adequado, familiarizando-me com os costumes da realeza. Fiquei diante do rei que me gerou, dando ordens aos funcionários. Nenhum governador foi nomeado sem mim, nenhum prefeito foi empossado sem meu consentimento. ¹

Mas ter aprendido a ser duro e acumular poder não foi suficiente para Assurbanipal. Além disso, afirma ele, recebeu a formação de um verdadeiro estudioso e literato:

Aprendi o ofício do sábio Adapa, o conhecimento secreto de todas as artes dos escribas. Tornei-me versado nos sinais do céu e da terra e posso discuti-los em uma assembléia de estudiosos. Posso discutir com adivinhos especialistas sobre (o capítulo) “Se o Fígado é um Espelho do Céu”. Consigo resolver divisões e multiplicações complicadas que não têm solução fácil. Li textos habilmente escritos em sumério e acadiano obscuros que são difíceis de interpretar. Examinei cuidadosamente os sinais cuneiformes em pedras que datam de antes do Dilúvio, cujo significado é selado, inacessível e confuso.

Assurbanipal queria tudo. Ele tinha a ambição de ser um verdadeiro “homem da Renascença” ou, para ser menos anacrônico, um novo Gilgamesh. Como o famoso herói de outrora, primeiro explorador e guerreiro, depois sábio, Assurbanipal desejava combinar as qualidades do conquistador com as do rei filósofo. A passagem sobre sua formação

intelectual alude, na verdade, a uma frase do início da Epopeia Babilônica de Gilgamesh: “Ele viu o segredo e descobriu o oculto, / Ele trouxe de volta a instrução de antes do Dilúvio”.²

Como rei, Assurbanipal deixou um registro que afirmava em termos inequívocos que seu reinado correspondeu às suas ambições elevadas. Na sua “autobiografia”, ele descreve os efeitos da sua ascensão ao poder como nada menos que milagrosos: “As armas preparadas pelos inimigos pararam, dissolveram a sua ordem de batalha bem organizada. Homens descarados se acalmaram. Dentro da cidade e da casa, ninguém tirava nada do vizinho à força. Um viajante sozinho caminhava em segurança por estradas remotas. Crimes violentos não ocorreram.” Até a natureza teve de se adaptar ao novo período de harmonia e prosperidade que começou com o governo de Assurbanipal. Num longo texto da década de 640, o rei afirma que, após a sua ascensão, “o deus Adad libertou as suas chuvas e Ea abriu as suas fontes. O grão tinha cinco côvados de altura em seu sulco e as espigas de milho tinham cinco sextos de côvado de comprimento (cerca de 38 centímetros ou 15 polegadas). Os pomares estavam repletos de frutas e o gado dava à luz seus filhotes. Durante o meu reinado, houve plenitude e abundância.”³

Vários estudiosos modernos endossaram a ideia de que o governo de Assurbanipal trouxe conhecimento, progresso e bem-estar geral. O assiriologista francês René Labat, chamando o rei de “iluminado”, sublinha a sua erudição e o seu investimento na criação das enormes colecções de tabuinhas descobertas em Nínive. De acordo com Labat, Assurbanipal é a prova viva de que o arqueólogo Jacques de Morgan estava totalmente errado ao descrever “o assírio” como “nem um artista, nem um literato, nem um estudioso do direito”. O historiador austríaco Sebastian Fink argumenta que Assurbanipal demonstrou uma compreensão tão aguçada da oferta e da procura e da evolução dos preços que deveria ser considerado um verdadeiro especialista económico. E a assirióloga japonesa Sanae Ito chega ao ponto de chamar Assurbanipal de “humanista”, embora com um ponto de interrogação, porque o rei, afirma ela, tratava igualmente os seus interlocutores na cena diplomática, mostrava pena dos inimigos derrotados, estava disposto a comunicar com pessoas de alto e baixo nível, e supostamente acreditava em boas intenções.⁴

Na verdade, há aspectos do reinado do rei que não podem deixar de impressionar, entre eles, mais notavelmente, as bibliotecas reais de Nínive e os baixos-relevos altamente elaborados que revestiam as paredes dos palácios de Assurbanipal. Os estudiosos modernos que procuram reconstruir o mundo intelectual da antiga Mesopotâmia continuam a confiar fortemente no primeiro, enquanto os frequentadores de museus modernos obtêm um prazer estético considerável ao olhar para o segundo. Para a maioria das pessoas do século VII A.C., contudo, a sofisticada cultura literária e visual da corte real assíria teve pouca importância – outros factores que definiram o reinado de Assurbanipal foram mais importantes. Quando se lê nas entrelinhas das próprias inscrições de Assurbanipal e se leva em conta outras fontes, como cartas e textos económicos, surge um quadro bastante diferente daquele que o próprio rei procurou promover do seu reinado.

OS EXÉRCITOS DE ASSURBANIPAL ESTIVERAM ENVOLVIDOS EM INÚMERAS GUERRAS, algumas delas longas e sangrentas. O gosto do rei pela leitura e pelo estudo claramente não o transformou num pacifista. Durante os primeiros anos de Assurbanipal no trono, o foco principal das operações militares da Assíria foi o Egito, onde o faraó kushita Taharqa, deposto em 671 aC, encenou

um retorno lenta mas constante. Depois que a última campanha de Esarhaddon em 669 teve de ser abortada, Taharqa consolidou sua posição. Em 667, Assurbanipal despachou seu exército para reconquistar o Egito. Os vassalos assírios no Levante e no Mediterrâneo Oriental, entre eles o rei da Judéia Manassés e os governantes de Edom, Moabe e Chipre, apoiaram o esforço de guerra assírio com tropas auxiliares, barcos e outros equipamentos, e depois de derrotar as tropas inimigas no norte Egito, os assírios tomaram Mênfis pela segunda vez. O Faraó Taharqa foi forçado mais uma vez a fugir para o sul, onde morreu pouco depois. Vários governantes mesquinhos do norte do Egito que conspiraram com ele foram feitos prisioneiros e levados para Nínive. Um deles foi Necho de Sais, que desempenhou um papel particularmente crucial na política egípcia durante este período. Percebendo que a Assíria era incapaz de governar o Egito sem a sua cooperação, Assurbanipal o fez fazer um novo juramento de lealdade e o enviou de volta ao Egito. ⁵

Entretanto, Taharqa foi substituído pelo seu sobrinho Tanutamun, que estava ansioso por retomar o controle das autoridades assírias recém-empossadas. Suas tentativas de restabelecer o domínio kushita levaram a mais uma invasão assíria do Egito, realizada em algum momento entre 666 e 664 AC. As tropas de Assurbanipal encontraram novamente pouca resistência. Desta vez, marcharam para sul até Tebas, a famosa capital do Alto Egito e um dos centros urbanos mais ricos do mundo. Depois de conquistar a cidade, os soldados assírios iniciaram uma onda de saques. Em antecipação às práticas romanas posteriores, eles tomaram como seu maior prêmio “dois obeliscos altos, fundidos com metal *za ḥ alû brilhante* , cujo peso era de 2.500 talentos (72 toneladas métricas, ou 80 toneladas americanas) e que ficavam no portão de um templo.” ⁶

Mas os esforços de Assurbanipal para garantir o controle permanente do Egito revelaram-se inúteis. A campanha contra Tanutamun foi a última vez que os assírios intervieram no Egito com uma grande força militar. No rescaldo da campanha, Assurbanipal nomeou o filho de Necho, Psamtik I, como o novo governante de Mênfis e Sais. Mas pouco depois da sua instalação, Psamtik levantou-se contra a guarnição assíria, derrotou vários rivais internos e reuniu o Egito como fundador da nova Vigésima Sexta Dinastia. Governou durante mais de cinquenta anos, posicionou mercenários da Grécia e da Cária (no sudoeste da Anatólia) no norte do Egito para proteger as suas fronteiras – e a certa altura alegadamente tentou descobrir qual era a língua original da humanidade. Quando ele finalmente morreu, em 610 A.C. , o Império Assírio havia sido relegado à lata de lixo da história. ⁷

A ascensão de Psamtik foi facilitada pela ajuda militar fornecida por Giges da Lídia, outro ex-aliado assírio que se tornou rebelde. Giges governou porções consideráveis do oeste da Ásia Menor e não foi apenas uma figura da história, mas também da memória: mais tarde foi convocado por Platão como dono de um anel que lhe concedia o poder de se tornar invisível, e alguns estudiosos o associam ao O Gogue apocalíptico da Bíblia. No início do reinado de Assurbanipal, Giges causou grande agitação na corte assíria com um mensageiro montado que despachou para lá. Inicialmente, ninguém foi capaz de entender o que o mensageiro estava dizendo, mas de alguma forma - uma quebra no texto esconde o meio exato - a comunicação com ele foi estabelecida, e Assurbanipal recebeu uma notícia feliz: Gyges tinha visto o deus Ashur em um sonho, e isso o levou a solicitar a amizade de Assurbanipal e a ajuda assíria contra os cimérios, que continuavam exercendo pressão militar sobre os reinos da Anatólia e do Levante. ⁸

Foi outro começo promissor – e outro episódio político que terminaria em amarga decepção para Assurbanipal. Talvez desencantado com a falta de apoio do seu novo amigo no leste, Gyges não permaneceu aliado por muito tempo. Em vez disso, ele se voltou contra a Assíria e ajudou Psamtik, inimigo de Assurbanipal, a obter sua independência. Para o rei assírio, a deserção de Gyges foi um revés terrível. O fato de o governante lídio ter sido mais tarde varrido pelos cimérios pouco lhe serviu de consolo. Tal como as suas tentativas de consolidar o seu domínio sobre o Egito, os esforços de Assurbanipal para exercer controlo indirecto sobre o oeste da Ásia Menor foram praticamente desperdiçados.

OUTRO IMPORTANTE TEATRO DE GUERRA DURANTE o reinado de Assurbanipal foi Elam, no oeste do Irã, onde os exércitos assírios intervieram em diversas ocasiões. O cenário político de Elam era extremamente fragmentado, com numerosos concorrentes disputando o poder. Isto facilitou os avanços de curto prazo das tropas assírias, mas dificultou-lhes a tomada de controlo total do país.

Em 653, o rei elamita Teumman, “a própria imagem de um demônio”, como foi descrito por Assurbanipal, tentou virar a situação lançando seu próprio ataque surpresa ao coração da Assíria. Mas os espiões assírios souberam de seus planos e Assurbanipal iniciou uma contra-ofensiva. Os elamitas foram forçados a recuar, com as tropas assírias em sua perseguição. Eventualmente, os dois lados se encontraram em Til Tuba, no rio Ulay (o moderno Karun no oeste do Irã), onde se seguiu uma batalha campal, mais tarde retratada em Nínive em baixos-relevos possivelmente influenciados por modelos egípcios. Os assírios prevaleceram e um soldado comum cortou a cabeça de Teumman, que foi enviada à Assíria e exposta em uma série de desfiles de vitória. Ummanigash, um príncipe elamita que antes, junto com sessenta membros da família, havia fugido para a Assíria, foi empossado como rei de Elam, e seu irmão mais novo, Tammaritu, tornou-se governante da cidade de Hidalu.⁹

Em inscrições posteriores ao seu reinado, Assurbanipal sugere que ele participou pessoalmente da campanha que levou à derrota desastrosa de Teumman. Ele até afirma ter sido quem cortou a cabeça de Teumman. Mas o primeiro relato do rei sobre a operação conta uma história muito diferente. Começa com Assurbanipal pedindo à deusa guerreira Ishtar que lhe conceda a vitória sobre o malvado rei elamita, o que a deusa, influenciada por suas súplicas chorosas, promete fazer. Então, durante a noite, um vidente profissional “deitou-se e teve um sonho”:

A deusa Ishtar que reside em Arbela veio em minha direção. Ela tinha aljavas penduradas à direita e à esquerda, segurava um arco ao lado do corpo e desembainhava uma espada afiada, pronta para a batalha. Você (Assurbanipal) estava diante dela, e ela falava com você como uma mãe, dizendo: “Você está ansioso para travar a guerra. Mas eu mesmo estou prestes a partir em direção ao meu destino (o campo de batalha). Você então lhe disse: “Onde quer que você vá, ó Senhora das Damas, deixe-me ir com você”. Ela respondeu a você: “Você permanecerá no lugar onde está atualmente. Coma, beba vinho, divirta-se e reverencie minha divindade. Enquanto isso, irei realizar esta tarefa. Seu rosto não ficará pálido, seus pés não tremerão, você não enxugará seu suor no meio da batalha.” Ela levou você em seu doce abraço e protegeu todo o seu corpo. O fogo

acendeu-se diante dela e furiosamente ela saiu e avançou em direção a Teumman, o rei de Elam.¹⁰

Foi uma notável epifania divina – e conveniente para o rei, a quem foi imediatamente relatada. Na verdade, parece quase conveniente demais, tanto que se suspeita que a suposta revelação não tenha sido nada disso, mas uma desculpa fabricada por Assurbanipal. Seja como for, Assurbanipal deve ter ficado encantado com a perspectiva de ser dispensado do dever de ir à guerra. Os primeiros reis assírios também não haviam lutado nas linhas de frente, mas pelo menos estiveram presentes a alguma distância quando suas tropas enfrentaram o inimigo na batalha. Assurbanipal, por outro lado, simplesmente ficou em casa, recitou algumas orações – e se divertiu. Dada a retórica beligerante das suas inscrições reais, que enfatizam a destreza do rei e a sua perícia com vários tipos de armas, muitos dos seus súbditos devem ter ficado irritados com esta falha em comparecer num momento de crise real, interpretando-a como uma falta de coragem; e todo o incidente, incluindo o episódio do sonho, pode ter moldado a imagem posterior de Assurbanipal como um preguiçoso buscador de prazeres.¹¹

Os acontecimentos de 653 não apenas mancharam a reputação de Assurbanipal, mas o resultado da batalha em Til Tuba provou ser uma vitória de Pirro, pois Elam estava longe de ser derrotado. Quando apenas um ano depois, o irmão de Assurbanipal, Shamash-shumu-ukin, iniciou uma rebelião, o recém-nomeado rei elamita Ummanigash imediatamente ficou do lado dos rebeldes.

O CONFLITO ENTRE ASSURBANIPAL E SHAMASH-SHUMU-UKIN, o rei da Babilônia, foi carregado de emoção como nenhuma outra guerra na história assíria. Os dois antagonistas reais eram irmãos, e os dois governos envolvidos, Assíria e Babilônia, eram civilizações irmãs que compartilhavam muitas tradições culturais e religiosas. Como Esarhaddon, pai de Assurbanipal, descobriu, a rivalidade entre irmãos pode levar a uma crueldade particular. Os irmãos podem assemelhar-se não apenas em termos de características físicas e mentais, mas também no que diz respeito aos objetos que desejam possuir – seja uma mulher, um trono ou a propriedade de um pai. Tal desejo mimético pode facilmente levar a conflitos sangrentos.

¹²

Quando Esarhaddon decidiu nomear seu filho mais novo, Assurbanipal, como próximo rei da Assíria, ele na verdade previu essa possibilidade. Ansioso por apaziguar seu filho mais velho, Shamash-shumu-ukin, e dar-lhe algo próprio para satisfazer suas ambições, ele o instalou como rei da Babilônia. O acordo foi um compromisso inteligente e poderia ter funcionado se Assurbanipal tivesse respeitado a autonomia limitada do seu irmão. Mas profundamente fascinado como estava pela cultura babilônica, escriba ou não, a tentação de interferir nos assuntos políticos e religiosos de seu irmão era simplesmente grande demais. Conforme indicado por inúmeras inscrições, foi Assurbanipal quem executou (ou recebeu o crédito por) grande parte dos trabalhos de construção realizados na Babilônia entre 668 e 652. Assim, mesmo dentro do pequeno domínio que deveria ser seu, Shamash-shumu-ukin teve que tocar o segundo violino.

Oficialmente, os dois reis se deram bem durante os primeiros quinze anos do reinado de Shamash-shumu-ukin. Eles se dirigiam carinhosamente como “irmão favorito”. Assurbanipal

esperava que Shamash-shumu-ukin realizasse ritos religiosos babilônicos e se envolvesse com a cultura tradicional, mas se abstinhasse de realizar sua própria política transregional, e Shamash-shumu-ukin correspondeu a essas expectativas. Ele desempenhou o papel que lhe foi atribuído – servir como uma espécie de papa babilônico – com bastante fidelidade. Ele compôs inscrições eruditas, embora gramaticalmente defeituosas, na antiga língua suméria e promoveu o culto a Marduk e outros deuses babilônicos. Exceto Ishtar de Nínive, cujo templo na Babilônia ele patrocinou, Shamash-shumu-ukin se absteve de se envolver com divindades assírias, principalmente Ashur. Ele abandonou em grande parte sua identidade assíria, substituindo-a por uma identidade babilônica. Mas a certa altura, ele ficou farto da intromissão interminável de Assurbanipal – e começou, secretamente, a montar uma coligação de forças anti-assírias, incluindo elamitas, arameus, caldeus, árabes e outros, para se livrar do jugo do seu irmão.¹³

Assurbanipal tomou conhecimento da rebelião emergente na primavera de 652. Em uma carta ao povo da Babilônia enviada no vigésimo terceiro dia do mês de Ayyaru (II), ele fez um último esforço para evitar a guerra: “Eu ouvi as palavras mentirosas que este meu não-irmão falou com você. Na verdade, eles não passam de mentiras. Não confie nele. Juro por Ashur e Marduk, meus deuses, que nunca ponderei em meu coração nem falei com minha boca nenhuma das coisas detestáveis de que ele me acusou. Se você não quer se manchar com ele neste caso, deixe-me ver imediatamente uma resposta à minha carta. Mas era tarde demais. Shamash-shumu-ukin, seu “não-irmão”, como Assurbanipal o chamaria de agora em diante, comandou o apoio de seus súditos babilônicos, e a ação militar tornou-se inevitável. No décimo nono dia do mês de Tebetu (X), começaram as hostilidades.¹⁴

As guerras civis são frequentemente mais “totais” do que os conflitos convencionais entre nações. Neles o privado torna-se político e o privado político. O conflito entre Assurbanipal e Shamash-shumu-ukin, travado de 652 a 648 AC, é um bom exemplo. Durante os seus primeiros dois anos, ocorreram numerosos confrontos entre os exércitos assírio e babilônico em toda a Babilônia. As principais cidades mudaram repetidamente de mãos. Nippur, por exemplo, inicialmente no acampamento de Shamash-shumu-ukin, caiu no final de 651 nas mãos dos assírios. Cuta, por outro lado, inicialmente um aliado assírio, foi capturado no mesmo ano pelas tropas babilônicas. Em todas estas ocasiões, as populações civis, divididas por alianças conflitantes, sofreram dificuldades consideráveis. Vários reis sucessivos de Elam e vários líderes tribais árabes enviaram reforços a Shamash-shumu-ukin. Antigos aliados de Assurbanipal, principalmente o governador de Sealand, no sul da Babilônia, um homem chamado Nabû-bel-shumate, mudaram de lado e fugiram para Elam, um ato de traição que enfureceu Assurbanipal mais do que quase qualquer outra coisa.

Apesar de vários reveses sérios, no verão de 650 a maré mudou decisivamente a favor dos assírios. No décimo primeiro dia do mês de Du'uzu (IV), eles sitiaram a Babilônia. As cidades de Borsippa, Cutha e Sippar também foram sitiadas. Pode ter sido nessa época que Sherua-etirat, a irmã dos dois irmãos em guerra, tentou convencer Shamash-shumu-ukin a se submeter. Seu envolvimento no conflito é descrito em uma narrativa dramatizada conhecida em um papiro egípcio do século IV AC. Assurbanipal, chamado Sarbanabal, é o herói, e Shamash-shumu-ukin, chamado Sarmugi, o vilão da história. Sarbanabal mostra uma contenção inicialmente louvável quando ouve sobre a rebelião de Sarmugi. Em vez de retaliar imediatamente, ele está disposto a dar uma última chance ao irmão. Este é o ponto onde Sherua-etirat – cujo nome é traduzido como Saritra – aparece. Sarbanabal a envia para a

Babilônia como sua emissária para negociar uma solução pacífica com seu irmão infiel. Saritra monta em uma carruagem e parte para sua missão. Ao chegar à Babilônia, Sarmugi zomba dela e até abusa dela fisicamente, mas Saritra permanece na mensagem, lembrando ao irmão seu status e ressaltando que até uma empregada merece algum respeito. Quando seus apelos a Sarmugi para que se renda e se arrependa se revelaram inúteis, ela o aconselhou a se refugiar no templo de Marduk. Saritra então retorna para reportar a Sarbanabal, que ordena que seu marechal de campo e o exército assírio ataquem a Babilônia. Saritra é enviado de volta à Babilônia em mais uma missão de paz, mas é tarde demais. O templo de Marduk é incendiado e Sarmugi morre nas chamas.¹⁵

É claro que este “Conto de Dois Irmãos” é um texto literário e não um relato histórico. Mas o que aconteceu na Babilônia perto do fim do conflito não foi, na verdade, tão diferente da história do papiro. O cerco assírio à Babilônia durou mais de dois anos e trouxe enorme sofrimento. Assurbanipal descreve a situação da população da cidade em termos gráficos:

Eles comiam cachorros e mangustos. O pecado deles foi grande. Eles roíam peles de animais, tiras de couro, sapatos e sandálias. Em vez de pão, comeram a carne dos filhos; em vez de cerveja, beberam o sangue das filhas. Eles se tornaram como cadáveres. Os rostos das pessoas escureciam como se fossem fumaça de depressão e luto. Nas praças da cidade, o jovem viu a jovem nua, e a jovem o jovem. A peste e a doença reduziram as pessoas. Seus cadáveres obstruíam as ruas e becos. Um silêncio mortal foi derramado. Os depósitos do povo foram devastados, seus campos choraram e prantearam, e seus cursos de água, que antes jorravam água em abundância, estavam agora cheios de lodo.¹⁶

O que é aqui delineado, com alegre triunfo, é um quadro deprimente de catástrofe humanitária e colapso social, assustadoramente semelhante às “guerras totais” de data mais recente. No final, todos os sacrifícios do povo babilônico foram em vão. Em meados de 648, a Babilônia caiu nas mãos das tropas assírias. De acordo com a história da intervenção malsucedida de Saritra, Shamash-shumu-ukin morreu nas chamas de seu palácio, seja por acidente, por suicídio ou por assassinato.

Assurbanipal substituiu seu irmão por um novo rei fantoche chamado Kandalanu, que não deixou inscrições e teve tão poucas oportunidades de se distinguir que alguns historiadores modernos sugeriram - provavelmente erroneamente - que ele nada mais era do que um estandarte de metal representando Assurbanipal. Durante os vinte anos seguintes, a Babilônia permaneceu calma. Mas o ódio que o tratamento brutal de Assurbanipal às suas terras tinha plantado nos corações dos babilônios germinaria e acabaria por produzir mais uma rebelião anti-assíria – uma finalmente mais bem sucedida do que todas as outras que a precederam.

Durante a guerra civil entre Assurbanipal e Shamash-shumu-ukin, os elamitas apoiaram o lado babilônico. Agora, com seu irmão fora do caminho, Assurbanipal finalmente teve a chance de se vingar de sua interferência constante. Foi ainda mais devastador do que o cerco do rei à Babilônia. Em 646, depois de muitos combates anteriores, as tropas assírias entraram na capital elamita, Susa, e envolveram-se numa orgia de destruição. Eles demoliram o zigurate depois de despojá-lo dos “chifres” de cobre instalados em seu topo, saquearam os

tesouros do palácio, demoliram os templos da cidade e “contaram seus deuses e deusas como fantasmas”, aparentemente uma alusão à destruição de alguns dos estátuas das divindades da cidade. Susa se juntaria às outras cidades elamitas desertas como lar de gazelas e onagros.

Na sequência do ataque à capital elamita, estátuas de dezanove divindades elamitas e trinta e dois reis elamitas foram removidas e levadas para a Assíria, juntamente com os ossos dos reis, que tinham sido removidos dos seus túmulos profanados. Uma estátua da deusa Nanaya, apreendida há mais de mil anos pelo governante elamita Kudur-Nahhunte, foi devolvida à sua cidade natal, Uruk. Nabû-bel-shumate, finalmente encurralado, cometeu suicídio por procuração: seu assistente pessoal o matou com uma espada e foi simultaneamente esfaqueado até a morte por seu mestre. O rei elamita Ummanaldashu preservou o cadáver do governador de Sealand em sal e o enviou para Assurbanipal, antes de ser ele próprio destituído de seu poder e terminar seus dias como cativo em Nínive, onde teve que servir comida ao rei assírio e, durante festivais religiosos, puxar sua carruagem como um cavalo.¹⁷

Em 645, Assurbanipal poderia alegar que suas tropas haviam derrotado dois inimigos particularmente perigosos: Babilônia e Elam. Mas essas vitórias seriam uma bênção muito confusa. A Babilônia estava ganhando tempo, preparando-se para uma nova guerra. E a destruição de Elã desmantelou um Estado que mantinha outra potência sob controle, uma potência que estava pronta a levantar-se contra o Império Assírio: os medos.

Durante o final da década de 640, as tropas assírias lutaram contra várias tribos árabes, mas sem obter qualquer controle duradouro sobre elas. Em algumas das últimas inscrições conhecidas de seu reinado, datadas de 639 ou 638, Assurbanipal relata que os governantes de países distantes como a Pérsia, Dilmun (atual Bahrein) e Qadê (atual Omã) enviaram mensageiros com presentes preciosos aos assírios. tribunal – encontros diplomáticos que foram em grande parte de natureza simbólica. Depois, durante os últimos oito anos de Assurbanipal no poder, as fontes ficaram completamente silenciosas. É claro que não se pode descartar que isso se deva aos acidentes da descoberta. Mas parece mais provável que a ausência de inscrições reais nos últimos anos de Assurbanipal seja o resultado de uma crescente crise política e econômica que assola o império.

AS TENTATIVAS DE ASSURBANIPAL DE SE APRESENTAR COMO UM guerreiro ardente e um estadista de sucesso estavam, em muitos aspectos, em desacordo com uma realidade muito menos impressionante, e pode-se razoavelmente perguntar se a auto-imagem do rei como um caçador destemido estava igualmente comprometida. A caça era uma actividade que os governantes mesopotâmicos e os membros da elite praticavam há milénios, um “desporto sangrento” que preparava os seus participantes para a luta contra perigosos inimigos humanos, ao mesmo tempo que o fazia eco. Assurbanipal deixou extensos relatos escritos das expedições de caça das quais supostamente participou, e seus artistas o retrataram perseguindo animais selvagens em numerosos baixos-relevos que revestiam as paredes de seu recém-construído Palácio Norte em Nínive. Estas imagens estão entre as obras de arte mais bem-sucedidas conhecidas no antigo Oriente Próximo. Eles são especialmente notáveis pela representação naturalista das feras majestosas caçadas pelo rei, muitas delas em agonia.

Embora Assurbanipal provavelmente nunca tenha matado ninguém com as próprias mãos no meio da batalha, é virtualmente certo que ele caçou centenas de animais selvagens ao longo de sua vida. A caça que Assurbanipal caçava incluía burros selvagens, veados e gazelas, mas suas mortes mais formidáveis foram os leões que então vagavam pelas estepes, florestas e matagais de junco da Mesopotâmia. Embora menores do que os conhecidos na África e na Índia, os leões da Mesopotâmia eram animais perigosos. Ameaçavam viajantes e comunidades rurais, personificando o caos que se esperava que os reis assírios, em virtude da sua força, superassem em nome dos seus súbditos. O selo real assírio, em uso a partir de meados do século IX e impresso inúmeras vezes em bolhas e tábuas de argila, mostrava o rei diante de um leão desenfreado e apunhalando-o com sua espada.

É improvável que algum rei assírio tenha lutado com leões da forma altamente arriscada representada no selo real. Mas Assurbanipal estava empenhado em transmitir a mensagem de que ele, na sua coragem sem precedentes, realmente realizou tais feitos. Vários de seus baixos-relevos mostram o rei matando leões em pé enquanto fica cara a cara com eles. Outros o retratam a cavalo, matando um leão que se aproximava pela frente com uma lança, enquanto outro ataca seu cavalo sobressalente por trás. Em um relevo, Assurbanipal até agarra um leão desenfreado pelo rabo antes de matá-lo com uma maça.

Muitas dessas cenas eram provavelmente representações altamente embelezadas de caças aos leões realizadas pelo rei em algum lugar do campo. Mas Assurbanipal não ficou satisfeito com expedições de caça realizadas longe do mundo urbano de Nínive. Ele desejava reconstituir a imagem do selo real assírio diante de uma grande audiência de espectadores admirados. Para ajudá-lo a concretizar esta ambição, os servos reais criaram um espaço confinado dentro dos limites da cidade onde ele poderia caçar leões em público. Fazendo lembrar uma arena romana, o espaço era protegido, durante as caçadas aos leões, por duas sólidas filas de soldados armados com longas lanças e arcos, e ainda guardado no interior por uma série de cães de grande porte. A área foi consagrada à deusa Ishtar, em cujo nome o rei derramaria libações de vinho sobre os leões mortos assim que a caça terminasse.

Um ciclo de relevo da Sala C do Palácio Norte de Assurbanipal ilustra como a caça ao leão na arena de Nínive foi realmente realizada. Primeiro, uma criança ou um adulto pequeno libertou os leões de uma jaula. O rei então os matou um por um, atirando flechas da carruagem real enquanto corria pela arena. Os cidadãos assistiam a esse espetáculo de uma colina próxima, enquanto homens carregando odres de água lhes vendiam bebidas. Um relevo mostra um monumento real no topo de uma colina com uma imagem do rei caçando um leão em sua carruagem – um dos primeiros exemplos do que os historiadores da arte chamam de *mise en abyme*: a técnica lúdica de colocar uma cópia de uma imagem dentro de si. É provável que este monumento realmente existisse – e que estivesse inscrito com um texto conhecido de um fragmento de uma placa de argila encontrada em Nínive. No texto, Assurbanipal afirma que “(no máximo) quarenta minutos após o amanhecer, com uma única equipe atrelada ao meu veículo real, eu já havia reprimido o tumulto de dezoito leões”, uma afirmação que corresponde perfeitamente aos dezoito leões retratados em vários estados de agonia no ciclo de alívio da Sala C.

Por que esta ênfase em dezoito, um número que de outra forma não seria considerado particularmente significativo na antiga Mesopotâmia? Talvez tenha algo a ver com o fato de que durante o reinado de Assurbanipal a cidade de Nínive tinha dezoito portões. Como Assurbanipal observou em suas inscrições, os leões haviam se multiplicado por todo o

império e bloqueavam as estradas. “Ao matar dezoito leões na arena de Nínive”, foi sugerido, “Assurbanipal garantiu simbolicamente cada saída da capital, cada portão e estrada que conduzia a ela sendo protegidos pela morte de um leão”. Lida desta forma, toda a cena pode ser considerada uma exibição emblemática do triunfo do rei sobre as forças do caos.¹⁹

As caçadas reais de Assurbanipal destacam mais uma vez a complexidade da personalidade do rei. Por um lado, Assurbanipal estava evidentemente ansioso por ajudar o seu povo a livrar-se de um incômodo perigoso: um número cada vez maior de leões vagando pela terra. Mas, ao mesmo tempo, não resistiu a transformar as suas actividades de caça, alegadamente exercidas por razões altruístas, num espectáculo gigantesco, um espectáculo semelhante a um circo, a ser observado por multidões que o admiravam.

Suspeita-se, além disso, que o risco pessoal que o rei corria quando ia caçar era, na verdade, muito menor do que sugerem os seus textos e imagens. Os leões soltos na arena de Nínive provavelmente estavam bem alimentados — e talvez até sedados — quando foram soltos para enfrentar as armas impiedosas do rei assírio. Presumivelmente, as caçadas aos leões em Assurbanipal não foram mais perigosas do que as patéticas expedições de caça realizadas entre as décadas de 1960 e 1989 pelo sanguinário ditador da Roménia, Nicolae Ceaușescu. Este autoproclamado “maior caçador de todos os tempos”, que ganhou dezenas de troféus de caça, matou ao longo dos anos cerca de quatrocentos ursos nas montanhas dos Cárpatos – numa ocasião, nada menos que vinte e quatro num único dia. Mas ele só foi capaz de fazer isso porque os lamentáveis animais foram atraídos para comedouros instalados ao lado de seu assento alto ou empurrados para lá por dezenas de batedores em movimentos organizados. Aqueles que testemunharam as façanhas de caça do ditador consideraram-nas mais ridículas do que heróicas – um sentimento que alguns dos companheiros de caça de Assurbanipal também podem ter secretamente nutrido.²⁰

A ESFERA ECONÓMICA ASSÍRIA REVELA UMA DISCREPÂNCIA IGUALMENTE PRONUNCIADA entre as reivindicações de Assurbanipal e a realidade do seu reinado. Conforme descrito anteriormente, o rei declarou orgulhosamente nas suas inscrições que o seu governo trouxe “plenitude e abundância” ao seu povo. O milho, afirmou ele, crescia muito, e as quantidades de saque trazidas para casa pelos exércitos assírios eram tão grandes que, em algumas ocasiões, ocorreram períodos de inflação de curto prazo: depois de uma das campanhas árabes do rei, “a taberneira por um servindo, o cervejeiro por uma jarra de cerveja e o jardineiro por sua sacola de vegetais, todos recebiam camelos e escravos.”²¹

Ao mesmo tempo, e um tanto em desacordo com esta afirmação, Assurbanipal vangloriou-se de que, durante o seu reinado, os preços dos bens básicos eram extremamente baixos. Baseando-se numa antiga tradição dos reis da Mesopotâmia garantindo preços ideais, Assurbanipal escreve que “em toda a minha terra, devido ao comércio abundante (?), alguém poderia comprar por um siclo (8,5 gramas, ou 0,3 onças) de prata dez burros -cargas (1.000 litros, ou cerca de 1.060 quartos) de grãos, uma carga de burro (100 litros, ou 106 quartos) de vinho, dois seahs (20 litros, ou 21 quartos) de óleo e um talento (30 quilogramas, ou 66 libras) de lã.” Uma carta literária lisonjeira de um de seus filhos para Assurbanipal também menciona preços vantajosos.²²

Embora não seja fácil avaliar o estado real da economia assíria durante o reinado de Assurbanipal, é claramente evidente que os preços ideais do rei tinham pouco a ver com os

reais, e que não houve apenas anos bons, mas também alguns muito maus. . Inicialmente, durante a primeira década de Assurbanipal no trono, a situação económica da Assíria parece ter sido bastante satisfatória, embora talvez não tão boa como o rei afirmava. Documentos económicos mostram que os preços dos cereais e dos escravos eram em geral estáveis. Ao longo da década de 650, porém, começaram a aparecer sinais de crise. Numa carta a Assurbanipal, datada do início do terceiro mês do ano 657, Akkulanu, um dos astrólogos pessoais do rei, menciona “as chuvas que foram tão escassas este ano que nenhuma colheita foi feita”. Embora Akkulanu, fiel à forma, interprete esta falta de precipitação e a concomitante quebra de colheita como um “bom presságio relativo à vida e ao vigor do rei”, é bastante claro que era na verdade uma questão de grande preocupação para todos em o império que não estava totalmente iludido.²³

Durante os últimos doze anos do reinado de Assurbanipal, as coisas parecem ter piorado ainda mais. Um documento legal de Calah de 643 ou 641 AC registra a venda de uma escrava, Urkittu-hamat, não por prata, mas, de maneira bastante incomum, por vinte minas (10 quilogramas, ou 22 libras) do cobre menos valioso, e acrescenta que a transação ocorreu “num ano de escassez, quando 1 litro ou litro de grão valia por 1,5 minas (0,7 quilogramas ou 1,6 libras) de cobre”. Supondo uma taxa de câmbio de aproximadamente 1 siclo de prata por 1 mina de cobre, o preço do grão neste ano foi 1.500 vezes superior ao preço ideal do grão mencionado nas inscrições de Assurbanipal. Vários documentos económicos do epónimo de Ashur-gimillu-tere (638 ou 636 A.C.) registam, além disso, que as pessoas na Assíria foram forçadas a vender os seus próprios filhos ou a dá-los como penhor aos seus credores – outro sinal de dificuldades económicas. Por outras palavras, as orgulhosas promessas de prosperidade económica de Assurbanipal devem ter soado cada vez mais vazias à medida que o seu reinado avançava.²⁴

SE HÁ UMA CONQUISTA DO REINADO DE ASSURBANIPAL cujo significado não pode ser questionado, é a biblioteca que o rei reuniu em Nínive. A rigor, Assurbanipal criou várias bibliotecas, instaladas no seu novo Palácio Norte, no Palácio Sudoeste de Senaqueribe e nos templos de Nabû e Ishtar, localizados entre as duas residências reais. Quando Austen Henry Layard e seus trabalhadores, em 1850, descobriram a primeira dessas coleções no Palácio Sudoeste, ficaram surpresos com o grande número de tábuas de argila que encontraram:

A uma altura de trinta centímetros ou mais do chão, [as câmaras] eram inteiramente preenchidas com [tábuas]; alguns inteiros, mas a maior parte quebrada em vários fragmentos, provavelmente pela queda da parte superior do edifício. Eles eram de tamanhos diferentes; as tabuletas maiores eram planas e mediam cerca de 23 cm por 15 cm... e algumas não tinham mais do que 2,5 cm de comprimento, com apenas uma ou duas linhas escritas. Os caracteres cuneiformes na maioria deles eram singularmente nítidos e bem definidos, mas... minuciosos.²⁵

Quase todas as tabuinhas de Nínive, tanto as das escavações de Layard como outras que foram encontradas posteriormente, foram levadas ao Museu Britânico em Londres. Sua “Coleção Kuyunjik” compreende hoje cerca de trinta mil tabuinhas e fragmentos. A sua decifração e a reunião das peças quebradas deste gigantesco quebra-cabeça têm sido as

principais preocupações dos assiriologistas desde meados do século XIX. Embora este processo ainda não esteja completo, muito se sabe agora sobre o conteúdo das bibliotecas de Assurbanipal.

Parece que o rei procurou reunir em Nínive todo o conhecimento escrito já produzido na antiga Mesopotâmia. Dois grupos de textos eram particularmente essenciais para ele: tratados de presságios, rituais e encantamentos. O primeiro incluía, mais importante ainda, um compêndio de cerca de setenta tabuinhas relacionadas à astrologia e outro, de cem tabuinhas, tratando da extispícia, a arte de ler as entranhas de um cordeiro sacrificial. A astrologia e a extispícia eram as duas técnicas de prognóstico mais prestigiadas na Mesopotâmia do primeiro milênio, e o rei usava-as sempre que tinha de decidir se o seu exército deveria ir para a guerra ou se deveria nomear algum indivíduo específico para um cargo elevado.²⁶

Como revela sua “autobiografia”, Assurbanipal conheceu “os sinais do céu e da terra” em sua juventude, quando provou ser um aprendiz tão rápido – ou assim afirmou – que seus professores lhe atribuíram o extremamente exigente penúltimo tabuinha do compêndio extispicy, um comentário esotérico intitulado “Se o fígado é um espelho do céu”. Hoje, são conhecidos mais de quinhentos comentários e fragmentos de comentários das bibliotecas de Assurbanipal. Juntamente com listas de sinais cuneiformes e dicionários, estes comentários ajudaram os estudiosos mesopotâmicos – e, claro, também o rei – nos seus esforços para compreender plenamente o significado dos textos que estudavam. Como esses textos eram muitas vezes bastante antigos, com raízes no segundo ou mesmo no terceiro milênio A.C., e às vezes não eram escritos em babilônico ou assírio, mas na venerável língua suméria, uma expressão idiomática tão arcaica no século VII A.C. quanto o latim é para nós, tais auxílios de estudo foram de grande importância. Alguns comentários fornecem, além disso, camadas completamente novas de significado para passagens específicas do texto, o que facilitou, entre outras coisas, a reinterpretação de presságios que faziam pouco sentido quando lidos literalmente. O presságio astronomicamente impossível protasis “Se as estrelas estiverem na frente de um disco solar”, por exemplo, é redefinido em um comentário como significando na verdade que “Marte estava na frente de outro planeta”.²⁷

Tábuas com inscrições de rituais e encantamentos também foram encontradas em grande número em Nínive. Eles incluem rituais antibruxaria, como a série Maqlû; um compêndio chamado Šurpu, que fornece instruções para um ritual de esfoliação (remoção de células mortas da camada externa da pele), destinado a limpar uma pessoa poluída por falhas morais ou religiosas; e uma longa compilação de encantamentos contra fantasmas, Udug -hul. As bibliotecas de Assurbanipal também produziram, muito antes de Hipócrates e Galeno, um dos maiores conjuntos de textos médicos do mundo antigo. Muitos deles faziam parte de um enorme compêndio que cobria aflições de partes individuais do corpo – com seções no crânio, olhos, ouvidos, pescoço, brônquios, rins e isquiotibiais – bem como doenças e feridas de pele, doenças mentais, disfunções sexuais, ginecologia, obstetrícia e cuidados veterinários. Cartas de exorcistas e médicos aos reis Esarhaddon e Assurbanipal mostram como o conhecimento mágico e médico registrado em tais textos foi aplicado nas tentativas de restaurar a saúde física e mental do rei e de sua família em momentos de crise.

De particular interesse para o público moderno são os textos históricos e literários encontrados entre as tabuinhas das bibliotecas de Assurbanipal. Entre estes últimos, a famosa Epopéia de Gilgamesh ocupa lugar de destaque. Seu protagonista, o herói trágico

Gilgamesh, que encontra a fama, mas luta em vão pela imortalidade física, foi um modelo para Assurbanipal. Outros épicos mitológicos das bibliotecas incluem a Epopéia da Criação da Babilônia, a Épica de Erra e a Epopéia de Anzû, que narra a derrota do deus guerreiro Ninurta sobre um pássaro primitivo que roubou a tábua dos destinos de Enlil, o rei dos deuses. Se Assurbanipal desejasse desfrutar de uma leitura leve, sua biblioteca também oferecia opções - por exemplo, uma grande coleção de provérbios, enigmas e piadas, ou uma divertida narrativa em prosa sobre um morador pobre da cidade de Nippur, que faz uma pausa vingança tripla contra o prefeito da cidade depois que este o prejudicou. A história foi recentemente transformada no primeiro filme em babilônio.²⁸

A criação de uma coleção de tabuinhas reais em Nínive já havia começado sob o antecessor de Assurbanipal, Esarhaddon, que empregou reféns e prisioneiros de guerra babilônios para copiar textos cuneiformes para ele. A Babilônia foi considerada a fonte da cultura cuneiforme durante séculos e continuou sendo a principal fonte de textos acadêmicos, religiosos e literários quando Assurbanipal começou a procurar materiais adicionais para estocar suas bibliotecas reais. Cartas da correspondência entre Assurbanipal e os estudiosos da Babilônia e Borsippa, todas conhecidas de cópias posteriores, revelam o grande desejo do rei por textos eruditos de suas coleções. Ao escrever aos estudiosos da Babilônia em uma ocasião, Assurbanipal pediu que eles lhe enviassem “todo o corpus de aprendizado dos escribas, o ofício dos deuses Ea e Asalluhi, (o tratado de presságio terrestre) ‘Se uma cidade’, o corpus de exorcismo textos, o corpus de lamentações litúrgicas e o corpus de canções”.²⁹

Os textos solicitados pelo rei deveriam ser retirados “da posse do grande senhor Marduk, meu senhor”, isto é, da biblioteca do Templo Esagil de Marduk, na Babilônia. Os estudiosos babilônios foram suficientemente perspicazes para fornecer ao rei cópias recém-feitas, em vez de enviar-lhe os originais insubstituíveis. Como a escrita babilônica na qual as tabuinhas da Babilônia e de outras cidades do sul foram escritas era menos facilmente legível do que a escrita assíria mais regular, a equipe de Assurbanipal copiou muitas delas em novas tabuinhas de formato bonito, escritas em um estilo assírio particularmente elegante e ordenadas em colunas regulares. com uma corda. Todas essas tabuinhas eram fornecidas com os chamados colofões de Assurbanipal, subscritos indicando que pertenciam ao rei e elogiando sua erudição. Os subscritos também especificam a qual compilação uma tabuinha pertence e o número ou título do capítulo que ela representa nela.

Num subscrito de um manual de botânica, Assurbanipal proclama com orgulho que ele próprio reorganizou os nomes das plantas que encontrou coletados em tratados anteriores e, assim, compilou sozinho uma nova obra de referência, que era muito superior à sua precursora:

Primeiro (var.: décimo, décimo segundo) capítulo (do manual) “Uruanna significa ‘sabão’”. Em relação aos nomes de plantas que anteriormente eram explicados em dicionários bilíngues e monolíngues, mas desde os tempos antigos não recebiam uma nova edição oficial (*zarâ eu ş abtû*) e não foram organizados em seções, Assurbanipal, rei do mundo, rei da Assíria, os organizou novamente.³⁰

A frase *zarâ lâ š abātu*, de outra forma raro, também é encontrado no contexto do trabalho editorial realizado por um mestre-estudioso babilônico chamado Esagil-kin-apli, que viveu em meados do século XI aC e criou novas compilações de numerosos exorcistas e manuais divinatórios. Seu trabalho nunca foi esquecido, e é claro que Assurbanipal, no subscrito que acabamos de citar, desejava apresentar-se como um Esagil-kin-apli *redivivus*, uma nova encarnação do renomado estudioso de outrora.

Durante a primeira década e meia de seu reinado, Assurbanipal ofereceu generosas recompensas monetárias aos estudiosos babilônios que lhe forneceram material de leitura. Em certa ocasião, ele lhes escreveu: “Vocês possuirão um talento (cerca de 30 quilos ou 66 libras) de prata. Assim que eu chegar à Babilônia, estabecerei privilégios especiais para você. Eu agradarei seus corações e tranquilizarei suas mentes.” Mas depois da guerra civil com seu irmão, um desiludido Assurbanipal não estava mais disposto a conceder tais favores aos infiéis babilônios. As tabuinhas que foram trazidas da Babilônia para Nínive na sequência do conflito em 647 foram provavelmente levadas à força como reparações de guerra, um ato de “sequestro de livros” semelhante à pilhagem das bibliotecas babilônicas por Tukulti-Ninurta I, mais de cinco séculos e meio antes. Muitas das tabuinhas vieram de bibliotecas de particulares – por exemplo, um exorcista de Nippur chamado Arrabu, que teve de fornecer 185 tabuinhas, entre elas lamentações litúrgicas e presságios oníricos. Como mostram os registros da biblioteca assíria, as autoridades assírias requisitaram não apenas tábuas de argila, mas também numerosas tábuas de escrita, tábuas de madeira cobertas com uma camada de cera que ocasionalmente eram combinadas para formar “livros” de duas ou mais folhas articuladas. Os quadros de escrita desempenharam um papel significativo na administração e nos estudos mesopotâmicos, como aconteceu mais tarde no mundo clássico. Alguns espécimes foram recuperados em Ashur e Calah, mas nenhum em Nínive.³¹

Assurbanipal coletou não apenas tabuinhas, mas também estudiosos. Causando uma significativa “fuga de cérebros”, ele recrutou na Babilônia numerosos adivinhos, sacerdotes, exorcistas e médicos para aconselhá-lo em questões de religião, saúde e, às vezes, também de política. Tal como o seu pai, Esarhaddon, recebeu, além disso, centenas de cartas de astrólogos espalhados por toda a Assíria e Babilônia. Sua tarefa era informar regularmente o rei sobre as observações celestes que haviam feito, desde eclipses lunares até o aparecimento e desaparecimento de planetas e estrelas específicos. Ao patrocinar o estudo sistemático de tais fenômenos, Assurbanipal pode ter contribuído para uma mudança paradigmática em direção a uma nova “ciência” de previsão astronômica, matematicamente informada, que definiria os estudos mesopotâmicos até ao fim da cultura cuneiforme.³²

Assurbanipal criou o que muitos consideram ter sido a primeira biblioteca universal da história, um gigantesco repositório de conhecimento escrito que existia muito antes de os estudiosos helenísticos fundarem as igualmente ambiciosas bibliotecas de Pérgamo e Alexandria. Além disso, a sua promoção da astrologia e da astronomia pode ter desencadeado nada menos que uma revolução científica. Mas será que o próprio rei era um grande erudito? Levando em conta que ele tinha muitas outras coisas para fazer, manter Assurbanipal nos padrões dos literatos profissionais pode, é claro, não ser justo. Mas como ele mesmo faz isso, a pergunta deve ser feita.

Difícilmente se pode duvidar da seriedade do compromisso de Assurbanipal com as artes do escriba: mesmo quando caça leões, ele é retratado em muitos dos relevos do seu palácio com um estilete enfiado no cinto (ver imagem da capa). Mas as cartas que o rei recebeu de

seus estudiosos nos fazem pensar sobre sua real proficiência na cultura cuneiforme. Com muita frequência, os redatores de cartas achavam necessário explicar-lhe alguns termos e conceitos bastante simples. Ao discutir uma série de presságios de pássaros, por exemplo, o professor pessoal de Assurbanipal, Balasî, teve que apontar o significado da palavra comum *išdi ħ u* , “lucro”; e numa carta que escreveu juntamente com o astrólogo Nabû-ahhe-eriba, o mesmo estudioso deu uma glosa de pronúncia, *ur-hu* , para o amplamente utilizado logograma ITI, que significa “mês”. Finalmente, há uma carta que foi identificada como tendo sido escrita pelo próprio Assurbanipal, durante o seu tempo como príncipe herdeiro. Dirigido a Esarhaddon, é incomumente curto e sua escrita parece “grande, desajeitada e irregular”. Este não foi o trabalho de um escriba verdadeiramente talentoso. ³³

INFELIZMENTE, MESMO QUE APLICÁSSEMOS A PALAVRA NO sentido mais amplo possível, Assurbanipal também não era humanista. Ele era, em vez disso, um homem rancoroso e brutal que vivia em constante necessidade de afirmação. As descrições do rei sobre o destino dos inimigos derrotados são extraordinariamente horríveis e parecem motivadas por um ódio profundo. Assurbanipal afirma, por exemplo, que depois da conquista assíria da Babilônia em 648, ele reuniu as pessoas que se tinham oposto a ele e “destruiu-lhes as faces, esfolou-as e cortou-lhes a carne”. Assustado demais para se juntar às suas tropas em campanhas militares, ele demonstrou uma inventividade especial quando se tratava de humilhar os inimigos capturados em casa. O rei, junto com seu povo, assistiria às elaboradas coreografias de terror que ele havia planejado para punir seus oponentes no portão principal da cidadela real de Nínive. Sobre o governante árabe Uaite' (Yauta'), Assurbanipal observa, com uma boa dose de humor insensível visando remover todas as inibições morais: “Eu o coloquei em uma coleira, amarrei-o com um urso e um cachorro, e fiz ele guarda o Portão da Cidadela de Nínive.” O portão também serviu como local onde a cabeça decepada do rei elamita Teumman foi exibida ao público, depois de ter sido pendurada no pescoço do líder gambuliano Dunanu, que teve que desfilá-la pela cidade. O próprio Dunanu foi mais tarde “jogado em uma bancada de matadouro e abatido como um cordeiro”. E foi no Portão da Cidadela que os dois filhos de Nabû-shumu-eresh, um governador de Nippur que se aliou aos elamitas, foram forçados a moer os ossos de seu pai. Alguns desses episódios não são apenas conhecidos pelos textos de Assurbanipal, mas também foram retratados com todo o seu horror sangrento nos relevos de seu palácio. ³⁴

As inscrições de Assurbanipal também contam, muitas vezes com detalhes gráficos, como os clientes reais e governantes estrangeiros se encolheram e rastejaram a seus pés para demonstrar sua submissão. A *proskynesis* , o ato de prostrar-se num gesto solene de respeito, era uma prática difundida no antigo Oriente Próximo e nada havia sido inventado por Assurbanipal. Mas nenhum outro rei assírio usa linguagem igualmente humilhante para descrevê-lo. Diz-se que o fugitivo príncipe elamita Tammartu, por exemplo, veio a Nínive para “beijar os pés de minha majestade real e varrer o chão com sua barba”, e em um pequeno texto destinado a acompanhar um alívio palaciano, Assurbanipal fala sobre um delegação de notáveis elamitas que “veio até mim com enormes presentes e lambeu a soleira da porta com a língua”. Estas não são as lembranças de um humanista, mas as rumações de um sádico. ³⁵

ASSURBANIPAL É UM DAQUELES PERSONAGENS HISTÓRICOS QUE parecem fascinantes e profundamente imperfeitos. A cultura literária e artística que promoveu era altamente sofisticada. Os relevos da caça ao leão em seu Palácio Norte são de uma beleza impressionante, e algumas de suas inscrições podem ser consideradas obras-primas poéticas. Mas, ao mesmo tempo, o rei mostrou uma tendência inquietante para se entregar a atos cruéis de crueldade.

O relevo mais famoso do reinado de Assurbanipal, uma cena de banquete que mostra o rei bebendo vinho com sua rainha (ver ilustração 12), ilustra bem seus dois lados. À primeira vista, o espectador parece contemplar um idílio – um encontro pacífico entre o rei e sua esposa num belo jardim, com músicos tocando seus instrumentos e pássaros voando pelo céu e fazendo ninhos nas árvores. Mas as coisas não são tão inofensivas e harmoniosas como parecem, pois, após uma inspeção mais detalhada, podemos ver algo mais nas copas das árvores: a cabeça decepada de um inimigo derrotado, possivelmente Teumman. A cena lembra o “sonho da neve” do romance *The Magic Mountain*, de Thomas Mann, em que o protagonista se encontra inicialmente em uma paisagem costeira paradisíaca com gente bonita, antes de ser atraído para um templo próximo com colunas arcaicas onde duas velhas desgrenhadas e seminuas destroem e comem um menino. O famoso ditado do filósofo judeu-alemão do século XX, Walter Benjamin, de que “não há documento de civilização que não seja ao mesmo tempo um documento de barbárie” também vem à mente.³⁶

Assurbanipal era um governante extremamente ambicioso, mas com tendência ao auto-engano. Os primeiros reis assírios também haviam declarado que eram fortes, poderosos e, como o famoso sábio antediluviano Adapa, cheios de sabedoria. Mas percebendo que tais reivindicações se aplicavam ao seu “corpo político”, enquanto o seu “corpo natural” permanecia o de um homem mortal imperfeito, abstiveram-se de submeter os seus protestos de grandeza pessoal a uma série de testes públicos. Assurbanipal fez exatamente isso. Populista *avant la lettre*, ansioso por ser amado e não apenas respeitado, ele parece ter vivido sob o equívoco de que poderia realmente tornar-se outro Adapa, outro Esagil-kin-apli, ou, melhor ainda, um novo Gilgamesh. Ele representava constantemente, como se estivesse num palco, para preencher esses papéis, em vez de realmente governar o seu país.

Infelizmente, se Gilgamesh foi uma tragédia, o drama encenado por Assurbanipal foi cada vez mais uma farsa. Ele era um líder militar pobre, um caçador superestimado e um estudioso medíocre. Com suas tendências sádicas, ele se parecia mais com um Nero do que com um imperador-filósofo como Marco Aurélio ou Akbar. Quando, mais tarde no seu reinado, a situação política e econômica da Assíria se deteriorou, Assurbanipal deve ter percebido que muitos membros da elite assíria tinham começado a ver o seu governo como um fracasso. Ele retirou-se cada vez mais da vida pública, confiou cada vez mais nos eunucos e negligenciou, ao que parece, os seus deveres de governo. Entre os epônimos que ele nomeou estava um alfaiate-chefe e um cantor-chefe, Bullutu – uma clara violação da antiga regra de atribuir esse cargo apenas a oficiais e administradores militares respeitáveis.³⁷

Na tradição lendária posteriormente transmitida pelos gregos, Assurbanipal se transformou em Sardanapalo, o último rei decadente da Assíria. Na realidade, três governantes adicionais de curta duração o seguiram no trono assírio antes do colapso do reino. Mas a lenda acerta em algo quando coloca Sardanapallus no final da história assíria. Há muitos indícios de que o reinado de Assurbanipal, apesar das elevadas ambições do rei, precipitou a queda do Império Assírio de forma decisiva.³⁸

Por enquanto, porém, a vida no império continuou. Os agricultores e pastores, comerciantes, artesãos e escravos que formavam a espinha dorsal da sociedade assíria foram provavelmente pouco afetados pelas excentricidades de Assurbanipal e pelo que aconteceu na corte assíria.

Cotidiano no Império

AS fontes que vieram do período neo-assírio têm um viés “regicêntrico”: falam muito sobre reis e menos sobre qualquer outra pessoa. Isso pode permitir perfis psicológicos detalhados de Assurbanipal e de alguns outros governantes assírios. Mas concentrar-se tanto nos “grandes homens” e escrever a história principalmente a partir da sua perspectiva tem um preço: tende a silenciar as experiências dos cidadãos comuns, dos agricultores e dos escravos, das mulheres, das crianças e dos idosos. Estas eram as pessoas que constituíam a maior parte da população de todas as sociedades antigas, e as vidas que levavam eram a regra – a de Assurbanipal era a exceção. Felizmente, quando devidamente investigadas, as fontes assírias também revelam muito sobre como os plebeus viveram e morreram no império, tanto durante o seu apogeu como depois.

Começando pelos agricultores e pastores de animais no campo, antes de nos concentrarmos na vida nas cidades assírias, este capítulo examinará mais de perto o “povo normal” da Assíria. Os pobres e os ricos, as mulheres e os homens, os escravos e os cidadãos livres, eram todos “assírios”, mas cada grupo tinha a sua própria identidade, que era moldada por uma variedade de forças sociais, económicas e culturais.

NA MAIORIA DOS ESTADOS DO MUNDO ANTIGO E PRÉ-MODERNO, UMA grande maioria da população residia em áreas não urbanas, cultivando culturas e praticando a criação de animais. Isto torna as origens da Assíria um tanto atípicas: os primeiros assírios – aqueles que viviam na época da cidade-estado de Ashur, na primeira metade do segundo milénio – eram quase exclusivamente habitantes da cidade. Mas com a transformação de Ashur num reino territorial, as comunidades rurais tornaram-se parte integrante da composição do estado. Nos séculos VIII e VII A.C., os assírios viviam em pequenos povoados, aldeias e aldeias por todo o império.

Embora a agricultura na planície aluvial da Babilónia se baseasse na irrigação artificial e produzisse rendimentos extremamente elevados, a agricultura mais extensiva de sequeiro praticada nos territórios assírios poderia ser um assunto bastante precário. O mínimo de 200 milímetros (cerca de 8 polegadas) de chuva por ano necessários para sustentar uma comunidade mal foi alcançado na área ao redor de Ashur, embora a precipitação nas planícies mais ao norte e no sopé da cordilheira de Zagros fosse mais abundante. Durante a época neo-assíria, aquedutos e canais artificiais ao longo do Tigre e do Alto e Baixo Zab, e na área do rio Khabur, melhoraram até certo ponto a situação, mas sem criar a fertilidade paradisíaca das planícies verdes da Babilónia. Até que ponto a agricultura assíria continuou a depender da

chuva é indicado por uma carta do século VIII AEC de Ishtar-duri, o governador de Arrapha, a Sargão II: “Choveu muito, por isso as colheitas estão boas. O rei, meu senhor, pode ficar feliz.

1

A cultura mais comum na Assíria era a cevada, que era colhida na primavera, debulhada e joeirada e depois transformada em farinha e cerveja. Os pomares produziam uma variedade de frutas e vegetais. O período imperial trouxe um aumento na produção de vinho, especialmente na área ao redor da cidade de Harran, mas também em outros lugares. Em 2021, arqueólogos italianos encontraram vários poços escavados em pedra perto de Khinis, na província de Dohuk, no Iraque, que foram usados por volta de 700 A.C. para prensar uvas, cujo suco foi posteriormente processado em vinho. As tamareiras, por outro lado, não eram cultivadas em grande escala na Assíria. Embora onipresentes no sul do Iraque, onde permitem uma segunda colheita no outono, não são adequados para sobreviver às ocasionais geadas noturnas das regiões mais ao norte. Vários reis assírios relataram, porém, que trouxeram outras plantas e árvores de terras estrangeiras e as plantaram em jardins de palácios e em propriedades agrárias na Assíria. Senaqueribe importou “árvores que produzem lã”, isto é, algodão, de algum lugar sem nome, presumivelmente da Índia, mas parece ter falhado na sua tentativa de estabelecer uma indústria de algodão viável. ²

Grandes extensões de terras agrícolas na Assíria pertenciam ao rei, que as designou para templos, oficiais militares e soldados, administradores de alto escalão e deportados. Embora as terras da coroa normalmente não pudessem ser vendidas sem permissão real, havia outras propriedades rurais que não estavam sujeitas a tais restrições. A menos que estivessem isentos, os proprietários de terras tinham de pagar impostos sobre o milho e a palha ao estado. ³

O trabalho propriamente dito no ciclo agrícola anual, desde a lavoura e a sementeira até à colheita, era normalmente executado por agricultores semi-livres ou não-livres. Eles costumavam residir com suas pequenas famílias e vários porcos, vacas, bois e cabras perto dos campos que cuidavam. Sabemos muito pouco sobre seu cotidiano, mas é evidente que tinham tradições e costumes religiosos próprios, que incluíam rituais específicos para afastar pragas do campo, como gafanhotos, gafanhotos, larvas de insetos e gorgulhos. Coletados em um manual cuneiforme chamado Zu-burudabbeda, ou seja, “Para Paralisar o Dente de Gafanhoto”, os rituais incluíam oferendas de comida e libações de vinho a Ninurta, deus padroeiro da agricultura e da guerra, durante as noites escuras de inverno. Para garantir seu apoio na próxima colheita de cevada, o deus era abordado nessas ocasiões com um encantamento: “Aceite-o, ó Ninurta, principal do Templo Ekur! Coma a comida saborosa, beba a bebida doce! Mostre boa vontade para com este pedaço de terra agrícola e expulse-os, os grandes cães de Ninkilim (isto é, 'Senhor-Roedor', o líder sobrenatural dos vermes), gafanhotos (e) pragas 'devoradoras', cujas bocas são o Dilúvio! ⁴

É claro que as pessoas também tomaram medidas práticas contra as pragas do campo. Quando uma praga de gafanhotos atingiu vastas extensões do Império Assírio por volta de 710 A.C., o governador de Ashur, seguindo ordens reais, certificou-se de que as pessoas sob sua jurisdição fumigassem os locais onde os gafanhotos botavam ovos com pó de zimbro, a fim de matá-los. no momento em que eclodiram. ⁵

Mais longe, na estepe, onde não era possível cultivar culturas, os pastores cuidavam das suas ovelhas e cabras, o que fornecia ao reino assírio leite, carne, lã e couro. O controlo destas comunidades semi-nómadas nem sempre foi fácil para as autoridades centrais. Numa

ocasião, conforme revelado por uma carta a Esarhaddon, pastores recusaram-se a entregar as ovelhas que deviam ao Templo de Ashur durante sete anos. Em vez disso, eles se armaram, dizendo: “Aquele que vier contra nós, nós o mataremos com nossos arcos”. Dadî, um representante do templo, avisa o rei que uma anarquia deste tipo pode ter consequências perigosas para a sua autoridade: “Se estas pessoas, que são assírias, se recusarem a respeitar o rei, meu senhor, como se comportarão os estrangeiros em relação ao rei, meu Senhor?” O episódio é um lembrete de que o poder real assírio, embora extenso, tinha limites. ⁶

A VIDA NAS CIDADES ASSÍRIAS ESTÁ MUITO MELHOR DOCUMENTADA DO QUE a vida no campo. A sociedade urbana na época imperial era altamente estratificada, mesmo entre cidadãos formalmente livres. Os tamanhos das casas em Ashur variavam apenas moderadamente, geralmente entre 50 e 150 metros quadrados (538 e 1.615 pés quadrados), acomodando assim apenas famílias relativamente pequenas. Mas a chamada Casa Vermelha em Dur-Katlimmu, propriedade de um certo Shulmu-sharri, media cerca de 5.200 metros quadrados (56.000 pés quadrados), com oitenta e dois quartos agrupados em torno de cinco grandes pátios. Ao longo de três décadas, Shulmu-sharri, um poderoso oficial militar sob o comando de Assurbanipal e confidente do rei, comprou cerca de cinquenta escravos, dois terços dos quais eram mulheres. ⁷

Muitos cidadãos livres nas cidades assírias parecem ter sido alfabetizados. Uma em cada três casas particulares escavadas em Ashur rendeu um arquivo cuneiforme com documentos comerciais, e algumas também continham bibliotecas com textos literários, religiosos e acadêmicos. Em outros lugares, uma parcela significativa da população urbana da Assíria também sabia ler e escrever. Até agora, cerca de trinta locais em toda a Ásia Ocidental produziram arquivos privados com textos jurídicos e económicos do período Neo-Assírio. Embora os textos sejam muitas vezes bastante estereotipados, eles revelam muito sobre a forma como as pessoas nas cidades assírias ganhavam a vida. ⁸

Acontece que a sociedade neo-assíria era caracterizada por uma grande diferenciação funcional – uma divisão do trabalho que parece quase moderna. Além de vários postos sacerdotais, administrativos e militares, havia arquitetos, áugures, oficiais de justiça, padeiros, barbeiros, barqueiros, fabricantes de arcos, cervejeiros, construtores, açougueiros, carpinteiros, confeiteiros, cozinheiros, adivinhos, tintureiros, exorcistas, passarinhos, jardineiros, porteiros, lapidadores de gemas e pedras, chapeleiros, treinadores de cavalos, intérpretes, marroquinos, pedreiros, medidores, mercadores, mensageiros, músicos e cantores, lagares de óleo, perfumistas, oleiros, profetas, escoteiros, escribas, ferreiros, alfaiates, curtidores, tutores, abastecedores, lavadores, tecelões e vinicultores e, dentro dessas profissões, as pessoas poderiam se especializar ainda mais e ocupar vários cargos. ⁹

Os documentos legais dos arquivos neo-assírios podem ser divididos em dois grupos principais. As chamadas tabuinhas fortes (*dannutu*) registram a aquisição de bens imóveis ou de escravos. Por servirem como títulos de propriedade, permaneceram no arquivo da família por muitos anos, às vezes por várias gerações. As notas de dívida, pelo contrário, relativas a empréstimos de prata ou de cevada – que normalmente eram concedidos a uma taxa de juro anual de 25% – podiam ser descartadas pelos credores assim que a dívida fosse paga.

Muitas notas de dívida neo-assírias são conhecidas na forma de “boquetes”, pedaços de argila inscritos antes presos a pergaminhos de couro, que não sobreviveram, mas devem ter sido inscritos com uma versão aramaica da nota. Muitas súmulas, e até mesmo algumas tábuas de argila, também são escritas em aramaico ou, além do cuneiforme, têm epígrafes aramaicas riscadas ou escritas com tinta. Junto com o cuneiforme e o assírio, a escrita alfabética aramaica e a língua aramaica eram evidentemente amplamente utilizadas na Assíria imperial.¹⁰

Seguindo os passos de seus antepassados da Antiga e Média Assíria, muitos cidadãos seguiram carreiras lucrativas como comerciantes. O império removeu fronteiras e restrições comerciais, facilitando o intercâmbio comercial. O profeta bíblico Nahum, embora enfatizando a importância dos comerciantes assírios, pinta um quadro bastante negativo deles, talvez porque sentisse que a sua proximidade com o centro do poder lhes dava algumas vantagens injustas:

*Você aumentou o número de seus comerciantes até que eles sejam mais numerosos
que as estrelas no céu,
mas, como gafanhotos, eles devastam a terra e depois voam.*¹¹

Um residente abastado de Ashur chamado Duri-Ashur é um típico representante da classe mercantil neo-assíria. Durante as últimas décadas do Império Assírio, organizou caravanas de burros que comercializavam uma variedade de produtos, incluindo chapéus e têxteis, na área da moderna Jebel Sinjar. Quando tudo era vendido, inclusive os burros, os representantes de Duri-Ashur compravam grandes quantidades de vinho e colocavam-nas em peles de animais. As peles eram amarradas com vigas para formar jangadas e enviadas no Tigre de volta a Ashur, onde tanto o vinho - mantido fresco durante sua viagem pelo rio - quanto as vigas podiam ser vendidos com um lucro considerável. Para financiar seus empreendimentos comerciais, Duri-Ashur levantou dinheiro de pequenos investidores – entre eles várias mulheres egípcias que viviam em Ashur. Mais tarde, eles receberiam uma parte dos ganhos.¹²

Os mercadores assírios tendiam a ser ricos. Embora muito menor que a “Casa Vermelha” em Dur-Katlimmu, a casa de Duri-Ashur cobria uma área de cerca de 150 metros quadrados (1.615 pés quadrados), o que a tornava uma das maiores de Ashur. Os escribas e estudiosos assírios, em contraste, apesar de seu considerável prestígio, eram geralmente bastante pobres. Conforme revela uma carta de Nínive, a residência do escriba-chefe assírio, um dos principais “intelectuais” do império, era “minúscula” e aparentemente tão sombria que “nem mesmo um burro gostaria de entrar nela”.¹³

Estudiosos e especialistas religiosos que haviam caído em desgraça com seus patronos reais enfrentaram dificuldades particulares. Quando Assurbanipal se tornou rei, por exemplo, o exorcista e médico Urad-Gula, neto do famoso Nabû-zuqup-kenu, ficou subitamente desempregado. Numa carta ao novo governante, ele reclama amargamente de seu destino: “No tempo do pai do rei, eu recebia presentes dele; ele costumava me dar uma mula ou um boi, e todo ano eu ganhava uma ou duas minas de prata. Mas agora não posso comprar nem um par de sandálias. Não tenho roupas extras e contraí uma dívida de quase seis minas (3 quilos ou 6,6 libras) de prata. As pessoas dizem: 'Quando você atingir a velhice,

quem irá apoiá-lo?” Certamente, a extensa lista de queixas de Urad-Gula, embrulhada em bela linguagem, pertence a uma longa tradição de literatos mesopotâmicos que demonstram todas as suas habilidades retóricas para alertar seus empregadores reais a tratá-los de forma mais favorável. Mas mesmo quando se reconhece que o acadêmico descontente pode ter exagerado a sua situação, fica claro que as actividades académicas eram muito menos lucrativas na antiga Assíria do que as comerciais – uma situação não muito diferente da de hoje.¹⁴

COMO EM TEMPOS ANTERIORES, AS FAMÍLIAS ASSÍRIAS DO PERÍODO IMPERIAL tendiam a ser pequenas. O marido normalmente morava com a esposa e os filhos, às vezes alguns escravos, e ocasionalmente também com os pais, em sua residência privada. As mulheres de famílias abastadas trariam um dote para o casamento, composto por joias, têxteis, recipientes, artigos de higiene, ferramentas, móveis e prata. Em caso de divórcio, permaneceria na posse da mulher, proporcionando-lhe alguma segurança material.¹⁵

O objetivo principal do casamento na Assíria era produzir descendentes. Esperava-se que as crianças, além de trazer alegria, cuidassem dos pais quando estes envelhecessem, que os enterrassem - normalmente em jaulas localizadas abaixo da casa da família - e que mantivessem viva a sua memória através da realização de rituais mensais em homenagem aos mortos. Mas, como em todas as sociedades pré-modernas, também na Assíria, engravidar e dar à luz eram repletos de perigos. Devido à falta de higiene e à incapacidade de lidar de forma competente com o trabalho de parto obstruído, a hemorragia pós-parto e a febre puerperal, a mortalidade materna era elevada. Uma curta elegia conhecida de uma tábua de argila de Nínive – um dos poucos textos literários escritos em assírio em vez de babilônico – fornece uma reminiscência comovente e profundamente poética de uma mulher assíria anônima que morreu no parto. O texto começa com o marido da mulher lamentando seu destino e perguntando por que ela teve que atravessar o rio do submundo:

*“Abandonado como um barco à deriva no meio do rio,
“Suas frustrações estão todas quebradas, os pintores cortados:
“Por que atravessar o rio da Cidade, velado numa mortalha?”*

A mulher, ou melhor, seu fantasma, responde contando ao marido o que aconteceu com ela:

*“Como não ficar à deriva abandonado, meus pintores decepados?
“Durante os dias em que estive grávida, como fiquei feliz!
“Feliz eu estava e feliz meu marido!
“No dia em que minhas dores começaram, uma sombra caiu sobre meu rosto,
“No dia em que meu trabalho de parto começou, o brilho desapareceu dos meus olhos.
“Eu implorei à deusa mãe, com os punhos abertos:
““Ó mãe, você que me deu à luz, poupe minha vida!”
“A deusa mãe ouviu e então cobriu o rosto:
““ [Quem é] você, e por que me implorar assim?””
“ [Minha esposa, que] me amava, gritou em voz alta:*

“ [*Quem(?) me roubou*] *minha esposa e meu conforto?*
“ [*...*] *por toda a eternidade,*
“ [*...para*] *sempre no lugar da ruína.*”

O texto termina com o fantasma da mulher gritando desesperado por sua morte prematura:

Passando pelas [ruas, sombra da mulher] da Cidade deu lamento:
“ [*Infelizmente*] *naquela época meu marido era minha companhia!*
“*Com ele habitei, propriedade daquele que me amou,*
“*Então, para o nosso quarto, a Morte furtiva se insinuou.*
“*Da minha casa ele me expulsou,*
“*Do meu marido me isolou;*
“*Meu passo aqui ele plantou, em um lugar sem retorno.*” ¹⁶

Não só as mães, mas também os seus bebês corriam grave risco quando algo corria mal, quer no nascimento, quer nas semanas e meses seguintes. O quão miserável a perda dos filhos poderia tornar os seus pais é indicado por uma carta de Adad-shumu-usur, um importante exorcista, ao rei Esarhaddon: “Quanto ao que o rei, meu senhor, me escreveu: 'Estou me sentindo muito triste ; como agimos para que eu ficasse tão deprimido por causa deste meu pequenino?' - bem, se fosse curável, você teria doado metade do seu reino para curá-lo. Mas o que nós podemos fazer? Ó rei, meu senhor, é uma questão onde nada pode ser feito.” ¹⁷

Na ausência de tratamentos médicos eficazes, os casais jovens recorriam a rituais e encantamentos apotropaicos para afastar os perigos associados ao parto e à criação de filhos pequenos. Como os deuses fundamentalmente benevolentes não podiam ser considerados responsáveis pela perda de mulheres grávidas e bebês pequenos, as pessoas projectavam os seus medos numa demónia malévola e raptora de bebês chamada Lamashtu, uma espécie de anti-mãe que era retratada com uma cabeça de leão, a garras de um pássaro e a parte superior do corpo de uma fêmea (ver Ilustração 13). Em seus seios flácidos, um leitão e um cachorro podiam amamentar, e seus dedos com garras às vezes agarravam cobras. Nos encantamentos usados para combatê-la, diz-se que Lamashtu “contava os meses” das mães prestes a dar à luz e “marcava seus dias na parede”, antes de “escorregar para dentro de uma casa trancada” para “estrangular os jovens”. crianças.” ¹⁸

Uma maneira de se livrar desse terrível demônio - e garantir um parto seguro e uma vida para as crianças - era produzir uma estatueta dela, recitar encantamentos sobre ela e então descartá-la na estepe ou colocá-la em um pequeno barco que foi colocado no Tigre e enviado rio abaixo. Outra forma de combater Lamashtu era solicitar a ajuda de um segundo ser sobrenatural, Pazuzu, “o rei dos demônios malignos do vento”. Ostentando pés e mãos com garras, rosto leonino com olhos salientes e pênis ereto (tudo isso lhe dá uma aparência semelhante à do deus egípcio Bes), Pazuzu parecia quase tão assustador quanto Lamashtu, mas serviu como agente de “ magia branca”: seus poderes foram usados para afastar o malvado comedor de crianças. Cabeças pequenas de Pazuzu podiam ser usadas nas roupas ou no pescoço, enquanto amuletos maiores representando o demônio eram colocados em espaços domésticos para proteger mulheres grávidas e crianças pequenas. Pazuzu teve um retorno espetacular no romance *O Exorcista* , de 1971, e na subsequente adaptação

cinematográfica – mas esses espécimes imensamente populares do gênero de terror o associam ao diabo, em vez de escalá-lo para o papel benevolente que ele realmente desempenhou na Assíria e na Babilônia.¹⁹

Embora normalmente saudada com grande felicidade, a chegada de um novo filho saudável também trouxe desafios, como os pais até hoje sabem muito bem. À noite, os bebês choravam frequentemente, o que acordava os pais e, pior ainda, perturbava os fantasmas da casa, entre eles o facilmente irascível *kusarriku*, uma espécie de homem-touro semidivino. Para acalmar os pequeninos e manter o espírito doméstico à vontade, os pais cantavam canções de ninar, algumas das quais são conhecidas em manuais cuneiformes. As canções de berço assiro-babilônicas perguntam por que o bebê não chorou ainda no útero e imploram-lhe, em linguagem poética, que fique tão calmo quanto a água, “que durma como um cervo gazela sonolento” e cochile como um pastor balançando a cabeça. no meio da vigília.²⁰

COMO EM QUALQUER OUTRO LUGAR, AS RELAÇÕES ENTRE MARIDOS E esposas na Assíria eram por vezes cordiais, por vezes controversas. As fontes de desarmonia conjugal eram múltiplas. Uma delas era a disfunção sexual masculina, que era tratada com a ajuda de rituais e feitiços mágicos. Um encantamento de potência típico, do manual cuneiforme Shaziga, diz: “Burro selvagem, burro selvagem, touro selvagem, touro selvagem. Quem fez você mancar como cordas soltas, quem derramou água fria em seu coração (isto é, seu pênis)? Quem causou depressão em sua mente e sonolência? Os atos rituais que acompanham feitiços como este projetavam o problema em figuras de agentes externos, como espíritos malignos ou bruxas. Procedimentos mágicos desse tipo dificilmente seriam capazes de curar problemas fisiológicos, mas poderiam ter ajudado contra a “ansiedade de desempenho”.²¹

De vez em quando, as esposas suspeitavam de indiscrições eróticas dos maridos. Um presságio de fígado conhecido em várias tábuas de argila de Nínive diz: “Se a Presença (uma característica do fígado) for como a picada de um escorpião, a esposa de um homem, com a virilha queimando, colocará fogo na casa do homem.” Uma nota de comentário adicionada a esta entrada explica: “Se você tem a palavra 'virilha' diante de você: 'virilha' refere-se ao ciúme: ela está com ciúmes e, portanto, coloca fogo na casa do homem”. As esposas também, é claro, podiam imaginar um parceiro fora do casamento — e pensava-se que às vezes ficavam tão fartas dos maridos que eram capazes de tomar medidas bastante drásticas para escapar dos laços conjugais. Como afirma outro presságio do fígado: “Se as linhas forem traçadas três vezes entre a Presença e o Caminho (duas características do fígado), a esposa de um homem continuará enviando mensagens (para outro homem) com instruções para matar seu marido, dizendo : 'Mate meu marido e case comigo!'"²²

A maioria dos textos neo-assírios que tratam de mulheres foram compostos e escritos por homens e refletem perspectivas especificamente masculinas. Um diálogo literário satírico entre um senhor de mente fraca e seu escravo experiente é um exemplo disso. No texto, o mestre, sem saber o que poderia dar sentido à sua vida, propõe uma série de atividades, apenas para mudar imediatamente de ideia e desistir de seu plano. Cada vez, o escravo, ansioso por agradar seu senhor, fornece uma boa razão para ação ou inação. Uma estrofe descreve os benefícios e – no sentido mais literal – as armadilhas de se apegar a uma mulher:

*Escravo, escute-me! — Aqui estou, meu senhor, aqui estou.
Vou amar uma mulher. — Então ame, meu senhor, ame!
O homem que faz amor com uma mulher esquece a tristeza e o medo.
Não, escrava, não farei amor com uma mulher.
Então não faça amor, meu senhor, não faça amor.
Mulher é uma armadilha, uma verdadeira armadilha, um buraco, uma vala!
Uma mulher é uma adaga de ferro afiada que corta a garganta de um jovem.* ²³

No mundo patriarcal da Assíria dos séculos VIII e VII, normalmente esperava-se que as mulheres se comportassem como no ditado romano: “Ela servia a sua casa, ela fazia lã”. Mas houve exceções. As mulheres neo-assírias cujos maridos ou filhos morreram ou ficaram incapacitados muitas vezes assumiam os negócios da família. As sacerdotisas do templo também eram mais independentes do que o típico das mulheres. ²⁴

Havia também um certo número de mulheres que viviam completamente fora da esfera doméstica, fosse como profetisas, taberneiras ou prostitutas. Mas muitas vezes eram excluídos socialmente e ocasionalmente suspeitos de serem bruxos. A imagem da feminilidade como uma ameaça à ordem e à harmonia cósmica também é encontrada em contextos religiosos, seja na figura de Lamashtu ou na de Tiamat, a originadora primordial dos deuses na Epopéia Babilônica da Criação, que mais tarde procurou aniquilar a sua própria. filhos.

Muitas deusas poderosas de tempos anteriores, por exemplo Nisaba, uma divindade associada à escrita e à colheita, foram rebaixadas no primeiro milênio AC e não desempenhavam mais um papel proeminente. Por outro lado, o povo da época neo-assíria adorava com todo o fervor que conseguia reunir a deusa Ishtar, padroeira do amor e da guerra, defensora do travestismo e da fluidez de gênero, e a única divindade que alguma vez desceu ao submundo e ascendeu ao céu. Parece que todos os impulsos reprimidos de escapar às restrições patriarcais da vida quotidiana foram projectados nesta deusa, a personificação da contrariedade e da transgressão.

NA BASE DA SOCIEDADE NOS TEMPOS NEO-ASSÍRIOS ESTAVAM OS escravos. Eles eram considerados propriedade de outros e, como tal, às vezes valorizados – como o escravo no diálogo satírico – mas, por outro lado, considerados dispensáveis. Um exemplo desta atitude desdenhosa para com eles é encontrado numa nota enviada a Esarhaddon pelo exorcista Adad-shumu-usur – o mesmo homem que elogiou o rei pela sua preocupação com a vida de um dos seus próprios filhos. Aqui ele estava escrevendo sobre encontrar porquinhos-da-índia para experimentar uma droga não testada, para determinar se ela deveria ser administrada ao filho de Esarhaddon, Assurbanipal, e ele é muito menos filantrópico: “Vamos fazer esses escravos beberem primeiro, e deixar o príncipe herdeiro beber apenas após.” ²⁵

Tanto homens como mulheres podiam entrar no estado de escravatura como prisioneiros de guerra ou através da servidão por dívida. Os filhos dos escravos herdavam o status dos pais e eram considerados escravos nascidos em casa. O que poderia acontecer aos prisioneiros de guerra escravizados é demonstrado por um contrato de Ashur sobre a venda de duas mulheres, uma mãe e sua filha, que eram “cativas de Elam, que o rei havia dado a (pessoas da) cidade de Ashur”. Os vendedores são dez homens com experiências

profissionais diferentes que, com toda a probabilidade, participaram como membros da mesma unidade militar no saque de Susa em 646 a.C. , recebendo as duas mulheres como recompensa pelos seus serviços. Como a propriedade conjunta das mulheres teria pouca utilidade prática para eles, venderam-nas por uma mina de prata a um certo Mannu-ki-Ashur, que doravante era o seu único senhor. As mulheres escravas eram particularmente vulneráveis, é claro, uma vez que os seus corpos podiam ser explorados tanto para trabalho como para sexo. ²⁶

A escravatura por dívida era uma prática não menos difundida do que a escravização de prisioneiros de guerra e que podia trazer dificuldades igualmente grandes para aqueles que a ela estavam sujeitos. O caso de uma mulher vendida pelo pai, provavelmente porque ele estava endividado, é discutido numa carta de Nínive. O pai, que vivia em Karalla, no oeste do Irão – e aparentemente estava profundamente angustiado com a situação difícil da filha – enviou-lhe uma mensagem secreta na qual lhe implorava: “Fuja e venha ter comigo”. ²⁷

A tentativa de fuga das duras condições em que viviam os escravos era uma ocorrência regular em todo o Império Assírio, tanto mais que os casos de alforria parecem ter sido raros. Por vezes, as tentativas dos escravos para recuperar a sua liberdade levaram a confrontos violentos com os seus senhores e autoridades estatais. Numa carta do reinado de Esarhaddon, um oficial relata que um comerciante de Carquemis havia sido morto por seus escravos e depois comenta: “Mas nem mesmo um deles escapou; nós prendemos todos eles.”

28

Para dificultar ao máximo a fuga dos escravos, não era incomum queimar na pele os nomes dos seus proprietários, ou uma mensagem sobre o seu estatuto, um tratamento originalmente aplicado ao gado. Um manual sobre práticas legais conhecido nas cópias da Assíria Média e Neo-Assíria instrui os proprietários de escravos não confiáveis a gravar em seus rostos a frase *ḫ alaq ṣ abat* , “Ele é um fugitivo – agarre-o!” Antes que isto seja considerado mais um sinal de uma propensão especificamente assíria – ou mesopotâmica – para a desumanidade, deve ser sublinhado que civilizações posteriores implementaram procedimentos muito semelhantes. Na Grécia antiga, as testas dos escravos fugitivos eram marcadas com as palavras *kátekhé me pheúgo* , “Agarrem-me, sou um fugitivo”, enquanto os romanos obrigavam os escravos a usar anéis de metal em volta do pescoço que estavam inscritos com a frase latina fugi *tene me* , o que significa o mesmo. Mais tarde, no Sul dos Estados Unidos, os escravos fugitivos, caso fossem capturados, tinham a letra R (que significa “fugitivo”) marcada nas bochechas. ²⁹

O governo assírio estava ansioso para ajudar a recapturar os escravos que haviam fugido; mas também temia que empresários e funcionários poderosos pudessem abusar das suas posições para escravizar injustamente mulheres e crianças indefesas. Um documento de Ashur acusa dois cobradores de impostos de terem falsificado notas de dívida para forçar as viúvas de sete lagares falecidos à servidão por dívida, e numa carta do reinado de Sargão II, um funcionário é convidado a investigar a situação das famílias de soldados caídos e se alguém “forçou uma viúva (de um soldado) a ser sua escrava, ou um filho ou filha à servidão”.

30

A VIDA NAS CIDADES MESOPOTÂMICAS ERA PONTUADA POR feriados religiosos, com procissões divinas e sacrifícios públicos, e pela celebração de eventos familiares, como casamentos e ritos

funerários. Os aniversários não desempenharam um papel importante, embora as pessoas pareçam ter uma ideia bastante clara da sua idade. Como os assírios pensavam em envelhecer é mostrado num texto de Huzirina, perto de Harran. Ter quarenta anos de idade é considerado no texto o “no auge da vida”, cinquenta significa “dias curtos”, sessenta “virilidade”, setenta “dias longos”, oitenta “velhice” e noventa “idade extremamente avançada”. Dada a esperança de vida geralmente bastante baixa no mundo antigo, estes números podem parecer bastante surpreendentes, mas sabe-se que pelo menos algumas pessoas na Assíria e na Babilónia do primeiro milénio atingiram uma idade notavelmente avançada: Adda-guppi, a mãe do povo babilónico o rei Nabonido (r. 555–539 A.C.), que nasceu na cidade de Harã durante o reinado de Assurbanipal, tinha mais de cem anos quando morreu. Urad-Nabû, um sacerdote de Calah, desejou numa carta que Esarhaddon “vivesse cem anos”.³¹

O manual de presságios cuneiformes “If a City” trata de uma ampla variedade de características da vida urbana da Mesopotâmia. Uma população bem equilibrada era considerada importante para o crescimento de uma cidade. Muitos tolos eram um problema, mas o oposto também: “Se os sábios forem numerosos demais numa cidade, essa cidade será abandonada”. Aprendemos que as casas localizadas em altura eram ruins e as casas aninhadas em uma depressão eram boas, o que significava quando a aparência de uma casa era chamativa (ruim) ou pouco atraente (boa), em que direção as portas se abriam e muito mais. Animais domésticos e animais de estimação também estão cobertos. Existem, por exemplo, vários presságios para gatos, como “Se um gato chorar na casa de um homem, essa casa sofrerá tristeza”, “Se um gato vomitar na janela da casa de um homem, haverá perdas para aquela casa” ou “Se um gato descarregar sua urina em um homem, ele ficará rico”. Até os costumes sexuais recebem alguma atenção. Os presságios relevantes revelam, entre outras coisas, que estar numa relação homossexual com outro homem era socialmente aceitável, desde que se fosse o parceiro activo e não o passivo. Os alunos tiveram que estudar esses presságios sexualmente explícitos como parte de seus trabalhos escolares, mas provaram, sem surpresa, que nem sempre estavam à altura da tarefa. Com referência ao presságio prótase “Se um homem ‘gostar’ entre suas coxas”, por exemplo, um aprendiz de escriba observou em um comentário de presságio de Nínive: “Não sei o que isso significa”.³²

A cultura assíria também teve o seu lado mais leve. Quando, em 1950, o assiriologista francês George Contenau declarou que se sentia incapaz de imaginar o povo da Mesopotâmia algum dia rindo ou se divertindo, ele não poderia estar mais errado. Sátiras e outros textos humorísticos das bibliotecas assírias revelam como os assírios podiam ser engraçados e irreverentes. De particular interesse é uma coleção de provérbios, piadas e contos que recebeu o nome, em homenagem a um estudioso da Antiga Babilônia de Nippur, de “Série de Sidu”. Sua nona tabuinha inclui uma série de discursos absurdos feitos por uma raposa, o arquétipo trapaceiro obcecado por si mesmo, incluindo o seguinte: “A raposa, tendo urinado no mar, disse: ‘O mar inteiro é minha urina.’ A raposa, depois de urinar no Tigre, disse: ‘A enchente aumentou graças à minha urina.’” Os narcisistas de hoje, claro, não são diferentes. Outro texto descreve como um bobo da corte, o chamado *aluzinnu* (que reaparece na tradição grega sob o termo *alazôn*), personificou vários profissionais respeitáveis, zombando de sua pompa e questionando a eficácia de seus ofícios. Um exorcista, por exemplo, consegue expulsar um espírito maligno — mas apenas incendiando a casa onde o

demônio havia fixado residência. Outra seção do texto, às vezes chamada de “A Cozinha Infernal”, traz uma série de pequenas receitas culinárias, uma para cada mês:

Mês de Kislimu (IX), qual será a sua alimentação? Comereis esterco de burro com alho amargo e palha com leite estragado.

Mês de Shabatu (II), qual será a sua alimentação? Comereis pão ainda quente e nádegas de burro recheadas com cocô de cachorro e excrementos de moscas do pó.

33

Evidentemente, não era assim que os assírios preparavam seus pratos. Para estes, foi utilizada uma ampla seleção de ingredientes muito diferentes: vegetais incluíam cebola, alho, cebolinha, alho-poró, agrião, rúcula, alface, mostarda, grão de bico, lentilha, ervilha, feijão, rabanete, nabo e cogumelos; e as frutas incluíam maçãs, peras, ameixas, romãs, damascos, tâmaras, uvas e figos, bem como frutas vermelhas. Aromáticos, como cedro e alcaçuz, e nozes, como pistache, realçam os pratos assírios. Em ocasiões especiais, as pessoas comiam peixe ou vários tipos de carne, como cabra, vaca, porco e carneiro. Eles também consumiam patos, gansos, pombos, codornas e perdizes, junto com seus ovos, e diversos tipos de caça, incluindo veados, gazelas, javalis, tartarugas e coelhos. Alimentos mais exóticos variavam de pequenos roedores, como ratos bandicoot, a gafanhotos e gafanhotos. Para a gordura, as pessoas usavam óleo de gergelim e gordura da cauda das ovelhas; e para condimentos, hortelã, vinagre e salmoura de peixe, que, embora caros, também foram extremamente importantes na culinária romana posterior. Mel e xarope de tâmaras serviam como adoçantes. Vários tipos de pão e mingaus eram alimentos básicos diários. As bebidas incluíam água, suco de frutas, cerveja e vinho de uva. O consumo de vinho tornou-se cada vez mais popular entre as elites assírias durante o período imperial.³⁴

A cerveja era frequentemente consumida em tabernas, onde os cidadãos assírios, especialmente os homens, encontravam libertação das suas preocupações e preocupações diárias. Algumas tabernas também serviam como bordéis. Os rituais assiro-babilônicos prescreviam uma visita à taverna como um meio de desfazer o mal que pairava sobre um homem devido a algum presságio negativo e, ao mesmo tempo, reintegrá-lo na sociedade. Muitos taverneiros eram mulheres, como o lendário Siduri, que dirigia a “taberna no fim do mundo” onde Gilgamesh encontrou descanso antes de sua jornada através das águas da morte até o herói do dilúvio Utanapishti. As piadas e piadas registradas na “Série de Sidu” e no “Texto Aluzinnu” provavelmente também circularam oralmente na atmosfera obscena das tabernas, onde o álcool soltava as línguas, o que às vezes levava a brigas sangrentas de bar. Numa carta a Esarhaddon sobre três oficiais militares recentemente promovidos, um oficial avisa o rei que “estes três homens são bêbados. Quando ficam bêbados, nenhum deles consegue desviar a espada de ferro do colega.” Outra carta fala sobre soldados bêbados montados em cavalos que estão tornando as ruas de Calah inseguras. Não é de admirar, então, que os livros bíblicos de Isaías (28:7-8) e Provérbios (31:4-9) desencorajem fortemente o consumo de álcool entre pessoas com autoridade, como reis, sacerdotes e profetas.³⁵

O tom na taverna provavelmente era muitas vezes áspero. Como as pessoas no Império Assírio amaldiçoaram e juraram pode ser avaliada a partir de uma pequena placa de Nínive com injúrias inscritas contra um certo Bel-etir. As palavras usadas neste texto deveriam ser

evitadas em conversas educadas: “Bel-etir, você fodeu refém, duplamente, com olhos lacrimejantes, duplamente, com olhos esbugalhados, duplamente, filho de Ibâ, aquela menstruação perdida, que balde de merda de uma fábrica de peidos, de uma família vil, laçaio de um deus morto, de uma casa cuja estrela desapareceu dos céus, uma escrava, um bem móvel, ele, o escravo de uma camponesa síria, o único barbudo entre uma multidão de mulheres fornicadas”.³⁶

BEL-ETIR ERA PROVAVELMENTE UM ESTRANGEIRO – ELE PODE TER SIDO UM oponente de Assurbanipal desde a época da guerra civil com Shamash-shumu-ukin em meados do século VII AC. É claro que existiam tensões também entre os moradores das cidades assírias. As pessoas discutiam principalmente por causa de dinheiro, disputando testamentos e reivindicações de propriedade; mas ocasionalmente também ocorreram homicídios, roubos, furtos e danos a propriedades. Para restaurar a paz, tais casos exigiam a gestão de conflitos e decisões juridicamente vinculativas.

Surpreendentemente, não havia nenhum código legal neo-assírio escrito. Escribas e estudiosos continuaram a copiar o famoso Código de Hamurapi, que foi composto cerca de mil anos antes de Tiglate-Pileser III estabelecer o Império Assírio - mas o texto foi lido como uma obra clássica que descreve um estado ideal de justiça, e não como uma obra clássica. uma fonte de leis a serem aplicadas em processos judiciais reais. Também não havia tribunais nem juízes profissionais. Na verdade, a palavra acadiana para “juiz”, *dayyānu*, está praticamente ausente dos documentos neo-assírios. Em vez disso, os funcionários administrativos e do templo serviam como autoridades judiciais: no nível estadual, o vizir e o oficial *sartennu*; no nível provincial, o governador; no nível municipal, o prefeito; e dentro dos contextos do templo, sacerdotes de alto escalão. Os casos foram decididos com base em depoimentos do autor e do réu, depoimentos de testemunhas e provas documentais. Se a verdade fosse difícil de estabelecer, o funcionário responsável poderia pedir a uma das partes que prestasse juramento ou enviar os litigantes para a “provação do rio”, onde aqueles que não conseguissem resistir às águas correntes seriam considerados culpados. Na maioria dos casos, a parte vencida foi condenada a pagar uma multa à outra parte, em vez de ter de enfrentar pena de prisão ou castigos corporais.³⁷

O árbitro judicial máximo nos tempos neo-assírios era o rei, mas ele intervinha apenas em casos que envolviam crimes capitais de interesse público, como alta traição ou roubo de templos. Exemplos deste último estão documentados em diversas cartas. Em um deles, Sîn-na'di, o prefeito de Ashur, relata ao rei que uma folha de ouro levada pelos ladrões do templo havia sido recuperada, que os ladrões estavam sob custódia e que o ourives Basali havia feito um reparo, talvez remontando a folha. Os culpados em tais casos podem ter recebido punições mais severas do que o habitual para a maioria dos crimes, talvez até a pena de morte, mas as fontes não esclarecem isto claramente.³⁸

Ser chamado perante um funcionário real, seja no contexto de um processo judicial ou por algum outro motivo, como o recrutamento para o serviço militar ou o trabalho forçado, causava muitas vezes grande ansiedade entre aqueles que eram convocados. Servir no exército, em particular, deve ter sido um grande fardo para muitos assírios, e muitas vezes também uma experiência traumatizante, apesar das recompensas substanciais, principalmente sob a forma de saque, que o serviço proporcionou. Enquanto soldados

profissionais ou semiprofissionais eram usados para a carruagem, cavalaria e infantaria pesada assíria, bem como para guarnecer unidades de elite multiétnicas de arqueiros auxiliares e lanceiros, a infantaria regular era composta principalmente por camponeses assírios, que eram recrutados durante os meses de verão, quando tinham pouco trabalho para fazer nos campos.³⁹

Muitos plebeus assírios parecem ter sentido um desconforto quase kafkiano quando convocados pelas autoridades. Para acalmar os nervos e aumentar as chances de não sofrer muitos abusos, recorriam nessas ocasiões a um conjunto de rituais e encantamentos que eram conhecidos como Egalkura, ou seja, “(Rituais para entrar com sucesso) no palácio”. Os encantamentos a serem recitados antes de um encontro com um oficial fornecem insights interessantes sobre as opiniões que os governados tinham de seus governantes e dos burocratas por eles empregados. A seguinte passagem é de um encantamento de Egalkura em uma tabuinha de Ashur:

O palácio, cujas tarefas são duras, árduas a ponto de serem insuportáveis, e cujos castigos são severos – o trabalho para ele está repleto de protestos. Atrás de suas portas(?) reina o terror, seu residente é um leão impiedoso. Aquele que entrar rezará para (o deus sol) Shamash: “Ó Shamash, vigie meu discurso lá dentro, faça com que minhas súplicas (perante as autoridades) sejam bem-sucedidas, para que eu entre em segurança e volte satisfeito. Meu senhor Shamash, posso ver sua graça.”⁴⁰

O rei e os seus representantes como leões impiedosos e o palácio como um lugar de terror: descrições como esta desmentem a afirmação feita por tantos monarcas assírios de que exerciam a sua autoridade antes de mais nada em benefício dos seus súbditos. A verdade é que o governante e o Estado eram mais frequentemente temidos do que amados, e era melhor evitar encontros com eles.

À medida que o século VII AEC avançava, porém, o tempo para os reis assírios prosseguirem a sua agenda voraz — e por vezes assassina — estava rapidamente a chegar ao fim. O fim do Império Assírio estava próximo. Seria violento e varreria tanto os poderosos como os fracos.

Crepúsculo Imperial

OS defensores postados na entrada externa do Portão Shamash, no canto sudeste de Nínive, lutavam desesperadamente, enquanto soldados babilônios e medos os cobriam de flechas. Eles sabiam muito bem que se os seus esforços para repelir os seus oponentes falhassem, não sobreviveriam.

Durante os meses anteriores, equipes de trabalho tentaram freneticamente estreitar os portões de Nínive, estendendo ao acaso suas paredes laterais com blocos de pedra mal revestidos. Os reis assírios – principalmente Senaqueribe, que não faz muito tempo havia transformado Nínive na maior cidade de seu tempo – queriam que os portões da cidade fossem monumentais e bonitos. Mesmo nos seus sonhos mais loucos, nunca teriam imaginado que as proporções generosas das entradas poderiam um dia revelar-se uma desvantagem estratégica. Mas agora, no calor do verão de 612 AEC, descobriu-se que era exatamente esse o problema. O tamanho dos portões e a enorme extensão da muralha da cidade tornaram impossível defender Nínive de forma eficaz.

E então, num dia fatídico de agosto, após um cerco de três meses, o inimigo finalmente conseguiu avançar. As tropas babilônicas e medos e os seus aliados invadiram a cidade para fazer o que os assírios tantas vezes fizeram aos outros: envolveram-se numa orgia de matança, pilhagem e destruição. Os palácios, templos e residências particulares de Nínive pegaram fogo.

Os soldados assírios estacionados no Portão Shamash – juntamente com vários cidadãos que tentaram escapar pelo portão no último minuto – estavam mortos neste momento, vítimas do ataque inimigo que resultou na conquista de Nínive. Atingidos por flechas ou mortos por outros meios, seus corpos estavam espalhados no chão em posições estendidas ou contorcidas, alguns voltados para baixo, outros parecendo ter morrido em pose de corrida. E não sobrou ninguém para pegá-los e enterrá-los.

Os esqueletos dos caídos permaneceram onde estavam por cerca de 2.600 anos. Junto com as pontas de flecha que perfuraram seus corpos e os blocos de pedra movidos às pressas para a entrada externa como uma última barreira contra o avanço do inimigo eles ainda estavam no local quando uma equipe da Universidade da Califórnia em Berkeley escavou o Portão Shamash em 1989 e 1990, removeu os escombros que cobriam a cena – e começou a reconstruir a história por trás dela.¹

A conquista de Nínive, que levou à morte dos soldados e civis abatidos na Porta Shamash, e de dezenas de milhares de outras pessoas, é um episódio chave na narrativa dramática do colapso do Império Assírio. A queda da Assíria foi repentina, durando apenas alguns anos.

Foi mais um acontecimento do que um processo e, portanto, muito diferente do lento declínio do Império Romano, um estado que, de outra forma, tinha muito em comum com a Assíria. O assiriologista francês Paul Garelli chamou-lhe um “escândalo histórico”, e os historiadores modernos têm de facto dificuldade em explicar como foi possível que um Estado tão grande, rico e poderoso como a antiga Assíria, com uma dinastia que existiu durante mais de mil anos, poderia desaparecer tão repentina e completamente. Mas o que aconteceu não surgiu totalmente do nada – várias tendências de longo prazo contribuíram para isso. ²

AS FONTES DISPONÍVEIS PARA OS ÚLTIMOS VINTE ANOS DO Império Assírio são um pouco diferentes daquelas existentes em outros períodos da história assíria. As inscrições reais assírias, embora não totalmente ausentes, pouco ajudam, pois os reis assírios não escreveram sobre reveses e humilhações. As inscrições dos reis babilónicos também não são particularmente informativas, embora por uma razão diferente: de acordo com uma antiga tradição dos governantes babilónicos que se concentravam na sua relação com os deuses, nos sacrifícios e na construção de templos, em vez das suas actividades militares, Nabopolassar e Nabucodonosor II – que desempenhou papéis decisivos na derrota da Assíria – pouco disse sobre o seu grande triunfo sobre o vizinho do norte. Nabopolassar afirmou que ele “derrubou o Subareano (isto é, a Assíria) e transformou suas terras em lugares desolados e desolados”, usando “a arma do inspirador (deus guerreiro) Erra, que atinge meus inimigos com raios”, mas ele não adicionou mais detalhes. ³

Outros textos são mais reveladores. Documentos jurídicos e económicos da Babilónia (e, em menor medida, da Assíria) ajudaram os estudiosos a reconstruir a cronologia dos acontecimentos e a esclarecer quando algumas das diferentes cidades da Babilónia mudaram de lado à medida que o conflito avançava. Uma fonte importante é a série *Babylonian Chronicle*. Após uma lacuna nos anos 622 a 617, ele se retoma em 616 A.C. e fornece informações detalhadas sobre a devastação que as tropas babilónicas e medos causaram no coração da Assíria a partir de então, bem como as últimas convulsões trágicas do estado assírio e do papel que os egípcios desempenharam durante aqueles anos fatídicos. Duas cartas recentemente publicadas do noroeste assírio lançaram nova luz sobre a situação logo após a conquista de Nínive. Alguns textos histórico-literários conhecidos a partir de tabuinhas cuneiformes do período selêucida, incluindo a chamada *Epopéia de Nabopolassar*, são igualmente interessantes, embora permaneça incerto até que ponto refletem com precisão o que aconteceu no final do século VII, cerca de trezentos anos antes de serem escritos. O mesmo se aplica à Bíblia Hebraica, principalmente ao Livro de Naum, e às fontes gregas, como os relatos de Beroso e Ctesias. Essas fontes contêm muitas imprecisões, mas também incluem alguns detalhes intrigantes que parecem ter sido extraídos de relatos de primeira mão. Finalmente, há evidências arqueológicas consideráveis, não apenas em Nínive, mas também em Ashur, Calah, Dur-Katlimmu e em outros lugares. Juntas, estas fontes pintam o retrato de um império em agonia, incapaz de resistir ao ataque de uma série de grandes desafios. ⁴

CONFORME APONTADO ANTERIORMENTE, QUASE NADA SE SABE SOBRE os últimos anos do reinado de Assurbanipal. A partir do início da década de 630, suas inscrições reais não falam mais sobre façanhas militares. À primeira vista, a situação política parece ter estado calma durante este

período. Elam estava substancialmente enfraquecida, a Babilônia estava quieta e Tabal e Urartu, antigos inimigos da Assíria no leste da Anatólia, estavam em apuros. Mas também há sinais de que a Assíria estava em apuros consideráveis. Evidências arqueológicas e o testemunho do historiador grego Heródoto sugerem que a hegemonia do império sobre o Mediterrâneo Oriental e partes do Levante chegou ao fim pouco depois de 640, talvez como consequência dos ataques citados. As tropas egípcias acabaram por preencher o vazio. Ao mesmo tempo, a Assíria parece ter enfrentado algumas dificuldades econômicas internas causadas por colheitas fracas.⁵

Em 631, após um reinado de quase quarenta anos, Assurbanipal faleceu. Ele pode ter morrido de velhice, embora não haja nenhuma evidência definitiva que esclareça as circunstâncias de seu fim. Ele foi sucedido por seu filho Ashur-etel-ilani, que governou de cerca de 630 a 627. Mas Ashur-etel-ilani acabou sendo pouco mais que uma figura de proa, o fantoche de um poderoso eunuco chamado Sîn-shumu-lishir. O preâmbulo de uma doação feita em nome de Ashur-etel-ilani não deixa dúvidas sobre sua condição de dependente:

Depois que meu pai e meu pai (Ashurbanipal) partiram, nenhum pai me criou ou me ensinou a abrir minhas asas, nenhuma mãe cuidou de mim ou cuidou de minha educação. Sîn-shumu-lishir, no entanto, o eunuco-chefe, alguém que mereceu o bem de meu pai e progenitor e que constantemente me guiou como um pai, instalou-me com segurança no trono e fez com que o povo da Assíria vigiasse minha realeza enquanto eu era menor de idade.⁶

Estas são as palavras de um rei que claramente não estava no comando. E a sua fraqueza não passou despercebida. Como revela o mesmo preâmbulo, a ascensão de Ashur-etel-ilani ao trono foi logo seguida por uma rebelião interna da Assíria, liderada por um certo Nabû-rehtu-usur. Eventualmente foi reprimido, mas apenas através dos bons serviços de Sîn-shumu-lishir.

Então, em 627, Ashur-etel-ilani desapareceu de cena. Como ele ainda era muito jovem, possivelmente foi assassinado. Mais ou menos na mesma época, Kandalanu, o fantoche assírio instalado como rei da Babilônia, também faleceu.

As implicações destas duas mortes reais foram enormes. Levaram ao caos político, tanto na Assíria como na Babilônia, e depois à guerra prolongada que terminaria com a queda da Assíria. A “Crônica de Akitu” babilônica coloca isso bem: “Depois (da morte de) Kandalanu... problemas ocorreram na Assíria e em Akkad (ou seja, na Babilônia); seguiu-se um estado permanente de hostilidade e houve uma longa sucessão de batalhas.”⁷

MESMO ANTES DA MORTE DE ASHUR-ETEL-ILANI, OUTRO FILHO DE ASSURBANIPAL, SÎN-SHARRU-ISHKUN, tentou conquistar para si o trono assírio. Agora, com o irmão fora do caminho, ele encontrou a sua posição substancialmente fortalecida. Mas ele não foi o único candidato. Num movimento altamente incomum, Sîn-shumu-lishir, o eunuco-chefe, reivindicou também a realeza sobre a Assíria. Os eunucos, biologicamente incapazes de sustentar uma linhagem dinástica, nunca haviam servido como rei na Assíria antes. Eles deveriam apoiar o rei, não ocupar seu cargo. Não pode haver dúvidas, portanto, de que as manobras de Sîn-shumu-lishir desencadearam uma grande crise de legitimidade para a coroa assíria.⁸

O homem que tiraria vantagem das lutas internas entre os dois líderes assírios concorrentes – e no processo mudaria o curso da história – era um oficial babilônico chamado Nabopolassar. Possivelmente membro da “tribo” caldeia Bit-Dakkuri, ele era provavelmente descendente de uma família de administradores de alto escalão que serviu em nome de vários reis assírios na cidade de Uruk, no sul da Babilônia. Kudurru, pai de Nabopolassar, era o governador de Uruk, e o próprio Nabopolassar também deve ter ocupado algum cargo na cidade. Tanto pai como filho eram, por outras palavras, “colaboradores” locais das forças de ocupação assírias, parte da rede de inteligência assíria e profundamente familiarizados com as práticas militares e administrativas assírias.⁹

Após a morte de Ashur-etel-ilani, Kudurru rebelou-se contra seus senhores assírios, mas as forças pró-assírias o derrotaram e “arrastaram seu cadáver pelas ruas” de Uruk. Seu filho, no entanto, tendo escapado das medidas punitivas implementadas pelos assírios, logo se revelou um líder mais formidável do movimento de libertação que emergiu para acabar com o domínio da Assíria sobre a Babilônia de uma vez por todas.

No segundo mês de 626 A.C., com os assírios incapazes de intervir, Nabopolassar foi reconhecido como rei em Uruk. Mais ou menos na mesma época, ele fez uma primeira tentativa de estabelecer também seu governo na cidade de Babilônia. Inicialmente, ele não conseguiu manter a cidade: em poucos meses, suas tropas foram repelidas por uma contra-ofensiva assíria. Mas as forças assírias, engajadas tanto em Uruk quanto na Babilônia, logo se viram perigosamente reduzidas. Atacados em duas frentes, sofreram uma série de derrotas humilhantes. Nabopolassar retornou à Babilônia e, como relata a Crônica Babilônica, no vigésimo sexto dia do mês de Arahsamna (VIII), ascendeu ao trono ali. Sua coroação é descrita com alguns detalhes na Epopéia de Nabopolassar. Ele recebeu a coroa, um selo real e outros símbolos de poder em uma cerimônia que incluiu um grupo de nobres babilônios dirigindo-se alegremente ao seu novo governante com as palavras: “Ó senhor, ó rei, que você viva para sempre. Que você conquiste (?) a terra de seus inimigos, para vingar a Babilônia.”

10

“VINGAR A BABILÔNIA” FOI DE FATO O QUE NABOPOLASSAR, nos anos seguintes, lutou de todo o coração. Ele pretendia que a Assíria pagasse o preço final pelas muitas derrotas humilhantes que infligiu ao seu vizinho do sul ao longo das décadas e séculos anteriores.

Uma das primeiras vítimas da ira de Nabopolassar, ao que parece, seria Sîn-shumu-lishir. O Épico de Nabopolassar relata que o rei encontrou o “chefe eunuco todo-poderoso” – presumivelmente o próprio Sîn-shumu-lishir – no telhado de um palácio na cidade de Cutha, perto da Babilônia, onde o eunuco, em algum momento no final de 626 aC, havia tentou encontrar refúgio. O líder encurralado implorou-lhe: “Não me mate, poderoso rei”. Mas Nabopolassar não se comoveu diante do desesperado apelo de misericórdia do seu inimigo. Ele deu a ordem: “Que o assírio seja morto”.¹¹

Com a morte de Sîn-shumu-lishir, o filho de Assurbanipal, Sîn-sharru-ishkun, tornou-se o único detentor do trono assírio. Ele governaria a Assíria até 612 AEC. Quase instantaneamente, ele tentou reconquistar o controle do sul. Os anos entre 625 e 620 foram pontuados por uma série de batalhas brutais na Babilônia, com cidades babilônicas, especialmente Uruk, mudando repetidamente de lado e cercos em andamento em diferentes lugares. Numa repetição dos conflitos anteriores, vinte e cinco anos antes, durante a guerra

entre Assurbanipal e Shamash-shumu-ukin, as estátuas de deuses importantes foram removidas dos seus santuários de origem – pelos babilônios para a Babilônia e pelos assírios para Arrapha – e os civis sofreu enormes dificuldades. As perturbações devem ter levado repetidamente a rupturas da ordem social. Muitos textos jurídicos e econômicos deste período incluem notas de que “o portão da cidade estava fechado” ou que “houve hostilidades no país”. A situação dentro da própria Assíria também não era consistentemente estável. Embora os detalhes sejam obscuros, parece que Sîn-sharru-ishkun teve que rechaçar outra rebelião interna em 623.

Depois de seis anos, Nabopolassar conseguiu expulsar os assírios da Babilônia. Mais uma vez, os detalhes sobre o que aconteceu, ou como, não estão disponíveis, mas as fórmulas de data dos documentos babilônicos sugerem que tanto Nippur quanto Uruk estavam sob o controle permanente de Nabopolassar em 620. Seguiu-se um impasse entre os dois lados, com os babilônios lentamente assumindo o controle. territórios contestados na região do Tigre Oriental.

Durante o ano 616 A.C. , as hostilidades entre Sîn-sharru-ishkun e Nabopolassar concentraram-se na região do Médio Eufrates, onde o rei babilônico obteve outra vitória sobre as tropas assírias, agora reforçadas por aliados iranianos da terra de Mannaya. Mas o seu movimento para o oeste incitou os egípcios, que haviam assumido o controle de vastas áreas a oeste do Eufrates durante os últimos anos do reinado de Assurbanipal. O Egito era governado nesta época pelo Faraó Psamtik I, que Assurbanipal havia nomeado décadas atrás. Talvez Psamtik ainda nutrisse alguma simpatia pelo império do Tigre, seu antigo benfeitor; ou talvez ele apenas pensasse que Nabopolassar representava uma ameaça maior às novas ambições territoriais do Egito no Levante do que os assírios sob o comando de Sîn-sharru-ishkun. De qualquer forma, ele interferiu em nome do rei assírio e expulsou Nabopolassar de volta à Babilônia. Foi um movimento que transformou a guerra Assírio-Babilônica, irrevogavelmente, num conflito “internacional”.¹²

Nabopolassar, sentindo que um grande confronto com as forças egípcias seria imprudente neste momento, decidiu voltar a concentrar a sua atenção na região do Tigre Oriental. No final de 616, ele derrotou um batalhão assírio perto da cidade de Arrapha. No ano seguinte, encorajadas por este sucesso, as tropas babilônicas marcharam ao longo do Tigre até Ashur, a antiga capital religiosa da Assíria. Mas foram empurrados para trás e tiveram de recuar para sul, até Takritain, a moderna Tikrit, no centro do Iraque. A contra-ofensiva assíria, no entanto, também não foi muito longe: as tentativas das tropas de Sîn-sharru-ishkun de desalojar os babilônios de sua fortaleza em Takritain não tiveram sucesso, e os assírios tiveram que voltar para casa novamente.

EM MEADOS DE 615, A SITUAÇÃO POLÍTICA E MILITAR DA ASSÍRIA ERA desafiadora, mas ainda não desesperadora. Houve ocasiões anteriores em que as tropas assírias foram expulsas da Babilônia, e ataques malsucedidos da Babilônia e dos elamitas no coração da Assíria ocorreram mesmo em um passado não tão distante. Em nenhum destes casos a integridade do Império Assírio esteve em sério perigo. Melhor ainda, Sîn-sharru-ishkun poderia contar com o apoio do poderoso reino do Egito. Mas no outono de 615, uma nova força externa entrou na briga: os medos. E com a sua chegada ao campo de batalha, a própria existência da Assíria ficou subitamente em jogo.

Atestados pela primeira vez em inscrições do reinado de Salmaneser III do século IX A.C., os medos eram um grupo de tribos iranianas inicialmente meio-nômades, mas cada vez mais sedentárias, que habitavam as regiões centrais das montanhas Zagros ao redor de Ecbatana, a moderna Hamadan no oeste do Irã. O historiador grego Heródoto sugere que já em 700 AEC os medos já haviam estabelecido um grande império, mas não há evidência disso nos registros arqueológicos ou em textos cuneiformes. Foi, pelo contrário, a fragmentação política dos medos que tornou tão difícil para os reis assírios, de Salmaneser III a Assurbanipal, obterem controle total sobre eles. Ao mesmo tempo, a sua desunião garantiu que durante mais de duzentos anos os medos não representassem uma ameaça militar séria para a Assíria.¹³

Mas uma grande mudança durante o último quartel do século VII derrubou o cálculo estratégico da Assíria. Um chefe medo, a quem a Crônica Babilônica chama de Umakishtar e os gregos chamados de Cyaxares, conseguiu reunir as diferentes tribos medos em uma espécie de confederação, se não em um estado verdadeiramente unificado. Embora as circunstâncias que lhe permitiram fazê-lo sejam obscuras, é provável que (juntamente com encontros com outros estados, como Elam e Ellipi) repetidas tentativas assírias de criar províncias nos territórios medianos e aumentar o comércio na região, especialmente ao longo do A “Grande Estrada Khorasan”, no sentido leste, contribuiu para o eventual surgimento de um sistema político mediano mais coeso. Ao facilitar este caso clássico de “formação de Estado secundário”, os assírios criaram na verdade um monstro – e cavaram a sua própria cova.¹⁴

Na Crônica Babilônica, os medos são mencionados pela primeira vez no final do verbete do ano 615, quando “desceram a Arrafa”, cidade e província assíria a leste de Ashur. Apesar de uma lacuna no texto, pode-se assumir com segurança que trouxeram morte e destruição à região. Poucos meses depois, no verão de 614, os medos retornaram, desta vez com um prêmio maior em mente. Depois de passar por Nínive e devastar a cidade vizinha de Tarbisu, eles acamparam contra a cidade de Ashur, que havia sido reforçada ao acaso após o fracassado ataque babilônico no ano anterior. Os residentes da cidade parecem não ter esperado o pior: os documentos jurídicos e econômicos dos últimos anos e meses antes da queda de Ashur não mostram sinais da crise iminente. Mas, em poucas semanas, os medos conquistaram a cidade, saquearam-na e devastaram-na e — como diz expressamente a Crônica Babilônica — “infligiram uma derrota terrível a um grande povo”. Evidências arqueológicas confirmam o registro textual: vestígios de destruição e de uma série de incêndios massivos foram encontrados por toda a cidade. Trigo emmer torrado, queimado pelas chamas, foi descoberto no Palácio Antigo, no “Palácio Oriental” e no Templo Anu-Adad. Deve ter sido acumulado nesses edifícios em grandes quantidades, em antecipação a um cerco prolongado da Meda. Os esqueletos de alguns dos caídos, incluindo uma mulher cuja cabeça foi decepada, foram encontrados, mais abandonados do que enterrados, perto da rua que liga o Portão Ocidental de Tabira à cidade.¹⁵

A perda de Ashur foi um desastre para a Assíria – não tanto pelas suas implicações militares e estratégicas, embora estas também fossem significativas – mas por razões ideológicas. Desde tempos imemoriais, Ashur foi o coração religioso do reino, a residência do deus do estado assírio Ashur e o local onde os reis assírios foram coroados e enterrados. Agora, tanto o Templo de Ashur como os túmulos reais estavam em ruínas, e os ossos dos grandes reis da Assíria estavam espalhados por toda a cidade. Deve ter sido um golpe fatal

para o moral das elites e das forças militares da Assíria, que tinham perdido a sua principal fonte de energia espiritual.

Os babilônios chegaram tarde demais para participar do ataque a Ashur. O rei babilônico Nabonido (r. 555–539 A.C.) mais tarde caracterizaria os medos como bárbaros que, para grande consternação do mais civilizado Nabopolassar, não tiveram escrúpulos em destruir santuários que deveriam ter sido poupados e perturbar cultos que deveriam ter sido deixados sem ser molestado. Mas se Nabopolassar alguma vez teve tais escrúpulos, eles não o impediram de colaborar alegremente com os guerreiros do leste. Conforme relata a Crônica Babilônica, ele e Ciaxares “se encontraram perto da cidade (de Ashur) e chegaram a um acordo”. O objectivo desta aliança fatídica não está explicitado, mas parece óbvio: juntos, os dois reis queriam tomar a capital assíria, Nínive, e dar o toque de morte ao Império Assírio.

O ataque final a Nínive ocorreu em 612 AEC . No ano anterior, quando enviou as suas tropas de volta à região do Médio Eufrates, Sîn-sharru-ishkun mostrou pela última vez que ainda não tinha perdido completamente a capacidade de tomar a iniciativa. Mas ele não conseguiu obter nenhum sucesso duradouro com esta operação. E assim ele se viu em 612, a partir do mês de Simanu (III), enfiado em seu palácio no monte da cidadela de Nínive. Dali ele podia observar, sem dúvida com alarme e desespero cada vez maiores, as forças combinadas dos babilônios e dos medos, provavelmente reforçadas por tropas de Elam e da Península Arábica, acampadas contra a cidade.¹⁶

Centenas de anos depois, os escribas babilônios estudaram uma série de letras cuneiformes que Nabopolassar e Sîn-sharru-ishkun teriam supostamente trocado durante os últimos dias de Nínive. A autenticidade desta correspondência está em disputa, mas é bem possível que cartas semelhantes ou quase idênticas tenham sido enviadas e recebidas durante o cerco de Nínive. Nabopolassar escreve com desdém ao seu homólogo assírio:

Você tem sido hostil à Babilônia; você encheu as terras de desordem; você infligiu derrota ao povo da Babilônia; você introduziu o crime, a culpa e o pecado; você fomentou o mal; você fomentou a rebelião na terra; você falhou em criar a paz. Eu vingarei a Babilônia. Amontoarei (os escombros) o muro de Nínive, que é feito de pedra forte, como um monte de areia; Desarraigarei (a semente de) Senaqueribe, filho de Sargão, descendente de um escravo doméstico, conquistador da Babilônia, saqueador da terra da Babilônia. Por causa das más ações que você cometeu contra a terra da Babilônia, Marduk, o grande senhor, e os outros grandes deuses irão chamá-lo para prestar contas.¹⁷

Sîn-sharru-ishkun, cuja situação era desesperadora, só podia implorar por misericórdia. Ele se dirige a Nabopolassar como um “rei poderoso que consegue tudo o que deseja”, identifica-se como seu servo e admite as suas próprias falhas: “Não cumpri os meus deveres para com o rei, meu senhor”. Mas se ele esperava que a sua submissão lhe desse uma última oportunidade de encontrar uma saída diplomática para a sua situação, estava a enganar-se a si próprio. O tempo das negociações já havia passado. No final do verão de 612, as tropas inimigas finalmente romperam as defesas assírias. Eles entraram em Nínive, saquearam-na, mataram milhares de seus residentes e deportaram a maioria dos outros. Sîn-sharru-ishkun

morreu durante o ataque, embora uma lacuna na Crônica Babilônica nos deixe no escuro sobre as circunstâncias exatas de sua morte.¹⁸

A devastação de Nínive seguiu um plano cuidadosamente elaborado. Antes de os templos e palácios da cidade serem incendiados, eles não só foram despojados de objetos valiosos, mas os inimigos vitoriosos também desfiguraram sistematicamente muitas das imagens onipresentes dos reis assírios, destruindo, em particular, seus olhos, bocas, ouvidos e narizes. Tudo isso foi muito semelhante ao que aconteceu trinta e quatro anos antes, durante o saque de Susa por Assurbanipal. Quando as tropas assírias, durante sua violência, encontraram por acaso uma imagem de Hallushu-Inshushinak, o rei elamita responsável pela morte do filho de Senaqueribe, Ashur-nadin-shumi, em 693, Assurbanipal afirmou ter “cortado seu nariz, o que zombou, cortou-lhe os lábios, que falava insolentemente, e quebrou-lhe as mãos, que seguravam um arco para lutar contra a Assíria. Agora, as imagens de Senaqueribe e Assurbanipal foram sujeitas a actos simbólicos comparáveis de assassinato póstumo – e há provas indirectas de que soldados elamitas também participaram na profanação.”¹⁹

A antiga capital assíria, Calah, também foi vítima de um ataque brutal. Como as fontes escritas não mencionam a queda da cidade, permanece desconhecido se ocorreu em 614 ou em 612, e quem exatamente foi o responsável por isso. Mas a evidência arqueológica é mais uma vez inconfundível: vestígios de fogo intenso e depósitos de cinzas em muitos edifícios públicos atestam a extensão da destruição. Cópias do Tratado de Sucessão que Esarhaddon havia concluído com os chefes medos em 672 AC foram encontradas quebradas em centenas de pedaços no chão do templo de Nabû, na cidadela de Calah, onde os conquistadores medos de Calah provavelmente os esmagaram deliberadamente, a fim de para vingar a submissão humilhante dos seus antepassados. Uma descoberta particularmente sombria foi feita quando arqueólogos iraquianos escavaram um poço localizado num pátio na parte sudeste do Palácio Noroeste de Ashurnasirpal II. Estava cheio de pelo menos 180 esqueletos de jovens, em sua maioria fisicamente aptos, com idades entre dezoito e trinta anos, muitos com grilhões de ferro em volta dos pés e das mãos. Os conquistadores devem tê-los jogado no poço enquanto ainda estavam vivos.²⁰

Após a conquista de Nínive, Nabopolassar enviou algumas de suas tropas para o oeste, onde saquearam Nasibina (Nisibis) e deportaram partes da população da província assíria de Rusapu (Rasappa). Nas regiões mais ao norte, a guerra também continuou. A resistência assíria na capital da província de Tushhan (moderna Ziyarat Tepe na província turca de Diyarbakır) parece ter durado até 611. Escavações recentes produziram uma carta cuneiforme provavelmente escrita durante este mesmo ano. Ele pinta um quadro vívido da situação desesperadora em que a cidade se encontrava. O remetente, um certo Mannu-ki-Libbali, provavelmente governador de Tushhan, dirige-se ao tesoureiro da Assíria, um oficial de alto escalão encarregado da marcha fronteiriça assíria na margem oriental do Tigre, na região fronteiriça turco-iraquiana, escrevendo: “Quanto aos cavalos, escribas assírios e arameus, comandantes de coorte, oficiais, latoeiros, ferreiros, aqueles que limpam as ferramentas e equipamentos, carpinteiros, fabricantes de arcos, fabricantes de flechas, tecelões, alfaiates e reparadores, a quem devo vez? Nenhum deles está lá. Como posso comandar? A morte sairá disso. Ninguém escapará (?). Terminei!”²¹

A carta, provavelmente nunca enviada, é um grito de desespero. Mannu-ki-Libbali não tinha meios para continuar a luta contra as tropas babilônicas e medos. E assim, a morte surgiu disso. Evidências arqueológicas indicam que Tushhan foi capturado e destruído –

provavelmente poucos dias depois de o governador ter redigido a sua última carta – e depois abandonado em grande parte. Tal como em outras cidades assírias, os seus residentes, e o infeliz Mannu-ki-Libbali, devem ter sido mortos ou levados como prisioneiros de guerra. ²²

MESMO DEPOIS DA QUEDA DE TUSHHAN, A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA DA ASSÍRIA não terminou totalmente. Numa sombria coda histórica, um príncipe assírio que se autodenominava Ashur-uballit (II) fez uma última tentativa de restaurar o estado assírio e a dinastia real. Como relata a Crônica Babilônica, ele “ascendeu ao trono em Harran para governar como rei da Assíria” em um mês desconhecido no final de 612. Harran, a cidade do deus da lua, estava localizada às margens do rio Balikh e ficava tão longe no oeste que os babilônios e os medos ainda não o haviam atacado.

O nome do trono adotado pelo novo governante, Ashur-uballit, transmitia duas mensagens. Por um lado, o seu significado, “O deus Ashur manteve vivo”, expressava esperança de um eventual reavivamento assírio. Por outro lado, o nome remetia a Ashur-uballit I (r. 1363–1328 A.C.), o primeiro governante assírio a assumir o título de “rei” (*šarru*), e aquele que desempenhou um papel fundamental na transformação de Ashur em território territorial. estado. Quando Ashur-uballit II escolheu esta figura fundadora como seu modelo, ele devia estar plenamente consciente de que os desafios que tinha pela frente eram tão grandes ou possivelmente maiores do que aqueles que o seu antepassado homônimo tinha enfrentado com sucesso.

Durante alguns anos, as pessoas nos territórios ao longo dos rios Khabur e Balikh e no sopé do Taurus – as únicas áreas assírias ainda não conquistadas – parecem ter reconhecido Ashur-uballit II como seu governante, embora sem lhe atribuir o título “ rei.” Como ele não pôde ser devidamente coroado em Ashur, como exigia a tradição, Ashur-uballit parece ter sido chamado de “príncipe herdeiro”, literalmente, “filho do rei” – o que sugere, aliás, que Sîn-sharru-ishkun era seu pai. ²³

Em 610, um exército de soldados babilônios e medos sob a liderança de Nabopolassar marchou para o oeste para lidar de uma vez por todas com a resistência assíria remanescente. Nesse ínterim, Ashur-uballit conseguiu novamente garantir o apoio dos egípcios, que já haviam ajudado Sîn-sharru-ishkun. Mas quando a notícia do ataque iminente de Nabopolassar chegou a Harran, “Ashur-uballit e o exército egípcio foram dominados pelo medo”, conforme relata a Crônica Babilônica. Abandonaram a cidade e cruzaram o Eufrates, deixando os territórios a leste do rio à mercê dos babilônios e dos medos. Nabopolassar capturou Harran “e levou uma grande quantidade de saques à cidade e ao templo”.

No ano seguinte, conta a crônica, Ashur-uballit retornou mais uma vez à região de Harran. Ao seu lado estavam tropas egípcias lideradas por um novo faraó, Necho II. No caminho, eles derrotaram e mataram o rei da Judéia, Josias, numa batalha travada em Megido. Ashur-uballit parece ter conseguido uma vitória inicial em Harran, mas depois seu avanço estagnou. Esta é a última vez que ouvimos falar dele. O que exatamente aconteceu com ele permanece desconhecido, mas depois de 609, ele desapareceu de cena.

As tropas babilônicas, não mais limitadas pela ameaça dos contra-ataques assírios, puderam agora marchar até Urartu. As unidades do exército egípcio continuaram a lutar contra eles por mais alguns anos, mas em 605, o filho de Nabopolassar e príncipe herdeiro Nabucodonosor II, mais famoso como o conquistador de Jerusalém, infligiu duas derrotas

esmagadoras aos egípcios, uma em Carquemis, no Eufrates, e outra em Carquemis, no Eufrates. em Hamate, na Síria. Com o desaparecimento de Ashur-uballit e a saída do Egito do Levante, um novo poder imperial foi estabelecido na Ásia Ocidental: a tocha foi passada da Assíria para a Babilônia.

As cidades assírias às margens do rio Khabur parecem ter sido poupadas da destruição massiva sofrida pelos centros urbanos no coração da Assíria, e as tradições dos escribas assírios continuaram por mais algum tempo nesta área. Os documentos mais recentes em língua e escrita assíria de Dur-Katlimmu são de 603 e 600 AC . Eles são datados com referência ao rei babilônico Nabucodonosor II, o que mostra que os residentes de Dur-Katlimmu reconheceram plenamente o domínio babilônico na virada do século VII para o VI.

Outro texto recentemente descoberto em estilo assírio, um documento sobre a venda de vários campos e pomares nas proximidades da cidade de Ilhina, provavelmente surgiu mais ou menos na mesma época. Foi encontrado mais ao norte, em um campo perto de Hasankeyf, na região de Tur Abdin, no sudeste da Turquia. O texto é, de forma bastante fascinante, datado do “nono ano de Lâbasi, o copeiro-chefe”, enquanto “Ubakisteri era o rei medo”. Ubakisteri só pode ser o governante mediano Cyaxares, chamado Umakishtar pelos babilônios. Parece que, na sequência do colapso assírio, o copeiro-chefe, Lâbasi, um dos mais altos funcionários do estado assírio, criou para si um pequeno feudo numa área remota e montanhosa, difícil de conquistar. Ele reconheceu formalmente os medos como seus senhores, mas provavelmente não teve que lidar com muita interferência deles. O escriba do documento Hasankeyf, mencionado na penúltima linha, era um certo Kisir-Nabû “da cidade de Ashur”. Ele poderia ser idêntico a um conhecido exorcista do Templo de Ashur, que escreveu muitos dos mais de mil textos médicos, mágicos e outros que foram escavados em 1908 na casa de sua família em Ashur. Pouco antes ou depois do ataque medo à cidade em 614, ele pode ter conseguido fugir e juntar-se a Lâbasi e aos seus apoiantes no seu covil.²⁴

O pequeno reino montanhoso de Lâbasi continuou a ser um feudo separatista relativamente inconsequente – embora merecesse um dia ser abordado num romance histórico. Quando e como exatamente terminou, não sabemos. Por que meios os medos governaram as partes norte e oriental da Assíria que se tornaram parte da sua esfera de influência – se é que alguma vez implementaram alguma forma de governo organizado – também permanece obscuro. Muito provavelmente, a confederação mediana se desintegrou lentamente. Apesar dos protestos em contrário em fontes gregas posteriores, um “império” medo parece nunca ter surgido.

OS ACONTECIMENTOS DOS ANOS ENTRE 627 E 605 AEC PODEM SER descritos como nada menos que uma primeira “Guerra Mundial”. Eles foram marcados por uma série de grandes revoltas, batalhas e cercos; levou a baixas massivas entre as populações civis de várias cidades da Babilônia, Assíria e Levantina; e causou a morte de um grande número de soldados. Provocaram a deportação de dezenas, senão centenas de milhares de pessoas e a destruição completa dos principais centros urbanos da Assíria. Inicialmente limitado a duas potências, a Assíria e a Babilônia, o confronto transformou-se ao longo do tempo num conflito internacional numa escala nunca antes vista. Os manecanos iranianos entraram em batalha ao lado dos assírios e os medos iranianos ao lado dos babilônios. Os elamitas, e possivelmente também os árabes, também participaram em alguns dos combates, ajudando Nabopolassar,

enquanto com o Egito outra grande potência se juntou à briga em apoio a Sîn-sharru-ishkun e Ashur-uballit II. Judá envolveu-se quando procurou impedir os egípcios de restabelecer a sua hegemonia no Levante. De Suhu e Carchemish, no Eufrates, a Urartu, no leste da Anatólia, houve numerosos teatros de guerra adicionais.²⁵

Depois que as hostilidades chegaram ao fim, as histórias do conflito entraram na memória cultural de várias civilizações antigas. A queda da Assíria foi vividamente lembrada na Babilônia, através de crônicas, cartas e épicos históricos, mas também na Bíblia Hebraica e nos escritos históricos da Grécia e Roma antigas. Em todo o lado, a guerra foi vista como um acontecimento paradigmático, uma história moral sobre os perigos da arrogância política. Em apenas duas décadas, a Assíria, um estado imperial de influência e riqueza sem precedentes, sofreu um colapso que foi, no seu âmbito, também sem precedentes.

Embora algumas características da civilização assíria tenham sobrevivido, o que se perdeu na catástrofe foi enorme. O estado assírio deixou de existir. A linhagem real assíria, que durou mais de um milênio, foi abruptamente interrompida. A vida urbana assíria continuou apenas na escala mais rudimentar, e a escrita cuneiforme no coração da Assíria parou completamente. O interior rural da Assíria sofreu um despovoamento maciço, provocado por assassinatos, deportações, fugas e um colapso na manutenção do elaborado sistema de canais que Senaqueribe e outros reis criaram. Pesquisas arqueológicas apontam para uma redução acentuada no número e tamanho de pequenos assentamentos na zona rural assíria no período após^{612.26}

A RAPIDEZ E A MAGNITUDE DO DESASTRE QUE SE ABATEU SOBRE a Assíria no final do século VII A.C. confundiram os historiadores modernos — levando-os a procurar causas mais profundas do que os caprichos da tomada de decisões políticas para explicar o que aconteceu. Alguns estudiosos chegaram ao ponto de declarar a política um mero epifenômeno no desenrolar dos acontecimentos. Forças maiores, afirmam eles, estavam em ação. Duas teorias recentes sobre a queda da Assíria se destacam.

A primeira considera as mudanças ambientais como o motor do colapso do império. Em 2014, o paleoclimatologista americano Adam W. Schneider e o assiriologista turco Selim Adalı sugeriram que a queda da Assíria foi desencadeada por uma grave seca que se instalou em meados do século VII. A seca, argumentaram os autores, causou uma série de fomes no coração da Assíria, onde o número demográfico tinha aumentado nas décadas anteriores como consequência das deportações em massa empreendidas pelos reis imperiais da Assíria. Esta crise, por sua vez, permitiu que os babilônios e os medos invadissem a Assíria e conquistassem as suas principais cidades.²⁷

Um estudo detalhado de 2019 realizado pelo geólogo americano Ashish Sinha e outros estudiosos tentou fundamentar esta teoria usando um conjunto mais elaborado de dados paleoclimáticos. Os dados foram obtidos rastreando as proporções de isótopos de oxigênio e urânio em duas estalagmites calcárias – os chamados espeleotemas – da caverna Kuna Ba, localizada perto da cidade de Sulaymaniyah, no Curdistão iraquiano, cerca de 300 quilômetros (186 milhas) a sudeste de Nínive. Semelhante aos núcleos de gelo ou anéis de árvores, os espeleotemas fornecem informações ano a ano sobre a quantidade de chuva durante o período de sua formação.²⁸

Os dados de Kuna Ba revelaram que o período entre 850 e 740 A.C. , denominado pelos autores de “megapluvial assírio”, foi um dos períodos mais chuvosos da história da antiga Assíria. As “condições pluviais” começaram ainda mais cedo, por volta de 925, e duraram até 725 A.C. Os autores correlacionam as circunstâncias ambientais desta época, uma bênção para a produtividade agrária da Assíria, com “uma das fases mais proeminentes da expansão imperial assíria”. A megapluvial assíria foi seguida por uma longa fase de diminuição da precipitação, que culminou num período de 125 anos de pico de aridez entre 675 e 550 A.C. , apelidado pelos autores de “megasseca assíria”. Durante este período, a economia agrária da Assíria contraiu-se, com consequências eventualmente catastróficas para a capacidade do império de resistir a ataques de potências estrangeiras. A perda da Babilônia em 620 AEC foi um golpe particularmente desastroso. Dado que as práticas agrícolas baseadas na irrigação do Sul foram menos afectadas pela seca do que a agricultura de sequeiro da Assíria e de outras regiões da Ásia Ocidental, Nabopolassar pôde contar com colheitas que continuaram a ser abundantes – uma enorme vantagem estratégica na sua luta contra os assírios. As contínuas condições de seca no norte, afirmam os autores, também explicariam por que a maioria das cidades assírias e muitos assentamentos rurais não foram reassentados nas décadas após 612.

A segunda teoria centra-se numa crise diferente para explicar a queda da Assíria: uma alegada invasão de guerreiros montados de origem cita. O egiptólogo alemão Karl Jansen-Winkel afirmou que este evento teve um grande impacto no destino da Assíria. Sua sugestão é baseada em uma passagem das *Histórias* de Heródoto, na qual o historiador grego descreve os citas atacando a Síria-Palestina. Heródoto diz que eles tiveram um encontro com o faraó egípcio Psamtik I, que os manteve longe do Egito pagando um grande resgate, e que governaram a região durante vinte e oito anos. Como Heródoto é a única fonte desse intermezzo cita, muitos estudiosos consideraram o relatório não confiável. Jansen-Winkel argumenta que tais dúvidas são infundadas e compara o ataque cita, um evento real, na sua opinião, a outros semelhantes - como quando hostes de cavaleiros, aparentemente vindos do nada, sob o líder turco-mongol Timur , conquistou vastas extensões de território durante o século XIV DC praticamente em pouco tempo. Jansen-Winkel postula que a invasão cita do Levante ocorreu por volta de 640 AC , o que significaria que os citas atravessaram as províncias assírias na Síria e no Mediterrâneo Oriental. Mais tarde, depois de se retirarem novamente, as tropas egípcias teriam preenchido o vazio. Tal curso de acontecimentos teria despojado a Assíria de suas possessões ocidentais e enfraquecido gravemente o império, tanto assim, segundo Jansen-Winkel, que o reino se tornaria uma presa fácil para os babilônios e os medos. Na opinião de Jansen-Winkel, as perdas territoriais sofridas pela Assíria durante os últimos anos do reinado de Assurbanipal também podem ter desencadeado os conflitos internos entre os diferentes candidatos ao trono assírio. ²⁹

AO AVALIAR SE FACTORES AMBIENTAIS OU ATAQUES DE INVASORES estrangeiros levaram ao colapso da Assíria, as fontes cuneiformes fornecem pouca ajuda. Deve-se notar também que as duas explicações não são mutuamente exclusivas. Pelo contrário, as alterações climáticas que conduziram a uma maior aridez na Ásia Ocidental poderiam ter desencadeado as migrações citas. Ainda assim, é difícil avaliar a plausibilidade da hipótese climática e da ideia de uma “invasão bárbara” por guerreiros montados.

Desde o início, talvez seja sensato lembrar que as explicações monocausais da queda da Assíria são um tanto suspeitas: uma teoria que explica tudo não explica nada, como brincou Karl Popper. Dito isto, a ideia de que as alterações climáticas podem ter impacto na história é, obviamente, intrinsecamente plausível. E embora o estudo climático de Sinha de 2019 possa sofrer até certo ponto pelo facto de os seus dados provirem da periferia da Mesopotâmia e não do centro da Assíria, e das margens de erro geralmente contidas nos dados isotópicos, a informação recolhida da caverna Kuna Ba parece ser corroborado por dados proxy de outros locais.

Sinha e os seus co-autores afirmam que a agricultura da Assíria beneficiou das “condições pluviais” durante cerca de duzentos anos, de 925 a 725 AEC . Durante este período, especialmente no seu início, a Assíria conheceu uma impressionante ascensão política e económica, e é de facto tentador postular umnexo causal entre estes dois fenómenos.

Mas correlacionar a fase mais seca que aparentemente começou por volta de 740, quando a “megapluvial” assíria chegou ao fim, com a queda da Assíria é mais problemático. Afinal, um Império Assírio no verdadeiro sentido só passou a existir com o reinado de Tiglate-Pileser III (r. 744–727 A.C.). Por outras palavras, a Assíria entrou na fase da sua maior potência exactamente no momento em que as condições climáticas se tornaram não mais favoráveis, mas menos favoráveis. Os cem anos de 740 a 640, quando as chuvas foram cada vez mais escassas, foram a época de maior extensão geográfica da Assíria. Poder-se-ia, portanto, argumentar que os assírios se adaptaram às condições mais secas a partir de cerca de 740, expandindo as suas fronteiras para adquirir cereais e outros bens de outros lugares. As epidemias que devastaram a Assíria em meados do século VIII também podem ter contribuído para este desenvolvimento algo paradoxal.³⁰

Com a perda dos seus territórios mais ocidentais, talvez já em 640, e da Babilónia por volta de 620, a Assíria poderá ainda ter sofrido substancialmente com o declínio da precipitação que os novos estudos postulam para as décadas finais do império. Mas é difícil avaliar até que ponto o coração da Assíria foi afectado por condições mais áridas. Documentos legais de cidades assírias sugerem que a Assíria passou por consideráveis dificuldades económicas durante os anos 643 (ou 641) e 638 (ou 636) AEC . O mesmo se aplica a 624, 623 e 612 (em Guzana). Mas durante muitos outros anos das décadas finais do Império Assírio, a evidência escrita indica que a situação económica era na verdade bastante normal. Em 622, por exemplo, os preços dos cereais caíram novamente, e pode-se levantar a hipótese de que os preços mais elevados dos dois anos anteriores foram uma consequência de conflitos internos e externos e não da seca. Além disso, como já foi mencionado, os cidadãos de Ashur parecem ter feito “negócios como sempre” durante os últimos anos da cidade, e as autoridades conseguiram armazenar enormes quantidades de cereais em vários edifícios em Ashur antes da sua conquista pelos medos. Em vários locais da cidade, os restos torrados destes cereais foram encontrados empilhados com cerca de um metro de altura. O último escavador de Ashur, Peter Miglus, argumentou que seriam suficientes para alimentar toda a população de Ashur, estimada por ele em onze mil, mais cerca de oito mil soldados, durante pelo menos um mês, e provavelmente por muito mais tempo. Nada disto aponta para uma situação em que mudanças na precipitação teriam causado uma grande crise agrária na Assíria.³¹

Quanto ao cenário de uma invasão cita, o principal problema é que apenas Heródoto fala dele. É verdade, como sublinha Jansen-Winkel, que a documentação cuneiforme para a história dos anos de 640 a 627 é muito limitada, mas a completa falta de referências a um ataque cita de proporções massivas é, no entanto, difícil de explicar. Um texto pseudo-histórico babilônico de meados do primeiro milênio AC mencionando uma campanha contra "Ashur, os suteanos e os citas" por Shulgi de Ur, um governante babilônico do século XXI aC, poderia ser interpretado como uma alusão CRIPTOGRAFADA a A guerra de libertação de Nabopolassar e uma sugestão de que os citas desempenharam um certo papel nela, mas isso é especulação. Que a Assíria tenha perdido os seus territórios ocidentais para os citas não é impossível, mas permanece altamente conjectural.³²

AS EXPLICAÇÕES MAIS CONVENCIONAIS PARA A QUEDA DA ASSÍRIA baseiam-se em factores políticos. Um argumento apresentado é que o Império Assírio não poderia ser mantido sem expansão constante. Portanto, quando durante o reinado de Assurbanipal os custos militares e administrativos para futuras conquistas se tornaram demasiado elevados, o reino estava condenado. Mas esta ideia de "rendimentos decrescentes" também não é completamente persuasiva. Os impérios que param de crescer não estão inexoravelmente fadados a implodir. Basta lembrar quanto tempo Roma durou depois de ter atingido a sua maior extensão sob Trajano, no início do século II DC.³³

Isto leva-nos de volta das considerações estruturais e sistémicas para factores mais contingentes. Embora tenha se tornado um tanto fora de moda entre os historiadores sérios enfatizar o impacto que indivíduos específicos e suas decisões podem ter no curso da história, não se pode negar que, num Estado como a Assíria, onde o rei era o eixo de toda a máquina política, as falhas de determinados governantes podem por vezes ter consequências drásticas. E parece que alguns dos governantes assírios do sétimo século AEC COMETERAM ERROS GRAVES. Há, por exemplo, os expurgos que Esarhaddon, preocupado com possíveis conspirações, infligiu ao aparato militar e civil do seu reino. Assurbanipal marginalizou ainda mais essa elite altamente competente quando concedeu favores a seus cortesãos e eunucos do palácio, ao mesmo tempo em que rejeitou os funcionários do estado. Na década de 630, lembre-se que ele nomeou seu cantor principal, Bullutu, como epônimo, ato que traz à mente a história apócrifa de Calígula fazendo de um cavalo cônsul no Senado Romano. Os sucessores de Assurbanipal parecem ter depositado a sua confiança num quadro semelhante de funcionários do palácio, indivíduos sem muita experiência em política externa e liderança militar. Entre os epônimos da época posterior a 631 estão vários eunucos-chefes, dois escribas do palácio, um superintendente do palácio, um camareiro e até mesmo o cozinheiro-chefe do rei, um certo Sa'ilu, que serviu como epônimo do ano 620. Conforme refletido no Tradição grega de Sardanapallus de tempos posteriores, os reis assírios de Assurbanipal em diante parecem ter passado seu tempo principalmente em seus palácios, e não em campanhas, onde teriam se encontrado com oficiais e administradores do exército e recebido uma impressão mais realista dos assuntos do estado. Especialmente a transformação de Assurbanipal de "populista" em recluso deve ter dificultado os processos de tomada de decisão no império, prejudicado a reputação que os reis assírios gozavam entre os seus principais funcionários e súditos, e reduzido o medo que os inimigos sentiam em relação aos governantes assírios.³⁴

Foi lamentável, do ponto de vista assírio, que esta crise de liderança - que atingiu o seu auge com o governo de curta duração do eunuco Sîn-shumu-lishir - tenha ocorrido exactamente no momento em que uma série de grandes desafios afectaram o império numa curta sucessão. : a perda dos territórios ocidentais no Levante, seja motivada por uma invasão cita ou alguma outra causa; a rebelião babilônica sob Nabopolassar; e, finalmente, a ascensão repentina de uma nova potência militar formidável: os medos. Tanto Nabopolassar, antigo oficial assírio em Uruk, como os medos, unidos através de tentativas assírias de transformar a região central de Zagros numa entidade política governável, foram, de uma forma um tanto paradoxal, criações assírias. Dotados de uma boa noção de como os assírios pensavam e operavam, eram adversários particularmente perigosos.

Embora esta não seja a principal razão para o súbito colapso da Assíria, é possível que uma seca induzida pelo clima tenha exacerbado os problemas da Assíria. A falta de coesão entre as pessoas que viviam em todo o estado assírio poderia ter enfraquecido ainda mais o sistema imunitário político da Assíria. Um “império sem missão”, excepto no que diz respeito à acumulação de poder e riqueza, a Assíria nunca foi particularmente boa na criação de algo semelhante a uma “identidade” assíria para além dos seus territórios centrais. Para além da ordem e da estabilidade – e de uma linguagem artística que exaltava a autoridade ilimitada da Assíria – tinha pouco capital simbólico para oferecer aos cidadãos que governava. Esses cidadãos, por sua vez, tinham poucos motivos para apoiar os seus senhores assírios quando estes se viram subitamente sob pressão militar fatal.³⁵

Ao todo, a Assíria entre as décadas de 630 e 609 foi devastada por uma tempestade perfeita. Foi a combinação de vários factores, tanto internos como externos, que provocou o colapso da Assíria. O fato de depois disso nenhuma tentativa ter sido feita para ressuscitar o estado assírio provavelmente teve muito a ver com o papel central desempenhado pela dinastia real da Assíria. Os reis assírios eram, por um lado, líderes políticos; mas, em contraste com os seus homólogos babilônicos, que não tinham funções sacerdotais, eles eram, por outro lado, também sumos sacerdotes do deus Ashur. Sem os seus reis, a Assíria deixou de existir, não apenas como um sistema político secular, mas também como uma ideia religiosa, uma ordem simbólica.

Nem tudo, porém, desapareceu. Falando figurativamente, a Assíria poderia ter sido explodida em milhares de pedaços, mas muitos deles ainda estavam lá. Certos aspectos da cultura assíria perduraram, especialmente na cidade de Ashur, onde outrora se originou o Estado assírio. O aparato político do Império Assírio desapareceu após a catástrofe de 612. Mas embora abalada, machucada e fragmentada, uma identidade assíria sobreviveu.

VIDA APÓS A MORTE

O legado da Assíria no terreno

No final do verão de 401 A.C., o general grego Xenofonte e o seu exército de dez mil homens encontraram-se encalhados nas profundezas da Mesopotâmia central. Eles vieram em missão para apoiar o príncipe persa Ciro, o Jovem, em sua luta pelo trono, mas depois que Ciro morreu na batalha em Cunaxa, perto de Babilônia, essa missão teve um fim abrupto. Com o vitorioso rei persa, Artaxerxes II, logo atrás, os mercenários gregos tiveram que sair do perigo e voltar para casa o mais rápido possível.

Eles finalmente tiveram sucesso. A jornada terminou no Mar Negro, onde as tropas, saboreando a fuga, exclamaram “Thalatta, thalatta!” (O Mar, o Mar!). O que é mais interessante, porém, é o que os soldados do Extremo Oeste vivenciaram ao longo do caminho. À medida que avançavam rio acima ao longo da margem oriental do Tigre, cruzaram as terras que apenas 250 anos antes haviam sido o coração movimentado do Império Assírio.

Xenofonte menciona três assentamentos pelos quais ele e seus homens passaram nesta região. Primeiro, viram, do outro lado do rio, na sua margem ocidental, “uma grande e próspera cidade chamada Kainai, de onde os bárbaros traziam pães, queijos e vinho, atravessando em jangadas feitas de peles”. Daí, um pouco mais ao norte, “havia uma grande cidade deserta”. “Seu nome era Larisa”, relata Xenofonte, “e foi habitada nos tempos antigos pelos medos. Sua parede tinha vinte e cinco pés de largura e cem de altura, e todo o circuito da parede tinha dois parasangs (11 a 12 quilômetros, ou cerca de 7 milhas). Perto desta cidade havia uma pirâmide de pedra; e sobre esta pirâmide estavam muitos bárbaros que fugiram das aldeias vizinhas.” De Larisa, continua Xenofonte, eles “marcharam uma etapa, seis parasangs, até uma grande fortaleza, deserta e em ruínas. O nome desta cidade era Mespila e já foi habitada pelos medos. A fundação do muro era feita de pedra polida cheia de conchas, e tinha quinze metros de largura e quinze de altura. Sobre esta fundação foi construída uma parede de tijolos, com quinze metros de largura e cem de altura; e o circuito da parede tinha seis parasangs (33–36 quilômetros, ou 20–22 milhas).¹

Os assentamentos que Xenofonte e seus soldados vislumbraram em sua jornada para o norte foram, com toda probabilidade, Ashur, Calah e Nínive. Ashur, que Xenofonte chamou de “Kainai”, estava cheio de cidadãos e suprimentos, e aparentemente se recuperou do ataque medo de 614. Calah, em contraste, referido como “Larisa”, é descrito como deserto, embora Xenofonte tenha visto muitas pessoas no topo de uma “pirâmide” – provavelmente o zigurate dedicado ao deus padroeiro de Calah, Ninurta, onde os residentes locais se refugiaram quando viram os gregos aproximando-se vindos do sul. Diz-se que Nínive, também chamada de “Mespila”, estava “em ruínas” e desabitada. Xenofonte não sabe que as três cidades já

foram centros famosos do Império Assírio e, o mais notável, ele usa nomes para elas que nada têm a ver com os antigos que os cidadãos locais usavam orgulhosamente durante a época assíria.

A marcha de Xenofonte através do coração da Assíria, cerca de duzentos anos após a queda do império, revela a enorme escala do dramático declínio e transformação da região. Todos os vestígios de uma identidade assíria, quer em termos de estruturas políticas, quer no que diz respeito aos nomes das cidades, parecem ter sido eliminados.

Mas, ao mesmo tempo, o relato de Xenofonte não deve ser considerado definitivo. Afinal, ele não visitou a região por interesse etnográfico – ele teve que passar por ela o mais rápido que pudesse para tirar suas tropas do perigo. Xenofonte não cruzou o Tigre para explorar “Kainai”, isto é, Ashur, pessoalmente; e ele não parou para inspecionar o que estava acontecendo por trás dos longos e altos muros de “Larisa” e “Mespila”, os nomes que ele usa para Calah e Nínive.

Na verdade, se Xenofonte tivesse percorrido essas cidades mais extensivamente, ele teria de fato encontrado muitos destroços. Mas ele também teria visto sinais de vida dentro das ruínas – e teria encontrado elementos de uma cultura assíria contínua. O antigo nome de Nínive, na verdade, nunca foi esquecido. Ele sobreviveu e permaneceu ligado ao local até os tempos modernos. Quanto a Calah, mesmo séculos após a sua queda, a área ao redor da cidade ainda era chamada de “Calachene”. Existem vestígios arqueológicos de algum reassentamento em ambos os locais nas décadas seguintes à sua destruição, embora numa escala tão modesta que os estudiosos modernos se referem a ele como “ocupação ilegal”. Em Nínive, foram feitas reparações nomeadamente nos Templos de Nabû e Ishtar e no Palácio do Sudoeste, em Calah, no Templo de Nabû e no Palácio do Noroeste. O coração da Assíria continuou a ter nomes como “Athura”, “Assíria” ou “Asorestan” durante séculos, todos remontando ao antigo nome “Ashur”. E o termo grego “Síria”, aplicado aos antigos territórios assírios mais a oeste, no Levante, em última análise, deriva também de “Ashur”. “Embora muito seja levado, muito permanece”, alguém poderia dizer com Lord Tennyson.²

Dados estes sinais de continuidade, “pós-imperial” é um termo mais adequado do que “pós-assírio” para o período que se seguiu ao colapso do Império Assírio. Esta não era uma “terra vazia” e a queda do império não foi um “fim da história”.³

Ainda assim, o nosso conhecimento da região durante o período em questão – especialmente até às conquistas partas no século II A.C. – é lamentavelmente vago. Isto se deve em grande parte às mudanças nas práticas locais de escrita. Tabuletas de argila cuneiformes são quase indestrutíveis, o que explica por que dezenas de milhares delas estão disponíveis nos últimos 150 anos do reino assírio. O couro e o papiro, pelo contrário, que depois de 600 A.C. devem ter substituído as tabuletas de argila como principais materiais de escrita na região do Médio Tigre, são perecíveis e não sobrevivem no clima do norte do Iraque. Como consequência, temos muito poucas fontes escritas desta área dos seis séculos que se seguiram à queda da Assíria. E uma vez que os escavadores de muitos sítios assírios se concentraram na exploração das camadas imperiais, embora muitas vezes descartassem as pós-imperiais, a evidência arqueológica disponível é igualmente limitada. Por todas estas razões, grande parte da história pós-imperial da Assíria tem de ser reunida com a ajuda de referências em textos da Babilónia, da Pérsia e do mundo mediterrânico, que são muitas vezes tendenciosos ou, por outras razões, pouco fiáveis. E, no entanto, alguns vislumbres do

mundo despedaçado do que anteriormente foi o poderoso Império Assírio são possíveis através deste vidro sombrio.

A EVIDÊNCIA MAIS REVELADORA DA CONTINUAÇÃO DA vida assíria – não apenas na esfera económica, mas também na esfera cultural – foi encontrada em Ashur. Conforme sugerido por Xenofonte, o centro religioso da Assíria não foi abandonado após o ataque medo de 614. Uma tábua de argila da cidade babilônica de Sippar, provavelmente datada de 559 aC, menciona um governador babilônico DE Ashur que dedicou um escravo como presente. ao templo do deus sol de Sippar. Claramente, Ashur e a região ao seu redor tornaram-se uma parte bem administrada do recém-formado Império Babilônico. ⁴

O enorme Templo Ashur, antigo centro espiritual da Assíria, continuou em ruínas durante esse período. Mas em algum ponto, imediatamente acima dos escombros do muro sul, um novo santuário foi erguido. Conhecido hoje como “Templo A”, designação que lhe foi atribuída pelos seus escavadores, era muito menor que o antigo Templo Ashur; mas com as suas paredes grossas, de 18 × 19 metros (60 × 62 pés) de comprimento, e uma nova parede que o separava dos arredores, o edifício era, no entanto, imponente. ⁵

A característica mais notável do Templo A é que ele foi, literalmente, construído a partir dos registros históricos do reino assírio caído. Mais de cem inscrições reais assírias, desde o reinado de Erishum I no início do segundo milênio até o último rei da Assíria, Sîn-sharru-iskun, foram encontradas inseridas na calçada, colocadas dentro das paredes ou reutilizadas como encaixes de portas dentro o templo. Eles podem ter sido recuperados das ruínas de uma antiga biblioteca de um templo próximo, que serviu como repositório de textos históricos assírios. Dentro do seu novo contexto como parte da estrutura do Templo A, os textos muitas vezes fragmentários já não se destinavam a ser cuidadosamente estudados e lidos. Mas todos que entrassem no templo saberiam que estavam cercados pelo legado escrito do primeiro império do mundo.

Sem saber a data da construção do Templo A, ou o deus a quem foi dedicado, é difícil interpretar este cenário estranho e excepcional. Uma possibilidade é que o Templo A tenha sido construído cerca de uma geração após a destruição do Templo Ashur pelos remanescentes da população local. Eles poderiam ter desejado fornecer ao deus Ashur um novo lar e tentado obter nova confiança a partir de encontros físicos com os registros escritos de seu passado glorioso. ⁶

Um cenário ligeiramente diferente afirma que o Templo A foi erguido por membros de uma comunidade assíria que sobreviveu ao tempo do Império Babilônico no exílio na cidade de Uruk, no sul da Mesopotâmia (onde documentos cuneiformes atestam sua presença). A assiriologista de Munique, Karen Radner, afirmou que quando o governante persa Ciro II tomou o poder na Babilônia em 539 AEC e fundou o Império Persa, esses assírios foram autorizados a retornar a Ashur. Na verdade, Ciro afirma numa inscrição num cilindro de argila da Babilônia que ele “trouxe (as imagens dos) deuses de volta aos seus santuários, de [...] para Ashur, Susa, Akkad, Eshnunna, Zamban, Me-Turan, Der , até a fronteira de Gutium”, e que as pessoas que foram deportadas dessas cidades, bem como seus descendentes, também foram autorizados a voltar para casa. ⁷

Como a famosa Bíblia Hebraica relata, a generosidade de Ciro também incluiu os judeus, que receberam permissão dele para retornar a Judá após seu exílio na Babilônia e reconstruir

o templo em Jerusalém, que anteriormente havia sido devastado por Nabucodonosor II. Radner postula que algo bastante semelhante aconteceu em Ashur: ao regressarem da Babilônia no final do século VI, os assírios construíram um “Segundo Templo” na sua antiga capital religiosa, de onde tinham sido expulsos cerca de setenta anos antes. Este templo, acredita Radner, Templo A, pode ser visto como o elo perdido entre algumas das antigas tradições religiosas de Ashur e sua continuação até a época parta.

Nem todos os estudiosos concordam com a ideia do Templo A como um santuário pós-imperial do deus Ashur. Durante o período parta posterior, entre os séculos I e III d.C., o Templo A foi substituído por um novo templo que aparentemente foi dedicado a Hércules, o equivalente grego do deus guerreiro babilônico Erra-Nergal. Com base na história do local, argumentou-se que o antigo Templo A também poderia ter sido um templo de Erra-Nergal, construído não por residentes locais, mas pelos novos senhores babilônicos de Ashur que assumiram o controle da cidade logo depois. 614 AC. O objetivo deste templo teria sido marginalizar o deus Ashur e dar a outra divindade o centro do palco na topografia cultural da cidade. A integração de inscrições reais assírias na estrutura do edifício teria sido um ato de humilhação: em vez de extrair força delas, as pessoas que entrassem no templo teriam pisoteado estes textos para reconstituir simbolicamente a derrota devastadora da Assíria.⁸

Sem mais evidências ou novas descobertas arqueológicas, é impossível decidir qual destas teorias está correta. Mas as semelhanças entre as práticas religiosas do período parta e as da época neo-assíria só podem ser explicadas se assumirmos que o culto de Ashur não foi interrompido por muito tempo. Parece, portanto, mais provável que o Templo A tenha servido como um santuário pós-imperial em honra do deus Ashur, em vez de um monumento de ódio anti-assírio erguido pelos conquistadores babilônicos.

MAIS A OESTE DE ASHUR, VÁRIOS OUTROS centros urbanos assírios importantes continuaram a ser colonizados após a queda do império. Entre eles estava a cidade de Dur-Katlimmu, no Baixo Khabur, que estava agora sob jurisdição babilônica. O interior rural de Dur-Katlimmu também não foi totalmente abandonado. De acordo com pesquisas arqueológicas, cerca de 36 por cento dos sítios assírios na área do Baixo Khabur ainda eram habitados no período pós-imperial, embora em escala reduzida. Especialmente os locais próximos do rio sobreviveram, enquanto os locais mais distantes, nas estepes, foram muitas vezes abandonados, provavelmente porque os seus rendimentos agrários eram tão modestos que deixaram de ser competitivos depois de terem perdido a sua base de consumidores com a queda das grandes cidades da Assíria.⁹

Durante os primeiros anos de Nabucodonosor II, a antiga cidade assíria de Guzana, no nordeste da Síria, tornou-se a sede de outro governador babilônico. Harã, o último reduto assírio, aparentemente também não foi completamente destruído, embora deva ter sofrido grandes danos durante as batalhas de 610 A.C.: o rei babilônico Nabonido (r. 555–539 A.C.), cuja mãe veio de Harã, restaurou o famoso templo da cidade do deus da lua Sîn. Na vizinha Edessa, mais tarde capital do reino de Osroëne, as tradições religiosas assírias sobreviveram profundamente na era comum. Mesmo em alguns lugares além do Eufrates, o legado da Assíria continuou vivo. Um exemplo proeminente é a cidade de Nappigi, onde Salmaneser III estabeleceu um número substancial de assírios. Mais tarde renomeada como Hierápolis (a “Cidade Santa”), a cidade é descrita no tratado grego de Luciano sobre a “Deusa Síria” do

século II DC como um lugar onde os feitos dos lendários governantes assírios Semiramis e Sardanapallus foram fielmente lembrados.¹⁰

No leste assírio, a cidade de Arbela – menos devastada pelas guerras do final do século VII do que os centros urbanos da Assíria no Tigre – continuou a ser outro importante bastião da cultura assíria. Como Arbela, a moderna Erbil no Curdistão iraquiano, sempre foi habitada e é hoje uma cidade moderna e movimentada, extensas escavações arqueológicas no local são virtualmente impossíveis de realizar. Mas evidências escritas de outros lugares demonstram a proeminência contínua da cidade após a queda do Império Assírio. Durante algum tempo, parece ter servido como fortaleza regional sob controle medo, e manteve esta função após a criação do Império Persa. Na sua famosa inscrição de Bisitun, o rei persa Dario I afirma que no verão de 521 A.C. empalou o seu adversário sagartiano, Tritantaichmes, um membro da família real mediana, em Arbela.¹¹

Oficiais de Arbela e de algumas outras cidades da região oriental do Tigre são mencionados numa carta aramaica do Egito do final do século V A.C. A carta fala sobre as viagens de um administrador de propriedades egípcio chamado Nakhthor pela região em nome de seu mestre persa. Ele visitou a região mais ou menos na época em que Xenofonte e seus dez mil homens passaram pelas ruínas de Calah e Nínive. Durante este período, Arbela deve ter sido um importante centro regional na satrapia persa de Athura, uma província mencionada em inscrições persas de Bisitun, Naqsh-e Rostam e Susa. Relevos persas mostram pessoas de Athura entregando gado e têxteis na corte persa.¹²

É claro que o significado político e económico dos antigos territórios assírios sob domínio persa não deve ser exagerado. Em 331 A.C., Arbela serviu de base ao rei persa Dario III, que dali partiu para enfrentar o exército de Alexandre, o Grande e impedir o seu avanço. Lançando o Oriente contra o Ocidente, a Batalha de Gaugamela (provavelmente Tell Gomel, no leste da Assíria) ocorreu em 1º de outubro e terminou com uma vitória decisiva para Alexandre. Inaugurou um período de domínio helenístico sobre grandes partes da Ásia e foi um ponto de viragem na história mundial. Mas embora em ocasiões anteriores os assírios tivessem sido a força motriz por detrás de tais momentos decisivos, tudo o que a Assíria tinha agora para contribuir era o cenário para o evento. As pessoas no Médio Tigre não eram mais atores no palco da história – tornaram-se meros espectadores.

É PROVÁVEL QUE OS TERRITÓRIOS DO TRIÂNGULO ENTRE Ashur, Nínive e Arbela, escassamente povoados durante a época dos impérios Babilónico e Persa, tenham experimentado alguma revitalização quando os selêucidas gregos se estabeleceram como os novos governantes da Mesopotâmia após as conquistas de Alexandre. . A evidência mais significativa da presença de gregos na região vem, no entanto, do período pós-selêucida, quando uma nova dinastia, os partos iranianos, assumiu o poder.

Os partos conquistaram a Mesopotâmia na segunda metade do século II A.C. e governaram-na durante quase quatrocentos anos, mas com estruturas governamentais menos centralizadas do que nos impérios anteriores. Em Nínive, os partos concederam a uma colônia composta principalmente de residentes de língua grega, provavelmente estabelecida na época selêucida, o direito de governar-se de forma mais ou menos autônoma. Uma inscrição grega numa coluna de Nínive, muito provavelmente de 32 ou 31 A.C., menciona um certo Apolófanes e revela que ele serviu como comandante militar (*estratego*) e

superintendente (*epitasta*) da cidade. Uma estátua de Hércules em pedra calcária do século I ou II dC , encontrada no local do Palácio Sudoeste de Senaqueribe, traz outra inscrição grega que identifica alguém chamado Diógenes como seu escultor. A estátua é de alta qualidade e decorada em estilo clássico. Um grafite grego referindo-se ao mesmo ou outro Diógenes foi encontrado em um belo relevo neo-assírio que mostrava um caçador do Palácio Norte de Assurbanipal, em Nínive. Uma vez que é difícil imaginar que os relevos palacianos criados mais de meio milénio antes ainda fossem de livre acesso durante a época greco-partá, foi sugerido que o indubitavelmente intrigado Diógenes se deparou com a laje quando conduzia um ralo durante os trabalhos de construção. .¹³

O antigo território central da Assíria foi dividido em vários reinos vassalos semi-independentes na época partá. Osroêne, o reino de Edessa perto de Harran, que se tornou romano em 165/166 d.C. , ficava no oeste. O reino de Adiabene, centrado em Arbela e estendendo-se para oeste até Nínive, controlava o antigo coração da Assíria, no leste. Na verdade, de acordo com Plínio, o Velho, “Adiabene” nada mais era do que um novo nome para “Assíria”. A cidade de caravanas de Hatra, localizada a cerca de 50 quilómetros (30 milhas) a oeste de Ashur, serviu como um importante centro comercial e centro de um emergente “Reino dos Árabes”. Incluía vários edifícios de templos substanciais em estilo partá, como um enorme santuário dedicado ao antigo deus sol Shamash, a divindade padroeira de Hatra. Finalmente, havia a própria cidade de Ashur. Durante os primeiros três séculos da era comum, ressurgiu como um centro regional semiautônomo de considerável prosperidade e importância.¹⁴

(do assírio Libbi-āli, “centro da cidade”) — era, em certos aspectos, bastante diferente da cidade neo-assíria do século VII A.C. O novo palácio de estilo partá, por exemplo, provavelmente a residência de uma série de governadores locais, foi erguido na zona sul da cidade, e não no local do Antigo Palácio, no extremo norte da cidade. Mas especialmente nas esferas cultural e religiosa, houve também algumas continuidades notáveis. Muitas divindades importantes do período imperial da Assíria, mais notavelmente Ashur e sua esposa Sherua, mas também Ishtar, Nanaya, Bel, Nabû e Nergal, também eram adoradas na época partá. Um novo templo de Ashur – agora chamado Assor – foi construído em grande escala sobre os escombros do antigo templo do deus, que havia sido demolido em 614 AEC. E várias estelas de pedra do período partá de governadores locais - que ostentavam o título aramaico *de Marya* , “Senhor” - lembram muito monumentos semelhantes da época do reino assírio. Um exemplo particularmente bem preservado é uma estela de talvez 112 ou 113 dC inscrita em nome de um certo R'uth-Assor (aramaico para “Prazer de Ashur”). Tem o mesmo topo arredondado que caracteriza as estelas dos governantes neo-assírios e retrata seu patrono em um ato de adoração aos símbolos do sol e da lua em uma imagem que parece ter sido copiada diretamente de um modelo neo-assírio . A única diferença é que R'uth-Assor usa um terninho de estilo partá em vez do vestido tradicional de um rei neo-assírio.¹⁵

Os nomes pessoais de muitos dos residentes de Partá Ashur representam outra área de continuidade. É verdade que o número de nomes aramaicos, iranianos, gregos e árabes aumentou significativamente nesse ínterim. Mas muitas pessoas ainda tinham nomes assírio-acadianos virtualmente idênticos aos que tinham sido usados no século VII AC . Encontramos um governador de Ashur chamado Nbudayyan, que significa “Nabû é juiz”; um Qib-Ashur (“Comando de Ashur”); e até mesmo um Ashur-heden, isto é, Ashur-ahu-iddina, o nome do grande rei assírio Esarhaddon. Não só os nomes sobreviveram à queda da Assíria

no século VII A.C. : outros elementos da língua neo-assíria também sobreviveram, como indicado por uma notável herança lexical em dialetos do aramaico que estavam em uso no norte da Mesopotâmia.¹⁶

O legado neo-assírio mais surpreendente na Ashur parta, entretanto, é a observância contínua de certos feriados religiosos. Incrições gravadas nas lajes do pavimento no recinto do novo Templo Parta Ashur fornecem, além dos nomes dos fiéis que vieram prestar homenagem a Ashur e Sherua, as datas em que visitaram o templo. Estas datas coincidem de forma surpreendente com os prazos de dois importantes festivais religiosos do período imperial da Assíria: o Festival do Ano Novo (ou Akitu), que era celebrado durante os primeiros doze dias do mês de Nisannu (I), e uma série de rituais relacionados ao “Dais dos Destinos” que eram realizados entre o vigésimo e o vigésimo sexto dia do mês de Shabatu (XI). A importância duradoura do Festival Akitu de Ashur também é indicada pelo fato de que durante a época parta um novo santuário foi construído no topo das ruínas da antiga Casa Akitu de Senaqueribe, localizada a noroeste da muralha da cidade.¹⁷

Apesar destas continuidades, há também uma diferença importante entre as celebrações religiosas do período imperial e as da época parta. Os primeiros eram eventos de Estado – envolviam o rei assírio, o clero e membros da elite assíria. Durante o período parta, em contraste, eram os cidadãos comuns que iam ao templo de Ashur para orar ao deus e receber dele o apoio divino para suas vidas diárias. As hierarquias íngremes incorporadas na religião imperial da Assíria tinham aparentemente sido substituídas por formas de adoração mais “democráticas”.¹⁸

O renascimento de Ashur como um importante centro religioso no norte da Mesopotâmia não duraria. Em 224 DC, um guerreiro iraniano chamado Ardashir derrotou o último rei parta, Artabanus IV. Em 226, ele foi coroado na capital parta, Ctesifonte, como o primeiro governante do novo Império Sassânida, em homenagem a seu ancestral Sasan. Dois anos depois, Ardashir atacou Hatra, uma das últimas fortalezas partas; conquistou Ashur; e demoliu o templo de seu deus principal. Um segundo ataque a Ashur sob o sucessor de Ardashir, Shapur I, em 257 DC foi o golpe final. Cerca de 850 anos após a sua primeira destruição pelos medos, a cidade de Ashur deixou de existir – e o culto do deus homônimo de Ashur foi finalmente relegado à lata de lixo da história.¹⁹

DURANTE OS PRIMEIROS SÉCULOS DA ERA COMUM, O NORTE da Mesopotâmia viu os credos monoteístas emergentes do Judaísmo, do Cristianismo e (durante a época sassânida) do Zoroastrismo lentamente marginalizarem os antigos cultos “pagãos”. No primeiro século EC, os governantes de Adiabene, a “nova Assíria”, converteram-se ao judaísmo. Conforme relatado pelo historiador judeu Josefo, a rainha Helena de Adiabene mudou-se para Jerusalém, onde forneceu alimentos aos residentes que sofriam de fome e apoiou generosamente o Templo Judaico. Logo depois disso, o cristianismo tomou conta de Adiabene. De acordo com os chamados Ensinamentos dos Doze Apóstolos, um texto do final do primeiro ou segundo século D.C., a região recebeu suas primeiras instruções na doutrina cristã de Aggai, um discípulo do Apóstolo Addai. Arbela tornou-se um importante centro inicial do cristianismo oriental e serviu a partir do século II DC como bispado.²⁰

Surpreendentemente, a ascensão do cristianismo na região não significou que a antiga religião assíria foi totalmente exterminada. Os *Atos Siríacos dos Mártires Persas* relatam que

um certo Aitilaha, que teria sido morto por fanáticos zoroastristas em meados do século IV D.C. , havia sido sacerdote de “Sharbel, a senhora de Arbela”, antes de sua conversão ao cristianismo. Este Sharbel só pode ser a antiga deusa assíria Ishtar de Arbela, a divina padroeira da cidade e uma divindade outrora adorada com particular zelo pelo grande rei assírio Assurbanipal.²¹

Com a igreja lentamente a enraizar-se em Adiabene, sacerdotes e clérigos suprimiram deliberadamente alguns dos costumes que persistiam desde o período imperial da Assíria. Mas, ao mesmo tempo, as autoridades eclesiásticas integraram memórias dos reis assírios e dos seus feitos nas histórias e lendas emergentes que promoviam – sem dúvida com o objectivo de criar uma identidade cristã na região que fosse compatível com as suas tradições locais. Os mencionados *Atos dos Mártires Persas* afirmam, por exemplo, que um dos santos mais populares da igreja oriental, Mar Behnam, e sua irmã, Sara, eram filhos do rei assírio Senaqueribe. Depois que um asceta cristão e refugiado chamado Mattai (ou seja, “Mateus”) curou Sara da lepra, segundo a história, tanto ela quanto seu irmão se converteram ao cristianismo. Senaqueribe, horrorizado porque seus filhos não ofereceriam mais sacrifícios aos deuses pagãos, mandou matar ambos, mas quando ele também adoeceu, pouco depois, e precisou dos cuidados do próprio Mattai, ele teve que reconhecer o poder de Cristo e pediu o asceta para batizá-lo. A história é uma tentativa bastante ousada de fundir figuras históricas e eventos que, por cálculos cronológicos convencionais, foram separados uns dos outros por mais de um milênio. Mas não deixou de causar uma profunda impressão na população da região.²²

Outra lenda cristã com uma inclinação decididamente assíria é encontrada na *História Siríaca de Mar Qardagh* , provavelmente escrita no início do século VII DC , mas ambientada cerca de trezentos anos antes, numa época em que o governante sassânida Shapur II (309-379 DC) foi perseguindo e matando muitos cristãos em seu reino. Diz-se que Qardagh, o protagonista da história, era “de um grande povo e da linhagem do reino dos assírios”: “Seu pai era descendente da linhagem ilustre da casa de Nimrod, e sua mãe do linhagem ilustre da casa de Senaqueribe.” Inicialmente, Qardagh é o poderoso vice-rei de todas as terras, desde o rio Diyala, no leste do Iraque, até a cidade de Nisibis, no oeste - Shapur o nomeou para o cargo em reconhecimento ao seu entusiasmo pela doutrina zoroastriana e por causa da habilidade física que ele tinha. exibido ao jogar pólo. Em Melqi, um local nas proximidades de Arbela, Qardagh constrói uma fortaleza e um templo do fogo e celebra um grande festival pagão. Mas quando um santo chamado Abdisho o convence da verdade do evangelho, Qardagh se converte ao cristianismo e incendeia todos os templos de fogo em seu território. Ele morre como mártir nas mãos das tropas persas, apedrejado até a morte no portão de sua fortaleza em Melqi, que com o tempo se torna um lugar dedicado a manter viva sua memória.

23

O que torna esta história particularmente fascinante é o facto de Melqi, a fortaleza de Qardagh, ser muito provavelmente idêntica a Milqia, uma pequena cidade neo-assíria perto de Arbela, onde estava localizada uma Casa Akitu dedicada à deusa Ishtar de Arbela. Tanto Esarhaddon quanto Assurbanipal restauraram este santuário durante seus reinados e demonstraram grande interesse nele. Tal como em Ashur, a Casa Akitu em Milqia/Melqi parece ter permanecido um local para festividades religiosas muito depois da queda do Império Assírio, talvez em conexão com uma celebração anual de Ano Novo. A história é, portanto, um exemplo esclarecedor de como a comunidade cristã de Adiabene às vezes

fundia o conhecimento bíblico com a história local e o legado de antigos locais religiosos assírios.

AO LONGO DOS QUASE DOIS MILÉNIOS DA SUA PRESENÇA NOS territórios outrora habitados pelos antigos assírios, os cristãos experimentaram algumas mudanças dramáticas. Durante muito tempo, eles se saíram muito bem. Sob os sassânidas, a Igreja emergente do Oriente gozava de um grau considerável de autonomia – os novos governantes, que estavam frequentemente em guerra com Roma e os imperadores de Bizâncio, apreciavam a oposição da Igreja às denominações cristãs associadas às potências ocidentais. As perseguições e tentativas de silenciar os clérigos locais eram relativamente raras. Com o advento do Islão no século VII, esta situação vantajosa inicialmente não mudou. Os cristãos siríacos orientais, fluentes em grego, siríaco e, em breve, também em árabe, desempenharam papéis de liderança como tradutores e estudiosos na “Idade de Ouro” cultural da antiga Bagdá Abássida. Mas, com o tempo, os cristãos do norte do Iraque, que como *dhimmi*s tinham menos direitos do que os muçulmanos, foram cada vez mais marginalizados. À medida que os séculos passavam e exército após exército de conquistadores estrangeiros marchavam pela região, as suas comunidades diminuam. Durante a época otomana, muitos cristãos locais refugiaram-se em distritos remotos, como Tur Abdin – a “Montanha dos Adoradores”. Exatamente na mesma área, o copeiro-chefe assírio Lâbasi já havia estabelecido uma última fortaleza assíria após a queda do império em 612 AC.²⁴

Até ao século XIX, os cristãos siríacos do norte da Mesopotâmia abstiveram-se de usar o termo “assírio” como autodesignação. Mas quando viajantes, arqueólogos e missionários ocidentais começaram a enfatizar que os cristãos que encontravam na região eram “os descendentes dos antigos assírios”, como disse Austen Henry Layard no seu livro de 1849, *Nineveh and Its Remains*, cada vez mais cristãos locais começou a endossar o rótulo. Sem dúvida, uma das razões para esta reorientação foi a esperança de que uma associação com o poderoso Império Assírio melhoraria a sua posição.²⁵

Tais expectativas, no entanto, revelaram-se tristemente ilusórias. Apanhados entre os nacionalismos emergentes dos turcos e dos curdos e os interesses imperiais das potências europeias, os cristãos assírios, como agora se autodenominam, viveram um período de terríveis pogroms e deslocações, violações e raptos. No decurso das convulsões que colocaram o Império Otomano de joelhos, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial, mais de 250.000 cristãos assírios foram mortos e muitos outros foram reassentados à força. Após a guerra, as tentativas de criar uma pátria independente para os cristãos assírios foram rapidamente abortadas, e os Estados-nação esculpidos na carcaça do Império Otomano tornaram-se palco de novos massacres contra as comunidades cristãs. Um deles, cometido por tribos locais e tropas militares iraquianas, ocorreu em 1933 na aldeia iraquiana de Simele e arredores e levou à morte entre 600 e 3.000 cristãos assírios.²⁶

Hoje, a descristianização do Médio Oriente atingiu proporções dramáticas. Durante as numerosas crises políticas das últimas quatro décadas, muitos dos cristãos restantes fugiram da região. Os cristãos assírios são agora encontrados em maior número na Suécia, Alemanha, Austrália e Estados Unidos do que no norte do Iraque, no sudeste da Turquia ou no noroeste do Irão. A maioria das pessoas que se consideram os últimos descendentes de Sargão e

Senaqueribe – e continuam a dar aos seus filhos os nomes destes e de outros reis assírios – já não vivem na sua terra natal.

Nos seus vários exílios, contudo, procuram preservar as suas tradições religiosas e culturais, enfatizar as suas ligações com a Assíria imperial e partilhar a sua herança com os seus novos ambientes. Um exemplo notável de cristãos assírios mostrando sua história e cultura no Ocidente é uma grande estátua de bronze do estudioso rei assírio Assurbanipal, projetada pelo cristão assírio nascido no Iraque, Fred Parhad. Dedicado “pelo povo assírio” à cidade de São Francisco, foi erguido em frente à Biblioteca Principal de São Francisco (ver ilustração 14).²⁷

Tudo o que resta agora “no solo” da antiga Assíria são as enormes ruínas das grandes cidades do império. Infelizmente, também estes, tal como os cristãos assírios, estão em perigo de erradicação, como demonstraram os acontecimentos durante o domínio do ISIS no coração da Assíria. Mas a antiga Assíria deixou ainda outro legado, menos sujeito à devastação do tempo: a ideia de império.

Um Império Modelo

Embora alguns componentes da cultura assíria tenham sobrevivido após os devastadores ataques babilônicos e medos do final do século VII AC , e algumas cidades assírias continuassem a ser habitadas, o Império Assírio, ao que parece, tinha chegado ao fim irrevogável em 609 AC . Mario Liverani, um importante historiador do antigo Oriente Próximo, argumenta que o Império Assírio “desapareceu no ar”. Segundo Liverani, os “elementos da estrutura imperial assíria que sobreviveram ao colapso do império” eram “poucos e efêmeros”.¹

Ou foram? Peter Bedford, um estudioso de história comparada e religião, tem uma visão diametralmente oposta: “O império não acabou”, escreve ele. “Em vez disso, o seu centro deslocou-se do alto Tigre para sul, para a Babilônia, continuando indiscutivelmente sob os persas, com o seu centro deslocando-se novamente mais para leste.”²

A verdade é certamente menos categórica quando se trata de algo tão inconstante como o império. Quando os assírios fundaram o seu império, criaram uma forma de governo que perdurou para além da queda de Nínive – e, neste sentido, os impérios neobabilônico e persa que se seguiram ao assírio eram de facto extensões das práticas assírias. No entanto, o império é um fenómeno que muda de forma. Quando um império anterior é substituído por um posterior, o que se segue geralmente não é apenas uma mudança de lugar, mas também uma transformação qualitativa. A adopção de estruturas políticas estabelecidas anda de mãos dadas com a adaptação e com a criação de novas componentes de governação e de ideologia política.³

Conseqüentemente, houve continuidades e mudanças quando primeiro o Império Babilônico e depois o Império Persa se estabeleceram como estados sucessores da Assíria. Em alguns aspectos, os dois sistemas políticos seguiram os precedentes estabelecidos pelos assírios, enquanto em outros, desviaram-se deles. Os impérios subsequentes fizeram o mesmo com os legados imperiais dos seus antecessores. Mas todos eles eram elos de uma cadeia que vai desde os assírios até a era moderna.

O ESTADO FUNDADO POR NABOPOLASSAR (R. 626–605 A.C.) E consolidado durante um longo reinado de seu filho e sucessor Nabucodonosor (r. 604–562 A.C.) durou cerca de setenta anos e cobriu uma região, pelo menos eventualmente, que foi mais ou menos igual em tamanho aos domínios da Assíria por volta de 648 AC . Conhecido como Império “Neobabilônico” ou “Caldeu”, centrava-se na Babilônia, a cidade mais famosa da Mesopotâmia. Chegou ao fim em 539 AEC , quando o rei persa Ciro II tomou o poder do último rei da Babilônia, Nabonido.

Devido ao papel crucial que desempenha na Bíblia, o episódio mais famoso da história do Império Neobabilónico é o seu conflito com o Reino de Judá. Duas vezes, primeiro em 597 e novamente onze anos depois, Nabucodonosor II conseguiu o que Senaqueribe não conseguiu: conquistou Jerusalém. Quando tomou a cidade em 586, destruiu o templo de Jerusalém e deportou grande parte da população da Judéia para os rios da Babilônia.

Apesar de todo o ressentimento anti-assírio que as guerras brutais da Assíria tinham instilado nos corações e mentes do povo babilónico, o Império Neo-Babilónico estava, em muitos aspectos, profundamente endividado com o seu antecessor assírio. Emprestou elementos importantes do “kit de ferramentas imperial” assírio, desde formas de controlo imperial e organização administrativa até conceitos ideológicos e a sua articulação na arte.⁴

Dadas as complicações militares e políticas que existiram durante os 120 anos anteriores entre a Assíria e a Babilônia, não é tão surpreendente que a primeira tenha fornecido o modelo para o recém-emergente Império Neobabilónico. Desde os dias em que, em 729 AEC, Tiglate-Pileser III conquistou a Babilônia, membros da elite militar e civil da Assíria ocupavam posições importantes na Babilônia e em outras cidades do sul. É certo que, ao contrário de outras partes do seu império, os assírios nunca substituíram completamente o sistema tradicional de governação da Babilônia. Muitas cidades babilónicas mantiveram um grau significativo de autonomia municipal. Mas mesmo assim a influência da Assíria foi forte. Além disso, o primeiro governante do Império Neobabilónico, Nabopolassar, provinha de uma família de funcionários babilónicos que representavam a coroa assíria e mantinham contactos regulares com ela. No início da sua carreira, Nabopolassar tinha sido ele próprio nomeado pelos assírios, o que deve ter-lhe proporcionado uma visão profunda sobre a forma como o Império Assírio funcionava.⁵

Particularmente digno de nota é o grau em que a burocracia central do novo império de Nabopolassar estava enraizada nos modelos assírios. Embora não tenham sido encontrados “arquivos estatais” babilónicos como os descobertos em Nínive, uma inscrição num edifício fragmentado num prisma de argila dos primeiros anos do reinado de Nabucodonosor II fornece algumas pistas importantes sobre como o aparelho estatal neobabilónico realmente funcionava. No final, o texto lista todos os funcionários do palácio, governadores e administradores municipais que de alguma forma contribuíram para a construção do novo palácio de Nabucodonosor na Babilônia. É notável que quatorze dos dezessete funcionários do Estado mencionados nas partes preservadas do texto possuem títulos com raízes assírias. Alguns desses títulos — por exemplo, *mašennu* (“administrador-chefe” ou “tesoureiro”) — são palavras genuinamente assírias, não atestadas na Babilônia antes da época do Império Neobabilónico. As regras que regiam a comunicação entre o rei babilónico e seus súditos, simbolizadas por uma instituição conhecida como “palavra real” (*amat šarri*), e a recorrente administração de juramentos de lealdade (*adê*) pelo monarca, também tiveram origem assíria.⁶

A arte monumental babilónica é, em geral, bem diferente da arte exposta nos palácios e templos assírios de Calah, Dur-Sharrukin e Nínive. Nem baixos-relevos com cenas de guerra nem esculturas semelhantes aos colossos de touro e leão encontrados nas entradas das suítes reais nas capitais assírias foram descobertos em Babilônia ou em outros locais babilónicos. Nas partes ocidentais do Império Neobabilónico, no entanto - que exigiu um grande esforço para os exércitos babilónicos sob o comando de Nabucodonosor reconquistarem - a linguagem iconográfica de alguns relevos rochosos é claramente baseada em modelos

assírios anteriores. Um relevo do reinado de Nabucodonosor encontrado em Wadi Brisa, no norte do Líbano, mostra o rei da Babilônia lutando contra um leão desenfreado, um tema de importância central na arte imperial assíria. Tais empréstimos representam uma tentativa deliberada por parte dos reis neobabilônicos de se apresentarem em lugares distantes como herdeiros legítimos dos seus antecessores assírios.⁷

Um exemplo de governantes babilônicos que imitam os modelos assírios em casa, no centro do seu poder, é o cenário arquitetônico do Palácio Norte de Nabucodonosor, na Babilônia. Erguido sobre a muralha da cidade como uma fortaleza, o palácio lembra residências reais posicionadas de forma semelhante nos montes da cidadela assíria, como o palácio de Sargão II em Dur-Sharrukin. O plano retilíneo que caracteriza o centro da cidade de Babilônia no século VI AC parece também mais fundamentado nas tradições assírias do que nas tradições babilônicas. Mais uma vez, Dur-Sharrukin oferece um paralelo próximo.⁸

DURANTE OS ANOS EM QUE O IMPÉRIO ASSÍRIO CAIU, A MAIORIA DOS assírios residentes na Babilônia foram destituídos da autoridade que exerciam anteriormente, ou então simplesmente foram mortos. Os assírios que chegaram ao sul posteriormente, seja como prisioneiros de guerra ou como refugiados, muitas vezes recebiam tarefas servis, como trabalhar nas propriedades dos templos. Mas pelo menos alguns dos assírios que se estabeleceram na Babilônia depois de 612 AEC parecem ter ocupado posições de maior prestígio. Entre eles estava um grupo de escribas assírios na cidade de Babilônia. Conforme indicado por documentos de arquivo escritos em escrita assíria do Palácio Sul de Nabucodonosor, o último datado de 599 ou 596 AEC, eles serviram como burocratas na administração central da Babilônia. Os textos que escreveram pertencem a um conjunto de tabuinhas que registram, entre outras coisas, gastos com cevada, tâmaras e óleo com reféns políticos, incluindo membros da família real da Judéia.

9

Alguns “intelectuais” assírios parecem ter encontrado uma nova vida também na Babilônia. Uma tabuinha astrológica sem data da Babilônia é designada em seu subscrito como “propriedade de Kundu-ilaya-ukin(?)”, o que poderia ser uma referência distorcida à família Bel-kundi-ilaya de Ashur. Os membros desta família podem ter fugido para a Babilônia pouco antes ou depois da destruição de Ashur em 614 AEC.¹⁰

Na cidade de Uruk, cidade natal de Nabopolassar, uma comunidade assíria que se estabelecera em meados do século VII ainda existia na segunda metade do século VI, já na época persa. Os membros desta comunidade são mencionados em textos administrativos do Templo Eanna de Uruk. Eles são identificáveis por nomes pessoais genuinamente assírios, muitos dos quais, como Remanni-Ashur ou Pani-Ashur-lamur, incluem o nome de Ashur. Os assírios em Uruk continuaram a adorar seu deus tradicional e a servi-lo como sacerdotes, cervejeiros de templos e açougueiros em um santuário especificamente dedicado a ele.

Os textos Eanna traduzem o nome do deus como AN.ŠÁR, uma grafia comum de “Ashur” desde o início do século VII, mas também o nome de um ancestral do deus do céu Anu. Este último desempenhou um papel cada vez mais importante em Uruk durante o primeiro milênio A.C.. Com toda a probabilidade, os exilados assírios procuraram obter aprovação para a sua veneração de Ashur, assimilando-o a uma divindade local de alguma importância. Os líderes e sacerdotes de Uruk, por sua vez, podem ter encontrado inspiração no deus assírio recém-importado quando fizeram de Anu a principal divindade da sua cidade – uma reforma

religiosa que teve início no século V a.C. e que, em vários aspectos, lembra a concepção de uma nova teologia de Yahweh mais ou menos na mesma época em Jerusalém.¹¹

Os residentes assírios de Uruk aparentemente trouxeram algumas heranças de sua terra natal quando se mudaram para sua nova casa. Entre eles estava um belo selo da Assíria Média representando uma cena de caça real. Um documento administrativo de 520 AC encontrado no distrito de Eanna, em Uruk, traz uma impressão disso. Também descoberto em Uruk, entre as tabuinhas de um erudito exorcista ativo no final do século IV AC, foi um comentário assírio sobre a adivinhação do fígado. Como revela uma nota na tabuinha, ela já pertenceu à famosa biblioteca de Assurbanipal em Nínive. A menos que o comentário tenha chegado a Uruk como espólio de guerra, deve ter chegado à cidade através de canais semelhantes aos que levaram o selo para lá. Muitos tratados eruditos de Uruk helenístico mostram semelhanças notáveis com textos assírios anteriores, sugerindo que em Uruk, as tradições acadêmicas assírias descartadas em todos os outros lugares podem ter sobrevivido à queda do império por alguns séculos.¹²

APESAR DE CONFIAREM NOS PRECEDENTES ASSÍRIOS, A MAIORIA DOS REIS NEOBABILÔNICOS tinham pouco a dizer sobre o Império Assírio, a não ser castigá-lo pelos maus tratos dispensados à Babilônia. Mas mesmo essas críticas são geralmente vagas, e nenhum rei assírio é mencionado pelo nome nas inscrições reais de Nabopolassar, Nabucodonosor ou dos três governantes bastante insignificantes que os sucederam até 556 AEC. Seguindo os modelos anteriores da Babilônia, em vez dos assírios, as inscrições desses monarcas são em grande parte silenciosas sobre a história política em geral, concentrando-se, em vez disso, em projetos de construção, no sacrifício do templo e na relação entre os reis e os deuses.

Tudo isto muda, pelo menos até certo ponto, com o governo de Nabonido, o último rei neobabilônico. É certo que Nabonido também tem palavras duras para a Assíria, menosprezando Senaqueribe pelo seu ataque à Babilônia em 689. Mas no contexto da reconstrução do templo, as suas inscrições mencionam com aprovação as realizações de vários outros reis assírios. Nabonido refere-se a Assurnasirpal II, Salmaneser III, Esarhaddon, Assurbanipal e Ashur-etel-ilani pelo seu título oficial, “Rei da Assíria”, e até os chama em dois casos de “meus antepassados”.¹³

Nabonido mostrou um interesse particularmente vivo por Assurbanipal. Quando encomendou uma nova estátua para o deus da lua Sîn de Harran – uma divindade que ele promoveu muito além do seu dever – Nabonido precisava de um modelo para ela, porque a antiga estátua tinha sido destruída pelos medos. Conforme descrito pelo rei em uma inscrição da Babilônia, ele encontrou tal modelo em “um selo cilíndrico feito de jaspe valioso, a pedra da realeza, sobre a qual Assurbanipal, o rei da Assíria, concebeu uma imagem de Sîn, e que ele firmemente colocou em volta do pescoço do deus Sîn.” Este selo, diz Nabonido aos seus leitores, de alguma forma sobreviveu à destruição de Harran e foi levado ao Templo Esagil de Marduk, na Babilônia, onde ele o encontrou.¹⁴

Atribuir a Assurbanipal a criação da imagem “correta” do deus a quem ele adorava mais do que qualquer outra divindade é uma notável demonstração de respeito por parte de Nabonido. Outros aspectos da auto-representação de Nabonido também estavam enraizados nos modelos assírios. Em duas estelas de Harran, o rei é retratado vestindo uma capa que lembra a vestimenta cerimonial ricamente decorada usada em muitos monumentos assírios

pelos monarcas neo-assírios. As próprias estelas, com topos arredondados, têm o formato das estelas reais da época assíria.

A principal razão para a paixão de Nabonido pela cultura e religião assírias, e por Harran, em particular, é que o próprio rei veio desta mesma cidade. Sua mãe, Adda-guppi, que nasceu no vigésimo ano do reinado de Assurbanipal e aparentemente atingiu a idade madura de 102 anos, viveu em Harran durante décadas e pode ter experimentado sua destruição parcial. Ela permaneceu durante toda a sua vida uma devotada adoradora do deus da lua, a divindade padroeira da cidade. Foi até alegado, embora sem provas, que ela era membro da família real assíria. Nabonido — que encomendou uma longa inscrição em nome de sua mãe após a morte dela — provavelmente passou a infância em Harã antes de se mudar para a Babilônia. É uma reviravolta um tanto irônica que o último governante do Império Neobabilônico, que foi fundado sobre as ruínas do seu antecessor assírio, fosse mais “assírio” do que qualquer um dos outros reis que ocuparam o trono babilônico antes dele.¹⁵

EM MUITOS ASPECTOS, OS GOVERNANTES DO REINO NEOBABILÔNICO seguiram o exemplo dado pelo Império Assírio. Mas certos aspectos da forma como governavam eram, na verdade, bastante diferentes. Começando com o reinado de Tiglate-Pileser III no século VIII A.C., os reis assírios criaram numerosas novas províncias para governar a sua periferia imperial. Estas províncias, administradas em nome da coroa pelos governadores locais e seus funcionários, geraram um fluxo constante de impostos. As especificidades de como o Império Neobabilônico governava as regiões fora da Babilônia propriamente dita ainda são pouco compreendidas, mas é claro que nos anos anteriores à década de 580, a periferia do reino, especialmente no oeste, não estava tão bem subdividida em províncias como Os territórios exteriores da Assíria estiveram no apogeu do império. Durante esses anos, os reis babilônicos limitaram-se principalmente à cobrança de tributos, que extorquiam por meio de campanhas militares anuais de homens fortes locais, em grande parte independentes, entre eles os reis de Sídon, Tiro e Asdode.¹⁶

Mais ou menos na metade do longo reinado de Nabucodonosor, os babilônios conseguiram estabelecer, se não províncias completas, pelo menos bolsões de presença local no oeste, o que permitiu um controle mais rígido. Algo semelhante a estruturas provinciais parece ter sido implementado no alto e noroeste da Síria, enquanto em outras partes da periferia os templos babilônicos receberam terras que tiveram que explorar para seu próprio benefício e para o benefício da coroa com a ajuda das autoridades locais e dos trabalhadores. . No geral, porém, o sistema parece nunca ter alcançado o mesmo nível de controle que existia sob o Império Assírio – e em nenhum momento os babilônios foram capazes de estender o seu domínio ao Egito e aos territórios dos medos.

Mais perto de casa, na Babilônia e na “próxima periferia”, a introdução de estruturas simplificadas de governação não se revelou muito mais fácil para os reis neobabilônicos. Nas cidades da Babilônia central, o poder dos presidentes de câmara e dos sumos sacerdotes permaneceu praticamente inalterado, enquanto a região oriental do Tigre e o sul, incluindo a importante cidade de Uruk, permaneceram sob o controle de influentes “magnatas” e líderes tribais apenas vagamente ligados a o governo central na Babilônia. Esta fragmentação do poder levou em duas ocasiões durante a história relativamente curta do império a distúrbios internos que resultaram em mudanças dinásticas: primeiro após o reinado do

filho de Nabucodonosor, Amel-Marduque, em 560, e novamente após o reinado de Labashi-Marduque em 556 AEC.¹⁷

Apesar dos enormes esforços que os reis neobabilónicos colocaram nos seus projectos de construção, os grandes centros urbanos da Babilónia nunca se tornaram “cidades reais” da forma como o termo se aplica a Calah, Dur-Sharrukin ou Nínive. Até mesmo a paisagem urbana da Babilónia, a capital muito expandida do império, permaneceu dominada pelo gigantesco complexo do Templo Esagil de Marduk e pelo zigurate adjacente, a “Torre de Babel”, no centro da cidade. Os palácios reais estavam escondidos mais ao norte. E embora os reis assírios, tendo um dedo em cada bolo, fossem também sumos sacerdotes de Ashur, os governantes neobabilónicos, apesar de toda a conversa piedosa das suas inscrições, nunca foram capazes de assumir posições religiosas de liderança. Os sumos sacerdotes de Marduk da Babilónia continuaram a ser recrutados em famílias locais estabelecidas há muito tempo.

18

O que isto sugere é que os reis neobabilónicos eram menos poderosos do que os seus antecessores neo-assírios e que o seu império era, num certo sentido, menos formidável e coeso. Ainda assim, esta relativa fraqueza da autoridade central teve uma vantagem importante: facilitou a resistência dos municípios babilónicos e das instituições religiosas e culturais no período após o colapso do império. Em contraste com a Assíria, onde a queda da monarquia levou a um colapso extenso e abrangente, as cidades e templos babilónicos sobreviveram à rendição de Nabonido aos persas durante mais de meio milénio.

O IMPÉRIO PERSA, FUNDADO POR CIRO II APÓS A SUA VITÓRIA sobre a Babilónia em 539 AEC, transcendeu os seus antecessores em vários aspectos. Na altura da sua maior extensão, era cerca de quatro vezes maior que o Império Assírio, cobrindo uma área de cerca de 5,5 milhões de quilómetros quadrados (cerca de 2,1 milhões de milhas quadradas). Detendo território em três continentes, estendia-se pela Ásia Central e até às fronteiras da Índia, ao mesmo tempo que governava partes do sudeste da Europa e do nordeste de África. E com uma vida útil de mais de duzentos anos, de 539 a 331 AEC, durou mais do que os Impérios Assírio e Neobabilónico juntos.¹⁹

Os primeiros conquistadores da Mesopotâmia – por exemplo, os amorreus e os cassitas no segundo milénio AEC – adoptaram rapidamente os costumes e as estruturas políticas das antigas civilizações do Tigre e do Eufrates e estabeleceram as suas cortes reais nas cidades tradicionais da Babilónia. Os persas seguiram um caminho diferente. Com a sua ascensão, o poder deslocou-se para leste, para locais como Susa, nas montanhas de Lower Zagros, e Persépolis, em Fars – embora a Babilónia e, em certa medida, também a Assíria, continuassem a ser áreas de grande importância económica.

Os governantes persas basearam-se nas características dos impérios neobabilónico e assírio ao formar o seu próprio. Mas também absorveram algumas tradições herdadas do reino dos medos – conquistado por Ciro em 550 A.C. – e especialmente do antigo reino elamita, localizado muito mais perto da “pátria” persa, no sudoeste do Irão, do que dos estados mesopotâmicos. Curiosamente, dos mais de quinze mil textos administrativos em tábuas de argila do reinado de Dario I encontrados em Persépolis, apenas cerca de mil são escritos em aramaico, e apenas um é composto em cuneiforme babilónico. A grande maioria

está escrita na língua e escrita elamita, e a influência elamita em outros aspectos da cultura persa foi igualmente significativa.

Com o passar do tempo, a maioria dos postos militares e civis de alguma importância foram atribuídos pelos novos governantes a persas étnicos. Mas inicialmente, especialmente nos primeiros anos após a conquista da Babilónia por Ciro, os membros da elite tradicional babilónica também ocuparam posições importantes - e os persas adoptaram uma série de características da composição política, económica e ideológica da Babilónia para o seu novo império.²⁰

Mesmo durante esta fase inicial, porém, a atitude persa em relação ao Império Neobabilónico parece ter sido ambivalente, como é mais claramente demonstrado pelo chamado Cilindro de Ciro. Composto pouco depois de 539 A.C. , pensando no público babilónico, este conhecido texto revela muito sobre a imagem que Ciro desejava projetar de si mesmo e do império que havia fundado. Por um lado, o texto enfatiza os méritos de Ciro como rei tradicional da Babilónia: está escrito na língua e na escrita babilónica; está inscrito num grande cilindro de argila em forma de barril, meio antigo para textos deste tipo; e termina com um relato do trabalho de construção realizado nos muros da Babilónia. Além disso, o texto apresenta Ciro como um governante prestes a restaurar o papel histórico tradicional da Babilónia depois de Nabonido, um rei estranho e perverso, ter violado as regras de culto da cidade de Marduk através da sua preferência “lunática” pelo deus lua.²¹

Por outro lado, o Cilindro de Ciro — sem dúvida a pedido do rei — também inclui elementos muito menos centrados na Babilónia. Salienta, por exemplo, a origem de Ciro numa “Dinastia de Anshan” iraniana, realçando o seu carácter estrangeiro – e alude de várias maneiras à Assíria. Não apenas fala sobre o rei ter deixado o povo e os deuses de Ashur retornarem à sua cidade natal, mas também menciona que um depósito da fundação do rei assírio Assurbanipal - que uma vez saqueou a cidade de Babilónia - foi encontrado nas muralhas da Babilónia. . Aqui temos um primeiro vislumbre dos persas procurando retratar o seu império como um estado sucessor da Assíria, em vez da Babilónia. O facto de os escribas babilónicos terem sido ordenados, desde o início do domínio persa, a datar os documentos depois de “Ciro, rei das terras”, usando um título real previamente atribuído aos governantes assírios da Babilónia, em vez de um título babilónico tradicional, aponta na mesma direcção.

22

UM OLHAR MAIS ATENTO ÀS RECÉM-CONSTRUÍDAS CAPITALS PERSAS NO IRÃO revela de forma ainda mais impressionante como os persas lutaram quando tiveram de escolher entre os modelos babilónico e assírio para o seu novo império. Uma das descobertas arqueológicas mais espetaculares feitas ali nos últimos anos, por uma equipe ítalo-iraniana, é um portal monumental localizado não muito longe do terraço principal do palácio real de Persépolis. Provavelmente erguida durante a fase inicial do Império Persa, antes do governo de Dario I (521-486 AC), a estrutura se assemelha em detalhes notáveis, tanto em termos de arquitetura quanto de decoração, ao famoso Portão de Ishtar de Nabucodonosor, na Babilónia. Seus tijolos vidrados, exibindo dragões, touros estridentes e inscrições cuneiformes, parecem ter sido feitos dos mesmos moldes de tijolos usados no Portão de Ishtar, o que sugere que o portão de Persépolis foi construído por trabalhadores da Babilónia.

O portão é, sem dúvida, uma homenagem arquitetônica à Babilônia e ao seu significado religioso e cosmológico.²³

Mas os persas logo abandonaram as tradições babilônicas que haviam adotado quando ergueram o portão de Persépolis. Em poucos anos, os arquitetos das grandes capitais persas começaram a encontrar modelos em outras linguagens artísticas — incluindo as da antiga Assíria. Na verdade, já durante o reinado de Ciro, os relevos que decoram um portal de pedra no Palácio S em Pasárgadae mostram um demônio-leão, uma figura vestindo uma capa de peixe e um homem-touro, para os quais os paralelos mais próximos podem ser encontrados em relevos do Palácio Sudoeste de Senaqueribe em Nínive.²⁴

O estilo artístico dos edifícios posteriores em Persépolis e outros centros urbanos do Império Persa apresenta uma mistura de diferentes elementos que refletem os estilos egípcio, elamita e grego, mas a influência assíria permanece persistentemente forte. O monumental colosso de touro no “Portão de Todas as Nações” em Persépolis, a imagem do rei persa matando um leão-demônio desenfreado no mesmo local e a forma como muitos relevos persas representam o penteado e a barba do rei são muito semelhantes aos modelos assírios. A paisagem de pedra de Persépolis, com intermináveis fileiras de relevos representando portadores de tributos, também respira um espírito assírio. Exemplos claramente identificáveis da influência babilônica são muito menos evidentes.

Outro monumento persa famoso, mais alinhado com os modelos assírios do que com os babilônios, é a inscrição trilingue de Dario I na rocha Bisitun. Embora uma de suas três versões (as outras duas estejam escritas em elamita e em persa antigo) esteja na língua e na escrita babilônicas, o conteúdo do texto, com ênfase na ação militar e no castigo físico de traidores, lembra muito mais os anais reais assírios do que as inscrições reais babilônicas.²⁵

O relevo que acompanha a inscrição de Bisitun é um dos muitos artefatos persas que representa um disco solar alado contendo um torso humano - provavelmente uma representação do rei. Este símbolo enigmático da ordem cósmica também tem um antecedente assírio próximo. Ainda não está claro se o disco solar assírio representa o deus Ashur, o deus sol Shamash, ou alguma combinação dos dois; e a mesma incerteza se aplica à identificação do disco na arte imperial persa, onde pode ou não representar o deus estatal persa Ahura Mazda. Mas a estreita associação do símbolo em ambas as tradições com a figura do rei torna muito provável que uma das suas principais funções fosse transmitir a ideia do governante como representante do deus principal e realçar que a principal tarefa do governante era cumprir a missão universal de impor ordem ao mundo em nome da divindade. Os assírios e os persas, por outras palavras, partilhavam não só o motivo artístico do disco solar, mas também elementos da ideologia real por trás dele.²⁶

No decorrer dos quase duzentos anos que se seguiram à sua conclusão, aparentemente nenhum governante persa encomendou outra inscrição como a do monumento Bisitun. O relato de Ciro sobre seus feitos no cilindro da Babilônia também permaneceu como o único texto desse tipo. As mensagens reais dos reis persas posteriores concentram-se, em vez disso, de uma forma bastante anódina, desindividualizada e abstrata, em declarações gerais, especialmente sobre como a coroa ajudou a manter a ordem cósmica. Aqui a ideologia imperial persa desviou-se marcadamente dos modelos anteriores da Babilônia e da Assíria.

Ainda assim, noutros aspectos, a Assíria, em particular, permaneceu um ponto de referência central para o Império Persa – não apenas nas artes, mas também em termos da estrutura e modo de operação do império. O bem mantido sistema provincial do Império

Assírio renasceu na época persa na forma de cerca de duas dúzias de “satrapias” em que o novo estado foi dividido na época de Dario I, cada uma administrada por um governador que tinha que se reportar diretamente ao grande rei. Os sistemas persas de posse de terras e a “Estrada Real” do império também tiveram antecedentes assírios.²⁷

A Assíria, ao que parece, tornou-se o império modelo dos persas. O historiador grego do século V AC, Ctésias de Cnido, que escreveu uma longa história do Oriente Próximo depois de servir por quase duas décadas como médico-chefe do rei persa Artaxerxes II (e curá-lo de um ferimento sofrido na Batalha de Cunaxa), coletou inúmeras histórias sobre a Assíria durante seu tempo na corte persa – histórias que se tornaram parte da memória histórica do Ocidente depois que o relato de Ctésias foi integrado em obras posteriores, como a história universal de Diodoro Sículo. Sobre o estado neobabilônico, em contraste, Ctésias tinha comparativamente pouco a relatar — suas fontes persas aparentemente não estavam muito interessadas nele. O sacerdote babilônico Beroso, que escreveu outra história do Próximo Oriente durante o início do período helenístico, procurou rectificar o relato de Ctésias colocando maior ênfase no papel que Babilônia tinha desempenhado, mas o seu trabalho, embora mais preciso, foi posteriormente menos extensivamente estudado. E assim o Império Babilônico foi muitas vezes encoberto em relatos posteriores da “história global”, enquanto a Assíria apareceu no centro do palco.

RESTAM DUAS QUESTÕES POR RESPONDER: PRIMEIRO, POR QUE RAZÃO OS governantes persas, após um período inicial marcado por um certo grau de respeito e apreço, ficaram subitamente tão desiludidos com a Babilônia, voltando-se em vez disso para a Assíria; e segundo, como os persas realmente adquiriram conhecimento da história, política e arte do Império Assírio. Afinal de contas, o estado assírio deixou de existir cerca de setenta anos antes de Ciro conquistar a Babilônia.

O crescente desencanto da Pérsia com a Babilônia teve várias causas. Na falta de uma ideologia imperial verdadeiramente universal, o reino neobabilônico foi provavelmente um modelo menos atraente para os ambiciosos governantes persas desde o início. Mas uma série de revoltas anti-persas na Babilônia também desempenhou um papel importante ao fazer com que a Pérsia se afastasse dos modelos babilônicos. A primeira delas ocorreu durante a fase politicamente caótica após a morte do filho de Ciro, Cambises, em 522 AC, a segunda, algumas décadas depois, em 484, quando os babilônios se rebelaram contra o recém-nomeado rei persa, Xerxes. Xerxes reagiu com represálias massivas que deram início a um período de crise na Babilônia. Depois destas experiências, não é surpresa que os governantes persas considerassem o antigo reino assírio um paradigma mais atraente para o seu novo império do que a indisciplinada Babilônia.

Ainda é difícil explicar os elementos distintamente assírios que caracterizam o Império Persa, principalmente no domínio das artes. As grandes cidades reais da Assíria — Calah, Dur-Sharrukin e especialmente Nínive — estavam todas em ruínas na época da ascensão de Ciro II ao poder. Que artistas e artesãos persas os tenham visitado durante as primeiras décadas do Império Persa para estudar o que restou dos grandes palácios de Assurnasirpal II ou Sennakeribe parece uma proposição bastante duvidosa.

O mais provável é que elementos da arte e da civilização assírias tenham sido transmitidos aos persas por intermediários como os babilônios, os urartianos, os medos ou

os elamitas. Especialmente os reinos medo e elamita podem ter sido “vetores para insumos assírios”, pois estavam próximos da pátria persa. Outro lugar onde os persas podem ter encontrado a arte e a cultura assírias é a cidade assíria de Arbela, que foi menos afetada pelas destruições do final do século VII aC do que OUTRAS cidades assírias e permaneceu um importante centro regional.²⁸

Também vale a pena lembrar que por volta de 640 AC, quando o Império Assírio ainda estava florescendo, um certo Arukku, filho do ancestral e homônimo de Ciro II, Kurash I, passou algum tempo na corte de Assurbanipal em Nínive. Um membro da dinastia que eventualmente produziria Ciro II tinha assim um “lugar na primeira fila” para observar o funcionamento da máquina imperial da Assíria. Que as suas experiências em Nínive tiveram um impacto formativo no nascente reino persa não é uma suposição irracional.²⁹

Finalmente, os arqueólogos desenterraram um número significativo de objetos de arte assírios no chamado Tesouro de Persépolis. O exemplo mais impressionante é uma bela tigela de pedra com alças em forma de leões que está inscrita em nome de Assurbanipal. Juntamente com outros objetos, pode ter sido saqueado em 614 ou 612 AC pelos medos. Se os medos o trouxessem para a sua capital, Ecbatana, os persas poderiam tê-lo levado de lá. O Tesouro de Persépolis foi saqueado em 330 AC pelos soldados de Alexandre, o Grande, e é provável que muitos artefatos assírios ainda mais preciosos tenham sido armazenados lá. As imagens em alguns destes objetos (e em outros mantidos em outros lugares) podem ter servido aos artistas persas como modelos para as imagens e monumentos de estilo assírio que criaram, provocando assim uma espécie de renascimento assírio.³⁰

APÓS O COLAPSO DO IMPÉRIO PERSA EM 331 A.C., NA sequência da campanha histórica de Alexandre para o leste, os selêucidas helenísticos fundaram um novo império, que foi posteriormente substituído pelos impérios iranianos dos partos e sassânidas, e depois, após o Conquistas islâmicas, por impérios dominados por árabes. Com o passar do tempo, a ideia imperial viajou também para outras partes do mundo: para o leste, culminando nos Impérios Maurya e Moghul centrados na Índia; ao norte, com os Impérios Seljúcida e Otomano como principais exemplos de estados imperiais no mundo turco; e para o oeste também. Aqui foi Roma, o maior império do mundo antigo, que ofuscou todos os outros.³¹

As semelhanças evidentes entre Roma e a Assíria – quer em termos dos seus respectivos sistemas provinciais, quer no que diz respeito à sua ênfase em questões militares e à sua dívida cultural para com civilizações anteriores e mais sofisticadas – não são, em geral, o resultado de “empréstimos” deliberados. Pelo contrário, os dois estados produziram respostas semelhantes a desafios políticos comparáveis. Mas não há dúvida de que os romanos observaram atentamente como funcionava o Império Selêucida – bisneto da Assíria – e como os selêucidas estabeleceram um sistema imperial eurasiático de proporções globais. Este era um modelo que os romanos estavam bastante interessados em imitar. Na verdade, Pompeu e César, e mais tarde Augusto e os imperadores depois dele, normalmente tomavam muito cuidado para se distanciarem dos reis do Oriente, quer pertencessem ao Império Selêucida ou às dinastias partas e sassânidas subsequentes, e para esconderem-se. suas próprias ambições autocráticas por trás de uma cortina de fumaça de encenação republicana. Mas as estruturas políticas que criaram e, eventualmente, na Antiguidade Tardia, a forma

como os imperadores romanos definiam cada vez mais o seu próprio papel, muitas vezes seguiram exemplos orientais.

Roma serviu de modelo para os impérios bizantino, franco e germânico que a sucederam. Muitos impérios mais recentes, incluindo o britânico, o maior de todos, também podem ser considerados elos na cadeia de transmissão imperial. Ainda hoje, a ideia de império permanece profundamente enraizada nos discursos políticos, embora os Estados modernos com ambições imperiais, ansiosos por evitar as conotações negativas que o termo assumiu, normalmente já não se anunciem como impérios.

À medida que a tocha imperial foi passada de um estado para outro, a Assíria ficou cada vez mais em segundo plano. Qualquer que seja a influência directa que o Império Assírio possa ter tido nos seus estados sucessores imediatos, tornou-se um efeito mediado, cada vez menos detectável, à medida que tanto a prática como a ideia de império mudaram ao longo do tempo. Mas no discurso do império, pelo menos no Ocidente, a Assíria nunca deixou de desempenhar um papel crucial. Os proponentes da doutrina medieval da *translatio imperii* (a transferência do domínio imperial) e seus precursores clássicos, desde o historiador grego Heródoto, do século V a.C., ATÉ o teólogo romano do século IV d.C. , Orósio, atribuíam regularmente aos assírios a fundação do primeiro império em história do mundo. A raiz última desta noção pode ser encontrada nas muitas histórias que circularam no mundo antigo sobre o Império Assírio e alguns dos seus reis e rainhas mais importantes. E os principais repositórios que preservam essas histórias, aos quais nos voltamos agora, são a Bíblia e as obras dos historiadores clássicos. Nestes textos, os assírios sobreviveram, mesmo que uma tradição cultural assíria independente não o fizesse. ³²

Reflexos Distorcidos

Os últimos textos cuneiformes na língua e na escrita assírias foram escritos por volta de 600 AEC. Cerca de setecentos anos depois, a escrita cuneiforme babilônica também chegou ao fim. A última tabuinha babilônica claramente datável, um almanaque astronômico da Babilônia, é de 75 D.C. Desse momento em diante, tudo o que se sabia sobre as antigas civilizações da Mesopotâmia, incluindo o Império Assírio, veio de fontes externas secundárias e terciárias – mais notavelmente a Bíblia Hebraica e os relatos de historiadores gregos e romanos. Em muitos desses escritos, a Assíria e a Babilônia apareceram como modelos de alteridade. Alternativamente apresentadas como opressivas ou decadentes, as duas terras encarnavam o oposto da verdade, da sabedoria e da eficácia política associadas aos mundos de Jerusalém, Atenas e Roma – uma percepção que durou cerca de 1.800 anos.¹

A redescoberta das cidades e dos escritos originais do antigo Oriente Próximo no século XIX mudou tudo. De repente, a Babilônia e a Assíria falaram novamente com as suas próprias vozes, provocando uma grande reavaliação da história e cultura da Mesopotâmia. Mas, como se viu, as novas descobertas também fizeram outra coisa, algo talvez ainda mais importante: provocaram uma reavaliação dos textos bíblicos e clássicos que até então tinham fornecido ao Ocidente os modelos religiosos e históricos nos quais a sua identidade se baseava. .

À medida que novas evidências se acumulavam, a Bíblia Hebraica passou a ser cada vez mais interrogada como um texto histórico, e não como um texto sagrado. Inicialmente, os registros assírios e babilônios foram usados para confirmar a confiabilidade da história sagrada descrita nos livros bíblicos, bem como para ilustrá-la. A descoberta dos nomes de reis bíblicos, como Jeú ou Ezequias, nas inscrições reais assírias, e de baixos-relevos mostrando o cerco de Laquis por Senaqueribe e outras cenas ambientadas no Levante, pareceu justificar os leitores fiéis da Bíblia em sua crença de que os escritos bíblicos eram verdade. Logo, porém, os textos e imagens encontrados em Nínive, Calá e em outros lugares também começaram a mostrar o contrário: que, muitas vezes, a Bíblia Hebraica havia errado. Noutros casos, tabuinhas cuneiformes recentemente decifradas pareciam sugerir que narrativas bíblicas de importância central, como a história do grande dilúvio, derivadas de textos mesopotâmicos muito anteriores, muitas delas reunidas a partir de fragmentos das bibliotecas de Assurbanipal em Nínive. Tudo isto lançou dúvidas adicionais sobre a autoridade das Escrituras, já bastante enfraquecida pelas revoluções intelectuais introduzidas por Copérnico e Darwin nos campos da cosmologia e da biologia, respectivamente.

Não é de surpreender que os membros do establishment cristão tenham respondido à proliferação de novos achados arqueológicos com considerável desconforto. Já em 1847, um clérigo anglicano e membro do Exeter College de Oxford protestou “muito veementemente” contra a continuação das escavações em sítios assírios, porque os seus resultados poderiam “testar a credibilidade” das escrituras.²

Em total contraste, os críticos das visões religiosas tradicionais, alguns armados com agendas anti-semitas, aproveitaram as novas descobertas para rejeitar completamente a Bíblia Hebraica. O assiriologista alemão Friedrich Delitzsch, filho de um eminente teólogo luterano e hebraísta, afirmou no início da década de 1920, num livro intitulado *A Grande Decepção*, que, uma vez que “o chamado 'Antigo Testamento'” se revelou derivativo e não confiável, ele era “completamente supérfluo para a igreja cristã e também para a família cristã”. Em vez de na Bíblia Hebraica, argumentou Delitzsch, a verdade e os valores morais deviam ser encontrados, por um lado, nas tradições mesopotâmicas anteriores e, por outro, no Novo Testamento grego. Na verdade, de acordo com Delitzsch, Jesus promoveu o que eram essencialmente “ideais babilônicos”. Tal revisionismo triunfalista pan-babilônico – e pan-assírio – muitas vezes negligenciou a consideração do facto de que as inscrições dos reis mesopotâmicos também não eram exactamente modelos de escrita histórica “objectiva”, e que as “lições éticas” oferecidas pelos reis assírios e babilônicos os textos muitas vezes não eram tão edificantes.³

Nas décadas mais recentes, o debate sobre as complicações entre as tradições bíblicas e a tradição mesopotâmica recuou um pouco das linhas de frente. Mas estudar a Bíblia no seu cenário do antigo Oriente Próximo continua instrutivo. Uma coisa que pode ajudar é sublinhar o carácter verdadeiramente revolucionário da Bíblia. Somente concentrando-nos em como as narrativas bíblicas e os textos jurídicos se baseiam, mas depois modificam, os seus modelos mesopotâmicos, é possível ter uma ideia de quão radicalmente novas são muitas das ideias religiosas e políticas desenvolvidas na Bíblia Hebraica. Ao mesmo tempo, em virtude de ser “literatura de oposição”, a Bíblia fornece informações cruciais sobre como os súditos privados de direitos, especialmente na periferia imperial sitiada ou conquistada, viam os impérios assírio, babilónico e persa. Esta visão das margens é uma perspectiva raramente encontrada no registro cuneiforme. As obras de autores clássicos fornecem percepções semelhantes: elas também facilitam uma melhor compreensão de como o Império Assírio era visto pelos outros, incluindo aqueles que não foram imediatamente afectados pelas suas políticas agressivas. As imagens da Assíria encontradas na Bíblia e nas fontes clássicas são muitas vezes fortemente distorcidas, mas permitem-nos ver o império não apenas como o fornecedor de ordem e segurança que fingia ser, mas também como o arauto da ruptura e da supressão. foi para muitos.

LOCALIZADAS NA PONTE TERRESTRE ENTRE AS GRANDES CIVILIZAÇÕES da Mesopotâmia e do Egito, as cidades e estados do sul do Levante dificilmente foram totalmente independentes. Ao longo da história, as suas identidades foram moldadas pelas pressões políticas e culturais exercidas sobre eles pelos dois blocos de poder que surgiram nos seus horizontes. O Reino de Israel, ao norte, e o Reino de Judá, ao sul, ambos fundados no início do primeiro milénio AEC, não foram exceções. Eles surgiram durante um período em que o Egito, a Assíria e a Babilônia eram comparativamente fracos. Com o tempo, a ascensão inexorável da Assíria apresentou-

lhês um dilema brutal: Deveriam ceder ou repudiar as exigências feitas pela superpotência emergente?

Quando Tiglate-Pileser III (r. 744–727 A.C.) começou a anexar grandes extensões de terra no oeste, os governantes do Reino de Israel decidiram lutar contra os conquistadores assírios, com resultados catastróficos. Em apenas alguns anos, Israel foi reduzido a um estado de ruína, que deixou de existir completamente depois que Salmaneser V conquistou a sua capital, Samaria, em 722 AEC. Muitos israelitas foram deportados para a Assíria central e outras regiões do Império Assírio, enquanto outros encontraram refúgio no Reino de Judá. Em pouco tempo, porém, Judá também estava sob pressão assíria. Quase não sobreviveu ao ataque de Senaqueribe a Jerusalém em 701 AC e permaneceu um estado cliente da Assíria até cerca de 640 AC.⁴

A Bíblia Hebraica descreve esses eventos com detalhes consideráveis. O Livro de 2 Reis apresenta-os sob a forma de uma narrativa histórica, enquanto vários profetas bíblicos, começando com Amós, envolvem-se com eles de formas mais emocionais e poéticas. A Bíblia menciona “Assur” — que geralmente significa “Assíria” — cerca de 150 vezes; nomeia os reis imperiais assírios Tiglate-Pileser III, Salmaneser V, Sargão II, Senaqueribe, Esarhaddon e possivelmente também Assurbanipal (Osnappar); identifica o filho de Senaqueribe, Urdu-Mullissu (Adrammelech), como o assassino de seu pai; e mostra considerável interesse pela cidade de Nínive, última capital da Assíria — seu nome aparece dezessete vezes na Bíblia.⁵

Apesar da sua posição geralmente anti-assíria, os textos bíblicos são notavelmente ambivalentes no seu julgamento sobre como os reis de Israel e Judá deveriam enfrentar a ameaça representada pela Assíria. Não existem apenas histórias de resistência heróica, mas também apelos de profetas a uma “realpolitik” que visa a autopreservação, embora isso exigisse acomodação e compromisso com o agressor imperial. A enorme complexidade do raciocínio político sugere que muito do que a Bíblia tem a dizer sobre a Assíria reflecte de facto os discursos israelitas e judaítas sobre a ameaça imperial assíria. Ao mesmo tempo, histórias como aquela sobre o Anjo do Senhor “atacando” em uma única noite “185.000 soldados assírios em seu acampamento” mostram que os relatos bíblicos também incluem uma boa dose de ficção histórica, provavelmente produzida em um período de tempo limitado. fase posterior de sua história editorial e muitas vezes informados por agendas teológicas específicas.⁶

No entanto, em relação ao colapso final da Assíria, não há ambivalência. O Livro de Naum retrata este importante momento histórico como um triunfo da justiça divina, particularmente para a cidade de Nínive:

*Ah! Cidade do derramamento de sangue
totalmente enganoso, cheio de espólio -
sem fim para a pilhagem!...
Pilhas de mortos,
montes de cadáveres,
cadáveres sem fim -
eles tropeçam nos corpos!
Por causa das inúmeras libertinagens da prostituta,
graciosamente sedutora, senhora da feitiçaria,*

*que escraviza as nações com suas libertinagens,
e os povos através de sua feitiçaria,
Eu estou contra você,
diz o SENHOR dos Exércitos,
e levantará as tuas saias até ao rosto;
e deixarei que as nações vejam a tua nudez
e reinos em sua vergonha. ⁷*

Embora o Livro de Naum seja denominado como um oráculo, professando referir-se a eventos no futuro, os estudiosos concordam quase unanimemente que foi escrito após a destruição de Nínive em 612 AEC. Mesmo assim, descreve o que pelo menos algumas pessoas em Judá podem ter pensado sobre a Assíria antes do colapso do império. Na passagem citada, Nahum usa toda uma gama de metáforas sexuais para denegrir a capital assíria. Esta estratégia pode ser uma tentativa de aludir polemicamente à principal divindade de Nínive, Ishtar, uma deusa notoriamente sedenta de sexo. Aparentemente, o autor do Livro de Naum estava familiarizado com os ritos sagrados e a tradição religiosa de Nínive, considerava-os uma abominação e regozijava-se com a sua contaminação. Para o autor do livro, um império tão corrupto, tanto política como religiosamente, merecia ser exterminado.

A ÉPOCA EM QUE OS REINOS DE ISRAEL E JUDÁ FORAM abalados pela ascensão da Assíria é o período mais antigo para o qual os autores bíblicos fornecem uma quantidade significativa de informações históricas precisas. Embora a Bíblia inclua histórias que remontam à Idade do Bronze Final e à subsequente era de colapso, quando Israel emergiu como uma entidade étnica – e eventualmente também política –, é evidente que as memórias bíblicas destes períodos eram vagas. A historiografia hebraica, num sentido sério, não começa antes do século VIII AC, e os primeiros profetas hebreus cujos pronunciamentos foram transmitidos por escrito também estavam ativos durante esse período. A era do Império Assírio, em outras palavras, coincide com o primeiro período da formação da Bíblia.

Esta observação levanta a questão da influência assíria não apenas na esfera política, mas também na esfera religiosa. A Bíblia não deixa dúvidas de que o Império Assírio remodelou drasticamente a forma como Israel e Judá eram governados. O que é menos claro é se a Assíria também teve um impacto formativo na forma como os israelitas e os judaítas viam o seu deus e a sua relação com eles e com o mundo.

Não há evidência que indique que os assírios alguma vez se tenham empenhado num programa activo para forçar as pessoas subjugadas a adorar divindades assírias. Na verdade, em ocasiões especiais, os recém-conquistados tinham de fazer juramentos de lealdade a esses deuses e tinham de enviar quantidades em grande parte simbólicas de alimentos para o Templo de Ashur, em Ashur. Mas nenhum templo dedicado exclusivamente às divindades assírias, muito menos Ashur, foi construído na periferia imperial. Portanto, não é surpresa que o deus Ashur não seja mencionado uma única vez na Bíblia. Gênesis 10 fala sobre uma figura chamada Ashur que, após deixar a Babilônia, construiu Nínive e Calá. Este personagem, entretanto, não é um deus, mas um fundador humano fictício com o nome da terra. ⁸

Os efeitos do trauma da opressão imperial assíria sobre a religião dos hebreus podem ser vistos de forma mais indirecta. Embora as elites políticas e intelectuais de Israel e de Judá

nunca se tenham visto confrontadas com as exigências de algum deus assírio, tiveram de lidar com o enorme e altamente visível poder do rei assírio. Resistir a este poder através de acção militar ou política era inútil, e por isso os sacerdotes e profetas hebreus fizeram outra coisa: projectaram-no no seu próprio deus.

Esta “transferência” político-teológica foi um movimento revolucionário que inaugurou um novo tipo de religião. Podemos ver isso em ação nos pronunciamentos do profeta Isaías, que critica as reivindicações do rei assírio por um governo universal e deplora seu desejo de “reunir toda a terra como alguém reúne ovos que foram abandonados” – ao mesmo tempo que diz sobre Senhor: “Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.” Aqui o deus dos hebreus parece assumir qualidades específicas da autoridade assíria.⁹

O exemplo mais claro de como Deus adotou características do monarca assírio pode ser encontrado no livro bíblico de Deuteronômio, partes do qual parecem ser modeladas nos juramentos de lealdade contidos no Tratado de Sucessão de Esarhaddon, que o rei assírio impôs aos seus súditos quando nomeou seu filho Assurbanipal como seu herdeiro em 672 AEC. Cópias dos juramentos e das maldições que os acompanhavam foram escritas em grandes tábuas de argila que traziam os selos de vários deuses e eram expostas nos principais templos do império. Uma dessas tabuinhas foi descoberta em 2009 por arqueólogos da Universidade de Toronto no local da antiga cidade de Kullania, no rio Orontes, no Levante.¹⁰

Com toda a probabilidade, Esarhaddon também enviou uma cópia do seu Tratado de Sucessão para Jerusalém, capital do estado vassalo assírio de Judá, onde foi quase certamente traduzido para o aramaico ou hebraico e cuidadosamente estudado. Mas então aconteceu algo que os assírios não tinham previsto: os sacerdotes hebreus reaplicaram as estipulações do tratado ao seu próprio deus e afirmaram que ele – e não o rei assírio – merecia lealdade e obediência incondicionais.

O texto que os sacerdotes produziram para esse fim foi uma versão inicial do chamado Código Deuteronômico, uma coleção de leis encontradas no Livro do Deuteronômio da Bíblia, nos capítulos 12 a 28. Sugere-se, entre outras coisas, sua dependência do texto do tratado assírio, por uma série de maldições contra os infratores da lei. Em troca da desobediência, prevê o texto bíblico, o homem experimentará primeiro úlceras, depois cegueira e, finalmente, a ruína do seu casamento, quando um inimigo se apoderar da sua esposa. O Tratado de Sucessão de Esarhaddon inclui uma seção com maldições muito semelhantes, listadas exatamente na mesma sequência e apresentadas como punições infligidas pelos deuses Sîn, Shamash e Ishtar.¹¹

No seu Tratado de Sucessão, Esarhaddon exige que os seus súditos “amem Assurbanipal, o grande príncipe herdeiro, filho de Esarhaddon, rei da Assíria, seu senhor, como a si mesmo”. O Código Deuteronômico pede que o povo de Israel “ame o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma”. Enquanto Esarhaddon promove uma visão do rei exercendo poder ilimitado, Deuteronômio afirma que tal poder só era legitimamente detido por Deus. Nenhum rei terrestre, afirma, “deverá adquirir muitos cavalos”, ou “muitas esposas”, ou “prata e ouro” – uma forte acusação de atividades que nenhum monarca realizou com maior zelo do que os reis assírios.¹²

O que constitui traição, seja por parte de familiares ou de especialistas religiosos, também é tratado de forma muito diferente nas duas tradições, mas a linguagem é mais uma vez estranhamente semelhante. Esarhaddon exige de seus súditos que “qualquer palavra má,

imprópria e feia contra Assurbanipal vinda da boca de seus irmãos, seus filhos ou suas filhas” ou “da boca de um profeta, um extático ou um intérprete de sonhos” deve ser imediatamente relatado ao príncipe herdeiro, que então punirá o perpetrador. Deuteronômio, ao contrário, afirma que “se profetas ou aqueles que adivinham por sonhos” ou “seu irmão..., seu filho, sua filha, ou sua esposa” aparecerem e disserem: “Vamos seguir outros deuses... e vamos servi-los, ” não se deve dar ouvidos à sua palavra e, em vez disso, condená-los impiedosamente à morte. Mais uma vez, a lealdade ao rei é substituída em Deuteronômio pela lealdade a Deus.

13

A Bíblia apresenta o Código Deuteronômico como uma proclamação das leis divinas transmitidas por Moisés ao povo de Israel pouco antes de entrarem na Terra Santa. Mas desde o início do século XIX, os estudiosos têm questionado esta narrativa e a noção de que o texto remonta a tempos tão antigos. Um relato histórico em 2 Reis 22–23 fornece pistas sobre o verdadeiro contexto de Deuteronômio. Descreve como na década de 620, durante o reinado do rei da Judéia, Josias, o sumo sacerdote Hilquias, encontrou no templo de Jerusalém um “Livro da Lei” que exigia que todos adorassem somente a Yahweh e abandonassem todos os santuários fora de Jerusalém. . Visto que as mesmas exigências são feitas em Deuteronômio, é provável que os escritos supostamente “encontrados” por Hilquias não fossem nada além de uma versão antiga do próprio Deuteronômio – e que esta versão, em vez de ser um texto antigo, tenha sido na verdade composta não muito antes de sua suposta descoberta. Quando, na década de 1950, foram escavados manuscritos do Tratado de Sucessão de Esarhaddon - escritos apenas algumas décadas antes do reinado de Josias - e foram observados paralelos do tratado com o Deuteronômio, esta teoria tornou-se ainda mais plausível.¹⁴

Os paralelos com o Tratado de Sucessão de Esarhaddon não só nos ajudam a compreender melhor as origens das visões bíblicas do divino, mas também nos fazem ver Deuteronômio e outras partes centrais da Bíblia sob uma luz completamente nova. Leis deuteronômicas como aquela sobre a necessidade de matar os próprios irmãos, irmãs e esposas se eles adorassem outros deuses podem parecer à primeira vista opressivas e desumanas – e elas foram, de fato, eventualmente colocadas em usos nefastos, especialmente depois do Cristianismo e do Islã. , com as suas ambições mais universais, adotaram princípios centrais do antigo judaísmo. Uma vez que se torne claro, porém, que tais estipulações foram originalmente destinadas a contrariar as reivindicações repressivas dos reis assírios, elas também podem ser lidas como reflexões anti-imperiais de um grupo de pensadores revolucionários empenhados em libertar as suas mentes e, a longo prazo, , sua terra natal, da escravidão mental e política. O império ataca, a periferia imperial responde.¹⁵

Ecos de encontros com a Assíria também emergem em outras partes da Bíblia – por exemplo, na canção fúnebre zombeteira de Isaías 14, que provavelmente foi originalmente dirigida ao rei assírio Sargão II, e talvez até mesmo na famosa história de José e seus irmãos, onde podem-se traçar elementos da história da ascensão de Esarhaddon ao poder. Narrativas bíblicas como as duas histórias da criação, a história do grande dilúvio e a história do nascimento de Moisés parecem também ter origem na antiga Mesopotâmia, e a ideia de que também remontam aos tempos assírios não pode ser descartada. Como não há nenhuma evidência da presença de bibliotecas cuneiformes no sul do Levante durante a época neo-assíria, pode ser mais provável, no entanto, que os autores bíblicos destas histórias tenham encontrado os seus modelos mesopotâmicos durante o exílio babilônico no século VI A.C. ,

quando membros da elite da Judéia, incluindo o rei Joaquim, viviam no palácio de Nabucodonosor na Babilônia.¹⁶

Um caso especial é o Livro de Jonas, cujo capítulo final se passa em Nínive. Mas para compreender correctamente como esta famosa história de um profeta bíblico e do grande peixe que o engoliu pode relacionar-se com a história assíria, será necessário ter em conta um segundo grupo de textos que cobrem o Império Assírio: a tradição clássica.

A ASSÍRIA TEM GRANDE IMPORTÂNCIA NOS ESCRITOS DOS historiadores gregos e romanos. Dois momentos da história assíria foram de particular interesse para eles: a fundação do Império Assírio e a sua eventual queda. Os relatos mais detalhados desses episódios cruciais de formação e dissolução são encontrados na obra do historiador grego do século I AEC, Diodoro Sículo, que se baseou fortemente em uma história anterior de Ctésias de Cnido, o médico do rei persa Artaxerxes II.¹⁷

De acordo com Ctésias e Diodoro, a ascensão da Assíria - e da história mundial em geral - começou com um certo Ninus, que teria sido o primeiro governante da Assíria. Hoje, Ninus é provavelmente mais conhecido pelas referências cômicas ao seu túmulo em *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare, onde Bottom e seus humildes amigos deturpam seu nome como "Ninny". Assim como no caso de Ashur em Gênesis 10, a verdadeira origem do nome de Ninus era um topônimo: o nome da cidade de Nínive (assírio Ninua). Invertendo causa e efeito, os historiadores gregos apresentam Ninus como o fundador de Nínive, a primeira metrópole do mundo, mas isto é claramente incorrecto: Ninus tem de ser considerado como outra personagem em grande parte mítica, uma figura de memória e não de história.

Diodoro escreve que em dezessete anos Ninus conquistou todas as terras entre o Nilo, no Egito, e o rio Don, onde hoje é a Rússia, mas inicialmente não conseguiu tomar a cidade de Bactra, a capital de Bactriana, no Afeganistão. Foi durante o cerco de Bactra que ele conheceu sua futura esposa, Semiramis - e com a entrada dela na história as coisas se tornaram muito mais intrigantes.

A figura de Semíramis é baseada em uma rainha assíria real: a poderosa Sammu-ramat, esposa de Shamshi-Adad V (r. 823-811 A.C.) e mãe de Adad-nirari III (r. 810-783 A.C.), que foi em campanhas com seu filho e manteve as rédeas do poder durante os primeiros anos de seu reinado. A saga Semiramis registrada por Ctésias e Diodoro acrescenta muitos traços curiosos e até bizarros à imagem desta poderosa mulher real. Em alguns aspectos, transforma-a numa fantasia "orientalista", destinada a reforçar os estereótipos greco-romanos sobre um Oriente afeminado, despótico e violento.¹⁸

A história começa com o nascimento de Semiramis na cidade de Ashkelon, na costa oriental do Mediterrâneo. Sua mãe, Derceto, é uma deusa síria que teve um caso com um jovem bonito. Profundamente envergonhada de sua união carnal com um homem mortal, Derceto expõe sua filha bebê no deserto e depois se joga em um lago próximo, assumindo o corpo de um peixe com cabeça humana. A situação da menina órfã e abandonada parece desesperadora, mas, contra todas as probabilidades, a filha de Derceto sobrevive: é alimentada por pombas e depois recuperada por um grupo de pastores, cujo chefe a chama de Semiramis "depois da palavra que, na língua dos sírios, significa 'pomba'", explica Diodoro. Semiramis é criada pelos pastores e se torna uma grande beldade. Quando um oficial assírio, Onnes, a negócios no Levante, a vê, ele imediatamente se apaixona por ela e a toma como

esposa. Mas sua felicidade conjugal dura pouco: Semíramis, trazida pelo marido para Bactra, prova ser uma astuta estrategista militar ao inventar uma maneira de conquistar a cidade inimiga sitiada e, assim, chama a atenção do rei assírio Ninus, que incita Onnes cometer suicídio para poder se casar com Semiramis. Por um tempo, Ninus e Semiramis governam juntos. Após a morte de Ninus, Semiramis assume sozinho a liderança do Império Assírio. Ela continua a travar guerras em regiões distantes e, ao mesmo tempo, leva uma vida amorosa intensa: os milhares de montes artificiais encontrados em todo o Oriente Próximo são supostamente os túmulos de seus amantes, todos mortos depois de passarem uma noite com a rainha – uma “Scheherazade”. -em-reverso”. Quando Semiramis finalmente morre, deixando o império nas mãos de seu filho Ninyas, ela sobe ao céu na forma de uma pomba.¹⁹

A história de Semiramis, “a mais famosa de todas as mulheres”, foi contada no mundo antigo em muitas variações. Um romance grego – o primeiro exemplo existente do gênero – retrata seu relacionamento com o rei Ninus na forma de um romance kitsch. Num de seus epigramas, o poeta romano Martial a transforma em uma estilista altamente talentosa. E o escritor latino do século I dC, Valerius Maximus, está particularmente intrigado com seu penteado. Num episódio posterior, frequentemente retratado na arte ocidental, ele relata: “Semíramis... estava ocupada arrumando o cabelo quando chegou a notícia de que a Babilônia havia se revoltado. Deixando metade dele solto, ela imediatamente correu para invadir a cidade, e não restaurou seu penteado a uma ordem adequada antes de trazê-lo de volta ao seu poder.”²⁰

Semiramis também ganhou alguma eminência no Oriente. As primeiras evidências de sua fama são encontradas em um documento cuneiforme escrito entre 189 e 187 AC na cidade helenística de Uruk. Registra uma doação de três escravos por uma mulher de ascendência grega chamada Shamê-rammata – que provavelmente significa “Semiramis”. Seu selo mostra a cabeça de uma figura feminina com o cabelo preso em um coque atrás - o que é um pouco decepcionante, dada a obsessão de Valerius Maximus pelas tranças esvoaçantes de Semiramis.²¹

Na verdade, embora seja mais conhecida a partir de fontes clássicas, a lenda do Semíramis deve ter se originado na Mesopotâmia e no Levante. Muito antes da referência de Uruk a “Shamê-rammata”, Ctesias, afinal, já tinha ouvido falar de Semíramis na corte persa. A ligação entre o nome de Semiramis e a palavra assírio-babilônica para “pomba”, *summu*, e a estreita ligação do nome de Onnes, o primeiro marido de Semiramis, com o de Uanna, um homem-peixe antediluviano, sábio primitivo e protegido do deus Ea, também demonstram claramente as raízes mesopotâmicas da lenda. As primeiras versões da saga Semíramis provavelmente circularam em aramaico, mas foram perdidas porque foram escritas em materiais perecíveis, como couro e papiro.

A PROVÁVEL EXISTÊNCIA DE UMA TRADIÇÃO ARAMAICA SEMIRAMIS nos traz de volta ao Livro de Jonas, que conta a história do profeta Jonas, filho de Amittai. Em linhas muito gerais, a narrativa é a seguinte: Profundamente angustiado pela ordem de Deus de ir a Nínive e pregar ao seu povo, Jonas decide partir na direção oposta. Ele viaja para Jaffa, na costa oriental do Mediterrâneo, e embarca em um navio que parte para Társis, na Península Ibérica, no Extremo Oeste. Mas ele nunca chega lá: o navio é pego por uma violenta tempestade e os marinheiros jogam Jonas ao mar. É um momento de perigo mortal. Mas Jonas é engolido por um grande peixe e assim

milagrosamente salvo. Depois de três dias na barriga do peixe — episódio mais tarde lido como uma prefiguração dos três dias de Jesus na sepultura — Jonas é vomitado em terra seca. Homem mudado, ele decide aceitar sua missão divina e viaja para Nínive, onde começa a pregar aos moradores da cidade. Para sua surpresa e consternação, eles se arrependem e são então poupados por Deus.

É uma história estranha, que fascina, mas também confunde, os seus leitores há mais de dois mil anos. Isto é especialmente verdadeiro para o episódio do peixe. As explicações até agora oferecidas para isso, nenhuma realmente convincente, vão desde a suposição, feita por um abade alemão do século XVIII, de que Jonas passou algum tempo em uma cervejaria chamada “A Baleia”, em uma ilha no meio do mar, a alegações de que o motivo está enraizado na mitologia indiana.²²

A comparação com a lenda de Semíramis pode realmente nos ajudar a entender um pouco melhor a história de Jonas. Os dois contos têm vários pontos em comum: o nome de Jonas significa “pomba”, o pássaro tão intimamente associado a Semíramis. Ele parte de Jaffa, uma cidade portuária não muito longe de Ashkelon, cidade natal de Semiramis. A misteriosa permanência de três dias de Jonas na barriga do peixe lembra o que acontece com a mãe sereia de Semiramis, Derceto. As jornadas de vida de Jonas e Semíramis terminam em Nínive. E ambas as histórias partilham um cenário “global” e uma visão de mundo imperial que é bastante diferente da perspectiva mais introspectiva de outros livros proféticos da Bíblia. Em outras palavras, o Livro de Jonas parece uma versão estranhamente distorcida da história de Semíramis.

Na verdade, o nome de Jonas também tem outro ponto de referência: de acordo com 2 Reis 14:25, um “Jonas, filho de Amitai” serviu como profeta de guerra no século VIII. Mas os paralelos com a lenda de Semíramis são tão próximos que é difícil não chegar à conclusão de que o autor desconhecido do Livro de Jonas – que foi composto em algum momento entre os séculos VI e III a.C. – se baseou nele ao compor seu LIVRO . história. O que o levou a transformar uma rainha semidivina num profeta masculino permanece obscuro, mas a transformação em si está muito alinhada com as muitas metamorfoses encontradas na história da imperatriz assíria. Jonas, então, pode muito bem ser outra figura bíblica modelada a partir de um protótipo assírio, ainda que proveniente de lenda e não de história.

ALGUNS AUTORES CLÁSSICOS – E TAMBÉM O SACERDOTE BABILÔNICO Beroso em seu relato grego da civilização mesopotâmica – mencionam brevemente reis assírios como Tiglate-Pileser III, Senaqueribe e Esarhaddon. A maioria dos historiadores gregos e romanos, no entanto, em muito contraste com a tradição bíblica, não tem nada a dizer sobre o período delimitado pelo início do Império Assírio – a era de Ninus, Semíramis e Ninyas – e o tempo do seu colapso final. . Entre estes dois pólos, afirmam eles, cerca de trinta ou quarenta reis governaram a Assíria, durante um período de cerca de um milénio e meio no total, mas sem nunca realizarem nada digno de registo. É uma imagem de estagnação completa – um tropo orientalista convenientemente alinhado com as ideias gregas e romanas sobre um Oriente bárbaro em grande parte imutável. Mas no final desta eterna recorrência do mesmo, o Império Assírio encontra-se subitamente nas garras de uma grande crise – e a história começa novamente.

Para os historiadores clássicos, a figura central no desenrolar do drama foi Sardanapalo, o alegado último rei da Assíria. Heródoto, o primeiro escritor grego a mencionar este governante, caracteriza-o como rico e poderoso. Mas Diodoro e outros historiadores posteriores descrevem Sardanapalo como um fraco e efeminado, confinado ao seu palácio em Nínive e sem vontade de lidar com o mundo exterior. Com a pele “ainda mais branca que o leite e as pálpebras pintadas”, diz-se que ele “viveu a vida de uma mulher, passando os dias na companhia de suas concubinas e tecendo roupas roxas”. Pior ainda, “ele buscava as delícias do amor tanto com os homens quanto com as mulheres; pois ele praticava todos os tipos de indulgência sexual sem restrições.” Sua lentidão é tão pronunciada que os Arbaces Medos e os Belesys Babilônicos eventualmente lançam uma rebelião contra ele. Sardanapallus é forçado a entrar em ação e os dois lados se envolvem em uma série de batalhas mortais. No final, quando o Tigre transborda e as muralhas defensivas de Nínive desabam, Sardanapalo tem de reconhecer que o jogo acabou. Ele constrói uma grande pira funerária, com todos os seus tesouros empilhados sobre ela e suas concubinas e eunucos encaixotados, e comete suicídio com eles em uma conflagração massiva. Sua morte marca o fim do Império Assírio.

23

O caráter de busca de prazer de Sardanapalo também surge em uma tradição clássica alternativa, que trata do túmulo do rei. Esta tumba estava supostamente localizada na Cilícia, perto da cidade de Anchiale, e foi vista em 333 AC por soldados e oficiais do exército de Alexandre, o Grande. Segundo o historiador grego Aristóbulo, amigo de Alexandre que o acompanhou em sua campanha ao Oriente, a tumba foi decorada com uma figura “com os dedos da mão direita juntos, como se os estivesse quebrando”, e com a inscrição: “ em letras assírias”, com as palavras “Sardanapallus, filho de Anacyndaraxes, construiu Anchiale e Tarso em um único dia. Coma, beba e ame; o resto não vale nem isso’ - por 'isso' significa um estalar de dedos.”²⁴

O que é descrito aqui na verdade ressoa com alguns motivos genuinamente assírios. O “estalar” dos dedos pode ser uma alusão a um gesto característico encontrado em muitas estelas reais assírias: o rei assírio estende o dedo indicador da mão direita num ato de adoração. E a referência à comida, bebida e diversão é surpreendentemente semelhante à profecia em nome da deusa Ishtar que salvou o rei assírio Assurbanipal, em 653 AEC, de ter de ir à guerra contra Teumman de Elam. A passagem chave da profecia, já citada anteriormente, diz: “Você permanecerá no lugar onde está atualmente. Coma, beba vinho, divirta-se e reverencie minha divindade. Enquanto isso, irei realizar esta tarefa.”²⁵

Na verdade, o nome Sardanapallus é uma forma distorcida de “Assurbanipal” – e os dois reis também têm muito em comum em outros aspectos. Na verdade, os gregos forneceram ao seu Sardanapallus uma série de características que podem mais uma vez ser consideradas o resultado de uma “alteração” orientalizante. E eles erraram muito em algumas coisas: Assurbanipal não foi o último rei da Assíria; ele não morreu em um incêndio (mesmo que seu irmão Shamash-shumu-ukin tenha morrido); e ele não tinha sepultura na Cilícia. Mas Assurbanipal estava realmente relutante em ir para a guerra, nomeou seu cantor principal como epônimo e dependia fortemente de eunucos, e ele é o único rei assírio que se fez retratar reclinado em uma cama e banquetando com sua rainha. O fato de as camas serem importantes para ele também é indicado por uma carta na qual ele pedia aos estudiosos de Borsippa que lhe enviassem “(tábuas descrevendo?) Quatro amuletos de pedra para a cabeceira da cama do rei e os pés da cama do rei”. Assurbanipal, ao que parece, era um esteta

e bon vivant, em vez de um líder endurecido pela batalha, embora também procurasse retratar-se em algumas inscrições como este último.²⁶

Assurbanipal não estava mais no cargo quando o Império Assírio entrou em colapso; mas o seu governo – que se arrastou por demasiado tempo – contribuiu de forma decisiva para o declínio político da Assíria. Independentemente do seu sensacionalismo, portanto, os relatos dos historiadores gregos não deturpam completamente o reinado deste governante notável.

A RAINHA MASCULINA SEMIRAMIS, COFUNDADORA DO Império Assírio, e o rei afeminado Sardanapallus, seu coveiro, tornaram-se “modelos de excepcionalidade” no Ocidente. O mundo de pernas para o ar que representavam serviu de aviso para nunca acabarmos com os valores patriarcais e as identidades binárias de género que sustentavam a ordem política e social do Ocidente. Mas como representantes de algo radicalmente diferente, os dois personagens também tinham potencial para fascinar e abrir novos horizontes. As histórias que circularam sobre a primeira rainha e o último rei da Assíria eram lembretes de que existiam modos de vida alternativos, relações sexuais e identidades de género, e que a política não tinha de permanecer para sempre domínio exclusivo dos homens. A forma como escritores, pintores e até compositores posteriores se envolveram com Semíramis e Sardanapalo – e, em menor grau, com outras figuras da história mesopotâmica – ilustra esta pronunciada ambivalência.²⁷

O estilo de vida de Sardanapallus era geralmente menosprezado em vez de elogiado. Entre seus críticos antigos estava o poeta romano Juvenal, que atuou no final do primeiro e início do segundo século EC. Em uma de suas sátiras, Juvenal pede a seus leitores que “rezem por um espírito ousado, livre de todo medo da morte, que considere os cuidados corrosivos de Hércules e todas as suas labutas cruéis muito preferíveis às alegrias de Vênus, aos ricos banquetes, e o sofá felpudo de Sardanapalo.” A *pluma Sardanapalli* tornou-se um tropo tão popular que a Idade Média atribuiu a Sardanapallus a invenção do colchão de penas - uma ideia convincente se levarmos em conta a obsessão real do histórico Assurbanipal pelo divã. A elaboração pictórica mais famosa do motivo é a pintura de Eugène Delacroix, de 1827, *A Morte de Sardanapallus*, que mostra o rei, com suas concubinas mortas, cavalo e tesouros ao seu redor, reclinado em uma enorme cama que parece deslizar ameaçadoramente em direção ao espectador. Mas, ao contrário de Juvenal, Delacroix retrata o rei com certa simpatia. Ao organizar com tanto cuidado o quadro de sua partida final, Sardanapallus torna-se no quadro uma espécie de artista modelo por direito próprio.²⁸

Já na antiguidade, Sardanapallus era ocasionalmente apresentado de uma forma mais positiva. Um exemplo notável é uma estátua romana do deus Dionísio como um homem mais velho, com uma coroa de hera e uma longa barba. A certa altura, alguém forneceu à estátua uma inscrição que a identificava como uma imagem de Sardanapalo, sugerindo que pelo menos alguns cidadãos romanos consideravam o rei assírio um modelo para uma vida boa, passada com bebida e prazer, em linha com o exemplo definido por uma divindade proeminente.²⁹

Não é de surpreender que a ascensão do cristianismo pôs fim a tais endossos e, durante vários séculos, tanto Sardanapallus quanto Semiramis tornaram-se vilões puros. O escritor cristão da Antiguidade Tardia Orosius descreve Sardanapalo como “um homem mais corrupto que uma mulher”, o que diz tudo. Uma seção da *Divina Comédia* de Dante sobre a

Florença do século XII e seus costumes ainda não corrompidos alude indiretamente às perversões sexuais do rei: “E Sardanapalo não havia chegado / Para mostrar o que pode ser feito em quartos privados”. Semiramis se sai ainda pior. Dante a coloca no Segundo Círculo do Inferno e a apresenta como a primeira de várias almas lascivas que são punidas por um vendaval infernal: “Aquela imperatriz / Que governou tantas terras e línguas”, escreve ele, “Ela estava tão no misericórdia da sensualidade, / Que ela fez leis permitindo o que ela gostava / Para que sua própria conduta não pudesse ser culpada.” Dante também fala sobre Senaqueribe, cujo destino ele conhecia pela Bíblia. Esculpida no chão do primeiro terraço do Purgatório, ele afirma, entre muitos outros *exemplos* de orgulho e de como foi punido, estava uma cena que “mostrou como os filhos de Senaqueribe / Atiraram-se sobre ele no templo / E como, quando ele estava morto, eles o deixaram lá.” ³⁰

Com a Renascença e o início do período moderno, representações mais simpáticas dos personagens mais famosos da Assíria começaram a complementar as condenações e acusações. Semiramis, em particular, recebeu muita atenção - não apenas como *femme fatale*, mas também como *femme forte*. Pintores importantes, de Guido Reni a Edgar Degas, retrataram seu poder e beleza. Ainda mais notável é a popularidade de Semiramis na *ópera séria* da era barroca. Um estudo recente lista nada menos que dezenove óperas desse período que apresentam Semiramis como protagonista principal. Alguns foram compostos para homenagear mulheres poderosas da época. Quando, por exemplo, a imperatriz dos Habsburgos, Maria Teresa, foi coroada Rainha da Boêmia em 12 de maio de 1743, na Catedral de São Vito, em Praga, a ocasião foi marcada com a apresentação de uma ópera Semiramis. ³¹

Sardanapallus também foi redescoberto. O seu papel como líder político e militar ofereceu poucos incentivos para reabilitá-lo, mas aqueles que esperavam o alvorecer de uma era mais libertina ficaram intrigados com as suas atividades eróticas. O satírico e tradutor inglês do século XVII, John Oldham, dedicou um poema a Sardanapallus que é tão obviamente pornográfico que não seria possível citá-lo se não fosse pela sua linguagem antiquada:

*Parece que te vejo agora em plena posição de serralho,
Com o grande Cetro do Amor em tuas mãos,
E sobre todo o seu Espaçoso Reino teu Poder se estende:
Dez mil empregadas domésticas prostradas aos teus pés
Prepare os altos comandos do seu Pintle para se encontrarem.
Todos C-ts de Honra, alguns da Raça Queenly
Que veio para ser Ungido com tua Semente Real.*

...

*Por mais que a natureza abra suas coxas
O vasto domínio de Teu Tarse jaz.
Todas as mulheres reconhecem seu grande domínio
E ao seu grande Tesouro pagam o seu tributo.*

...

*E através de todas as eras, de toda a posteridade,
Esta minha única glória será registrada:
Nenhum monarca jamais fodeu ou morreu como eu!* ³²

O poema termina em grande estilo retratando a imolação do rei e de suas mulheres na pira funerária como uma gigantesca orgia.

DURANTE A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX, SEMIRAMIS e Sardanapallus viveram os seus últimos grandes momentos na arte erudita ocidental. *A Semiramide* de Rossini de 1823 marcou o clímax do gênero da “ópera Semiramis”. Dois anos antes, Lord Byron havia escrito uma tragédia, “Sardanapalus”, na qual o protagonista servia como uma espécie de alter ego do autor. “Se então eles me odeiam, é porque eu não odeio”, disse Sardanapallus, uma declaração altamente incomum do histórico Assurbanipal. O drama de Byron inspirou a famosa pintura de Delacroix, bem como uma cantata de 1830 sobre Sardanapallus, de Hector Berlioz, mas não conseguiu impressionar o homem a quem foi dedicado: Johann Wolfgang von Goethe. Em *Fausto II de Goethe*, quando o diabo Mefistófeles se oferece para permitir que Fausto viva a vida luxuosa de um governante preguiçoso, Fausto responde com as palavras “Schlecht und modern! Sardanapal!” (Base e moderno! Sardanapalus!).

Lord Byron também está associado a uma das últimas grandes obras artísticas baseadas na representação de um rei assírio na Bíblia. Escrito em uma métrica anapéstica “galopante”, seu poema de 1815 “A Destruição de Senaqueribe”, que começa com a frase muito citada “O assírio caiu como um lobo no rebanho”, baseia-se em 2 Reis 19:35-36 quando atribui a derrota assíria em Jerusalém a uma intervenção divina direta:

*Pois o Anjo da Morte abriu suas asas na explosão,
E respirou na cara do inimigo quando ele passou;
E os olhos dos que dormiam tornaram-se mortais e frios,
E seus corações apenas uma vez se levantaram e para sempre ficaram quietos!*

Na sequência da redescoberta, em meados do século XIX, da história “autêntica” da Assíria, os relatos bíblicos e clássicos do Império Assírio perderam grande parte da sua autoridade. Os governantes semi-lendários da Assíria subitamente tiveram de competir com os monarcas “reais” do império. Como faltava a esses monarcas o magnetismo dos primeiros, Semíramis, Sardanapallus e o bíblico Senaqueribe, entretanto, nunca foram totalmente marginalizados. Pinturas, poemas, romances, composições musicais e, eventualmente, até filmes continuaram a apresentá-los. Mas a maioria das obras em questão, seja o ensaio anti-guerra de Lytton Strachey de 1915, “Sennacherib and Rupert Brooke”, o melodrama musical *Semiramis* de Arthur Honegger e Paul Valéry de 1934, ou o filme italiano de espada e sandália *Io Semiramide* de 1962, não conseguiram ganhar ampla popularidade. aclamação. Com o passar do tempo, o importante papel de Semiramis como *femme fatale oriental* por excelência foi cada vez mais assumido pela rainha egípcia Cleópatra. Senaqueribe e Sardanapalo caíram numa obscuridade ainda maior.

Um acontecimento central na história do século XX parece, contudo, ter sido inspirado na saga Sardanapallus. O suicídio de Adolf Hitler, com esposa e cachorro, em 30 de abril de 1945, no Führerbunker da Chancelaria do Reich em Berlim, parece uma reconstituição farsa da autoimolação do rei assírio, especialmente tendo em vista a subsequente queima dos corpos. Que foi realmente modelado, deliberadamente ou de alguma forma subconsciente, não pode, é claro, ser provado.³³

A Segunda Destruição

No dia 25 de fevereiro de 2015, o grupo militante Estado Islâmico, também conhecido como Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS), publicou um vídeo nos seus canais de redes sociais.¹ A primeira cena mostra o Portão de Nergal, no lado norte da antiga cidade de Nínive. Dentro do portão pode-se ver um colosso de touro monumental lindamente esculpido em pedra dura. A filmagem documenta, com detalhes dolorosos, o trabalho de um homem vestido de preto, de pé sobre uma plataforma e armado com uma furadeira elétrica, enquanto destrói sistematicamente a cabeça da escultura, cortando profundamente seus finos traços faciais e seu cuidado. barba trabalhada. Outro homem, de pé ao lado do colosso e vestindo trajes islâmicos tradicionais, explica, num dialeto árabe que o marca como vindo de algum lugar do Golfo Pérsico: “O profeta Maomé ordenou-nos que despedaçássemos e destruíssemos estátuas. Foi isso que seus companheiros fizeram quando conquistaram terras. Visto que Deus nos ordenou que destruíssemos essas estátuas, ídolos e restos mortais, é fácil obedecermos. Não nos importamos com o que as outras pessoas pensam ou se isso nos custará bilhões de dólares.” A cena é seguida por uma segunda, filmada dentro do Museu de Mossul, a poucos quilômetros do outro lado do rio Tigre. Homens em trajes estranhos são mostrados derrubando estátuas assírias e partas e quebrando-as com marretas, enquanto versos do Alcorão são recitados e uma voz fora da tela canta no estilo de um *nashid tradicional*: “O inferno está cheio de ídolos e imagens de madeira. Demolir as estátuas da América e do seu clã.”²

Assim começou a segunda destruição das grandes capitais da Assíria, mais de dois milénios e meio depois da primeira. Tal como em 612 AEC, os touros alados nos portões da muralha da cidade de Nínive sucumbiram a um inimigo cuja força mortal não conseguiram resistir. A raiva contra o mundo moderno global foi convertida num ataque aos antigos restos do primeiro império “global”, com resultados catastróficos. Os perpetradores puseram em prática o que o repugnante Père Ubu apenas fantasiou na peça satírica de Alfred Jarry, *Ubu in Chains*: “Não teremos sucesso em demolir tudo se não demolirmos também as ruínas”.³

AS CONDIÇÕES PARA O DESASTRE FORAM CRIADAS QUANDO, em 10 de junho de 2014, para surpresa e horror de grande parte do mundo e de muitos iraquianos, o ISIS tomou a cidade de Mossul. Em 29 de junho, o líder do ISIS, Abu Bakr al-Baghdadi, usou a Grande Mesquita de Mossul para anunciar o estabelecimento de um novo califado islâmico. De repente, o que outrora tinha sido o coração do Império Assírio estava sob o controlo de um grupo militar extremamente violento, empenhado numa missão de limpeza étnica e cultural.

O movimento que mais tarde se transformaria no Estado Islâmico foi fundado em 1999 pelo jihadista jordano Abu Musab al-Zarqawi. Ganhou impulso e muitos novos recrutas após a invasão do Iraque liderada pelos EUA em 2003, esteve envolvido em numerosos ataques terroristas dentro do Iraque e tornou-se ainda mais influente depois de ter expandido as suas actividades para a vizinha Síria, na sequência da eclosão da Guerra Civil Síria. Guerra em 2011. Em 2013, depois de o movimento se ter renomeado como ISIS, assumiu o controlo da cidade síria de Raqqa, que se tornou a sua capital de facto durante mais de três anos.

Foi em Raqqa que o ISIS iniciou o seu programa radical de destruição cultural em massa. Durante os dez anos anteriores, muitos santuários religiosos, sítios arqueológicos, museus e monumentos no Iraque e na Síria foram danificados ou destruídos como resultado de saques, bombardeamentos e da implementação de instalações militares, com todas as partes envolvidas nos conflitos em curso partilhando parte da culpa. Mas o que o ISIS começou pouco depois de ter tomado Raqqa foi algo fundamentalmente novo: o grupo começou a demolir deliberadamente locais de património cultural que considerava incompatíveis com a sua ideologia salafista.

Em 26 de março de 2014, militantes do ISIS demoliram um dos seus primeiros alvos, o santuário xiita de Uwais al-Qarni em Raqqa. Numerosos outros santuários e tumbas xiitas viriam a seguir. Os militantes do ISIS também atacaram igrejas e mosteiros cristãos, santuários sufis e locais sagrados para a comunidade religiosa dos yazidis.

Embora a Síria não tenha sítios arqueológicos assírios na escala de Nínive ou Calah, alguns artefactos do período assírio também foram destruídos durante a fase inicial do ataque do ISIS à história. Em Abril de 2014, a Direcção-Geral de Antiguidades e Museus da Síria publicou um aviso online sobre baixos-relevos e estátuas que os residentes locais tinham escavado ilicitamente em Tell Ajaja, a antiga cidade de Shadikanni, no rio Khabur. Conforme revelado por uma série de fotos, elas incluíam uma estátua assíria da década de 820 A.C. com uma inscrição que ameaçava qualquer pessoa “que destruísse esta imagem” com o extermínio dos seus descendentes. Membros sírios do ISIS, incapazes de ler cuneiforme, não se intimidaram: fotos divulgadas on-line em 5 de maio de 2014 mostram apoiadores do ISIS com marretas nas mãos quebrando uma das estátuas de Tell Ajaja em frente a um prédio que o grupo havia reaproveitado como tribunal islâmico . ⁴

Após a conquista de Mosul, o ISIS intensificou a sua campanha de vandalismo cultural. Muitos edifícios religiosos dentro e ao redor da cidade foram arrasados. Em 24 de julho de 2014, afiliados do ISIS armados com explosivos explodiram a mesquita de Jonas, no lado oriental do Tigre, reduzindo-a a escombros. Considerando que a mesquita não era um local xiita, mas sim um local sagrado sunita, esta foi uma acção espantosamente radical, que indicava que dali em diante nada estaria a salvo do desejo de destruição do grupo.

Surpreendentemente, os locais assírios que ficaram sob o controlo do ISIS após a sua expansão na região de Mosul foram inicialmente deixados intocados. Durante alguns meses, nada aconteceu em Nínive e Calah/Nimrud. Mas esta foi apenas a calma antes da tempestade. Quaisquer esperanças que os residentes locais e os observadores internacionais pudessem ter alimentado de que as antigas capitais assírias seriam poupadas foram destruídas quando o ISIS publicou o seu vídeo de Fevereiro de 2015 sobre a devastação na Porta Nergal de Nínive e no Museu de Mossul. Foi um ponto de viragem catastrófico para a arqueologia da antiga Assíria.

ATÉ ENTÃO, OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO NORTE DO IRAQUE tinham sofrido relativamente poucos danos durante as várias crises políticas que assolaram o Iraque desde o início da Guerra Irão-Iraque em 1980. A situação no sul do país era muito diferente, uma vez que a situação económica as sanções impostas pelo Conselho de Segurança da ONU após o fim da Guerra do Golfo em 1991 levaram à anarquia completa e a uma série de saques massivos em muitos locais. Na sequência da invasão liderada pelos EUA em 2003, os saques no sul tornaram-se ainda piores. As ruínas de cidades antigas como Isin ou Umma começaram a se assemelhar a paisagens lunares, com buracos após buracos pontilhando os montes.

Durante o mesmo período, Nínive e alguns outros locais no norte do Iraque sofreram negligência e pequenos saques, mas permaneceram praticamente intactos. Na década de 1990, a estrutura destinada a proteger os restos da sala do trono de Senaqueribe no monte principal de Kuyunjik, em Nínive, foi despojada de seu telhado de zinco, expondo os baixos-relevos da sala aos elementos; e alguns relevos foram quebrados em pedaços e vendidos no mercado de antiguidades. Mas pouco mais aconteceu. Na verdade, em 2010, arqueólogos da Universidade de Mossul retomaram as escavações em Nínive, na esperança de inaugurar uma nova fase na exploração científica do local.⁵

Desenvolvimentos promissores como este foram brutalmente interrompidos quando a liderança do ISIS decidiu, no início de 2015, lançar o seu ataque concertado à paisagem arqueológica da região de Mossul. A desfiguração amplamente difundida do touro colosso no Portão Nergal de Nínive foi apenas o começo. Em 11 de abril de 2015, o grupo terrorista lançou um novo vídeo cuidadosamente coreografado mostrando como os militantes organizaram bombas de barril em frente às paredes da sala do trono de Ashurnasirpal II, no Palácio Noroeste de Calah, e depois explodiram toda a sala e partes adjacentes do palácio. em uma explosão gigantesca. Foi um grande desastre: o único edifício suficientemente bem preservado para proporcionar aos visitantes no local uma impressão da arquitectura palaciana assíria foi reduzido a escombros e dezenas de lajes de relevo insubstituíveis foram irremediavelmente perdidas. Mais tarde, o enorme zigurate do deus Ninurta, divindade padroeira de Calah, foi demolido, e o templo de Nabû, com a sua notável “Porta dos Peixes” (assim chamado porque o portão era ladeado por esculturas de tritões ou sereias), demolido. Os túmulos das rainhas assírias na zona sul do Palácio Noroeste também foram destruídos.

Outros locais do norte do Iraque também sofreram danos substanciais. Em Hatra, o centro comercial do período parto localizado a cerca de 50 quilómetros (30 milhas) a oeste de Ashur, militantes armados com espingardas de assalto e marretas destruíram estátuas e decorações de paredes de templos. Dur-Sharrukin e a antiga capital assíria de Ashur também viram alguma destruição deliberada, com foco, no caso de Ashur, no elaboradamente restaurado Portão de Tabira, no oeste da cidade. Em Nínive, dois portões adicionais da cidade, os chamados Portões Adad e Mashqi, foram destruídos por escavadeiras. Como se tratava, em sua maioria, de reconstruções modernas, esta foi uma perda não tão catastrófica quanto outras. Mas o desmantelamento dos restantes baixos-relevos da suite da sala do trono de Senaqueribe em Kuyunjik, em algum momento de Abril ou início de Maio de 2016, foi outro golpe devastador.⁶

Juntamente com actos de destruição deliberada, o ISIS envolveu-se na extracção de artefactos assírios para fins comerciais. Depois que a mesquita do profeta Jonas em Nebi Yunus, na parte sudoeste de Nínive, foi explodida, trabalhadores que operavam em nome do grupo cavaram túneis no monte sob os escombros. Seguindo as muralhas de um antigo

palácio do rei assírio Esarhaddon – um método semelhante ao usado em Nínive por Austen Henry Layard e outros escavadores britânicos de meados do século XIX – eles procuravam tesouros arqueológicos que pudessem ser colocados à venda. Um documento em árabe encontrado após a libertação de Mosul relata que, “graças a um favor concedido por Alá, no domingo, 28 de Ra ğ ab, 1436 (17 de maio de 2015), no decorrer dos trabalhos de escavação em dois pontos em Diga a Nebi Yunus que pedaços de um tijolo assírio inscritos em caracteres cuneiformes antigos foram descobertos no primeiro local, e um enorme touro alado veio à tona no segundo local; e pedimos a Allah orientação e sucesso.” O documento foi endereçado ao “Ministério dos Recursos Naturais”, que o Estado Islâmico criou para vender petróleo, minerais, metais preciosos e antiguidades. Até os terroristas têm a sua burocracia. ⁷

Durante algum tempo, o chefe deste ministério foi um líder sênior do ISIS, mais conhecido pelo seu nome de guerra, Abu Sayyaf al-Tunisi. Em Maio de 2015, enquanto trabalhadores do ISIS escavavam em Nebi Yunus, as Forças Especiais dos EUA conduziram uma incursão ao quartel-general de Abu Sayyaf, perto da cidade de Der ez-Zor, no leste da Síria. Entre os itens apreendidos na operação estavam diversas antiguidades, bem como arquivos de computador com fotos de artefatos arqueológicos adicionais. Um dos objetos retratados nas fotos era uma estela assíria de Tell Ajaja (Shadikanni) inscrita em cuneiforme em nome de um governador assírio do século IX AC, SHAMASH-ABUYA. Num caso histórico de património cultural, a estela e três outros objectos, todos provavelmente colocados à venda pelo ISIS, foram confiscados em Dezembro de 2016 ao abrigo do USA Patriot Act, mas ainda não foram recuperados. ⁸

A DESTRUIÇÃO DELIBERADA DE LOCAIS CULTURAIS ASSÍRIOS E DE OUTROS locais no Iraque pelo Estado Islâmico recebeu a mais forte condenação internacional. Uma resolução adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 28 de Maio de 2015, chamou-lhe um crime de guerra, e a directora-geral da UNESCO na altura, Irina Bokova, falou de “limpeza cultural”. Tais avaliações são certamente apropriadas, mas não respondem a uma questão crucial: dado que teria sido muito mais lucrativo para o grupo limitar-se a saquear e vender antiguidades (o que também fez), o que levou o ISIS a cometer estes actos em primeiro lugar e depois difundi-los amplamente? ⁹

Embora o vídeo do ISIS de 25 de fevereiro de 2015 descrito no início deste capítulo forneça algumas pistas, uma explicação mais extensa é encontrada em um artigo publicado em 2015 na oitava edição da Dabiq, uma revista de propaganda em língua inglesa feita profissionalmente e distribuída *gratuitamente* por Estado Islâmico na Internet. O artigo tentou justificar os ataques a Nínive, Hatra e ao Museu de Mosul:

No mês passado, os soldados do Khilāfah, com marretas nas mãos, reviveram a Sunnah de seu pai Ibrāhīm (*'alayhis-salām*) quando devastaram o legado *shirkī* de uma nação que há muito havia desaparecido da face da Terra. Eles entraram nas ruínas dos antigos assírios em Wilāyat Nīnawā e demoliram suas estátuas, esculturas e gravuras de ídolos e reis. Isto causou protestos por parte dos inimigos do Estado Islâmico, que estavam furiosos por perderem uma “herança preciosa”. Os *mujāhidīn* , no entanto, não estavam nem um pouco preocupados com os sentimentos e sentimentos dos *kuffār* ... Os *kuffār* desenterraram essas estátuas e

ruínas nas gerações recentes e tentaram retratá-las como parte de uma herança cultural e identidade que os muçulmanos do Iraque deveria abraçar e se orgulhar. No entanto, isto opõe-se à orientação de Allah e do Seu Mensageiro e apenas serve uma agenda nacionalista.¹⁰

A passagem apresenta uma série de razões para a destruição infligida pelo ISIS a locais e objetos assírios. O primeiro é religioso. Quando os militantes do Estado Islâmico atacaram as esculturas antigas com marretas, afirma o artigo, eles essencialmente reconstituíram o que “Ibrahim”, isto é, Abraão – e mais tarde também o profeta Maomé – supostamente fez no seu próprio tempo: destruir ídolos e outras imagens criadas por “infiéis” enganados por suas *shirkī*, isto é, crenças politeístas. As roupas arcaicas – e um pouco ridículas para os espectadores externos – usadas pelos perpetradores nos vídeos e nas fotos dos ataques foram escolhidas por uma razão: pretendiam transmitir que as equipes de demolição estavam seguindo um precedente do período de formação do Islã – ou antes, a concepção que o ISIS tem dela – mesmo em pequenos detalhes, como o vestuário.¹¹

É claro que ninguém mais adora esculturas dos períodos assírio e parto; e a maioria das estátuas que o ISIS destruiu não eram, na verdade, representações de deuses. Mas é, no entanto, fácil compreender porque é que os agentes do ISIS considerariam uma escultura monumental como o touro alado na Porta Nergal de Nínive uma abominação. O touro assírio e o leão colosso com cabeça humana eram criaturas compostas – eles combinavam as características de diferentes espécies, de animais a divindades. Para o ISIS e o seu culto monocromático de pura simplicidade e pureza religiosa, esta complexidade deve ter sido particularmente vexatória e provocativa.¹²

Quando os militantes do ISIS, algumas semanas depois dos acontecimentos em Nínive, embarcaram no projecto logisticamente muito mais desafiante de obliterar os restos arqueológicos da antiga cidade assíria de Calah, pode ter sido o nome moderno do local, Nimrud, que os causou ser particularmente minucioso. Na tradição islâmica (que se baseia em precedentes judaicos anteriores), Nimrud – o Nimrod bíblico – foi o vilão que construiu a Torre de Babel, um tirano arquipoliteísta e proto-imperialista e o principal oponente de Abraão. Na lenda islâmica, diz-se que Deus o puniu da maneira mais horrível possível: um mosquito entrou em sua cabeça pela narina, bicou seu cérebro e acabou matando-o. Claramente, uma cidade com o nome de uma figura maligna não merecia ser tratada melhor.

13

CONSIDERANDO TODAS AS COISAS, ENTÃO, SERIA UM ERRO MINIMIZAR a afirmação de *Dabiq de que o ISIS destruiu locais antigos porque os locais incorporavam os perigos da adoração de falsos deuses*. A ideologia religiosa radical do movimento era importante. Mas considerar a política cultural do ISIS como nada mais do que uma tentativa de reconstituir a vida no mundo de Maomé do século VII não é suficiente para explicar as acções do grupo – permanecem demasiadas contradições. O ISIS alegou, por exemplo, que as imagens eram uma abominação religiosa – mas o grupo produzia constantemente imagens próprias, vivas e estáticas, que eram então amplamente divulgadas através das redes sociais: vídeos e fotos de decapitações, de prisioneiros mantidos em jaulas, de militares ataques - e também da destruição de locais antigos. Por outras palavras, o ISIS transmitiu os seus próprios actos de iconoclastia numa

orgia de iconofilia que parece muito em desacordo com a ortodoxia muçulmana. E, ironicamente, como muitos outros observaram, as imagens que o ISIS produziu foram fortemente influenciadas pela estética dos videojogos ocidentais – por exemplo, *Call of Duty* – bem como pelos filmes e séries de televisão, desde *O Exterminador do Futuro* até *Game of Thrones*. O ISIS adoptou com bastante sucesso os códigos culturais dos seus maiores inimigos. Além disso, algumas passagens do Alcorão parecem considerar as ruínas antigas como avisos visíveis para aqueles que questionam o poder de Deus para interferir na história, o que implica que devem ser preservadas em vez de destruídas.¹⁴

Houve, de facto, razões adicionais importantes para os ataques deliberados do ISIS a antigos locais assírios. A passagem de *Dabiq* explica-os de forma bastante explícita: os ataques tinham como objectivo, por um lado, devastar os incrédulos *kuffār* do Ocidente e, por outro, remodelar a identidade cultural dos muçulmanos do Iraque.

Em relação ao primeiro grupo, algumas das afirmações do ISIS eram bastante precisas. Na verdade, foram os “incrédulos” ocidentais que “desenterraram estas estátuas e ruínas nas gerações recentes”. Estudiosos-aventureiros da Grã-Bretanha e de França iniciaram a exploração arqueológica do Médio Oriente, um projecto inseparável das motivações coloniais (embora também estivesse enraizado em interesses intelectuais genuínos). Uma medalha lançada em Paris em 1853 diz tudo. Mostra de um lado a cabeça do imperador francês Napoleão III e do outro uma figura representando a França levantando o véu de uma figura feminina sentada ladeada por um touro colosso - uma personificação da antiga cidade de Nínive. A cena é acompanhada por uma inscrição em latim: “Niniven latentem Gallia aperuit” (a França abriu a há muito enterrada Nínive).¹⁵

Não só as escavações dos sítios assírios foram durante muito tempo um empreendimento em grande parte ocidental, no qual os residentes locais normalmente participariam apenas como trabalhadores humildes, mas a história descoberta no processo foi também considerada essencialmente ocidental. Na verdade, a reputação da Assíria estava longe de ser imaculada aos olhos de muitos. Mas como o Império Assírio desempenhou um papel tão importante na Bíblia e nas obras dos escritores gregos e romanos, fazia parte da história, sagrada e profana, do mundo ocidental, ao qual pertencia antes de mais nada. O que aconteceu mais tarde na região, especialmente durante o período islâmico, foi percebido por muitos como uma coda histórica decadente e corrupta, separada da história heróica do antigo Oriente Próximo. Foi, portanto, justo, aos olhos do público ocidental, que a arte assíria e babilónica fosse exposta em Paris e Londres, em vez de Istambul e Bagdad – embora estas cidades acabassem por ostentar também museus dedicados ao antigo Oriente Próximo. .

Os líderes do ISIS estavam bem conscientes da paixão do Ocidente pelas civilizações da antiga Mesopotâmia. E uma vez que provocar o Ocidente e quebrar tabus ocidentais sempre que possível era uma das suas principais estratégias - nomeadamente para atrair o máximo de atenção pública possível e ganhar novos recrutas - fazia muito sentido para eles ordenarem ataques aos sítios arqueológicos do Iraque. . O plano distorcido provou ser, até certo ponto, bem-sucedido. Considerando que os crimes humanitários cometidos pelo ISIS, desde a escravização de mulheres yazidis até à força de crianças a disparar sobre inimigos políticos, embora não totalmente ignorados, muitas vezes não foram amplamente cobertos pelos meios de comunicação ocidentais, os ataques deliberados a Nínive e Calah levaram a um enorme clamor público e a uma interminável fluxo de notícias.

OS OCIDENTAIS, NO ENTANTO, NÃO FORAM AS ÚNICAS PESSOAS QUE o ISIS procurou alcançar, vandalizando locais assírios e outros locais antigos e depois difundindo estes actos. Como explica o artigo *de Dabiq*, havia também os “muçulmanos do Iraque” que, influenciados por uma “agenda nacionalista”, corriam o risco de considerar tais locais como parte da sua própria “herança e identidade cultural” – em vez de serem apenas muçulmanos.

Na verdade, as tentativas modernas de construção da nação no Médio Oriente pós-otomano, no Iraque e na Síria, bem como no Irão, no Líbano e em Israel, recorreram frequentemente à história antiga da região. No caso do Iraque, com as suas fronteiras modernas desenhadas aleatoriamente, revelou-se particularmente difícil transformar o seu povo numa nação que transcendesse divisões sectárias e étnicas profundamente enraizadas. Desde o início, os governantes do país consideraram, portanto, útil celebrar as antigas civilizações que outrora floresceram no país como um elemento potencialmente unificador e promover o seu estudo.¹⁶

O estado do Iraque foi fundado em 1921 a partir da fusão das províncias otomanas de Basra, Bagdá e Mosul. Cinco anos depois, em 1926, o Museu Arqueológico de Bagdá (mais tarde renomeado Museu do Iraque) foi estabelecido, com a viajante e oficial política britânica Gertrude Bell servindo como sua primeira diretora. O museu exibia artefatos babilónicos e assírios, mas inicialmente permaneceu uma instituição bastante discreta. Durante os anos entre 1932 e 1958, quando o Iraque era uma monarquia independente, o pan-arabismo dominou as tentativas de formar uma identidade nacional no país. Contudo, depois de a revolução de 1958 ter transformado o Iraque numa república, os líderes políticos iraquianos começaram a dar cada vez mais ênfase ao glorioso passado pré-islâmico do país.¹⁷

Em 1959, o general Abd al-Karim Qasim introduziu uma nova bandeira iraquiana, na qual a estrela da deusa mesopotâmica Ishtar foi fundida com o disco solar do deus Shamash – um símbolo também usado como marca d'água nas notas iraquianas. Quando o Partido Ba'ath recuperou o poder em 1968, após um hiato de cinco anos, as autoridades sublinharam as raízes mesopotâmicas do Iraque com ainda maior vigor. Novas escavações foram patrocinadas, novos museus construídos e alguns dos antigos templos, palácios e portões de Babilónia e Nínive foram reconstruídos. O “Festival da Babilónia” anual, realizado no próprio local antigo, apresentava apresentações musicais e teatrais que celebravam o passado antigo do Iraque e reunia membros do Estado e do partido, diplomatas, académicos e artistas de diferentes países. A natureza política do festival encontrou expressão nos seus lemas, que iam desde “Nabucodonosor ontem, Saddam Hussein hoje” até “De Nabucodonosor a Saddam Hussein: a Babilónia está a erguer-se novamente”. Em 2001, uma conferência internacional realizada em Bagdá, com grande pompa, celebrou cinco mil anos de escrita no Iraque. Foi aberto pelo vice-primeiro-ministro do Iraque e ministro interino das Relações Exteriores, Tariq Aziz, um cristão assírio.¹⁸

Saddam Hussein, o brutal ditador do Iraque de 1979 a 2003, gostava particularmente dos reis babilónicos Hamurapi – o grande legislador que transformou a Babilónia num importante actor político – e de Nabucodonosor II, o conquistador de Jerusalém. Mas a Assíria também era grande em sua imaginação. Cartazes colocados perto de Nínive exibiam Saddam como um novo Assurbanipal, caçando leões em uma carruagem de estilo assírio. E em 2000, Saddam, entre todas as pessoas, lançou anonimamente um romance cafona, *Zabībah wal-malik* (Zabibah e o Rei), que celebra, não sem conotações políticas, a relação

amorosa entre um poderoso rei assírio e uma mulher casada, semelhante a Semíramis, de grande beleza e inteligência.¹⁹

A Assíria apareceu com destaque nas notas e selos iraquianos. Entre 1958 e 1979, o verso da nota de dez dinares representava um touro alado assírio e um sacerdote assírio. Depois de 1990, notas de dez dinares exibiam uma gravura do rei assírio Assurbanipal cavalgando. E um selo de mil dinares emitido em 2011, oito anos após a invasão do Iraque liderada pelos EUA, mostrava a entrada reconstruída do palácio de Ashurnasirpal II em Calah – o mesmo edifício que o ISIS explodiria com tanta dedicação apenas quatro anos depois.²⁰

OS LÍDERES DO ISIS ESTAVAM PLENAMENTE CONSCIENTES DO PAPEL CENTRAL que a civilização mesopotâmica desempenhou nos esforços de construção da nação do secularista Partido Ba'ath do Iraque e também - embora de forma menos apaixonada - dos governos que governaram o país depois de 2003. E ressentiram-se disso. ênfase no passado remoto. O califado que o ISIS pretendia criar estava fadado a transcender as fronteiras artificialmente traçadas dos Estados-nação do Médio Oriente e deveria estar enraizado apenas no Islão. Sítios arqueológicos e museus que evocavam civilizações pré-islâmicas prósperas e que serviam como lembretes físicos de uma história que desafiava esta ideologia tacanha tiveram de ser destruídos a todo o custo. Foi isto que o ISIS procurou alcançar com os seus ataques a locais assírios em 2015 e 2016.

No entanto, embora o grupo tenha conseguido causar uma enorme quantidade de danos físicos, falhou, no final, no seu esforço para apagar a antiga Mesopotâmia do mapa mental do povo iraquiano. A campanha “Unidos pelo Património” lançada pela Directora-Geral da UNESCO, Irina Bokova, durante uma visita a Bagdad em Março de 2015, recebeu um apoio significativo de muitos iraquianos. E em Novembro de 2015, o serviço postal iraquiano emitiu mais um conjunto de selos com temas assírios, criados pelo artista iraquiano Saad Ghazi. Desta vez, eles mostraram a cabeça decepada de um touro alado assírio, além de uma representação dos reis assírios Sargão II e Senaqueribe com um martelo em primeiro plano; num texto adjacente, em árabe e inglês, recordavam “(o crime de) destruição de antiguidades iraquianas”.²¹

Também fora do Iraque, vários eventos procuraram manter viva a memória da herança cultural do Iraque e condenar as ações que foram tomadas nas tentativas de erradicá-la. Em Londres, num exemplo particularmente evocativo, o artista iraquiano-americano Michael Rakowitz criou uma escultura de um enorme touro alado baseada no colosso touro assírio perdido do Portão de Nergal. Feito com mais de dez mil latas vazias de xarope de tâmaras iraquianas em várias cores, foi colocado no quarto pedestal da Trafalgar Square em março de 2018, com grande aclamação do público.²²

No terreno, no norte do Iraque, a situação também mudou. Os militantes do ISIS já não circulam livremente pelos antigos locais assírios, como Nínive, Calah ou Ashur. Em Julho de 2017, as tropas do governo iraquiano, aliadas às forças curdas e internacionais, retomaram a cidade de Mosul, completando com sucesso uma operação árdua e sangrenta que tinha sido, de forma reveladora, apelidada de “Estamos a chegar, ó Nínive” (qādimūn yā Naynawā). Os sítios arqueológicos da região foram protegidos, especialistas estão estudando os danos e estão sendo feitas tentativas para iniciar o processo de restauração de estruturas que não foram irremediavelmente perdidas. Iniciativas como a Rede Nahrein, fundada pela

professora Eleanor Robson da University College London, estão a tentar capacitar as partes interessadas locais – arqueólogos, curadores e educadores iraquianos – e ajudá-los a salvar o património cultural da sua terra natal.²³

Até as escavações foram retomadas no norte do Iraque. Um dos paradoxos do trabalho de campo arqueológico é que o conhecimento adquirido através dele resulta inevitavelmente da destruição. Para mergulhar no passado, é preciso primeiro remover as camadas superiores. Nesse sentido, a demolição da mesquita de Jonas, no topo do monte de Nebi Yunus, em Nínive, e a criação de uma rede de túneis sob os escombros por trabalhadores do ISIS em busca de tesouros antigos, não foi apenas um desastre, mas também uma oportunidade. . O que o ISIS fez permitiu que uma equipa de arqueólogos alemães e iraquianos, sob a direcção de Peter Miglus e Stefan Maul, da Universidade de Heidelberg, conduzisse escavações sistemáticas no local pela primeira vez. Desde 2018, estas escavações produziram novos insights sobre a arquitetura e a função de um dos edifícios monumentais mais importantes da Assíria: um palácio com um arsenal adjacente construído e usado pelos reis assírios Senaqueribe, Esarhaddon e Assurbanipal. Os achados feitos em várias salas do edifício incluíam a parte superior de um cetro com motivos egípcios - outra prova do fascínio da Assíria pelas terras do Nilo - e documentos cuneiformes do arquivo da esposa de Sîn-sharru-ishkun, o último da Assíria. rei.²⁴

Apesar de todos os reveses, e embora os fundamentalistas e os iconoclastas possam continuar a resistir-lhe, a busca para compreender melhor a antiga Assíria continua. Futuras escavações – seja no terreno do Iraque ou em colecções de museus e universidades em todo o mundo – confirmarão alguns dos argumentos apresentados neste livro, refutarão outros e revelarão alguns aspectos completamente novos e inesperados da história assíria. Ainda há muito a aprender sobre o primeiro império do mundo, a sua organização política, as formas como ajudou a criar uma economia mais “global” e novas redes de comunicação – e como lidou com, e acabou por ser esmagado por, todo um conjunto de desafios. Muitas destas questões, desde as epidemias às alterações climáticas e à ascensão de líderes populistas, continuam a ser questões prementes hoje em dia – questões que podem ser melhor compreendidas através do estudo de casos anteriores em que ocorreram.

Epílogo

Um conto de fadas da coleção dos Irmãos Grimm conta a história de um pobre pescador que mora com sua esposa em uma modesta cabana à beira-mar. Um dia, o pescador apanha um linguado que acaba por ser um príncipe encantado. O linguado pede para ser libertado e o pescador obedece, mas quando ele volta para casa, sua esposa o repreende por não ter pedido ao peixe mágico uma bela casa em troca de sua libertação. O pescador volta ao mar e seu desejo é atendido. Mas a esposa do pescador ainda não está satisfeita: ela pede, em seguida, para morar em um palácio e depois se tornar rei, imperador e papa. A cada vez o pescador volta ao mar, que fica cada vez mais feroz, e a cada vez o linguado lhe dá o que ele pede. Mas quando, no final, a pedido da esposa, o pescador diz à solha que ela quer ser como Deus, a solha responde, com uma terrível tempestade agitando o mar: “Vá para casa, ela está sentada na velha cabana de novo. .”

A história assíria seguiu uma trajetória semelhante. Tudo começou no terceiro milênio AC com a pequena cidade-estado de Ashur. Com o passar do tempo, “Ashur” tornou-se, primeiro, um poderoso estado territorial, a par da Babilónia e do Egito, e depois, em meados do século VIII a.C., um enorme império que governou grandes partes da Ásia Ocidental. Mas no final do século VII, em apenas alguns anos, ruiu totalmente, para nunca mais ser restaurada – exceto a cidade onde tudo começou, onde elementos da cultura e da religião assírias sobreviveram por mais oitocentos anos. Depois disso, o primeiro império do mundo sobreviveu apenas na memória das civilizações posteriores e das lendas da Igreja do Oriente.

BASEADO EM DEZENAS DE MILHARES DE TEXTOS CUNEIFORMES E outros artefatos escavados na Assíria e em outros locais, este livro tentou fornecer um relato atualizado do que hoje se sabe sobre a Assíria, e o Império Assírio em particular. Perto do fim, resta uma última questão: o que era realmente o Estado assírio? Foi uma máquina opressiva que explorou as riquezas dos seus vizinhos ou, pelo menos em alguns aspectos, foi também uma força para o bem? Até agora, estudiosos e outros estudantes da história assíria deram respostas muito diferentes. A assirióloga Jo Ann Scurlock, embora reconhecendo que os “imperialistas” nem sempre podem fazer a coisa certa, enfatizou que, pelo menos “no julgamento dos profetas bíblicos” – que ela afirma saberem do que estavam falando – “os assírios representavam o melhor que os impérios (e mesmo a governação humana) tinham para oferecer.” ¹

Mas outras vozes – seguindo os passos da vigorosa declaração de Jacques de Morgan de 1909: “Ashur era o seu deus, a pilhagem a sua moral, o prazer material o seu objectivo e a crueldade e o terror os seus meios” – sublinharam repetidamente os lados obscuros do

império. Em 2016, a arqueóloga Susan Pollock, criticando o que considerava um preconceito pró-assírio nos estudos modernos, denunciou a falta de interesse no sofrimento das vítimas das guerras assírias. Jonathan Jones, crítico de arte do *The Guardian*, disse que, ao “passar das Galerias Assírias do Museu Britânico para a graciosa grandeza do antigo Egito ou dos deuses gregos exibidos nas proximidades”, ele sentiu “uma maior riqueza humana”. Ele sentiu que “o Egito e a Grécia eram civilizações; A Assíria não era.” Finalmente, para citar um exemplo da cultura popular, no *Cartoon History of the Universe*, de Larry R. Gonick, o leitor encontra um rei assírio que se pergunta, em desespero: “Ó querido! O que será hoje? Esfolar, açoitar, mutilar, empalar ou colocá-los em coleiras em casinhas de cachorro?” ²

Contudo, tais veredictos negativos, especialmente quando combinados com avaliações muito mais generosas de outras civilizações, não parecem inteiramente justos. Na verdade, os assírios podiam ser brutais e orgulhar-se disso. No entanto, poder-se-ia dizer a Jones que por trás da beleza dos mármores do Partenon e da elegância requintada da arte faraônica nas galerias egípcias do Museu Britânico, existem histórias muitas vezes não menos sangrentas do que a da Assíria. Os romanos, da mesma forma, dificilmente foram mais humanos do que o primeiro império do mundo. O filósofo e estadista romano Sêneca, em suas *Epistolae morales*, é muito claro sobre isso: “Verificamos homicídios culposos e assassinatos isolados; mas e a guerra e o tão alardeado crime de massacrar povos inteiros? Não há limites para a nossa ganância, nem para a nossa crueldade.” O mesmo se aplica aos impérios coloniais modernos, que afirmavam “civilizar” os milhões que oprimiram e melhorar as vidas daqueles que muitas vezes roubaram, aterrorizaram e massacraram. Comparada com estes impérios de hipocrisia, a celebração aberta da pilhagem, da tortura e da conquista militar pelos assírios era pelo menos honesta. Também não ajuda equiparar os assírios aos nazistas, como Jones fez em outro artigo. Os assírios nunca lançaram um programa destinado ao assassinato em massa de grupos étnicos específicos. ³

“Essencializar” os antigos assírios é, em geral, melhor evitado. Afinal de contas, tal como o estatuto do pescador e da sua esposa na história dos Irmãos Grimm, o sistema de governo da Assíria sofreu mudanças dramáticas ao longo do tempo. Inicialmente notavelmente “democrático”, tornou-se progressivamente mais e mais centrado num governante único e todo-poderoso. Muitas características da cultura e religião assírias também mudaram.

Porém, há uma coisa que pode ser afirmada com confiança: que o Império Assírio era, para o bem ou para o mal, um Estado extremamente moderno e dinâmico – quer em termos das unidades multiétnicas dos seus exércitos, do seu sistema rodoviário altamente eficiente, ou do sistema rodoviário altamente eficiente. vigilância política em que os seus governantes confiavam. A Assíria pode ser descrita como um motor da história que transformou completamente a Ásia Ocidental, o Mediterrâneo Oriental – e, mediado por outros – até certo ponto, o mundo.

Na verdade, talvez seja mais uma miniparábola, complementando a do pescador e sua esposa, que melhor pode transmitir o que a Assíria realmente era. O território central da Assíria estava localizado ao longo do rio Tigre e, a partir daí, o reino expandiu sua influência para regiões cada vez mais distantes. O Tigre também é um dos quatro rios mencionados na descrição bíblica da localização do Jardim do Éden, o Paraíso terrestre. Nas suas “Teses sobre a Filosofia da História”, o crítico e filósofo alemão Walter Benjamin descreve como o “Anjo da História” – uma figura baseada numa pintura de Paul Klee – enfrenta uma terrível tempestade que emerge do jardim bíblico:

O rosto [do anjo] está voltado para o passado. Onde percebemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma única catástrofe que acumula destroços sobre destroços e os atira diante de seus pés. O anjo gostaria de ficar, despertar os mortos e restaurar o que foi destruído. Mas uma tempestade sopra do Paraíso; ficou preso em suas asas com tanta violência que o anjo não consegue mais fechá-las. A tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual ele está de costas, enquanto a pilha de destroços à sua frente cresce em direção ao céu. Esta tempestade é o que chamamos de progresso. ⁴

Mas não será essa tempestade também uma metáfora muito apropriada para os antigos assírios? De muitas maneiras, o Império Assírio trouxe “progresso”. Mas, na sua esteira, também acumulou uma vasta montanha de escombros – cidades devastadas, vidas destruídas e culturas descarriladas. ⁵



1. As ruínas da cidade de Ashur em 2022: vista panorâmica do zigurate. *Foto: Urike Bürger, Projeto Ashur, Heidelberg.*



2. Escavações no centro de Ashur, realizadas em 2001 sob a direção de Peter Miglus. Foto: Eckart Frahm.



3. Nínive em 2001: vista do monte da cidadela de Kuyunjik até Nebi Yunus, com a mesquita de Jonas no topo. *Foto: Eckart Frahm.*



4. Estatueta de pedra, com 44,3 cm de altura, de uma mulher orando do arcaico Templo de Ishtar em Ashur, ca. 2.400 A.C. _
VA 8141. Foto: Staatliche Museen zu Berlin — Museu Vorderasiatisches / Olaf M. Teßmer.



5. Bobina de prata de Khafajah, no sul do Iraque, primeira metade do segundo milênio AC. Removendo pequenos pedaços para fazer pagamentos, os mercadores babilônicos e assírios usavam essas bobinas como dinheiro. *OIM A9545. Cortesia do Instituto Oriental da Universidade de Chicago.*



6. Pedestal de pedra do Templo de Ishtar em Ashur com representação do rei Tukulti-Ninurta I (r. ca. 1243–1207 AC), primeiro de pé e depois ajoelhado em frente a um pedestal semelhante com uma tábua de argila ou quadro de escrita, um símbolo de Nabû, deus padroeiro dos escribas. VA 8141. Foto: Staatliche Museen zu Berlin — Museu Vorderasiatisches / Olaf M. Teßmer.



7. Assurnasirpal II (r. 883–859 A.C.) com um assistente em um baixo-relevo do Palácio Noroeste em Calah. No relevo há uma inscrição real. 32.143.4. *Museu Metropolitano, Nova York.*



8. Um gênio alado entre duas árvores sagradas. Baixo-relevo da Sala I do Palácio Noroeste de Ashurnasirpal II em Calah, com cores originais restauradas. *Obra de arte: Klaus Wagensohnner, baseada em um relevo da Yale Art Gallery (1854.4, B-II-ei-3).*



9. Coroa de ouro da rainha assíria Hamâ, esposa de Salmaneser IV (r. 782–773 A.C.), de seu túmulo em Calah. ND 1989-309. De Muzahim M. Hussein, *Nimrud: The Queens' Tombs* (Chicago: Instituto Oriental da Universidade de Chicago; Bagdá: Conselho Estadual de Antiguidades e Patrimônio do Iraque), Placa 129.



10. O ataque assírio à cidade judaica de Laquis em 701 AEC. Detalhe de um baixo-relevo do Palácio Sudoeste de Senaqueribe em Nínive, ca. 700 A.C. _ À direita, os soldados assírios levam os despojos e levam homens, mulheres e crianças da Judéia para o exílio. De David Ussishkin, *A Conquista de Laquis por Senaqueribe* (Tel Aviv: Universidade de Tel Aviv, Instituto de Arqueologia, 1982), Segmento IV. Desenho de Judith Dekel.



11. Carta cuneiforme de Nabû-ushallim sobre uma conspiração secreta em Ashur contra o rei Esarhaddon, ca. 671 AC. YBC 11382. Coleção Babilônica de Yale. Foto: Klaus Wagonsonner.



12. Assurbanipal banquetando com sua rainha Libbali-sharrat, com a cabeça de um inimigo pendurada em uma árvore próxima. Baixo-relevo do Palácio Norte em Nínive, meados do século VII AC. *Elenco do original. Coleção Babilônica de Yale.*
Foto: Klaus Wagensonner.



13. Um amuleto de esteatita toscamente esculpido contra a demônio Lamashtu, sequestradora de crianças. Segunda metade da segunda ou primeira metade do primeiro milênio A.C., possivelmente de Uruk. YBC 10196. *Coleção Babilônica de Yale. Foto: Klaus Wagensonner.*



14. Estátua de bronze de Assurbanipal, fundador das bibliotecas de Nínive, desenhada por Fred Parhad e dedicada “pelo povo assírio” à cidade de São Francisco. A estátua fica perto da antiga biblioteca principal de São Francisco. *Foto: Jacob Rosenberg-Wohl.*

Agradecimentos

Este livro nunca teria sido iniciado, muito menos terminado, sem o incentivo e o apoio que recebi de pessoas próximas e distantes. Estou particularmente grato a Adam Gauntlett, da Peters Fraser e Dunlop, Londres, que teve a ideia de que eu escrevesse o livro e que trabalhou incansavelmente para me encontrar excelentes editores, apesar do assunto aparentemente remoto. Richard Yanowitz (New Haven) gentilmente ajudou a melhorar a proposta original do meu livro. Durante o processo de redação, vários colegas me enviaram manuscritos de seus trabalhos inéditos e me deram conselhos úteis. Estou especialmente grato a Gojko Barjamovic (Harvard) por partilhar comigo o seu ensaio inédito sobre “Assur Antes da Assíria”, que foi mais importante para a minha concepção do Capítulo 1 do que as minhas notas finais transmitem. Rocío Da Riva (Barcelona) e Stephanie Dalley (Oxford) me enviaram rascunhos de artigos futuros; Mary Frazer (Munique), Stefan Jakob (Heidelberg), Julian Reade (Londres) e Tracy Spurrier (Toronto) responderam a perguntas; e Ann Guinan (Filadélfia) e Ambros Waibel (Berlim) ajudaram com as citações. Estou muito grato a Alessio Palmisano (Turim) pela elaboração dos mapas. Os estudantes de pós-graduação de Yale, Jonathan Beltz, Evelyne Koubková, Pavla Rosenstein, Eli Tadmor e Parker Zane ouviram pacientemente meus pensamentos, coerentes e incoerentes, sobre vários aspectos da história e da cultura assíria, fornecendo críticas e feedback valiosos. Além disso, Pavla e Eli leram partes da versão final do livro. Meus colegas de Yale, Benjamin R. Foster, Elizabeth Knott, Agnete W. Lassen e Klaus Wagensonner ajudaram com perguntas específicas e ilustrações, além de facilitar meu trabalho diário. Kathryn E. Slanski encontrou um título melhor para o livro e me apoiou de diversas maneiras.

Um livro abrangente como este, por natureza, baseia-se fortemente no trabalho de outros, muitos para listá-los todos aqui. Mas seria negligente se não destacasse os meus professores Rykle Borger e Karlheinz Deller, ambos eminentes especialistas na civilização assíria, bem como vários colegas e amigos com quem em inúmeras ocasiões tive conversas frutíferas sobre a Assíria e os impérios que a sucederam. isto: Rocío Da Riva, Frederick Mario Fales, Grant Frame, Andreas Fuchs, Michael Jursa, Stefan M. Maul, Peter Miglus, Jamie Novotny, Simo Parpola, Karen Radner, Hayim Tadmor e Elnathan Weissert.

Escrevi a maior parte deste livro no outono de 2021, quando um ano sabático concedido por Yale me deu o tempo necessário, e terminei-o no verão de 2022 em Munique, onde fui generosamente recebido por Enrique Jiménez na Universidade Ludwig Maximilian. Instituto para Assyriologie e Hethitologie. Depois que enviei uma primeira versão do manuscrito, Brian Distelberg, editor-chefe da Basic Books, enviou-me uma crítica extensa e penetrante, apontando tanto maneirismos quanto deficiências estruturais. Numa segunda rodada de correções, Brandon Proia melhorou heroicamente o fluxo do texto e ajudou a eliminar muitos

dos meus germanismos. Kathy Streckfus editou o livro com muito cuidado e atenção aos detalhes. Que os erros e equívocos que permanecem depois de toda a ajuda e feedback que recebi são meus e somente meus é um truísmo – mas deve ser reconhecido da mesma forma.

Descubra sua próxima ótima leitura

Receba prévias, recomendações de livros e notícias sobre seus autores favoritos.



[Toque aqui para saber mais.](#)



Paul Slanski Frahm

Eckart Frahm é professor de Assiriologia no Departamento de Línguas e Civilizações do Oriente Próximo em Yale. Um dos maiores especialistas mundiais no Império Assírio, ele é autor ou co-autor de seis livros sobre a história e cultura da antiga Mesopotâmia. Ele mora em New Haven, Connecticut.

Abreviações de edições de texto importantes

RIMA. *As Inscrições Reais da Mesopotâmia: Períodos Assírios*

- RIMA 1. A. Kirk Grayson, *governantes assírios do terceiro e segundo milênios aC (para 1115 aC)* (Toronto: University of Toronto Press, 1987).
- RIMA 2. A. Kirk Grayson, *Governantes Assírios do Primeiro Milênio AC I (1114–859 AC)* (Toronto: University of Toronto Press, 1991).
- RIMA 3. A. Kirk Grayson, *Governantes Assírios do Primeiro Milênio AC II (858–745 AC)* (Toronto: University of Toronto Press, 1996).

RINAP. *As Inscrições Reais do Período Neo-Assírio*

- RINAP 1. Hayim Tadmor e Shigeo Yamada, *As Inscrições Reais de Tiglate-Pileser III (744–727 AC) e Shalmaneser V (726–722 AC), Reis da Assíria* (Lago Winona, IN: Eisenbrauns, 2011).
- RINAP 2. Grant Frame, *As Inscrições Reais de Sargão II, Rei da Assíria (721–705 AC)* (University Park, PA: Eisenbrauns, 2021).
- RINAP 3/1. A. Kirk Grayson e Jamie Novotny, *As Inscrições Reais de Senaqueribe, Rei da Assíria (704–681 aC)*, Parte 1 (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2012).
- RINAP 3/2. A. Kirk Grayson e Jamie Novotny, *As Inscrições Reais de Senaqueribe, Rei da Assíria (704–681 aC)*, Parte 2 (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2014).
- RINAP 4. Erle V. Leichty, *As Inscrições Reais de Esarhaddon, Rei da Assíria (680–669 AC)* (Lago Winona, IN: Eisenbrauns, 2011).
- RINAP 5/1. Jamie Novotny e Joshua Jeffers, *As Inscrições Reais de Assurbanipal (668–631 AC), Aššur-etel-ilāni (630–627 AC) e Sîn-šarra-iškun (626–612 AC), Reis da Assíria, Parte 1* (Parque Universitário, PA: Eisenbrauns, 2018).

RINBE. *As Inscrições Reais do Império Neobabilônico*

- RINBE 2. Frauke Weiershäuser e Jamie Novotny, *As Inscrições Reais de Amēl-Marduk (561–560 AC), Neriglissar (559–556 AC) e Nabonidus (555–539 AC), Reis da Babilônia* (University Park, PA: Eisenbrauns, 2020).

SAA. *Arquivos do Estado da Assíria*

- SAA 1. Simo Parpola, *A Correspondência de Sargão II, Parte I. Cartas da Assíria e do Ocidente* (Helsínquia: Helsinki University Press, 1987).
- SAA 2. Simo Parpola e Kazuko Watanabe, *Tratados Neo-Assírios e Juramentos de Lealdade* (Helsínquia: University of Helsinki Press, 1988).

- SAA 3. Alasdair Livingstone, *Poesia da Corte e Miscelânea Literária* (Helsinque: University of Helsinki Press, 1989).
- SAA 4. Ivan Starr, *Consultas ao Sungod: Adivinhação e Política na Assíria Sargonida* (Helsinque: University of Helsinki Press, 1990).
- SAA 6. Theodore Kwasman e Simo Parpola, *Legal Transactions of the Royal Court of Nineveh, Parte I. Tiglath-Pileser III Through Esarhaddon* (Helsinque: University of Helsinki Press, 1991).
- SAA 9. Simo Parpola, *Profecias Assírias* (Helsinque: University of Helsinki Press, 1997).
- SAA 10. Simo Parpola, *Cartas de estudiosos assírios e babilônicos* (Helsinque: University of Helsinki Press, 1993).
- SAA 12. Laura Kataja e Robert M. Whiting, *Subsídios, Decretos e Presentes do Período Neo-Assírio* (Helsinque: University of Helsinki Press, 1995).
- SAA 13. Steven W. Cole e Peter Machinist, *Cartas de sacerdotes assírios e babilônicos aos reis Esarhaddon e Assurbanipal* (Helsinque: University of Helsinki Press, 1998).
- SAA 15. Andreas Fuchs e Simo Parpola, *A Correspondência de Sargão II, Parte III. Cartas da Babilônia e das Províncias Orientais* (Helsinque: University of Helsinki Press, 2002).
- SAA 16. Mikko Luukko e Greta Van Buylaere, *The Political Correspondence of Esarhaddon* (Helsinque: University of Helsinki Press, 2002).
- SAA 18. Frances Reynolds, *A correspondência babilônica de Esarhaddon e cartas para Assurbanipal e Sîn-šarru-iškun da Babilônia do Norte e Central* (Helsinque: University of Helsinki Press, 2003).
- SAA 19. Mikko Luukko, *A Correspondência de Tiglate-Pileser III e Sargão II de Calah/Nimrud* (Helsinque: Neo-Assyrian Text Corpus Project, 2012).
- SAA 20. Simo Parpola, *Rituais Reais Assírios e Textos de Culto* (Helsinque: Projeto Corpus de Texto Neo-Assírio, 2017).
- SAA 21. Simo Parpola, *A Correspondência de Assurbanipal, Parte II. Cartas do Rei e da Babilônia do Norte e Central* (Helsinque: Neo-Assyrian Text Corpus Project, 2018).

Recursos Eletrônicos

Muitas inscrições reais assírias, cartas e documentos legais e administrativos também estão disponíveis online, em edições atualizadas, nas páginas da web Inscrições Oficiais do Oriente Médio na Antiguidade (OIMEA), <http://oracc.museum.upenn.edu/oimea/index.html> e Textos de Arquivo do Império Assírio (ATAE), <http://oracc.museum.upenn.edu/atae/index.html>. Ambos os sites estão hospedados na plataforma Open Richly Annotated Cuneiform Corpus (Oracc) e foram criados por vários estudiosos no âmbito da Iniciativa de Corpus Cuneiforme de Acesso Aberto de Munique (MOCCI), dirigida por Karen Radner.

Notas

Este livro não pode documentar todas as fontes nas quais a história que conta se baseia. As notas a seguir fazem referência a citações de textos primários, mencionam estudos que são de especial importância e - com foco nos anos recentes - dão crédito aos autores por insights e ideias específicas. O conhecimento de base não é respaldado por referências bibliográficas. Os leitores interessados em encontrar recursos adicionais podem consultar *Companion to Assyria* (Malden, MA: Wiley, 2017), editado pelo presente autor, e *Oxford History of the Ancient Near East*, 5 vols. (Oxford: Oxford University Press, 2020–2022), editado por Karen Radner, Nadine Moeller e Daniel Potts.

Introdução

1. Para as citações de Esarhaddon, consulte RINAP 4, 21: iv 80–v 1; 135: 9'–12'.
2. RINAP 4, 184, rev. 13. A citação original está na terceira pessoa do singular.
3. Eckart Frahm, “Imagens da Assíria nos estudos ocidentais dos séculos XIX e XX”, em *Orientalism, Assyriology and the Bible*, ed. Steven W. Holloway (Sheffield, Reino Unido: Sheffield Phoenix Press, 2006), 74–94. A citação de Naum é do Capítulo 3:1.
4. Citado por Mogens Trolle Larsen, *The Conquest of Assyria: Excavations in an Antique Land* (Londres: Routledge, 1996), 13.
5. Larsen, *Conquista da Assíria*, 15–16.
6. “Como realmente aconteceu” (alemão: “wie es eigentlich gewesen”) é a frase usada pelo historiador alemão do século XIX Leopold von Ranke no prefácio da Parte 1 de seu *Geschichte der romanischen und germanischen Völker von 1494 bis 1535* (Leipzig, 1824).
7. Para uma história emocionante sobre a exploração inicial dos locais assírios no norte do Iraque, na qual estes parágrafos se baseiam, ver Larsen, *Conquista da Assíria*.
8. Para obter detalhes, consulte Grant Frame, “Lost in the Tigris”, em *Neo-Assyrian Sources in Context*, ed. Shigeo Yamada (Helsínquia: Projeto Neo-Assyrian Text Corpus, 2018), 215–238.
9. Consulte o Capítulo 18.
10. Ver Peter T. Daniels, “Edward Hincks's Decipherment of Mesopotamian Cuneiform”, em *The Edward Hincks Bicentenary Lectures*, ed. Kevin J. Cathcart (Dublin: Departamento de Línguas do Oriente Próximo, University College Dublin, 1994), 30–57.
11. *Inscrição de Tiglath Pileser I, Rei da Assíria, AC 1150*, trad. Henry Rawlinson, Fox Talbot, Dr. Oppert (Londres: Royal Asiatic Society e JW Parker and Son, 1857).
12. Para a noção de “a primeira metade da história”, ver William W. Hallo, “Assyriology and the Canon”, *American Scholar* 59, no. 1 (Inverno de 1990): 105–108.
13. David Damrosch, *O Livro Enterrado: A Perda e a Redescoberta da Grande Épica de Gilgamesh* (Nova York: Holt, 2007), 9–33.

14. Por enquanto, Walter Andrae, *Das wiedererstandene Assur* , 2ª ed., revisado e ampliado por Barthel Hrouda (Munique: CH Beck, 1977), continua sendo o melhor estudo sintético da cidade de Ashur.

15. Para uma visão geral, consulte Mogens Trolle Larsen, *Ancient Kanesh: A Merchant Colony in Bronze Age Anatolia* (Cambridge: Cambridge University Press, 2015).

16. Para uma síntese recente do trabalho arqueológico realizado na cidadela de Tell Sheikh Hamad, ver Hartmut Kühne, ed., *Die Zitadelle von Dūr-Katlimmu in mittel- und neuassyrischer Zeit* (Wiesbaden: Harrassowitz, 2021).

17. Jason Ur, “Paisagens Físicas e Culturais da Assíria”, em *Um Companheiro para a Assíria* , ed. Eckart Frahm (Malden, MA: Wiley, 2017), 13–35.

18. Mikko Luukko e Greta Van Buylaere, “Línguas e sistemas de escrita na Assíria”, em Frahm, *Companion to Assyria* , 313–335.

19. Para uma edição das tabuinhas do tratado, ver SAA 2, no. 6.

20. Ver Beate Pongratz-Leisten, *Religion and Ideology in Assyria* (Berlim: De Gruyter, 2015), 115.

21. Nicholas Postgate, “O Pão de Aššur”, *Iraque* 77 (2015): 159–172.

22. Sobre o papel e a função dos “retratos” de governantes na arte do antigo Oriente Próximo em geral, ver Paolo Matthiae, *I volti del potere: Alle origini del ritratto nell'arte dell'Oriente Antico* (Turim, Itália: Einaudi, 2020) .

23. Dominique Charpin e Jean-Marie Durand, “Aššur avant l'Assyrie”, *MARI* 8 (1997): 367–392.

24. Para o termo “constituição mista”, ver Mario Liverani, “From City-State to Empire: The Case of Assyria”, em *The Roman Empire in Context: Historical and Comparative Perspectives* , ed. Johann P. Arnason e Kurt A. Raaflaub (Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011), 251–269. Para os pensamentos de Hegel sobre a história, veja suas *Palestras sobre a Filosofia da História* (alemão: *Vorlesungen über die Philosophie der Weltgeschichte*), publicadas após sua morte em 1837.

25. Wilfred G. Lambert, “O Deus Aššur”, *Iraque* 45 (1985): 82–86.

26. Para um estudo da religião assíria e da ideologia real ao longo da história, ver Pongratz-Leisten, *Religion and Ideology* .

27. Ver Robert Rollinger, “Assyria in Classical Sources”, em Frahm, *Companion to Assyria* , 570–582; Dante, *De Monarchia* II.8.

28. Ver Larsen, *Ancient Kanesh* , 43, e Capítulo 12 do presente livro.

29. Para uma foto do touro com o desenho (BM 118809b, RINAP 2, 162–171, ex. 24), consulte British Museum, www.britishmuseum.org/collection/object/W_1850-1228-4_1, acessado em 5 de novembro. , 2021. Conforme me foi comunicado por Julian Reade, esses jogos de tabuleiro também podem ser encontrados em colossos de outros locais.

30. Ver Karen Radner, “An Imperial Communication Network: The State Correspondence of the Neo-Assyrian Empire,” em *State Correspondence in the Ancient World: From New Kingdom Egypt to the Roman Empire* , ed. Karen Radner (Oxford: Oxford University Press, 2014), 64–93.

Capítulo 1: Uma pequena cidade no Tigre

1. Ver Roger Matthews, *A Pré-história da Mesopotâmia, 50.000–4.500 BC* (Turnhout, Bélgica: Brepols, 2000).

2. Ver Jason Ur, “Paisagens Físicas e Culturais da Assíria”, em *A Companion to Assyria*, ed. Eckart Frahm (Malden, MA: Wiley, 2017), 13–35.

3. Para a história inicial de Uruk, consulte Nicola Crüsemann, Margarete van Ess, Markus Hilgert e Beate Salje, eds., edição em inglês editada por Timothy Potts, *Uruk: First City of the Ancient World* (Los Angeles: Getty Publications, 2019).

4. Para os primórdios da cultura urbana no norte da Mesopotâmia, ver Jason Ur, “Early Mesopotamian Urbanism: A New View from the North”, *Antiquity* 81 (2007): 585–600.

5. Sobre Nínive pré-histórica, ver Renate Vera Gut, *Das prähistorische Ninive: Zur relativon Chronologie der frühen Perioden Nordmesopotamiens* (Mainz: Von Zabern, 1995).

6. Os parágrafos seguintes, e também outras seções deste capítulo, baseiam-se fortemente em um manuscrito não publicado sobre “Assur Antes da Assíria”, de Gojko Barjamovic. Originalmente programado para aparecer em um manual agora abortado, espera-se que uma versão revisada do manuscrito de Barjamovic seja publicada como uma monografia em um futuro próximo.

7. Para a inscrição em pedra com o atestado mais antigo de Shubur/Subartu registrado, consulte Piotr Steinkeller, “An Archaic 'Prisoner Plaque' from Kiš”, *Revue d'Assyriologie* 107 (2013): 131–157. Para a referência a Ashur na lista geográfica, consulte Douglas Frayne, *The Early Dynastic List of Geographic Names* (New Haven, CT: American Oriental Society, 1992), 42, 48.

8. Para os templos arcaicos de Ishtar em Ashur, consulte Jürgen Bär, *Die älteren Ishtar-Tempel in Assur: Stratigraphie, Architektur und Funde eines altorientalischen Heiligtums von der zweiten Hälfte des 3. Jahrtausends bis zur Mitte des 2. Jahrtausends v.* (Saarbrücken: Saarbrücker Druckerei und Verlag, 2003). Para a história do Templo Ashur, consulte Helen Gries, *Der Assur-Tempel in Assur: Das assyrische Hauptheiligtum im Wandel der Zeit* (Wiesbaden: Harrassowitz, 2017).

9. Ver Stefan M. Maul, “Religião Assíria”, em Frahm, *Companion to Assíria*, 337–338.

10. Ver Ignace J. Gelb, Piotr Steinkeller e Robert M. Whiting, *Early Land Tenure Systems in the Near East: Ancient Kudurrus* (Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 1991), no. 45.

11. Para um relatório preliminar sobre os textos acádios antigos de Ashur, até agora não publicados, ver Hans Neumann, “Assur in altakkadischer Zeit: Die Texte,” em *Assyrien im Wandel der Zeiten: XXXIXe Rencontre Assyriologique Internationale, Heidelberg 6–10. julho 1992*, ed. Hartmut Waetzoldt e Harald Hauptmann (Heidelberg: Heidelberger Orient-Verlag, 1997), 133–138.

12. Neumann, “Assur em altakkadischer Zeit”, 135.

13. O texto do Ititi é editado em RIMA 1, 7.

14. Ver Piotr Steinkeller, “Corvée Labor in Ur III Times”, em *From the Século 21 a.C. até o Século 21 DC*, ed. Steven Garfinkle e Manuel Molina (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2013), 350–351. Uma visão diferente, que atribui um maior grau de independência a Ashur durante o período Ur III, foi promovida por Piotr Michalowski, “Aššur durante o período Ur III”, em *Here and There: Across the Ancient Near East. Estudos em homenagem a Krystyna*

Łyczkowska , ed. Olga Drewnowska (Varsóvia: Agade, 2009), 149–156. Para a inscrição de Zarriqum, veja RIMA 1, 9.

15. As referências exactas aos documentos económicos mencionados neste parágrafo encontram-se no estudo de Barjamovic “Assur Antes da Assíria”.

16. Ver Shigeo Yamada, “A História Editorial da Lista de Reis Assírios”, *Zeitschrift für Assyriologie* 84 (1994): 11–37. A Lista de Reis Assírios é citada a seguir, após A. Kirk Grayson, “Königslisten und Chroniken: B. Akkadisch,” em *Reallexikon der Assyriologie und Vorderasiatischen Archäologie* , vol. 6, *Klagegesang—Königtum* , ed. DO Edzard (Berlim: De Gruyter, 1980), 101–115. Veja também Jean-Jacques Glassner, *Mesopotamian Chronicles* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004), 136–145.

17. Para a inscrição do selo de Kanesh, consulte RIMA 1, 12–13. A identificação de Silulu com Sulili não é certa, pois a Lista de Reis afirma que Sulili/Sulê era filho de Aminu e não de Dakiku. Mas o vínculo com Aminu pode ser fictício e resultado de uma alteração posterior da lista, feita com o propósito de vincular Sulili/Sulê a um dos governantes amorreus da seção anterior que supostamente eram “ancestrais” . O antigo comerciante assírio que usou o selo de “Silulu filho de Dakiku” cerca de 150 anos depois para suas próprias tabuinhas provavelmente o fez porque era chamado de Silulu filho de Uku e, portanto, compartilhou seu nome com o antigo governante. Para o texto Ur III, consulte Edmond Sollberger, *Royal Inscriptions, pt. 2* , Escavações de Ur, Textos, vol. 8 (Londres: Museu Britânico e Museu Universitário, Universidade da Pensilvânia, 1965), no. 14; para uma discussão mais aprofundada, consulte Barjamovic, “Assur Before Assyria”. Veja também John Malcolm Russell, “Arte Assíria”, em Frahm, *Companion to Assyria* , 458.

18. A inscrição do selo verte “Ashur” com o determinante para nomes de lugares, *ki* , que indica a estreita ligação entre o deus e a cidade.

19. RIMA 1, 21: 35–42 (abreviado). Veja também Mogens Trolle Larsen, *Ancient Kanesh: A Merchant Colony in Bronze Age Anatolia* (Cambridge: Cambridge University Press, 2015), 115.

20. Agnete Lassen, “O 'Altar do Touro' no Antigo Glíptico Assírio: Uma Representação do Deus Assur?,” em *Movimento, Recursos, Interação: Estudos Dedicados a Klaas Veenhof* , ed. Fikri Kulakoğlu e Gojko Barjamovic (Turnhout, Bélgica: Brepols, 2017), 177–194.

21. Mogens Trolle Larsen, *A antiga cidade-estado assíria e suas colônias* (Copenhague: Akademisk Forlag, 1976), 261–262 (abreviado).

22. Para a vagina de bronze, ver Guido Kryszat, “Zur altassyrischen Votivinschrift Assur 19624a/VA 8365,” *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires* 2017, no. 66.

23. A cronologia absoluta do período da Antiga Assíria ainda é debatida. Este livro segue as datas sugeridas por Barjamovic, “Assur Before Assyria”.

24. Mario Liverani, “Da Cidade-Estado ao Império: O Caso da Assíria”, em *O Império Romano em Contexto: Perspectivas Históricas e Comparativas* , ed. Johann P. Arnason e Kurt A. Raaflaub (Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011), 251–269.

25. Larsen, *Antigo Kanesh* , 112–121.

26. Larsen, *Antigo Kanesh* , 216.

27. Larsen, *Antigo Kanesh* , 122–130.

28. Larsen, *Antigo Kanesh* , 101–111, 279.

29. Esta seção é baseada principalmente em Gojko Barjamovic, “Mesopotamian Economy and Trade”, em *Ancient Mesopotamia Speaks: Highlights of the Yale Babylonian Collection* , ed.

Agnete W. Lassen, Eckart Frahm e Klaus Wagensonner (New Haven, CT: Museu de História Natural de Yale Peabody, 2019), 82–95.

30. As estimativas do tamanho da população de Ashur foram retiradas de Klaas Veenhof, “The Old Assyrian Period (20th–18th Century AEC)”, em Frahm, *Companion to Assyria*, 62.

31. Para o uso de cheques ao portador, ver Klaas Veenhof, “‘Modern’ Features in Old Assyrian Trade,” *Journal of the Economic and Social History of the Orient* 40 (1997): 336–366.

32. Cécile Michel, *Correspondence des marchands de Kaniš au début du IIe millénaire avant J.-C.* (Paris: Cerf, 2001), nos. 176 e 177; Lassen et al., *Ancient Mesopotamia Speaks*, 220.

33. Veja Larsen, *Ancient Kanesh*, 197; John Huehnergard, “Reading Ancient Mail”, *Journal of the American Oriental Society* 138 (2018): 691–707.

34. A. Leo Oppenheim, *Cartas da Mesopotâmia* (Chicago: University of Chicago Press, 1967), 84–85.

35. Cécile Michel, *Innāya dans les tablettes paléo-assyriennes* (Paris: ERC, 1991), 13–15.

36. Ver Jan G. Dercksen, “Adad é rei! O Texto Sargão de Kültepe (com um apêndice em MARV 4, 138 e 140),” *Jaarbericht Ex Oriente Lux* 39 (2005): 107–129; Gojko Barjamovic, “Contextualizando a Tradição: Magia, Alfabetização e Vida Doméstica no Antigo Kanesh Assírio”, em *Textos e Contextos: A Circulação e Transmissão de Textos Cuneiformes no Espaço Social*, ed. Paul Delnero e Jacob Lauinger (Berlim: De Gruyter, 2015), 48–86.

37. Os textos são citados após Gianni Marchesi e Nicolò Marchetti, “A Babylonian Official at Tilmen Höyük in the Time of King Sumu-la-el of Babylon”, *Orientalia Nova Series* 88 (2019): 14; RIMA 1, 18.

38. Veenhof, “Antigo Período Assírio”, 58.

39. Para uma história do reinado de Shamshi-Adad, ver Dominique Charpin e Nele Ziegler, *Mari et le Proche Orient à l'époque amorrite* (Paris: SEPOA, 2003), 75–168.

40. Cahit Günbattı, *Harsamna kralı Hurmeli'ye gönderilen mektup ve Kaniš kralları. A Carta Enviada a Hurmeli, Rei de Harsamna e aos Reis de Kaniš* (Ankara: Türk Tarih Kurumu Yayınları, 2014).

41. Georges Dossin, *Correspondance de Šamši-Addu et ses fils* (Paris: Imprimerie nationale, 1950), 69 (abreviado); Jean-Marie Durand, Christophe Nicolle e Lionel Marti, *Le culte des pierres et les monuments commémoratifs en Syrie amorrite* (Paris: SEPOA, 2005), 1.

42. Pierre Marello, “Documents pour l'histoire du royaume de Haute-Mésopotamie IV: Lamassî-Aššur,” *MARI* 7 (1993): 271–273.

43. Ver Nele Ziegler, “A Conquista da Cidade Santa de Nínive”, *Iraque* 66 (2004): 19–26.

44. O episódio do ataque verbal a Ishme-Dagan é conhecido por uma carta; ver Wolfgang Heimpel, *Cartas ao Rei de Mari* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2003), 146, 399.

45. RIMA 1, 77–78.

46. As cartas são editadas por Andrew R. George em *Textos de Arquivo Assírios na Coleção Schøyen e Outros Documentos da Mesopotâmia do Norte e Síria* (Bethesda, MD: CDL Press, 2017), 97–100 (para a leitura Atal-sharri em vez de Ari-sharri, ver Barjamovic, “Assur Before Assyria”). Para o tratado, ver Jesper Eidem, “An Old Assyrian Tratado de Tell Leilan”, em *Marchands, diplomates et empereurs*, ed. Dominique Charpin e Francis Joannès (Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1991), 185–207.

47. Parece que seu filho também apoiou. Um curioso diálogo literário entre Ishme-Dagan e um sincretizado Ashur-Enlil, com referências à destruição do templo do deus pelo fogo e à sua projectada reconstrução num local onde pousaria um corvo branco, ainda foi copiado no

século VII A.C. Ashur e Nínive. Para uma edição e comentários, ver Eckart Frahm, *Historische und historisch-literarische Texte*, Keilschrifttexte aus Assur literarischen Inhalts III (Wiesbaden: Harrassowitz, 2009), nos. 76 e 76a.

Capítulo 2: Nascimento de um Reino

1. Para uma visão geral do que se sabe sobre este período e bibliografia adicional, consulte Shigeo Yamada, “The Transition Period (17th to 15th Century BCE),” em *A Companion to Assyria*, ed. Eckart Frahm (Malden, MA: Wiley, 2017), 108–116. Para questões cronológicas, algumas ainda sem solução, ver Thomas Janssen, “Adad-nīrārī und die Erschaffung der AKL,” *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires* 2020, no. 114.

2. Erich Neu, *Das hurritische Epos der Freilassung* (Wiesbaden: Harrassowitz, 1995). Veja também Eva von Dassow, “Piecing Together the Song of Release,” *Journal of Cuneiform Studies* 65 (2013): 127–162. As linhas citadas lembram fortemente os proêmios da *Ilíada* e da *Odisséia* de Homero. Outras características do poema, que descreve múltiplas interações entre deuses, governantes e assembleias populares que precedem a libertação de um grupo de cativos na cidade sitiada, também trazem à mente a *Ilíada*.

3. Para evidências, ver Jaume Llop, “The Creation of the Middle Assyrian Provinces,” *Journal of the American Oriental Society* 131 (2011): 591–603.

4. Um esboço da história assíria entre os séculos XIV e XI AC é fornecido por Stefan Jakob, “The Middle Assyrian Period (14th–11th Century AEC),” em Frahm, *Companion to Assyria*, 117–142. Para algumas das mudanças econômicas provocadas pela expansão territorial da Assíria, ver Bleda S. Düring, *The Imperialisation of Assyria* (Cambridge: Cambridge University Press, 2020), 65.

5. Frans AM Wiggerman, “A Babylonian Scholar in Assur,” em *Studies in Ancient Near Eastern World View and Society apresentado a Marten Stol por ocasião de seu 65º aniversário*, ed. Robertus J. van der Spek (Bethesda, MD: CDL Press, 2008), 203–234.

6. A citação é de William L. Moran, *The Amarna Letters* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992), 39. Ver também Yamada, “Transition Period”, 114.

7. Na Assíria Média, a palavra para rei, *šarru*, havia perdido o *m final* que tinha na forma assíria antiga *šarrum*. O mesmo é o caso abaixo para *limmu(m)*.

8. Para esta visão, veja John Malcolm Russell, “Assyrian Art,” em Frahm, *Companion to Assyria*, 463.

9. Martha T. Roth, *Coleções Jurídicas da Mesopotâmia e da Ásia Menor* (Atlanta: Scholars Press, 1997), 206 (parcialmente restaurado).

10. Para as canções de amor assírias, consulte Nathan Wasserman, *Akkadian Love Literature of the Third and Second Millennium AC* (Wiesbaden: Harrassowitz, 2016), 206–223.

11. As edições do ritual de coroação encontram-se no SAA 20, no. 7, e em Hanspeter Schaudig, *Staatsrituale, Festbeschreibungen und weitere Texte zum assyrischen Kult*, Keilschrifttexte aus Assur literarischen Inhalts, vol. 12 (Wiesbaden: Harrassowitz, 2020), nº. 1.

12. SAA 20, nº. 7: 30–36. Para as liturgias de coroação medievais, consulte Ernst Kantorowicz, *Laudes Regiae: A Study in Liturgical Acclamations and Medieval Ruler Worship* (Berkeley: University of California Press, 1946).

13. Moran, *Cartas de Amarna* , 18.
14. Harry A. Hoffner, *Cartas do Reino Hitita* (Atlanta: Sociedade de Literatura Bíblica, 2009), 322–324.
15. Jaume Llop, “O Desenvolvimento das Províncias da Média Assíria”, *Altorientalische Forschungen* 39 (2012): 107.
16. Düring, *Imperialização* , 93–94.
17. Eva C. Cancik-Kirschbaum, *Die mittellassyrischen Briefe aus Tall Še ḫ Ḫ amad* (Berlim: Dietrich Reimer, 1996), no. 3.
18. O seguinte relato (cuja cronologia permanece discutível) segue Stefan Jakob, “Sag mir quando, sag mir wann”, em *Time and History in the Ancient Near East: Proceedings of the 56^a Rencontre Assyriologique Internationale, Barcelona, julho 26 a 30, 2010* , ed. Lluís Feliu, J. Llop, A. Millet Albà e Joaquín Sanmartín (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2013), 509–523, e Jakob, “Período Assírio Médio”, 122–132. Para “dois países divididos por uma língua comum”, uma frase originalmente cunhada por George Bernard Shaw, aplicada à Assíria e à Babilónia, ver Nicholas Postgate, “The Bread of Aššur,” *Iraq* 77 (2015): 170 .
19. Cancik-Kirschbaum, *Die mittellassyrischen Briefe* , no. 10. Alternativamente, o rei babilónico anônimo que acompanhou Tukulti-Ninurta em sua viagem para o oeste era o cativo Kashtiliash.
20. Jakob, “Período Assírio Médio”, 130.
21. Benjamin R. Foster, *Antes das Musas: Uma Antologia da Literatura Acadiana* , 3^a ed. (Bethesda, MD: CDL Press, 2005), 301. Para os títulos do rei, consulte Betina Faist, “Kingship and Institutional Development in the Middle Assyrian Period”, em *Concepts of Kingship in Antiquity: Proceedings of the European Science Foundation Exploratory Workshop, Realizado em Pádua, novembro 28 a dezembro 1^o, 2007* , ed. Giovanni B. Lanfranchi e Robert Rollinger (Pádua, Itália: SARGON Editrice e Libreria, 2010), 17–18.
22. Provérbios 16:18.
23. Foster, *Antes das Musas* , 319.
24. Para o Templo de Ishtar de Tukulti-Ninurta, consulte Aaron Schmitt, “Verfallen und vergessen: Überlegungen zum Umgang mit dem Andenken Tukultī-Ninurta I. anhand der Bauwerke des Herrschers in Aššur und Kār-Tukultī-Ninurta”, em *Assur-Forschungen, vol. . 2*, ed. Stefan M. Maul (Wiesbaden: Harrassowitz, 2020), 249–282.
25. A. Kirk Grayson, *Assyrian and Babylonian Chronicles* (Locust Valley, NY: JJ Augustin, 1975), 176. A crônica chama falsamente o regicídio de Ashur-nasir-apli.
26. Jaume Llop and Andrew R. George, “Die babylonisch-assyrischen Beziehungen und die innere Lage Assyriens in der Zeit der Auseinandersetzungen zwischen Ninurta-tukulti-Aššur und Mutakkil-Nusku nach neuen keilschriftlichen Quellen,” *Archiv für Orientforschung* 48/49 (2001 /2002): 1–23. A carta é conhecida através de manuscritos da biblioteca do século VII de Assurbanipal em Nínive.
27. Para as áreas mais importantes para o comércio assírio a partir do período da Assíria Média, ver J. Nicholas Postgate, “The Economic Structure of the Assyrian Empire,” em *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires* , ed. Mogens Trolle Larsen (Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979), 197–200.
28. Ver Betina Faist, *Der Fernhandel des assyrischen Reiches* (Münster: Ugarit Verlag, 2001), 239–249; Nicholas Postgate, *Burocracia da Idade do Bronze* (Cambridge: Cambridge University Press, 2013), 29–46.

29. Stefan M. Maul, “Religião Assíria”, em Frahm, *Companion to Assyria* , 344.
30. Düring, *Imperialização* , 54; Marian Feldman, “Assur Tomb 45 e o Nascimento do Império Assírio”, *Boletim das Escolas Americanas de Pesquisa Oriental* 343 (2006): 21–43.
31. Ver Postgate, *Bronze Age Bureaucracy* , 61–62, com uma ilustração do objeto, e Cornelia Wunsch, “Findelkinder und Adoption nach neubabylonischen Quellen”, *Archiv für Orientforschung* 50 (2003/2004): 174–244.
32. Roth, *Coleções de Leis* , 157, 174–175.
33. Shiyanthi Thavapalan, “Keeping Alive Dead Knowledge: Middle Assyrian Glass Recipes in the Yale Babylonian Collection”, *Journal of Cuneiform Studies* 73 (2021): 158.
34. Para os textos listados no Épico Tukulti-Ninurta, consulte Foster, *Before the Muses* , 315.
35. Uma descrição e fotos da lista de deuses são encontradas em Agnete W. Lassen, Eckart Frahm e Klaus Wagensonner, eds., *Ancient Mesopotamia Speaks: Highlights of the Yale Babylonian Collection* (New Haven, CT: Yale Peabody Museum of Natural History , 2019), 46, 231–233.
36. Para Rabâ-sha-Marduk, ver Elena Devecchi e Irene Sibbing-Plantholt, “Ver H_attuša and Die: A New Reconstruction of the Journeys of the Babylonian Physician Rabâ-ša-Marduk,” *Journal of Near Eastern Studies* 79 (2020): 305–322. A carta foi editada por Daisuke Shibata, “Hemerology, Extispicy, and Ilī-padā's Illness”, *Zeitschrift für Assyriologie* 105 (2015): 139–153.
37. Eva C. Cancik-Kirschbaum, “Nebenlinien des assyrischen Königshauses in der 2. Hälfte des 2. Jts. Chr.,” *Altorientalische Forschungen* 26 (1999): 210–222.

Capítulo 3: Interrupção e Recuperação

1. Para um estudo abrangente desses eventos, consulte Eric Cline, *1177 BC : The Year Civilization Collapsed* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2014), com uma tradução da carta de Ugarit na p. 9.
2. Ver Karen Radner, *Das mittellassyrische Tontafelarchiv von Giricano/Dunnu-ša-Uzibi* (Turnhout, Bélgica: Brepols, 2004).
3. Para a evidência textual, ver RIMA 2, 42–44: 24–30, 67–71, e Eckart Frahm, *Historische und historisch-literarische Texte* , Keilschrifttexte aus Assur literarischen Inhalts III (Wiesbaden: Harrassowitz, 2009), no. 6. Por muito tempo acreditou-se que Ashur-bel-kala havia conseguido repetir os maiores feitos de seu pai, incluindo sua campanha no Mediterrâneo. Mas, conforme recentemente estabelecido por Bieke Mahieu, “The Old and Middle Assyrian Calendars, and the Adoption of the Babylonian Calendar by Tiglath-pileser I,” *State Archives of Assyria Bulletin* 24 (2018): 63–95, e posteriormente elaborado por Daisuke Shibata , “O rei assírio do obelisco quebrado, a data do arquivo de Giricano e o momento da reforma do calendário assírio”, *Journal of Cuneiform Studies* 74 (2022): 109–129, o chamado Obelisco Quebrado, o principal fonte para esta suposição, provavelmente deveria ser datada do reinado de Tiglate-Pileser I, e não do reinado de Ashur-bel-kala.
4. Jean-Jacques Glassner, *Mesopotamian Chronicles* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004), 188–189 (parcialmente restaurado).
5. Ver Frahm, *Historische und historisch-literarische Texte* , no. 61.

6. Tradução de Alan Lenzi, *Akkadian Prayer Miscellany*, <http://akkpm.org/P451997.html>, acessado em 28 de janeiro de 2022. Ver também Benjamin R. Foster, *Before the Muses: An Anthology of Akkadian Literature*, 3ª ed. (Bethesda, MD: CDL Press, 2005), 329.

7. Para os textos mencionados neste parágrafo, ver RIMA 2, 133: 16–22, RIMA 3, 19: 35–38, e RIMA 2, 134–135: 60–67; 242: ii 5–36.

8. “Als alles vorbei war, ging alles weiter”, de Jörg Fauser, “Kranichzüge über dem Schlachtviehhof”, *Tip* 3 (1980) (referência cortesia de Ambros Waibel).

9. Ver Ashish Sinha, Gayatri Kathayat, Harvey Weiss, Hanying Li, Hai Cheng, Justin Reuter, Adam W. Schneider, et al., “Role of Climate in the Rise and Fall of the Assyrian Empire,” *Science Advances* 5, no. 11 (novembro de 2019).

10. Assim Mario Liverani, *Assíria: A Missão Imperial* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2017), 119.

11. Para isto e o seguinte, consulte Eckart Frahm, “The Neo-Assyrian Period (ca. 1000–609 BCE),” em *A Companion to Assyria*, ed. Eckart Frahm (Malden, MA: Wiley, 2017), 167–169. Para o episódio Katmuhu, consulte RIMA 2, 133–134.

12. RIMA 2, 134–135 (parcialmente restaurado).

13. Nicholas Postgate, “Assírio Médio ao Neo-Assírio: A Natureza da Mudança”, em *Assyrien im Wandel der Zeiten: XXXIXe Rencontre Assyriologique Internationale, Heidelberg 6–10. julho 1992*, ed. Hartmut Waetzoldt e Harald Hauptmann (Heidelberg: Heidelberger Orientverlag, 1997), 159–168.

14. Para padrões de atribuição de nomes reais no início do período Neo-Assírio, ver Eckart Frahm, “Observations on the Name of Sargon II and on Some Patterns of Assyrian Royal Onomastics,” *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires* 2005, no. 44. Para os nomes dos meses, consulte Shibata, “Rei Assírio do Obelisco Quebrado”.

15. RIMA 2, 173, 176: 41–46, 90–92; Frahm, *Historische und historisch-literarische Texte*, nos. 19–20.

16. Ver RIMA 2, 177–178: 121–126 e 178: 133.

17. Para a Estela do Banquete, ver RIMA 2, 292–293: 102–154. Sobre gafanhotos, Karen Radner, “Fressen und gefressen werden: Heuschrecken als Katastrophe und Delikatesse im Alten Vorderen Orient,” *Altorientalische Forschungen* 34 (2004): 7–22, com figura 7. A receita do caldo de sangue elamita é encontrada em Gojko Barjamovic, Patricia Jurardo Gonzalez, Chelsea A. Graham, Agnete W. Lassen, Nawal Nasrallah e Pia Sörensen, “Food in Ancient Mesopotamia: Cooking the Yale Babylonian Culinary Recipes”, em *Ancient Mesopotamia Speaks: Highlights of the Yale Babylonian Collection*, ed. Agnete W. Lassen, Eckart Frahm e Klaus Wagensonner (New Haven, CT: Museu de História Natural de Yale Peabody, 2019), 124.

18. RIMA 2, 290: 40.

19. Para isto e o seguinte, consulte Karen Radner, “The Assur–Nineveh–Arbela Triangle: Central Assyria in the Neo-Assyrian Period,” em *Between the Cultures: The Central Tigris Region from the 3º ao 1º Milénio AC*, ed. Peter A. Miglus e Simone Mühl (Heidelberg: Heidelberger Orientverlag, 2011), 321–329.

20. AEA 12, n. 82–84. Para um excelente retrato arqueológico da cidade de Calah, consulte Joan Oates e David Oates, *Nimrud: An Assyrian Imperial City Revealed* (Londres: British School of Archaeology in Iraq, 2001).

21. RIMA 2, 290: 36–52; 291–292: 84–101. Para análise, veja Liverani, *Imperial Mission*, 69–73; Jessie DeGrado, “Rei dos Quatro Quartos: Diversidade como Estratégia Retórica do Império Neo-Assírio”, *Iraque* 81 (2019): 107–125.

22. Para as cores originais dos relevos do palácio, consulte Shiyanthi Thavapalan, “A World in Color”, em Lassen et al., *Ancient Mesopotamia Speaks*, 193–200. Graças ao uso da tecnologia de luminescência induzida pelo visível e outros métodos, sabe-se agora que os artistas antigos usavam ocre e orpimento à base de argila para obter tons de vermelho, amarelo e laranja; malaquita para verduras; giz para brancos; fuligem e carvão para negros; e um composto sintético chamado Azul Egípcio – feito de sílica, álcali, cálcio e cobre – para o blues.

23. Ver Ömür Harmanşah, “Encontros, Interações e uma Esfera Cultural Compartilhada: O Império Assírio e os Estados Siro-Hititas da Idade do Ferro”, em Os Assírios: *Reino do Deus Aššur do Tigre a Touro*, ed. Kemalettin Köroğlu e Selim F. Adalı (Istambul: Yapı Kredi Yayınları, 2018), 256–275.

24. Assurnasirpal parece referir-se a essas mesmas figuras ao notar numa das suas inscrições que tinha colocado réplicas de pedra de “bestas das montanhas e dos mares” nos portões do seu palácio. Veja RIMA 2, 302: 9–10. Para discussão, ver Stefan M. Maul, “Der Sieg über die Mächte des Bösen: Götterkampf, Triumphrituale und Torarchitektur in Assyrien”, em *Gegenwelten zu den Kulturen Griechenlands und Roms in der Antike* (Munique: Saur, 2000), 19–46.

25. Foster, *Antes das Musas*, 555–578.

26. Sobre as implicações políticas da mitologia Ninurta na Assíria, ver, mais recentemente, Beate Pongratz-Leisten, *Religion and Ideology in Assyria* (Berlin: De Gruyter, 2015), 219–270.

27. Ver RIMA 2, 195–196: i 32–33, e RIMA 2, 201–202: i 116–ii 1.

28. Para o poema de guerra assírio, ver Mordechai Cogan, “‘Ripping Open Pregnant Women’ in Light of an Assyrian Analogue”, *Journal of the American Oriental Society* 103 (1983): 755–757; Peter Dubovský, “Rasgando mulheres grávidas: relevos na sala L do Palácio Norte de Assurbanipal”, *Orientalia Nova Série* 78 (2009): 394–419. A citação de Amós é de Amós 1:13. Para uma discussão mais geral, ver Mario Liverani, “The King and His Audience”, em *From Source to History: Studies on Ancient Near Eastern Worlds and Beyond Dedicated to Giovanni Battista Lanfranchi on the Occasion of His 65º aniversário em junho 23, 2014*, ed. Salvatore Gaspa, Alessandro Greco e Daniele Morandi Bonacossi (Münster: Ugarit-Verlag, 2014), 382–383.

29. Foster, *Antes das Musas*, 883–884.

30. Devo a comparação de Ishum com um psicanalista a Eli Tadmor, um estudante de doutoramento em Yale que está actualmente a escrever a sua dissertação sobre a Erra Epic.

31. Ver Mario Liverani, *Estudos sobre os Anais de Ashurnasirpal II. 2: Análise Topográfica* (Roma: Università di Roma, 1992).

32. Ver RIMA 2, 202: ii 3–12 (com Liverani, *Imperial Mission*, 182); RIMA 2, 330: 12–14.

Capítulo 4: A Coroa em Crise

1. RIMA 3, 19: ii 30–35. Para uma análise das campanhas ocidentais de Salmaneser, consulte Shigeo Yamada, *The Construction of the Assyrian Empire: A Historical Study of the Inscriptions of Shalmaneser III (859–824). AC) Relativo às Suas Campanhas no Ocidente* (Leiden: Brill, 2000).

2. Para a criação de algumas “colônias” neo-assírias no Ocidente e seu impacto na paisagem cultural, ver Eckart Frahm, “The Intellectual Background of Assyrian Deportees, Colonists, and Officials in the Levant,” *Supplement, Hebrew Bible and Antigo Israel* 11 (2022): 56–82.

3. Ver Mario Liverani, “Assíria no Século IX: Continuidade ou Mudança?”, em *From the Upper to the Lower Sea: Studies on the History of Assyria and Babylonia in Honor of AK Grayson*, ed. Grant Frame (Leiden: Instituto Holandês para o Oriente Próximo, 2004), 214–217.

4. Para obter detalhes, consulte Giovanni B. Lanfranchi, “A Happy Son of the King of Assyria: Warikas and the Çineköy Bilingual (Cilicia),” em *Of God(s), Trees, Kings, and Scholars: Neo-Assyrian and Related Estudos em homenagem a Simo Parpola*, ed. Mikko Luukko, Saana Svärd e Raija Mattila (Helsínquia: Sociedade Oriental Finlandesa, 2009), 127–150.

5. RIMA 3, 18: ii 21–24.

6. RIMA 3, 23–24: ii 89–102.

7. A inscrição de Salmaneser fala de dois mil, em vez de duzentos carros fornecidos por Acabe, mas isso deve ser um erro.

8. Ver Karen Radner, “O Império Neo-Assírio”, em *Imperien und Reiche in der Weltgeschichte*, ed. Michael Gehler e Robert Rollinger (Wiesbaden: Harrassowitz, 2014), 107–108.

9. Liverani, “Assyria in the Ninth Century”, 218. Para as localizações (ainda um tanto incertas) das marchas fronteiriças, ver mais recentemente Shigeo Yamada, “Ulluba and Its Surroundings: Tiglath-pileser III's Province Organization Facing the Urartian Border,” em *Fontes Neo-Assírias em Contexto*, ed. Shigeo Yamada (Helsínquia: Projeto Neo-Assyrian Text Corpus, 2018), 33–37.

10. RIMA 3, 69: 141–143.

11. Para a estátua e sua inscrição, consulte Eckart Frahm, “‘Whoever Destroys This Image’: A Neo-Assyrian Statue from Tell ‘Ag̃āg̃a (Šadikanni),” *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires* 2015, no. 51. Escavada ilicitamente e mais tarde provavelmente destruída por membros do grupo Estado Islâmico, tudo o que resta da estátua são três fotografias granuladas publicadas na Internet pela Direção-Geral de Antiguidades e Museus da Síria em abril de 2014.

12. Para uma tentativa de reconstruir os eventos que levaram à morte de Salmaneser III, ver Andreas Fuchs, “Der Turtān Šamši-ilu und die große Zeit der assyrischen Großen (830–746),” *Die Welt des Orients* 38 (2008) : 61–145, especialmente 64–68. Os parágrafos seguintes baseiam-se também neste estudo, embora algumas das ideias de Fuchs exijam maior corroboração.

13. As Listas e Crônicas de Epônimos Neo-Assírios são editadas por Alan R. Millard, *The Eponyms of the Assyrian Empire, 910–612 AC* (Helsínquia: Projeto Corpus de Texto Neo-Assírio, 1994).

14. Para a avaliação mais recente do papel político de Sammu-ramat, consulte Luis R. Siddall, *The Reign of Adad-nīrārī III: An Historical and Ideological Analysis of an Assyrian King and His Times* (Leiden: Brill, 2013), 86–100.
15. RIMA 3, 205: 7–18.
16. Consulte o Capítulo 17.
17. RIMA 3, 233: 15–17. A inscrição Antakya é editada em RIMA 3, 203–204. Para o papel de Shamshi-ilu em geral, consulte Siddall, *Reign of Adad-nīrārī III*, 118–127, com literatura anterior.
18. SAA 2, nº. 2: v. 8–9.
19. Para a campanha de 765 como uma possível causa das epidemias subsequentes na Assíria, ver Karen Radner, “The Assyrian King and His Scholars: The Syro-Anatolian and the Egyptian Schools”, em Luukko et al., *Of God(s), Árvores, Reis e Estudiosos*, 228–231.
20. Fuchs, “Der Turtān Šamši-ilu.”
21. Ver Felix Blocher, “Assyrische Würdenträger und Gouverneure des 9. und 8. Jh.: Eine Neubewertung ihrer Rolle”, *Altorientalische Forschungen* 28 (2001): 298–324; Reinhard Bernbeck, “Sexo/Gênero/Poder e Šammuramat: Uma Visão da Estepe Síria”, em *Fundstellen: Gesammelte Schriften zur Archäologie und Geschichte Alt Vorderasiens ad honorem Hartmut Kühne*, ed. Dominik Bonatz, Rainer M. Czichon e F. Janoscha Kreppner (Wiesbaden: Harrassowitz, 2008), 351–369. Para os dados climáticos, consulte Ashish Sinha, Gayatri Kathayat, Harvey Weiss, Hanying Li, Hai Cheng, Justin Reuter, Adam W. Schneider, et al., “Role of Climate in the Rise and Fall of the Assyrian Empire,” *Science Advances* 5, não. 11 (novembro de 2019).
22. Stephanie Dalley, “Shamshi-ilu, Linguagem e Poder no Império Assírio Ocidental”, em *Ensaio sobre a Síria na Idade do Ferro*, ed. Guy Bunnens (Leuven, Bélgica: Peeters, 2000), 79–88. Para a situação em Ashur em 763/762 A.C., ver Eckart Frahm, “Epidemics, Climate Change, and the Birth of Empire: Assyria in the Mid-Eighth Century”, em *Infecting the Ancient Mesopotamian Cosmos*, ed. Troels P. Arbøll (no prelo). Veja também o próximo capítulo.

Capítulo 5: A Grande Expansão

1. Para as respectivas entradas no Eponym Chronicle, consulte Alan R. Millard, *The Eponyms of the Assyrian Empire, 910–612 BC* (Helsinki: Projeto Neo-Assyrian Text Corpus, 1994), 40–41, 58.
2. Para a carta de Mari, consulte Wolfgang Heimpel, *Letters to the King of Mari* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2003), 184–185, Text 26 17.
3. Millard, *Epônimos*, 41, 58.
4. Millard, *Eponyms*, 43, 59. Para a possível conexão com Gurgum, consulte Nadav Na'aman, “The Incirli Stela and Tiglath-pileser III's Operations on the Gurgum-Que Border,” *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires* 2019, não. 48. SAA 12, nº. 13, uma concessão real datada de 762 A.C., refere-se no verso a um homem com o nome real “Tukulti-apil-Esharra”, isto é, Tiglate-Pileser. Até agora, todos os estudiosos presumiram que a bolsa foi emitida em nome de Adad-nirari III, apesar dos problemas cronológicos que este cenário coloca. Mas parece mais provável que tenha sido realmente emitido pelo mesmo Tukulti-apil-Esharra mencionado mais adiante no texto. Se isso estiver correto, este Tukulti-apil-Esharra

deve ter sido o rebelde por trás da revolta que a Crônica Epônima afirma ter ocorrido em 763 e 762 em Ashur. Por diversas razões, é difícil identificá-lo com Tiglate-Pileser III, mas não totalmente impossível. Ver Eckart Frahm, “Epidemics, Climate Change, and the Birth of Empire: Assyria in the Mid-Eighth Century”, em *Infecting the Ancient Mesopotamian Cosmos*, ed. Troels P. Arbøll (no prelo).

5. Para edições das inscrições reais de Tiglate-Pileser III e notas históricas sobre seu reinado, consulte Hayim Tadmor, *As Inscrições de Tiglate-Pileser III, Rei da Assíria* (Jerusalém: Academia de Ciências e Humanidades de Israel, 1994); veja também RINAP 1.

6. Andreas Fuchs, “Der Turtān Šamši-ilu und die große Zeit der assyrischen Großen (830–746),” *Die Welt des Orients* 38 (2008): 94–96. Ao mesmo tempo, deve-se reconhecer que Tiglate-Pileser III ocasionalmente menciona oficiais assírios em suas inscrições. Para uma referência às campanhas militares empreendidas pelos eunucos reais, ver, por exemplo, RINAP 1, 44: 18–20.

7. A cronologia descrita nesta secção segue o RINAP 1, 12–13.

8. Josette Elayi, *L'Empire assyrien: Histoire d'une grande civilisation de l'Antiquité* (Paris: Perrin, 2021), 100.

9. Ver Ashish Sinha, Gayatri Kathayat, Harvey Weiss, Hanying Li, Hai Cheng, Justin Reuter, Adam W. Schneider, et al., “Role of Climate in the Rise and Fall of the Assyrian Empire,” *Science Advances* 5, no. 11 (novembro de 2019); Canan Çakırlar e Salima Ikram, “Quando os elefantes lutam, a grama sofre: poder, marfim e o elefante sírio”, *Levant* 48 (2016): 167–183; Melissa S. Rosenzweig, “Ordenando a Periferia Caótica: O Impacto Ambiental do Império Neo-Assírio em Suas Províncias”, em *A Arqueologia Provincial do Império Assírio*, ed. John MacGinnis, Dirk Wicke e Tina Greenfield (Cambridge, Reino Unido: Instituto McDonald de Pesquisa Arqueológica, 2016), 49–58.

10. Sobre o papel das epidemias e das alterações climáticas no declínio e queda de Roma, ver Kyle Harper, *The Fate of Rome: Climate, Disease, and the End of Empire* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2017).

11. Para um tratamento completo do reinado de Shalmaneser V, consulte Keiko Yamada e Shigeo Yamada, “Shalmaneser V and His Era, Revisited,” em “Now It Happened in That Days”: *Studies in Biblical, Assyrian, and Other Ancient Near Historiografia Oriental apresentada a Mordechai Cogan em seu 75º aniversário*, ed. Amitai Baruchi-Unnai, Tova L. Forti, Shmuel Ahituv, Israel Eph'al e Joseph H. Tigay (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2017), 2:387–442. Para as cartas que ele enviou como príncipe herdeiro, consulte Karen Radner, “Salmanassar V. in den Nimrud Letters”, *Archiv für Orientforschung* 50 (2003/2004): 95–104.

12. Para uma nova edição das inscrições reais de Sargão e copiosas notas sobre seu reinado, consulte RINAP 2 (com o texto sobre Ashur nas páginas 384–388). Josette Elayi, *Sargão II, Rei da Assíria* (Atlanta: SBL Press, 2017), fornece um esboço histórico da Assíria sob Sargão.

13. Uma origem “ocidental” para Sargão II também é sugerida por uma Lista de Reis da Babilônia que o torna o primeiro governante de uma “Dinastia de HabiGAL”, a região ocidental conhecida na época da Assíria Média como Hanigalbat (ou Hanirabbat). Para discussão, consulte Natalie N. May, “O Vizir e o Irmão: O Irmão Šin-a ḫ u u ṣur de Sargão II e os Ramos Colaterais Neo-Assírios”, *Bibliotheca Orientalis* 74 (2017): 491–527.

14. A visão geral mais recente das campanhas militares de Sargão encontra-se em RINAP 2, 23–30.

15. Para as consequências económicas da campanha contra Carchemish, ver Gerfrid GW Müller, “Gedanken zur neuassyrischen 'Geldwirtschaft,’” em *Assyrien im Wandel der Zeiten: XXXIXe Rencontre Assyriologique Internationale, Heidelberg 6–10. julho 1992*, ed. Hartmut Waetzoldt e Harald Hauptmann (Heidelberg: Heidelberger Orientverlag, 1997), 115–121.

16. RINAP 2, 279: 18–22.

17. Para as principais estruturas e a história de Dur-Sharrukin, consulte Annie Caubet, ed., *Khorsabad: Le palais de Sargon II, roi d'Assyrie. Actes du colloque organisados no Museu do Louvre pelos Serviços Culturais 21 et 22 Janvier 1994* (Paris: La Documentation française, 1996).

18. Ver May, “O Vizir e o Irmão”.

19. Stephen Howe, *Império: uma introdução muito curta* (Oxford: Oxford University Press, 2002), 14–15.

20. Baseando-se no exemplo do Império Romano, o teórico político Michael Doyle (*Empires* [Ithaca, NY: Cornell University Press, 1986]) referiu-se a esta transição como “atravessar o limiar de Augusto”.

21. Para uma discussão mais aprofundada, ver Ariel M. Bagg, *Die Assyrer und das Westland* (Leuven, Bélgica: Peeters, 2011), 271–308; Mario Liverani, *Assíria: A Missão Imperial* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2017), 4–5. O termo “império aspiracional” foi retirado de Bleda S. Düring, *The Imperialisation of Assyria* (Cambridge: Cambridge University Press, 2020), 8.

22. Os números neste parágrafo, que devem ser considerados com cautela, são de Ariel Bagg, “The Neo-Assyrian Empire and Its Chronological and Geographical Frameworks”, em *Neo-Assyrian Sources in Context*, ed. Shigeo Yamada (Helsínquia: Projeto Neo-Assyrian Text Corpus, 2018), 27–44.

23. Os parágrafos seguintes procuram delinear as instituições centrais do Império Assírio. Para outra tentativa recente de fazer isso, consulte Elayi, *L'Empire assyrien*, 100–140.

24. Uma lista de reis de Ashur (A. Kirk Grayson, “Königslisten und Chroniken: B. Akkadisch,” em *Reallexikon der Assyriologie und Vorderasiatischen Archäologie*, vol. 6, *Klagegesang—Königtum*, ed. DO Edzard [Berlim: De Gruyter, 1980], 116–121), menciona, além disso, uma série de mestres escribas e conselheiros reais ao lado dos reis neo-assírios sob os quais serviram - mas provavelmente apenas porque a lista foi composta por membros da mesma elite de escribas que aparece em isso, e não porque os escribas em questão fossem mais influentes do que qualquer outra pessoa.

25. AEA 1, n. 22 e 26. Em ambas as cartas, ver também Karen Radner, “Royal Pen Pals: The Kings of Assyria in Correspondence with Officials, Clients and Total Strangers (8th and 7th Centuries BCE),” em *OFFICIAL Epistolography e a(s) Linguagem(s) do Poder*, ed. Stefan Procházka, Lucian Reinfandt e Sven Tost (Viena: Verlag der Akademie der Wissenschaften, 2016), 63.

26. AEA 10, n. 196 e 207. Para uma tradução ligeiramente diferente da segunda carta, veja Peter Machinist, “Kingship and Divinity in Imperial Assyria,” em *Text, Artifact, and Image: Revealing Ancient Israelite Religion*, ed. Gary M. Beckman e Theodore J. Lewis (Providence, RI: Brown University Press, 2006), 173–174. Sobre *rex imago dei*, consulte Ernst Kantorowicz, *The King's Two Bodies: A Study in Medieval Political Theology* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1997 [1957]), 504. Para discussão e referências adicionais, consulte Eckart Frahm, “Rising Suns e Falling Stars: Assyrian Kings and the Cosmos”, em

Experiencing Power, Generating Authority: Cosmos, Politics, and the Ideology of Kingship in Ancient Egypt and Mesopotamia, ed. Jane A. Hill, Philip Jones e Antonio J. Morales (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2013), 97–120.

27. Ver Davide Nadali e Lorenzo Verderame, “Estátuas Neo-Assírias de Deuses e Reis em Contexto”, *Altorientalische Forschungen* 46 (2019): 234–248; Natalie N. May, “A Verdadeira Imagem de Deus...’: Adoração da Imagem do Rei, Culto Imperial Assírio e Controle Territorial”, em *Tales of Royalty*, ed. Elisabeth Wagner-Durand e Julia Linke (Berlim: De Gruyter, 2020), 185–239. Para o impacto da ideologia real assíria em Judá, consulte o Capítulo 17.

28. Ver Karen Radner, “Província. C. Assyrien”, em *Reallexikon der Assyriologie und Vorderasiatischen Archäologie*, vol. 11, *Prinz, Prinzessin-Qattara*, ed. Michael P. Streck (Berlim: De Gruyter, 2006), 42–68; Karen Radner, “Império Neo-Assírio”, em *Imperien und Reiche in der Weltgeschichte*, ed. Michael Gehler e Robert Rollinger (Wiesbaden: Harrassowitz, 2014), 103–104.

29. Eckart Frahm, “O Período Neo-Assírio (ca. 1000–609 AC),” em *Um Companheiro para a Assíria*, ed. Eckart Frahm (Malden, MA: Wiley, 2017), 178.

30. Jacob Lauinger, “Tratado de Sucessão de Esarhaddon em Tell Tayinat: Texto e Comentário”, *Journal of Cuneiform Studies* 64 (2012): 91–92, 112.

31. Ver Karen Radner, “An Imperial Communication Network: The State Correspondence of the Neo-Assyrian Empire”, em *State Correspondence in the Mundo Antigo: Do Novo Reino do Egito ao Império Romano*, ed. Karen Radner (Oxford: Oxford University Press, 2014), 71–77.

32. Radner, “Rede de Comunicação Imperial”, 74.

33. Radner, “Royal Pen Pals”.

34. AEA 15, nos. 288 e 289; Radner, “Rede de Comunicação Imperial”, 67.

35. Para o exército assírio e a Assíria em guerra, ver Frederick Mario Fales, *Guerre et paix en Assyrie: Religion et impérialisme* (Paris: Les Editions du Cerf, 2010); Andreas Fuchs, “Assíria em Guerra: Estratégia e Conduta”, em *The Oxford Handbook of Cuneiform Culture*, ed. Karen Radner e Eleanor Robson (Oxford: Oxford University Press, 2011), 380–401. As observações anteriores e seguintes são baseadas nesses estudos.

36. Ver RINAP 3/1, 183; SAA 16, não. 77. Para análise, ver Fuchs, “Assyria at War”, 381–383.

37. Katsuji Sano, *Die Deportationspraxis in neuassyrischer Zeit* (Münster: Ugarit-Verlag, 2020), 163–206.

38. SAA 19, nº. 81.

39. Para diferentes pontos de vista sobre as deportações assírias, ver (mais benigno) Karen Radner, “The ‘Lost Tribes of Israel’ in the Context of the Resettlement Program of the Assyrian Empire,” em *The Last Days of the Kingdom of Israel*, ed. Shigeo Hasegawa, Christoph Levin e Karen Radner (Berlim: De Gruyter, 2018), 101–123, e (nem tanto) Jonathan Valk, “Crime e Castigo: Deportação no Levante na Era da Hegemonia Assíria”, *Boletim do Sociedade de Pesquisa Internacional* 384 (2020): 77–103. Para a carta, ver SAA 19, no. 18.

40. Provérbios 14:28. Sobre “bodysnatching”, veja Valk, “Crime and Punishment”, 81.

41. Ver Zvi Ben-Dor Benite, *As Dez Tribos Perdidas: Uma História Mundial* (Oxford: Oxford University Press, 2013).

42. Para referências e discussão adicional, consulte Radner, “‘Lost Tribes of Israel.’”

43. Avraham Faust, “O Levante Meridional sob o Império Neo-Assírio”, em *Periferias Imperiais no Período Neo-Assírio*, ed. Craig W. Tyson e Virginia R. Herrmann (Louisville: University Press of Colorado, 2018), 97–127.

44. Ver Peter Machinist, “Assyrians on Assyria in the First Millennium BC”, em *Anfänge politischen Denkens in der Antike: Die nahöstlichen Kulturen und die Griechen*, ed. Kurt Raaflaub (Munique: R. Oldenbourg, 1993), 77–104; Frederick Mario Fales, “Etnia no Império Assírio: Uma Visão do Nisbe (II): ‘Assírios’”, em *Homenaje a Mario Liverani*, ed. Maria G. Biga, Joaquín M. Córdoba, Carmen del Cerro e Elena Torres (Madrid: Centro Superior de Estudios de Oriente Próximo y Egipto, 2015), 183–204; Karen Radner, “Diglossia and the Neo-Assyrian Empire’s Akkadian and Aramaic Text Production,” em *Multilinguismo em Contextos Antigos: Perspectivas do Antigo Oriente Próximo e Contextos Cristãos Primitivos*, ed. Louis C. Jonker, Angelika Berlejung e Izak Cornelius (Stellenbosch, África do Sul: African Sun Media, 2021), 146–181, esp. 147.

45. Ver Bagg, *Die Assyrer und das Westland*, 281; Samuel Boyd, “Inscrição do cilindro Dūr-Šarrukīn de Sargon e ideologia da linguagem: uma reconsideração e conexão com Gênesis 11:1–9”, *Journal of Near Eastern Studies* 78 (2019): 87–111.

46. Para a citação de Assurbanipal, consulte RINAP 5/1, 41: vi 9’–13’.

Capítulo 6: Nos Limites do Império

1. Ver Ariel Bagg, “The Neo-Assyrian Empire and Its Chronological and Geographical Frameworks,” em *Neo-Assyrian Sources in Context*, ed. Shigeo Yamada (Helsínquia: Projeto Neo-Assyrian Text Corpus, 2018), 38.

2. RINAP 3/2, 204: 1–9.

3. RINAP 4, 20: iv 53–56.

4. RINAP 3/2, 83: 74–76.

5. Os parágrafos seguintes baseiam-se principalmente em Frederick Mario Fales, “Phoenicia in the Neo-Assyrian Period: An Updated Overview”, *State Archives of Assyria Bulletin* 23 (2017): 181–295. Ver também Caroline van der Brugge e Kristin Kleber, “The Empire of Trade and the Empires of Force: Tire in the Neo-Assyrian and Neo-Babylonian Periods”, em *Dynamics of Production in the Ancient Near East, 1300–500 AC*, ed. Juan Carlos Moreno García (Oxford: Oxbow, 2016), 187–222.

6. SAA 19, nº. 22. Não é totalmente certo que Qurdi-Ashur-lamur tenha sido de facto um governador provincial.

7. SAA 2, não. 5. As citações nos parágrafos seguintes são da mesma fonte.

8. Para o seguinte, ver Robert Rollinger, “Assyria and the Far West: The Aegean World”, em *A Companion to Assyria*, ed. Eckart Frahm (Malden, MA: Wiley, 2017), 275–285.

9. RINAP 2, 63: 117–119 (parcialmente restaurado). Para a carta de Qurdi-Ashur-lamur, consulte SAA 19, no. 25.

10. Ver Karen Radner e Alexander Vacek, “O local de Al-Mina, o porto de Ah̄ tâ e o comércio mediterrâneo na era do Império Assírio”, em *Der Alte Orient und die Entstehung der athenischen Demokratie*, ed. Claudia Horst (Wiesbaden: Harrassowitz, 2020), 107–171.

11. Para o período de orientalização, ver Walter Burkert, *The Orientalizing Revolution: Near Eastern Influence on Greek Culture in the Early Archaic Age* (Cambridge, MA: Harvard

University Press, 1992). As citações da *Ilíada* são de 11.531–537 e 14.201–302; a citação de Senaqueribe é encontrada em RINAP 3/1, 183: vi 5–7. Para discussão, consulte Martin L. West, *The East Face of Helicon* (Oxford: Oxford University Press, 1997), 147–148, 375–376.

12. Para Homero como eunuco assírio, ver Raoul Schrott, *Homers Heimat: Der Kampf um Troja und seine realen Hintergründe* (Munique: Hanser, 2008), 330–336. Addikritushu é mencionado em SAA 16, no. 136. Para a tigela de Amathus e mais discussão sobre a presença grega na Assíria, consulte Rollinger, “Assyria and the Far West”, 280.

13. RINAP 2, 82: 457–459.

14. Karen Radner, “A Estela de Sargão II da Assíria em Kition: Um Foco para uma Identidade Cipriota Emergente?”, em *Interkulturalität in der Alten Welt: Vorderasien, Hellas, Ägypten und die vielfältigen Ebenen des Kontakts*, ed. Robert Rollinger, Birgit Gufler, Martin Lang e Irene Madreiter (Wiesbaden: Harrassowitz, 2010), 429–449, esp. 445.

15. RINAP 4, 23: v. 54–73.

16. RINAP 4, 135: 9'–12'.

17. RINAP 1, 106–107: 19'–25'. (encurtado); Eleanor Bennett, “As 'Rainhas dos Árabes' Durante o Período Neo-Assírio” (dissertação de doutorado, Universidade de Helsinque, 2021), 75. Para visões gerais das relações Assírio-Árabes (nas quais as observações a seguir se baseiam), ver Israel Eph'al, *Os Antigos Árabes: Nômades nas Fronteiras do Crescente Fértil, 9^o a Séculos V AC*, 2^a ed. (Jerusalém: Magnes Press, 1984); Eckart Frahm, “Assyria and the Far South: The Arabian Peninsula and the Persian Gulf”, em Frahm, *Companion to Assyria*, 299–310, ambos com literatura adicional e referências à maioria dos textos mencionados abaixo.

18. Ver Peter Dubovský, “Rasgando Mulheres Grávidas: Relevos na Sala L do Palácio Norte de Assurbanipal”, *Orientalia Nova Série* 78 (2009); Bennett, “Queens of the Arabs”, 120–129, e, para a maldição do tratado, SAA 2, no. 6: 428–429.

19. Para camelos no início da história árabe, consulte Martin Heide, “The Domestication of the Camel: Biological, Archeological and Inscriptional Evidence from Mesopotamia, Egypt, Israel and Arabia, and Literary Evidence from the Hebrew Bible”, *Ugarit-Forschungen* 42 (2010): 331–382.

20. RINAP 3/2, 151–156.

21. Para as contas de Sabá, consulte RINAP 3/2, 146–150. Fontes sabeias e assírias mencionam apenas governantes masculinos de Sabá – um modelo histórico para a famosa “Rainha de Sabá”, que, segundo a Bíblia, deslumbrou Salomão e a sua corte real, não foi encontrada em lado nenhum. Parece, portanto, provável que os autores do relato bíblico tenham confundido a sua experiência de caravanas sabeias carregadas de mercadorias exóticas com encontros com rainhas árabes que governavam as tribos do norte da Arábia.

22. A citação de Sargon encontra-se em RINAP 2, 63: 121.

23. Diodoro 2.24.5.

24. Ver, mais recentemente, Romolo Loreto, “The Role of Adummatu Among the Early Arabian Trade Routes at the Dawn of the Southern Arabian Cultures”, em *South Arabian Long-Distance Trade in Antiquity: “Out of Arabia”*, ed. George Hatke e Ronald Ruzicka (Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2021), 66–110.

25. Sobre a campanha de Ulluba, ver Shigeo Yamada, “Ulluba and Its Surroundings: Tiglath-pileser III's Province Organization Facing the Urtian Border”, em *Neo-Assyrian Sources in Context*, ed. Shigeo Yamada (Helsínquia: Projeto Neo-Assyrian Text Corpus, 2018).

Para o seguinte, ver, especialmente, Andreas Fuchs, “Assyria and the East: Western Iran and Elam”, em Frahm, *Companion to Assyria*, 259–267, com referências e detalhes adicionais.

26. Para saber mais sobre os medos e seu papel na queda da Assíria, consulte o Capítulo 14.

27. Para obter mais informações e imagens de algumas das descobertas de Qalaichi, consulte Karen Radner, “Mannea, a Forgotten Kingdom of Iran,” *Assyrian Empire Builders*, University College London, 2013, www.ucl.ac.uk/sargon/fundamentos/países/mannea.

28. SAA 20, n.º. 40: rev. 23'.

29. Ver Andreas Fuchs, “Parsuaš,” em *Reallexikon der Assyriologie und Vorderasiatischen Archäologie*, vol. 10, *Oannes–Priesterverkleidung*, ed. Michael Streck (Berlim: De Gruyter, 2003–2005), 340–342; Karen Radner, Sheler Amelirad e Eghbal Azizi, “Uma primeira data de radiocarbono para o cemitério da Idade do Ferro de Sanandaj: datando um enterro de elite na província assíria de Parsua”, em *The Reach of the Assyrian and Babylonian Empires: Case Studies in Eastern e Periferias Ocidentais*, ed. Shuichi Hasegawa e Karen Radner (Wiesbaden: Harrassowitz, 2020), 95–109.

30. Kiumars Alizadeh, “Os primeiros persas: topônimos e etnia persa”, *Dabir* 7 (2020): 16–53.

31. RINAP 4, 21–22: v. 10–25.

Capítulo 7: Uma História de Fantasma

1. A história contada neste capítulo é baseada em Eckart Frahm, “Nabû-zuqup-kenu, das Gilgamesch-Epos und der Tod Sargons II,” *Journal of Cuneiform Studies* 51 (1999): 73–90, onde informações adicionais e bibliográficas referências podem ser encontradas. Somente referências não incluídas nesse artigo são fornecidas aqui.

2. Ver Theodore Kwasman, “A Neo-Assyrian Royal Funerary Text”, em *Of God(s), Trees, Kings, and Scholars: Neo-Assyrian and Related Studies in Honor of Simo Parpola*, ed. Mikko Luukko, Saana Svärd e Raija Mattila (Helsínquia: Sociedade Oriental Finlandesa, 2009), 111–126.

3. Para discussão, ver Irving Finkel, “The Lament of Nabû-šuma-ukîn”, em *Babylon: Focus mesopotamischer Geschichte, Wiege früher Gelehrsamkeit, Mythos in der Moderne*, ed. Johannes Renger (Saarbrücken: SDV, 1999), 323–341.

4. Ver Eckart Frahm, “Novas Fontes para a Primeira Campanha de Senaqueribe”, *ISIMU* 6 (2003): 157–160.

5. Aqui e em outras partes deste livro, os nomes dos meses assírios são acompanhados por um algarismo romano que indica sua posição dentro do ano. Du'uzu, por exemplo, era o quarto mês do ano. Ainda não é possível fornecer equivalentes julianos exatos para a maioria das datas assírias.

6. Andrew R. George, *The Babylonian Gilgamesh Epic: Introdução, Edição Crítica e Textos Cuneiformes* (Oxford: Oxford University Press, 2003), 734–735 (parcialmente restaurado).

7. RINAP 2, 310: 1–9.

8. RINAP 3/2, 364.

9. O texto sobre o texto “Pecado de Sargão” é citado aqui após SAA 3, no. 33.

10. Isaías 14:18–19. A tradução, reconhecidamente, não está isenta de alguns problemas, como mostrado por Saul M. Olyan: “O rei da Babilônia foi enterrado antes que seu cadáver fosse exposto? Algumas reflexões sobre Is 14, 19”, *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* 118 (2006): 423–426.

11. Isaías 14:7–8.

Capítulo 8: Às portas de Jerusalém

1. 2 Reis 18:21.25.31–34. Sobre “godnapping”, o rapto de estátuas divinas pelos exércitos assírios, ver Shana Zaia, “State-Sponsored Sacrilege: 'Godnapping' and Omission in Neo-Assyrian Inscriptions”, *Journal of Ancient Near Eastern History* 2 (2015) : 19–54 .

2. Para o termo “evento mundial”, ver Seth Richardson, “The First 'World Event': Sennacherib at Jerusalem,” em *Sennacherib at the Gates of Jerusalem: Story, History, and Historiography* , ed. Isaac Kalimi e Seth Richardson (Leiden: Brill, 2014), 433–505.

3. Estudos recentes da campanha de 701 AC incluem William R. Gallagher, *Sennacherib's Campaign to Judah: New Studies* (Leiden: Brill, 1999); Lester L. Grabbe, ed., “*Like a Bird in a Cage*”: *A Invasão de Senaqueribe em 701 BCE* (Sheffield, Reino Unido: Sheffield Academic Press, 2003); Kalimi e Richardson, *Senaqueribe nas Portas de Jerusalém* ; e Dan'el Kahn, *Campanha de Senaqueribe contra Judá: uma análise da fonte de Isaías 36–37* (Cambridge: Cambridge University Press, 2020). Outros serão referenciados posteriormente neste capítulo.

4. Para uma nova edição das inscrições reais de Senaqueribe, notas sobre a história de sua época e referências a estudos adicionais, consulte RINAP 3/1 e 3/2. Um esboço histórico do reinado de Senaqueribe é fornecido por Josette Elayi, *Senaqueribe, Rei da Assíria* (Atlanta: SBL Press, 2018). Para a arqueologia e história de Nínive e sua paisagem rural, ver, mais recentemente, Lucas P. Petit e Daniele Morandi Bonacossi, eds., *Nineveh: The Great City, Symbol of Beauty and Power* (Leiden: Sidestone Press, 2017).

5. A edição mais recente do texto é RINAP 3/1, 63–66.

6. Para a expressão “Black Pharaohs”, ver, por exemplo, Robert G. Morkot, *The Black Pharaohs: Egypt's Nubian Rulers* (Londres: Rubicon Press, 2000). A citação de Esarhaddon é encontrada em RINAP 4, 305: 22–23. Nicolas-Christophe Grimal, *La stèle triomphale de Pi('ankhy) au Musée du Caire* (Cairo: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1981), analisa as alusões literárias nas inscrições kushitas.

7. Para as relações Assiro-Kushitas durante este período, ver Silvie Zamazalová, “Before the Assyrian Conquest in 671 BCE : Relationships Between Egypt, Kush and Assyria,” in *Egypt and the Near East—The Crossroads* , ed. Jana Mynářová (Praga: Instituto Tcheco de Egiptologia, 2011), 297–328.

8. Ver RINAP 3/1, 64–65: 42–47.

9. Heródoto 2.141.

10. 2 Reis 19:9. É possível que a referência a Taharqa seja imprecisa. Pode refletir uma data de composição posterior do texto, numa época em que Taharqa substituiu seu antecessor Shebitku como faraó egípcio.

11. 2 Reis 18:13–14.

12. Para fotos e desenhos dos relevos, veja Richard D. Barnett, Erika Bleibtreu e Geoffrey Turner, *Esculturas do Palácio Sudoeste de Senaqueribe em Nínive*, vol. 2 (Londres: British Museum Press, 1998), Placas 322–352.

13. Para a arqueologia de Laquis, ver David Ussishkin, “Sennacherib's Campaign to Judah: The Archaeological Perspective with an Emphasis on Lachish and Jerusalem”, em Kalimi e Richardson, *Sennacherib at the Gates of Jerusalem*, 75–103, com literatura anterior.

14. RINAP 3/1, 65–66: 52–58.

15. 2 Reis 18:17.

16. SAA 18, nº. 98. Para discussão, consulte Peter Dubovský, *Hezekiah and the Assyrian Spies: Reconstruction of the Assyrian Intelligence Services and Its Significance for 2 Reis 18–19* (Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 2006), 163–166.

17. Ver Nadav Na'aman, “Nova Luz sobre a Segunda História Profética de Ezequias (2 Reis 19,9b–35),” *Bíblia* 81 (2000): 393–402.

18. 2 Reis 19:35–36.

19. Este é o argumento apresentado pelo cientista atmosférico e oceânico Carl Drews. A teoria de Drews foi amplamente apresentada em Chris Mooney, “No, Really: There Is a Scientific Explanation for the Parting of the Red Sea in Exodus”, *Washington Post*, 8 de dezembro de 2014, www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2014/12/08/não-realmente-existe-uma-explicação-científica-para-a-separação-do-mar-vermelho-no-êxodo.

20. Ver Alan R. Millard, *Os Epônimos do Império Assírio, 910–612 BC* (Helsinque: Projeto Neo-Assyrian Text Corpus, 1994), 34–41, 57–58; Jean-Jacques Glassner, *Crônicas Mesopotâmicas* (Atlanta: Sociedade de Literatura Bíblica, 2004), 204–205.

21. Ver Karen Radner, “The Assyrian King and His Scholars: The Syro-Anatolian and the Egyptian Schools”, em *Of God(s), Trees, Kings, and Scholars: Neo-Assyrian and Related Studies in Honor of Simo Parpola*, Ed. Mikko Luukko, Saana Svärd e Raija Mattila (Helsínquia: Sociedade Oriental Finlandesa, 2009), 230–231; Margaret Barker, “Hezekiah's Boil”, *Diário para o Estudo do Antigo Testamento* 95 (2001): 31–42. Observe que Josefo, com referência a Beroso, já afirma que foi uma “doença pestilenta” que derrubou as tropas de Senaqueribe em Jerusalém (*Antiguidades Judaicas* 10.21–22).

22. Stephanie Dalley, “Yabâ, Atalyã e a política externa dos últimos reis assírios”, *Boletim 12 dos Arquivos do Estado da Assíria* (1998): 83–98. O episódio de Atalya é encontrado em 2 Reis 8:16–11:16 e 2 Crônicas 22:10–23:15. Para os túmulos das rainhas assírias, consulte o Capítulo 10.

23. Henry Aubin, *O Resgate de Jerusalém: A Aliança entre Hebreus e Africanos em 701 BC* (Nova York: Soho Press, 2002).

24. Alice Bellis, ed., *A sobrevivência de Jerusalém, a partida de Senaqueribe e o papel kushita em 701 AC: Um exame do resgate de Jerusalém por Henry Aubin* (Piscataway, NJ: Gorgias Press, 2020).

25. Ver Jeremy Pope, “Beyond the Broken Reed: Kushite Intervention and the Limits of *l'histoire événementielle*”, em Kalimi e Richardson, *Sennacherib at the Gates of Jerusalem*, 116–117.

26. Ver Gerfrid GW Müller, “Zur Entwicklung von Preisen und Wirtschaft in Assyrien im 7. Jh. v. Chr.”, em *Von Sumer nach Ebla und zurück: Festschrift Giovanni Pettinato zum 27. setembro 1999 gewidmet von Freunden, Kollegen und Schülern*, ed. Hartmut Waetzoldt (Heidelberg: Heidelberger Orientverlag, 2004), 185–210, esp. 188.

27. John Lewis Gaddis, *Sobre a Grande Estratégia* (Nova York: Penguin Press, 2018). Para a ideia de que Senaqueribe retornou de Jerusalém para lidar com a situação cada vez mais instável na Babilônia, consulte Nazek Khalid Matty, *Campanha de Senaqueribe contra Judá e Jerusalém em 701 BC: Uma reconstrução histórica* (Berlim: De Gruyter, 2016).

28. Ver Richardson, “Primeiro ‘Evento Mundial’”, 436–437; Eckart Frahm, *Einleitung in die Sanherib-Inschriften* (Viena: Institut für Orientalistik, 1997), 21–28.

Capítulo 9: O Problema Babilônico de Senaqueribe

1. Para o seguinte, consulte Eckart Frahm, “Assyria and the South: Babylonia”, em *A Companion to Assyria*, ed. Eckart Frahm (Malden, MA: Wiley, 2017), 286–298, com informações e referências adicionais.

2. RINAP 2, 298: 314–316 (abreviado).

3. “Grécia capta ferum victorem cepit et artes intulit agresti Latio” (A Grécia cativa capturou seu selvagem conquistador e trouxe as artes para o rústico Lácio). Horácio, *Epístolas*, Livro 2, Epístola 1, linhas 156–157. Para Sargão baseado em inscrições de Marduk-aplu-iddina, consulte RINAP 2, 463 (com literatura adicional).

4. Para as comparações com animais aplicadas a Marduk-aplu-iddina, consulte Andreas Fuchs, *Die Inschriften Sargons II. aus Khorsabad* (Göttingen: Cuvillier-Verlag, 1994), 334.

5. RINAP 2, 151: 141; RINAP 3/1, 34: 30–33.

6. RINAP 3/1, 36: 54.

7. RINAP 2, 139: 3–4; RINAP 3/1, 32:4.

8. O seguinte esboço histórico baseia-se fortemente em Andreas Fuchs, “Eine Flotte, zwei Versager und ein Winter: Sanherib und sein Wirken insbesondere in den Jahren 694 bis 689,” em *Der Herrscher als Versager ?!*, ed. Heide Frielinghaus, Sebastian Grätz, Heike Grieser, Ludger Körntgen, Johannes Pahlitzsch e Doris Prechel (Mainz: Mainz University Press, 2019), 63–141.

9. SAA 16, nº. 21.

10. Para reflexões sobre a constituição mental de Senaqueribe, consulte Eckart Frahm, “Family Matters: Psychohistorical Reflections on Sennacherib and His Times”, em *Sennacherib at the Gates of Jerusalem: Story, History, and Historiography*, ed. Isaac Kalimi e Seth Richardson (Leiden: Brill 2014), 163–222.

11. O episódio da queda de Nergal-ushezib do cavalo é conhecido por uma epígrafe registrada em uma tábu de argila (RINAP 3/2, 204: 14–17). A imagem correspondente que deveria representar a cena não foi encontrada.

12. RINAP 3/2, 332: 39–41 (parcialmente restaurado).

13. Para uma edição do relato de Senaqueribe sobre a Batalha de Halulê, ver RINAP 3/1, 181–184; para análise literária, Elnathan Weissert, “Criando um clima político: alusões literárias a *Enūma Eliš* no relato de Senaqueribe sobre a batalha de Halule”, em *Assyrien im Wandel der Zeiten: XXXIXe Rencontre Assyriologique Internationale, Heidelberg 6–10. julho 1992*, ed. Hartmut Waetzoldt e Harald Hauptmann (Heidelberg: Heidelberger Orientverlag, 1997), 191–202.

14. Para o verbete da crônica, ver Jean-Jacques Glassner, *Mesopotamian Chronicles* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004), 198–199; para o texto de Nínive, RINAP 3/1, 226: 88–89.

15. Assim, Weissert, “Criando um Clima Político”.

16. Tradução segundo RINAP 3/1, 13, n. 28.

17. SAA 21, nº. 18. Para discussão, ver Sanae Ito, “A Letter from Assurbanipal to Enlil-bāni and the Citizens of Nippur”, *Inter Facultade* 4 (2013): 19–34.

18. RINAP 3/2, 316: 47–54 (abreviado).

19. Para o episódio de Dilmun, ver RINAP 3/2, 248: 36–44.

20. Para as reformas religiosas implementadas por Senaqueribe e seus conselheiros após a destruição da Babilônia, ver Peter Machinist, “The Assyrians and Their Babylonian Problem: Some Reflections”, *Jahrbuch des Wissenschaftskollegs zu Berlin* (1984–1985): 353–364; Eckart Frahm, *Einleitung in die Sanherib-Inschriften* (Viena: Institut für Orientalistik, 1997), 282–288; e Galo W. Vera Chamaza, *Die Omnipotenz Aššurs: Entwicklungen in der Aššur-Theologie unter den Sargoniden Sargon II., Sanherib und Asarhaddon* (Münster: Ugarit-Verlag, 2002), 71–167.

21. Para uma edição do Texto da Provação de Marduk, ver SAA 3, nos. 34 e 35. A descrição mais detalhada do Festival de Akitu é encontrada em tábuas de argila do período helenístico que foram recentemente reeditadas por Céline Debourse em *Of Priests and Kings: The Babylonian New Year Festival in the Last Age of Cuneiform Culture* (Leiden: Brill, 2022). Debourse argumenta que alguns dos atos rituais mencionados nas tabuinhas podem ainda não ter existido na época assíria.

22. Devo o termo “canibalismo cultural” a Eli Tadmor.

23. RINAP 3/2, 227: 1–9 (abreviado).

24. RINAP 3/2, 220: obv. 19' - rev. 11.

25. RINAP 3/2, 248: 44–47. Sobre o Festival Assírio de Akitu em geral, ver Beate Pongratz-Leisten, *Religion and Ideology in Assyria* (Berlim: De Gruyter, 2015), 416–427.

26. Para a última edição do *Enūma eliš*, consulte Wilfred G. Lambert, *Babylonian Creation Myths* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2013), 1–277. É provável que o épico tenha influenciado o primeiro relato da criação no livro bíblico do Gênesis.

27. Ver Wilfred G. Lambert, “The Assyrian Recension of Enūma eliš”, em Waetzoldt e Hauptmann, *Assyrien im Wandel der Zeiten*, 77–79.

28. RINAP 3/2, 224: 6–12 (abreviado).

29. A metáfora de “copiar e colar” foi retirada de Fuchs, “Eine Flotte, zwei Versager”, 96. Para a reforma religiosa de Akhenaton, ver Jan Assmann, *Ägypten: Theologie und Frömmigkeit einer frühen Hochkultur* (Stuttgart: Kohlhammer, 1991), 243–253.

30. A inscrição de Senaqueribe é citada após RINAP 3/2, 221: 4–5.

31. Para discussão, ver SAA 6, pp.

32. 2 Reis 19:36–37. Para mais informações, consulte Simo Parpola, “The Murderer of Sennacherib”, em *Death in Mesopotamia*, ed. Bendt Alster (Copenhague: Akademisk, 1980), 171–182. Deve-se admitir que o cenário aqui descrito não é universalmente aceito. Fazendo a pergunta *cui bono*, vários estudiosos, entre eles mais recentemente Andrew Knapp, em “The Murderer of Sennacherib, Yet Again”, *Journal of the American Oriental Society* 140 (2020): 165–181; e Stephanie Dalley e Louis R. Siddall, em “A Conspiracy to Murder Sennacherib? A Revision of SAA 18 100 in the Light of a Recent Join”, *Iraq* 83 (2021): 45–56,

sugeriram que na verdade foi Esarhaddon quem estava por trás do assassinato de Senaqueribe. Considerando tudo isso, porém, ainda parece mais provável que Urdu-Mullissu tenha sido o culpado.

33. O episódio está descrito na carta SAA 18, nº. 100 (nova edição: Dalley e Siddall, “Conspiracy”). A primeira linha da carta provavelmente deve ser traduzida como “[...] da bondade do rei (?) [...]”.

34. RINAP 4, 13–14: i 53–ii 11. A Crônica Babilônica fornece uma data ligeiramente posterior para a ascensão de Esarhaddon. Para a fuga dos irmãos, presumivelmente para a terra de Urartu, ver Nadav Na'aman, “Sennacherib's Sons' Flight to Urartu”, *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires* 2006, no. 5.

35. Ver Aristóteles, *Política* 2.1269b.

Capítulo 10: Mãe sabe o que é melhor

1. SAA 9, não. 1, 1,8.

2. Para um estudo abrangente da vida e carreira de Naqia, e edições dos textos que a mencionam, consulte Sarah C. Melville, *The Role of Naqia/Zakutu in Sargonid Politics* (Helsinki: Neo-Assyrian Text Corpus Project, 1999).

3. Para a possível conexão de Naqia com Harran, consulte Erle V. Leichty, “Esarhaddon's Exile: Some Speculative History”, em *Studies Presented to Robert D. Biggs, junho 4, 2004*, ed. Martha Roth, Walter Farber e Matthew W. Stolper (Chicago: Instituto Oriental da Universidade de Chicago, 2007), 189–191.

4. RINAP 3/2, 42–43: 44”–50”.

5. Ver Eckart Frahm, “Family Matters: Psychohistorical Reflections on Sennacherib and His Times”, em *Sennacherib at the Gates of Jerusalem: Story, History, and Historiography*, ed. Isaac Kalimi e Seth Richardson (Leiden: Brill 2014), 215–217. Para uma visão cética desta ideia, ver Natalie N. May, “Neo-Assyrian Women, Their Visibility, and Their Representation in Written and Pictorial Sources”, em *Studying Gender in the Ancient Near East*, ed. Saana Svärd e Agnès Garcia-Ventura (University Park, PA: Eisenbrauns, 2018), 218. Mas note que a leitura de May de *il - te* em vez de *al - te* num texto chave necessita de verificação adicional.

6. SAA 16, nº. 95. A interpretação desta difícil carta é incerta, assim como a sua data exata.

7. Julian Reade, “Senaqueribe era feminista?”, em *La femme dans le Proche-Orient antique*, ed. Jean-Marie Durand (Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1987), 139–145.

8. RINAP 4, 315–318.

9. RINAP 4, 318–322.

10. Para o relevo, ver RINAP 4, 323–324, com literatura adicional; para a carta, SAA 13, no. 61.

11. SAA 10, nº. 244.

12. SAA 18, nº. 85.

13. Estudos recentes sobre mulheres reais assírias incluem Sarah C. Melville, “Neo-Assyrian Royal Women and Male Identity: Status as a Social Tool”, *Journal of the American Oriental Society* 124 (2004): 37–57; Sherry L. Macgregor, *Beyond Hearth and Home: Women*

in the Public Sphere in Neo-Assyrian Society (Helsínquia: Neo-Assyrian Text Corpus Project, 2012); Saana Svärd, *Poder e Mulheres nos Palácios Neo-Assírios* (Helsínquia: Projeto Corpus de Texto Neo-Assírio, 2015); e May, “Mulheres Neo-Assírias”. Para os haréns em diferentes cidades assírias, consulte Simo Parpola, “The Neo-Assyrian Royal Harem”, em *Leggo! Estudos apresentados a Frederick Mario Fales por ocasião de sua 65^a aniversário*, ed. Giovanni B. Lanfranchi, Daniele Morandi Bonacossi, Cinzia Pappi e Simonetta Ponchia (Wiesbaden: Harrassowitz, 2012), 613–626. O uso do termo “harém” em conexão com os aposentos das mulheres nas antigas cortes reais da Mesopotâmia tem sido ocasionalmente criticado como anacrônico, mas não há nenhum melhor disponível.

14. Ver Saana Teppo, “O papel e os deveres do *šakintu neo-assírio* à luz das evidências arquivísticas”, *Arquivos do Estado da Assíria* 16 (2007): 257–272; François Joannès, “Mulheres e Palácios no Período Neo-Assírio”, *Orient* 51 (2016): 29–46.

15. Para a citação de Assurbanipal, ver RINAP 5/1, 236–237: ii 63–80. A tradição grega posterior de Assurbanipal é abordada no Capítulo 17.

16. Para mais discussão, ver Walter Scheidel, “Sex and Empire: A Darwinian Perspective,” em *The Dynamics of Ancient Empires: State Power from Assyria to Byzantium*, ed. Ian Morris e Walter Scheidel (Oxford: Oxford University Press, 2009), 255–324. Para um exemplo concreto de como as mulheres estrangeiras raptadas na guerra se tornaram propriedade de cidadãos assírios, ver Capítulo 13.

17. Para a entrada da crônica, veja Jean-Jacques Glassner, *Mesopotamian Chronicles* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004), 208–209. Embora a falecida rainha mencionada nele não tenha nome, é muito provável que ela possa ser identificada com Esharra-hammāt. Para edição da carta, ver SAA 10, no. 188.

18. Assim, Natalie N. May, “O Vizir e o Irmão: O Irmão Sîn-a ḫ uu ṣur de Sargão II e os Ramos Colaterais Neo-Assírios”, *Bibliotheca Orientalis* 74 (2017): 514–515. Para o documento que menciona Abi-ramu, ver SAA 6, no. 252. Embora não sem reservas, pergunto-me se a figura bíblica de Abrão/Abraão – que veio de Ur, no sul da Babilônia e viveu em Harran, e portanto em Hanigalbat, até aos setenta e cinco anos de idade – não teria tido alguma ligação histórica com a irmã de Naqia, Abi-ramu, com quem compartilha seu nome. Dado que o reinado de Esarhaddon forneceu o cenário para uma série de outros contos populares, muitos deles conhecidos a partir de textos aramaicos e papiros demóticos do antigo Egito (ver Kim Ryholt, “The Assyrian Invasion of Egypt in Egyptian Literary Tradition”, em *Assyria and Beyond : Estudos apresentados a Mogens Trolle Larsen*, ed. Jan G. Dercksen [Leiden: Instituto Holandês para o Oriente Próximo, 2004], 483–510), a possibilidade, embora improvável, não deve ser descartada imediatamente. Na mesma linha, é difícil negar que a história da ascensão de Esarhaddon ao poder tenha algumas semelhanças evidentes com a história de outro patriarca bíblico intimamente associado a Harran, o bisneto de Abraão, José. Tanto Esarhaddon quanto José alcançaram grande poder, apesar de serem filhos mais novos, filhos de esposas mais novas (com laços familiares com Harran); ambos eram, contra todas as probabilidades, os favoritos de seus respectivos pais; ambos receberam sinais divinos de encorajamento; e ambos se tornaram, no final, e cada um à sua maneira, governantes do Egito. Para mais discussão, veja Eckart Frahm, “E Seus Irmãos Tinham Ciúmes Dele’: Paralelos Surpreendentes Entre José e o Rei Esarhaddon,” *Biblical Archaeology Review* 42, no. 3 (2016): 43–64.

19. Para informações detalhadas sobre os “túmulos das rainhas” em Calah, ver John E. Curtis, Henrietta McCall, Dominique Collon e Lamia Al-Gailani Werr, eds., *New Light on Nimrud: Proceedings of the Nimrud Conference , 11 a 13 de março 2002* (Londres: Instituto Britânico para o Estudo do Iraque, em associação com o Museu Britânico, 2008), e o volume ricamente ilustrado de Muzahim M. Hussein, *Nimrud: The Queens' Tombs* (Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2016). Sobre o gênero do corpo não identificado, ver p. 9 no mesmo volume.

20. Farouk NH Al-Rawi, “Inscrições das Tumbas das Rainhas da Assíria”, em Curtis et al., *New Light on Nimrud* , 124.

21. Consulte o Capítulo 4.

22. Para uma avaliação detalhada dos restos mortais de Hamâ e dos presentes funerários que ela recebeu, consulte Tracy L. Spurrier, “Finding Hama: On the Identification of a Forgotten Queen Buried in the Nimrud Tombs,” *Journal of Near Eastern Studies* 76 (2017) : 149–174.

23. Uma tigela de ouro com a inscrição do nome de Shamshi-ilu foi encontrada em um segundo sarcófago de bronze da antecâmara da Tumba III. O sarcófago continha, entre outros, os ossos de uma mulher adulta, que também poderia ser identificada como a filha de Hadianu.

24. Al-Rawi, “Inscrições”, 119–124. De referir que ainda existe alguma incerteza sobre a identificação dos esqueletos encontrados no sarcófago da Tumba II. Tracy Spurrier tratará das questões em jogo num próximo artigo.

25. Ver Capítulo 8. Objetos do sarcófago mencionam o nome do que à primeira vista parece ser ainda outra rainha, Banitu (“A Bela”), que se diz ter sido a “Mulher do Palácio de Salmaneser”. Como apenas dois corpos foram encontrados no sarcófago, foi sugerido que Banitu era na verdade idêntico a Yabâ, um nome que também poderia significar “bonito”. Se isso for correto, Yabâ teria mantido seu título de “Mulher do Palácio” sob Shalmaneser V. Também é possível, entretanto, que Banitu fosse a esposa de um Shalmaneser anterior (III ou IV), e que Yabâ ou Atalya tivesse herdado o objetos daquela mulher. Sou grato a Tracy Spurrier por discutir essas possibilidades comigo.

26. Frahm, “Questões de Família”, 179.

27. SAA 6, nº. 143.

28. SAA 4, nº. 20.

29. SAA 16, nº. 28. Para uma interpretação diferente da carta, ver Alasdair Livingstone, “Ashurbanipal: Literate or Not?,” *Zeitschrift für Assyriologie* 97 (2007): 105.

30. SAA 3, não. 8 (parcialmente restaurado e encurtado).

31. Para o papel de Sherua-etirat (“Saritra”) no conto demótico, e mais reflexões sobre a princesa, ver, mais recentemente, Frederick Mario Fales, “Saritra and the Others: A Neo-Assyrian View of Papyrus Amherst 63 ”, em *Città e parole, argilla e pietra: Studi offerti à Clelia Mora*, ed. Maria E. Balza, Paola Cotticelli Kurras, Lorenzo D'Alfonso, Mauro Giorgieri, Federico Giusfredi e Alfredo Rizza (Bari, Itália: Edipuglia, 2020), 225–251. Para um relato mais detalhado de sua missão na guerra de quatro anos que começou em 652, consulte o Capítulo 12.

32. SAA 4, nº. 321 (abreviado). SAA 4, não. 322 é uma consulta Oracle muito semelhante. Em ambas as perguntas, o autor não é nomeado, mas como Libbali-sharrat era provavelmente uma das poucas mulheres reais neo-assírias capazes de escrever em

cuneiforme, é provável que tenha sido ela quem as compôs. Lahar (se lido corretamente) pode ser um nome esotérico do deus sol.

Capítulo 11: 671 AC

1. Eckart Frahm, “Hochverrat in Assur”, em *Assur-Forschungen: Arbeiten aus der Forschungsstelle “Edition literarischer Keilschrifttexte aus Assur” der Heidelberger Akademie der Wissenschaften*, ed. Stefan M. Maul e Nils P. Heeßel (Wiesbaden: Harrassowitz, 2010), 89–139.

2. A visão estelar de Balaão é encontrada em Números 24:17. É digno de nota que em Números 22:5 e Deuteronômio 23:4, diz-se que Balaão veio de Pethor, um lugar que pode ser idêntico à cidade arameu-assíria de Pitru, na região do Médio Eufrates. Pitru foi conquistada por Salmaneser III, que estabeleceu colonos assírios na cidade e se referiu a ela pelo nome assírio Ana-Ashur-uter-asbat.

3. Para uma edição recente das inscrições reais de Esarhaddon, consulte RINAP 4. Em *Images, Power, and Politics: Figurative Aspects of Esarhaddon's Babylonian Policy* (Filadélfia: American Philosophical Society, 1993), Barbara N. Porter estuda a política babilônica de Esarhaddon. Para as campanhas militares do rei, ver, mais recentemente, Josette Elayi, *L'Empire assyrien: Histoire d'une grande civilisation de l'Antiquité* (Paris: Perrin, 2021), 213–219.

4. Jean-Jacques Glassner, *Crônicas Mesopotâmicas* (Atlanta: Sociedade de Literatura Bíblica, 2004), 201–202.

5. O pedido de desculpas de Esarhaddon foi editado em RINAP 4, 11–14. Para o contexto histórico, consulte Andrew Knapp, “The Sitz im Leben of Esarhaddon's Apology”, *Journal of Cuneiform Studies* 68 (2016): 181–195.

6. SAA 2, não. 6; Jacob Lauinger, “Tratado de Sucessão de Esarhaddon em Tell Tayinat: Texto e Comentário”, *Journal of Cuneiform Studies* 64 (2012): 87–123.

7. SAA 10, não. 185.

8. RINAP 4, 231–236: i 7–ii 18 (abreviado).

9. Ver AEA 10, n. 348 e 24.

10. Simo Parpola, *Cartas de Estudiosos Assírios aos Reis Esarhaddon e Assurbanipal*, Parte II, *Comentário e Apêndices* (Kevelaer: Butzon und Bercker, 1983), 229–236. Para a carta Urad-Nanaya, consulte SAA 10, no. 315.

11. Ver AEA 10, n. 43 e 196.

12. Ver Karen Radner, “Esarhaddon's Expedition from Palestine to Egypt in 671 BCE : A Trek Through Negev and Sinai”, em *Fundstellen: Gesammelte Schriften zur Archäologie und Geschichte Alt Vorderasiens ad honorem Hartmut Kühne*, ed. Dominik Bonatz, Rainer M. Czichon e F. Janoscha Kreppner (Wiesbaden: Harrassowitz, 2008), 305–314; Elayi, *L'Empire assyrien*, 225. Apesar do ceticismo de outros, parece-me provável que o Sha-amile na entrada da Crônica Babilônica para 674 (Glassner, *Mesopotamian Chronicles*, 208–209) seja Sile, e não a cidade com o mesmo nome no sul da Babilônia.

13. Ver RINAP 4, 87–88, e Heródoto 2.75, 3.109. Minha interpretação dessas duas passagens segue Karen Radner, “The Winged Snakes of Arabia and the Fossil Site of Makhtesh Ramon in the Negev”, *Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes* 97 (2007): 353–365.

14. Migdol é mencionado em Êxodo 14:2. Heródoto 2.159 chama a cidade de Magdalos.
15. A referência sobre arrancar as raízes de Kush é encontrada em RINAP 4, 185–186: rev. 45–46.
16. RINAP 4, 54–56. Veja também Marian H. Feldman, “Nínive a Tebas e Voltar: Arte e Política entre a Assíria e o Egito no Sétimo Século AEC”, *Iraq* 66 (2004): 141–150, e Karen Radner, “The Assyrian King and His Scholars: As escolas siro-anatólias e egípcias”, em *Of God(s), Trees, Kings, and Scholars: Neo-Assyrian and Related Studies in Honor of Simo Parpola*, ed. Mikko Luukko, Saana Svärd e Raija Mattila (Helsínquia: Sociedade Oriental Finlandesa, 2009).
17. RINAP 4, 182: obv. 13–16. Para histórias egípcias posteriores sobre o evento, consulte Kim Ryholt, “The Assyrian Invasion of Egypt in Egyptian Literary Tradition”, em *Assyria and Beyond: Studies Apresentad to Mogens Trolle Larsen*, ed. Jan G. Dercksen (Leiden: Instituto Holandês para o Oriente Próximo, 2004), 483–510.
18. Ver AEA 10, nº. 347, e Parpola, *Cartas de estudiosos assírios*, xxii–xxxii.
19. O assassinato do rei substituto está descrito na carta SAA 10, no. 350.
20. Para discussões sobre as rebeliões de 671 A.C., ver Martti Nissinen, *References to Prophecy in Neo-Assyrian Sources* (Helsinki: Neo-Assyrian Text Corpus Project, 1998), 107–153; Karen Radner, “Os Julgamentos de Esarhaddon: A Conspiração de 670 AC”, *ISIMU* 6 (2003): 165–184; Frahm, “Hochverrat em Assur”.
21. As promessas feitas por Sîn e Nusku são conhecidas no SAA 10, no. 174. A carta Nabû-rehtu-usur é editada em SAA 16, no. 59 (a tradução da última linha, parcialmente restaurada, não é totalmente certa). SAA 16, n. 60 e 61, também tratam da insurgência de Harran.
22. SAA 10, nº. 179.
23. Radner, “Julgamentos de Esarhaddon”, 168.
24. SAA 2, nº. 6, §10. A citação de John le Carré é de seu romance de 1974, *Tinker, Tailor, Soldier, Spy*.
25. Para a carta Nabû-ahhe-eriba, ver SAA 10, no. 68; pela carta de Guzana, SAA 16, no. 63. No mundo clássico, “baixar a lua” também estava associado à bruxaria. Veja Virgílio, *Éclogas*, 8.69: “Carmina vel caelo possunt deducere Lunam” (Encantos podem até trazer a lua do céu).
26. Assim, primeiro Nissinen, *References to Prophecy*, 144–150.
27. Para a entrada da crônica, consulte Glassner, *Mesopotamian Chronicles*, 202–203.
28. SAA 10, nº. 316.
29. Para um texto que parece descrever o funeral de Esarhaddon, consulte Theodore Kwasman, “A Neo-Assyrian Royal Funerary Text”, em Luukko et al., *Of God(s), Trees, Kings, and Scholars*, 111–126.

Capítulo 12: Erudito, Sádico, Caçador, Rei

1. Jamie Novotny, *Inscrições Reais Selecionadas de Assurbanipal* (Helsinki: Projeto Corpus de Texto Neo-Assírio, 2014), 96.
2. Andrew R. George, *The Babylonian Gilgamesh Epic: Introdução, Edição Crítica e Textos Cuneiformes* (Oxford: Oxford University Press, 2003), 538–539. Veja Beate Pongratz-Leisten,

Herrschaftswissen in Mesopotamien (Helsinki: Neo-Assyrian Text Corpus Project 1999), 312.

3. Novotny, *Inscrições Seleccionadas de Assurbanipal*, 97 (abreviado); RINAP 5/1, 232: i 41–51.

4. René Labat, “Un prince éclairé: Assurbanipal,” *Comptes rendus des seances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* 116, no. 4 (1972): 670–676; Sebastian Fink, “Assurbanipal, der Wirtschaftsweise: Einige Überlegungen zur mesopotamischen Preistheorie”, em *Emas non quod opus est, sed quod necesse est*, ed. Kai Ruffing e Kerstin Droß-Krüpe (Wiesbaden: Harrassowitz, 2018), 131–142; Sanae Ito, “Assurbanipal, o Humanista? O Caso de Igualdade de Tratamento”, *Boletim 23 dos Arquivos do Estado da Assíria* (2017): 67–90.

5. Este e os parágrafos seguintes baseiam-se no RINAP 5/1, 14–26, uma visão geral concisa das campanhas militares assírias que ocorreram sob Assurbanipal. Gareth Brereton, ed., *I Am Ashurbanipal, King of the World, King of Assyria* (Nova York: Thames and Hudson, 2018), lança nova luz sobre uma variedade de aspectos do reinado de Assurbanipal e inclui inúmeras imagens de obras de arte e textos da época dele.

6. RINAP 5/1, 61: ii 30–34. Para a espoliação romana dos obeliscos egípcios, consulte Susan Sorek, *The Emperors' Needles: Egyptian Obelisks and Rome* (Exeter: Bristol Phoenix Press, 2010).

7. Os experimentos linguísticos de Psamtik são conhecidos em Heródoto 2.2. Com base na observação de dois bebês recém-nascidos que não tinham interlocutores humanos, eles estabeleceram o frígio como a língua mais antiga já falada.

8. O episódio é descrito em RINAP 5/1, 41: vi 9'–13'. Uma nova edição desta difícil passagem, baseada em alguns novos manuscritos recentemente identificados, é fornecida por Tonio Mitto e Jamie Novotny em “‘Ashurbanipal, the King Who Is Resplendent Like a Bright Light’: Gyges' Dream in Ashurbanipal's E Prisms Revisited,” *Arquivos do Estado da Assíria, Boletim* 27 (2021): 133–158. De acordo com este estudo, muito provavelmente foi um tradutor profissional quem transmitiu o significado da mensagem de Gyges aos assírios, mas a lacuna no texto ainda não foi restaurada. Platão fala sobre Gyges e seu anel no segundo livro de sua *República*; Gogue é mencionado em Ezequiel 38.

9. A cronologia destes eventos não é totalmente certa e uma data anterior para a campanha de Til Tuba, possivelmente 663 AC, não está excluída. Ver Julian E. Reade e Christopher BF Walker, “Algumas inscrições reais neo-assírias”, *Archiv für Orientforschung* 28 (1982): 120–122. Para as características egípcias dos relevos de Til Tuba, consulte Marian H. Feldman, “Nineveh to Thebes and Back: Art and Politics Between Assyria and Egypt in the Seventh Century BCE”, *IRAQ* 66 (2004): 141–150.

10. RINAP 5/1, 69–70: v 49–72 (abreviado).

11. Para obter detalhes, consulte o Capítulo 17.

12. Sobre o desejo mimético e seu potencial para gerar conflito, ver René Girard, *Lavioence et le sacré* (Paris: Grasset, 1972).

13. Ver Shana Zaia, “My Brother's Keeper: Assurbanipal versus Šamaš-šuma-ukīn”, *Journal of Ancient Near Eastern History* 6 (2018): 19–52; Shana Zaia, “Tornando-se nativo: Šamaš-šuma-ukīn, rei assírio da Babilônia”, *Iraque* 81 (2019): 247–268. Para uma das inscrições sumérias imperfeitas de Shamash-shumu-ukin, consulte Thorkild Jacobsen, “Abstruse Sumerian”, em *Ah, Assyria... Studies in Assyrian History and Ancient Near Eastern*

Historiography Presented to Hayim Tadmor, ed. Mordechai Cogan e Israel Eph'al (Jerusalém: Magnes Press, 1991), 279–291.

14. SAA 21, nº. 3 (abreviado). A carta é conhecida por uma cópia de arquivo datada encontrada em Nínive. Para um relato histórico detalhado do conflito, ver Grant Frame, *Babylonia, 689–627 BC : Uma História Política* (Leiden: Instituto Holandês para o Oriente Próximo, 1992), 131–190.

15. Meu resumo do conto é baseado em Frederick Mario Fales, “Saritra and the Others: A Neo-Assyrian View of Papyrus Amherst 63,” em *Città e parole, argilla e pietra: Studi offerti à Clelia Mora*, ed. Maria E. Balza, Paola Cotticelli Kurras, Lorenzo D'Alfonso, Mauro Giorgieri, Federico Giusfredi e Alfredo Rizza (Bari, Itália: Edipuglia, 2020), 225–251.

16. RINAP 5/1, 174–175: viii 3'''–16'''.

17. RINAP 5/1, 249–261: v 126–x 39.

18. Para isto e o seguinte, consulte Elnathan Weissert, “Royal Hunt and Royal Triumph in a Prism Fragment of Ashurbanipal (82-5-22,2),” na *Assíria 1995*, ed. Simo Parpola e Robert Whiting (Helsínquia: Projeto Neo-Assyrian Text Corpus, 1997), 339–358; Julian E. Reade, “The Assyrian Royal Hunt,” em *I Am Ashurbanipal, King of the World, King of Assyria*, ed. Gareth Brereton (Nova York: Thames and Hudson, 2018), 52–79.

19. Weissert, “Caça Real”, 355.

20. Para obter mais informações sobre as caçadas ao urso de Ceaușescu, consulte David Quammen, “The Bear Slayer”, *Atlantic*, julho/agosto de 2003, www.theatlantic.com/magazine/archive/2003/07/the-bear-slayer/302768.

21. RINAP 5/1, 77: viii 13–15.

22. RINAP 5/1, 58: i 35–36; SAA 3, não. 25. Os equivalentes modernos dados para as medições antigas pressupõem que Assurbanipal usou o padrão “leve” em vez do padrão “pesado”, o que não é certo.

23. SAA 10, nº. 100.

24. Gerfrid GW Müller, “Zur Entwicklung von Preisen und Wirtschaft na Assíria im 7. Jh. v. Chr.,” em *Von Sumer nach Ebla und zurück: Festschrift Giovanni Pettinato zum 27. setembro 1999 gewidmet von Freunden, Kollegen und Schülern*, ed. Hartmut Waetzoldt (Heidelberg: Heidelberger Orientverlag, 2004), 209. Para o documento de Calah, consulte Suzanne Herbordt, Raija Mattila, Barbara Parker, John Nicholas Postgate e Donald J. Wiseman, Documents from the Nabu Temple and from Private Houses on *the Citadel*, Textos Cuneiformes de Nimrud 6 (Londres: Instituto Britânico para o Estudo do Iraque, 2019), no. 66.

25. Austen Henry Layard, *Discoveries in the Ruins of Nineveh and Babylon* (Londres: John Murray, 1853), 345. Para o seguinte, ver, mais recentemente, Irving Finkel, “Assurbanipal's Library: An Overview,” em *Libraries Before Alexandria: Tradições Antigas do Oriente Próximo*, ed. Kim Ryholt e Gojko Barjamovic (Oxford: Oxford University Press, 2019), 367–389.

26. Para uma introdução à arte mesopotâmica de adivinhação, ver Stefan Maul, *Die Wahrsagekunst im Alten Orient: Zeichen des Himmels und der Erde* (Munique: Beck, 2013).

27. Wilfred H. van Soldt, *Presságios Solares de Enuma Anu Enlil: Comprimidos 23 (24)–29 (30)* (Leiden: Instituto Holandês para o Oriente Próximo, 1995), 46–47: ii 1–2. Para comentários cuneiformes em geral, consulte Eckart Frahm, *Babylonian and Assyrian Commentaries: Origins of Interpretation* (Münster: Ugarit-Verlag, 2011).

28. Ver “The Poor Man of Nippur—World's First Film in Babylonian”, YouTube, publicado por Cambridge Archaeology, 26 de novembro de 2018, www.youtube.com/watch?v=pxYoFlnJLoE.

29. Grant Frame e Andrew R. George, “The Royal Libraries of Nineveh: New Evidence for King Ashurbanipal's Tablet Collecting,” *Iraq* 67 (2005): 265–284 (a citação, abreviada aqui, está na p. 275). Veja também Eckart Frahm, “Sobre algumas cópias babilônicas tardias de cartas reais publicadas recentemente”, *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires* 2005, no. 43.

30. Para a citação e sua relevância para a imagem de Assurbanipal, veja Eckart Frahm, “The Exorcist's Manual: Structure, Language, Sitz im Leben,” em *Sources of Evil: Studies in Mesopotamian Exorcistic Lore*, ed. Greta Van Buylaere, Mikko Luukko, Daniel Schwemer e Avigail Mertens-Wagschal (Leiden: Brill, 2018), 39 (abreviado).

31. A citação da carta de Assurbanipal é de Frame e George, “Royal Libraries”, 275: linhas 28–32. A carta é conhecida por uma cópia da Babilônia tardia que pode ou não refletir com precisão o que Assurbanipal havia escrito originalmente. Para o “booknapping” de Tukulti-Ninurta, consulte o Capítulo 2.

32. Esta é a tese de David Brown em *Mesopotamian Planetary Astronomy-Astrology* (Groningen, Holanda: Styx, 2000).

33. Sobre a caneta de Assurbanipal, ver Ursula Seidl, “Assurbanipals Griffel,” *Zeitschrift für Assyriologie* 97 (2007): 119–124. As cartas de Balasî e Nabû-ahhe-eriba estão publicadas em SAA 10, nos. 44 e 58, e SAA 16, n.º. 19. Para a questão de quão bem Assurbanipal sabia ler e escrever, ver Alasdair Livingstone, “Ashurbanipal: Literate or Not?,” *Zeitschrift für Assyriologie* 97 (2007): 98–118 (citação na p. 107).

34. RINAP 5/1, 129–130: vii 47–47'; 255: viii 11–13.

35. RINAP 5/1, 243: iv 28–29; Rykle Borger, *Beiträge zum Inschriftenwerk Assurbanipals* (Wiesbaden: Harrassowitz, 1996), 333–334. A metáfora da barba é, reconhecidamente, também conhecida a partir de alguns textos de outras épocas.

36. Que a cabeça da árvore é de Teumman é a opinião mais difundida, mas ver Natalie N. May, “Neo-Assyrian Women: Their Visibility, and Their Representation in Written and Pictorial Sources”, em *Studying Gender in the Ancient Near East*, ed. Saana Svärd e Agnès Garcia-Ventura (University Park, PA: Eisenbrauns, 2018), 260, para uma visão diferente.

37. Ver RINAP 5/1, 30–31.

38. Para a lenda grega de Sardanapallus, consulte o Capítulo 17.

Capítulo 13: Vida Cotidiana no Império

1. SAA 15, n.º. 4.

2. Para os poços perto de Khinis, consulte Kawa Omar, “Wine Press Dating Back 2,700 Years Discovered in Northern Iraq”, Reuters, 1 de novembro de 2021, www.reuters.com/world/middle-east/wine-press-dating-voltar-2.700-anos-descoberto-norte-iraque-2021-11-01. Para as tentativas de Senaqueribe de cultivar algodão, ver, por exemplo, RINAP 3/1, 142: vii 56.

3. Ver Karen Radner, “Como o rei neo-assírio percebeu sua terra e seus recursos?”, em *Rainfall and Agriculture in Northern Mesopotamia*, ed. Remko M. Jas (Leiden: Instituto Holandês para o Oriente Próximo, 2000), 233–246.

4. Andrew R. George e Junko Taniguchi, “Os Cães de Ninkilim, Parte Dois: Rituais Babilônicos para Combater Pragas de Campo”, *Iraque* 72 (2010): 85.

5. SAA 1, não. 104. Ver Karen Radner, “Fressen und gefressen werden: Heuschrecken als Katastrophe und Delikatesse im Alten Vorderen Orient”, *Altorientalische Forschungen* 34 (2004): 17–18.

6. AEA 13, n. 19 e 20.

7. Para a arquitetura doméstica de Ashur, ver Peter Miglus, *Das Wohngebiet von Assur: Stratigraphie und Architektur* (Berlim: Gebrüder Mann, 1996); para a “Casa Vermelha” em Dur-Katlimmu, Janoscha Kreppner, “Neuassyrische palatiale Architektur urbaner Eliten: Das Rote Haus von Dūr-Katlimmu,” em *Der Palast im antiken und islamischen Orient*, ed. Dirk Wicke (Wiesbaden: Harrassowitz, 2019), 91–108.

8. Ver Karen Radner, *Die neuassyrischen Privatrechtsurkunden als Quelle für Mensch und Umwelt* (Helsinki: Neo-Assyrian Text Corpus Project, 1997), 14–18.

9. Heather D. Baker, *Especialistas Neo-Assírios: Artesanato, Escritórios e Outras Designações Profissionais* (Helsínquia: Projeto Corpus de Texto Neo-Assírio, 2017).

10. Ver Karen Radner, “Diglossia and the Neo-Assyrian Empire's Akkadian and Aramaic Text Production”, em *Multilingualism in Ancient Contexts: Perspectives from Ancient Near Eastern and Early Christian Contexts*, ed. Louis C. Jonker, Angelika Berlejung e Izak Cornelius (Stellenbosch, África do Sul: African Sun Media, 2021), 161–162, 170.

11. Naum 3:16.

12. Karen Radner, “Economia, Sociedade e Vida Diária no Período Neo-Assírio”, em *Um Companheiro para a Assíria*, ed. Eckart Frahm (Malden, MA: Wiley, 2017), 224–226.

13. SAA 16, nº. 89.

14. A citação de Urad-Gula é do SAA 10, no. 294 (abreviado).

15. Gershon Galil, *As Famílias do Estrato Inferior no Período Neo-Assírio* (Leiden: Brill, 2007).

16. Andrew R. George, “A Elegia Assíria: Forma e Significado”, em *Abrindo a Caixa de Tabletes: Estudos do Oriente Próximo em Honra a Benjamin R. Foster*, ed. Sarah Melville e Alice Slotsky (Leiden: Brill, 2010), 203–216. A tradução de George, reproduzida fielmente aqui, é menos literal do que aquela oferecida em SAA 3, no. 15.

17. SAA 10, nº. 187.

18. Walter Farber, *Lamaštu: uma edição da série canônica de encantamentos e rituais de Lamaštu e textos relacionados do segundo e primeiro milênios AC* (Lago Winona, IN: Eisenbrauns, 2014), 157.

19. Ver Nils P. Heeßel, *Pazuzu: Archäologische und philologische Untersuchungen zu einem altorientalischen Dämon* (Leiden: Brill, 2002). Embora a iconografia de Pazuzu pareça ter sido inspirada na de Bes (que também está associado ao parto), o nome e o personagem de Pazuzu podem ter raízes internas da Mesopotâmia, para as quais consulte Eckart Frahm, “A Tale of Two Lands and Two Thousand Years : As Origens de Pazuzu”, em *Medicina e Magia Mesopotâmica: Estudos em Honra a Markham J. Geller*, ed. Strahil V. Panayotov e Luděk Vacín (Leiden: Brill, 2018), 272–291.

20. Para uma edição das “canções de ninar” mesopotâmicas, ver Walter Farber, *Schlaf, Kindchen, schlaf! Mesopotamische Baby-Beschwörungen und -Rituale* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1989).

21. Markham J. Geller, “Freud and Mesopotamian Magic”, em *Magia Mesopotâmica: Perspectivas Textuais, Históricas e Interpretativas*, ed. Tzvi Abusch e Karel Van Der Toorn (Leiden: Brill, 1999), 54. Para uma nova edição dos rituais de potência da Mesopotâmia, consulte Gioele Zisa, *The Loss of Male Sexual Desire in Ancient Mesopotamia: “Nīš Libbi” Therapies* (Berlin: De Gruyter, 2021).

22. Ulla Koch-Westenholz, *Babylonian Liver Omens* (Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2000), 33, 106.

23. Wilfred G. Lambert, *Literatura de Sabedoria Babilônica* (Oxford: Oxford University Press, 1960), 146–147.

24. Em latim: *domum servavit, lanam fecit*.

25. SAA 10, nº. 191.

26. Ver Heather Baker, “Slavery and Personhood in the Neo-Assyrian Empire”, em *On Human Bondage: After Slavery and Social Death*, ed. John Bodel e Walter Scheidel (Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2017), 15–30, esp. 21–24; Radner, “Economia, Sociedade e Vida Diária”, 223–224. Para escravos no período neo-assírio em geral, ver também Simonetta Ponchia, “Slaves, Serfs, and Prisoners in Imperial Assyria (IX to VII Cent. BC): A Review of Written Sources,” *State Archives of Assyria Bulletin* 23 (2017): 157–179.

27. SAA 15, nº. 74.

28. SAA 16, nº. 105.

29. Ver Erica Reiner, “Runaway—Seize Him”, em *Assyria and Beyond: Studies Apresentad to Mogens Trolle Larsen*, ed. Jan G. Dercksen (Leiden: Instituto Holandês para o Oriente Próximo, 2004), 475–482.

30. Ver Ponchia, “Escravos, Servos e Prisioneiros”, 173; SAA 1, não. 21.

31. Greta Van Buylaere, “A tradição secreta dos estudiosos”, em *Leggo! Estudos apresentados a Frederick Mario Fales por ocasião de sua 65º aniversário*, ed. Giovanni B. Lanfranchi, Daniele Morandi Bonacossi, Cinzia Pappi e Simonetta Ponchia (Wiesbaden: Harrassowitz, 2012), 859–860.

32. Sally M. Freedman, *Se uma cidade estiver situada em uma altura: a série acadiana de presságios šumma ālu ina mēlê šakin*, vol. 1, *comprimidos 1–21* (Filadélfia: Museu da Universidade da Pensilvânia, 1998), 33–34 (tradução não absolutamente certa) e vol. 3, *comprimidos 41–46* (Lago Winona, IN: Eisenbrauns, 2017), 41–49; Eckart Frahm, *Comentários Babilônicos e Assírios: Origens da Interpretação* (Münster: Ugarit-Verlag, 2011), 41.

33. Gojko Barjamovic, Patricia Jurardo Gonzalez, Chelsea A. Graham, Agnete W. Lassen, Nawal Nasrallah e Pia Sørensen, “Food in Ancient Mesopotamia: Cooking the Yale Babylonian Culinary Recipes,” em *Ancient Mesopotamia Speaks: Highlights of the Yale Babylonian Coleção*, ed. Agnete W. Lassen, Eckart Frahm e Klaus Wagonsonner (New Haven, CT: Yale Peabody Museum of Natural History, 2019), 113. Ver, além disso, Georges Contenau, *La vie quotidienne à Babylone et en Assyrie* (Paris: Hachette, 1950), 309 (no original a citação diz: “On ne voit pas rire le Mésopotamien; il ne semble pas connaître le délassement”); Enrique Jiménez, “Two Foxy Notes”, em *O Terceiro Milênio: Estudos na Mesopotâmia Primitiva e na Síria em homenagem a Walter Sommerfeld e Manfred Krebern timer*, ed. Ilya Arkhipov, Leonid

Kogan e Natalia Koslova (Leiden: Brill, 2020), 333–334; e Maddalena Rumor, “Não há tolo como um velho tolo: o *Aluzinnu mesopotâmico* e sua relação com o *Alazôn grego*”, *Kaskal* 14 (2017): 187–210.

34. Barjamovic et al., “Comida na Antiga Mesopotâmia”, 111–113.

35. Ver Stefan M. Maul, “Der Kneipenbesuch als Heilverfahren”, em *La circulation des biens, des personnes et des idées dans le Proche-Orient ancien. Actes de la XXXVIIIe Rencontre Assyriologique Internationale (Paris, 8–10 julho 1991)*, ed. Dominique Charpin e François Joannès (Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1992), 389–396; SAA 16, não. 115; SAA 1, não. 154.

36. SAA 3, nº. 30; tradução de Nicla De Zorzi, “Rude Remarks Not Fit to Smell”, em *Sounding Sensory Profiles in the Ancient Near East*, ed. Annette Schellenberg e Thomas Krüger (Atlanta: SBL Press), 227.

37. Ver Karen Radner, “A relação recíproca entre juiz e sociedade no período neo-assírio”, *Maarav* 12 (2005): 41–68; Betina Faist, *Assyrische Rechtsprechung im 1. Jahrtausend v.* (Münster: Zaphon, 2020).

38. SAA 13, nº. 26.

39. Para uma visão geral das principais unidades do exército Neo-Assírio, e como elas mudaram ao longo do tempo, ver Tamás Dezső, *The Assyrian Army*, vol. 2, *Recrutamento e Logística* (Budapeste: Eötvös University Press, 2016).

40. Henry Stadhouders e Strahil V. Panayotov, “Do espanto à audácia: estratégias para abordar autoridades com sucesso. The Istanbul Egalkura Tablet A 373,” em *Medicina e Magia Mesopotâmica: Estudos em Honra a Markham J. Geller*, ed. Strahil V. Panayotov e Luděk Vácín (Leiden: Brill, 2018), 632–633. O peticionário teve que recitar este encantamento três vezes antes de entrar no palácio.

Capítulo 14: Crepúsculo Imperial

1. Ver David Stronach, “Notas sobre a Queda de Nínive”, na *Assíria 1995*, ed. Simo Parpola e Robert M. Whiting (Helsínquia: Projeto Neo-Assyrian Text Corpus, 1997), 307–324; Diana Pickworth, “Escavações em Nínive: O Portão Halzi”, *Iraque* 67 (2005): 295–316. A equipe da UC Berkeley presumiu que era o Portão Halzi que eles haviam escavado, mas Julian E. Reade, em “The Gates of Nineveh”, *State Archives of Assyria Bulletin* 22 (2016): 39–93, esp. 58–72, argumentou que o portão em questão é na verdade o Portão Shamash (embora ele o chame de “Portão Enlil”, para distingui-lo do próximo portão elaboradamente restaurado mais ao norte, que é conhecido como Portão Shamash desde o século XIX). década de 1960).

2. A observação de Garelli diz, na íntegra, “L'écroulement de l'Empire assyrien, qui suit de près le triomphe de son plus grand souverain, est souvent considéré comme un escândalo histórico”. Paul Garelli e André Lemaire, *Le Proche-Orient asiatique*, vol. 2, *Les Empires mésopotamiens, Israël*, 3ª ed. (Paris: Presses Universitaires de France, 1997), 123.

3. Rocío Da Riva, *As Inscrições de Nabopolassar, Amēl-Marduk e Neriglissar* (Berlim: De Gruyter, 2013), 81.

4. A Crônica Babilônica é citada a seguir após A. Kirk Grayson, *Assyrian and Babylonian Chronicles* (Locust Valley, NY: J. J. Augustin, 1975), 87–98, e Jean-Jacques Glassner, *Mesopotamian Chronicles* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004), 214–225.

5. Para os últimos anos de Assurbanipal, consulte o Capítulo 12; para os ataques citas, Karl Jansen-Winkel, “Psametik I., die Skythen und der Untergang des Assyriereiches,” *Orientalia Nova Series* 88 (2019): 238–266, esp. 247–250, e discussão adicional abaixo.

6. AEA 12, n. 35 e 36 (abreviado). O seguinte relato baseia-se principalmente em Andreas Fuchs, “Die unglaubliche Geburt des neubabylonischen Reiches oder: Die Vernichtung einer Weltmacht durch den Sohn eines Niemand,” in *Babylonien und seine Nachbarn in neu- und spätbabylonischer Zeit*, ed. Manfred Krebernik e Hans Neumann (Münster: Ugarit-Verlag, 2014), 26–71, e John MacGinnis, “A Queda da Assíria e as Consequências do Império”, em *Eu Sou Assurbanipal, Rei do Mundo, Rei da Assíria*, Ed. Gareth Brereton (Nova York: Thames and Hudson, 2018), 276–285.

7. Glassner, *Crônicas Mesopotâmicas*, 214–215.

8. Para outro chefe eunuco assírio tentando, sem sucesso, tomar o poder real, consulte o Capítulo 11.

9. Michael Jursa, “Die Söhne Kudurrus und die Herkunft der neubabylonischen Dynastie”, *Revue d'Assyriologie* 101 (2006): 125–136.

10. Rocío Da Riva, “A figura de Nabopolassar na tradição historiográfica aquemênida tardia e helenística: BM 34793 e CUA 90,” *Journal of Near Eastern Studies* 76 (2017): 83 (abreviado).

11. Da Riva, “Figura de Nabopolassar”, 82. Como o inimigo assassinado é identificado apenas pelo seu título, não pelo seu nome, não é completamente certo que a passagem seja realmente sobre Sîn-shumu-lishir. Alguns estudiosos sugeriram que Sîn-shumu-lishir já havia morrido por volta de 627 AEC.

12. Dado que os reinos envolvidos não eram Estados-nação no sentido moderno, o termo é, reconhecidamente, ligeiramente anacrônico.

13. Para a organização política dos medos, ver, mais recentemente, Robert Rollinger, “The Medes of the 7th and 6th c. AC : Um Império de Curto Prazo ou Melhor uma Confederação de Curto Prazo?,” em *Impérios de Curto Prazo na História Mundial*, ed. Robert Rollinger, Julian Degen e Michael Gehrer (Wiesbaden: Springer Fachmedien, 2020), 189–213.

14. Ver Stuart C. Brown, “Media and Secondary State Formation in the Neo-Assyrian Zagros: An Anthropological Approach to an Assyriological Problem”, *Journal of Cuneiform Studies* 38 (1986): 107–119.

15. Ver Peter Miglus, “Die letzten Tage von Assur und die Zeit danach”, *ISIMU* 3 (2000): 85–99; Peter Miglus, “Assyrien im Untergang: Das Jahr 614 v. und der archäologische Befund”, em *Befund und Historisierung: Dokumentation und ihre Interpretationsspielräume*, ed. Sandra Heinsch, Walter Kuntner e Robert Rollinger (Turnhout, Bélgica: Brepols, 2021), 7–19.

16. A presença de árabes é sugerida por Diodoro 2.24.5; para o papel dos elamitas na conquista de Nínive, ver Fuchs, “Unglaubliche Geburt”, 49.

17. Pamela Gerardi, “Declaring War in Mesopotamia”, *Archiv für Orientforschung* 33 (1986): 30–38 (parcialmente restaurado e abreviado).

18. Para a carta Sîn-sharru-ishkun, consulte Wilfred G. Lambert, “Carta de Sîn-šarra-iskun para Nabopolassar”, em *Textos Cuneiformes no Museu Metropolitano de Arte II: Textos Literários e Escolásticos do Primeiro Milênio AC*, ed. Ira Spar e Wilfred G. Lambert (Nova York: Metropolitan Museum of Art e Brepols, 2005), 203–210. Ambas as cartas serão reeditadas em um próximo estudo de Mary Frazer.

19. Rykle Borger, *Beiträge zum Inschriftenwerk Assurbanipals* (Wiesbaden: Harrassowitz, 1996), 54–55, K 3062+; Fuchs, “Unglaubliche Geburt”, 49.

20. Joan Oates e David Oates, *Nimrud: Uma Cidade Imperial Assíria Revelada* (Londres: Escola Britânica de Arqueologia no Iraque, 2001), 65–68, 103–104.

21. Simo Parpola, “Textos Cuneiformes de Ziyaret Tepe (Tuš ḫ an) 2002–2003,” *Arquivos do Estado da Assíria Boletim* 17 (2008): 86–87 (parcialmente restaurado e abreviado).

22. Para os últimos dias de Tushhan e reflexões sobre a carta de Mannu-ki-Libbali, ver Karen Radner, “An Imperial Communication Network: The State Correspondence of the Neo-Assyrian Empire,” em *State Correspondence in the Mundo Antigo: Do Novo Reino do Egito ao Império Romano*, ed. Karen Radner (Oxford: Oxford University Press, 2014), 83, 225; John MacGinnis, “Textos Médios e Neo-Assírios da Anatólia”, em *Os Assírios: Reino do Deus Aššur do Tigre a Touro*, ed. Kemalettin Köroğlu e Selim F. Adalı (Istambul: Yapı Kredi Yayınları, 2018), 215–221.

23. Ver Karen Radner, “Late Emperor or Crown Prince Forever? Aššur-uballi ʾ II da Assíria de acordo com fontes de arquivo”, em *Fontes Neo-Assírias em Contexto*, ed. Shigeo Yamada (Helsínquia: Projeto Neo-Assyrian Text Corpus, 2018), 135–142. Um documento de Dur-Katlimmu que foi redigido após a perda do coração assírio refere-se à “aliança do príncipe herdeiro” em vez de, como seria habitual, à “aliança do rei”, e um texto da mesma época O período de Guzana revela que o marechal de campo de Ashur-uballit tinha o nome de Nabû-mar-sharri-usur, que significa “Ó Nabû, proteja o príncipe herdeiro”. O nome deve ter sido atribuído a ele, com referência a Ashur-uballit II, logo após este último ter assumido seu cargo em Harran.

24. Para uma edição do documento, consulte Koray Toptaş e Faruk Akyüz, “A Neo-Assyrian Sale Contract from the Province of the Chief Cupbearer (*rab-šāqê*) Kept at the Hasankeyf Museum (Batman),” *Zeitschrift für Assyriologie* 111 (2021): 77–87. Para a identificação de Ubakisteri como governante mediano, ver Michael Roaf, “Cyaxares in Assyria,” *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires* 2021, no. 118.

25. Para o termo “Guerra Mundial” para os eventos que levaram à queda do Império Assírio, ver Karen Radner, “Império Neo-Assírio”, em *Imperien und Reiche in der Weltgeschichte*, ed. Michael Gehler e Robert Rollinger (Wiesbaden: Harrassowitz, 2014), 111.

26. Ver John Curtis, “The Assyrian Heartland in the Period 612–539 BC”, em *Continuity of Empire (?): Assyria, Media, Persia*, ed. Giovanni B. Lanfranchi, Michael Roaf e Robert Rollinger (Pádua, Itália: SARGON Editrice e Libreria, 2003), 157–168. Uma placa de argila com inscrição cuneiforme no que parece ser um almanaque astronômico foi encontrada por arqueólogos japoneses em um contexto helenístico em Tell Fisna, cerca de 40 quilômetros (25 milhas) ao norte de Mosul. Ver Jeremy Black, “Escrita Cuneiforme Helenística da Assíria: A Tabuleta de Tell Fisna”, *Al-Rafīdan* 18 (1997): 229–238. Em vez de ser um testemunho de uma tradição contínua de escrita cuneiforme no norte, porém, ela provavelmente deveria ser considerada uma importação do sul da Babilônia, como argumenta David Brown em “Increasingly Redundant: The Growing Obsolescence of the Cuneiform Script in Babylonia from 539 BC,” em *O desaparecimento dos sistemas de escrita*, ed. John Baines, John Bennet e Stephen Houston (Londres: Equinox, 2008), 96–97. Para a sobrevivência de certas características da cultura assíria e memórias do colapso assírio na tradição posterior, consulte os capítulos 15 e 17.

27. Adam W. Schneider e Selim Adalı, “‘Nenhuma colheita foi colhida’: Fatores Demográficos e Climáticos no Declínio do Império Neo-Assírio”, *Mudança Climática* 127 (2014): 435–346.

28. Ashish Sinha, Gayatri Kathayat, Harvey Weiss, Hanying Li, Hai Cheng, Justin Reuter, Adam W. Schneider, et al., “Papel do Clima na Ascensão e Queda do Império Assírio”, *Science Advances* 5, no. 11 (novembro de 2019).

29. Jansen-Winkel, “Skythen”, baseado em Heródoto 1.103–106.

30. Para obter detalhes, consulte o Capítulo 5.

31. Para provas de documentos económicos, ver Gerfrid GW Müller, “Zur Entwicklung von Preisen und Wirtschaft in Assyrien im 7. Jh. v. Chr.”, em *Von Sumer nach Ebla und zurück: Festschrift Giovanni Pettinato zum 27. setembro 1999 gewidmet von Freunden, Kollegen und Schülern*, ed. Hartmut Waetzoldt (Heidelberg: Heidelberg Orientverlag, 2004), 189, bem como o Capítulo 12. Para a situação em Ashur, consulte Miglus, “Die letzten Tage von Assur”, 89.

32. Para uma edição do texto Shulgi, ver Eckart Frahm, “Schulgi Sieger über Assur und die Skythen?”, *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires* 2006, no. 25.

33. Para a lei dos “rendimentos decrescentes” na política, ver Joseph Tainter, *The Collapse of Complex Societies* (Cambridge: Cambridge University Press, 1988).

34. Radner, “Império Neo-Assírio”, 109. Para os epônimos, consulte RINAP 5/1, 31–32, e Raija Mattila, “The Chief Singer and Other Late Eponyms”, em *Of God(s), Trees, Reis e estudiosos: estudos neo-assírios e relacionados em homenagem a Simo Parpola*, ed. Mikko Luukko, Saana Svärd e Raija Mattila (Helsínquia: Sociedade Oriental Finlandesa, 2009), 159–166. Análise adicional é encontrada nos Capítulos 11, 12 e 17.

35. Para o termo “império sem missão”, ver Ariel Bagg, “Palestine Under Assyrian Rule: A New Look at the Assyrian Imperial Policy in the West”, *Journal of the American Oriental Society* 133 (2013): 129–132.

Capítulo 15: O Legado da Assíria no Terreno

1. Anábase 2.4.28, 3.4.7–9 (abreviado) e 3.4.10–11.

2. Para obter detalhes sobre os assentamentos pós-imperiais no coração da Assíria, consulte Julian E. Reade, “Greco-Parthian Nineveh,” *Iraq* 60 (1998): 65–83, e John Curtis, “Nineveh in the Achaemenid Period,” em *Nínive, a Grande Cidade: Símbolo de Poder e Beleza*, ed. Lucas D. Petit e Daniele Morandi Bonacossi (Leiden: Sidestone Press, 2017), 253–255. O Calachene é mencionado, entre outros, por Estrabão (16.1.1). Em “The Terms ‘Assyria’ and ‘Syria’ Again”, *Journal of Near Eastern Studies* 65 (2006): 283–287, Robert Rollinger discute as origens do topônimo “Síria”. A citação de Tennyson é de seu poema “Ulisses”.

3. Para o termo “pós-imperial”, ver Stefan R. Hauser, “Post-Imperial Assyria,” em *A Companion to Assyria*, ed. Eckart Frahm (Malden, MA: Wiley, 2017), 229–246, esp. 229. Para o período em geral e referências bibliográficas adicionais, ver *ibid.*, *passim*.

4. Michael Jursa, “Observações sobre o problema do ‘Império’ Mediano com base nas fontes babilônicas”, em *Continuidade do Império (?): Assíria, Mídia, Pérsia*, ed. Giovanni B. Lanfranchi, Michael Roaf e Robert Rollinger (Pádua, Itália: SARGON Editrice e Libreria, 2003), 173.

5. Para a arqueologia do Templo A, consulte Peter Miglus, “Das letzte Staatsarchiv der Assyrier”, em *Von Uruk nach Tuttul — Eine Festschrift für Eva Strommenger*, ed. Bartel Hrouda, Stephan Kroll e Peter Z. Spanos (Munique: Profil Verlag, 1992), 135–142.

6. Assim, Eckart Frahm, *Historische und historisch-literarische Texte*, Keilschrifttexte aus Assur literarischen Inhalts III (Wiesbaden: Harrassowitz, 2009), 9.

7. Karen Radner, “O ‘Período do Segundo Templo’ de Assur: A Restauração do Culto de Aššur, c. 538 AC”, em *Herrschaftslegitimation in vorderorientalischen Reichen der Eisenzeit*, ed. Christoph Levin e Reinhard Müller (Tübingen: Mohr Siebeck, 2017), 77–96. A citação (abreviada) do Cilindro de Cyrus (linhas 30–32) é de Hanspeter Schaudig, “Zum Tempel ‘A’ in Assur: Zeugnis eines Urbizids,” em *Grenzüberschreitungen: Studien zur Kulturgeschichte des Alten Orients*, ed. Kristin Kleber, Georg Neumann e Susanne Paulus (Münster: Zaphon, 2018), 624–625. Para mais informações sobre os assírios em Uruk, consulte o Capítulo 16.

8. Schaudig, “Tempel ‘A’ em Assur”, 621–636.

9. Hauser, “Assíria Pós-Imperial”, 234–235. Consulte também o Capítulo 14.

10. Para o governador de Guzana, consulte Jursa, “Observações”, 173; para a situação em Edessa, Lucinda Dirven, “The Exaltation of Nabû,” *Die Welt des Orients* 28 (1997): 113n71. Analisei as tradições assírias preservadas em Nappigi/Hierápolis em “Of Doves, Fish, and Goddesses: Reflections on the Literary, Religious, and Historical Background of the Book of Jonah”, em *Sibyls, Scriptures, and Scrolls: John Collins at Seventy*, Ed. Joel Baden, Hindy Najman e Eibert JC Tigchelaar (Leiden: Brill, 2016), 432–450, esp. 443–447. Para discussão adicional, consulte os Capítulos 4 e 16.

11. Bisitun, persa ii.90.

12. Hauser, “Assíria Pós-Imperial”, 230–231, com literatura adicional.

13. Veja Reade, “Nínive Greco-Parta”; Julian Reade, “Mais sobre Adiabene”, *Iraque* 63 (2001): 188–193.

14. A citação de Plínio é de sua *Naturalis Historia* 5.13.

15. Ver Simo Parpola, “Identidade Nacional e Étnica no Império Neo-Assírio e Identidade Assíria nos Tempos Pós-Império”, *Journal of Assyrian Academic Studies* 18, no. 2 (2004): 18–21; Karen Radner, *Assíria Antiga: Uma Introdução Muito Breve* (Oxford: Oxford University Press, 2015), 19–20. O fato de Ashur ser chamado de Labbana na época parta permanece contestado, já que o antigo nome da cidade, traduzido como ‘*twr*’, ainda é encontrado em fontes siríacas. Para discussão e literatura, consulte Michał Marciak, *Sophene, Gordyene e Adiabene: Three Regna Minora do Norte da Mesopotâmia entre o Oriente e o Ocidente* (Leiden: Brill, 2017), 316–317, com n. 326.

16. Para os nomes pessoais, consulte Alasdair Livingstone, “Remembrance at Ashur: The Case of the Dated Aramaic Memorials”, em *Of God(s), Trees, Kings, and Scholars: Neo-Assyrian and Related Studies in Honor of Simo Parpola*, ed. Mikko Luukko, Saana Svärd e Raija Mattila (Helsínquia: Sociedade Oriental Finlandesa, 2009), 151–158, esp. 153–154. Para evidências de continuidade linguística na Assíria pós-imperial, ver Frederick Mario Fales, “Neo-Assyrian”, em *History of the Akkadian Language*, ed. Juan-Pablo Vita (Leiden: Brill, 2021), 2:1347–1395, esp. 1348, com literatura adicional.

17. Livingstone, “Remembrance at Ashur”, 155. Os textos relevantes foram editados por Klaus Beyer, *Die aramäischen Inschriften aus Assur, Hatra und dem übrigen Ostmesopotamien (datiert 44 v. bis 238 n. Chr.)* (Göttingen: Vandenhoeck e Ruprecht, 1998), 11–25. Para o Festival Akitu em Ashur Neo-Assírio, consulte o Capítulo 9.

18. Livingstone, “Memória em Ashur”, 155–157.
19. Hauser, “Assíria Pós-Imperial”, 241.
20. Para uma história atualizada de Adiabene, consulte Marciak, *Sophene, Gordyene e Adiabene*, 257–418.
21. Marciak, *Sophene, Gordyene e Adiabene*, 285–286, com literatura adicional. Para Assurbanipal confiar em uma mensagem profética enviada por Ishtar de Arbela, consulte o Capítulo 12.
22. Tawny L. Holm, “Memórias de Senaqueribe na Tradição Aramaica”, em *Senaqueribe nos Portões de Jerusalém: História, História e Historiografia*, ed. Isaac Kalimi e Seth Richardson (Leiden: Brill, 2014), 315–317.
23. Holm, “Memórias de Senaqueribe”, 319–322.
24. Para uma história atualizada da Igreja do Oriente, ver Christine Chaillot, *L'Église assyrienne de l'Orient—Histoire bimillénaire et géographie mondiale* (Paris: Editions L'Harmattan, 2020). Para Lâbasi, consulte o Capítulo 14.
25. Austen Henry Layard, *Nínive e seus restos mortais* (Londres: John Murray, 1849), 1:215–216. Para análise, consulte Aaron M. Butts, “Assyrian Christians”, em Frahm, *Companion to Assyria*, 599–612.
26. Para os acontecimentos que levaram à dizimação das minorias cristãs da Turquia entre 1894 e 1924, ver Benny Morris e Dror Ze'evi, *The Thirty-Year Genocide: Turkey's Destruction of Its Christian Minorities* (Boston: Harvard University Press, 2019).
27. Para uma foto da estátua, veja também Butts, “Assyrian Christians”, 606. Embora algumas claramente o sejam, nem todas as alegações relativas a ligações diretas entre os assírios antigos e modernos são baseadas em evidências. Para as “guerras da Wikipédia” entre adeptos do movimento moderno “Assírio”, que enfatiza a continuidade entre o passado e o presente, e vozes mais céticas, ver, entre outros, “Talk: Assyrian Continuity”, Wikipedia, https://en.wikipedia.org/wiki/Talk:Assyrian_continuity, acessado em 31 de dezembro de 2020. Que os conceitos teológicos centrais do Cristianismo, como a ideia da Trindade ou a salvação da alma, têm raízes na religião oficial da Assíria imperial (assim Simo Parpola, *Profecias Assírias* [Helsinki: Helsinki University Press, 1997], XIII–CVIII) parece improvável.

Capítulo 16: Um Império Modelo

1. Mario Liverani, *Assíria: A Missão Imperial* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2017), 258.
2. Peter Bedford, “O Império Neo-Assírio”, em *The Dynamics of Ancient Empires*, ed. Ian Morris e Walter Scheidel (Oxford: Oxford University Press, 2009), 47.
3. Para uma visão geral atualizada dos impérios mundiais desde a antiguidade até o presente, ver Peter F. Bang, CA Bayly, e Walter Scheidel, eds., *The Oxford World History of Empire*, 2 vols. (Oxford: Oxford University Press, 2021).
4. Ver Rocío Da Riva, “Assyrians and Assyrian Influence in Babylonia (626–539 BCE)”, em *From Source to History: Studies on Ancient Near Eastern Worlds and Beyond Dedicated to Giovanni Battista Lanfranchi por ocasião de sua 65ª aniversário em junho 23, 2014*, ed. Salvatore Gaspa, Alessandro Greco e Daniele Morandi Bonacossi (Münster: Ugarit-Verlag, 2014), 99–125.
5. Para obter detalhes, consulte o Capítulo 14.

6. Michael Jursa, “Der neubabylonische Hof”, em *Der Achämenidenhof — A Corte Aquemênida*, ed. Bruno Jacobs e Robert Rollinger (Wiesbaden: Harrassowitz, 2010), 67–106. A palavra *mašennu* entrou originalmente na língua assíria a partir do hurrita.

7. Rocío Da Riva, “Um Leão na Floresta de Cedro: Política Internacional e Auto-Representações Pictóricas de Nabucodonosor II (605–562 AC),” em *Estudos sobre a Guerra no Antigo Oriente Próximo: Ensaaios Coletados sobre História Militar*, ed. Jordi Vidal (Münster: Ugarit-Verlag, 2010), 165–185. Para a caça ao leão na Assíria, veja o Capítulo 12.

8. Paul-Alain Beaulieu, “A Babilônia de Nabucodonosor como Capital Mundial”, *Jornal da Sociedade Canadense de Estudos Mesopotâmicos* 3 (2008): 8–9.

9. Para os assírios que trabalham para o templo de Shamash em Sippar, consulte John MacGinnis, “Assyrians After the Fall: The Evidence from the Ebabbar Temple in Sippar”, em *At the Dawn of History: Ancient Near Eastern Studies in Honor of JN Postgate*, ed. Yağmur Heffron, Adam Stone e Martin Worthington (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2017), 781–796. Para assírios servindo como burocratas na Babilônia, consulte Olof Pedersén, “Neo-Assyrian Texts from Nabuchadnezzar’s Babylon: A Preliminary Report,” em *Of God(s), Trees, Kings, and Scholars: Neo-Assyrian and Related Studies in Honor of Simo Parpola*, ed. Mikko Luukko, Saana Svärd e Raija Mattila (Helsínquia: Sociedade Oriental Finlandesa, 2009), 193–199.

10. Eckart Frahm, *Comentários Babilônicos e Assírios: Origens da Interpretação* (Münster: Ugarit-Verlag, 2011), 165.

11. Paul-Alain Beaulieu, “O Culto de AN.ŠÁR/Aššur na Babilônia Após a Queda do Império Assírio”, *Boletim 11 dos Arquivos do Estado da Assíria* (1997): 55–73; Angelika Berlejung, “Inovação na restauração em Uruk und Jehud: Überlegungen zu Transformationsprozessen in vorderorientalischen Gesellschaften,” em *Reformen im Alten Orient und der Antike. Programa, Darstellungen und Deutungen*, ed. Ernst-Joachim Waschke (Tübingen: Mohr Siebeck, 2009), 71–111.

12. Para o selo, ver Ronald Wallenfels, “The Impression of an Inscribed Middle Assyrian Cylinder Seal on a Late Babylonian Cuneiform Tablet”, *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires* 2019, no. 26. Para a tabuinha de Assurbanipal e suas possíveis implicações, ver, mais recentemente, Paul-Alain Beaulieu, “The Afterlife of Assyrian Scholarship in Hellenistic Babylonia”, em *Gazing on the Deep: Ancient Near Eastern and Other Studies in Honor of Tzvi Abusch*, Ed. Jeffrey Stackert, Barbara Nevling Porter e David P. Wright (Bethesda, MD: CDL Press, 2010), 1–18.

13. Para referências, ver Hanspeter Schaudig, *Die Inschriften Nabonids von Babylon und Kyros’ des Großen* (Münster: Ugarit-Verlag, 2001), 708–711. Para discussão adicional, veja Paul-Alain Beaulieu, “Assyria in Late Babylonian Sources”, em *A Companion to Assyria*, ed. Eckart Frahm (Malden, MA: Wiley, 2017), 551, e Mary Frazer e Selim Adalı, “Os julgamentos justos que Ḫ ammu -rāpi, um ex-rei, foram prestados’: uma nova inscrição real nos museus arqueológicos de Istambul,” *Zeitschrift für Assyriologie* 111 (2021): 253–254.

14. O selo de jaspé de Assurbanipal é mencionado em RINBE 2, 70–71: x 32’–51’. Para discussão, consulte Thomas E. Lee, “The Jasper Cylinder Seal of Aššurbanipal and Nabonidus’ Making of Sîn’s Statue”, *Revue d’Assyriologie* 87 (1993): 131–136.

15. A inscrição de Adda-guppi foi editada em RINBE 2, 223–228.

16. Ver Yuval Levavi, “The Neo-Babylonian Empire: The Imperial Periphery as Seen from the Center”, *Journal of Ancient Near Eastern History* 7 (2020): 59–84, com literatura adicional.

17. Jursa, “Der neubabylonische Hof”, 96–97.

18. Sobre a paisagem urbana da Babilônia durante o século VI, ver Beaulieu, “Nabuchadnezzar's Babylon”, pp. 8–11.

19. Os números, que devem ser tomados como aproximações muito grosseiras, são de Walter Scheidel, “The Scale of Empire: Territory, Population, Distribution”, em Bang et al., *Oxford World History of Empire*, 93. Para uma *história* de o Império Persa, ver Pierre Briant, *Histoire de l'Empire Perse* (Paris: Fayard, 1996).

20. Ver Matt Waters, “The Far Side of the Long Sixth Century: Mesopotamian Political Influences on Early Achaemenid Persia”, em *Na Sombra do Império: Israel e Judá no Longo Século Sexto*, ed. Pamela Barmash e Mark W. Hamilton (Atlanta: SBL Press, 2021), 139–160.

21. Para uma edição do Cilindro de Ciro, consulte Schaudig, *Inscriptionen Nabonids*, 550–556.

22. Veja Beaulieu, “Assíria nas Fontes Tardias da Babilônia”, 552; Matt Waters, “O legado de Assurbanipal: Ciro, o Grande e o Império Aquemênida”, em *Irã e suas histórias: desde o início até o Império Aquemênida*, ed. Touraj Daryaee e Robert Rollinger (Wiesbaden: Harrassowitz, 2021), 149–161, esp. 157–159. Para análise do Cilindro de Ciro e suas ressonâncias assírias, ver também Robartus J. van der Spek, “Cyrus the Great, Exiles, and Foreign Gods: A Comparison of Assyrian and Persian Policies on Subject Nations”, em *Extraction and Control: Studies in Honour of Matthew W. Stolper*, ed. Michael Kozuh, Wouter FM Henkelman, Charles E. Jones e Christopher Woods, *Estudos em Civilização Oriental Antiga* (SAOC 68) (Chicago: Instituto Oriental da Universidade de Chicago, 2014), 233–264. Para as fórmulas de datas das tabuinhas do início do reinado de Ciro, consulte Caroline Waerzeggers, “The Day Before Cyrus Entered Babylon”, em *Individuals and Institutions in the Ancient Near East: A Tribute to Ran Zadok*, ed. Uri Gabbay e Shai Gordin (Berlim: De Gruyter, 2021), 79–88.

23. Ver Alireza Askari Chaverdi, Pierfrancesco Callieri e Emad Matin, “The Monumental Gate at Tol-e Ajori, Persepolis (Fars): New Archeological Data,” *Iranica Antiqua* 52 (2017): 205–258, e, para discussão e literatura adicional, David S. Vanderhooft, “Babilônia como cosmopolis em textos israelitas e arquitetura aquemênida”, *Bíblia Hebraica e Israel Antigo* 9 (2020): 57–61.

24. Ver John Curtis, “Nínive no Período Aquemênida”, em *Nínive, a Grande Cidade: Símbolo de Poder e Beleza*, ed. Lucas D. Petit e Daniele Morandi Bonacossi (Leiden: Sidestone Press, 2017), 255, com literatura adicional.

25. Waters, “O outro lado do longo século VI”, 142–143.

26. Para discussão, ver Salvatore Gaspa, “State Theology and Royal Ideology of the Neo-Assyrian Empire as a Structuring Model for the Achaemenid Imperial Religion”, em *Persian Religion in the Achaemenid Period*, ed. Wouter Henkelman e Céline Redard (Wiesbaden: Harrassowitz, 2017), 125–184.

27. Ver Muhammad Dandamayev, “Tradições Assírias nos Tempos Aquemênidas”, na *Assíria 1995*, ed. Simo Parpola e Robert Whiting (Helsínquia: Projeto Neo-Assyrian Text Corpus, 1997), 41–48.

28. Ver Waters, “O Legado de Assurbanipal”, 151; Gaspa, “Teologia do Estado”, 137–138.

29. Waters, “O Legado de Assurbanipal”, 158–159.

30. Jennifer Finn, “Coleções Persas: Centro e Periferia nas Capitais Imperiais Aquemênidas”, *Studia Orientalia Electronica* 9, no. 2 (2021): 154–173, esp. 158–159.

31. Este e os dois parágrafos seguintes baseiam-se fortemente em Liverani, *Imperial Mission*, 249–250.

32. Para a Assíria e a noção de *translatio imperii*, ver Robert Rollinger, “Assyria in Classical Sources”, em Frahm, *Companion to Assyria*, 570–575.

Capítulo 17: Reflexões Distorcidas

1. Um almanaque astronômico mal preservado de Uruk foi recentemente declarado como sendo de 79/80 D.C., o que o tornaria ainda mais posterior ao texto de 75 D.C. Ver Hermann Hunger e Teije de Jong, “Almanac W22340a from Uruk: The Latest Datable Cuneiform Tablet”, *Zeitschrift für Assyriologie* 104 (2014): 182–194. Dado o estado fragmentário da tabuinha, permanecem algumas dúvidas sérias sobre a precisão desta datação.

2. Ver Mogens Trolle Larsen, *A Conquista da Assíria: Escavações em uma Terra Antiga* (Londres: Routledge, 1996), 164.

3. A citação de Delitzsch é de Friedrich Delitzsch, *Die große Täuschung* (Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1920/1921), 1:95, traduzido por Mogens Trolle Larsen em “The ‘Babel/Bible’ Controversy”, em *Civilizations of the Antigo Oriente Próximo*, ed. Jack Sasson (Nova York: Scribner, 1995), 104–105. Sobre a controvérsia Babel/Bíblia em geral, ver, mais recentemente, Eva Cancik-Kirschbaum e Thomas L. Gertzen, eds., *Der Babel-Bibel-Streit und die Wissenschaft vom Judentum* (Münster: Zaphon, 2021).

4. Consulte o Capítulo 8.

5. Ver Eckart Frahm, “Texto, Histórias, História: O Período Neo-Assírio e a Bíblia”, em *Pedras, Tábuas e Pergaminhos: Períodos da Formação da Bíblia*, ed. Peter Dubovský e Federico Giuntoli (Tübingen: Mohr Siebeck, 2020), 166–171, com literatura adicional.

6. A citação é de 2 Reis 19:35.

7. Naum 3:1–5.

8. Gênesis 10:10–12. Muitos tradutores da Bíblia presumem que foi Ninrode e não Ashur quem fundou a Assíria, mas isso parece improvável.

9. As citações são de Isaías 10:14 e 6:3.

10. Para uma edição do tratado Tayinat, consulte Jacob Lauinger, “Esarhaddon's Succession Tratado em Tell Tayinat: Texto e Comentário”, *Journal of Cuneiform Studies* 64 (2012): 87–123. Para discussão adicional, consulte Frederick Mario Fales, “After Ta'yinat: The New Status of Esarhaddon's *adê* for Assyrian Political History”, *Revue d'Assyriologie* 106 (2012): 133–158.

11. Ver Deuterônimo 28:28–30 e AEA 2, no. 6, §§39–42. A sequência dessas divindades é governada por considerações genealógicas e, portanto, não aleatória.

12. Ver AEA 2, nº. 6, §24; Deuterônimo 6:5; Deuterônimo 17:14–20. Os governantes assírios apreenderam notavelmente cavalos e tropas de carruagens de Samaria em 722 e mulheres reais, prata e ouro de Judá em 701 AEC.

13. Ver AEA 2, nº. 6, §10; Deuterônimo 13:1–11.

14. Ver, entre outros, Hans Ulrich Steymans, *Deuteronomium 28 und die *adê* zur Thronfolgeregelung Asarhaddons* (Friburgo: Academic Press Fribourg; Göttingen: Vandenhoeck e Ruprecht, 1995).

15. Ver Eckart Otto, *Gottes Recht als Menschenrecht: Rechts- und literaturhistorische Studien zum Deuteronomium* (Wiesbaden: Harrassowitz, 2002), esp. 167–194.

16. Para Isaías 14, veja Capítulo 7, para a história de José, Capítulo 10, nota 18.

17. Para uma visão geral e bibliografia adicional, consulte Robert Rollinger, “Assyria in Classical Sources”, em *A Companion to Assyria*, ed. Eckart Frahm (Malden, MA: Wiley, 2017), 570–582.

18. Para reflexões sobre a história inicial da lenda de Semiramis, consulte Eckart Frahm, “Of Doves, Fish, and Goddesses: Reflections on the Literary, Religious, and Historical Background of the Book of Jonah”, em *Sibyls, Scriptures, and Scrolls: John Collins aos setenta*, ed. Joel Baden, Hindy Najman e Eibert JC Tigchelaar (Leiden: Brill, 2016), 432–450 (com literatura adicional); para Sammu-ramat, consulte o Capítulo 4.

19. Diodoro 2.4–20.

20. Para referências, ver Kerstin Droß-Krüpe, *Semiramis, de qua innumerabilia narrantur* (Wiesbaden: Harrassowitz, 2020), 51, 70–71. A afirmação sobre “a mais famosa de todas as mulheres” encontra-se em Diodoro 2.4.1.

21. Ver Ronald Wallenfels, *Uruk: Hellenistic Seal Impressions in the Yale Babylonian Collection I. Cuneiform Tablets* (Mainz: Philipp von Zabern, 1994), no. 23.

22. Para referências, consulte Frahm, “Of Doves, Fish, and Goddesses”, 436.

23. As citações são de Diodoro 2.23.1–3.

24. Citado por Rollinger, “Assyria in Classical Sources”, 577.

25. Para a citação completa, bem como referências bibliográficas, consulte o Capítulo 12.

26. Ver Capítulo 12. A carta de Assurbanipal aos estudiosos de Borsippa é editada em SAA 21, no. 13.

27. “Modelos de excepcionalidade” foi extraído de Julia M. Asher-Greve, “From ‘Semiramis of Babylon’ to ‘Semiramis of Hammersmith’”, em *Orientalism, Assyriology, and the Bible*, ed. Steven W. Holloway (Sheffield, Reino Unido: Sheffield Phoenix Press, 2006), 322–373.

28. Juvenal, Satire 10 (trad. Lewis Evans, *Satires of Juvenal, Persius, Sulpicia, and Lucilius* (Nova York: Harper, 1861). Para a pintura Sardanapallus de Delacroix como uma representação codificada do artista moderno, ver Christine Tauber, *Ästhetischer Despotismus: Eugène Delacroix’ “Tod des Sardanapal” als Künstlerchiffre* (Konstanz: UVK Universitätsverlag, 2006).

29. Rainer Bernhardt, “Sardanapal — Urbild des lasterhaften orientalischen Despoten: Entstehung, Bedeutung für die griechisch-römische Welt und Nachwirkung,” *Tyche* 24 (2009): 1–25.

30. Para a citação de Orosius, consulte Rollinger, “Assyria in Classical Sources”, 575. As passagens de Dante são de *Paradiso* XV:107–108, *Inferno* V:52–60, e *Purgatorio* XII:52–54 (trad. CH Sisson, *Dante Alighieri: A Divina Comédia* [Oxford: Oxford University Press, 1998]).

31. Droß-Krüpe, *Semiramis*.

32. John Oldham, *Sardanapalus: An Ode*, citado após Rachel J. Weil, “Às vezes um cetro é apenas um cetro: pornografia e política na Inglaterra da Reforma”, em *A invenção da pornografia, 1500–1800: Obscenidade e as Origens da Modernidade*, ed. Lynn Hunt (Nova York: Zone Books, 1993), 125–153, esp. 128–129. Devo a referência a este poema a Ann Guinan.

33. É digno de nota, porém, que Hitler, um artista de profissão, tenha comentado numa conversa num jantar em 1942 que “alguém que não tem herdeiro para a sua casa faria melhor se fosse queimado ali, com tudo dentro, como se estivesse em chamas”. uma magnífica pira funerária.” Ver Eckart Frahm, “Imagens de Assurbanipal na Tradição Posterior”, *Eretz Israel* 27 (2003): 47*, para discussão e referências adicionais.

Capítulo 18: A Segunda Destruição

1. Outros nomes incluem Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) ou Estado Islâmico do Iraque e al-Sham (ou seja, o Levante), bem como o seu acrónimo árabe, Daesh.

2. Ver Aaron Tugendhaft, *The Idols of ISIS: From Assyria to the Internet* (Chicago: University of Chicago Press, 2020), 1–3, de onde foram retiradas as traduções. Imagens de vídeo selecionadas do ataque ao colosso touro e da devastação do Museu de Mosul podem ser encontradas em “ISIS Video Purports to Show Militants Smashing Ancient Iraq Artifacts”, NBC, 26 de fevereiro de 2015, www.nbcnews.com/storyline/isis-terror/isis-video-purports-show-militants-destruindo-antigos-iraque-artefatos-n313636.

3. “Nous n'aurons point tout démolì si nous ne démolissons même les ruines!” As palavras vêm de uma linha que apresenta a peça de Jarry de 1900.

4. Para uma visão geral dos locais destruídos pelo ISIS na Síria e no Iraque, consulte “Destruction of Cultural Heritage by the Islamic State”, Wikipedia, https://en.wikipedia.org/wiki/Destruction_of_cultural_heritage_by_the_Islamic_State, acessado em 21 de maio de 2022 Para obter detalhes sobre as esculturas de Tell Ajaja, consulte Eckart Frahm, “‘Whoever Destroys This Image’: A Neo-Assyrian Statue from Tell ‘Agāgā (Šadikanni)”, *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires* 2015, no. 51.

5. Para a situação em Nínive na década de 1990, ver John M. Russell, *The Final Sack of Nineveh* (New Haven, CT: Yale University Press, 1998). Infelizmente, o título do estudo de Russell teria sido mais apropriado para um livro escrito sobre Nínive cerca de vinte anos depois.

6. Um excelente recurso para informações sobre os ataques do ISIS a locais de património cultural no norte do Iraque é o website *Gates of Nineveh de Christopher Jones* em <https://gatesofnineveh.wordpress.com>, acessado em 24 de janeiro de 2022.

7. O documento árabe é citado após tradução de Lamia Al-Gailani, publicada na Agade Mailing List em 2016.

8. O caso está documentado no Gabinete do Procurador Distrital dos EUA, Departamento de Justiça dos EUA, www.justice.gov/usao-dc/press-release/file/918536/download, acessado em 20 de janeiro de 2022.

9. Resolução GA/11646, ver Nações Unidas, “Expressing Outrage over Attacks on Cultural Heritage of Iraq, General Assembly Unanimously Adopts Resolution Calling for Urgent Action”, 69ª Assembleia Geral, 91ª Reunião (AM), GA/11646, 28 de maio, 2015, www.un.org/press/en/2015/ga11646.doc.htm. Para a citação de Bokova, ver Irina Bokova, “Fighting Cultural Cleansing: Harnessing the Law to Preserve Cultural Heritage”, *Harvard International Review* 36 (2015): 40–45.

10. *Dabiq* 8 (2015): 22. Ao contrário de outros nesta edição da *Dabiq*, o artigo não é atribuído a um autor específico.

11. Entre as passagens do Alcorão sobre a destruição de imagens está a Surata 21:51–58.

12. Para uma discussão sobre a natureza composta dos touros colossos assírios, consulte o Capítulo 3.

13. Para a lenda islâmica do Nimrud, ver Heinrich Schützinger, *Ursprung und Entwicklung der arabischen Abraham-Nimrod-Legende* (Bonn: Selbstverlag des Orientalischen Seminars, 1961). Após os ataques de 11 de setembro de 2001, o estudioso de Estudos Islâmicos Patrick Franke sugeriu, em um artigo no *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (“Der Turm und die Mücke: Allahs Strafgericht gegen Nimrod”, 13 de setembro de 2001), que o episódio do mosquito na lenda de Nimrud pode ter inspirado os terroristas que lançaram aviões contra as Torres Gêmeas em Nova York.

14. Os fundamentos religiosos da política cultural do ISIS são enfatizados num artigo muito citado de Graeme Wood (“What ISIS Really Wants”, *Atlantic* 315, no. 2 [março de 2015]: 78–94, www.theatlantic.com/magazine/archive/2015/03/o-que-isis-realmente-quer/384980). Para uma discussão aprofundada da estratégia mediática do grupo para publicitar os seus ataques a sítios arqueológicos, ver Tugendhaft, *Idols of ISIS*, esp. 75–96. A derrubada e desfiguração de estátuas antigas, no Museu de Mossul e noutros locais, também pode ter sido inspirada por cenas amplamente difundidas de residentes a derrubarem uma estátua de Saddam Hussein em Bagdad, em Abril de 2003 (Tugendhaft, *Idols of ISIS*, 65–67). Para ruínas antigas no Alcorão, veja, por exemplo, Surata 22:45–46.

15. Para uma imagem da medalha, consulte “Second Empire, Les Fouilles de Ninive (Mésopotamie), 1853 Paris,” iNumis, www.inumis.com/shop/second-empire-les-fouilles-de-ninive-mesopotamie-1853-paris-1303679, acessado em 22 de janeiro de 2022. Para exploradores ocidentais do Iraque no século XIX, consulte a introdução deste livro.

16. Para a relação entre arqueologia e política no Iraque moderno, ver Magnús T. Bernhardsson, *Reclaiming a Plundered Past: Archaeology and Nation Building in Modern Iraq* (Austin: University of Texas Press, 2005).

17. Para isto e o seguinte, ver, mais recentemente, András Bácskay, “Elements of Ancient Mesopotamian Cultures in the National Ideology of Iraq”, em *The Collapse of Empires in the Século 20: Novos Estados e Novas Identidades*, ed. Samvel Poghosyan, Garik Galstyan e Edgar Hovhannisyan (Yerevan: Universidade Pedagógica do Estado Armênio, 2020), 305–316; Umberto Livadiotti, Andrea Ercolani, Marco Bonechi e Silvia Alaura, “Evocazioni filateliche fra orientalismo e propaganda: Il Vicino Oriente antico nei francobolli di Turchia, Siria, Libano e Iraq”, em *Digging in the Archives: From the History of Oriental Studies to a História das Idéias*, ed. Silvia Alaura (Roma: Edizioni Quasar, 2020), 437–496.

18. Os eventos que acompanharam a conferência incluíram uma luxuosa exposição de vestidos inspirados na arte mesopotâmica – o único desfile de moda que o presente escritor, que teve a oportunidade de assistir, viu na sua vida.

19. Para uma ilustração dos outdoors colocados perto de Nínive, veja Tugendhaft, *Idols of ISIS*, 64. O romance de Saddam é discutido por David Damrosch em *The Buried Book: The Loss and Rediscovery of the Great Epic of Gilgamesh* (Nova York: Holt, 2007), 254–272.

20. O texto do selo identifica erroneamente o local como Nínive. Veja Livadiotti et al., “Evocazioni filateliche”, 482.

21. Livadiotti et al., “Evocazioni filateliche”, 486.

22. Para ver uma foto, consulte o site do artista em www.michaelrakowitz.com/the-invisible-enemy-should-not-exist-lamassu-of-nineveh, acessado em 22 de janeiro de 2022.

23. Para um levantamento abrangente da operação que levou à libertação de Mosul, consulte “Battle of Mosul (2016–2017),” Wikipedia, [https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Mosul_\(2016%E2%80%932017\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Mosul_(2016%E2%80%932017)), acessado em 22 de janeiro de 2022. Informações sobre a Rede Nahrein podem ser encontradas em “The Nahrein Network”, University College London, www.ucl.ac.uk/nahrein/nahrein-network, acessado em 22 de janeiro de 2022.

24. Ver Stefan Maul e Peter Miglus, “Erforschung des *ekal māšarti* auf Tell Nebi Yunus in Ninive 2018–2019”, *Zeitschrift für Orient-Archäologie* 13 (2020): 128–213.

Epílogo

1. Jo Ann Scurlock, Revisão de *Guerre et paix en Assyrie*, por Frederick Mario Fales, *Journal of the American Oriental Society* 132 (2012): 312.

2. “Assour était son dieu, le pillage sa morale, les jouissances matérielles son idéal, la cruauté et la terreur ses moyens” (Jacques de Morgan, *Les premières civilizações* [Paris: E. Leroux, 1909], citado após René Labat, “Un prince éclairé: Assurbanipal,” *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* 116, no. 4 [1972]: 670). Para as outras declarações mencionadas neste parágrafo, consulte Susan Pollock, “The Subject of Suffering”, *American Anthropologist* 118 (2016): 726–741, esp. 737; Jonathan Jones, “Demons, Mummies, and Ancient Curses,” *The Guardian*, 24 de março de 2014, www.theguardian.com/artanddesign/jonathanjonesblog/2014/mar/27/british-museum-assyrian-gallery-cuneiform-auction; Larry R. Gonick, *História dos desenhos animados do Universo*, vol. 1 (São Francisco: Rip Off Press, 1978), np

3. Ver Sêneca, *Epistolae morales*, 95.30, e, para violência e guerra na Roma antiga em geral, Gabriel Baker, *Spare No One: Mass Violence in Roman Warfare* (Lanham, MD: Rowman e Littlefield, 2021). Para os assírios como nazistas *avant la lettre*, consulte Jonathan Jones, “‘Some of the Most Appalling Images Ever Designed’: I Am Ashurbanipal Review,” *The Guardian*, 6 de novembro de 2018, www.theguardian.com/artanddesign/2018/nov/06/i-am-ashurbanipal-review-british-museum: “Assim como Hannah Arendt argumentou que o Holocausto foi perpetrado por traficantes de papel sem caráter, e não por sádicos extravagantes, também descobrimos aqui que as atrocidades assírias – incluindo o reassentamento forçado de milhares de pessoas dos israelitas – não foram produto de um caos aleatório, mas de uma organização diligente.”

4. Walter Benjamin, *Über den Begriff der Geschichte* IX, em *Gesammelte Schriften*, 7 vols., ed. Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972–1989), I/2:697–698 (trad. Harry Zohn). A passagem também é citada em Eckart Frahm, “Imagens da Assíria na bolsa de estudos ocidental do século XIX e XX”, em *Orientalism, Assyriology e a Bíblia*, ed. Steven W. Holloway (Sheffield, Reino Unido: Sheffield Phoenix Press, 2006), 93–94, e Pollock, “Subject of Suffering”, 737–738.

5. Frahm, “Imagens da Assíria”, 94.